

The background of the cover is a detailed, painterly illustration. At the top, a large, pale, blue-skinned face with glowing yellow eyes and golden, vein-like patterns on its skin looms over the scene. Below this face, on the left, is a large, swirling mass of orange and yellow flames. In the lower right, two figures in dark, tribal-style clothing stand on a stone ledge, looking out over a landscape. A small, colorful bird is perched on a horizontal beam in the center. The overall color palette is dominated by blues, oranges, and reds, with a dark, textured background.

Ordem Vermelha

FILHOS
DA DEGRADAÇÃO

FELIPE CASTILHO





Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)



Ordem Vermelha

FILHOS
DA DEGRADAÇÃO

FELIPE CASTILHO





Ordem Vermelha

FILHOS
DA DEGRADAÇÃO

VOLUME 1

FELIPE CASTILHO



Copyright © CCXP EVENTOS LTDA.

Ordem Vermelha é um projeto de Felipe Castilho, Rodrigo Bastos Didier e Victor Hugo Sousa, com direção criativa de Erico Borgo e Renan Pizii. Publicado mediante acordo com CCXP Eventos Ltda. Todos os direitos reservados.

ILUSTRAÇÃO E LETTERING DE CAPA

Rodrigo Bastos Didier

CAPA

Rafael Nobre

MAPA

Ilustração de Rodrigo Bastos Didier, desenvolvida com Felipe Castilho e Victor Hugo Sousa

PROJETO GRÁFICO

Rafael Nobre

PREPARAÇÃO

Ulisses Teixeira

REVISÃO

Giu Alonso

Mariana Bard

Isis Pinto

Beatriz D'Oliveira

REVISÃO DE E-BOOK

Manuela Brandão

Taynée Mendes

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0270-4

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

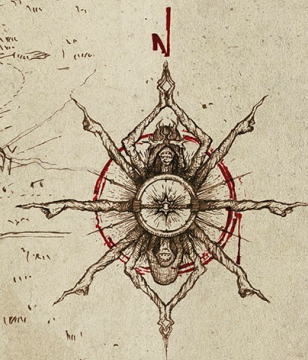
Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Para Max Mallmann e Lucas S. Sousa

[illegible]

A FÚRIA DOS SEIS E O SURGIMENTO DE UNA

No princípio, não havia nada, somente os Seis Deuses. E, em toda a sua bondade, eles teceram o manto dos céus — um lado escuro e cravejado de pedras preciosas, o outro, claro e com uma pepita de ouro incrustada. Os Deuses o estenderam acima da superfície que abrigaria as águas, os montes e tudo mais que a vasta imaginação dos Seis ousasse materializar.

Diante de tantas maravilhas, os Deuses acharam por bem criar protetores para cada uma delas.

Para as montanhas, criaram os gigantes. Altos e fortes, capazes de limpar os picos enevoados e de tratar a tundra.

Para as cavernas, os anões, pequenos mas resistentes, como os valiosos minérios que lá se formavam.

Para guardar as águas e tudo que fluía, foram criados os gnolls. Silenciosos como a chuva, velozes como os rios.

Para os bosques repletos de frutas e flores, os sinfos. Leves como o pólen carregado pelo vento, eles seriam os mensageiros da magia invisível.

Para os terrenos rochosos e as selvas fechadas, os kaorshs. Altivos e esguios, preparados para transpor obstáculos e responsáveis por dar cor ao mundo.

Os humanos receberam as planícies. Fortes e de boa saúde, eles cuidariam do solo e amariam aquilo que lhes era dado.

No entanto, o que era paz se tornou guerra.

Os humanos cobiçavam os dons das outras criaturas, e então envenenaram as mentes delas, apontando seus pontos fracos, incitando-as a competir entre si e a maldizer os Deuses por tê-las feito tão falhas.

Logo todas as raças passaram a invejar umas às outras, sem jamais se contentar com o que receberam: os gnolls queriam a liberdade dos sinfos e deixaram de zelar pelas águas; os anões almejavam a luz do sol e abandonaram as cavernas; os kaorshs, arrogantes, trocaram as cores das plantas e das frutas, como se as escolhas divinas não fossem boas o suficiente; os gigantes, por sua vez, desejavam a proteção e o calor das cavernas e, ao tentarem esconder-se sob a terra, destruíram as moradas dos anões; os sinfos riam de tudo aquilo; e os humanos, percebendo o conflito entre as raças, usaram seus recursos e sua inteligência para criar máquinas de guerra, distribuindo-as para qualquer um que quisesse mais poder de destruição.

Os Deuses, ofendidos e decepcionados, enviaram pragas como punição para criaturas tão insatisfeitas. Dessa forma, as florestas passaram a ser habitadas por monstros e outras abominações; o ar cheirava a fumaça e morte; os rios tinham a cor vermelha do sangue daqueles que pereceram nas batalhas.

Ainda assim, os Seis acharam que os filhos não tinham sido castigados o bastante, então deram uma punição especial para cada um deles: os gnolls, que antes se curvavam apenas para beber a água dos rios, foram condenados a andar para sempre em quatro patas; os sinfos, que antes viviam como um vendaval, tiveram a vida reduzida a uma leve brisa; os kaorshs, que coloriam o mundo, foram fadados a ter as cores presas dentro de si; os gigantes foram reduzidos a poucos, para aprenderem sobre a solidão que há na destruição; os anões foram presos dentro das cavernas, até que as joias de que tanto se orgulhavam fossem os únicos alimentos disponíveis; e, por fim, os humanos, que haviam começado todo o conflito, tornaram-se frágeis e doentes de corpo e de alma — a mais fraca de todas as raças.

Após tanta dor e lamento, o mundo se reduziu a um deserto, e esse deserto recebeu o nome de Degradação. Sobrou apenas um único pedaço de terra habitável, aos pés do monte Ahtul, próximo aos Grandes Pântanos formados durante a guerra. No cume, os Deuses combatiam os últimos dos mesquinhos gigantes, que se revoltavam contra os castigos recebidos. Então, com as mãos repletas do sangue vermelho dos desobedientes, os Seis perceberam que tinham se tornado tão cruéis quanto aqueles que não honraram suas bênçãos.

Assim, eles decidiram tornar-se algo novo, sem falhas.

Assim, eles decidiram tornar-se um só.

Assim, surgiu a deusa de seis faces, a deusa Una.

Como primeiro ato de poder, Una tingiu o Sol de negro, e, pelo tempo que desejou, os dois lados do céu foram apenas escuridão.

Por compaixão, Una deu às criaturas uma última chance: permitiu que ocupassem a terra aos pés do monte, a qual chamou de Untherak, e que a fizessem prosperar, como prova de seu amor à deusa.

Do sangue derramado, Ela pediu o esquecimento, e banuiu a cor vermelha, para que os súditos pudessem viver sem o constante lembrete das próprias falhas. Dessa forma, os que sobreviveram à Fúria dos Seis lhe serviriam para sempre.

Do Sol escurecido, Una retirou um líquido maldito chamado Mácula, que lavaria os pecados de tudo que viera antes dEla, e o armazenou no poço de seu Palácio. Os que ali fossem batizados ouviriam os gritos daqueles que já se foram e teriam o corpo torturado pelos crimes cometidos por seus antepassados, dando as boas-vindas a uma nova existência,

na qual cumpririam apenas as ordens da soberana. Os humanos, porém, por terem despertado a Fúria dos Seis, teriam o corpo corroído ao entrarem em contato com a Mácula — assim como os mortos, desfaziam-se ao tocar o sumo do Sol negro. Para eles, autores do pecado original, a Mácula não seria transformação, mas execução.

Àqueles que se mostrassem temerosos e honrados, Una concederia a bênção do perdão e de ser os seus olhos e ouvidos para a execução da lei. Se fizessem um bom trabalho, Una lhes concederia a dádiva da semiliberdade. Quem desafiasse seu poder infinito estaria condenando a si mesmo — e a seus descendentes — à verdadeira servidão.

E foi assim que nasceu a Era dos Filhos da Degradação.

Mais perturbador do que fugir do lugar onde se perdeu tudo é retornar por vontade própria.

Nunca pensou que retornaria a Untherak através do rio Abissal. Aquelas eram lembranças mortas da última vez que estivera ali — fugindo, de uma maneira que ninguém poderia imaginar. Equilibrava-se de pé em um pedaço de madeira bem na hora em que a velha balsa chegava ao Portão Oeste. Antes, as grades se cravavam no rio, mas o nível da água tinha baixado tanto que agora havia espaço suficiente para destroços e restos de embarcações entrarem na cidade.

A lua se escondia atrás do monte Ahtul. À frente, ele via as seis faces da colossal Una: um monumento erguido num passado sombrio e que já perdera o sentido. Também conseguiu distinguir a silhueta dos Assentamentos à esquerda. Não poderia dizer se algo naquela região havia mudado recentemente, pois, mesmo em seus tempos como servo, o lugar sempre fora uma metamorfose constante.

A despeito do manto vermelho esfarrapado e da imensa espada às costas, ninguém o viu saltar em terra firme. Mantinha os passos leves, ainda que parecesse não ter ninguém em um raio de quilômetros. Outrora, o portão do rio não ficava nem um minuto sem um gigante como vigia.

Entrou pelas ruas estreitas, sempre subindo. Não sabia se reconheceria os lugares mais familiares — o Pâncreas de Grifo, ele já não tinha esperança alguma de encontrar, tampouco entes queridos. Como seus olhos estavam acostumados à escuridão, não precisou correr o risco de acender um archote.

Ficou claro que os barracos e as casas mal-ajambradas no início da subida do morro tinham pegado fogo, algo corriqueiro nos Assentamentos. Quando isso acontecia, os moradores saíam do local, as casas eram reconstruídas e a encosta do morro, refeita — o que não ocorrera dessa vez. Tempos difíceis, que ficariam ainda piores.

Havia corpos calcinados dentro de construções enegrecidas.

Talvez de anões, ou kaorshs, ou humanos. As carcaças menores podiam ser de sinfos, mas, como o expurgo levara quase todos os daquela raça, era mais provável que fossem de crianças humanas.

Continuou subindo por ruas vazias, tentando se lembrar de como eram os Assentamentos anos antes. Sentia um cheiro familiar misturado ao dos pântanos, soprado por um vento vindo do sul, distante ainda que pungente. Causava-lhe

arrepios.

Avançando alguns metros até outra região abandonada, subiu em um telhado e, de lá, saltou para outro mais alto. Então pôde ver de perto a estátua de seis faces e um bom trecho do morro, assim como as ruas abaixo dele — entre elas, uma viela movimentada. Era de lá que vinha o cheiro.

Saltando de telhado em telhado, chegou até uma passagem estreita. Talvez fosse a rua que procurava, talvez não. Estava apinhada de gente, incluindo crianças. Aquelas não estavam incineradas, mas eram viciadas.

Kaorshs discutiam com anões, humanos iam às vias de fato com kaorshs, e muitos das três outras raças choravam. E havia ainda aqueles que apenas vagavam por lá. Um fogo branco e débil no meio da rua servia como fonte de luz naquela miséria. Caminhou entre pessoas de andar arrastado, passou por corpos caídos, os rostos virados para a terra batida. Ninguém notou o manto vermelho nem a grande espada. Sentia-se invisível. Um fantasma — mais um naquele lugar.

Até que, ao passar por um beco cheio de lixo, alguém enfim reparou em sua presença.

— Me... ajuda...

Era um homem. Ou um kaorsh. Subnutrido, com sulcos profundos no rosto e pele acinzentada. Estava deitado entre carne podre e madeira enegrecida pelo fogo. Juntou toda a força que lhe restava para erguer o pescoço e chamar a atenção da figura encapuzada.

— Ajuda, por... favor...

— Desculpe, não tenho nem mesmo um *bakir* comigo. Já há um bom tempo, aliás.

O homem pareceu se engasgar. Alguns segundos depois, o encapuzado percebeu que ele estava rindo.

— E o que eu... faria com dinheiro? Fumaria?

O cheiro de carvão exalava dos poros do sujeito, e havia um cachimbo improvisado pousado a poucos centímetros de sua mão direita.

O forasteiro sentiu a própria mão tremer por um momento. Seu corpo se lembrava de como era, e a mente ainda lhe pregava peças por causa do uso prolongado da substância.

— Não tenho carvão — respondeu, tentando deixar as emoções de lado. — Ainda vendem por aqui?

— Vender? Não... — O sujeito tossiu e escarrou, sujando o próprio braço, mas não deu importância. — Mas espera... como é que você não sabe... disso?

Com uma ponta de esperança e incoerência, o encapuzado ajoelhou-se na frente do viciado e examinou seu pescoço. Não havia nada lá. Claro. Um homem que tivesse abusado tanto do uso do carvão já teria vendido qualquer pingente para satisfazer as suas necessidades. Então, perscrutou o rosto dele. Não, não podia ser. Ele era muito velho, talvez tivesse dez anos a mais. Tudo bem que o carvão envelhecia o usuário, mas mesmo assim...

— Eu vim de longe — respondeu o encapuzado, por fim.

Era muito difícil deixar alguém morrer em seu coração sem a confirmação do óbito. Em algum lugar de sua mente, um sussurro repetia: “Sem corpo, sem provas.”

— Do Portão... Sul? Lá é pior... mais gosmentos vagando e...

— De fora dos Portões, eu quis dizer.

O viciado respirou fundo. Seus olhos se projetaram para a frente, como se uma avalanche estivesse acontecendo dentro do crânio do homem e os globos oculares estivessem prestes a saltar. Então, o sujeito começou a rir sem parar, com a boca arreganhada, mostrando para o forasteiro dentes podres e uma língua esbranquiçada.

— Eu que fumo carvão... e você que diz que veio da Degradação? Essa é boa!

O riso continuou, e o encapuzado fez menção de se levantar, certo de que não conseguiria extrair nada daquele ali.

— Espera! Se veio “de fora”... então tem muita coisa... que precisa saber... heh. Hehehehe... Como é mesmo seu nome?

— Eu não disse.

— Então, diz! Grosseria da gosma. Eu diria o meu nome... se me lembrasse dele.

Em outra época, aquilo seria engraçado. Contudo, o forasteiro sabia que o bom humor e as respostas espirituosas logo seriam substituídos por lágrimas, violência ou alguma outra reação desmedida causada pelo uso prolongado de carvão.

— Como funciona a venda? — insistiu pela última vez.

O viciado estalou a língua.

— É o General... Ele nos dá o carvão, senhor sem nome. É de graça... Ele também conseguiu deixar a coisa mais forte... o coice bate que nem murro de gigante na cabeça... Mas, quando quer nos castigar, ele não dá mais.

— E ele usa as Autoridades para fazer a distribuição?

O homem fez uma careta.

— Taí outra palavra que não escuto faz tempo... *Autoridade* — disse ele, enxugando lágrimas dos olhos e tossindo em seguida. — Sei lá... Deve ter alguém vivo que *já foi*

Autoridade... Lá na praça, parece que tem um otário que já foi. Ele morou na Vila A... antes de virar uma favela que nem esse lugar aqui.

— Não existem mais Autoridades servindo no Palácio?

— Claro que não — respondeu o sujeito, fazendo um barulho molhado com a boca e se mexendo para que o lixo se acomodasse melhor sob seu traseiro. — Se você tivesse poder... sobre toda uma cidade... por que ia querer intermediários?

— Mantiveram o cargo de Tenente.

— Olha só... Você até que é bem espertinho... para alguém que “veio da Degradação”. Heh... Hehehe. — O homem voltou a rir, mas só até tatear o cachimbo e verificar que o fornildo estava vazio. — Ai, minhas tripas... me arranja um carvão aí?

O forasteiro se levantou. Nem valia a pena perguntar por sobreviventes daquele dia fatídico, muito menos por nomes. O melhor era passar para o plano principal e ir até a praça que o homem mencionara. De lá, talvez conseguisse chamar a atenção da pessoa que queria encontrar. “Os pés têm memória”, haviam lhe dito certa vez.

Gritos. Sons de passos em marcha. Ele percebeu uma agitação diferente fora do beco. Olhou para a rua às suas costas e viu muita gente correndo. Duas pessoas entraram no beco, ofegantes, escorando-se na parede.

— O que está acontecendo? — perguntou aos dois esfarrapados.

Eram um anão e uma humana à beira de um ataque cardíaco.

— Vão limpar a área! — gritou ela.

O anão também parecia apavorado, mas estava sob o efeito do carvão.

O forasteiro tirou a espada das costas, devagar, e saiu do beco.

— Tá bom, vai embora! — gritou o viciado com quem ele tinha conversado. — Enfia o carvão no rabo, faz uma fornalha aí dentro!

Sem dar ouvidos às maldições atiradas pelo homem, o forasteiro caminhou no contrafluxo desorganizado da multidão rota e maltratada, e então avistou o que tanto temia: uma parede de escudos negros que avançava a passos lentos e constantes. Cada viciado que hesitava na frente do pelotão pagava caro, sendo derrubado por maçãs e clavas que, tão logo terminavam o serviço, voltavam para trás dos escudos. As armaduras pareciam as dos antigos Únicos, notou o forasteiro, mas com pequenas diferenças — assim como o comportamento dos soldados.

— Alto! — gritou um dos soldados, depois de ver por cima do escudo um único homem parado no meio da rua, brandindo uma espada imensa. O pelotão estacou. Eram os primeiros a mostrar desconforto diante do manto vermelho. — Largue essa

espada e ajoelhe-se!

O forasteiro não recuou nem um milímetro. Era um espantalho no meio da rua, destoando do cinza predominante.

— Não ouviu, não? — gritou outra voz por trás dos escudos. — Largue a espada! De joelhos! *Agora!*

Contou os escudos à frente: cinco em cima, cinco embaixo. Dez soldados na linha de frente, e arriscaria dizer que havia pelo menos outros dez na retaguarda.

Um bom número para começar, pensou. Hora de quebrar o silêncio.

— Escutem: quero falar com o General. E só com ele. — O estranho fez uma pausa e acrescentou: — Portanto, saiam todos daqui antes que se arrependam.

A parede de escudos se abriu aos poucos. Humanos, kaorshs, anões: todos pareciam querer botar os olhos naquela criatura que provavelmente fumara tanto carvão que tinha enlouquecido. E, então, explodiram em gargalhadas.

— Onde conseguiu esse brinquedinho, *refugo?* — gritou um kaorsh, logo à frente. — Vai acabar se cortando!

— Ou vou acabar cortando você — respondeu o forasteiro, muito calmamente.

As risadas cessaram. De um segundo para o outro, o escárnio no rosto do kaorsh se transformou em ira.

— Você está pedindo...

Previsível. O kaorsh avançou, segurando a maça e o escudo, quebrando a formação na parede de proteção. E era isso que o estranho queria.

A espada balançou na mão dele como se fosse uma pluma. O kaorsh gritou em desafio e o atacou, golpeando de cima para baixo e atingindo a lâmina do forasteiro, que atravessou o cabo da arma do soldado e, no mesmo movimento, arrancou metade de sua cabeça.

O sangue espirrou no capuz vermelho do homem, que seguiu na direção dos outros soldados — mais precisamente, na direção do vão que havia sido aberto na parede de escudos.

Girando a espada num golpe lateral, ele fez os soldados recuarem às pressas. Com isso, avançou num passo ágil para dentro da clareira aberta no meio dos inimigos. Qualquer outro oponente evitaria ficar cercado por quase duas dezenas de homens armados, mas aquele parecia querer justamente isso.

A lâmina descrevia círculos completos ao redor do forasteiro. Era um estilo de luta inesperado, amplo. Nenhum dos soldados sabia como lidar com um inimigo que, em vez de avançar e retroceder, rodopiava com a espada em punho. Os guardas

da frente não conseguiam recuar, pois os de trás estavam descoordenados, sem dar espaço para os outros se movimentarem. Dessa forma, entre cabeças, braços e pernas, seis membros foram cortados em questão de segundos.

A disciplinada tropa de choque e dispersão se transformou num confuso grupo de homens acuados lutando pela própria sobrevivência.

Alguns soldados conseguiram manter a calma. Talvez sonhassem em voltar para o Miolo com a cabeça do sujeitinho petulante que os desafiara nos Assentamentos. Esses não preocuparam tanto o forasteiro quanto os acuados — em sua experiência, pessoas prestes a morrer eram bem mais perigosas do que brutamontes que confiavam demais em sua força, em sua arma e em sua armadura.

Uma clava se aproximou das costelas do forasteiro. Ele se esquivou e, com a palma da mão, quebrou o nariz do oponente. O homem teve cerca de dois segundos para urrar por uma dor mínima comparada à que se seguiu, de ter o estômago trespassado por uma espada.

O forasteiro começava a dar sinais de cansaço. A explosão de adrenalina do início estava arrefecendo, e era hora de tomar certas precauções. Caminhou para trás, forçando os soldados a se espremerem pela viela, de modo que apenas um pudesse atacar por vez. Recuando de costas, passou pelo beco em que estivera pouco antes, e viu de relance os viciados escondidos, os olhos vidrados naquela cena inesperada.

Enquanto o corpo funcionava por si só, atacando, desviando e defendendo, a mente do estranho começou a se lembrar de tempos em que ele evitava o conflito direto. A ação furtiva era o modo mais apropriado de minar o poder de uma deusa.

Sorriu enquanto empalava um adversário. Suas mãos estavam no presente e sabiam o que fazer. Já sua cabeça viajava para um passado duro, mas um passado no qual as dificuldades eram enfrentadas ao lado de aliados dispostos a morrer uns pelos outros.

Dentro das sombras do capuz, uma lágrima singrou o rosto do forasteiro.

Mas, seu pranto, assim como aquelas lembranças e o rio Abissal, eram águas mortas.

An abstract black and white composition featuring layered, torn-edge geometric shapes. A large, dark, irregular shape dominates the center, with various textured, lighter-colored elements layered on top and around it. The overall effect is one of depth and complexity, with sharp contrasts between the black and white areas.

PARTE 1
O MIOLO

O tempo tem a capacidade de transformar tudo, exceto a si mesmo. Ele derruba muralhas, modifica raças, transfigura uma pessoa em outra e deturpa memórias. No entanto, será sempre o tempo.

E é claro que o tempo só existe porque a soberana assim o permite.

Quando foi iniciada a construção da colossal estátua de Una no centro de Untherak, os gnolls dominavam as margens dos pântanos. Suas risadas convulsivas e seus hábitos de caça noturna foram o primeiro desafio para aqueles que haviam se estabelecido aos pés do Ahtul. Numerosos, brutais, sempre armados com machados — como se as mandíbulas não bastassem.

Mil anos depois, no entanto, os gnolls estavam praticamente extintos.

Os espécimes restantes eram pouco mais que cães de guarda em coleiras, reproduzidos em cativeiro nos canis do conturbado centro de Untherak, conhecido como Miolo. Domesticados e submissos, eram bípedes transformados em quadrúpedes. Ainda brutais, mas apenas quando solicitados ou atizados pelo medo, os gnolls eram o maior exemplo de que a vontade de uma deusa se sobrepunha à da natureza. Vendo-os de cima, andando sobre quatro patas, nem de longe lembravam as criaturas letais das antigas lendas. Inclusive, Aelian achava que poderia montar um deles — um pequeno e faminto, de preferência —, mas só se lhe fossem oferecidos muitos *altin* em uma das mesas de apostas do Pâncreas de Grifo ou do Poço dos Desejos. Ele era jovem e fazia inúmeras idiotices, mas todas com alguma vantagem em vista, fosse algo de valor ou escassos momentos de liberdade fora dos corredores sufocantes e das celas apertadas do Poleiro.

De onde estava, ele podia ver duas das seis faces enormes, esculpidas por mãos pequenas. Lutou contra a sensação de estar sendo observado. De fato, mais que um monumento, a réplica em ouro e ônix da deusa era um aviso contra qualquer insurgência ou atitude desmedida. A estátua era tão grande que seus diversos olhos apareciam por cima da muralha que separava o Miolo dos Campos Exteriores, capazes de vigiar a Arena de Obsidiana e todo o Unificado até a periferia da Borda.

Os olhos de Aelian se voltaram dos limites do Unificado para a Arena, e sua mente também.

Rememorou o piso preto de obsidiana, observando Aenoch Oruz em sua vitória. Aelian era pequeno, e aquele era o primeiro Festival da Morte a que assistia, ainda que escondido, encarapitado no telhado da Arena, já demonstrando seu talento para escalar paredes. O calor, a sensação de alegria por descobrir que o guerreiro que havia arrebatado a multidão era o pai dele... Tudo aquilo dando lugar à tontura, ao desmaio...

Quando acordou, viu o corpo sendo arrastado por dois Autoridades, cada um segurando uma perna. Não havia rastro visível da cor proibida no piso de obsidiana, mas ela estava lá, aos montes, camuflada pelo negrume.

Aelian afastou as lembranças dolorosas e encarou o presente. O sol já tinha quase desaparecido do céu. Restavam pouquíssimos minutos antes que a contagem começasse em seu corredor — e ainda precisava encerrar os trabalhos com as encomendas do Poleiro.

Com o joelho direito plantado no telhado, o rapaz esperou que a patrulha que conduzia os gnolls pela viela abaixo sumisse de vista. Estava a cerca de oitenta metros do solo, mas temia ser visto de relance na hora em que saltasse de uma torre para a outra. Observava a patrulha mudando de formação, os homens se enfileirando para passar por um beco estreito. Um dos gnolls parou para coçar a sarna atrás da orelha e tomou um puxão na coleira que o fez ganir e voltar a caminhar no mesmo instante. Outros ruídos de correntes seguidos de ganidos indicaram que o processo se repetiu em outro bicho no fim da fila.

Aelian esperava, impaciente, enquanto o sol mergulhava no horizonte, tingindo o céu da cor proibida. Como o costume popular exigia, o jovem bateu com a palma da mão na testa três vezes. Era o sinal contra o Mal Rubro, que ele sabia que Untherak inteira — pelo menos os que trabalhavam acima da superfície e em campo aberto — devia estar fazendo naquele momento de agouro.

O beco estava enfim vazio. Aelian se levantou na ponta dos pés e se afastou da beirada. Quando era apenas uma criança ossuda, em seus primeiros dias de servidão no Miolo, podia se dar ao luxo de ser mais descuidado com os locais por onde andava, pois as telhas de barro, as lajes inacabadas e as coberturas de palha não reclamavam sob seu peso. Duas décadas depois, a situação era outra: o corpo dele era esguio como o de um servo não tão habituado a pás e picaretas, mas com os músculos condicionados pela contraventora mania de viver naquele mundo selvagem e vertical das escaladas.

Aelian girou nos calcanhares. Estava mais uma vez de frente para a beirada do

telhado, a mais ou menos dez metros de distância. Flexionou de leve as pernas, correu e se jogou no vazio entre os dois prédios.

Era incrível como, durante o salto, a distância sempre parecia aumentar.

Ele encostou os joelhos no peito e abraçou as pernas por um instante. Sentiu o estômago contrair e a velocidade aumentar após atingir o ponto mais alto daquele voo. E então, a descida inevitável, a aceleração. Cerrou os dentes, esticou as pernas e se preparou para o impacto. O outro telhado, de uma estrutura maciça, achatada e cheia de chaminés, ficava bem mais abaixo que o anterior, e uma aterrissagem tranquila estava fora de questão. Ali era a Bigorna, um dos lugares que mais abusavam da saúde física e mental dos servos de Una, a estrutura responsável pela forja de armas de Untherak e também pelo carvão, a substância entorpecente produzida — ilicitamente — nas fornalhas e traficada por todo o Unificado.

A ponta de seus pés tocou a beira do telhado em declive da Bigorna e o impulsionou adiante. Alguns centímetros a menos e Aelian teria continuado a rápida descida até o chão. Ele se encolheu e rolou, arrancando algumas telhas velhas, levantando o forro de palha e caindo perto de uma bandeira suja e esfarrapada presa numa haste metálica que estava ali para servir de biruta, indicando a direção do vento. Nada daquilo fora planejado. Estava mais para um imprevisto. Aelian esticou o braço no último instante e agarrou a haste, fazendo o metal ranger com o tranco da fredda brusca.

Ergueu-se com um grunhido. Aquela fora por pouco, mas o telhado da Bigorna era o melhor lugar para começar o demorado processo de escalar as paredes externas do Poleiro para chegar até o sótão — de onde, em teoria, Aelian jamais deveria ter saído.

Seu cabelo estava bagunçado e cheio de fiapos de palha. O rapaz sacudiu a cabeça e prendeu o cabelo com a tira de couro que levava amarrada no pulso — sempre esquecia de prendê-lo antes dos saltos complicados, e sempre se arrependia.

Por mais que estivesse com pressa, precisava recuperar o fôlego. Ainda agarrado à haste da bandeira, ergueu-se e respirou fundo. O ar era mais fétido que o normal, por causa da fumaça suspeita que as chaminés da Bigorna despejavam no fim da tarde; porém, era o único ar disponível. O edifício tinha um formato que lembrava mesmo uma bigorna. Suas chaminés regurgitavam vapores dia e noite, e naquele momento Aelian foi acometido pela tontura ao aspirar aquele ar tão de perto. Para se reequilibrar, parou e olhou para o centro do Unificado mais uma vez.

A entrega de cartas e de pequenos objetos em Untherak era feita por falcões

treinados que voavam entre postos de coleta e de depósito. Havia apenas correspondências de cunho oficial, já que a escrita e a leitura só eram permitidas entre os Autoridades, os Únicos — a guarda especial de Untherak — e outros cargos militares de alta patente. Os servos, no Miolo, podiam receber apenas pequenos objetos das famílias, que viviam nos Campos Exteriores, como lembranças e objetos pessoais. Aelian e a grande maioria dos servos trabalhavam em jornadas de treze horas diárias, passando as noites em celas que, em geral, localizavam-se no mesmo local onde os seus ofícios eram realizados. Após o sexto dia de trabalho vinha o Dia de Louvor, no qual o servo recebia seus três *gumus* semanais e tinha permissão de passar o dia de folga com familiares e amigos fora do Miolo — desde que, é claro, as obrigações religiosas com Una fossem cumpridas: seis horas de escuridão, nas quais o servo deveria permanecer de olhos fechados para jamais se esquecer do poder da deusa de enegrecer o Sol e comandar a Mácula.

No caso de Aelian, que, com uma pontada de culpa, abandonava a escuridão antes do horário estipulado, os dias de folga eram gastos em mesas de aposta e casas de penhores. Mais de duas décadas antes, os pais dele haviam trabalhado no Miolo e tentado comprar a semiliberdade do filho com todos os *altin* acumulados das suas servidões. Contudo, nenhum dos dois foi além da tentativa...

Aelian grunhiu com as lembranças que invadiram de vez a sua mente em um fluxo contínuo e barulhento, como grãos sendo despejados em um silo. De novo, lembrou-se do pai, inerte, sendo arrastado pelo lustroso chão preto da Arena de Obsidiana, que ocultava a cor proibida derramada. A despedida seguinte, uma última tentativa de garantir sua liberdade, seguida de outra notícia de morte. Com a melhor das intenções, os pais de Aelian apostaram tudo e condenaram um garoto de seis anos a começar mais cedo as obrigações que tinha com a soberana. E aquele menino jamais imaginaria o quanto as apostas fariam parte de sua vida dali em diante.

Sentiu uma coceira no nariz, bem na tatuagem. Crianças que pagavam a Dívida Familiar eram marcadas no rosto com um risco que ia de orelha a orelha, para que pudessem ser identificadas pelos soldados do Unificado com mais facilidade e não fossem confundidas com moleques desgarrados e enxotados dos locais de trabalho. Aelian não levou a mão ao rosto, pois sabia que aquilo era mais um truque da mente que de fato uma irritação na pele — a tatuagem estava lá havia quase duas décadas, e não seria agora que inflamaria. Ele se ocupou em medir o salto até uma das sacadas do Poleiro, dessa vez procurando controlar a velocidade da queda. Os

pensamentos que tinham inundado sua mente evaporaram como a fumaça preta das chaminés das forjas. A urgência de chegar ao sótão falou mais alto.

Um bando de abutres pairava acima da estrutura do Poleiro, agora bem próximo. Enquanto espantava os pombos do caminho durante a sua passagem destrambelhada, Aelian esquadrihava o ar procurando um par de asas familiar no meio do planar agourento dos carnicheiros. E não demorou a identificá-lo.

Um borrão dardejou contra um dos infelizes, que interrompeu seu círculo para cair em uma espiral de morte. Aquela ave não estava nem um pouco interessada em planar em sintonia com os abutres. Bicofino era menor que a maioria dos falcões e por isso mesmo se tornara a mascote de Aelian — ele não atendia às expectativas de um bom falcão-mensageiro. Mirrado e rebelde, nunca voava direto para os postos onde era condicionado a pousar e sempre voltava com um rato na boca. Em mais de uma ocasião, nublada pelas névoas do tempo, o criador antigo ameaçou sacrificar o bicho por ele ser muito dependente de cuidados, e o pequeno Aelian, com o semblante impassível e as costelas marcando a pele graças à fome constante, prontificou-se a fazer o serviço. Levou o animal para longe dos olhos do homem e logo estava de volta, silencioso, quieto.

O animal foi encontrado poucas horas depois, debaixo do catre na cela de Aelian, localizado em razão de estardalhaço que fazia por ter sido colocado numa gaiola improvisada e no escuro, ainda por cima. O falcoeiro se enfureceu. Após levar um sermão furioso, Aelian confessou que não queria matar o bicho. Ele já havia perdido os pais e não queria perder mais ninguém. O velho falcoeiro, como qualquer outro servo de Untherak, não era muito chegado a sentimentalismos. O pouco que as pessoas se permitiam sentir ali era reservado para os familiares e entes queridos nos Campos Exteriores — isso se houvesse alguém do lado de lá os esperando no Dia de Louvor. Porém, ele se deu conta de que o pequeno Aelian estava no Poleiro para pagar a dívida dos pais mortos e que já havia sofrido o suficiente nos últimos tempos, a ponto de ter soterrado a infância de forma definitiva. À sua maneira rude, ele se preocupava com o bem-estar do menino.

— Essas pragas comem qualquer coisa, é só deixar esse bicho solto que ele se vira — disse o primeiro falcoeiro naquele dia distante, dando as costas a Aelian e trancando a pesada porta de madeira que levava ao topo do Poleiro. — E se algum guarda quiser tirá-lo de você, deixe. Não sofra mais do que pode aguentar.

Mesmo após tantos anos, Aelian lembrava-se bem daquelas palavras. Às vezes esquecia os nomes das pessoas, já que tantos servos iam e vinham, num eterno

fluxo de morte e destinos incertos. Porém, não se esquecera do falcoeiro que lhe ensinou boa parte do ofício: Gunnar. Foi ele quem sugeriu o nome Bicofino. O velho desapareceu sem mais nem menos quando Aelian tinha cerca de quinze anos, o que fez o garoto assumir o comando do Poleiro por um tempo, até encontrarem alguém mais capacitado — um cargo que ninguém queria, pois o lugar cheirava a merda e mofo, ficava no topo de uma escadaria interminável e, para piorar, envolvia aves de rapina bem assustadoras.

— Foco, seu idiota! — gritou Aelian para si mesmo, tomando distância para o último salto.

Passou por uma chaminé, atravessando a cortina de fumaça. Dali, ele sabia que eram vinte passos até o fim do telhado.

A cambalhota em pleno ar não tinha nada de ornamental, apesar da destreza do falcoeiro, que pousou com os dois pés juntos na beirada de uma das muitas sacadas do Poleiro. Os giros, os saltos mortais e os rolamentos tinham a função de absorver o impacto da aterrissagem nos membros inferiores. Era uma técnica própria, que Aelian descobrira cedo e que depois foi aperfeiçoando em corrimões e patamares de escadarias enquanto ninguém o observava ou quando fugia dos servos mais velhos que tentavam prendê-lo dentro de barris e baús apenas porque sabiam que o garoto morria de medo de ficar trancado em lugares apertados. Aelian procurava proteger os calcanhares, então preferia rolar pelo chão e se ralar inteiro a correr o risco de quebrar algum osso dos pés.

Olhou para cima e estendeu o braço direito. Bicofino deu uma volta completa no Poleiro, sempre descendo, e fechou as garras na faixa de couro que protegia o pulso do rapaz, olhando para ele com uma acusadora pena negra saindo da boca.

— Eu aqui desesperado para subir essa coisa, e você aí comendo, sua galinha mimada! — Aelian riu mesmo em meio à urgência, colocando a ave no ombro e começando a escalada até o topo do Poleiro, de onde conseguiria voltar para o sótão de onde nunca deveria ter saído. — Como eu queria ter nascido falcão!

Alguns minutos depois, já no alto do edifício, uma carcomida escada retrátil o aguardava na entrada do sótão. Assim que colocou os pés no piso, foi atingido de raspão na cabeça por algo que parecia um grande carretel de corda de sisal. Bicofino grasnou e voou para a viga acima, deixando uma pluma negra pairando abaixo de si.

— Seu moleque irresponsável! — gritou um homem corpulento cujo braço direito terminava logo após o cotovelo. Ele avançou com passos pesados pelo piso coberto de excremento de falcão até um archote apagado na parede mais próxima, do qual

pingava óleo. O sujeito cuspia conforme gritava, e os perdigotos se prendiam em sua barba desgrenhada. — Está escurecendo, a contagem já vai começar e você nem acendeu as tochas deste andar! E também não separou as correspondências da tarde!

— Seu humor parece o chão deste lugar, Kivan — disse Aelian, se recompondo do susto e soltando o cabelo, já que não iria mais precisar se arriscar saltando de um prédio para o outro. — Eu estava recolhendo os bichos, coisa que você nunca faz. Fica tranquilo. Vou separar as correspondências agora, num instante.

— Recolhendo o *seu* bicho, no caso! Todos os outros já voltaram! — gritou Kivan, apontando para os falcões devidamente encapuzados ao redor. Aelian revirou os olhos e começou a se movimentar mais rápido. O homem continuou ralhando: — Precisava dar uma de diabrete-alpinista no telhado com o tempo tão apertado?

Enquanto grasnava como um falcão velho e ranzinza, Kivan fazia contorcionismo para riscar as pederneiras com um braço mais curto que o outro. Ele fora mutilado havia pouco tempo, então ainda não tinha a destreza daqueles que se adaptam a uma deficiência ao longo de uma vida inteira.

— Kivan, você está me dando dor de cabeça. Deixa eu ajudar com o fogo...

— E precisava subir no telhado para recolher os bichos? Precisava ficar mais de *duas horas* lá em cima? — Ele continuou a gritar com o rapaz e fez um movimento brusco dispensando ajuda. — Eu sei de sua dificuldade com lugares fechados, mas você *sabe* que é proibido! Se aquele bosta do Harun descobrir, você vai para mais uma sessão de tortura! E vai ser para a evisceração em brasa, Aelian Oruz! Se eu não fosse castigado junto, estaria pouco me lixando.

Aelian tomou a pederneira da mão do homem com um bote tão suave que ele nem teve tempo de protestar. Kivan fora transferido para o Poleiro depois de um acidente nos moinhos do Flanco Leste. O primeiro falcoeiro anterior — o sexto ou sétimo que assumira o cargo depois de Gunnar (Aelian já tinha perdido a conta) — fora levado para as masmorras após descobrirem que o sujeito traficava carvão. Mais uma vez, Aelian havia ficado poucos dias no comando até que encontrassem um substituto — o que gerava uma piada recorrente entre os outros servos, de que o cargo era amaldiçoado pelo mau-olhado do eterno assistente.

O rapaz gostou de passar alguns dias sem precisar se sujeitar ao grosso dos afazeres de assistente, que sempre envolvia limpar merda mais que qualquer outra coisa. No entanto, Kivan chegou querendo colocar ordem no lugar, que já era uma bagunça mesmo antes da nova gestão de emergência de Aelian. Ele não aceitava

muito bem certas questões, como a perda de um membro ou o fato de seu subalterno o desafiar a cada pequena ordem. Por incrível que pareça, no entanto, Aelian entendia Kivan e se compadecia dele. É claro que, com seu jeito mandão, o chefe o irritava como poucos. Porém, bastava olhar para o rosto do homem que sua impaciência arrefecia. A semelhança entre os dois estava na fina linha horizontal que cruzava o nariz.

Kivan estava no Miolo fazia no mínimo cinquenta anos. Não tinha como ficar com raiva do homem, que já havia, inclusive, ultrapassado a expectativa de vida de um servo — com exceção dos poucos gigantes que sobravam e dos anões, que eram, por natureza, mais longevos, mas talvez vivessem ainda mais se tivessem condições melhores.

— Eu não preciso da sua ajuda! — resmungou Kivan.

Mesmo assim, Aelian acendeu o archote, que ardeu com uma luz branca. O tom natural das chamas precisava ser evitado, e o velho costume em Untherak era de que todo fogo aceso contivesse lascas de magnetita, enxofre ou outro minério que inibisse a cor proibida. Aelian passou o archote para Kivan, para que o homem o usasse para acender os outros.

— Não tem problema aceitar ajuda. Se um dia eu escorregar do telhado e ficar à beira da morte, aceito uma *mãozinha* — provocou o jovem, sorrindo, e deu um tapinha no ombro de Kivan. — Trate de manter a que sobrou.

— Eu venderia a mão que sobrou nos escambos dos Campos Exteriores pela chance de deixar você cair daqui de cima — retrucou Kivan, com uma resfolegada que denunciava um riso reprimido.

— Você inteiro já não vale nada, imagina só um pedaço! — respondeu o outro, verificando os capuzes de couro nos falcões empoleirados e jogando os pergaminhos e as encomendas deixadas nos cestos logo abaixo deles para uma grande bolsa de lona. Pulou Bicofino, que não tinha encomenda e não precisava do capuz. A ave tinha se habituado a ficar no prédio durante a noite e a não ficar nervoso com a clausura, até porque sabia que Aelian ia soltá-lo, às escondidas, para uma caçada noturna ou um voo ao luar. Exatamente por esse motivo, Aelian disfarçou e abriu o trinco de uma das saídas dos pássaros que Kivan havia acabado de fechar. — Pode deixar que termino de distribuir as correspondências nos dutos. Vá para sua cela.

— Olha só quem está me dando ordens agora... A contagem já vai começar, Aelian — disse Kivan, agora menos irritado e mais preocupado. O tropel de botinas alguns

andares abaixo indicava que em pouco tempo as celas seriam fechadas. — Eu ajudo a separar as encomendas, e qualquer coisa explico para o Harun que...

— Vai logo, Kivan — interrompeu o outro, com uma piscadela tranquilizadora. — Dou um jeito de chegar antes da contagem.

O homem mais velho assentiu em silêncio e abriu a porta de madeira maciça que levava ao andar de baixo, onde muitos já se acotovelavam para chegar às celas. Então, ele se foi, misturando-se às cabeças sujas de fuligem e roupas empapadas de suor, um cheiro que fazia Aelian preferir o de dejetos de falcão.

Enquanto ouvia o estardalhaço das portas das celas chegar até o sótão, Aelian parou em frente aos dutos de entrega que ficavam ao lado da escadaria. Eram calhas embutidas na parede que cuspiriam o conteúdo depositado no lugar certo. Ele só precisava separá-los pelo código de cores. Os pergaminhos pretos com tinta dourada eram registros dos feitos da soberana e suas ordens diretas — os mesmos que eram lidos em voz alta nas ruas do Miolo para manter a população informada. Já os pergaminhos comuns, com tinta preta, eram os documentos, os óbitos e as ordens de punição provenientes de subalternos e dos Autoridades. Pacotes que chegavam dos Campos Exteriores destinados aos servos precisavam antes ser examinados pelos monitores de triagem, que tinham um salão destinado a essa atividade no segundo andar do Poleiro. Em geral, eram pequenos amuletos; muito raramente, ração extra. Os monitores costumavam desviar os alimentos para si mesmos, sem o menor pudor. Todo mundo sabia que isso acontecia e evitava reclamar, já que objeções e queixas deveriam ser feitas aos próprios monitores, e eles apenas respondiam, com ironia, que encaminhariam essas críticas para os Autoridades.

A habilidade de ler era considerada um benefício exclusivo dos altos círculos de Untherak. Os encapuzados decrepitos da Centípede dominavam a escrita, e escribas preenchiam rolos e mais rolos de pergaminho. Os monitores e Autoridades também podiam ler. Como grande parte da população não era alfabetizada, sabendo apenas grafar o próprio nome, toda a correspondência seguia um sistema de selos coloridos desenvolvido na Torre Leste pelos kaorshs. Assim, a cor da cera utilizada para lacrar o pacote ou pergaminho indicava o lugar para o qual se destinava. Com o nome do indivíduo estampado por Autoridades, a encomenda chegava ao destino certo sem problemas. A leitura e a escrita não eram bem-vistas pela soberana desde os primórdios de Untherak, mas parece que até ela sabia que o tráfego de informações ficava mais fácil quando os servos conseguiam reconhecer o próprio nome.

Aelian sabia ler bem mais que isso. Anos de trabalho automático e solitário no Poleiro o haviam levado muito além do que Una permitia que os servos soubessem em relação à leitura e o ajudaram a desenvolver mais habilidades do que aquelas que a servidão poderia lhe proporcionar — outras práticas ilegais que se somavam à grande lista de delitos dele, junto com o jogo de dados, as escapadas da cela durante a madrugada e as mentiras habituais contadas para os superiores.

De forma discreta, enquanto despachava os conteúdos, lia os nomes ao lado dos selos. Muitos não significavam nada para ele, já que a rotatividade de servos nos andares inferiores era grande — justamente porque morrer numa briga ou num acidente era algo bem comum no Miolo. Ainda assim, vários dos que morriam ali eram conhecidos de Aelian.

Pergaminho preto para os Autoridades: para o buraco. Pergaminho comum para a guarda do térreo: buraco. Um embrulho fino endereçado para *Jaenni*: nesse, Aelian hesitou.

Dentro da bolsa de lona restavam apenas três pacotes a serem despachados. O rapaz olhou para a caligrafia trêmula do embrulho. De onde ele conhecia aquele nome? Não era um monitor nem um dos trabalhadores braçais...

A gritaria diminuía lá embaixo, enquanto se ouvia o tropel de botas subindo a escadaria que levava às celas. Parecia que tinha mais gente que o normal subindo para fazer a contagem... Pois bem, eram cento e vinte degraus, e já deviam ter subido metade deles. O grupo era liderado por um anão, cujas pernas curtas atrasavam quem vinha logo atrás — soldados que não deviam ser anões. Ainda havia cerca de meio minuto até o grupo irromper pela porta ao lado de sua cela...

Pernas curtas. O pensamento funcionou como um gatilho para o que Aelian buscava na mente.

Jaenni fora um sinfo. Apesar do talento natural da raça para fazer música com flautas e instrumentos de corda, eles serviam no Poleiro como limpadores de chaminés e de outros lugares difíceis de serem alcançados por humanos (altos demais) e anões, que, com seus corpos parrudos, entalariam em dutos de correspondência e encanamentos de dejetos. Jaenni *fora* um sinfo, pois falecera semanas antes, quando um dos dutos cedeu. Aelian, que suava frio só de se imaginar numa situação claustrofóbica como aquela, lembrava-se do nome do sujeito porque Harun o mandara até o sótão para desentupir uma calha e o coitado ficou pendurado do lado de fora por mais de meia hora, sem segurança alguma, enquanto realizava o serviço. Quando voltou para dentro, um tanto trêmulo, Aelian lhe

ofereceu água para que se acalmasse. Sinfos viviam apenas doze ou treze anos, mas o sistema de servidão de Untherak sabia como estragar suas breves vidas tão bem quanto a de seres com perspectivas de existência mais longa.

Mesmo um andar acima, Aelian conseguia ouvir a voz trovejante de Harun gritando para que todos soubessem que ele estava chegando — e aquilo com certeza não tinha nada a ver com bondade. Servia apenas para reforçar a sua patente de Autoridade. Anões amavam fortalecer a sua imagem perante os outros, o que fazia muito sentido considerando as habilidades da raça: eram eternos escultores, inclusive da própria reputação.

Aelian não chegaria a tempo. Os servos já deviam estar posicionados nas celas. Sentiu-se um verdadeiro idiota, correndo e se arriscando para chegar na hora certa e, no fim, atrasando-se por acabar perdido em pensamentos.

Apalpou o pacote. Era algo fino, achatado... e destinado a um servo falecido. Não conhecera Jaenni tão bem quanto gostaria, mas sabia que, fosse lá o que tivesse que ser entregue ao sinfo, terminaria nos bolsos dos monitores.

Deslizou o pacote para dentro das calças largas. As demais correspondências foram atiradas nos buracos certos, e o rapaz correu para a escadaria com todo o fôlego que lhe restava.

Harun já estava lá, ladeado por dois Únicos maceiros, gingando nas pernas curtas e olhando para o aposento vazio de Aelian com ar furioso. Se a pele negra do anão contrastando com sua barba branca emaranhada era símbolo de austeridade e respeito entre os servos daquele andar, a atmosfera nas celas pareceu ficar ainda mais gelada após ele dar passagem a uma figura de maior patente.

A Tenente Sureyya.

Era dia de auditoria, no qual ela iria averiguar o trabalho dos Autoridades. A Tenente era alta como toda mulher kaorsh, mas a Mácula negra cobria o corpo esguio e a armadura de peças leves. O chicote de ponta tripla na cintura dela era perfeito para lacerar a carne de qualquer espécie. No momento, estava enrolado, mas nunca permanecia naquele estado por muito tempo. O elmo espinhento deixava a imaginação dos servos adivinhar se seu cabelo era curto à moda militar ou se sequer havia cabelo na cabeça da kaorsh. Os olhos completamente negros, sem pupilas e inundados de Mácula, miravam o fim do corredor, como se as celas ao redor não existissem. Os crânios de pássaros em seus ombros, adornos assustadores que demarcavam a sua posição como Tenente de Una, pareciam vigiar seu entorno. *Por que perder tempo virando o pescoço para intimidar os outros se órbitas vazias de*

pássaros podem fazer isso por você o tempo todo?, pensou Aelian, apressando o passo sem olhar uma segunda vez para Sureyya ou Harun. Ele já havia sido flagrado fora da cela, então resolveu lidar com um problema de cada vez e se humilhar em desculpas quando já estivesse onde deveria. Entrou na cela e puxou a grade de correr, sentindo o coração querendo abrir o peito a golpes e fugir dali antes que o pior acontecesse.

De repente, um golpe de martelo próximo a seus olhos arrancou faíscas da barra de ferro. Harun enfiou a mão por entre as barras e puxou Aelian para baixo pela gola da camisa encharcada de suor, para que os olhos de ambos ficassem na mesma altura. O anão era forte, assim como o cheiro que exalava.

— *Contagem*, Aelian Oruz! Contagem de celas! Você *conhece* o maldito procedimento!

Mãos ao lado do corpo, três passos atrás das grades. Estar dentro do alojamento quando a inspeção chegar. Há quanto tempo ele fazia aquilo? Há quanto tempo via a fuça irada de Harun e tinha que fingir ser mais idiota do que era na frente do anão?

— Eu me atrasei. Tínhamos muitas encomendas e entregas hoje — disse Aelian, com uma calma simulada, desviando os olhos para novos homens armados que entravam no andar para acompanhar a inspeção. Sureyya continuava olhando para a frente, o pescoço imóvel e alheia à gritaria de Harun. Contudo, ela havia parado de andar. Talvez a atenção da kaorsh não estivesse tão longe assim. — Peço desculpa, Autoridade Harun.

— “Eu me atrasei”? — Harun ficou exasperado, com um riso de escárnio que se contrapunha à sua voz grossa e raivosa. Ele puxou Aelian para as barras mais uma vez. — Você está aqui desde que era um rato, sabe muito bem que dispõe do dia inteiro para separar a correspondência e alimentar aqueles sacos de penas e carrapatos, e me vem com esse papo furado?

Com uma careta de dor, Aelian viu que Sureyya tinha dado alguns passos adiante, afastando-se da cela dele. O supercílio do rapaz latejava: com a puxada do anão, ele havia batido o rosto na barra de ferro. A dor lhe injetara um tipo de teimosia estúpida que parecia vir do mesmo lugar que o abastecia de coragem para pular de uma torre a outra. Além disso, não era a primeira vez que era agredido por um Único ou um Autoridade — havia muita raiva reprimida contra aqueles atos ostensivos e truculentos. Então, falou baixo, para que somente Harun o escutasse, já que a Tenente com certeza não estaria interessada naquela burocracia de um Autoridade com um servo qualquer:

— Naquela época eu já devia ser um rato maior que você.

Aelian esperou outro puxão e se preparou para o impacto. Com frequência se arrependia de dizer as coisas por impulso, achava uma bobagem o sem-número de brigas (e mortes) entre homens e anões que começavam com comentários sobre estatura ou virilidade. Harun, porém, pareceu abalado por ter sido desafiado na frente da Tenente e largou o servo por um momento, enfiando os braços roliços na cela e erguendo o martelo para tentar atingir Aelian — que tomara uma distância segura das barras. O rapaz pensou que o resultado satisfatório de sua petulância valeria até levar algumas chibatadas.

— Você se acha esperto, refugo — murmurou o anão, olhando para as costas eretas de Sureyya mais à frente no corredor. — Mas escolheria melhor suas palavras se não tivesse língua.

Aelian cerrou os lábios. Olhou para a gama de ferramentas que pendiam dos bolsos e do cinturão de Harun: cinzéis, estacas, martelos. Ele levava até uma picareta presa às costas. Mesmo sendo um Autoridade com certos privilégios, o anão era, como todo servo, sobrecarregado de funções, e também fazia a manutenção de estátuas. Aelian tinha consciência de que se arrependeria por responder, mas provocar o anão parecia ter se tornado algo incontrollável — embora fosse uma atitude idiota.

— Vai ser difícil arrancar minha língua com um martelo.

— Eu usaria os dentes, se necessário! — sibilou o anão, vertendo ódio nas palavras.

— Se usa essa desculpa para beijar uns refugos, já digo que não vai funcionar comigo.

A princípio, Harun não entendeu a resposta, mas, depois de alguns segundos, pareceu enfim visualizar a cena. Entre a raiva e o arrependimento pela péssima escolha de palavras, grunhiu e levantou o martelo outra vez. Uma voz fria interrompeu a ação — e também a respiração de todos.

— Autoridade Harun, sua contagem agora envolve um longo diálogo com cada um desses miseráveis? Não tenho tempo a perder — disse a Tenente, ainda deixando os crânios das aves encarando as celas.

Aelian ergueu as sobrancelhas, surpreso com o próprio êxito. Tivera sorte, mas sem dúvida haveria um revide. O anão relaxou os braços e, em vez de fitar o servo insubordinado, olhou para baixo, para o chão de blocos de pedra, mais exatamente para um ponto próximo aos pés do catre.

Um ponto muito específico.

— Você esconde coisas demais por trás desse semblante de jogador de dados, Aelian Oruz.

O rapaz esperava estar fazendo uma expressão impassível de blefe. Harun continuou olhando para o piso da cela e, de lá, para a janela. O anão parecia estar sussurrando consigo mesmo enquanto os olhos dançavam entre os dois pontos. Era cada vez mais difícil forjar serenidade.

— Rogo por sua clemência, Tenente — disse Harun, de maneira respeitosa, enquanto dava as costas à cela e brandia o martelo. Era difícil afirmar se havia um sorriso de desdém sob toda aquela barba branca, mas Aelian teve essa perturbadora impressão. — Não vamos nos demorar mais. Posição de contagem, vermes! Vamos! Três passos atrás das barras!

A contagem seguiu como em todos os dias, o que significava que pelo menos uma pessoa gritou de agonia e implorou pela própria vida em algum momento. Enquanto Harun e Sureyya seguiam pelas outras celas e alguns homens armados montavam guarda ao lado da porta, Aelian não conseguia deixar de sentir uma inquietação enorme e a impressão de que algo fugira de seu controle nos últimos minutos.

Sureyya voltou por onde havia entrado, guardando uma faca longa e de lâmina preta na bainha de sua cota de malha da mesma cor. Era provável que aquele instrumento tivesse sido o responsável pelo grito que Aelian escutara. Harun a alcançou e esperou que ela atravessasse a porta, dando passagem para a superior.

No entanto, a kaorsh não se moveu.

— Autoridade Harun, há pouco presenciei um caso de insubordinação inaceitável — disse ela, os dedos longos dançando pela bainha da faca e a cabeça voltada para a porta, como se ninguém ali merecesse seu olhar direto. — Esperei que tomasse alguma atitude corretiva, mas vejo que fui tola. Fiz o primeiro falcoeiro pagar com a vida pelo comportamento de seu subalterno, mas não creio que seja suficiente. Acho que os exemplos para os refugos devem ser sempre *amplos. Didáticos.*

Aquilo fez as entranhas de Aelian gelarem. *Kivan?* O grito e os balbucios de clemência tinham sido dele?

Harun abaixou a cabeça, envergonhado. Sabia que ela estava se referindo à animosidade com Aelian no início da contagem.

— As providências serão tomadas, Tenente Sureyya.

— Sim, serão. — O canto dos seus lábios se elevou, e a sua mão de dedos longos desceu até o chicote enrolado na cintura. Ela abriu a tira de couro que o mantinha

ali, deixando a ponta se desenrolar pelo chão. A kaorsh o pegou e, ainda sem olhar para ninguém em específico, estendeu-o para Harun. — Agora mesmo.

O anão hesitou em segurar a arma de sua superior. Em outras condições, aquilo seria considerado um insulto. Porém, a ameaça implícita na voz controlada da Tenente era taxativa quanto ao que ele deveria fazer naquele momento.

Um soldado abriu a cela de Aelian, que deu um passo para trás, na defensiva. Outro guarda o agarrou pelo antebraço com rispidez, puxando-o para fora. Aelian poderia ter desferido uma cotovelada no nariz daquele paspalho, mas nada que fizesse no momento o salvaria da punição. Além do quê, ele *não conseguia* mais reagir... Kivan estava morto por causa de suas atitudes. Aquilo amortecia o mundo ao seu redor.

— Tire a camisa e segure-se nas barras — ordenou Harun.

O jovem obedeceu, sentindo o pingente balançando contra o peito ao se despir: seu totem nas mesas de apostas, um dado de oito lados feito de quartzo verde. Gostava de pensar nele como um amuleto... Contudo, a inexplicável sorte que tivera no início da inspeção se voltara contra ele muito antes do esperado. Uma superstição sem graça que talvez estivesse trabalhando a favor de seu algoz. Ainda assim, Aelian notou que o anão também não parecia contente com aquilo.

Ouviu as pontas do chicote, batizadas com Mácula, se arrastando no chão de pedra enquanto o Autoridade tomava distância. Ouviu também um burburinho se destacando acima das vozes resabiadas nas outras celas conforme um corpo era carregado pelo corredor. Mesmo de costas podia adivinhar o que estava acontecendo, ouvindo os comentários. E aquilo destroçava seu espírito muito mais que qualquer golpe que receberia na carne.

O ar assoviou e estalou pouco antes de o frio lacerante da Mácula cravar-se nas costas de Aelian. Tão logo as três garras entraram, saíram. Não houve tempo para o sangue escorrer ou para a pele ser arrancada, pois esta era a ironia macabra das armas batizadas: ferir, açoitar, lacerar, mas sem derramar a cor proibida — pois a Mácula cortava e cauterizava, preenchendo na mesma hora o ferimento com seu resíduo. Por isso soldados rasos usavam apenas armas de contusão, e o porte de armas cortantes banhadas no líquido negro era reservado aos Autoridades e aos Únicos. As cicatrizes que Aelian havia colecionado ao longo de duas décadas seriam encobertas por outras, maiores e mais escuras, linhas negras que formariam uma espécie de mapa riscado nas suas costas.

Não queria gritar, mas não havia opção. Conseguiu se segurar apenas na primeira

chibatada. Depois, sua voz preencheu as celas do Poleiro com dor e agonia, fazendo os falcões se agitarem no andar de cima. Um deles, em particular, grasnava com raiva, pressentindo o que acontecia com o único humano que lhe era importante em toda Untherak.

Ao fim de dez golpes, um Aelian fora de si foi trancafiado de volta em sua cela.

— Parabéns! Agora, você é o novo primeiro falcoeiro, Aelian Oruz — disse alguém antes de sair, com requintes de crueldade a cada sílaba.

Aquela também era uma forma de laceração que não derramava sangue.

A porta se fechou, a inspeção foi oficialmente terminada, e a única voz que continuou falando por ali estava dentro da cabeça de Aelian, muito distante, repetindo uma única frase: *Não sofra mais do que pode aguentar.*

— Você tem mãos longas e dedos perfeitos, minha querida — disse o homem, tomando a mão da kaorsh e sorrindo para a dona do par de olhos verdes que o havia procurado em segredo. O Miolo não era lugar para romantismo, e aquela não era uma exceção. — Poderia juntar muito ouro com a minha ajuda.

Herk Zatoiff era um Autoridade, mas também se considerava um empreendedor — sendo que essa segunda ocupação não era de conhecimento do Palácio. Acostumado a percorrer as ruas estreitas do centro de Untherak com total liberdade, seu cargo de supervisor no Tear garantia que as escapadas dele em horário de trabalho e suas conversas suspeitas em becos cheios de lixo não fossem questionadas. Era um humano pálido, consequência dos anos passados à sombra da estátua da soberana, inclusive durante os Dias de Louvor, quando, em teoria, podia visitar os Campos Exteriores e a Vila A, o vilarejo onde ficavam as casas dos Autoridades, junto ao Portão Sul.

Por mais que existissem prostíbulos nas áreas semilivres, fora do Miolo, Herk havia inventado esse modelo de “negócio” em que poderia lucrar durante os dias de trabalho, entre uma escapada e outra: agendava mulheres e homens, de qualquer raça — ainda que preferisse trabalhar com kaorshs do Tear, pois era a sua jurisdição —, usando o poder que tinha como Autoridade para inventar alguma demanda que permitisse o afastamento temporário dos servos das linhas de produção ou outras atividades. Depois, era só aguardar o lucro cair em seu colo. Ouro nas mãos certas, propina para os olhos que deveriam fazer vista-grossa e todos saíam ganhando: inclusive quem o procurava em busca de prazer rápido, sem precisar esperar pelo Dia de Louvor e sem se afastar demais de sua área de trabalho. Era nesse sistema que Herk tirava servos do processo de feitura de vestimentas e uniformes para que satisfizessem seus *clientes*.

O Tear ficava no Flanco Leste do Miolo, onde carroças sacolejavam o tempo todo pelas ruas abarrotadas, indo e vindo com lã e com o tecido sagrado, a seda, abençoada pela deusa e feita com maestria apenas pelos kaorshs. Tanto que a seda produzida por eles (ou elas, já que a maioria dos que trabalhavam nas tecelagens do Palácio era mulher) valia no mínimo três vezes mais que a seda comum. Herk

Zatoiff tinha uma opinião sobre as mãos das mulheres daquela raça e não hesitou em compartilhá-la com Raazi Tan Nurten. Era uma tecelã eficiente, calada e focada no serviço, que havia procurado o supervisor às escondidas, dizendo que precisava de mais dinheiro que a cota semanal poderia lhe proporcionar.

— O que foi, querida? — perguntou ele, vendo que Raazi não esboçava emoção. As mulheres que o procuravam costumavam se derreter com os seus elogios cheios de promessas de riqueza. Em geral, Herk dizia que o preço para entrar no negócio era uma espécie de “teste” com ele, mas aquela ali não parecia muito inclinada a isso. — Você não veio até aqui em seu Dia de Louvor dizendo que queria ouro extra? Pois bem, aqui estamos! Então, não me olhe assim...

Raazi suspirou. Herk largou as mãos dela e passou a língua nos dentes da frente. Era um hábito que o homem havia adquirido ao longo dos anos, antes de começar a negociar — no início, um movimento inconsciente, mas agora calculado. Gostava de pensar que aquilo o deixava mais sedutor. Porém, não conseguiu nenhuma confirmação visual por parte da kaorsh de semblante neutro. *O que ela quer?*, ele se perguntou, notando que o cabelo dela beirava o tom proibido. Um pouco menos dourado e um pouco mais acobreado e Raazi seria obrigada a raspar a cabeça e as sobrancelhas.

— Certo, certo — disse ele, voltando ao tom “profissional”. — Parece que você quer ir direto ao assunto. Os valores: quatro *bakir* por serviço. Eu agendo os clientes e fico com o pagamento integral dos três primeiros... É a regra, você deve ter ouvido falar. Nos seguintes, você fica com dois *bakir* e me dá os outros dois. Uma bagatela, certo? Por no máximo vinte minutinhos de “trabalho”. — Ele ergueu as sobrancelhas, enfatizando o que havia acabado de dizer. — Quanto você ganha por semana, escala seis por um, treze horas por dia? Três *gumus*, não é? Pense em quanto pode ganhar se eu agendar para você um cliente por dia! Dá seis *altin* por mês! E se você ainda conseguir passar carvão para eles, também recebe uma comissão... Tenho um sujeito dentro da Bigorna que me arranja os melhores pedaços.

Raazi balançou a cabeça, devagar. Os olhos dela esquadriharam o ambiente. O beco ainda estava deserto, e Herk falava eloquentemente, como se o lixo entulhado junto às paredes externas do Tear fosse uma plateia. O supervisor estava se sentindo em território seguro.

— Ei, garota! — O homem estalou os dedos na frente do rosto da kaorsh. — Está me ouvindo? Diga alguma coisa!

Raazi não sabia como começar. Ponderou por alguns instantes, até que uma das

suas mãos longas de dedos perfeitos se fechou no pescoço do humano, empurrando-o contra a parede e fazendo o sujeito engasgar.

Raazi crispou os lábios conforme pressionava a traqueia dele. Herk olhava para cima, dividido entre a surpresa e o pavor. As kaorshs eram naturalmente mais altas que os machos de sua raça, e Herk não era considerado sequer mediano para um refugio — ela não gostava do termo preconceituoso que alguns kaorshs e anões usavam para os humanos, mas aquele homem merecia o título.

O Autoridade não entendia a transformação que a kaorsh tinha sofrido. Como, de um segundo para o outro, ela passara de uma possível fonte de renda para uma ameaça real? Herk gostaria que a mulher percebesse que sempre haveria aqueles dispostos a gastar todas as suas economias para ter um momento de prazer, fosse com álcool ou com o calor de alguém.

— Herk, você sabe como nós, kaorshs, chamamos o nosso corpo?

O homem sufocava, arranhando o pulso de Raazi, tentando se soltar.

— Sabe? — insistiu ela, ignorando o movimento débil do sujeito. Herk começou a adquirir um exótico tom violeta que Raazi achava um tanto difícil de alcançar, mesmo com as suas habilidades naturais de camuflagem. Admirou o degenerado por mais um tempo até que o violeta se tornou um tom arroxeadado. O homem meneou a cabeça. Sem dúvida era um não. — Eu já imaginava. Bem, chamamos a morada da nossa essência de *canväs*. É onde fazemos a nossa arte, Herk. Meu corpo se enfeita para celebrar a minha alma, não para o deleite alheio. O *canväs* é um palácio decorado para a aguardada visita de um convidado que não ficará por muito tempo. Por isso, queremos que a nossa essência se sinta bem durante a sua estadia. Está acompanhando o meu raciocínio, Herk? Abra os olhos, estou falando com você!

— Por... *argh*... favor...

— Não entendi. Por favor o quê?

— Eu... *argh*... morrer...

— Ora, todos nós vamos morrer um dia, se é isso que o preocupa. Mas não era disso que estávamos falando. Eu estava explicando por que nosso *canväs* é tão sagrado na cultura kaorsh. É um relato extenso, muito extenso.

O peito de Herk subiu com um ruído assombroso, a garganta buscando ar numa última tentativa antes de o cérebro apagar. Um odor forte chegou às narinas de Raazi, que, com uma olhadela pesarosa, percebeu que o homem estava esvaziando a bexiga nas calças. Pensou que seria melhor largá-lo antes que algo mais saísse, o que

deixaria a conversa um tanto quanto inviável.

— Você me decepçiona. — Ela o ergueu ainda mais antes de soltá-lo, para que a queda não fosse nada suave. O Autoridade escancarou a boca, tentando sorver o máximo de ar possível, fazendo uma série de ruídos guturais. Raazi olhava para o homem caído com uma expressão muito próxima ao tédio. — Como quer controlar o corpo dos outros se não consegue nem domar essa porcaria que tem entre as pernas?

— Eu... estava tentando ajudar você... sua maluca...

A kaorsh cruzou os braços, deu um passo lento para a frente e parou com o pé direito bem sobre o tornozelo do homem. Largou o peso do corpo em cima dele e recebeu um grito de agonia como resposta.

— Quietos. Os outros Autoridades não podem saber que você está aqui, tentando lucrar com o trabalho divino dos servos de Untherak. Quer ganhar um banho de Mácula, Herk?

— Bem que dizem que vocês, kaorshs, são todas umas putas traiçoeiras...

Raazi saiu de cima do tornozelo dele e se agachou à sua frente. Por precaução, tirou a espada curta da bainha de Herk, caso o homem resolvesse fazer algo mais drástico que se mijar todo.

— Herk, Herk... Não sei há quanto tempo você faz isso, essa *atividade paralela*. Se alguma kaorsh já chegou a vender o próprio *canväs* para os seus intentos, não posso julgá-las. Não sou dona do corpo delas. Ninguém é. Ainda assim, estamos num mundo em que todos têm direito sobre nosso *canväs*, menos nós mesmas. Num lugar assim, é comum que o desespero nos obrigue a tomar medidas drásticas, que muitas vezes não condizem com os nossos costumes. Mas me diga uma coisa, Herk...

Casualmente, Raazi apontou a espada do Autoridade para o rosto dele. E completou:

— Eu lhe pareço desesperada?

Mercado Aberto dos Campos Exteriores, Borda Norte

Duas semanas antes

— Nossa, mas por que quer tanto dinheiro? Vai pedir para a Venoma matar alguém?

— perguntou Baeli, arregaçando as mangas do vestido e tentando colocar um grande saco de farinha no topo da pilha, mas percebendo, no último instante, que não iria conseguir. — *Urgh...* Dá uma ajudinha aqui?

Raazi se levantou do barril em que estava sentada, na tenda vizinha à de Baeli, que pertencia a um homem que penhorava objetos variados, de fundas e chaleiras a rastelos e cestos de vime. As barracas se amontoavam de ambos os lados da rua, num escarcéu ininterrupto típico de uma feira livre. O cheiro de cravo e de outras especiarias se misturava ao aroma das frutas e do suor de quem estava trabalhando debaixo do sol. As rodas das carroças que passavam na estrada de terra ainda úmida da chuva da noite anterior formavam duas canaletas na lama enegrecida. Quem estava a pé acabava sujando a barra das vestes com o que respingava do chão, algo inevitável naquela multidão. Apesar de muitas pessoas transitarem nos dois sentidos, poucos pareciam de fato parar diante dos comerciantes para comprar algo.

— Hum... Talvez — disse Raazi, que era bem mais alta que a amiga, uma anã atarracada como todas as outras.

A amiga fizera uma brincadeira, mas acertara qual era o intuito dela em juntar dinheiro: contratar Venoma. Não que pensasse que a mulher daria cabo do alvo principal, mas seria de grande ajuda no plano que ela e Yanisha estavam colocando em andamento.

Raazi ergueu o saco de farinha como se fosse um travesseiro e o colocou no topo da pilha que a anã tinha iniciado.

— Por toda essa grana, acho que eu mesma sujaria minhas mãos — resmungou Baeli, observando as mãos literalmente sujas por causa do serviço braçal.

— Quer dizer então que posso contar com seus serviços e seu silêncio? — perguntou Raazi calmamente, enquanto pegava outro saco sem que Baeli voltasse a pedir ajuda. Mesmo quando estava brincando, a kaorsh não sorria. Ela era ótima em manter-se impassível e confundir a percepção dos outros. — Prefiro dar dinheiro para uma conhecida a me envolver em problemas com os Autoridades.

— Ah, claro. Porque aí seria eu quem teria meu belo rosto estampado nesses cartazes de PROCURA-SE por todo o Mercado.

Baeli se referia de novo a Venoma, uma assassina de aluguel de raça indefinida que, graças aos Autoridades de Untherak, havia se tornado o assunto mais comentado do momento — ainda que fosse crime falar sobre ela. Numa manobra que conseguiu piorar ainda mais a situação, os Únicos haviam abandonado a discrição costumeira com que caçavam os desordeiros e espalharam cartazes por todos os Campos Exteriores, oferecendo cerca de trezentos *altin* pela cabeça da mercenária — o que só aumentou a popularidade da criminosa. A misteriosa mulher nunca era encontrada, mas seus “feitos” ficavam cada vez mais conhecidos por todo

o Unificado. Silenciosa, furtiva, dona de uma mira irrepreensível, abatia seus alvos com uma besta, as setas embebidas num veneno sem antídoto conhecido — os mortos ficavam com veias estouradas e enegrecidas por todo o corpo. Quem a contratava queria, geralmente, vingar-se de alguma humilhação ou resolver uma desavença ocorrida nas mesas de aposta ou durante os seis dias de trabalho no Miolo — o que significava que a maioria das vítimas de Venoma eram viciados em dados, Autoridades ou ambos.

— Poderíamos nos tornar assassinas de aluguel também. Se formos tão boas em nos esconder como Venoma é...

— Não, não coloca o saco aí em cima! Eu não alcanço, estou longe de ter essas pernas compridas! — interrompeu Baeli, pegando o fardo dos braços de Raazi e iniciando uma nova coluna de sacos ao lado da primeira. Ela levantou o dedo para dizer algo sobre o assunto anterior, mas esperou um grupo de sinfos terminar de examinar algumas ervas aromáticas no balcão e seguir caminho sem comprar nada, como de costume. — Olha, de vez em quando eu gostaria de saber matar, sabe? De ter coragem. Desde que comprei a minha semiliberdade e abri essa tenda, a grana no bolso é mais escassa que flores no Miolo. Pelo menos nos meus tempos nas forjas eu tinha os três *gumus* garantidos no fim da semana...

— Não me diga que uma ex-serva marcada está com saudade de trabalhar na Bigorna.

— Quê? Pela Fúria que não! — exclamou a anã, cruzando os braços com uma careta ofendida. — Só acho que não posso condenar quem nunca tentou comprar a semiliberdade e prefere viver no Miolo para sempre. É um conforto doloroso ter tão pouco dinheiro, mas saber que não vai precisar se preocupar com isso para sobreviver. É só encarar um dia depois do outro e não querer nada para si mesmo além de um pouco de comida, que é sempre garantida. — Ela fez uma pausa e acrescentou: — Tudo bem, comida *ruim* é sempre garantida.

— Maldição! Você estava quase soando romântica — disse Raazi, fingindo pesar.

Baeli deu um soco na cintura da kaorsh, que mal sentiu o golpe.

— Otária. Bom, você quer tanto dinheiro para comprar a sua semiliberdade e deixar a rotina no Tear para trás, não é? Ainda falta muito para alcançar o valor, mas imagino que tenha poupado alguma coisa...

— Hum... É. Minha semiliberdade.

Raazi se esquivou de outras perguntas e se aproximou de um cesto de maçãs verdes, pensativa. Não sabia até que ponto detalharia as coisas para Baeli. Quanto

menos ela soubesse, melhor seria depois que tudo se desenrolasse. Não contaria a razão de seu plano nem mesmo para Venoma ou para algum outro assassino de aluguel, que entraria apenas para eliminar alguns alvos-chave no caminho até o alvo principal.

A kaorsh passou a ponta dos dedos por um dos frutos e levou a mão ao rosto, deixando um risco esverdeado na bochecha. Ela nunca havia mimetizado aquela cor em seu *canväs*, e agora poderia acessá-la quando desejasse.

— Acho que esse verde cairia bem nos seus olhos, Baeli.

— É, mas não sou kaorsh e nem sei por que tripas me enfeitaria. Para trabalhar na feira? Para me exhibir no sermão dos Arautos? A maioria dos devotos fica de olhos fechados por *horas*, ninguém veria a minha maquiagem! E nem tente mudar de assunto, que eu conheço você!

Raazi pensou no pó grudento que as pessoas passavam no rosto quando precisavam esconder manchas, erupções cutâneas ou cortes. Olhou para os lados e viu ao menos três pessoas que pareciam ter rebocado a cara com algo de um tom totalmente diferente de seu tom de pele. Aquela espécie de maquiagem grosseira era uma forma de esconder qualquer indício da cor proibida que brotasse numa parte visível do corpo, já que ninguém gostaria de ser interpelado por um Autoridade, que o obrigaria a esconder a mancha. A verdade, porém, é que, por mais que fosse comum, muitas vezes era assustador cruzar com alguns rostos mais brancos que cadáveres.

— Posso tentar fazer algo com essa coloração. Se me der algumas maçãs verdes, testo a fórmula amanhã na minha cela. Posso diluir no pó que as pessoas passam no rosto, tentar deixá-lo mais fino, dar outro uso para ele. Se funcionar, você vende aqui em sua barraca e me dá uma parte do lucro.

Baeli cruzou os braços e assentiu. Ela de fato precisava de algumas novidades para a feira livre. Fazia três meses que só vendia maçãs verdes, farinha, cevada e alguns poucos temperos. Cosméticos seriam uma novidade.

— Combinado. O que tenho a perder além de algumas frutas? Mas não acho que qualquer pessoa em Untherak tenha afeição a pintar o rosto com propósitos estéticos, tirando vocês, kaorshs. E isso não vai nos dar mais que alguns trocados, nada que se aproxime de mil *altin*. A não ser que queira comprar a sua semiliberdade daqui a oitenta anos.

— Qualquer quantia é bem-vinda enquanto penso em outra forma de reunir o dinheiro mais rápido.

Baeli deu de ombros.

— Com os Festivais da Morte, pelo menos os mais desesperados tinham um atalho para conseguir a semiliberdade, né? Um atalho bem filho da puta, já que eu nunca soube de alguém que tenha ganhado. A inscrição custava quase um quarto do valor da semiliberdade... mas, no fim, as pessoas acabavam pagando para morrer.

Raazi sabia que o povo de Untherak não tinha memória e jamais se lembraria de detalhes — como o fato de nunca ter havido um vencedor na Arena. Se os Festivais voltassem, era capaz de que fizessem fila para as inscrições.

A kaorsh segurou a respiração e controlou o fluxo dos vasos sanguíneos do rosto para evitar qualquer enrubescimento que denunciasse alguma emoção.

— Por que você está falando dos velhos Festivais?

— Ah, tenho uma amiga no Poço, a Lahina. Lembra-se dela?

— Alta, cabelo castanho. Uma pinta na bochecha esquerda.

— Ela mesma. Bom, imagino que, na profissão dela, Lahina atenda a todo tipo de sujeito atrás de um pouco de diversão. Tem um Autoridade que gosta de ficar se exibindo para as garotas e acabou soltando que Una convocou um novo Festival da Morte... Faz o quê, vinte anos desde o último? Acho que as masmorras e o Anel de Celas devem estar muito cheios, e o General Proghon quer liberar espaço...

A anã continuou falando. Raazi anuíu, tentando mostrar que estava prestando atenção, mas a cabeça da mulher já estava longe dali, no Poço. E ainda mais longe, num futuro próximo, sobrevivendo na Arena de Obsidiana...

Recebendo os louros da vitória das mãos de Una, pensou, recalculando os planos naquele instante. Bem próxima a ela. Com Una ao meu alcance.

Se corresse, talvez houvesse tempo antes do fim de seu Dia de Louvor.

Originalmente, o nome completo do lugar era Poço dos Desejos, por motivos óbvios. Porém, o bordel acabou expandindo os negócios para o tráfico de carvão e de armas batizadas, passando a ser conhecido só pelo primeiro nome, ainda que a parte dos *desejos* fosse a força motriz que mantinha o estabelecimento funcionando.

Raazi pisou no salão. Moedas pararam de tilintar nas mesas, dados foram esquecidos por alguns instantes e muitos pares de olhos acompanharam seu passo firme até o balcão. Mesmo com o lenço em volta do rosto, ela era uma figura imponente, que destoava demais do clima decrépito do ambiente. Aqueles sujeitos estavam, de fato, no fundo do poço.

Raazi olhou para o balcão, onde um homem corpulento esfregava um copo com o que parecia um pano de chão. Ela foi direto até ele e perguntou a respeito de Lahina. Perplexo, o balconista demorou alguns segundos até apontar para a escada que levava ao mezanino. A kaorsh já ia seguir caminho, sem agradecer, mas foi interceptada por um homem de barba longa bifurcada e capa marrom sobre os ombros. Magro, cheirando a fumo e rum, ele brincava com uma faca entre os dedos.

— Não me importa o que vai fazer com uma das nossas garotas, compridona, mas tem que pagar, como todo mundo.

Raazi até tentou olhar nos olhos do homem, mas ele se manteve concentrado na faca, com um sorriso de quem sabia que fugir de olhares incisivos era algo irritante. Ela tirou quatro *bakir* da bolsa de algodão cru que levava amarrada ao cinto e os estendeu ao sujeito que bloqueava o caminho, forçando-o a parar de brincar com a faca.

De propósito, Raazi deixou uma das pequenas peças triangulares cair no chão. O rufião riu, ainda evitando o contato visual.

— Eu não vou pegar essa moeda. Vou liberar a passagem, e, quando você descer — ele voltou a girar a faca entre os dedos —, pode pegar o que deixou cair “por acidente” e me entregar. Divirta-se.

Ele se pôs de lado, liberando a escada. Raazi subiu sem olhar para trás, mas consciente de que todo o Poço tinha os olhos colados em suas costas.

Os dados voltaram a rolar um instante após a porta dos aposentos de Lahina bater.

— Você é kaorsh.

— E você é bem observadora — retrucou Raazi, que ainda nem havia tirado o lenço. Lahina estava no extremo oposto do aposento, abraçando a si mesma, manchada pela sombra da copa da árvore que ficava na frente da sua janela. — O que me denunciou? A altura?

Lahina inclinou a cabeça de lado, e nessa hora foi possível enxergar a pinta de nascença na face dela. A mulher puxou a trança para a frente, fazendo o tecido translúcido que vestia farfalhar de forma suave.

— Alta eu também sou, e não tenho um pinga de sangue kaorsh na minha ascendência, posso garantir. Não sei explicar. Talvez porque a penumbra do meu quarto pareça gostar de você. Seu caminhar lembra o da Tenente Sureyya...

— Mas eu não sou maculada.

— Eu não disse que era.

A voz da cortesã soava como uma faca que não era afiada havia muito tempo, mas que ainda podia perfurar. Se fosse preciso, Lahina sem dúvida saberia se defender. Ela tinha ombros de guerreira, ainda que o corpo sinuoso e as pernas não parecessem habituados à dança que era o avançar e o recuar durante a canção das espadas.

— Gostaria de conversar com você por um instante, Lahina — explicou Raazi, enfim.

— As pessoas não vêm aqui para *conversar*.

— Ainda assim, tenho certeza de que você escuta uma porção de coisas. É isso o que vim buscar, não sexo.

— Que pena — disse Lahina, apertando os lábios em um falso pesar. — Pois esse foi o único talento que a deusa, na sua infinita bondade, me concedeu.

Raazi pensou em tirar o lenço do rosto, para ganhar um pouco mais da confiança da mulher. Não parecia que iria obter colaboração tão facilmente. Porém, ao mesmo tempo, achava que um pouco de anonimato poderia ajudá-la depois.

— Ouvi dizer que Una está preparando um Festival da Morte.

— É mesmo? — A cortesã deu de ombros, dissimulada. Uma cama martelava a parede do quarto vizinho. — Sempre achei os Festivais de uma selvageria sem tamanho. Nem me lembro do último, era muito nova. Ainda não trabalhava no Miolo e não sonhava conseguir minha semiliberdade tão depressa.

— Lahina, eu já *sei* que os Autoridades estão planejando um novo torneio. E preciso muito saber o nome de alguém que esteja envolvido — disse Raazi, dando um passo à frente, e, como se só então percebesse a rispidez de seu pedido, acrescentou: — Por favor.

— Olha, não sei como você sabe disso ou como chegou até mim. Às vezes eu bebo e dou com a língua nos dentes, mas não quero saber de encrenca com os Autoridades ou qualquer coisa do Miolo, entendeu? Já passei muito tempo da minha vida sofrendo dentro de uma cela para correr o risco de voltar para lá!

— Lahina, eu...

— De vez em quando, os homens falam dormindo, ou então querem se gabar, e tem vezes que eu apenas *fico sabendo*. Não tenho nada a ver com isso. Sigilo e discrição são exigências da minha ocupação.

— Não quero envolver você em encrenca. Só preciso de um nome, e prometo

resolver isso bem longe daqui...

Lahina suspirou, revirou os olhos expressivos e deixou o corpo desabar na cama. Apoiou-se nos cotovelos e ergueu a cabeça.

— Qual é o seu interesse no Festival? Não que eu vá contar nada. Estou curiosa.

— Quero vencer o Festival para conseguir a minha semiliberdade... — Em seguida, Raazi completou, sentindo-se um pouco repetitiva naquelas explicações: — Para mim e para outra pessoa.

A mulher pareceu um pouco perplexa e fez um muxoxo.

— Você está falando com alguém que comprou a semiliberdade sem precisar arriscar o pescoço na Arena.

— A que custo, Lahina? De certa forma, você não continua sendo uma escrava aqui dentro?

— Minha querida kaorsh, é por isso que se chama *semiliberdade*. A liberdade total não existe! Você gasta uma fortuna para vir para o lado de fora, mas, se Una quiser convocá-la para uma nova guerra contra o pecado e a ingratidão, você *vai* atender. — A mulher se ajeitou no colchão, ficando deitada sobre apenas um dos cotovelos e fazendo, com o braço livre, um gesto que abrangia o quarto. — No meu caso, meu cantinho é bem mais cheiroso que uma cela na Bigorna, na Estrebaria, no Tear, no Poleiro...

— Mas ainda é uma cela — disse Raazi, e conseguiu não soar taxativa. Ela sentia empatia por Lahina. A mulher era uma sobrevivente. Ela só tinha encontrado uma maneira diferente de permanecer viva.

— Untherak inteira é uma cela, meu bem — disse a cortesã. — E talvez seja melhor assim. Vai saber o que existe à solta nos pântanos e na Degradação? As barras das celas e as muralhas nos prendem e nos protegem. É o preço das coisas. E tudo tem um preço.

Raazi suspirou. Lahina sabia o que estava fazendo, e a kaorsh precisaria encontrar outra maneira de alcançar seu objetivo que não dependesse da vontade da cortesã.

— Agradeço, de qualquer forma — disse, mas, em vez de dar meia-volta e sair por onde havia entrado, contornou a cama e caminhou até a janela, colocando uma perna para fora e procurando algum apoio para os pés. Lahina sentou-se ereta no colchão.

— Ei, ei! Vai sair por aí mesmo?

— Vocês têm um rufião bem imbecil lá embaixo. O que fica brincando com a faca

— disse Raazi, metade do corpo já para fora do quarto. — Não quero encrenca a esta hora da noite. E também não quero machucá-lo.

A mulher se manteve impassível por um instante, e então riu. Era um riso incontido, nem um pouco dissimulado. Raazi ficou sem entender, e fez um barulho que parecia o de um cavalo espantando moscas das narinas. Não estava acostumada a sorrir.

Agarrou o galho mais próximo da árvore em frente e se certificou de que conseguiria chegar até o chão em segurança por ali. Então, voltou-se uma última vez para Lahina.

— Bom, tenha uma boa noi...

— Herk Zatoiff.

Raazi não entendeu.

— Perdão?

— O nome do Autoridade que me contou sobre o Festival da Morte. Herk Zatoiff. Trabalha nos andares subterrâneos do Tear, controla uma grande rede de tráfico de carvão e monopoliza a prostituição. Era ele quem me agenciava no Miolo até eu conseguir a grana para a semiliberdade. Depois, ele me indicou para o dono do Poço, mas diz ter uma predileção por mim e sempre vem aqui... Olha, se me perguntarem, nego que soube disso por mim.

Herk Zatoiff. E no Tear, justamente onde Raazi trabalhava. Era muita coincidência, mas ao menos era uma tarefa que não a mandaria para o outro lado de Untherak. A kaorsh olhou para Lahina, agora contra a luz emanada pela lua.

Como especialista em colorações e questões da pele, enxergou camada por camada do pó que a cortesã usava no rosto — o mesmo que as pessoas usavam para esconder a cor proibida. Era capaz de dizer quantas pinceladas haviam sido passadas, com que tipo de cerdas. Notou a maquiagem que a mulher usava para alongar os cílios, a sombra escura nos olhos...

E mais além.

O olho esquerdo. Havia pequenas marcas de expressão, debaixo das camadas de pó e da sombra... e também um hematoma recente.

— Foi ele quem fez isso com você?

Lahina se fez de desentendida, mas na mesma hora levou uma das mãos ao machucado disfarçado, entregando-se.

— Ou foi outro cliente? — insistiu Raazi.

— Maldita seja a sua raça e os seus truques. Vocês enxergam através das coisas

também?

— É inevitável. Desculpe.

— Hum. Bom, acho que não preciso entrar em detalhes. E daí se foi o Herk que fez isso? — Lahina ajeitou a gola das vestes displicentemente. — Todos eles são iguais. E isso é pouco, perto do que eu tinha que aguentar.

Raazi baixou o olhar. Lembrou por que fora até lá. Murmurou o nome aprendido naquela noite e foi embora.

Arredores do Tear

Duas semanas após a visita ao Poço

Herk estava de volta. Ele mancava e levava um saco de trapos remendado nas costas. Raazi havia conseguido uma promessa, ouro para duas inscrições e talvez uma jura de ódio eterno. O homem nunca imaginaria que aquela “reunião de negócios” acabaria com um prejuízo tão grande de uma vez só.

— Espero que morra na Arena — ganiu ele, ao passar o saco para Raazi.

Seria ótimo, pensou ela.

Ninguém imaginaria que seiscentos *altin* poderiam ser carregados de maneira tão descuidada. A kaorsh olhou para os lados a fim de se certificar de que ele tinha voltado sozinho. No fim do beco, uma patrulha de gnolls rosnava e ignorava a rua sem saída. Raazi colou o corpo na parede, bem sobre um cartaz desbotado com o rosto de Venoma estampado, e começou a conferir o valor.

— Também espero morrer na Arena, Herk — respondeu ela, com calma. — Porque se *alguma coisa* acontecer comigo antes, você vai perder tanto quanto eu. Deixei algumas pessoas avisadas sobre seu esquema de carvão e prostituição. Só por garantia. Aliás, você ainda precisa honrar o acordo e a promessa: eu e a outra pessoa inscrita devemos lutar juntas.

— Não acredito que está se arriscando para morrer em dupla na frente de uma plateia — disse ele, cuspiendo para o lado. Estava com o orgulho e o cofre abalados, além de um calcanhar ferido que seria um lembrete eficaz da sua perda durante as semanas seguintes. — Estou sendo extorquido pela futura defunta mais burra de Untherak! Não dá para acreditar!

Raazi interrompeu o tilintar de moedas.

— Então finalmente temos algo em comum, Herk. Estou fazendo isso porque não acredito em algo. E isso também me revolta muito.

Ela fechou o saco. O rosto do homem congelou numa expressão de nítida incompreensão.

— A diferença é que a sua revolta é porque você não aceita perder — explicou ela.
— E eu não aceito mais que tantas pessoas percam.

Fazendo ainda menos sentido do que antes e deixando Herk plantado sobre o pé saudável, Raazi jogou o saco de dinheiro nas costas, surpresa em notar como a moeda de Untherak era leve, mesmo em grande quantidade.

Tinha mais uma visita a fazer antes de passar o resto do Dia de Louvor com quem mais lhe interessava.



Era difícil ver alguma estrutura de arquitetura anã, humana ou kaorsh num dos últimos redutos de Untherak em que a maioria dos habitantes era composta por sinfos: o Segundo Bosque. No entanto, aquela casa de aparência frágil com telhado de palha, laje e janelas era uma mistura das estéticas das quatro raças, ainda que não fosse uma casa na árvore de sinfo simplesmente porque estava bem firme no chão.

Raazi não conseguia chamá-la de lar, uma vez que só ia para lá no Dia de Louvor — e era uma casa demasiadamente humana, já que kaorshs não gostavam tanto assim de telhados. A fachada era quase toda encoberta por hera, o que ajudava a evitar olhares mal-intencionados, mesmo que a construção estivesse tão solitária na borda do Segundo Bosque, desprovida de uma vizinhança ou mesmo de um assentamento inter-racial formado às pressas.

A kaorsh ouviu o barulho peculiar da fechadura, um clique metálico rápido, mas que, para ela, significava “seja bem-vinda”. Trabalhava muitas horas e muitos dias para ter o direito de escutar aquele ruído. Raazi tinha mais familiaridade com os poucos metros quadrados de sua cela no Tear, mas não podia negar que ansiava pelo aconchego daquelas paredes tão distantes umas das outras, daquele silêncio e da disposição dos poucos móveis e diversos tecidos que enfeitavam a casa.

E a vista das janelas... Bem, para começar, elas não emolduravam uma vista dos telhados e das torres do Miolo. Se Raazi conseguisse enxergar apenas uma poça de lama ao espiar para fora já seria uma vitória, por não ter barras de ferro verticais bloqueando parte de sua visão. Contudo, da cozinha, ela enxergava as árvores do Segundo Bosque, a menos de cinquenta metros dali. E era por aquela janela que, vez ou outra, o som fugaz de flautas e alaúdes dos sinfos escorregavam para dentro da

casa, ligeiros, e terminavam antes que a mente começasse a relaxar ou extrair prazer da sonoridade; afinal, a música para esses dois propósitos era estritamente proibida. Os instrumentos só deveriam ser tocados nas plantações ou durante o trabalho, para que induzissem os *Coleoptaurus* e outros animais de tração a puxarem os ancinhos ou carregarem a carga, os fardos, a lenha ou o que fosse necessário. Porém, instrumentos precisavam ser afinados de vez em quando, e era com essa desculpa que os sinfos se arriscavam a extrair deles sentimentos furtivos. E Raazi ficava agradecida por conseguir roubar aqueles instantes em seus dias de folga. Uma música incompleta nos Campos Exteriores era melhor que nenhuma música no sufoco do Miolo.

A janela do lado do quarto, entretanto, emoldurava uma visão tenebrosa: a região onde havia sido feito o desvio do rio Abissal, arruinando o Primeiro Bosque dos sinfos. Aquilo obrigara os pequeninos nascidos naquelas árvores que agora secavam aos poucos a se acomodarem no Segundo Bosque, o que causou uma superpopulação de sinfos no local e o desequilíbrio do ambiente.

O Primeiro Bosque havia se tornado uma pequena amostra da Degradação, como era chamado o deserto que se estendia para além dos muros de Untherak. As árvores frondosas, que, no passado, tinham sido as incubadoras, os berços e as moradas dos sinfos, tornaram-se grandes estacas ressequidas irrompendo da terra árida.

Raazi gostava de ter duas vistas tão diferentes na mesma casa. Aquilo fazia com que ela se lembrasse da dualidade das coisas, de como, dentro daquele Unificado embrutecido, era possível encontrar algo que desse significado para a sua existência no mundo. E, naquele lugar que ela odiava, a casa era um pequeno lugar para amar. Um último refúgio, um santuário para sentimentos considerados perdidos e desconexos a quem vivesse à sombra da estátua de Una. Para um kaorsh, o *canväs* era o verdadeiro templo e a verdadeira morada da alma. Todavia, ainda que raro, era possível encontrar a salvação fora do próprio corpo.

— Você chegou tarde, e amanhã de manhã já vai ter que estar de volta ao Tear — disse uma voz que não soava nem um pouco aborrecida. Não era uma cobrança, mas uma observação com certo pesar carinhoso.

Ela se aproximava pelo corredor, passos leves, segurando um candeeiro. O fogo da vela mostrava seus contornos em traços âmbar, e Raazi sabia que aquela cor não vinha apenas da luz incidindo na pele de ébano da outra kaorsh; Yanisha dominava a técnica de camuflagem a ponto de emular luz e brilho, e usava seu tom de pele

natural como trampolim para atingir os matizes mais difíceis de alcançar.

— Tive que passar em outro lugar depois do meu “encontro” — disse Raazi, tirando uma garrafa de vinho de amora de dentro do saco de pano maltratado. Houve um tilintar momentâneo de peças de *altin*, *gumus* e *bakir*, que fez com que outro assunto entrasse em pauta na mesma hora: — Ah, sim. Está tudo nos conformes com a Arena. Entraremos juntas.

Yanisha apoiou o candeeiro na mesa e sorriu. Afastou uma das tranças que insistia em cair no rosto e fez um gesto para a garrafa nas mãos de Raazi, que parecia chamar mais a atenção de Yanisha do que todo aquele dinheiro.

— E essa é a nossa comemoração?

— Baeli contrabandeou para mim. Achei que seria justo — falou Raazi, indo até a despensa e trazendo duas taças foscas de latão. Yanisha a acompanhou com os olhos. — Ninguém deveria passar tanto tempo no Miolo num Dia de Louvor.

A rolha de cortiça foi arrancada com um estampido, e as duas taças logo ficaram cheias. Elas olharam para o líquido rubi.

— Ninguém deveria passar tempo algum no Miolo — retrucou Yanisha, agora sim em tom de repreensão, ainda que com um toque carinhoso. — Aquele lugar nem deveria existir.

— É verdade. — Raazi suspirou, seu olhar se perdendo por um momento dentro do líquido. — Assim como ninguém deveria ver o que você viu.

A mente de Yanisha pareceu ser catapultada para o passado. Raazi, no entanto, não queria perder aquele instante em meio a memórias sombrias, então tratou de voltar ao presente, que, mesmo não sendo animador, ainda era a melhor opção.

— Bom, mas foi útil fazer um novo inimigo neste dia que deveria ser de descanso.

Yanisha concordou, sorrindo. O tom âmbar em sua pele ondulou e foi minguando, conforme ela voltava à sua cor natural.

— Exibida — disse Raazi, sorrindo, algo que ela fazia pouco longe de Yanisha.

Ergueu a taça, e a outra imitou o gesto.

— Você também conseguiria, se tentasse.

— É tarde demais para aprender algo novo. Já tenho muitas cores dentro de mim. E as que não aprendi, eu encontro em você.

As duas brindaram. O som de latão contra latão era surdo, não tinha nada de cristalino como o brinde de taças de cristal. Porém, quanto mais arriscado o plano, mais se fazia necessária uma comemoração silenciosa e discreta — ainda que ousada, com uma bebida da cor proibida. No fim das contas, um brinde em taças de

latão não era tão inapropriado assim. O que importava era a essência.

— À morte de Una — disse Raazi.

— E à morte de tudo o que conhecemos — falou Yanisha antes de beberem.

Aquele seria um dos últimos momentos de paz para Raazi e Yanisha, já que sabiam que o fim de Una seria responsabilidade delas — até porque as duas tinham consciência de que ninguém toparia uma missão como aquela, nem mesmo Venoma.

As raras pausas entre um beijo e outro naquela noite seriam os últimos momentos silenciosos que teriam juntas. E nos braços uma da outra encontrariam seu único refúgio em toda Untherak.

Às vezes, a dor é tão intensa que é preciso passar por ela. Ultrapassá-la, de certa forma. Os kaorshs acreditavam que nada que a pessoa tenha sentido antes serve como comparação. O espírito passa a ser uma espécie de espectador do sofrimento e é expulso do corpo, por não aguentar mais um estado de vigília forçado por ferimentos ou fraturas, até que a dor anestesia a si mesma.

Aelian não conseguia diferenciar febre de pesadelos. Também não concordava com a crença dos kaorshs sobre a ligação entre corpo e espírito nem tinha a habilidade daquela raça de se camuflar, extraíndo pigmentos de minérios e outros elementos naturais e mudando a cor da própria pele. A relação dos kaorshs com o *canväs* era algo que os humanos jamais conseguiriam compreender, apesar da semelhança anatômica. Porém, naquela noite, deitado de bruços, o rapaz entendeu o que diziam a respeito do sofrimento que se anula. Ele tinha muita dor, mas pouca mente e pouco corpo para atender a toda a enorme demanda.

Os lençóis estavam molhados de suor, como se Aelian tivesse derretido. O corpo queria sangrar — *precisava*, como era natural. Contudo, a arma batizada lhe havia tirado esse direito, e era como se algo quisesse escapar da prisão de carne e osso, mas não pudesse. O jovem havia atravessado a madrugada se revirando no catre, gemendo, e por várias vezes escutara protestos de alguém nas celas pedindo silêncio. Era provável que fosse uma pessoa nova no Poleiro. Será que já teriam colocado um novo servo na cela de Kivan?

Entre os delírios de febre, acontecimentos reais e as incursões de sua mente em pesadelos cada vez mais perturbadores, Aelian experimentou uma longa colcha de retalhos de lembranças entrecortadas: pessoas que passavam na frente de sua cela, ou lhe lançando xingamentos, ou dizendo, de forma pesarosa, que “esse não dura até amanhã”; Kivan, ensanguentado, culpando-o por sua morte e segurando o flagelo de Sureyya, pronto para a vingança; uma pessoa em sua cela, usando um manto da cor proibida e tocando as feridas enegrecidas nas costas dele enquanto dizia coisas ininteligíveis.

Aelian não sabia no que acreditar, mas, por motivos óbvios, concluiu que o vislumbre de Kivan não podia ser outra coisa além de um pesadelo típico de alguém

com a consciência pesada. A ideia de uma pessoa usando uma capa da cor proibida *dentro de sua cela* soava igualmente tão absurda. Contudo, havia algo de estranho naquela lembrança, já que só de pensar nela, um alívio imediato e inesperado percorria as bordas das suas novas cicatrizes negras. Parecia que alguém havia passado um unguento em seus ferimentos, o que era impossível. E justamente quando começava a contestar as próprias convicções, Aelian decidiu que seria uma boa ideia abrir os olhos...

Então ele se ergueu com um único movimento, alerta, e soltou um grito sufocado, preocupado com o horário.

— Merda!

Sua cela estava aberta, assim como as grades do corredor. Ruídos da miséria diária vinham de todos os lugares. O sol, a julgar pela maneira que incidia através da janela, já estava alto no céu. Nocauteado pela dor e pelo sono acumulado, o recém-nomeado primeiro falcoeiro havia passado do horário de levantar e tentava entender por que não fora acordado com outra sessão de chicotadas.

— Dia de Louvor — murmurou ele, deixando-se desabar de lado no catre para logo em seguida se arrepender, em virtude da dor lancinante. Havia desperdiçado horas do único dia em que não precisava ficar no Poleiro...

Era difícil reunir ânimo ou forças para aproveitar a folga após todos os acontecimentos. Sentia como se estivesse desrespeitando a memória de Kivan. Ele tinha consciência de que, àquela hora, o corpo do homem já teria sido diluído na Mácula, mas gostaria de ter tido a oportunidade de se despedir dele. Gostaria de tê-lo defendido, de ter sido morto em seu lugar — Aelian não sabia se eram os resquícios da febre que motivavam aqueles pensamentos, mas estava plenamente convencido de que a sua morte seria mais *justa* que a de Kivan. Virou-se na cama, tentando ajeitar o corpo para que não ficasse sobre uma das feridas maculadas, e sentiu algo o incomodando na perna da calça.

Era a flauta do sinfo falecido, que ele surrupiara da correspondência no dia anterior.

Pegou-a, atento ao corredor, para que ninguém que passasse tivesse a chance de vislumbrar o objeto. Aquilo o tirou do torpor de culpa e o colocou de novo no modo de sobrevivência, que jamais deveria ser desligado ali, no Miolo. Teria outros pesadelos para amargurar a morte de Kivan. No entanto, naquele momento, era o presente do falecido Jaenni que deveria ser lembrado.

Aelian se agachou com dificuldade ao lado da cama. Colocou a palma da mão

num dos blocos do piso de pedra, uma peça de granito igual às outras. *Será que dá para perceber?*, pensou ele, jurando que Harun tinha encarado aquele ponto específico no dia anterior. Os dedos de Aelian correram pela canaleta ao redor da pedra, que se mexeu num certo ponto, não parecendo mais tão firme no lugar: aquele era seu esconderijo para objetos que poderiam ser confiscados pelos Autoridades ou lhe causar problemas.

Se Harun tem mesmo uma visão excepcional para detalhes e percebeu algo, talvez eu devesse encontrar outro esconderijo, pensou, tendo uma ideia melhor logo em seguida. *Ou posso vender tudo no Mercado e parar de me arriscar com essas coisas tão incriminadoras.*

Aquela era a hora certa para se livrar de objetos e provas de delitos que com certeza lhe renderiam outras chibatadas — ou algo ainda pior. Aquele era seu Dia de Louvor, e ele tinha a chance de ir até os escambos no Mercado Aberto.

Tirou a pedra solta do lugar e enfiou a mão no buraco, sentindo as feridas negras nas costas tensionando conforme os músculos se esticavam sob a pele. Com um gemido, tateou o cabo ornamentado de um punhal kaorsh que ele também conseguira interceptar. Lâmina virgem, sem Mácula — a lei só permitia armas cortantes se fossem batizadas. Além disso, eram de uso exclusivo do alto escalão militar. Porém, tentar impedir que a periferia de Untherak usasse facas, espadas e foices longe dos olhos dos Autoridades era a mesma coisa que tentar impedir que ventasse após a meia-noite.

Aelian pegou o punhal, os oito *bakir* e a meia dúzia de plumas que ele fazia questão de esconder junto com seus tesouros roubados. Pois eram plumas da cor proibida.

Às vezes, penas daquela cor nasciam na cauda de Bicofino. Sempre uma por vez e muito raramente, como um fio de barba branca que teima em nascer sobre uma marca de nascença. Porém, uma simples pluma de tom colorado entre as outras mais escuras seria o suficiente para justificar a execução de um falcão que já era considerado inapto por outros motivos. Aelian vivia investigando a cauda do animal, que grasnava irritado com a insistente inspeção. Contudo, quando havia uma pena rebelde, Bicofino sempre ficava calmo enquanto Aelian a arrancava — algo anormal, pois o ato geralmente enlouquecia a ave.

— Nunca vou entender você, sabia? — dizia Aelian naquelas ocasiões, confuso, então guardava a pena no bolso e depois a escondia sob a pedra solta da cela.

Sempre pensava que era uma grande tolice colecionar as penas defeituosas de

sua mascote, mas a vida no Poleiro era repleta de manias, vícios e costumes bizarros.

— Olha só quem resolveu dormir até mais tarde! — exclamou uma voz atrás de Aelian, que não percebeu ninguém se aproximando do lado de fora da cela.

Fingiu uma tosse debilitada (o que não era difícil, dado seu estado) e dobrou-se sobre os itens incriminadores, escondendo-os na calça, deixando apenas as moedas de fora. Ao menos aquilo não era algo ilegal de ser estocado.

Olhou para trás e viu uma figura alta com vestes escuras e justas. Uma de suas mãos repousava numa clava que pendia do cinto, reforçando a sua posição de Autoridade. A outra segurava uma maçã verde pela metade. Aquele era Niahkon, um kaorsh que de vez em quando acompanhava Harun nas inspeções e que costumava fazer rondas nos pavilhões durante a tarde. Tinha uma fala rápida e uma língua ferina, o que era um tanto incomum para os kaorshs, em geral silenciosos e distantes. O Autoridade mexeu num dos cachos do cabelo com o mindinho, levou a maçã à boca para uma nova mordida, e uma ondulação acinzentada atravessou seu rosto pálido — um tique que ele tinha devido à habilidade de camuflagem.

— Suas costas estão feias. Fiquei sabendo do que aconteceu com você e com o velho Kivan — disse ele, com a voz enrolada e uma careta. Ele não parecia muito triste pelos acontecimentos, mas estava sendo um pouco mais simpático que a média para um Autoridade. Engoliu o pedaço de maçã fazendo um enorme barulho. — Pensei em acordar você durante o toque matinal, mas vi que estava alucinando. Como sabia que hoje era seu Louvor, achei melhor deixá-lo em paz.

— O-obrigado — disse Aelian, surpreendendo-se ao ouvir a própria voz falhando sem necessidade de fingimento. — Já estou me levantando. Quem abriu o sótão do Poleiro? Eu...

Niahkon cuspiu no chão e fez um gesto displicente com a mão da maçã, trocando o peso do corpo de uma perna para a outra.

— Tem dois garotos lá cobrindo a sua folga. Eles trabalhavam num posto avançado de correspondência no Palácio, sabem como é o procedimento com os falcões. Amanhã, escolha um deles para ficar por aqui auxiliando você.

— Certo — murmurou Aelian, temendo pelo tratamento que dariam a Bicofino e querendo que Niahkon fosse embora logo. Aquela cordialidade era tão ameaçadora quanto o temperamento explosivo de Harun. Porém, daquela vez, o rapaz humano não bancaria o destemido com qualquer agente de Una; precisava reconhecer que não era um bom momento para blefes e apostas. — Então... vou indo. Quero beber

um pouco, ver se afogo essa dor.

— Claro. Faz bem. E não se esqueça de apertar bastante esses olhos na hora de louvar Una. Que o cadáver de seu amigo Kivan seja purificado na Mácula.

Aquilo era provocação. Aelian não sabia como era a cerimônia de dissolução de um corpo humano na Mácula, mas era difícil imaginar Kivan como... lama negra. E tudo por culpa sua.

— Não vou esquecer.

Aelian se levantou, cabisbaixo, procurando evitar o olhar do kaorsh e sentindo os objetos proibidos escorregando pelas pernas da calça. Rezava em silêncio para que as faixas nas suas canelas estivessem bem amarradas e não deixassem os objetos caírem no chão.

O Autoridade ficou observando Aelian em silêncio, mastigando a maçã. Quando o rapaz alcançou as escadas, ele o chamou com um assovio.

— Ei, primeiro falcoeiro. Suas calças!

Aelian congelou. Virou-se devagar, pronto para sentir os pregos da clava de Niahkon no meio das costas a qualquer momento. Os objetos arranhavam suas pernas.

Niahkon apertou os olhos, com cara de desagrado, os olhos fixos abaixo da cintura do servo, o canto da boca sujo de polpa de maçã.

— Estão largas demais. Deixam você mais magro do que é. Qualquer dia desses vai ficar com o traseiro de fora. Talvez precise se alimentar melhor, hein.

Aelian assentiu, aliviado, mas ainda assim querendo amaldiçoar o kaorsh por dizer qualquer coisa sobre *alimentação* enquanto comia algo de forma tão displicente.

— Farei isso, Autoridade — respondeu, com um aceno de cabeça.

— Até mais, Oruz! — falou Niahkon, com a boca cheia e o rosto repleto de ondulações de cores. — E melhoras!

A dor causada por uma arma batizada era singular, pois continuava se fazendo presente por dias sem retirar a integridade física mínima necessária para que o castigado continuasse com suas funções a serviço de Una. Uma punição que não prejudica a produtividade é o sonho de um sistema que depende de esforço e de mão de obra barata — e, caso o servo merecesse uma pena mais definitiva, sempre haveria o banho de Mácula.

Aelian se sentia capaz de andar, ainda que com movimentos contidos e tentando suprimir as caretas de dor. Fez seu caminho margeando o rio Abissal, tendo por companhia o cheiro forte das águas escuras e Bicofino, que se juntara ao dono assim que o rapaz botou os pés para fora do Poleiro, sem que fosse necessário qualquer chamado. Iriam até a parte sul do Miolo, na estrutura conhecida como Cofre, ao lado do Canil, para receber os três *gumus* de pagamento pela última semana de trabalho. Com sorte, de lá pegariam carona em alguma diligência até o Mercado Aberto dos Campos Exteriores, na Borda Norte, onde Aelian poderia vender a flauta e a adaga e terminaria o dia tão entorpecido pelo álcool que esqueceria por um momento toda a dor e a culpa que latejavam em seu corpo e sua mente.

O Cofre ficava ao lado do Canil por motivos estratégicos. Afinal, quem faria alguma idiotice envolvendo a apropriação de dinheiro alheio quando os gnolls estavam ali, rosnando no prédio ao lado? O ar vibrava com ganidos, risos espasmódicos e latidos, e os servos que aguardavam na fila para receber o pagamento o faziam com medo — além de terem que aguentar o fedor repugnante que vinha do Canil. Mijo de gnoll fedia tanto que Aelian às vezes imaginava se aquela não seria uma substância mais perigosa que a Mácula.

Porém, com o sol já no meio do céu, o guichê gradeado do Cofre estava livre — todos os servos em seu Dia de Louvor já haviam passado por lá o mais cedo possível para retirar os pagamentos. Era uma burrice não acordar cedo para aproveitar a folga. Aelian sabia disso, e também sabia que não tivera escolha.

— O que você quer? — perguntou o Autoridade no guichê, um homem bruto, moreno e caolho, o hálito cheirando a rum. De fato, ele colocava uma rolha numa garrafa enquanto encarava Aelian com impaciência.

— Meu pagamento semanal — respondeu. — Poleiro, Aelian Oruz. — Sentiu um nó na garganta antes de completar: — Primeiro falcoeiro.

O Autoridade sorriu com tanto escárnio que seu único olho quase rodopiou. Abriu de novo a garrafa de rum, como se, naquele caso específico, fosse aceitável beber em serviço.

— Aaaah, o *novo* primeiro falcoeiro. O Autoridade Harun me notificou! — Ele limpou os beiços com as costas da mão e continuou: — Pois bem, veio tarde demais. Como vê, estou ocupado.

Aelian respirou fundo. Seu corpo todo doeu.

— Com todo o respeito, Autoridade, mas, que eu saiba, o pagamento pode ser retirado até o pôr do sol.

— É, é o que dizem os pergaminhos da legislação de Una — retrucou o caolho, com indiferença. Apontou o gargalo da garrafa para o rosto do servo do lado de fora do guichê e acrescentou: — Eu sei ler, ao contrário de você.

A vontade de Aelian era provar que o homem estava enganado, mas um bom jogador de dados não podia sair revelando as suas maiores qualidades na mesa de apostas.

— Certo. Então...?

— Então o quê? Por que ficou dormindo até tarde e não veio cedo? Agora não tenho *gumus* e *bakir* de trocado. E mesmo se por acaso tivesse, não pagaria agora, pois estou ocupado! — disse ele, balançando a garrafinha de rum.

Aelian olhou para os lados. Observou uma fila de anões carregando toras de madeira a alguns metros dali, mas totalmente alheios ao guichê do Cofre. Aquela janelinha proporcionava apenas uma visão limitada a quem estava do lado de dentro, e, com um Autoridade caolho, a visão poderia ser limitada até demais...

— Ah, T-Tenente Sureyya! — balbuciou Aelian com a voz trêmula, abaixando a cabeça numa mesura exagerada em direção ao grande nada ao lado.

Quase ao mesmo tempo, houve um barulho de garrafa se espatifando no chão e um tilintar de moedas.

— Toma, toma seu dinheiro! — exclamou o caolho, alto demais, fingindo estar em plena atividade e cheio de boa vontade.

Aelian conteve o riso e recolheu os seis *bakir* na mesma hora: o maldito tinha trocados, e o blefe funcionara.

— Obrigado por cumprir seu *dever*, Autoridade — disse ele baixinho, com uma piscadela, antes de dar as costas ao guichê.

O caolho só entendeu que fora ludibriado quando Aelian já estava a dez passos dali, assoviando para que Bicofino descesse do telhado do Canil até seu pulso. Os gnolls latiam ensandecidos nas jaulas.

Você não tem apreço algum à vida, Aelian, pensou consigo mesmo, lembrando que, na noite anterior, havia pagado caro pela insubordinação. Com uma tristeza que sobrepunha o êxito de seu blefe, lembrou que outra pessoa também sofrera por isso. *Você não tem apreço algum à vida de ninguém, Aelian*, corrigiu-se, querendo ir beber nos Campos Exteriores o mais rápido possível.

Conforme planejado, o jovem conseguiu um espaço na traseira de uma carroça vazia

que se dirigia ao Mercado Aberto. A diligência era conduzida por um anão alcoolizado, que conversava com as duas mulas magras à sua frente — talvez a última geração daqueles animais, que a cada dia se tornavam mais raros em Untherak — como se elas fossem um taverneiro.

Se tudo der certo, de noite vou estar tão bêbado quanto ele, no balcão de uma espelunca qualquer, pensou Aelian, enquanto via o imponente Palácio ficando para trás e a carroça atravessava a passagem para fora do Miolo, do lado nordeste da estátua.

A visão do Palácio e da estátua de Una foi parcialmente encoberta pela muralha do Miolo. A Arena de Obsidiana lançava sua sombra imponente no caminho da carroça. Aelian tinha seus problemas com a Arena. Ela o atraía e o repelia ao mesmo tempo — ele odiava o local, mas aquele era o único ponto do Unificado que, de certa forma, o conectava aos pais. O rapaz não tinha uma casa nos Campos Exteriores. Não tinha parentes vivos. Seus pais estavam lá no Palácio, diluídos em Mácula, junto com Kivan e tantos outros. Talvez houvesse alguma parte deles recobrando Sureyya, ou talvez a Mácula erradicasse qualquer resquício de um humano morto, transformando-o apenas em matéria-prima para a Centípede realizar as suas experiências.

Andaimes altíssimos estavam montados por toda aquela lateral da Arena, que era uma espécie de quintal do Palácio do lado de fora do Miolo. Aelian sabia que, desde o Festival da Morte em que o pai havia morrido, o lugar só fora utilizado para os treinos militares do General Proghon.

— Sabe por que estão reformando a Arena? — perguntou Aelian ao anão condutor da carroça, que interrompeu seu discurso para as mulas e deu uma olhadela para os andaimes.

— Não faço a menor ideia. Seria ótimo se os Festivais da Morte voltassem, não é mesmo? Há quanto tempo não tem uma boa diversão aqui em Untherak! — Ele chacoalhou as rédeas, com um suspiro desanimado e um menear de sua grande cabeça cheia de feridas e piolhos. — Antigamente, Una era bem mais propensa a nos entreter... Devemos ter nos comportado muito mal durante esse tempo para não merecermos mais os Festivais. Somos uns pecadores infelizes, exatamente como os nossos antepassados, é o que sempre digo. Mas esses boatos me deixaram animado!

Aelian não entendeu por que o assunto tinha tomado aquela direção nem sabia de que boatos o anão estava falando. Porém, sem poder abrir mão de sua carona ainda tão longe do Mercado, não respondeu e continuou observando a movimentação ao redor da Arena, imaginando se o sujeito atrás das rédeas não fora

um dos que havia vibrado e aplaudido a morte de Aenoch Oruz vinte anos antes.

A carroça entrou sacolejando na feira, deixando para trás o cheiro de alcatrão, fumaça e urina que o Miolo exalava até alcançar o ar um pouco mais limpo (e com menos moscas) dos Campos Exteriores. No meio da rua, um Arauto lia a Gênese de Untherak e a Fúria dos Seis para um grupo vendado e ajoelhado, que assim permaneceria durante as seis horas de escuridão de seu Dia de Louvor. Desviando a carroça da liturgia, o condutor nem percebeu o carona saltar logo no início da rua principal, cheia de tendas e barracas. O movimento brusco de pular de uma carroça em movimento fez as costas de Aelian arderem ainda mais, o que o lembrou de que, se conseguisse vender suas tralhas, poderia comprar um unguento para aliviar a dor — se é que existia algum remédio que curasse ferimentos de armas batizadas.

Começando se irritar com o movimento de pessoas ao redor, Bicofino, que até então aguardava de maneira obediente no ombro direito de Aelian, alçou voo e passou a circular a área, à procura dos roedores que infestavam a carga desprotegida de alguns dos comerciantes. Da mesma forma, seu dono se pôs a esquadrihar o local, procurando barracas de escambo que pudessem pagar um preço razoável pela flauta e pelo punhal — ainda mais que a arma conservava o fulgor de aço virgem, o que deixava óbvio que não tivera origem nas forjas dos Únicos e que, portanto, era uma bela raridade.

Ele foi se embrenhando entre a multidão, sentindo os cheiros variados que se misturavam ao suor do povo sob o sol quente. A voz dramática do Arauto o alcançava — ironicamente, o homem lia a parte em que Una tingia o Sol de preto. Apesar de ser difícil caminhar sem esbarrar em ninguém, Aelian evitava isso ao máximo, já que o roçar da própria camisa causava uma ardência atroz.

Aelian remexia na flauta e no punhal dentro dos bolsos, quando, de repente, levou um tapa nas costas — forte demais mesmo se não tivesse a pele cheia de feridas recém-abertas. O rapaz olhou para trás, com uma careta, e foi derrubado antes que pudesse entender o que estava acontecendo.

Dois homens o imobilizavam, forçando seu rosto no chão de terra batida, enquanto a multidão abria espaço às pressas para que a briga se desenrolasse e todos pudessem ter um espetáculo gratuito num lugar onde tudo era tão caro. O anão da carroça estava perdendo seu tipo de entretenimento favorito.

— Olá, Sr. Oruz! — disse um sujeito com um dado de doze faces tatuado na bochecha.

Seu hálito lembrava o cheiro de carvão dos viciados, e Aelian o reconheceu

mesmo sem enxergá-lo.

— Oi, Barn — disse ele, gemendo e engasgando com a poeira que havia entrado nas suas narinas. Depois, quase ganindo, Aelian se dirigiu ao outro homem, que segurava suas pernas com as mãos ossudas. — E oi para você também, Canivete.

Canivete, um homem baixinho, resmungou algo e sentou-se sobre as panturrilhas de Aelian. Barn, bem maior que o amigo, agarrou o cabelo comprido do falcoeiro e se aproximou de seu rosto, para o azar do pobre olfato do rapaz.

— Então você se acha esperto por dizer que vai dar uma mijada e fugir da mesa de apostas sem pagar o que me deve?

— Precisei sair correndo ontem, mas vou pagar você — disse Aelian, tossindo mais um pouco. — Perdi a hora, e eu tinha que voltar para o Poleiro antes que percebessem que eu não estava lá! Pensei que vocês entenderiam.

Barn deu uma risada forçada, olhando para Canivete, que o acompanhou com uma versão asmática.

— Bom, estamos nos entendendo, não? Dois *altin*. Agora!

— Vim aqui para vender algumas coisas e pagar a vocês... se me deixarem levantar...

— Ah, quer dizer que ontem não tinha a grana? — gritou Barn, enquanto várias pessoas se juntavam ao redor da alteração. — Assim, as coisas mudam de figura, rapaz! Acha que está lidando com os jogadores falidos do Poço, Oruz?

— Pense bem antes de tramar contra o Pâncreas de Grifo, caloteiro! — bradou Canivete, com uma voz tão aguda que Aelian quase riu, mesmo em meio à dor.

— Por favor, vocês não são o Pâncreas... Aquela é a minha espelunca preferida nessa gosma de lugar, Canivete — protestou Aelian, falando entre os dentes.

E era verdade: localizado na região dos Assentamentos, onde indivíduos de todas as raças dividiam barracos e moradias num impressionante caos organizado, a taverna era uma espécie de paraíso para quem procurava por bebidas baratas e de gosto duvidoso mas muito eficazes para acabar com a sobriedade. Além do mais, o local era administrado por uma das únicas pessoas que Aelian poderia chamar de *amigo*.

— Se me deixarem respirar por um momento, eu explico.

— Primeiro a grana! — guinchou Canivete.

— Eu não tenho dois *altin* aqui, preciso ir no escambo! Podem ir comigo, se quiserem.

— Você daria um jeito de fugir de novo, sabemos muito bem! — falou Barn. — Já

notamos que gosta de pular de telhado em telhado que nem pulga num bando de gnolls! Vamos é revirar seus bolsos... Canivete!

— É pra já!

Para a sorte da dupla e azar de Aelian, o baixinho enfiou a mão bem no bolso onde estavam todas as suas economias, junto com a flauta de Jaenni.

— Olhe só, Barn! — disse Canivete, feliz com o tilintar das moedas triangulares e ignorando a flauta. — O safado estava com quase todo o dinheiro no bolso!

— Ainda faltam dois *bakir* — falou Barn, irredutível, mas afrouxando o aperto em Aelian, que estava torcendo para eles se contentarem com aquilo e não encontrarem o punhal. — A flauta vale alguma coisa?

Canivete a soprou várias vezes sem produzir som algum. Por fim, deu de ombros, fazendo uma cara patética para Barn.

— Deve estar quebrada!

— Você é muito burro, me dá isso aqui! — gritou o grandalhão, saindo de cima de Aelian e tomando o instrumento da mão do comparsa. Também soprou, e o único som que a flauta fez foi o de alguém soprando num canudo: ar saindo, melodia zero.

— Quem é o burro agora, hein?

— Cale a boca, Canivete! — mandou Barn, voltando a soprar a flauta, agora com mais força.

Aelian se levantou, dolorido, enquanto os dois estavam entretidos.

— Bom, acho que um *altin* e seis e uma flauta resolvem tudo, não é? Vocês deveriam até me dar um troco... — disse Aelian, como quem não quer nada.

— Não! — exclamou Barn, abandonando a tentativa de produzir alguma música com o instrumento. Com o esforço de soprar e a fúria somados, o rosto de Barn estava da cor proibida. Ele arremessou a flauta aos pés de Aelian. — Um brinquedo de sinfo quebrado não vale nem um *bakir* rachado ao meio! Você ainda está nos devendo!

O falcoeiro balançou a cabeça, olhando para a multidão ao redor. Alguns começavam a incentivar uma luta. Barn e Canivete pareciam bastante propensos a atender aos pedidos.

— Olha, levem a grana. Hoje à noite passo no Pâncreas, pago o que devo e ainda um caneco de cerveja de trigo — falou Aelian com um sorriso dolorido à dupla. — Um caneco para cada um, é claro.

Canivete olhou para Barn, que fez um enfático “não” com a cabeça. Aquela devia ser a palavra preferida dele.

— Quem sabe podemos até jogar mais um pouco? — insistiu Aelian, vendo a resistência da dupla. — Prometo que não vou fugir hoje, só volto para o trabalho amanhã de manhã.

— Eu quero esse totem aí no seu pescoço! — disse Barn, apontando para o pingente de quartzo verde no cordão de Aelian.

Poucas pessoas usavam dados de oito lados no jogo, pois era mais difícil atingir a meta de pontuação mínima com um daqueles. Aelian tentou usar essa desculpa para persuadi-lo a desistir da ideia.

— Ele tem oito lados, as chances de tirar um são bem menores do que com um dado de seis. Seria um mau negócio para você.

— Foda-se o jogo, é de quartzo verde! — disse Barn, os olhos brilhando e o rosto se abrindo num sorriso ressecado cheio de espasmos. — Dá para comprar muito carvão com uma coisa dessas!

Aelian apertou os lábios e agarrou o dado.

— Isso não é quartzo verde. Na verdade é, hum... são fezes de arbopardo vitrificadas.

— Minhas tripas que é! — gritou Barn. — Merda de arbopardo é completamente diferente!

Canivete franziu a sobancelha para o comparsa.

— É?

— Claro que sim! — respondeu o homem maior, exultante e orgulhoso de seu conhecimento. — Eu até já comi!

Houve um breve momento de trégua enquanto Canivete e Aelian trocaram olhares enojados. O baixinho balançou a cabeça e estendeu a mão para o falcoeiro, impaciente.

— A palavra dele é suficiente. Vai, passa o dado.

Aquilo estava fora de questão. Tirar o trunfo de um jogador de dados experiente era humilhante demais — ainda mais para trocá-lo por carvão, que era o que aqueles dois iriam fazer. Aelian conhecia o peso daquele totem, sabia até prever como ele rolaria dependendo do lance. Ele era familiar ao toque, sua forma encaixava com perfeição entre os dedos indicador e médio.

Por um instante, o punhal em seu bolso se tornou mais pesado. Uma das mãos de Aelian continuou protegendo o dado, enquanto a outra segurava o cabo da arma. *Talvez a plateia ganhe mesmo um espetáculo*, pensou, odiando-se por considerar aquilo. Se tivesse que ferir alguém, gostaria que fosse Sureyya, não dois viciados falidos.

— Acho que não. Minha proposta amigável ainda está de pé. Hoje à noite. Mas meu totem fica aqui, comigo.

Barn piscou um olho de cada vez, sequelado e furioso. Canivete sacou do bolso a arma batizada que lhe rendera aquele apelido; uma ferramenta inventada pelos anões, mas que, afinal de contas, fazia o mesmo serviço de qualquer adaga ou faca.

Mesmo separados por cerca de três passos, o cheiro de carvão e suor alcançava Aelian, que notou algumas pessoas ao redor fazendo apostas sobre quem sairia vivo da briga — e, como esperava, ninguém parecia estar dando um voto de confiança para ele.

Ouviu-se um grito distante, e todos se viraram, inclusive Barn e Canivete. Aquele seria um ótimo momento para Aelian sair dali em disparada sem um novo ferimento em sua coleção. No entanto, ele olhou estupidamente para a multidão que abria caminho às pressas, enquanto os estampidos se tornavam cada vez mais altos, como algo pesado se aproximando a galope.

— Saiam da frente! — gritou um feirante, arrastando sua barraca de penhores para trás, enquanto a anã comerciante ao seu lado puxava barris para fora do alvoroçado caminho de terra batida.

Os estampidos aumentaram, e Aelian viu fugir a dupla que apenas segundos antes o ameaçava.

Outra pessoa berrou algo que o rapaz não entendeu direito, e muitos na multidão ecoaram a mesma palavra ininteligível. Uma grande nuvem de poeira surgiu do meio da feira e algo do tamanho de um boi se precipitou para cima do falcoeiro, rápido demais, atingindo-o de lado e atirando-o sobre uma barraca de frutas, que cedeu com o impacto.

Tentando aguentar a nova explosão de dor que sentia e vendo o animal pateando o chão à frente, Aelian ergueu a cabeça e entendeu o que as pessoas estavam gritando:

Betouro.

Com frequência, os sinfos trabalhavam no transporte de cargas pesadas a serviço do Palácio. É claro que isso não ocorria devido aos seus portes físicos diminutos — esse era, afinal, o dom dos gigantes, porém havia poucos gigantes em Untherak, e eram outra raça quase extinta. Se existiam dez, era muito. De nome, Aelian só conhecia o guardião do Portão Nordeste, um gigante bicéfalo chamado Grork.

Podendo atingir até oito metros de altura, os gigantes haviam sido essenciais na construção das muralhas. Após a Fúria dos Seis, eles se tornaram leais até o ponto que seus intelectos pouco desenvolvidos permitiam — um antigo documento dizia que o cérebro de um gigante era do tamanho de um limão e que ficava localizado num calombo na parte de trás do crânio. Os últimos da espécie trabalhavam nos portões do Unificado e eram convocados para o transporte de materiais de escala monumental.

Porém, o tráfego de carga comum, cereais, lenha e pedras era quase todo feito por carroças e vagões conduzidos por sinfos, que encantavam animais de tração com seus instrumentos. Bois e mulas eram a preferência dos humanos nessas atividades — kaorshs não eram habituados a montarias ou domesticação de animais, e anões pouco ortodoxos em relação aos velhos métodos preferiam as mulas —, mas os sinfos eram muito ligados à fauna do pântano original e das florestas que haviam cedido sob a pedra em que Untherak fora erguida.

Assim como o lugar estava no limite da Degradação com os Grandes Pântanos, os animais dos charcos e atoleiros pareciam ser uma espécie de intersecção evolutiva entre insetos, mamíferos e outros vertebrados — uma herança das pragas que assolaram o período anterior ao surgimento de Una. Era como se os deuses tivessem decidido na sorte a aparência das criaturas. Pássaros com ferrões, tatus com pinças e até ruminantes com carapaças duras como a de besouros — esses eram os *Coleoptaurus*, mais conhecidos como betouros.

Com milhares de subespécies, os betouros eram as criaturas com que os sinfos mais tinham afinidade, sendo que um betouro e um sinfo muitas vezes desenvolviam uma espécie de relação simbiótica, em que um cumpria tarefas como a coleta de frutos em árvores altas e o outro emprestava sua força para a tração de carga ou transporte. A música dos sinfos sempre fora usada como uma forma de cântico para a domesticação de animais diferentes, mas Una recomendava que apenas as melodias que melhorassem o desempenho dos bichos fossem tocadas, pois as outras músicas tinham certa cadência e repetição semelhantes ao instrumental de louvores — e se uma arte não fosse direcionada à soberana, então era nociva a Untherak.

Aelian nunca tinha chegado perto de um betouro, mas acabara de sofrer a investida de um deles como batismo de fogo. Eles costumavam ficar apenas nas áreas dos campos, eram arrebanhados próximo ao Segundo Bosque, e raramente eram vistos no meio do Mercado. Betouros em geral compartilhavam do

temperamento bovino, mas podiam se irritar com o barulho e a agitação das multidões.

Sem entender por que o animal o atacara e notando que o betouro continuava extremamente irritado e pronto para uma próxima investida, Aelian sacou o punhal, enquanto analisava a carapaça negra de reflexo azulado.

— Não sei o que eu fiz, mas é melhor se afastar — disse, levantando-se com cuidado e ignorando os protestos do dono da barraca de frutas.

Manteve os olhos nas patas irrequietas da criatura, atento. Deu alguns golpes no ar com o punhal para ver se espantava o bicho, mas o movimento brusco causou um zumbido de irritação que parecia vir de asas nas costas da carapaça. Aelian se assustou com o ruído ameaçador.

— Caramba, você voa?

Nem a criatura nem Aelian voaram — mas o animal parecia prestes a fazer isso, pois avançou em alta velocidade, pisoteando frutas ruidosamente, e o falcoeiro desviou do ataque, preparando-se para revidar se fosse necessário, o punhal em riste.

— Eeeeeeeei! Pode ir parando com isso! — gritou uma voz esganiçada e irritada, típica de um sinfo.

De fato, um baixinho com cabelo cor de palha avançava depressa na direção da confusão, e Aelian presumiu que fosse o dono do animal, chegando para colocar disciplina na criatura.

Porém, o sinfo, que batia na cintura do homem, não foi até o betouro, mas até o humano — e desferiu um tapa tão forte na mão de Aelian que o fez derrubar o punhal.

— Mas que gosma! — exclamou Aelian, muito indignado, os olhos arregalados.

— Eu é que digo! Você não vai machucar o Thrul!

— Quem? — perguntou Aelian, perdido, um olho no animal e outro no sinfo, que parecia esquadriñar o homem com muito cuidado, à procura de algo. — O besourão?

— Thrul, o betouro! — corrigiu o pequeno, impaciente. — E abaixe essa faca! Cadê a flauta que você tocou?

— Do que você está... — começou Aelian, mas se interrompeu ao se lembrar de que havia uma flauta em jogo, naquele momento esquecida em algum lugar do chão. — Eu não toquei coisa nenhuma, foram dois sujeitos que saíram correndo.

— Cadê ela? — insistiu o sinfo, sem paciência, levando a mão às costas e tirando

de lá uma espécie de alaúde de braço mais curto que o normal. Havia uma correia cruzada no peito do “garoto”, e ele puxou o instrumento para a frente com habilidade, enquanto se aproximava de Thrul. — Responda! Cadê a flauta?

— Calma, moleque!

— Eu não sou moleque, seu tapado!

— Tá, tá... Só peça para esse bicho se afastar, senão ele vai me atacar de novo!

O sinfo girou nos calcanhares e ficou diante de Thrul, encarando seus grandes olhos aquosos. Dedilhou duas notas rápidas no alaúde e depois as repetiu. O *Coleoptaurus* parou de patear o chão prontamente, como se estivesse prestando atenção na música e perdido a vontade de atacar o humano.

— Bom garoto, Thrul! Bom garoto — disse o sinfo, a voz afinada no tom das notas cristalinas do instrumento. Até Aelian achava difícil parar de prestar atenção na cena. — Isso, está tudo bem! Aquela coisa feia e desengonçada não vai fazer mal a você, prometo!

— Ei!

O sinfo olhou para trás, irritado, sem parar de dedilhar as cordas.

— A flauta! Cadê?

Guardando o punhal e xingando a si mesmo por estar obedecendo a alguém tão pequeno e petulante, Aelian saiu observando o chão ao redor, enquanto feirantes e comerciantes retornavam devagar aos seus lugares de sempre e o movimento da rua se normalizava. O falcoeiro encontrou a flauta coberta de terra a poucos passos de onde estava.

— Achei! — disse Aelian, aproximando-se do pequeno, mas ainda assim ressabiado com a presença da criatura, por mais que ela estivesse atenta ao som do alaúde. — Mas não cheguei a tocar nenhuma...

— Me dá isso aqui! — falou o sinfo, deixando o alaúde pender na correia ao lado do corpo e tentando arrancar a flauta da mão de Aelian, que foi mais rápido e a tirou do alcance do outro. — Me dá logo!

— Ela é minha! — protestou Aelian, com um riso exasperado.

— Ah, mas não é mesmo — retrucou o sinfo, cruzando os braços e encarando o instrumento na mão do humano. Na mesma hora, o betouro voltou a patear o chão, em harmonia com o parceiro. — Posso até dizer de quem você a roubou: de Jaenni, que trabalha no Poleiro.

— Não roubei nada — defendeu-se Aelian. Era uma meia verdade. Ele não a havia tomado de Jaenni de forma direta. Nervoso, segurou a flauta ainda mais próximo do

peito. — E Jaenni está morto!

O sinfo deu um passo para trás, e suas feições petulantes desmoronaram como se seu rosto tivesse sido atingido por uma força invisível.

— Morto?...

Aelian imediatamente se arrependeu de ter dado a notícia ao pequeno daquela maneira. Depois de tanto sofrimento e tantas perdas, seus pais com certeza esperariam que ele fosse mais sensível com assuntos de vida e morte. Infelizmente, aquele era o descaso que a servidão forjava nos habitantes de Untherak.

— Olha, me desculpe...

— Quando foi?

— Não sei bem. Há algumas semanas. Um duto cedeu e... — Aelian esfregou os braços, arrepiado. Sentia claustrofobia só de imaginar a situação. — A flauta chegou para Jaenni, mas eu sabia que ele não estava mais no Poleiro. Preferi me apossar dela a deixar nas mãos dos Autoridades.

O sinfo o encarava, olhando para cima, mas não parecia com raiva. Seus olhos, Aelian reparou, eram de cores diferentes: um, violeta, e o outro, azul. Aquilo o inquietava, assim como seus traços faciais, que eram os de uma criança andrógina. Os sinfos eram assexuados e hermafroditas. Sua reprodução envolvia árvores e um processo de difícil assimilação — pelo menos para humanos e anões, pois os kaorshs eram mais empáticos com o modo de vida dos sinfos.

Alguns sinfos se identificavam mais com um comportamento masculino ou feminino, mas, a grande maioria estava em algum ponto entre os dois gêneros — ou além deles. O dono do betouro lembrava mais um menino no que se referia à voz, mas tinha traços femininos como cílios longos e um queixo fino e delicado. Porém, não parecia nem um pouco preocupado em parecer uma coisa ou outra. Quando o sexo não é uma prioridade na vida, muitas convenções sociais perdem a relevância.

— Bem que estranhamos quando não o vimos no Segundo Bosque durante os últimos Dias de Louvor — disse, baixando a cabeça e deixando de sustentar o olhar de Aelian. Acariciou a carapaça do betouro, melancólico, e continuou: — Thrul atacou você porque ouviu a flauta de Jaenni e saiu em disparada.

— Mas eu não toquei a flauta, foi Barn. E ela nem chegou a fazer barulho algum...

— A frequência da flauta não atinge ouvidos humanos, anões nem kaorshs — explicou o pequeno, coçando o nariz arrebitado. — Na verdade, mesmo para os sinfos ela quase passa despercebida... Mas os animais a escutam, e, dependendo do jeito que ela é tocada, os ouvidos deles doem.

Aelian olhou para o instrumento em sua mão. Já ouvira falar em apitos e clarinetes maculados feitos pelos sinfos que eram utilizados para incitar a violência e a raiva nos gnolls ou até mesmo para silenciar seus latidos, dependendo da intensidade com que fossem tocados.

— Eu ia tentar vendê-la — disse o rapaz por fim, estendendo a flauta para o sinfo.
— Mas acho que não posso mais fazer isso.

O pequeno o olhou com surpresa, como se não esperasse aquele tipo de atitude de um humano. Aelian chacoalhou a flauta, impaciente.

— Se me deixar pensar demais, vou mudar de ideia.

As feições do sinfo se suavizaram e ele gargalhou, como uma criança sentindo cócegas. Aelian quase o acompanhou, mas, naquele momento, até rir era doloroso.

— Meu nome é Ziggy — disse o pequeno, pegando a flauta com a mão esquerda e colocando a direita, pequena e leve, dentro da mão calejada e ossuda de Aelian. — E você já conhece o Thrul. Ele pediria desculpas se pudesse falar.

— Seria ótimo — disse Aelian, já imaginando o que faria para quitar a dívida com Barn e Canivete.

Naquele momento, Bicofino passou sobrevoando o local com um grasnar irritado.

— Um falcão! — gritou Ziggy, apontando para o céu, empolgado, como se não os visse todo dia. — É tão difícil que eles se aproximem de multidões!

— Ah, é o Bicofino — disse Aelian, erguendo o braço para que a ave viesse ao seu encontro, o que logo aconteceu. — Se ele pudesse falar, perguntaria: “O que você está fazendo aí com um sinfo e um betourão?”

Bicofino fechou as garras ao redor do pulso do dono, e ficou com as asas abertas por um instante, exibindo-se. Ele sabia que tinha plateia. Ziggy se aproximou da ave, maravilhado, a mão estendida para tocá-lo.

— Cuidado que ele bica... Ei!

Na verdade, o falcão parecia estar aproveitando o carinho nas penas.

— Ele é incrível!

— Ele é um traidor, isso sim — resmungou Aelian, com uma pontada de ciúme. Ziggy ignorou o comentário, tocando o ameaçador bico do falcão sem o menor receio.

— E ele veio até você de boa vontade!

— É, acho que sim... Mas não é sempre que ele se comporta como um patinho carente.

Ziggy riu de novo, em seguida olhou para cima, a cabeça inclinada e os olhos díspares brilhando. *Ele parece um sujeitinho que se contenta com pouco*, Aelian pensou, sentindo simpatia pelo sinfo.

— Ei, você! — gritou um homem com a voz rouca. Era um Único, acompanhado de outros dois soldados com gibão e armadura leve, apontando para Ziggy com uma maça enquanto mancava na direção dele, truculento, o escudo balançando no outro braço. — Você mesmo, pirralho! O que essa sua besta está fazendo aqui, tão longe da colheita?

— Meu betouro desembestou para cá e o meu amigo aqui me ajudou a capturá-lo, seu guarda — respondeu Ziggy, falando alto e fazendo um aceno displicente, sem um pinga de temor na voz ou no rosto. — Já estou voltando.

— É bom mesmo, antes que eu mande matar essa deformidade do pântano! — disse o guarda, claramente preocupado em manter uma boa distância entre ele e Thrul. — E não quero saber dele cagando pelo caminho! Se vir uma sujeira que seja, levo você para a Mácula!

— Claro, seu guarda. Pode deixar — respondeu o sinfo, indiferente, virando as costas para os homens e sussurrando para Aelian sem que eles pudessem ler seus lábios. — Thrul só come flor, fruta e mato. A bosta dele fede menos que o uniforme dos cachorros de Una...

Então, Ziggy subiu nas costas de Thrul com um salto ágil. Emparelhado com Aelian, sorriu para ele.

— Você é um humano bom. Nenhum animal se conecta a alguém com más intenções.

Um elogio? Aelian não soube como reagir. Quem fazia elogios a um estranho em Untherak?

— Hã... obrigado?

— Ei, cabeludo! Chega de papo! Você tem autorização para andar com esse pássaro por aí? — gritou o guarda.

Aelian revirou os olhos, contagiado pela rebeldia do sinfo. Respondeu sério e respeitoso:

— É o meu jantar, seu guarda. Já estou tomando o meu rumo.

Ziggy, como se estivesse protegido por uma aura de inocência, não disfarçou o riso e apontou para o “jantar” de Aelian.

— Sei que o falcão se chama Bicofino, mas não sei seu nome!

— É Aelian.

— Aelian — repetiu o sinfo, levantando a flauta de Jaenni. — Muito obrigado por isso. Por se importar.

O falcoeiro ficou em silêncio, sentindo o aperto familiar das garras da ave no protetor do pulso. Thrul se afastou a passos pesados pela rua central do Mercado, mas Ziggy continuava sorrindo para o rapaz, contente. Fez um aceno antes de voltar a atenção para o caminho à frente e gritar, sem ligar para o que os guardas e os outros ao redor pudessem pensar:

— Lembre-se: você não é tão mau quanto parece, Aelian. Ninguém é! Você é um humano bom. E tchau, Bicofino!

Aelian franziu as sobrancelhas. Era difícil acreditar naquela história de “ninguém é tão mau quanto parece”, ainda mais considerando seus últimos encontros com Sureyya e Harun, lembrando-se de Kivan, assassinado por causa do seu vício em dados, e toda a atmosfera corrupta de Untherak, dos viciados em carvão aos Autoridades cruéis e truculentos. Como se ouvisse seus pensamentos, o guarda gritou um “Circulando, cabeludo!”, ao que Aelian respondeu com um aceno de cabeça e se pôs em movimento. Não tinha a mesma sorte ou displicência protetora que Ziggy emanava, que lhe permitia ser omissos com Autoridades sem sofrer consequências.

Enquanto caminhava, observava Ziggy e Thrul sumindo aos poucos no meio do fluxo já normalizado da multidão do Mercado. Mal percebia que, pela primeira vez desde a noite anterior, havia *esquecido* de sentir as dores da culpa e dos ferimentos.

Só quando seu estômago roncou é que lembrou que precisava urgentemente de dinheiro.

Mesmo quando se vive preso, nem todos os sonhos são de liberdade.

Em vez de reviver as horas de alegria ao lado de Yanisha ou de aproveitar um revigorante sono profundo, Raazi estava no topo de uma das torres do Tear, para onde teria que voltar quando acordasse.

De pé perto do beiral, as mãos estavam ocupadas com o trançar dos tecidos. Centenas de kaorshs faziam o mesmo trabalho, de cabeça baixa, observados pela estátua de Una.

Raazi virou-se para a beirada, dando as costas aos servos concentrados nas suas funções. Abaixo, grandes faixas de tecido negro balançavam ao vento, da altura da imensa edificação, secando ao sol. Era como um enorme varal de echarpes para gigantes, Raazi pensava, imaginando os seres titânicos desobedecendo à ordem dos Seis Deuses e tentando tomar as cavernas dos anões para si, conforme diziam os relatos da Gênese de Untherak. Echarpes para gigantes eram um pensamento tão infantil quanto a crença nos tais deuses e naquele mito de salvação e ascensão de Untherak. Mesmo não sabendo sequer um pouco do que Yanisha e Raazi compreendiam sobre Una, os outros kaorshs já tinham a tendência a não dançarem a música que a deusa os obrigava a escutar — tanto no sentido figurado quanto no literal —, já que não existiam canções para servos.

Era muito tecido para atender ao desejo de uma única soberana. Raazi concluía aquilo no sonho e também quando despertava. Quilômetros de tecido eram pendurados do lado de fora do Tear todos os dias. Não havia um lugar grande o suficiente para estocar a produção, tampouco a demanda. Ela imaginava se o trabalho era apenas para manter os kaorshs sob servidão e se os tecidos, no fim das contas, eram queimados nas fornalhas da Bigorna. Afinal, servos, semilivres e maculados não vagavam por aí usando seda.

A estátua de Una a observava, como se repreendesse aqueles questionamentos indignos. E parecia maior que o normal naquele instante.

Raazi estava consciente em seu sonho. Tinha sonhos lúcidos quase todas as noites. O *canväs* descansava, mas a mente continuava trabalhando, ainda mais afiada que quando em vigília. Mesmo assim, porém, viu-se preocupada com as

nuvens tempestuosas que encobriram o sol de um segundo para o outro.

— É só um sonho — disse a si mesma.

Um relâmpago pulverizou um dos grandes feixes de tecido próximo, iniciando um incêndio na mesma hora, numa velocidade que apenas a mente conseguiria produzir. Raazi segurou contra o peito a seda que havia trançado, apertando-a.

Outro clarão, e a estátua de Una estava quase sobre o Tear, o queixo acima de Raazi. *Estátuas não se mexem*, pensou, com menos certeza a cada instante, pois o colosso parecia se curvar mais e mais sobre ela. Os muitos olhos dourados refletiam o tom proibido do incêndio. Trabalhadores em chamas se jogavam das alturas. Una a estava condenando por aquilo. Julgando-a.

De um segundo para o outro, um sorriso surgiu em cada boca da estátua — e aquilo era pior que a visão de kaorshs caindo como flechas incineradoras. As caretas de escárnio diziam “a culpa é sua”, mesmo que os lábios esculpidos não se movessem.

E a estátua crescia, crescia...

— Não acredito em você — disse Raazi, largando o tecido à frente do corpo e deixando-o cair.

Ele foi se desenrolando, muito maior do que era enquanto estava em seus braços, percorrendo o espaço entre o Tear e a estátua de Una.

E era da cor mais odiada pela soberana.

O fogo consumia o centro de Untherak. A estátua ainda sorria, como se aquilo fosse pouco para destruí-la. O tecido caía e caía, e talvez nunca terminasse de se desenrolar. O monumento continuava crescendo, assim como o Tear.

Raazi deu um passo na direção do vazio. Abriu os braços, a única kaorsh que cairia intocada pelas chamas — mas não caiu. Aquela não era a realidade, e a mulher ascendeu aos céus, na direção das nuvens negras, acima de Una, do Tear e de tudo o mais. O Miolo era pequeno. O Unificado era apenas uma maquete detalhada, como as que os anões construíam para os filhos.

Olhando para baixo, Raazi via o tecido da cor proibida ainda se desenrolando, enfunando-se e retorcendo-se ao vento, como uma grande ferida aberta em Untherak.



O despertar foi tranquilo, sem o sobressalto que acompanhava o emergir de um pesadelo. Yanisha nem sequer se mexeu em seus braços, ressonando baixinho. Uma

das tranças dela caía no rosto de Raazi, e tinha o habitual cheiro adocicado que lembrava dias de folga e de descanso restaurador.

O vento uivava entre as árvores do Segundo Bosque. A chama da vela próxima à cama havia se extinguido no início da madrugada, e o quarto estava imerso na escuridão — o que não era exatamente um problema para kaorshs, já que eles enxergavam no meio do negrume tons indetectáveis por outras raças. Ainda assim, Raazi esperou a vista se acostumar com a falta de luz, levantou-se com cuidado para não despertar a esposa e olhou a posição das estrelas por entre as ripas da janela: tinha duas horas até o momento de partir para se apresentar para a contagem em sua cela do Tear. A vontade era de acordar Yanisha para que desfrutassem juntas o pouco tempo que ainda tinham, mas se sentiu culpada por atrapalhar o sono de sua amada.

Sentou-se na beirada do colchão, vendo a silhueta de Yanisha e admirando sua pele negra contra o fundo de sombras. Vê-la naquela tranquilidade a ajudava a acreditar no sucesso da missão, por mais que isso implicasse o fim de seus *canväs*. *Existem outros mundos tão reais quanto este, onde nossas almas não precisam de invólucros*, pensou ela, permitindo-se um pouco de confiança e um pouco da crença de sua espécie. Ainda assim, de vez em quando pensava que sentiria falta de um *canväs* — não o próprio, mas o de Yanisha. Sorriu no escuro com a dualidade de seu pensamento, com a manifestação daquele desejo tão materialista e tão pouco kaorsh. *Sempre a dualidade*, refletiu, bocejando em seguida, mas nem sequer considerando voltar a dormir.

Foi quando um conhecido ruído metálico despertou cada centímetro de seu corpo.

A fechadura.

O som que normalmente lhe dava as boas-vindas ganhou outro significado.

— Yan! — sussurrou no ouvido da amada.

— Hummm... — ronronou ela, em resposta.

— Alguém está tentando entrar aqui em casa.

A outra kaorsh ergueu-se na hora, sentando-se ereta na cama como se não estivesse dormindo segundos antes. As duas aguçaram os ouvidos, cem por cento alertas.

E ouviram outro clique na fechadura.

Era a confirmação das suspeitas de Raazi. Em silêncio, Yanisha escorregou para o chão como um felino, buscando algo sob o colchão. Raazi foi na ponta dos pés até o

único armário do cômodo e bateu o vão entre o móvel rústico e a parede. Agarrou a lança que ficava escondida ali e se posicionou num lado do portal do quarto, enquanto Yanisha fazia o mesmo do outro, com três facas de arremesso em cada mão — facas sem cabo, presas entre os dedos com linhas que ficavam ocultas na cor da pele. Fez um aceno curto de cabeça e murmurou:

— Você está visível demais.

Raazi nivelou o tom da pele, igualando-se o máximo possível às sombras, enquanto Yanisha fazia o mesmo — não sabiam quem estava invadindo a casa nem quantos eram. Assim, toda vantagem seria necessária até que a situação ficasse clara.

Houve um clique diferente. O invasor havia enfim arrombado a fechadura e parecia tentar abrir a porta milímetro por milímetro, como se aquilo fosse evitar o rangido das dobradiças. Raazi e Yanisha se encolheram ainda mais ao repararem que uma luz azulada crepitante chegava de fora, iluminando o ambiente no momento em que a porta se escancarou, deixando uma lufada de ar frio dançar para dentro da casa. Se não tivessem acordado com o barulho da fechadura, as kaorshs com certeza despertariam naquele momento. O invasor era bom com trincos, mas péssimo estrategista.

A primeira surpresa veio quando um grupo de homens se espremeu pela porta. Seus passos eram pesados, e, por mais que tentassem fazer silêncio, era nítido o som de corpos grandes demais tentando ser discretos.

Raazi espiou com cuidado e voltou à posição segura. Levantou a mão livre espalmada para Yanisha. *Cinco*. Cinco invasores, encapotados e com rostos cobertos por máscaras e lenços. Dois deles brandiam espadas de aço virgem, outros dois pareciam estar com as mãos livres, mas tinham bainhas nos cintos, e o líder do bando brandia um machado de lenha. A crepitante luz azulada do lado de fora continuou, o que significava que receberiam reforços a qualquer instante.

Raazi e Yanisha respiraram fundo. Contaram três batidas do coração, o ritmo cardíaco das duas quase na mesma frequência: baixa e tranquila.

Então, tudo começou.

As duas espadas caíram com um estrépito, e os dois homens levaram as mãos à garganta ao mesmo tempo, fazendo ruídos gorgolejantes. Os dois que tinham as armas embainhadas demoraram a entender o que havia acontecido, até que o sujeito com o machado assumiu posição de combate, olhando para todos os lados no ambiente hostil e escuro.

— Elas estão acordadas! Elas est...

O alerta foi interrompido sem que ele sequer percebesse de onde partira o ataque. Enxergou apenas Raazi se materializando à sua frente, bem quando a haste da lança já se encontrava uns vinte centímetros dentro de seu peito. Não teve forças para continuar segurando o machado e caiu de joelhos, quando Yanisha aproveitou para saltá-lo e alcançar sua terceira vítima em menos de dez segundos. Este nem teve tempo de tirar a espada da bainha, sendo apunhalado com duas facas ao mesmo tempo: uma no pescoço e a outra no estômago.

Dentro da casa ainda havia um homem de pé. No entanto, passos que não faziam mais questão de serem silenciosos soaram do lado de fora. Raazi chutou o capanga do machado para trás e puxou a lança a tempo de bloquear o golpe de espada do invasor remanescente, que atacava aos gritos.

Raazi aparou o segundo golpe, fintou para a esquerda e chutou a panturrilha do homem para baixo, arrancando um inconfundível som de ossos quebrados e um grito.

— Porta! — alertou Yanisha, vendo um dos que estavam à espreita se revelar ao entrar na casa segurando uma espada curva. As duas kaorshs agiram em sintonia, uma faca atingindo o olho esquerdo e a lança abrindo caminho à força no estômago. Morreu desabando na mesa, sobre as taças de latão e a garrafa vazia do vinho de amoras da agora longínqua noite anterior, o sangue se misturando ao resto de bebida quase da mesma cor.

A dupla deixou os outros corpos bloqueando a entrada e recuou alguns passos, os sentidos totalmente alertas e prontos para outra leva de brutamontes despreparados.

— Eles não vão entrar. Não depois de perderem seis homens tão rápido — disse Raazi, meneando a cabeça.

Yanisha trincou os dentes, segurando as últimas três facas de arremesso, duas delas já sujas de sangue.

— Mas não podemos sair em campo aberto. Não sabemos quantos são ou se há alguma armadilha.

O tropel de botas se espalhou ao redor da casa. Pelas frestas da janela, viram que o sujeito do archote fora para os fundos.

— Estão nos cercando — falou Yanisha, os olhos correndo de uma parede a outra, analisando os pontos em que poderiam ter alguma vantagem. — Eu diria que tem mais quatro lá fora.

— Algo assim — sussurrou Raazi, escutando um baque surdo no teto seguido de um crepitar.

Alguém estava subindo no telhado?

Alguns segundos se passaram sem que ninguém se movesse, nem mesmo o ar da madrugada, que parecia tenso com o embate. Até que um dos homens de tocaia pareceu gritar algo, a voz abafada pelo lenço no rosto.

E então o cheiro de fumaça veio do telhado de palha.

— Fogo! — gritou Yanisha, arregalando os olhos e fazendo menção de correr para a porta, mas Raazi a deteve, segurando-a pelo antebraço.

— O ouro da inscrição para a Arena! Precisamos levar!

Yanisha assentiu, provavelmente pensando o mesmo: não importava que perdessem tudo. A fumaça começava a acumular no teto, a casa queimava, mas elas prevaleceriam. Seus *canväs* queimariam, mas as ideias sobreviveriam. A missão era mais importante.

Enquanto Yanisha buscava os *altin*, Raazi se incumbiu de enfrentar os homens que cercavam a casa, mas sem sair da proteção da construção de maneira óbvia. Espiou por entre as frestas e esperou um dos invasores passar próximo à janela, contando com a vitória antecipada. A kaorsh deixou a pele da cor do gramado sob o céu noturno, do jeito que ela enxergava. Seria bom confundi-los e ganhar alguma vantagem, mínima que fosse.

A lança atravessou as ripas da janela e perfurou a lateral do corpo do homem, que tentou golpear a haste com a espada para impedir que a arma afundasse mais. Com a força de um aríete, Raazi se atirou através do que havia sobrado da madeira da janela e derrubou o sujeito, pisando em sua cabeça e já girando em seguida, pronta para um novo oponente.

Estava cercada por três homens de capa e capuz, o maior deles segurando um gnoll de focinheira tão apertada que o rosnado do bicho era completamente abafado. O maldito só poderia ser do Canil: apenas assim poderia ter pegado um dos monstros emprestados para aquele serviço sujo. *Herķ vai ter muito a explicar*, pensou Raazi, ligando os pontos. Aquilo não era um simples saque.

O gnoll puxava a corrente, na ânsia de se soltar. Sua pele parecia estendida demais sobre os ossos pontiagudos: o animal com certeza passava fome na maior parte do tempo. O homem retirou a focinheira, e o latido da besta, misturado à sua habitual risada convulsiva, fizeram a camuflagem da kaorsh oscilar por um momento. Raazi precisaria de toda a sua concentração. Não esperava aquele tipo de

perigo — mas também não escolheria o desafio que enfrentaria na Arena de Obsidiana.

O saqueador às suas costas investiu, achando que a kaorsh o havia esquecido. Ela tirou proveito do tamanho de sua arma e girou a haste para golpeá-lo, com uma olhadela por cima do ombro e enfiando a lança na virilha do sujeito. Nesse exato instante, o gnoll avançou como uma flecha, arrastando a corrente atrás de si e erguendo-se em duas patas nos metros finais até a presa.

Raazi tentou virar a ponta da lança para a frente a tempo de recepcionar o bicho com boas-vindas letais, mas ele abocanhou o ombro esquerdo dela antes. A kaorsh foi ao chão com um grito de dor e bateu duas vezes na lateral da cabeça do gnoll, sem efeito. As patas traseiras rasgaram a pele do abdômen dela, e os dentes se fechavam cada vez mais na carne, chegando aos músculos.

Acima do gnoll e da kaorsh, labaredas rodopiavam e o telhado de palha tornava-se aos poucos uma imensa pira. Era fogo “acidental”; da cor natural, portanto. Com uma parte distante de sua percepção, Raazi ouviu uma viga cedendo e alguém gritando logo depois — felizmente, não era Yanisha. Era uma voz masculina, ainda mais alta que o escarcéu que o homem de virilha perfurada fazia no chão, a alguns metros dela, enquanto sangrava.

Sentindo o braço esquerdo adormecendo enquanto o gnoll aumentava ainda mais a pressão em seu ombro, Raazi concentrou a força que lhe restava no punho direito. Cerrou-o e deu um único golpe pouco abaixo do olho injetado da criatura. Dessa vez, arrancou-lhe um ganido, e então deu outro golpe, e mais outro, e mais outro, e mais outro...

Justamente quando sua energia começava a se esgotar e Raazi pensava que o gnoll não a largaria nem se tivesse o crânio esmagado, a mordida afrouxou.

Com movimentos espasmódicos, a criatura rolou para o lado, com uma faca cravada na nuca. Raazi se ergueu, não querendo pensar nos ferimentos, mas sem conseguir mexer o braço. Viu o brutamontes que havia libertado o gnoll morto na grama, com uma expressão de espanto iluminada pelas chamas. Yanisha lutava com o último encapotado, que também brandia uma faca, mas um pouco maior que a dela. Era impossível ver o rosto do sujeito. Ele era habilidoso e, com um golpe abrangente, fez um corte próximo aos olhos da oponente.

Yanisha saltou para trás, desequilibrou-se e caiu sentada, levando a mão ao ferimento que por pouco não a cegara. O homem aproveitou a oportunidade para correr na direção dos Assentamentos, a capa brandindo atrás dele. Sem dar tempo

para avaliar os ferimentos que sofrera, Raazi arrancou a faca da nuca do gnoll e a segurou pela lâmina melada do sangue escuro e viscoso. O último saqueador já estava longe demais, e ela não tinha a precisão da companheira.

Mesmo assim, levou a mão direita acima da cabeça e, sem dar mais tempo para que a distância aumentasse, lançou a arma.

A lâmina cravou-se logo acima do cotovelo direito do fugitivo, que levou a mão ao local atingido sem gritar ou parar de correr. Ele desapareceu na direção do labirinto desconexo que eram os Assentamentos, o lugar perfeito para um assassino em fuga.

Raazi cambaleou até Yanisha, que continuava sentada no mesmo lugar, ofegante — o cansaço da ação ininterrupta havia batido de uma só vez. Ajoelhou-se na frente da amada e as duas se abraçaram, iluminadas pela pira que a casa se tornara.

— Seu ombro... Você está perdendo muito sangue.

— Estou bem.

— Vai infeccionar.

— Estou bem — repetiu Raazi, com uma careta que dizia o contrário. Limpou o sangue de baixo dos olhos de Yanisha com as costas da mão direita. — Só estou chateada por ter errado o arremesso. Você não teria desperdiçado a chance.

— Você foi ótima, ele já estava longe — disse Yanisha, desviando os olhos do ombro lacerado da esposa e olhando para os corpos espalhados no gramado ao redor. — Eram capangas do cafetão do Tear, não eram?

— Com certeza. Herk não deve ter me levado a sério, e está com o orgulho ferido. Vou ter uma boa conversa com ele mais tarde.

— Você não pode ir trabalhar assim!

— Tenho que pelo menos me apresentar e mostrar as minhas “condições” antes de ir à Padiola — disse Raazi, vendo a expressão preocupada de Yanisha no rosto iluminado pelo fogo.

— Não vá fazer nada idiota.

— Do tipo “Vamos entrar na Arena para matar Una”? Pode deixar, vou poupar energias para isso.

Elas sangravam, viam seu lar queimando e ainda assim conseguiram sorrir uma para a outra. Tudo era temporário, e a fase de conforto e aconchego também. Tinham assumido a luta, não reclamariam de coisas banais como dores e perdas materiais.

— Você está com aquela mancha azul em volta do olho esquerdo — falou Yanisha.

Raazi franziu as sobrancelhas, tentando trazer a pele de volta à cor normal. A outra meneou a cabeça. — Não, deixe! Eu gosto. Ela aparece quando você está irritada.

— Ou preocupada.

O estrondo de algo desmoronando nas estruturas da moradia em chamas pontuou o fim da frase de Raazi, fazendo línguas da cor proibida dançarem e arremessando fagulhas no céu noturno, que desviaram a atenção das kaorshs por um instante. Havia certa beleza naquilo.

— Yan...

— Diga.

— Vamos fazer mesmo isso? Matar Una?

Aquela não era uma pergunta simples. Yanisha a encarou.

— Sim, vamos. Você tem dúvida?

— Talvez eu tenha. O que vamos fazer é pelos que ficam, para os vivos. — Ela olhou para as chamas e para o pouco da casa ainda de pé. — E veja como eles agem. É por essas pessoas que queremos morrer?

Yan assentiu, devagar, assistindo ao espetáculo do fogo.

— Sobretudo por elas.

— E vamos nos tornar mártires por quem gostaria de nos ver ali dentro, queimando junto com as nossas coisas e...

— Raazi — interrompeu Yanisha, pousando com cuidado o indicador nos lábios dela. — O que as pessoas vão fazer depois que partirmos já não estará mais ao nosso alcance. Você sabe disso.

— Eu pensei que soubesse. O que você acha que vai acontecer depois que mostrarmos a verdade? A união de todos? Um levante? Que consciência será despertada em pessoas como essas? — perguntou, apontando para o que restava da casa.

Yanisha se demorou olhando para o lugar que Raazi indicava. Parecia mais interessada no contraste da mão dela diante da luz das chamas do que no fogo em si.

— Nós somos as fagulhas que darão início à fogueira. Talvez o vento nos sopre para longe, talvez possamos iniciar um incêndio. — Ela segurou o rosto da esposa nas mãos. O calor entre as duas era muito mais poderoso que aquele que obliterava seu antigo lar. — Como fagulhas, o que fazemos de melhor é brilhar. Queimar.

No silêncio que se seguiu, colocando a testa contra a de Yanisha, Raazi não conseguia deixar de relacionar o sonho que tivera com o que acabara de acontecer.

Sinfos e kaorshs sempre tiveram uma boa convivência, tanto pelas habilidades em música, pintura e tecelagem quanto pela forma como entrelaçavam a natureza com sua existência, em especial quando essa existência chegava ao fim.

Kaorshs acreditavam que a encarnação no *canväs* era apenas um período temporário de sua essência, enquanto os sinfos, com seus habituais treze anos de vida, preparavam-se para retornar como uma árvore, que daria origem a outro sinfo, que, por sua vez, um dia se desligaria da vida e voltaria como árvore... num eterno ciclo. Isso era tão importante para a raça que, quando algum pequeno era levado para o banho de Mácula ou impedido de ter o tradicional enterro aos pés de uma árvore — ritual conhecido como Semeadura —, o fato era muito pranteado.

A solidariedade entre sinfos e kaorshs era famosa ainda por eles compartilharem vários costumes. Isso era algo raro entre as raças — os anões, por exemplo, eram orgulhosos demais para ensinar técnicas de escultura a qualquer outro indivíduo pensante. Antigos ritos sinfos, como a *kaita* — espécie de dança rápida e repleta de acrobacias, uma performance perigosa e quase combativa —, haviam sido absorvidos pelos kaorshs ao longo do tempo. Porém, após a fundação de Untherak, a *kaita* só podia ser dançada na presença da soberana e com melodias compostas em seu louvor. A prática da dança resistia no Segundo Bosque, longe dos ouvidos dos Únicos, ainda que de forma quase que silenciosa, para não chamar a atenção dos Autoridades. Ao redor de fogueiras e sob a luz da lua, sinfos davam piruetas e cambalhotas, com um ritmo imaginário dentro das suas cabeças. Alguém batia apenas duas palmas, e o compasso estava ditado para o restante da dança. À boca miúda, aquela era conhecida como a *kaita* silenciosa.

Os kaorshs haviam abandonado a tradição por não terem a mesma facilidade musical que os sinfos. Raazi, no entanto, praticara a *kaita* quando era pequena, enquanto a mãe ia trabalhar no Tear e a deixava na companhia dos sinfos do Segundo Bosque. Eles lhe ensinaram que a música tocada dentro da cabeça era um segredo que ninguém poderia tirar dela, ao contrário do ouro e de tudo o mais que poderia ser roubado, vendido ou destruído.

— Quando uma música é ensinada a alguém, ela se torna capaz de viver mais que os nossos corpos — dissera certa vez uma sinfo chamada Frizz para uma pequena e atenta Raazi, ainda com muitas cores para aprender. Com uma flauta curta transversal, a sinfo sabia encantar pássaros para que eles voassem em círculos elaborados ao seu redor. Antes de lhe ensinar a *kaita*, Frizz adaptou para a criança o

ensinamento teórico sobre a antiga tradição: — E a música é um presente que você pode levar consigo depois que tiver abandonado o *canväs*!

Então ela soprou, baixinho, uma rápida melodia de apenas quatro notas, que Raazi decorou logo nas primeiras audições. No meio de um círculo de sinfos, que tinham praticamente sua altura, Raazi dançou a *kaita* pela primeira vez, frente a frente com Frizz, ambas se movimentando ao som que tocava apenas dentro de suas mentes. Foi aplaudida por todos ao terminar, ofegante e contente, e presenteada com uma generosa cumbuca de *caahwah* — uma bebida forte e escura feita da infusão do fruto roxo de mesmo nome, que, por sua vez, era de origem kaorsh e fora absorvida pelos sinfos.

Aquela noite foi marcante na existência de Raazi, assim como Frizz e a melodia simples. Todas as vezes que a kaorsh brigara ou lutara por algo, a música ditava os movimentos e os ataques, numa *kaita* mortal. A flexibilidade e a agilidade de Raazi foram cultivadas desde cedo, e ela jamais deixaria de ser grata por aquele presente que nunca seria perdido.

Abraçando os joelhos, a kaorsh agora observava a casa em chamas. A luta não deixara de ser uma dança em volta da fogueira, afinal. Yanisha estava ao seu lado, na mesma posição, o fogo refletido de maneira única na pele negra e forjando uma imagem na retina de Raazi que seria tão duradoura quanto as memórias da infância. As duas ficaram assim, em silêncio, com as armas e o saco de dinheiro na grama, até a chegada de uma dúzia de sinfos do Segundo Bosque alarmados com o incêndio. Solícitos, eles se ofereceram a trazer pipas d'água com seus betouros, mas Yanisha meneou a cabeça, pensativa.

— Não será necessário. Deixem queimar.

Eles respeitaram a decisão da kaorsh. Um deles, de longos cabelos azulados chamado Pryllan, ofereceu abrigo às duas entre suas árvores no Segundo Bosque.

— Vocês sempre serão amigas dos sinfos, fiquem por lá o tempo que precisarem. Ficaremos felizes em recebê-las!

As duas aceitaram a oferta, e Raazi apertou a mão de Pryllan.

— Obrigada. Prometo que não será por muito tempo.

Pryllan trouxe *caahwah* forte para as duas, e Raazi se preparou para voltar ao Miolo. Os sinfos improvisaram uma tala para o braço ferido dela e aplicaram uma pasta em seu ombro machucado: um unguento gelado e com odor marcante de cânfora. Raazi se despediu de Yanisha com um beijo, ignorando a dor e o cansaço que dominavam todo o seu corpo, sentindo-se mais acordada que nunca com o

efeito da bebida.

Foi uma longa e obstinada caminhada até o Tear, durante a qual Raazi só conseguia pensar na conversa que teria com Herk.

O Autoridade não deu as caras pelo Tear até cerca de cinco horas da tarde, quando enfim apareceu, andando de forma bastante casual, pelos corredores entre os teares que Raazi operava, realocada para uma atividade em que pudesse trabalhar com um único braço. A licença para visitar a Padiola fora negada pela Mestra Tecelã, sob a alegação de que a kaorsh “não estava tão ruim assim para fugir do trabalho”.

— Além disso, você deveria ser mais responsável durante seu Dia de Louvor — falou a velha Mestra Tecelã, com desagrado. — Não vamos ficar desfalcados por causa de sua imprudência.

Raazi engoliu a irritação, mas deixou escapar a mancha azul ao redor do olho, que ainda estava lá quando Herk apareceu, as mãos cruzadas às costas e mancando sem preocupação alguma, acompanhado de outros dois vigias humanos.

— Ei! — gritou Raazi, apontando para o homem e disparando no corredor, causando uma distração entre os kaorshs fiandeiros. — Você quebrou o nosso acordo!

— Alto, serviçal! — bradou um dos guardas ao lado de Herk, erguendo a maça e sendo imitado pelo outro oficial. — Quem pensa que é para gritar assim com um Autoridade?

— Acalmem-se, guardas — disse Herk, tranquilo, abrandando-os com um gesto displicente, sem tirar os olhos de Raazi. — Posso lidar com ela, nos deixem a sós. Apenas façam os bisbilhoteiros voltarem ao trabalho.

Os guardas pareceram frustrados por serem impedidos de entrar em ação, mas saíram descontando a raiva nos servos, gritando para que voltassem os olhos para seus teares. Raazi controlava a vontade de terminar o que havia começado dias antes.

— Então... Tan Nurten! — exclamou Herk, tratando-a pelo sobrenome. Seus olhos recaíram no ombro da kaorsh e no braço imobilizado pela tala, e o homem fez uma careta exagerada. — Nossa, você está péssima! Parece que foi atropelada por um grilofante...

— Cale a boca, desgraçado — sibilou Raazi. — Você armou uma tocaia para mim!

— Eu? Não! — O homem fez cara de quem estava tremendamente ofendido,

levando a mão ao peito e falando baixo. — Então é por isso que está *nesse estado*? Veja bem, entendi o nosso trato. Aliás, como poderia esquecer? Nem a enfermaria da Padiola conseguiu dar um jeito no que você fez no meu tornozelo... Ah, e tivemos sucesso! Tudo corre conforme o planejado. Já fiz a recomendação de sua luta na Arena para a comissão organizadora. O Festival da Morte será anunciado ainda hoje, e...

— Cale a boca — repetiu ela, interrompendo-o, e Herk arregalou os olhos de um jeito cômico. — Eu sei que você mandou me seguirem para fora do Miolo até o lugar onde passei a noite. Mas adivinhe? Vai ter que gastar ainda mais do seu dinheiro sujo com mercenários se quiser me matar! Fale com o capanga que sobrou ou pergunte aos que viraram cinzas. Yanisha e eu estávamos mesmo precisando de um treino para o Festival.

— Aaaaah, agora estou entendendo... De fato, ouvi os guardas comentando sobre um saque malsucedido no lar de um... hã... casal de mulheres. — Herk crispou os lábios, fingindo preocupação. — Ela é a “outra pessoa” que você quer com você na Arena, não é? Essa tal de Yanisha?

— Você é um péssimo mentiroso.

— E você é ainda mais burra do que pensei. Por que eu, falido como estou após sua extorsão, pagaria qualquer quantia para que alguém a matasse, se daqui a duas semanas você será morta na frente de uma enorme plateia?

— Vingança. Orgulho ferido. Uma tentativa de recuperar o ouro fazendo tudo parecer um acidente.

Herk cruzou os braços e diminuiu a distância entre eles em um passo. Ele sorria, ameaçador.

— São boas teorias. Eu deveria ter pensado nisso... Mas, sabe como é, também tem muita gente por aí que não encara bem essa coisa de mulher com mulher.

— Como é?

— Shhhh, não se exalte... Vamos tentar parecer calmos. Não me force a sacar a minha clava. De qualquer forma, sempre desconfiei que você gostasse da mesma coisa que eu, sabia?

— Eu nunca escondi, seu maldito.

— Mas também nunca alardeou, como os homens fazem. O fato é que existem muitos cidadãos por aí que consideram seu modo de vida pecaminoso. Una tolera, mas não aprova, como você bem sabe... Mas eu acho que você é corajosa! Contanto que não se esqueça da dádiva que a soberana lhe proporciona, pode fazer o que bem

entender em seu Dia de Louvor. — Herk olhou para os lados, como se desconfiasse até de sua sombra, e sussurrou: — Só não vá esquecer que o perigo ronda por aí!

Raazi engoliu em seco a provocação e continuou encarando Herk sem piscar. Ela poderia acabar com ele ali mesmo, quebrar o pescoço do homem, mas, muito provavelmente, seria executada logo em seguida. Conseguiria levar alguns guardas antes de morrer. Porém, se fizesse isso, Yanisha ficaria sozinha na missão, o que era impensável.

Herk segurou o cinto com as duas mãos e contemplou a produção ao redor, exalando um suspiro de satisfação.

— Bom, chega de papo. Precisamos trabalhar. Estimo melhoras com seus ferimentos e espero que sua companheira esteja bem. — O Autoridade deu meia-volta, chamou os guardas de volta com um assobio e voltou-se de repente para a kaorsh: — Ah! E boa sorte para as duas na Arena. Estarei torcendo por vocês.

Raazi encarou os pés, sentindo o sangue ferver e os ferimentos arderem. Voltou até seu posto caminhando por entre as centenas de fiandeiros concentrados em seus serviços, o som familiar e ao mesmo tempo opressor dos teares embalando o ambiente.

Quando se sentou de frente para a máquina, reparou que havia um pequeno frasco embrulhado em papel de pergaminho pardo. Reconheceu seu nome completo gravado em caligrafia fina.

— Deixaram isso para mim agora? — perguntou ela à kaorsh no tear ao lado.

A mulher deu de ombros, mal olhando para Raazi, que desembulhou o frasco e logo sentiu cheiro de cânfora: Yanisha e Pryllan deviam ter lhe enviado mais unguento, via falcão. Ela ficou impressionada com a rapidez da entrega; em geral, as encomendas demoravam dias na triagem do Poleiro.

Raazi não esperava sorrir após tudo o que aconteceu, mas assim o fez. Abriu a tampa, que estava bem apertada, e o sorriso que mal havia surgido se foi. Fechou o frasco o mais depressa que pôde e olhou para os lados, alarmada. E se alguém tivesse visto? Um dos guardas que vigiava o setor estava perto, na fileira de trás, mas os olhos dele estavam voltados para outra direção.

Além disso, os kaorshs estavam de cabeça baixa, absortos em seus teares. Raazi abriu o frasco de novo, com cuidado, como se contivesse uma serpente.

O cheiro era de unguento, mas o líquido não era verde.

Era vermelho.

Ainda do lado de fora, Aelian notou que o Pâncreas de Grifo estava mais barulhento que o habitual.

O trajeto até a taverna era tranquilo, sem a necessidade de subir ladeiras ou escadas íngremes, já que ela ficava no início do declive dos Assentamentos. O rapaz, porém, estava cansado de todos os modos possíveis e imagináveis. Só queria uma cerveja ou qualquer bebida que fizesse seu corpo e sua mente relaxarem.

Os terrenos ao redor do Pâncreas não eram os mais populosos dos Assentamentos, ainda que toda semana surgisse alguma novidade na paisagem: uma casa a mais, outra a menos, um cômodo espremido entre duas moradias, um deslizamento ou um barraco queimado. Sem perceber nenhum detalhe diferente, Aelian seguiu direto até o estabelecimento.

Assim que abriu a porta, foi recebido pelo alvoroço familiar de conversas eufóricas e tumultuadas e tomou um susto ao ver Barn e Canivete na mesa mais próxima da entrada. Antes de pensar em qualquer desculpa, reparou que os dois estavam acompanhados por um velho de dentes podres e um anão magro (algo raro de se ver). Os quatro compartilhavam um cachimbo manchado e baforavam uma fumaça ocre de cheiro pungente: fumavam carvão (o que, de certa forma, explicava o fenômeno do anão magro). Tinham os olhos injetados e estavam fora de si, os corpos fazendo o mínimo esforço possível, simplesmente para que eles não colocassem a ponta errada do cachimbo na boca. Aelian comemorou por dentro, pois ninguém naquele estado lhe cobraria uma dívida.

Foi até o balcão, onde um menino de cerca de dez anos servia aguardente para um kaorsh que oscilava entre o azul e o verde, tentando impressionar uma humana que ria à toa.

— Olha só! Tom contratou um sinfo para trabalhar para ele, foi? — disse Aelian, bagunçando o cabelo do garoto e recebendo em troca uma careta e um sorriso envergonhado. — Ou você é um anão sem barba?

— Muito engraçado! Um dia vou ter mais barba que você! — respondeu o menino, colocando uma rolha na garrafa e cruzando os braços.

— Vai mesmo. Minha barba só não é pior que meu fígado. Cadê seu pai?

— Lá atrás. Foi pegar um barril de rum.

— Hum, entendi. Me vê uma cerveja, então! Preta. O dia foi difícil, e acho que um golinho de Mácula vem a calhar.

A cerveja preta de Untherak era chamada de Mácula por causa da cor de piche e do amargor acentuado.

— Você vai pagar? — perguntou o menino, sorrindo, sem descruzar os braços.

Aelian arregalou os olhos e levou as mãos ao coração, como se tivesse sido apunhalado.

— Tomás, filho de Tomás, soberano do Pâncreas de Grifo... É assim que trata alguém que segurou você no colo? Que só não trocou as suas fraldas porque você se cagava todo antes de chegarmos com os trapos?

— Olha o drama.

— Deixe eu contar isso para sua mãe e você vai se encrencar, mocinho. Taönma está aqui ou no Mercado?

— No Mercado. Foi comprar farinha. Faz aquele truque com seu totem que *talvez* eu arranje uma dose de alguma coisa para você!

— Aaaah, gosto do seu jeito de pensar, rapaz! Você é um negociador nato, Pequeno Tom — disse Aelian, tirando do pingente o dado de oito lados e fazendo o menino se inclinar um pouco mais no balcão. — Não. Tire essas suas patinhas do meu dado! Sem tocar no totem alheio!

O garoto riu, e Aelian começou a movimentar o dado entre os dedos com uma habilidade impressionante. Então ouviu a porta se abrir e viu o pai do menino entrar com um pequeno barril nos braços. Ele sorriu para Aelian, que seguiu falando como se não o tivesse visto.

— Então, se eu tirar o número que você escolher, ganho uma bebida. Certo?

— Certo!

— Fica sendo um segredo nosso? Seu pai não vai saber de nada?

— Não! Eu quero que você tire o 1!

Aelian franziu as sobrancelhas e fechou o dado na mão, enquanto Tomás, de braços cruzados atrás do filho, ria e balançava a cabeça, o que os deixava muito parecidos, tirando o fato de que o taverneiro tinha uma barriga protuberante, a cabeça calva e a linha da servidão precoce tatuada no rosto. O Pequeno Tom tinha o olhar vidrado na mão de Aelian, que fingiu que ia jogar o dado e...

— Tom! Que bom que você chegou! Seu filho ia me dar uma bebida gratuita sem sua autorização.

O Pequeno Tom abriu a boca, surpreso; o pai estava parado atrás dele, às gargalhadas.

— Ah! — O garoto corou e deu um soco no braço de Aelian. — Seu trapaceiro!

— Você ouviu tudo, não foi, Tom? Não acha que mereço uma bebida por ter denunciado esse esquema de corrupção terrível que acontecia bem debaixo do seu nariz de batata?

O garoto estava envergonhado demais para rir junto com o pai, que bagunçou o cabelo dele e tirou uma caneca grande de debaixo do balcão, enchendo-a de cerveja preta e deslizando-a no balcão para Aelian. Quando o falcoeiro foi pegá-la, Tomás a puxou de volta.

— Nada de ficar viciando o meu filho nessa porcaria de dados, ouviu?

— Falou o homem que tem mesas de apostas na própria taverna — retrucou Aelian, irônico, enquanto prendia seu totem de quartzo verde de volta no cordão. — Mas tudo bem, não vou ensinar nenhum truque ao Pequeno Tom. Você tem a minha palavra!

— Disse o homem que é conhecido como o maior mentiroso do Miolo — respondeu o taverneiro em tréplica, passando a caneca novamente para ele.

Aelian a ergueu, sorrindo para pai e filho à sua frente.

— As pessoas falam as maiores besteiras — disse Aelian, sorvendo um longo e aguardado gole e estalando os beijos. Aquela leva estava bastante forte. — Nem acredito que enfim estou bebendo... O movimento hoje está bom, hein?

Tom assentiu devagar, dando uma olhada geral no próprio estabelecimento apinhado de gente. Ele também parecia surpreso com aquilo. Pediu para que o filho fosse servir as mesas próximas às janelas, deu a volta no balcão e se sentou ao lado de Aelian.

— Acho que todo mundo ficou animado com o anúncio. Estão especulando, discutindo...

— Que anúncio?

— Você não soube? Do Festival da Morte, oras! Daqui a duas semanas. Não escutou ninguém comentando nas ruas nem passou por nenhum Arauto lendo o informe? Faz algumas horas que anunciaram.

A cerveja subiu pela garganta de Aelian, duplamente amarga agora. Repousou a caneca no balcão, sentindo evaporar a alegria que havia substituído seus pensamentos pesados. Agora entendia o que o anão que lhe dera carona mais cedo quis dizer com “boatos”.

— Eu acho que... acho que não prestei atenção.

— Ei, rapaz. — Tom repousou a mão rechonchuda no braço do falcoeiro. — Sei que isso não traz boas lembranças para você. Também não gosto da ideia. Seu pai... Eu sinto falta dele também. Era um bom amigo, assim como Pan... Mas você sabe, as pessoas gostam de sangue! Ficam animadas! Poucos aqui têm laços verdadeiros com alguém, e são ainda menos os que sentem o peso da perda. Pelo contrário, eles se divertem com toda essa porcaria... até serem acusados de algum crime pelos Autoridades e precisarem lutar pela própria vida na Arena. Mas então surgirá outro indivíduo no lugar vago nas arquibancadas, pronto para rir e gritar com o espetáculo.

— Não acho que hoje em dia alguém seria tão burro a ponto de pagar para morrer na Arena — disse Aelian, os olhos perdidos na espuma da caneca. — Toda essa gente já deve ter aprendido que é impossível vencer.

— Aenoch Oruz podia ser muita coisa, mas não era burro, garoto. Se ele se inscreveu, foi porque acreditava ter uma chance real de vencer e dar uma vida mais digna para você e Pan.

— É — falou Aelian, bebendo para afastar as imagens terríveis que despontavam na sua memória. — Mas acreditou errado.

— Nem tenho como discutir esse assunto com você, Aelian. Não posso compreender sua dor. Só posso continuar lhe dando cerveja, mesmo sabendo que não vou ver um maldito tostão dessa sua mão fechada.

Os dois riram, um com menos intensidade que o outro.

— Olha, Tom... tenho um punhal bem bonito aqui, que eu deveria ter tentado penhorar ou vender. Aço virgem. Coisa antiga, ao que parece. Se quiser, é seu.

— Tsc. Deixa quieto. Venda o punhal depois, ou guarde com você. — Tom indicou a mesa mais próxima da porta com um movimento de cabeça. — Soube que teve um probleminha com Barn e Canivete mais cedo. Talvez precise de algo para se defender de um ataque traiçoeiro. Fique de olho, hein?

— Pode deixar. De qualquer forma, não acho que eu esteja em perigo com eles nesse estado — disse, observando Barn mordendo os dedos da mão direita e Canivete acariciando o próprio rosto com um olhar distante.

— Malditos viciados — falou o taverneiro, meneando a cabeça, mas contrapôs: — Bem, ao menos todos parecem estar se divertindo no Pâncreas hoje. Quem não está doido de carvão está quase bêbado.

Aelian bebeu outro longo gole e se inclinou no balcão, olhando por trás de Tom e

além do kaorsh exibido e a parceira dele. Um homem de barba bifurcada e capa marrom bebia. Ele parecia furioso. Conforme levantava sua caneca de rum, era possível ver uma bandagem ensanguentada e mal disfarçada em seu braço direito, pouco acima do cotovelo.

— Nem todos. Aquele sujeito não trabalha no Poço?

— Hum. Idraz Faca-Cega. Sim, é o rufião do Poço. Chegou cedo hoje, bem enfezado. Em geral fica aqui quando quer evitar alguma encrenca, já que por lá deve beber de graça...

— Beber de graça? Nem todo dono de espelunca tem o mesmo coração que você, Tom — disse Aelian, observando o Pequeno Tom recolhendo copos vazios de uma mesa e equilibrando-os com habilidade numa bandeja enquanto desviava de um sinfo estabonado. — O moleque parece estar indo muito bem. Ele é esperto.

— Até demais para o meu gosto. Só fico feliz por ele não ter uma linha tatuada no rosto, como nós — murmurou o homem, olhando para o filho. — Não desejo o Miolo para ninguém. Eu adoraria que você conseguisse sua semiliberdade, Aelian.

— Obrigado, Tom. Mas ainda estou um pouco curto de grana — respondeu Aelian, com um riso vazio.

Pensava que o Pequeno Tom cresceria melhor ali, nos Campos Exteriores, perto da Borda. Não que ele fosse ter menos problemas, mas seriam problemas diferentes.

Tom se levantou para atender um grupo de anões que acabara de chegar — conversando, é claro, sobre o Festival da Morte —, e Aelian se pegou pensando em Kivan, que envelhecera e morrera à sombra da estátua de Una. Já havia presenciado muitas mortes ao longo da vida, mas aquela o inquietava. Principalmente porque se sentia responsável por ela...

Havia algo que Aelian poderia fazer quanto às mortes que o acompanhavam?

Os anões expunham suas conjecturas para o Festival da Morte cada vez mais alto. Aelian respirou fundo, virando o resto da cerveja e levantando-se.

— Tom, vou tomar um ar e já volto.

Deu um tapinha na cabeça do Pequeno Tom ao passar por ele, lançou um último olhar piedoso aos catatônicos Barn e Canivete e saiu da meia-luz barulhenta e abafada do Pâncreas.

Fazendo jus à sua fama de mentiroso, Aelian foi caminhar e não voltou mais.



Sentindo que o álcool o deixara um pouco mais disposto, Aelian subiu os morros

dos Assentamentos até quase a praça principal, uma espécie de clareira no meio dos barracos onde os moradores da região confraternizavam e brigavam. Durante todo o trajeto nas ruas estreitas, olhava para o pedaço visível de céu entre as lajes, por entre varais e bandeiras estendidas em zigue-zague, procurando por Bicofino. Sabia que o falcão estaria se alimentando, e só então percebeu que deveria estar fazendo o mesmo.

Não queria voltar para o Pâncreas ou ir a qualquer outra taverna, pois sabia que esses lugares estariam contaminados pelo mesmo assunto: o Festival da Morte. Até os grupos de crianças de várias raças nas ruas brincavam de “Arena”. Viu uma garotinha enrolando um cachecol na cabeça e saindo de trás de um monte de lixo gritando que era Venoma, a maior assassina de Untherak. *Maior menor assassina*, pensou Aelian. Ao mesmo tempo que chegava a ser engraçado, aquilo só o incentivava a se isolar.

Conforme escurecia, sua fome apertava. Reconsiderou voltar ao Pâncreas, pois Tom sempre o deixava dormir no depósito após o jantar. Contudo, sabia que se sentiria mal com as conversas, que em algum momento se voltariam para seus pais ou para Kivan...

Ouviu um guincho vindo do céu crepuscular e estendeu o braço para o falcão pousar, com irrefutáveis penas negras presas ao bico: com certeza, a ave havia enfrentado um abutre, já que a sujeira dos Assentamentos fazia com que o céu fosse dominado por eles, enquanto o chão era território dos ratos.

— Pelo jeito já jantou, hein? — perguntou ao pássaro, tirando as penas do seu bico com paciência enquanto o animal se esquivava como uma criança teimosa. — Isso me deu uma ideia de onde conseguir algo para matar a minha fome... Ai!

No alto, completou Aelian, em pensamento, após levar uma bicada de advertência do próprio falcão.



O Silo era a fortificação que armazenava a maior parte da comida destinada aos servos do Miolo. Por isso, o lugar também tinha lixo e restos estragados em demasia, recolhidos diariamente pelos esfomeados que viviam nos becos ao redor. O lugar era tão abarrotado de sobras que os Autoridades sequer se esforçavam para vigiá-lo. Havia apenas gente rivalizando com ratos e cocatrizes, revirando as frutas e os legumes em estado deplorável. As paredes dos becos próximos ao Silo davam uma vantagem a Aelian, pois eram as melhores para serem escaladas: deterioradas,

sem manutenção, com muitos buracos causados pelo desgaste, perfeitos para o apoio de mãos e pés. E o melhor? Ninguém nunca olhava para o alto.

Transpondo com cuidado as ameias reforçadas por lanças, Aelian chegou até a entrada do Silo, onde sacos de alimentos eram empilhados em longas fileiras ao ar livre, como trincheiras, esperando para serem levados para dentro pelos carregadores na manhã seguinte. Era assim que comida aceitável se transformava em algo próximo a lavagem: aqueles alimentos ficavam à mercê das intempéries e, às vezes, tinham que aguentar tempestades até serem armazenados da forma correta. O desperdício era lamentável, Aelian pensava, quando imaginava o quanto era difícil conseguir comida nos Campos Exteriores. Porém, não conseguia deixar de sentir uma gratidão egoísta por aquele sistema facilitar sua busca.

Sacou o punhal e cortou um dos sacos: cebolas. Revirou os olhos e foi apalpando o conteúdo de toda a fileira. Por fim, percebeu que toda aquela montanha de alimentos eram só cebolas — o que não era exatamente o tipo de coisa que se desejava após um longo jejum, mas ao menos forraria o estômago.

Olhou por cima da trincheira de sacos de cebolas para se certificar de que não tinha nenhum perigo por perto. Então, escorregou até o chão, entre a amurada e a última fileira de sacos, de onde poderia ter uma visão parcial do pátio em frente ao Silo enquanto descansava. Era raro que alguém espiasse o labirinto de comida durante a noite, e, naquele lugar, Aelian estava a poucos metros das rotas de fuga, fosse o beco ou o telhado da construção ao lado, a Estrebaria, que era ligada ao Silo por uma estreita ponte de pedra alguns andares acima.

Como sempre, Aelian não sabia onde Bicofino estava. Era até melhor que a ave fosse dar uma volta mesmo, pois ele não queria ter sua posição denunciada. Observou o pátio, pouco movimentado àquela hora da noite, mas não vazio: alguns homens do Canil rondavam com gnolls em correntes. Tanto os animais quanto os guardas pareciam inquietos, e Aelian levou apenas alguns minutos para entender.

Um forte rangido enferrujado, seguido de uma algazarra, indicou que o Portão Sul do Miolo havia sido aberto, o que não era comum após o pôr do sol. Iluminado por humanos esqueléticos com tochas de fogo branco nas mãos, um grupo de cerca de quarenta anões apareceu minutos depois, acompanhados por sinfos, que conduziam carroças bem carregadas atreladas a betouros. Os anões tiravam material de dentro delas, grandes peças de ferro e madeira, e as martelavam no chão, construindo, com habilidade impressionante, uma espécie de trilho improvisado, bem parecido com os que a raça utilizava nas escavações subterrâneas

para o transporte de pedras e minérios. No entanto, aqueles trilhos eram bem maiores e mais espaçados, tanto entre uma tábua e outra quanto entre as duas linhas metálicas paralelas.

Um pouco afastado do grupo, um anão acompanhava a operação. Ele andava de costas, gritando com os demais de sua raça e apontando um martelo para eles, corrigindo os erros que percebia entre uma estaca e outra. Mesmo se não visse a pele escura e a barba branca, Aelian reconheceria o andar cadenciado de Harun a qualquer distância. O Autoridade havia sido deslocado para aquela atividade na calada da noite.

O avanço da construção dos trilhos hipnotizou Aelian por diversos minutos, impressionado com a coordenação e o vigor dos anões. Apesar de os trilhos parecerem sólidos e seguros, não havia um acabamento fino no serviço, como se fosse algo temporário. Ele pensava nisso quando um afritivo rangido metálico arrepiou todos os pelos de seu corpo. As grandes formas que assomaram no pátio abaixo justificaram o exagero no tamanho dos trilhos.

Era uma espécie de caixa de ferro maciço sobre rodas, enorme e remendada com centenas de rebites e placas metálicas. Era mais alta que uma casa humana, com alguns furos no topo e nas laterais, para que a criatura lá dentro pudesse respirar. Dois gigantes, que também deviam ter sido deslocados das suas funções como guardiões dos Portões, puxavam correntes atreladas ao vagão, enquanto um terceiro — uma aberração de duas cabeças num só pescoço — empurrava a parte de trás sozinho. Era Grork. Aelian se lembrava dele cuidando do Portão Nordeste. Em geral, o gigante era visto gritando consigo mesmo, já que as suas duas cabeças pareciam não se entender muito bem. Naquele momento, porém, ambas faziam a careta mais medonha, devido ao esforço.

Era difícil imaginar algo que precisaria da força de três gigantes para ser carregado. As correntes que os lacaios puxavam eram formadas por imensos elos enferrujados. Dava até para ver o sangue, nas escápulas dos gigantes, região em que o metal os feria. Por que Una não lhes ordenava uma balsa para o transporte daquela coisa pelos canais que permeavam o Miolo ou até mesmo o rio Abissal?

Como um trovão inesperado numa noite calma e quente, um urro deflagrou-se pelo ar e fez Aelian tampar os ouvidos por instinto. Os envolvidos na operação lá embaixo fizeram o mesmo, e os betouros que puxavam as carroças precisaram ser acalmados com urgência pela música dos seus sinfos antes que debandassem.

O rugido vinha de dentro do vagão. Era um grito entrecortado como os guinchos

sobrepostos de mil porcos. Logo depois, vieram golpes de dentro da cela sobre rodas. Fosse lá o que produzisse aquele som horrendo, era um monstro fora da escala de qualquer besta em que Aelian já tinha posto os olhos. O grito continuava, fazendo os betouros agitarem as asas e precisarem ser contidos pelas flautas dos sinfos, que surgiram do fundo da comitiva. A jaula chacoalhava bastante, obrigando os gigantes a largar as correntes para tentar estabilizar o veículo e mantê-lo nos trilhos. Ficou claro que o ser ali dentro teria feito uma balsa afundar no primeiro ataque de fúria como aquele. Os trilhos eram mais que justificados.

Após acalmar os betouros, os sinfos se posicionaram ao redor do vagão e tocaram uma melodia para acalmar a fúria da besta. No entanto, nada estava funcionando, e até os gigantes pareciam ter dificuldade de manter a jaula estável.

Aelian se segurava nas ameias do Silo com força, deixando os nós dos dedos completamente brancos. Quase podia respirar o nervosismo dos homens, anões, gigantes, sinfos, betouros e gnolls... Mesmo estando a uma boa distância, sentia uma vontade enorme de se encolher ou correr para longe da boca que produzia um som tão horrendo.

Harun gritava para que os anões voltassem ao trabalho nos trilhos, mas eles pareciam hesitar, provavelmente com medo de que o monstro se libertasse da prisão. O Autoridade tinha o martelo numa das mãos e, com a outra, buscava um machado pendurado no cinto misturado às suas inúmeras ferramentas, como se aquilo fosse ajudá-lo contra aquele mal desconhecido. A canção dos sinfos continuava se provando ineficaz, e mais soldados vinham do final da comitiva, lanças erguidas e apontadas para o vagão. A maioria deles era formada por humanos, liderados por um Autoridade que Aelian nunca tinha visto. Ele gritava com os servos ao redor, dizendo que eram um bando de medrosos indignos da piedade de Una. Tomou a lança de um dos homens e chegou mais perto da caixa metálica que qualquer outro. Estocou a lança por uma das aberturas de respiro laterais, para punir o monstro e fazê-lo se calar. Uma, duas, três vezes.

O homem, de fato, fez o que nem o encantamento musical havia conseguido. Mas não de uma forma que terminasse bem para ele.

Na quarta vez que enfiou a lança pelo buraco, a haste foi puxada para dentro tão rápido que o Autoridade só conseguiu soltá-la quando o braço já estava enfiado até o cotovelo. E esse foi o tempo necessário para que a criatura encontrasse um lanchinho que a sossegasse. O grito dela cessou ao mesmo tempo que o do homem, agora maneta, começou. O desespero dele e o barulho de ossos sendo triturados

alcançaram os ouvidos de Aelian do outro lado da praça, acima do Silo. Alguns soldados e guardas recuavam enquanto alguns poucos tinham a coragem de se aproximar da jaula.

Com o rosto colado à abertura e o braço sendo devorado, o grito do Autoridade cessou de repente — com o som de uma abóbora sendo golpeada por uma lança, a cabeça dele foi atravessada por algo vindo de dentro da jaula que parecia uma lâmina curva, mas ainda mais larga que uma cimitarra. Era uma espécie de ferrão que, mesmo no fulgor âmbar das tochas, brilhava, emitindo um verde doentio, e derramava uma espécie de ácido nas costas do condenado. O corpo tinha espasmos conforme a pele queimava.

O ferrão se retraiu, e o homem caiu para trás, com um buraco fumegante aberto no crânio e um braço a menos, esguichando sangue pelo membro mutilado e derramando fluido cerebral em meio ao ácido. Enquanto todos se afastavam ainda mais do Autoridade, como se ele tivesse um mal contagioso, Harun abria espaço entre os soldados abestalhados e embasbacados, avançando até o centro das atenções. Então, com um único golpe do machado, separou a cabeça do restante do corpo espasmódico.

— De volta ao trabalho, e não toquem no cadáver até que o veneno seque! — gritou, voltando-se para os construtores de trilhos, que tinham os olhos esbugalhados. Até os gnolls nas correntes pareciam amuados. — Estão esperando o quê? Vamos!

O estardalhaço na jaula enfim cessou. A criatura mastigava seu aperitivo noturno. Já Aelian largou a cebola mordida no telhado, perdendo o apetite de repente.

A comitiva se foi, com um segundo grupo de anões aparecendo para desmontar os trilhos após a passagem do vagão metálico, seguido por um comboio de betouros montados por sinfos, que recolhiam as tábuas e as vigas, e mais uma dúzia de vassalos humanos segurando archotes. Aelian apertou os olhos e viu que a jaula tomava a direção do Palácio, imaginando se Una seria ingênua a ponto de guardar uma arma tão poderosa logo abaixo de sua morada.

A não ser que eles não estejam indo para o Palácio, pensou Aelian, com uma careta de pesar. *É claro, a Arena!* Era tão óbvio. A atrocidade grotesca presa na jaula seria uma das atrações do Festival da Morte, e os guerreiros que fossem enfrentá-la estavam

condenados por antecipação.

Sua imaginação já conhecia aquele labirinto emocional de cor e salteado: o pai pisando na superfície negra da Arena e sentindo a pressão dos gritos, dos xingamentos e dos incentivos ao redor, do olhar e da presença de Una, do medo por não saber o que os portões cuspiriam no palco da luta e que tipo de desafio enfrentaria...

Aelian foi levado de volta no tempo.

O sol parecia maior que o normal naquele dia. Aenoch, que deveria estar em seu Dia de Louvor, se despediu do filho demoradamente, emotivo, alegando que faria trabalho extra no Miolo. Carregou-o nos ombros pelas ruas que levavam para fora dos Assentamentos, mostrando os pássaros e insetos para ele, beijando seu rosto e o abraçando forte a cada pergunta típica de uma criança curiosa. Até então, aquele comportamento por parte do pai não fazia sentido. Na volta para casa, Pan disse que trabalharia nas coletas de *caahwah* para conseguir algum dinheiro extra e proibiu Aelian de se afastar dos Assentamentos. Porém, todas as crianças da rua só falavam do Festival, do Festival...

A entrada para assistir às lutas na Arena custava caro, mas Aelian sabia aonde seus pés e suas mãos podiam levá-lo. Escalar a fachada da Arena de Obsidiana não seria tão difícil quanto aguentar o sol escaldante queimando sua cabeça. Empoleirou-se na cobertura de um dos setores destinados aos Autoridades e outros membros distintos. Ali, ele dividia o espaço apenas com os pássaros, o sol e, de vez em quando, um diabrete-alpinista ou outro. Os únicos olhos que o enxergavam ali eram os da estátua de Una — que Aelian evitava encarar. Eles lhe davam medo, como se nada escapasse daquelas órbitas vazias e douradas.

Permaneceu lá em cima por mais de três horas, sempre desviando o olhar quando alguém estava prestes a morrer. Gnolls que pareciam bem maiores que o normal não faziam distinção de raça na hora de matar. Criminosos e condenados se digladiavam, e os que permaneciam de pé enfrentavam leões-das-rochas e arbopardos.

Na hora em que um deles estava prestes a sucumbir, fosse servo ou besta, Aelian procurava a Tribuna do Trono, a sacada do Palácio de Una que era voltada para a Arena, de onde a soberana assistia ao Festival, cercada por alguns Autoridades e os encapuzados da Centípede, sempre tendo à sua direita o General Proghon, de pé, tão

imóvel quanto a estátua da deusa. Mesmo de longe, a presença imponente dele era uma espécie de mancha escura que saltava aos olhos, impossível de ser ignorada, a Mácula que o recobria parecendo mais negra a cada segundo. A caveira de ouro que era a máscara do General brilhava, num desafio silencioso à luz daquela tarde, assim como as joias e os adornos de Una.

Após quase três horas de mortes e mais mortes, Aelian sentia um pouco de insolação e dor no estômago — não tinha se alimentado bem, e o apetite não viria fácil após tanta carnificina testemunhada. Pensava que talvez fosse melhor voltar para casa com um tempo de vantagem sobre os pais, pois a caminhada até os Assentamentos seria longa. Porém, naquele momento, trombetas anunciaram o principal evento do Festival: os servos do Miolo de Untherak, que se inscreveram na esperança de ganhar a semiliberdade lutando.

Aquilo aguçou a curiosidade do menino e lhe deu energia extra para suportar o sol e a fome. Eram cerca de dez combatentes, entre anões, kaorshs, sinfos e homens. Velhos e novos, adultos bem constituídos e jovens inquietos, todos armados até os dentes.

Sem aviso e com um intenso arroubo de surpresa das arquibancadas, os fossos nas laterais da Arena vomitaram uma onda de gnolls e arbopardos. Logo de início, metade dos combatentes tombou, enquanto o grupo restante se juntava no meio da Arena, de costas uns para os outros, tentando armar um plano às pressas conforme eram cercados pelas bestas selvagens.

Eram um anão, uma anã, um sinfo, um kaorsh e um homem — este último, de elmo fechado, destacando-se conforme avançava com a lança, recuando em seguida para fortalecer a parede circular de escudos que os cinco formavam. Ele gritava com os companheiros e parecia empurrar os gnolls contra os arbopardos, uma estratégia inteligente, pois fazia com que as criaturas atacassem umas às outras.

O pequeno espectador clandestino abriu um sorriso ao perceber a esperteza do guerreiro lá embaixo. Ele evitava o confronto direto e ainda assim não se mostrava covarde. Aelian gostaria de ser como ele, e torcia para que o homem conseguisse o prêmio. Ele merecia.

O trabalho em equipe funcionou até o último arbopardo morrer, aos pés do casal de anões, que o abateram com martelos mesmo feridos gravemente pela cauda do bicho que perfurou suas cotas de malha. Os cidadãos foram à loucura, aplaudindo os cinco sobreviventes, que comemoravam, exaustos e jubilosos.

O homem, aclamado pelo público, tirou o elmo, e as arquibancadas gritaram o

nome de Aenoch Oruz, um servo comum que sobrevivera aos desafios do Festival da Morte.

Aelian não conseguia acreditar que aquele lá embaixo era seu pai... Mas, sim, o cabelo, o jeito de andar, a postura! O menino estava entre o choque e a alegria inesperada de se dar conta de tanta coisa ao mesmo tempo, inclusive do fato de que o pai não precisaria mais trabalhar no Miolo seis dias por semana: eles seriam uma família unida e ficariam juntos para sempre.

Então, as trombetas soaram de novo. Toda a arquibancada se calou, e Aelian, mesmo com a pouca idade, sabia que Una se pronunciaria. Ela estava de pé, quase tão alta quanto o General Proghon, que permanecia cerca de dois passos atrás da soberana. Una abriu os braços, e Aelian viu os cinco guerreiros sobreviventes, seu pai entre eles, ajoelharem-se no chão negro da Arena, em reverência.

Um Arauto gordo, que devia pesar o mesmo que um betouro, apareceu ao lado de Una, segurando um pergaminho negro. Sua voz podia ser ouvida com facilidade, pois ele era o único permitido a falar naquele momento. O silêncio era tão absoluto que uma pessoa no topo do monte Ahtul, do lado de fora de Untherak, poderia até ouvir o homem pigarreando para começar sua fala.

— O desafio destes guerreiros ainda não terminou — bradou ele.

Houve protestos e comemorações em toda a Arena. Aelian balançava a cabeça, sem entender. Os sobreviventes olhavam para os lados, confusos, mas sem sair da posição de reverência. Una calou a todos ao colocar um dos dedos cheios de anéis na frente dos lábios, e, assim, o emissário continuou, dizendo que aquelas feras foram apenas a primeira parte do desafio e que uma última tarefa ainda separava os cinco combatentes do prêmio. Dessa vez, ninguém ousou protestar ou comemorar. O emissário informou que a soberana decidiria que criatura ou perigo eles enfrentariam, de acordo com sua vontade e seu juízo divino.

Una não parecia se importar com os cinco indivíduos lá embaixo. Ela encarava os céus, como se olhar diretamente para o sol não fosse doloroso para uma deusa. Por fim, abriu os braços e, com sua voz que parecia capaz de fazer mortos acordarem e vivos desistirem de suas almas, disse:

— O último desafio será Proghon. Meu braço direito, meu General.

O silêncio persistiu. Na mesma hora, Proghon sumiu entre o séquito que apinhava a Tribuna do Trono. Ele desceu as escadas até o nível da Arena, seus passos ecoando na acústica do lugar: metálicos, pesados, em cadência fúnebre. Aelian foi até a beirada da cobertura, mas sua boca não conseguia produzir som

algun. Queria gritar o nome do pai, pedir para ele correr dali... Notou que os outros quatro combatentes pareciam confusos e desorganizados com a notícia inesperada e injusta. Aenoch, porém, estava um pouco mais afastado do grupo. Parecia calmo enquanto recolocava o elmo e largava o escudo no chão para que pudesse brandir a lança com as duas mãos.

A porta logo abaixo da Tribuna se escancarou com um estrondo, e Proghon apareceu. Desarmado, em seu passo lento mas constante, avançou na direção do centro da Arena fazendo sua capa flutuar atrás de si como uma mortalha. Aelian gritou com toda a força que podia, e seu berro se perdeu no clamor que começou como uma onda nas arquibancadas. O garoto cerrou os punhos, sentindo as unhas afundarem nas palmas das suas mãos e a visão clarear ainda mais, como se o sol quisesse engolir todo o azul dos céus...

O kaorsh e o anão avançaram sobre o General ao mesmo tempo, com espada e machado. Proghon parou os dois golpes juntos, segurando as armas pelas lâminas e arrancando-as das mãos dos desafiantes. Num movimento cruzado, fez a arma de um encontrar o peito do outro e continuou avançando, implacável. Enquanto a anã e o sinfo recuavam sem nem mesmo perceber o que estavam fazendo, apenas se deixando levar pelo instinto das suas pernas, Aenoch aguardava, sem mover os pés nem um centímetro. Aelian estendeu a mão na direção do pai como se pudesse alcançá-lo, esvaziando os pulmões com um grito asmático e sentindo que o sol tinha ganhado a batalha contra sua lucidez... Revirou os olhos e desfaleceu, tendo apenas os abutres por testemunhas.

O que viu ao despertar foi a imagem que o assombraria pelo resto da vida, em sonhos perturbados ou devaneios despertos: o corpo do pai sendo arrastado por dois Autoridades, cada um segurando uma perna. Não havia rastro visível da cor proibida no negrume do piso de obsidiana. Contudo, ela estava lá, aos montes, camuflada.



Aelian voltou ao presente assustado com o som da própria respiração. O pátio abaixo do Silo já estava vazio, sem nem sinal dos trilhos, e ele não sabia quanto tempo havia se passado enquanto revivia aquelas memórias. Tentando acalmar as batidas de seu coração, ficou imaginando se alguém teria a coragem de se inscrever no Festival após saberem que o último havia terminado com a participação do próprio General Proghon. E a luz ofuscante de sua lembrança também incidiu sobre

outra questão:

Caso tivesse sido avisado antes, seu pai teria se arriscado?

— Você! De pé, invasor!

Aelian estava tão abalado que mal percebera os passos do vigia. Xingou a si mesmo por ter baixado a guarda e colocou as mãos acima da cabeça, ainda de costas... Enquanto o sujeito não visse o rosto dele, haveria uma chance de escapar sem punição posterior.

— Vire-se devagar! — ordenou a voz, sublinhada pelo alerta inconfundível de uma maça batendo num escudo.

O falcoeiro foi se colocando de pé, sem se virar.

— Eu só estava descansando, sou do turno da manhã aqui no Silo — blefou, tentando ganhar tempo.

— E dormiu no meio das cebolas? Claro! — ironizou o homem, cutucando o meio das costas do invasor com a ponta da maça. — Finalmente peguei você, Aparição! Sabia que não era mentira!

— Quem?

— Vire-se *agora*!

Aelian respirou fundo...

— Certo.

De repente...

... Aelian derrubou duas pilhas de sacas de cebola atrás de si...

— Seu desgraçado!

... e correu.

O vigia soterrado tentava escapar da armadilha e alardeava a plenos pulmões a presença de um invasor no primeiro nível do Silo. Aelian já escalava a torre central da fortificação, tentando chegar até a ponte de pedra que o levaria à Estrebaria. De lá, ele teria acesso aos telhados. Nas alturas, o rapaz era como um peixe na água, e os guardas jamais o pegariam — a não ser que tivessem bons arqueiros kaorshs para atirarem no escuro.

Ouviu o som de botinas e passos apressados ao redor. Ele só torcia para que ninguém imaginasse que o invasor escalaria as paredes. Os reforços que chegavam estavam alguns metros abaixo, procurando no beco cheio de lixo, supondo que o fugitivo havia arriscado pular daquela altura. Quanto tempo teria até que alguém resolvesse olhar para cima?

Havia alcançado a altura da ponte de pedra quando alguém o avistou. Uma flecha

foi disparada em sua direção, e, pela péssima pontaria, ficou óbvio que não era um arqueiro experiente. Porém, para não dar chance ao azar, Aelian se jogou de qualquer jeito por cima da amurada da ponte, sentindo as cicatrizes de cada chibatada nas costas gritarem de dor.

Em alguns segundos os guardas o alcançariam, então o falcoeiro precisaria chegar logo aos telhados. Já do lado “estrebaria” da ponte, havia algumas caixas e barris ao relento que serviriam de apoio para que atingisse o topo da fortificação. Porém, um homem corpulento e de barba desgrenhada surgiu à sua frente, barrando seu caminho e empunhando uma maça com pregos na ponta enquanto girava os ombros para trás, seus ossos estalando a cada movimento. Parecia estar se alongando para uma atividade rotineira.

— Você faz ideia do tédio que é ficar vigiando caixas e caixas de selas e estribos, sendo que nem tem tanta mula para tudo isso? — O sujeito estalou o pescoço e abriu um sorriso repleto de dentes pretos. — Obrigado por vir morrer no meu turno.

Naquele momento, Aelian não tentou pensar numa resposta ou num pedido de clemência. O guardião das selas e dos estribos avançou a passos lentos, sabendo que o tamanho de seus braços e o alcance de sua arma compensariam a velocidade.

A arma zuniu, e Aelian saltou para trás. Tentou enganar o sujeito para passar correndo pelo lado, mas o homem ocupava praticamente toda a largura da ponte. Vozes vinham da escadaria atrás do falcoeiro em apuros; em pouco tempo, ele estaria encurralado. Retroceder não era uma opção.

Sacou o punhal e, em seguida, deu uma boa olhada na arma do guardião, aquela profusão de cravos pontiagudos. Aelian nunca havia se sentido tão impotente na vida.

O homem grunhiu, os golpes se aproximando cada vez mais do rosto do invasor. Aelian quase perdeu os joelhos numa investida rasteira, mas aproveitou para tentar apunhalar o pescoço do brutamontes. Atingiu-o de raspão, a gola do gibão de couro absorvendo boa parte do impacto. No fim das contas, o ataque surtiu o mesmo efeito que uma estocada no tronco de uma árvore. Aelian tentou ludibriá-lo para passar por baixo dos seus braços conforme o homem se preparava para outro golpe frontal, mas acabou levando um chute no meio do peito. O sorriso de dentes pretos voltou, e o falcoeiro estava completamente sem fôlego, como se tivesse levado um coice de mula. O punhal havia rolado para fora de seu alcance, e o guardião ensaiava um golpe fulminante com o braço direito, erguendo a maça acima da cabeça...

... e então não havia mais cabeça.

Arfando, Aelian rolou para o lado antes de o restante do corpo desabar em sua direção. A arma atingiu o chão com um estrépito, a mão direita ainda agarrada com firmeza ao cabo. A cabeça fez o barulho de um melão caindo de uma bancada de feira, rolando para os pés da figura sorrateira que havia se aproximado pelas costas do guardião.

Seu corpo estava todo oculto por um manto justo nos pulsos e nos tornozelos, envoltos por faixas que cobriam até as pontas dos dedos. Nos pés, também enfaixados, usava um tipo de sandália que Aelian nunca tinha visto. Apoiava-se numa gigantesca espada de duas mãos, a lâmina ainda tingida do sangue do guardião das selas e dos estribos. Enxergava por uma fenda mínima no capuz, que mantinha os olhos ocultos mesmo para um observador próximo. Naquele instante, as nuvens pareceram desvelar a lua apenas para tornar a figura silenciosa ainda mais perigosa sob a luz.

O manto era da cor proibida.

Sendo avaliado em silêncio, Aelian bateu na testa três vezes para se proteger do Mal Rubro.

— Pare com isso — ordenou uma voz abafada, como se faixas cobrissem também sua boca. — É vergonhoso.

Aelian não teve tempo de se sentir mais idiota porque a figura sinistra parou de se apoiar na espada como se fosse uma bengala e seguiu adiante com calma, saltando por cima do corpo do guardião e passando ao lado do falcoeiro. Os vigias estavam subindo e chegariam por aquele caminho, e o improvável salvador do manto da cor proibida caminhava na direção do perigo.

— Entre e vire à direita, nos barris empilhados — disse, apontando para a torre da Estrebaria atrás de si. — Há um alçapão lá que vai deixá-lo nos telhados sem maiores dificuldades.

A figura parou no início da ponte, de frente para o Silo, e ergueu a espada, esperando.

Olhou por cima do ombro e cuspiu uma única palavra para Aelian, que estava congelado no lugar.

— Vá!

O tom de voz o tirou do transe de estupefação, e ele seguiu as ordens: direita, barris, alçapão. Chegou ao telhado da torre da Estrebaria e, de lá, como a criança curiosa que fora no Festival da Morte, não resistiu à posição privilegiada: olhou para baixo.

O manto vermelho avançava contra os homens armados. Uma espada contra dez maças, nas mãos de dez homens dez vezes mais surpresos que Aelian e que não se decidiam entre atacar uma pessoa vestida com a cor proibida ou fugir dela. A grande lâmina dançava com velocidade — uma imagem que não parecia correta ou crível. Armas daquele tamanho eram lentas, mas a pessoa que a manuseava parecia saber usar o peso para impulsionar os devastadores golpes em arcos, emendando um movimento no outro, cada vez mais rápido, até que fosse impossível para os vigias avançarem sem correr o risco de serem cortados ao meio.

Foi o que aconteceu com três dos homens, que, num lampejo de aço, estavam despejando as tripas nas pedras da ponte — o que fez outros dois largarem as armas e baterem na testa muito mais vezes que a superstição lhes ensinara. O quarto morreu empalado por uma estocada frontal, e foi nesse momento que o sujeito no manto tirou a mão esquerda da espada e a levantou no ar, dramaticamente.

Por um segundo, Aelian teve a impressão de que a mão enfaixada lançaria uma praga ou clamaria por relâmpagos, como nos relatos das batalhas dos deuses no monte Ahtul. Os vigias pareceram sentir a mesma onda de poder e se encolheram por um momento, receosos de atacar o invasor escarlata. Até que nada aconteceu, e Aelian percebeu que a mão, na verdade, estava apontando em sua direção, mesmo que a cabeça do sujeito não estivesse virada para ele.

— Vou ter que repetir? Saia daqui! — mandou a voz abafada.

Aelian sabia que a coisa era com ele, já que o mascarado havia ficado ali, na ponte, para que o falcoeiro pudesse fugir. Levantou-se como se tivesse sido eletrocutado e achou melhor obedecer à ordem, deixando para trás os ecos de uma situação muito rara em Untherak: uma maioria se vendo em desvantagem.

Aelian pulou e escalou, evitando pisar em caibros desgastados e vigas apodrecidas que não deviam ser trocados desde antes de seu nascimento. Deu preferência às paredes de pedra e aos saltos de laje em laje, reservando as acrobacias às aterrissagens.

Só parou para respirar quando chegou ao telhado do Poleiro, muito antes de o sol nascer. Era a hora mais fria da madrugada, e ainda assim seu corpo queimava, por causa do cansaço, da adrenalina e dos ferimentos nas costas. Era difícil até mesmo distinguir as dores. Ao lado da claraboia, Bicofino o aguardava, calmo. Aelian invejou as asas do falcão e a capacidade dele de percorrer o espaço entre o Portão

Sul e o Poleiro sem precisar fazer grandes desvios. Estaria bem menos cansado se pudesse fazer o mesmo.

E com certeza teria encontrado uma maneira de se alimentar direito.

Abriu a claraboia, e Bicofino voou até seu pulso, acostumado com o procedimento. O falcoeiro aguardaria por um tempo naquele lugar, até que fosse a hora de se reapresentar para o primeiro dia de trabalho da semana. Já havia feito isso antes, e não seria tão difícil apresentar-se em sua cela sem que os Autoridades notassem que ele não havia entrado pelo térreo. O controle do fluxo de servos ali não era tão eficiente como no Palácio.

Com os olhos acostumados à pouca luz e contando com alguns feixes de luar que entravam pelo sótão, caminhou entre os falcões encapuzados, sentindo o cheiro característico de seu local de trabalho. Levou Bicofino até o poleiro dele e sentou-se na bancada de madeira em frente.

— Vou cochilar um pouco aqui, se você não se importar — disse, sentindo as juntas latejando com o esforço feito havia pouco. — Pode me acordar um pouco antes de o sol nascer? Obrigado.

Bicofino o observava deitado de lado e voltado para seu poleiro, e Aelian acabou percebendo que não era tão solitário assim. Tom e a família dele. O falcão. Alguns estranhos cruzando seu caminho de forma inesperada e o tirando de enrascadas... Seja lá como funcionasse a força que regesse a vida, seria bom se ela continuasse lhe dando esses episódios de alívio em meio a tanta dor.

O cansaço começava a fazer as pálpebras pesarem, quando Aelian percebeu um embrulho esférico debaixo da madeira onde Bicofino estava pousado. Uma encomenda esquecida ali pelos novatos? Bem possível.

Com a curiosidade espantando o sono, viu que a coisa estava envolta em pergaminho pardo, sem nome de destinatário, sem cordão envolvendo o pacote e sem capricho algum no embrulho. Tinha o peso de uma maçã, o tamanho de uma maçã... e quando abriu a encomenda, confirmou que era uma maçã. O estômago roncou ao mesmo tempo em que a mão foi direto à testa.

A fruta era impossivelmente vermelha.

Aelian pensou na possibilidade de estar envenenada, como no antigo relato dos sete anões que presentearam a kaorsh que tentava ser mais bela que Una com uma maçã recheada com veneno de basilisco-d'água. Contudo, à luz dos archotes do corredor, a fruta não parecia ter qualquer moléstia. Nem mesmo um arranhado na casca.

O fruto era da cor da capa do estranho que tinha salvado a pele dele na ponte de pedra. Duas visões carmesins na mesma noite não poderiam estar desconectadas...

Com a fome vencendo o susto e a desconfiança, Aelian levou a maçã à boca. Afinal, ninguém encontraria aquilo por ali. E, graças à boa ação de um desconhecido, não iniciaria uma semana de trabalho com o estômago vazio. Essa boa vontade entre estranhos o lembrou de um questionamento interrompido que fizera a si mesmo no Silo...

Caso tivesse sido avisado sobre a luta com Proghon antes de se inscrever no Festival, seu pai teria se arriscado?

Aelian devorou o fruto até o miolo, olhando para o papel pardo amassado do embrulho. Parou de mastigar por um instante, pensando que talvez pudesse salvar uma vida — ou até algumas vidas —, da mesma forma que o homem na capa vermelha fizera.

Colocou a mão no bolso em que estavam as plumas vermelhas de Bicofino. Teria que aguardar alguns dias para descobrir se algum louco cheio de esperanças vãs se inscreveria para o Festival, mas já poderia ir tomando providências quanto à situação e escrevendo um aviso anônimo. Tinha a habilidade da escrita, pergaminho, pena e uma informação valiosa. Faltava apenas a tinta. Só podia torcer para que sua mensagem chegasse às mãos de alguém que soubesse ler ou conhecesse alguém que o fizesse. Seu plano era uma flechada no escuro.

Bicofino bicou as costas de sua mão esquerda, com mais rapidez do que força. Aelian retraiu o punho, soltando uma exclamação de dor e olhando ofendido para o falcão. Porém, ele não fugiu do movimento brusco do dono, continuou encarando-o com serenidade, como se não tivesse acabado de atacá-lo.

Aelian parou de praguejar para observar o filete de sangue que escorria da pele ferida. Entre os dedos da mão direita, ainda segurava a pena. Então, molhou a ponta no próprio sangue. E a aproximou do pergaminho amassado.

Sentia medo de prosseguir, justamente porque o plano se apresentara com tanta clareza. Surpreendeu a si mesmo ao esconder o pergaminho e a pena suja de sangue. Limpou a ferida nas costas da mão. Talvez a coragem surgisse em outro momento.

Uma semana para o Festival da Morte

Mercado Aberto dos Campos Exteriores, Borda Norte

- Você viu a programação do Festival?
- Vi, só se fala nisso na Bigorna. Ainda não acredito que tem dois inscritos. Quem serão os imbecis que pagaram para ter o mesmo destino que criminosos?
- As imbecis, no caso! Vi que são mulheres. De acordo com os Aautos, os nomes são Yanisha e Raazi. Kaorshs. Inclusive, dizem que a casa delas foi destruída e que uma está morando com os sinfos no Segundo Bosque.
- Ah, foi aquela história do incêndio que aconteceu por lá? Por que uma pessoa que mora fora do Miolo se arriscaria no Festival?
- Sei lá. Sei que uma delas é do Tear. Mas isso não explica essa outra de fora...
- Hum. No último Festival, tinha dois anões, torci por eles. O General Proghon acabou com a minha aposta de que eles sobreviveriam. Eram parentes distantes meus, guerreiros de fibra. Também da Bigorna.
- Eu cheguei a conhecer um parente do último sujeito que ficou de pé e peitou o General.
- Humano que nem você, não era?
- Era. Só que eu não estava nas arquibancadas da Arena naquele dia. Era novo demais.
- Esse vai ser o terceiro Festival a que assisto. Já vi mortes suficientes para uma vida inteira. Quanto quer de cevada?
- Duas medidas... Pode colocar um pouco mais, aceito de cortesia.
- Poxa, que pena, a cortesia não veio hoje.

Sótão do Poleiro

- Tem algum falcão aí?
- Todos estão em entrega. A não ser o pequeno e pulguento, mas ele sempre tenta me bicar quando eu chego perto...
- Ah, é o bicho de estimação do primeiro falcoeiro. Deixa pra lá, então.
- Esse Aelian é estranho à beça...
- Fale mais baixo.

- Ele está separando encomendas, não vai ouvir a gente...
- Hum. Bom, ele já está aqui há um bom tempo, dá para entender. Não viu a linha no rosto dele, não?
- Vi, mas fiquei com medo de puxar conversa... Acho que ele é meio imbecil.
- Pela Fúria, a Tenente Sureyya tirou a vida do chefe dele na semana passada. A gente inclusive veio para cá por causa disso, e o sujeito se tornou primeiro falcoeiro a contragosto.
- Mas custa ser um pouco menos ignorante? Fui perguntar o que achava do Festival, e ele respondeu que era uma coisa que nunca devia ter acontecido, que nem o meu nascimento.
- É, essa foi desnecessária.
- Depois toma chibatada da Sureyya e não sabe por quê.

Mercado Aberto

- Você acha que duas mulheres dão conta?
- Depende. Se os desafios forem fáceis...
- Fáceis? E pensa que vão colocar que tipo de desafio para elas? Um monte de tecido para ser remendado?
- Na verdade, acho que vão soltar uns gnolls famintos para cima delas. Assim, as kaorshs morrem dando um espetáculo para a gente.
- Pode ser. Mas duas moças teriam trabalho até com um enxame de diabretes...

Sótão do Poleiro

- Você vai assistir das arquibancadas ou dos pórticos? A diferença no valor do ingresso é de dois *altin*...
- Que nada! Acho que vou pagar para poder operar uma daquelas balestras imensas na lateral da Arena! Ouvi Niahkon falar que vai ter algo desse tipo, como nos velhos Festivais.
- Ficou doido? Gastar dinheiro para dar tiros nuns condenados?
- Deve ser legal! Já pensou atirar num gosmento? É a minha única chance de fazer isso na vida sem ser castigado!
- Não sei, não. A sensação de empalar alguém deve ser...
- Incrível! Talvez essa seja a oportunidade para a Tenente Sureyya e o General Proghon me notarem, verem a minha pontaria! Aí posso entrar para os Únicos e...
- E ter que enfrentar coisas que nem aquele tal de Aparição, que matou um monte de guardas lá na Estrebaria no meio da madrugada?

— Ah, deviam ser uns seguranças bem frouxos.

— Hã...

— Que cara é essa, Ollie?

— Sr. Aelian...

— Ah! Sr. Aelian! Eu...

— A gente estava falando sobre o... hã...

Notando a surpresa no rosto dos garotos, Aelian respirou fundo antes de mandá-los trabalhar de boca calada.

Mercado Aberto

— Aposto três *gumus* que as kaorshs não vão fazer tão feio.

— Você nem as conhece!

— Pois é assim que gosto de apostar! As kaorshs são sempre grandalhonas, têm fibra.

— Você que sabe, refugo... Eu cubro a aposta e digo que uma delas morre em menos de um minuto na Arena.

— Ah, está apostado!

Enquanto homem e anão selavam o acordo de forma nada silenciosa, uma incomodada kaorsh resmungava com a comerciante anã na tenda ao lado.

Sótão do Poleiro

Depois de ouvir tanta besteira cuspidada por bocas que por pouco não estavam ainda cheias de dentes de leite, Aelian não pôde deixar de sentir certo prazer ao mandar a dupla de moleques limpar o esterco sob os poleiros dos falcões. Laun, o mais irritadiço dos dois e que sonhava ser Único, fora oficializado como seu ajudante fixo, ao passo que Ollie, mais lento porém mais sociável que o outro, vinha apenas nos dias em que havia muita correspondência para ser separada ou quando o sótão precisava de uma limpeza mais pesada. No momento, ao mesmo tempo em que tinha vontade de esfregar a cara de ambos na merda, Aelian queria agradecer a eles pela informação nova: a presença de balestras na margem da Arena.

Aquele era um costume antigo, abolido ainda nos Festivais da Morte havia mais de um século, por causar acidentes bem graves e prejuízo na mão de obra de Untherak. Provavelmente, Una queria assinalar a volta do Festival com algo marcante.

Com uma súbita coragem, Aelian tateou o bolso em busca do pedaço de pergaminho pardo e da pena de cor proibida. Resistiu à vontade de dar tapinhas na

testa — afinal, o tal *Aparição*, como estava sendo nomeado por sussurros entre os servos do Miolo, vestia um manto daquela cor quando o salvara de um destino doloroso na ponte de pedra.

— Vem cá — chamou Aelian, e Bicofino deu um rasante até a bancada à frente.

Esticou a mão esquerda, e o falcão, como se já soubesse o que fazer, o bicou uma única vez. Foi o suficiente para fazer brotar sangue de um pequeno corte.

Aelian umedeceu a ponta da pena e escreveu com linhas não muito seguras sobre a criatura venenosa e implacável que fora trazida para dentro do Unificado e também sobre as balestras e as pessoas que pagariam para operá-las. Tinha esperança de que as kaorshs se preparassem para tudo aquilo.

Sabia que uma delas era do Tear, mas não sabia qual. Não poderia mandar a carta para o recolhimento de lá, escrevendo Raazi e Yanisha com sangue; achou que seria melhor mandar para o Segundo Bosque e torcer para os sinfos entregarem para a que estivesse morando lá, como escutara na conversa entre Ollie e Laun.

— Você já sabe o que fazer — disse Aelian, enrolando o pergaminho e colocando-o nas patas de Bicofino. Nenhum outro falcão do Poleiro conseguia fazer uma entrega para um local que não fosse o posto a que tivesse sido condicionado a voar. — Segundo Bosque, entendeu? Segundo Bosque. Leve o tempo que precisar. Dê um pio se entendeu para onde deve ir!

Bicofino deu um único pio obediente.

Aelian beijou o bico do falcão — coisa que sempre se arrependia de fazer depois de lembrar o tipo de comida que o bicho procurava à noite — e o enxotou pela janela, pressionando a pequena ferida na mão esquerda.

Pensativo e cuidando do machucado, viu seu animal de estimação dar uma volta completa ao redor da cabeça da estátua de Una antes de desaparecer entre torres e ameias.

Mercado Aberto

Raazi esfregou os olhos, nervosa. O anão e o homem que discutiam sobre as “imbecis” que se inscreveram para o Festival a estavam irritando profundamente.

— Guarde a raiva para a Arena — disse Baeli, reparando na expressão da amiga. — Não vai adiantar nada brigar com esses idiotas.

Raazi sabia que a anã estava certa, mas estava a um passo de decepcionar a amiga.

— Olha, é por causa de gente assim que não vou conseguir entrar naquelas arquibancadas — falou Baeli, de braços cruzados. — Bando de abutres, torcendo pela

morte dos outros... Você e Yanisha que me perdoem, mas vou torcer por vocês daqui de fora. Não quero ver as duas morrem... Hã. Desculpa.

Raazi fez um gesto disperso com a mão.

— Está tudo bem, Baeli. Sei que parece loucura e sei que Untherak inteira já tem certeza de que vamos morrer. De certa forma, isso me ajuda a manter a mente focada.

— Vamos mudar de assunto? — perguntou Baeli de repente, batendo palmas uma vez. — Acho que essa possibilidade me assusta mais do que a vocês. Sempre soube que as duas eram loucas, mas não tanto assim.

Raazi sorriu para a anã. Ela era uma boa amiga e, de vez em quando, deixava transparecer uma personalidade zelosa por baixo da aspereza natural de sua raça.

A kaorsh abstraiu do assunto e ajudou a outra a ensacar algumas mercadorias para dois clientes. Enquanto colocava os fardos no carrinho de mão, Yanisha chegou pelo outro lado, a passos rápidos e com uma expressão indefinível no rosto.

— Que cara é essa? — indagou Raazi, após beijar a esposa.

— Precisamos conversar — disse ela, tirando um pergaminho amassado da camisa.

Baeli olhou para o casal.

— Querem privacidade? A tenda é minha, mas eu saio se vocês quiserem.

— Imagine, Baeli — falou Yan com um meneio de cabeça, desamassando o pergaminho. — Talvez eu até precise da sua ajuda para ler o que está escrito aqui. Os sinfos receberam lá no bosque e me trouxeram...

Raazi viu que no verso da folha havia o nome dela e o de Yanisha.

— Isso está escrito com *sangue*?

A anã, de fato, tinha uma habilidade rudimentar de leitura, graças a alguns parentes que haviam sido Autoridades. Ela esticou o papel sobre o balcão da tenda e fez uma careta ao ver aquele tom castanho quase proibido. Bateu três vezes na testa, por via das dúvidas, e aproximou o nariz do papel, apertando os peitos volumosos contra a madeira e ficando na ponta dos pés em cima de um caixote.

Soltou uma exclamação indignada.

— O que diz aí? — perguntou Raazi, curiosa. — Tem o nome de quem mandou?

Yanisha se sentia da mesma forma, mas não demonstrava tanto. A anã demorou-se um pouco nas primeiras palavras e esfregou os olhos antes de se voltar para as kaorshs.

— Parece que é impossível não falar dessa gosma de assunto, hein?

As três passaram minutos decifrando o que as linhas trêmulas no papel diziam.

— Aqui está escrito... *venenoso*? É, é venenoso. É parecido com “Venoma”. Pela Fúria, eu não sei ler direito, mas a letra de quem enviou essa carta é um garrancho mais feio que um betouro visto de baixo! Tudo bem, acho que já dá para entender quase tudo desta parte — disse a anã, parecendo entusiasmada. Por mais que não praticasse havia um bom tempo, aquilo era como modelar um vaso em argila: depois do primeiro, dificilmente um anão se esqueceria dos movimentos para criar as alças, o gargalo...

Baeli pigarreou e leu o pergaminho desde o começo.

— “Retirem as suas inscrições do Festival da Morte. Vocês correm perigo. Trouxeram uma criatura perigosa e...” Aqui eu não entendi direito o que está escrito, mas enfim: “... dos pântanos que tem uma espécie de ferrão venenoso. Nunca vi nada igual. Retirem as suas inscrições e fiquem vivas. Não quero que ninguém sofra com a morte de vocês.” — A anã levantou os olhos do pergaminho e observou as amigas. — Bem, agora que um completo estranho está preocupado com vocês e diz que uma besta horrível espera pelas duas dentro da Arena de Obsidiana, ao menos considerariam retirar as inscrições? Porque, quando eu falei, não adiantou nada.

— Não podemos — disse Raazi, com o olhar perdido. — Isso não muda o nosso plano. Vamos lutar.

— Tudo bem, mas vocês deviam ser gratas ao estranho que se arriscou para enviar esta mensagem anônima — falou Baeli, num sussurro irritado. — Se sabe escrever, deve ser um Autoridade... Imaginem só o perigo que o sujeito correu.

Yanisha e Raazi trocaram um olhar e um suspiro. Estavam em plena capacidade de imaginar os perigos que Untherak oferecia naqueles dias.

— Nós sabemos, Baeli — disse Raazi, apontando para o pergaminho. Ainda havia muitas linhas a serem decifradas. — Agora, podemos continuar?

Três horas para o Festival da Morte

Numa madrugada em que Untherak praticamente não experimentara o silêncio, milhares de servos foram convocados para os últimos preparativos no Miolo, que nas primeiras horas da manhã abriria seus portões para todo o Unificado.

Havia um preço a pagar — alto demais para a maior parte dos servos de Una — para entrar na Arena de Obsidiana, mas sempre restaria alguma espécie de entretenimento mesmo para quem ficasse do lado de fora. Os cadáveres resultantes das batalhas — aqueles que estivessem em condições de ser reconhecidos como tal e não precisassem ser carregados em partes — eram levados para dar uma volta pelas ruas do Miolo na Liteira dos Mortos, para que a multidão visse de perto o que havia acontecido com os perdedores. Essa atividade instigava certo frenesi mórbido, com gritos, acenos e xingamentos acompanhando a passagem dos corpos sem vida, que, mais tarde, eram jogados no Poço de Mácula, dentro do Palácio.

Deitado em seu catre, Aelian planejava ir na contramão do cidadão comum de Untherak. Já que todos os servos ganhariam folga naquele dia, ele pretendia se afastar do Miolo e enveredar pelos Campos Exteriores, que ficariam vazios e calmos até o fim das atividades na Arena, à noite. Não queria participar do torpor de ódio e da ressaca que Untherak sofria após aquela embriaguez de violência. Inclusive, era bem comum que alguns espectadores saíssem de lá bêbados, sentindo-se heroicos demais e puxando briga com qualquer um nas imediações. O falcoeiro queria se afastar daquele sentimento que tanto o lembrava da morte do pai.

Ao mesmo tempo, gostaria de saber o destino de Raazi e Yanisha, as duas kaorshs que haviam pagado para lutar no Festival. Por dentro, o rapaz carregava uma inquietação, imaginando se elas teriam recebido seu alerta anônimo e o levado em consideração.

— Autoridades! Um Autoridade, rápido!

O grito, vindo de alguma cela, fez Aelian despertar de súbito. Um burburinho se alastrou como uma colmeia despencando de uma árvore. Em alguns segundos, todos gritavam e chamavam pelos Autoridades.

O primeiro falcoeiro colou a cabeça à grade e tentou enxergar o máximo que

podia. Os ocupantes da cela mais próxima, dois homens chamados Ghelis e Lennigan, fizeram exatamente o contrário, afastando-se das barras de ferro com semblantes horrorizados, batendo na testa enquanto recuavam para o fundo de seus cubículos, os olhos encarando algo no chão.

— O que está acontecendo? — gritou Aelian.

Era inútil, pois a voz dele não conseguia se sobrepor aos chamados pelos Autoridades e aos clamores pela piedade de Una. Sem conseguir entender o que causara toda aquela comoção, seu olhar foi parar no piso logo à frente da própria cela...

Uma tigela de líquido vermelho.

Aelian não bateu com a mão na testa. Também não recuou. Aquele tom esmaltado da cor proibida o encarava, parecendo tinta ou um tipo de unguento. Ambos teriam sido úteis nas últimas semanas, mas naquele momento não eram nada além de um imenso problema.

A porta de madeira ao lado da cela de Aelian foi escancarada, quase arrancada das dobradiças. Harun e Niahkon irromperam no corredor, martelo e maça em punhos, alguns segundos antes de uma dezena de guardas entrar, de prontidão.

Niahkon avançou pelo corredor, sem pressa, passando a ponta da maça nas barras das grades e fazendo um ruído irritante de propósito. Harun, no entanto, havia captado na mesma hora o que havia de anormal aos pés da cela de Aelian.

— A cor proibida! — gritou um dos guardas, apontando para a tigela e olhando para Aelian.

Harun o encarou, e o falcoeiro sustentou o olhar. Não tinha nada a esconder, apesar de saber que com certeza aquilo tinha a ver com Aparição. Afinal, quem mais ficaria brincando tanto com os perigos que a cor trazia?

Niahkon foi até a cela de Aelian e parou ao lado de Harun. Olhou para o companheiro de trabalho, depois para o prisioneiro. Solto uma risadinha pesarosa.

— Oruz, Oruz... Já esqueceu como dói um chicote maculado?

— Eu não sei o que é isso — disse Aelian, afastando-se por instinto das barras de ferro.

O kaorsh mexeu no cabelo cacheado, parecendo pensativo. Harun também estava quieto, olhando para a tigela. Ninguém ousava tocar nela, e alguns guardas não paravam de dar tapas na testa.

— Bom, então somos dois, meu amigo falcoeiro — falou Niahkon, suspirando, e logo em seguida acrescentou, maldoso: — Aliás, primeiro falcoeiro! Isso sempre me

escapa... Que a Mácula tenha sido boa com o velho Kivan...

— O que você viu? — rosnou Harun, parecendo impaciente com os rodeios do outro Autoridade. — Quem deixou essas tigelas no pavilhão?

Tigelas? Então tem mais de uma? Agora a bagunça que o despertara fazia mais sentido.

— Não sei — respondeu Aelian. — Acordei com uma gritaria e só depois vi essa coisa na frente da minha cela.

— Você tocou nela? — perguntou Niahkon, ainda enrolando os cachos.

— Quê? Não, claro que não!

— Hum. — O kaorsh franziu as sobrancelhas, parecendo um tanto quanto descrente. — Autoridade Harun, uma palavrinha em particular antes de prosseguirmos?

O anão e o kaorsh se afastaram para além da porta, os soldados dando passagem para os superiores. Falavam baixo; na verdade, parecia que apenas Niahkon tinha a palavra. Harun estava introspectivo, demonstrando cansaço em cada fio da barba grisalha. Talvez o trabalho extra de preparação para o Festival da Morte estivesse sendo pesado até mesmo para a privilegiada constituição física de sua raça.

Niahkon voltou antes de Harun e passou direto pela cela de Aelian, estufando o peito e falando em alto e bom som:

— Não queremos atrasar ninguém neste dia tão importante... Que os gentis e incansáveis servos de Untherak possam testemunhar a volta do Festival da Morte! Guardas! Abram todas as celas, exceto as de Oruz e a de Ghelis e Lennigan, que ficarão sob investigação.

— Isso não é justo! — protestou Aelian enquanto engrenagens, roldanas e trincos eram movidos. Ele não se importava em perder o Festival, mas sabia que sofreria um castigo por algo que não tinha feito. Aparição salvara sua pele uma vez, mas esta última intervenção complicara a vida dele de uma maneira inimaginável. — Eu nem toquei nesse negócio!

— Abaixе a voz! — bradou Niahkon, que era sempre moderado e comedido. Ele ficou com a pele da cor do chumbo num piscar de olhos e colocou o corpo na grade da cela de Aelian enquanto os servos dispensados deixavam o pavilhão em passos apressados, antes que sobrasse para eles também. — Por algum motivo, você está no caminho dos Autoridades de novo, Aelian Oruz! E vamos descobrir o que está tramando! Entendeu?

Aelian se calou antes que as coisas se complicassem ainda mais. Niahkon voltou

à sua cor e à calma costumeiras. Harun o observava, alguns passos atrás.

— Sim — respondeu o primeiro falcoeiro, sentando-se em seu catre.

— Ótimo — disse o kaorsh, baixinho. — Mas toda a parte burocrática vai ficar para depois. Temos um Festival para ver, e nada vai atrapalhar a celebração do nome de Una. Guardas! Quero dois homens vigiando a porta deste setor o tempo todo. Assim que o último evento da Arena terminar, voltarei aqui com a Tenente Sureyya para decidir o que fazer com os três *sortudos*.

E assim o corredor foi esvaziando. A tigela na frente da cela de Aelian foi deixada no lugar, intocada, e ele supôs que a outra, na frente da cela de Ghelis e Lennigan, ainda estivesse por lá.

— Alguém viu alguma coisa? — gritou Aelian, levantando-se e agarrando as barras da cela, tentando enxergar os outros dois servos.

Eles não estavam na pequena faixa de visão do rapaz e também não responderam. Deviam estar preocupados com o que Sureyya decidiria.

Aelian olhou para o recipiente. Sentiu raiva da cor, mas não medo. Por que alguém deixara aquela porcaria justo ali, justo naquele dia e justo na frente dele, que já tinha tantos problemas com os Autoridades?

Olhou para a pequena janela, de onde vinha o barulho da multidão tomando as ruas rumo à Arena. Pensou que Raazi e Yanisha também deviam estar se preocupando com um problema misterioso, ainda que de escala diferente. Como ninguém tinha comentado sobre a desistência delas, Aelian entendeu que as kaorshs não tinham recebido sua mensagem ou não tinham mudado de ideia mesmo assim.

Deitou-se no catre, observando as manchas no teto de pedra, consciente da presença da tinta da cor proibida à sua esquerda e da janela à direita. Passou as três horas seguintes tentando fazer sua curiosidade se afogar no silêncio do pavilhão e convencendo a si mesmo a não piorar a situação em que se encontrava.

Até que o som de mil trombetas de batalha fez o Poleiro reverberar.

O Festival estava oficialmente aberto.

O falcoeiro retirou o punhal de dentro de um rasgo no colchonete, já que o esconderijo na pedra solta do piso já não era mais tão seguro. Não se deu ao trabalho de caprichar no sósia de trapos e lençóis em seu lugar na cama, pois não esperava que algum dos vigias fosse corajoso o bastante para entrar num lugar em

que repousavam três tigelas repletas de tinta da cor proibida. Aelian se pegou pensando que aquilo era ridículo, mas que era a realidade de muitos. De uma maneira um tanto estranha, via-se *curado* do medo do Mal Rubro. Quando ele havia se tornado tão diferente do cidadão comum de Untherak?

Agarrou a barra de ferro que ficava bem no meio da janela da cela. Torcendo-a do jeito certo e dando um puxão firme, ele a soltou. No dia em que fora chicoteado, Aelian pensou que Harun tinha percebido que aquela barra estava serrada, mas poderia ter sido apenas impressão, assim como a da pedra solta.

Se o rapaz tivesse um pouco mais de músculos ou de barriga, não conseguiria atravessar o espaço entre as barras. Fez contorcionismo já com a metade inferior do corpo para fora e se pendurou na parede externa, os pés buscando as irregularidades familiares e as cavidades entre um bloco e outro. Lembrava quais pedras salientes lhe dariam o apoio para os pés e as mãos, e sabia onde havia fixado ganchos estratégicos que roubara de alguns depósitos para que se firmasse em caso de ventania ou desequilíbrio.

Por alguns momentos, seus pés perderam todo tipo de apoio, e seu corpo inteiro ficou dependente do que as mãos fariam. De uma pedra, uma das mãos foi para um gancho. De um gancho para outro mais à direita, a um braço de distância. E, dali, para um canto em que dois lados das paredes externas do Poleiro se encontravam, formando uma escada de cavidades que jamais seria notada do chão. Se alguém lá embaixo tivesse a ideia de olhar para cima, veria um homem escalando a fachada da torre como uma aranha.

Os dedos de Aelian doíam, mas era uma dor familiar, que o fazia se sentir vivo. Ele subia; apenas mais alguns metros, e as mãos poderiam descansar. Não era hora de ficar pensando muito, ou a mente dele o convenceria de que estava mais cansado que de fato se sentia.

Alguns minutos depois, ofegante, alcançou o topo do Poleiro e pensou em tirar Bicofino de dentro do sótão... Contudo, o processo de entrar e sair poderia atrasá-lo, e, naquele momento, ele não tinha tempo.

Foi até a beirada de um caibro saliente, a ponta dos pés ocupando todo o espaço vazio entre o céu e o chão. Por entre as ondas de calor que faziam a realidade próxima aos telhados estremecer, observou a estátua de Una e depois o Palácio — seu destino nos minutos seguintes. Era por lá que ele alcançaria a cobertura da Arena de Obsidiana.

Tomou impulso e deu o primeiro de muitos saltos. A cada um deles, maior era o

Palácio, e menor Aelian se sentia.

Ficar ali, naquele cômodo quadrado à espera da hora de entrar na Arena, dava asas à imaginação.

A cena se repetia sem grandes variações: algum infeliz acorrentado era arrastado pelo corredor por um Autoridade musculoso. As enormes portas que davam acesso ao centro da Arena de Obsidiana eram abertas com os rangidos de mil roldanas girando. O sujeito entrava gritando ou chorando — ou gritando *e* chorando — enquanto as arquibancadas iam à loucura. Em quase todas as dezenas de ocasiões em que isso foi repetido, havia um rugido, um rosnado ou um som seco, e um grande lamento em uníssono preenchia o ar. Depois, vinham as vaías ou os aplausos, e mais algum condenado era arrastado pelo corredor.

Enquanto Yanisha apalpava os tornozelos, Raazi contava o tempo que cada pessoa havia durado lá fora. Poucas sobreviviam por mais de três minutos, e ela imaginava que os que passavam disso ficavam correndo em círculos, fugindo de seja lá o que tivesse sido planejado pelas cruéis mentes da Centípede, os verdadeiros organizadores do Festival. Ela achava que era pedir demais que um condenado lutasse com bravura sabendo que tudo ali era feito para que ele morresse no fim — afinal, aquele era um espetáculo voltado para as vontades do público. Enfrentar perigos de peito aberto era apenas para gente sem nada a perder ou com um objetivo claro e fixo em mente.

Yanisha segurou a mão esquerda de Raazi, lembrando-a de que elas eram duas pessoas com objetivos claros. Porém, naquele exato momento, sentindo o calor do toque da amada, ela duvidava de que tivessem mesmo tão pouco a perder.

— Está com sede? — perguntou Yanisha, os olhos fixos na esposa.

Raazi assentiu e se voltou para o outro lado do cômodo, onde havia uma longa mesa repleta de alimentos e jarros.

A sala de espera para os inscritos no Festival era toda de mármore negro, com piscinas e luz natural entrando por frestas nas paredes. Era um arrojado trabalho de arquitetura dos anões, quase tão antigo quanto a estátua de Una. Todo aquele conforto era irônico, como se aqueles que estivessem prestes a lutar merecessem um pouco do mesmo luxo que a soberana esbanjava antes de serem massacrados

diante de uma plateia.

Yanisha retirou o cantil de dentro do manto escuro que usava, um manto igual ao de Raazi.

— Você acha que envenenariam a água para nos prejudicar? — perguntou Raazi, dando um pequeno gole no cantil, que já estava quase no fim. Apesar da comida e do vinho dispostos para elas num banquete pré-combate, as kaorshs só beberiam a água que elas próprias levaram.

Yanisha deu uma risada seca.

— Eles são sujos como a deusa encarnada que adoram. Herk Zatoiff adoraria garantir nossa humilhação depois do que você fez a ele.

— Depois do que *nós* fizemos ao bando *dele* — falou Raazi, e, em seguida, acrescentou: — Por mais que ele tenha negado que foi o mandante do ataque.

— Bem... vamos garantir que ele tenha um colapso nervoso de seja lá onde estiver nos assistindo e assegurar nossa integridade física... por mais que todo esse banquete pareça delicioso.

Raazi sorriu e abraçou a amada. Enquanto sentia o calor tão familiar do rosto de Yanisha junto ao seu, foi tomada de assalto por uma melancolia profunda. Mesmo sem dizer nada, a outra pareceu sentir a mudança de humor no ar entre elas, e a apertou ainda mais. As duas continuaram assim, em silêncio, receosas de que qualquer palavra enfraquecesse toda a vontade resoluta que tinham conservado. Aquele sentimento que Raazi poucas vezes sentira na vida, o medo, estava lá. Ela precisava aceitar isso. No entanto, enquanto não verbalizasse a existência dele, talvez a sensação não dominasse por completo seu *canväs*.

Desfizeram o abraço, mas as mãos continuaram unidas. Raazi observou a pele de Yanisha contrastando com a sua. Talvez Untherak tivesse nublado um pouco sua visão kaorsh sobre a vida, algo que sempre a fizera se sentir muito segura. Porém, assim como estrelas-do-pântano floresciam na lama, o medo também podia eclodir no meio da luz e da claridade. Aquele era um ensinamento tradicional de sua espécie, e lembrar-se dele naquele momento fez a mulher ficar um pouco mais centrada.

Um clamor veio das arquibancadas e, logo depois, outro ainda mais forte. Parecia que a hora do evento principal estava se aproximando. Aguardaram os passos soarem no corredor, mas quem apareceu sob o arco de entrada da pequena sala chegou em silêncio, como a sombra que era.

A Tenente Sureyya estava de braços cruzados, olhando para as duas, sem dizer

nenhuma palavra. Raazi levantou-se por instinto, sentindo-se ameaçada. Yanisha colocou uma das mãos no ombro dela, como se pedisse calma. A kaorsh maculada deu um riso à guisa de escárnio e trocou a perna de apoio, ainda de braços cruzados.

— Raazi Tan Nurten e Yanisha Azath, eu as levarei até a sala de armas — falou Sureyya, colocando-se de lado para que as combatentes passassem pela porta. — Podem ir na frente.

Raazi e Yanisha passaram por Sureyya de cabeça erguida. De canto de olho, perceberam que ela continuava com o sorriso zombeteiro, observando as duas como se achasse interessante aquela altivez ante o que estava prestes a acontecer.

Seguiram por um longo corredor, e os soldados imóveis dos Únicos apareciam em intervalos cada vez menores, esperando a passagem do casal para formar uma longa fileira atrás da Tenente. A sala de armas estava sendo guardada por alguns lanceiros, que fizeram uma reverência para Sureyya e deram passagem para as três kaorshs.

Era um cômodo abafado, iluminado por tochas, que tinham seu brilho multiplicado pelo reflexo que o fogo branco lançava no metal dos escudos e nas lâminas virgens das espadas — nos Festivais da Morte eram permitidas. Raazi imaginou que, naquela luz, seria difícil para uma pessoa normal notar pequenas imperfeições e rachaduras capazes de comprometer uma arma. Porém, Yanisha e ela sabiam muito bem como driblar as armadilhas que a visão comum pregava.

— Podem escolher três armas cada, não mais que isso — disse a maculada, apontando com um gesto vago para as paredes repletas de lanças e espadas, além de bancadas com outras lâminas, correntes e armas de concussão. — Vocês têm dez minutos. Passado esse tempo, eu as levarei para os portões de acesso da Arena de Obsidiana.

Sureyya se virou e se afastou, quase se fundindo às sombras do corredor. De repente, parou e olhou para trás, deixando a mão esquerda repousar casualmente no punho do chicote.

— É engraçado. Não vejo em vocês a cor de esperança que os tolos emanam quando se convencem de que talvez tenham uma chance lá fora.

Raazi ficou tensa, mesmo sem perceber. Aonde Sureyya queria chegar com aquilo?

— Talvez porque não somos tolas — respondeu Yanisha.

A Tenente riu, seus caninos brancos pontiagudos contrastando com o negrume da Mácula, achando graça da petulância de uma pessoa que estava prestes a morrer.

Depois, foi embora de vez.

— Vamos — falou Yanisha, ainda olhando para o espaço vazio onde Sureyya estivera. — Não acho que vão nos dar dez minutos completos para escolher as armas.

E ela tinha razão. Raazi gastou quase cinco minutos analisando as hastes de diferentes lanças e espadas, sentindo o peso e o balanço delas até encontrar uma que se parecesse com a que estava habituada — e que ficara no Segundo Bosque, aos cuidados de Pryllan. Com uma rápida olhada, notou pequenas rachaduras próximas à base da lâmina. Contudo, para sua técnica de luta, era importante que a haste fosse mais resistente que a ponta. Quando ia escolher um punhal ou uma arma mais leve como reserva, Sureyya já estava de volta, muito bem-humorada.

— Hora de entrarem.

— Esses foram os dez minutos mais rápidos da minha vida — disse Raazi, seca, pegando uma faca qualquer para não sair de mãos abanando.

Sureyya sorriu, deliciando-se com o clima de tensão entre as três, antes de responder:

— Não creio que durem mais que isso lá na Arena.

Dessa vez, Yanisha não se envolveu, continuou testando o peso de duas espadas curtas, com movimentos circulares habilidosos. Sorriu, satisfeita, para provocar a Tenente, e não por sentir satisfação real com armas tão sofríveis.

A kaorsh maculada voltou a dar passagem para as combatentes, e as três seguiram pelo corredor, sem todo o pelotão de guardas que costumava flanquear os que iriam para a Arena. Sureyya se considerava eficaz a ponto de dispensar o serviço de um pelotão inteiro.

Mais à frente, diante do portão de acesso, encontraram o Autoridade musculoso que Raazi vira levando os condenados.

— Este é o Autoridade Ranakhar — disse Sureyya, apontando para o sujeito bem mais alto que ela. — Ele acompanhará uma de vocês até o portão no outro extremo da Arena, pois o protocolo diz que devem entrar separadas.

— Nada disso! — bradou Yanisha, desafiadora. — Entraremos juntas. Não vão nos separar.

— Ah, me poupem desse espetáculo — respondeu Sureyya. — São apenas alguns minutos longe uma da outra, vocês ainda vão poder morrer juntas como um carrapato num gnoll afogado.

— E o que garante que vão nos deixar entrar na Arena ao mesmo tempo? —

indagou Yanisha.

Raazi, entretanto, colocou uma das mãos nas costas de sua amada com muita delicadeza, pedindo calma.

— Vamos, Yan. Com certeza a Tenente Sureyya vai honrar o acordo, não vai?

A tensão entre a Tenente e Yanisha era palpável. O Autoridade Ranakhar, que também devia ter sentido a eletricidade no ar, curvou-se um pouco ao lado de Raazi e anunciou, com a voz baixa:

— Ela honrará o acordo. Eu acompanharei a senhora.

O corredor seguia sempre para a esquerda, acompanhando a forma circular da Arena. Em alguns momentos, eles passavam na frente de aberturas na parede que permitiam uma entrada estratégica de luz, além de um vislumbre das arquibancadas lotadas e de um grupo de sinfos que pareciam estar lustrando o piso negro do palco das batalhas — e retirando os *restos* das lutas anteriores.

Ranakhar, ao contrário de Sureyya, caminhava à frente de Raazi, um séquito de lanceiros Únicos logo atrás da kaorsh, divididos em duas fileiras. A mulher carregava sua lança com a ponta para baixo, preparada para tudo, prestando atenção a qualquer mudança mínima no compasso das botinas de ferro às suas costas.

Após uma longa caminhada, o portão oposto de acesso à Arena apareceu, com um archote de cada lado.

— Alto, guardas! — mandou Ranakhar, erguendo a mão do tamanho de um címbalo cerimonial. Raazi manteve uma distância segura do homem, que voltou a caminhar até o portão, os lanceiros parados a mais de vinte passos dos dois. — Vou abrir o portão para você — informou, quase num sussurro.

Raazi assentiu.

O homem girou uma manivela, e um mosaico de engrenagens se moveu na superfície do portão. Aquilo só podia ter sido inventado por anões. Por um instante, Raazi ficou encantada com os detalhes da tecnologia, até Ranakhar arrancá-la do que talvez fosse seu último momento de distração na vida.

— Você sabe por que deixei os vigias para trás?

A kaorsh se assustou com o tom da conversa, mas não deixou transparecer. Apenas trouxe a lança para a frente do corpo.

— Não.

O homem manteve a mão na manivela, as chamas ao lado da porta tremeluzindo e lançando sombras em sua face marcada por uma linha horizontal quase apagada. O rosto dele era forte, e a cabeça careca tinha um calombo chamativo. Parado ao lado do portão da Arena, ele lembrava uma réplica em miniatura dos gigantes que guardavam os portões de Untherak. Apesar dos ângulos duros de seu rosto e das inúmeras cicatrizes nos braços musculosos, havia uma doçura inesperada em sua voz.

— Fiz isso para lhe desejar boa sorte.

Raazi pensou que uma tentativa de agressão de Ranakhar seria menos surpreendente que aquelas palavras. Ela lançou um olhar nervoso por cima do ombro para ver se os lanceiros estavam escutando aquilo também, mas o Autoridade continuou.

— Mostrem para esses desgraçados que as coisas estão começando a mudar. Vençam! — As trombetas de guerra soaram logo depois, ameaçadoras. Era o anúncio do evento principal. O homem girou a manivela mais um pouco até os portões se abrirem por completo. — E cuidado com os paga-balestras.

— Cuidado com *o quê?*

Os lábios de Ranakhar se mexeram, mas as palavras foram abafadas pelo barulho da multidão e das trombetas. Raazi pensou ter entendido ele dizer “balestra”. Cuidado com as balestras? Era o mesmo tipo de aviso que chegara anonimamente, no fim daquela carta entregue no Segundo Bosque... Será que o Autoridade tinha lhe escrito em segredo?

Os lanceiros atrás de Raazi começaram a se mover, e a kaorsh foi impelida para a frente. O homem lhe dirigiu um discreto último olhar.

Milhares de braços erguidos ao longo de toda a arquibancada. Os xingamentos. Os incentivos. Os Únicos armados com lanças e escudos, no círculo externo da Arena, voltados para os espectadores e prontos para contê-los se necessário. A Tribuna de Honra estava à sua direita, onde todos se encontravam de pé, menos a soberana, que a observava lá de cima. Havia também uma figura negra e dourada logo atrás do trono, facilmente reconhecível mesmo àquela distância.

Tanta coisa para se ver, e Raazi só tinha olhos para a kaorsh que entrava pelo lado oposto da Arena.

O sol não estava tão escaldante quanto no dia em que Aenoch Oruz morrera, mas o lugar secreto de Aelian era o mesmo.

Dessa vez, ele tomou o cuidado de se proteger de uma nova insolação, amarrando na cabeça uma bandeira que roubara do alto de uma torre no caminho até a Arena, como alguns kaorshs antigamente faziam. Infelizmente, nem tudo era assim tão fácil de prevenir. Um exemplo disso eram as lembranças difusas — e ao mesmo tempo pesadas — que aquele lugar lhe trazia à mente.

Com uma propensão mórbida e irrefreável, a visão do rapaz era atraída para a luxuosa e ameaçadora Tribuna de Honra, nos fundos do Palácio de Una. Apertando os olhos acostumados a enxergar ao longe, o primeiro falcoeiro vislumbrou o ponto negro e dourado que era a soberana, a única que assistia ao Festival sentada, cercada por lanceiros e Autoridades — além da presença agourenta da Centípede logo atrás do trono, todos com as mãos cobertas pelas longas mangas de seus mantos. O Cabeça da Centípede, o encapuzado à frente dos outros, era o único que podia ser diferenciado, por causa dos adornos na fronte.

O trono reluzia com o ouro — o metal verdadeiro, não o mesclado e pouco valioso com o qual eram feitos os *altin* —, tanto que era difícil saber onde acabava o assento de Una e onde começava seu longo vestido.

Contudo, ali, atrás da linha formada pela Centípede, havia algo que chamava ainda mais a atenção de Aelian: o General Proghon. Com a mesma aparência segundo os relatos de quinhentos, cem ou dez anos antes, o General era uma pilastra pronta para ganhar vida ao menor comando de Una, pronto para assassinar em nome dela e levar terror a qualquer um, sem distinção. O falcoeiro se recordou da criatura simplesmente torcendo pescoços enquanto caminhava resoluta na direção do pai dele, e pensou que, mesmo que toda a Arena de Obsidiana fosse tomada por um encanto e ficasse contra Una, ainda assim a soberana estaria protegida e em vantagem. Como uma coisa como Proghon podia existir? E como era injusta a vida de Aelian, a ponto de fazer com que o assassino de seu pai fosse o General de Untherak, o que tornava a ideia de vingança algo absurdo e impossível. Aelian só não tinha uma tragédia heroica para ser cantada porque era vítima das

circunstâncias. Percebeu que suas mãos estavam transpirando, frias, após muito tempo perdido no mesmo pensamento, então desviou os olhos da Tribuna.

Os condenados morriam de todas as maneiras possíveis, mas Aelian não teve qualquer vontade ou curiosidade de olhar. Todo o risco que ele corria naquele momento era para testemunhar a luta das kaorshs e torcer para que seu pergaminho anônimo tivesse ajudado as duas contra fosse lá o que saísse do calabouço. O sucesso delas era o mais próximo que o falcoeiro teria de uma vingança contra Una e seu General.

Uma nuvem cinzenta que apenas ameaçava chover sobre o Festival suavizou ainda mais o sol e permitiu que Aelian ficasse alguns minutos de olhos fechados na cobertura da arquibancada. Ele foi tirado de seu momento de calma por uma ferroadinha nas canelas e sentou-se rápido, apenas para testemunhar dois diabretes-alpinistas mordendo suas pernas com aqueles dentinhos afiados.

— Suas pragas! Saiam daqui, coisas gosmentas... *Ai!* Tanto telhado por aí e vocês vêm justo aqui? *Ai!*

Enquanto homem e diabretes travavam a batalha mais ridícula de suas vidas, as trombetas ressoaram. Uma das pequenas criaturas até desistiu de morder a canela do humano, levantando a cara azulada para descobrir de onde vinha aquele som ameaçador. Nesse segundo de distração, um pé o chutou para longe. Aelian segurou o outro diabrete-alpinista pelo cangote e o arremessou sobre o primeiro, ainda tonto e desorientado. Recebendo uma série de guinchos em protesto enquanto massageava a canela dolorida, o rapaz se debruçou para observar o centro da Arena.

Rangidos de portões se abrindo. Aelian aproveitou para vasculhar toda a orla da Arena, e reparou nas balestras que seus dois assistentes haviam mencionado. Eram quatro, todas feitas de madeira escura, e encontravam-se bem distantes uma das outras, em torres que davam acesso à altura da grade das arquibancadas, que eram montadas a cerca de cinco metros do chão. Enxergou lanceiros tomando conta de cada uma delas, ao lado de grandes barris repletos de setas do tamanho de vassouras. O cidadão que quisesse se divertir deveria ir até o lanceiro, pagar o valor requerido e assumir a mira da arma. Impossível encontrar uma diversão mais saudável, segura e cruel.

Viu uma figura alta e esguia como toda kaorsh entrando pelo portão logo abaixo da cobertura da arquibancada onde estava encarapitado. O cabelo volumoso tinha tranças complexas e ornamentadas, a pele era quase tão escura quanto o manto que ela vestia. Do lado oposto, viu outra figura alta e esguia, mas essa de pele clara.

Empunhando uma lança na mão direita, ela tirou do pescoço o broche que prendia o manto, deixando-o cair aos seus calcanhares para ser pisoteado pelo pelotão de lanceiros que marchava de maneira cerimoniosa logo atrás. Aelian não sabia quem era Raazi e quem era Yanisha, mas, a julgar pela altivez das duas, podia dizer que ambas tinham muito mais preparo que o próprio pai — que foi um lutador habilidoso. A guerreira de pele negra também arrancou a capa que usava e a atirou para o lado.

As duas se encontraram no meio da Arena, e os dois destacamentos de lanceiros que as conduziram até ali deram meia-volta e saíram. As trombetas de guerra soaram outra vez, mas agora provindas apenas da Tribuna.

As duas se voltaram naquela direção com a cabeça erguida — Aelian percebeu que a kaorsh de pele negra levava a mão ao maxilar. Una estava se levantando pela primeira vez no dia, caminhando até o parapeito do grande camarote. Proghon continuou atrás do trono vazio, imóvel e aterrorizante.

O sol voltou a aparecer entre as nuvens bem no momento em que o falcoeiro olhava para o General, cuja máscara dourada fulgurou de maneira ameaçadora, fazendo o rapaz se encolher, como se o brilho tivesse sido direcionado para ele, um farol mandando um sinal de perigo.

Una levantou a mão direita, a manga do vestido balançando ao vento. Ela usava a melhor seda kaorsh — era como se suas vestes tivessem sido confeccionadas com fios de sombra. A deusa baixou rapidamente o braço na diagonal, fazendo o movimento de um corte, ao que os portões do calabouço se abriram com um rangido.

Nos breves segundos em que toda a arquibancada prendeu a respiração e nada saiu dos calabouços, Aelian se preparou para enfim botar os olhos na bizarra criatura que estava na jaula de ferro naquela noite estranha e tumultuada. Sentindo-se culpado por ter as expectativas quebradas, testemunhou oito figuras bastante normais em Untherak atravessando os portões. Eram guerreiros comuns, o que significava que, caso as kaorshs conseguissem derrotá-los, enfrentariam um desafio maior. Esperava que Raazi e Yanisha também deduzissem isso e mantivessem a informação em mente.

As oito figuras tinham a aparência dos gosmentos que saíam do Poço de Mácula. Os três mais esguios deviam ser kaorshs, já que humanos não podiam ser maculados, pensou Aelian. Um deles, o que ia mais à frente, usava um crânio de cavalo como elmo. O branco-amarelado do osso contrastava com a Mácula negra

em seu corpo, e significava que aquele macabro elmo improvisado havia sido colocado depois do banho no piche.

Havia ainda cinco anões — que, após passarem pela Mácula, só conservavam a altura, já que a aparência da raça mudava por completo depois do batizado, tornando-se demoníaca, cheia de calombos e feridas que deixavam a substância escorrer como pus negro. Tanto eles quanto os kaorshs usavam armas duplas, sem escudos. Estavam lá apenas para atacar e causar dor...

Foi então que Aelian prestou atenção às vestes usadas pelos kaorshs e anões e teve uma grande surpresa: aqueles pobres infelizes reduzidos a máquinas de matar eram a velha gangue dos Destrinchadores, que tinha desaparecido dos Assentamentos havia alguns meses, após uma confusão generalizada com os Autoridades. Era um grupo que, inspirado pela Fúria dos Seis, pregava que toda desgraça e sujeira das ruas eram causadas pelos *refugos*. Vez ou outra, atacava humanos sem motivo algum, apenas por diversão e lealdade a seus ideais fundamentalistas. Se um refugo fosse jurado de morte, tinha duas opções: aceitar seu destino ou pagar para que os marginais mudassem de ideia. Aelian nunca tinha se envolvido com eles, ainda que soubesse que Canivete e Barn certa vez haviam se metido em confusão com um Destrinchador bêbado no Pâncreas de Grifo — uma briga que custara a Tom muitas garrafas, vidraças e cadeiras.

Os Autoridades nunca tinham acabado com o grupo porque muitas vezes precisavam fazer uso de seus serviços sujos. Porém, de acordo com o informal serviço de fofocas entre a população, um dos Destrinchadores tentou roubar uma carga misteriosa destinada ao Palácio. Assim, toda a gangue acabou pagando pelos pecados acumulados ao longo de anos. Aelian agora entendia o que fora feito deles.

Movidos pelo ódio cego que a Mácula proporcionava àqueles que se banhavam nela, os Destrinchadores investiram contra as kaorshs.

— Lá vêm eles — grunhiu Raazi, preparando-se para a luta, ombro a ombro com a esposa. Yanisha deu uma cusparada para o lado, e sua esposa viu um volumoso borrão de fluido da cor proibida antes de ele atingir o chão negro. — O que foi isso?

Em silêncio, Yanisha voltou um olhar cansado para Raazi, que enxergou um ferimento na boca da esposa, coberto por uma camuflagem feita às pressas. Como ela podia estar machucada antes mesmo de começar a lutar?

A kaorsh então se lembrou dos minutos em que as duas foram separadas, antes

de entrarem na Arena.

— Yan, o que aconteceu?

— O que você acha? — perguntou ela, com um sorriso ensanguentado. — *Sureyya* aconteceu. Quando me conduzia até os portões.

— Maldita! Aquela...

— Nada de ter um acesso de raiva agora, Raazi! Sureyya é só um contratempo perto do nosso objetivo principal — gritou Yanisha, fincando umas das espadas no primeiro Destrinchador que a atacou, um dos kaorshs. Com a outra lâmina, aparou um golpe de machado de um anão. Raazi aproveitou para cravar a ponta da lança na lateral dele, reparando que aquele não só tinha dois machados como, na verdade, as armas substituíam suas mãos, provavelmente decepadas antes do mergulho na Mácula ou fundidas à sua pele em alguma experiência da Centípede.

Segundos depois, ela perceberia que todos os Destrinchadores tinham armas no lugar das mãos.

Aelian soltou um gemido de aflição ao ver as duas kaorshs deixarem os oponentes chegarem tão perto antes de derrubá-los. Elas pareciam estar discutindo entre si — o que não era algo sensato a se fazer na Arena. Porém, em poucos segundos Raazi e Yanisha pareceram se recompor. A de pele clara se movimentava com rapidez, exibindo um dinamismo semelhante ao da *kaita* dos sinfos. Acrobacias, giros rápidos e golpes rasteiros com o cabo da lança eram seu padrão de luta. Já os Destrinchadores maculados, esses simplesmente avançavam, girando os braços transformados em armas com apenas um pequeno eco do que tiveram de habilidade de luta em vida. *Além de macularem os sujeitos, que outra merda fizeram com eles?*, Aelian se perguntou, espantado.

O anão e o kaorsh que foram derrubados no início da luta e esquecidos no chão de obsidiana começaram a se mexer com espasmos. Aelian sabia que um maculado não morreria por causa de um simples ferimento, e torcia para que as duas lutadoras também soubessem disso.

A atenção dele foi atraída para fora da Arena por um instante, quando uma briga irrompeu no acesso a uma das balestras, quase abaixo de onde Aelian estava. Uma senhora de aparência enferma, com um lenço cobrindo o rosto e andando recurvada, discutia com um rapaz bem mais jovem. Um lanceiro Único com cara de tédio tentava apartar a discussão, enquanto as pessoas se aglomeravam ao redor da

cena. Aparentemente, o rapaz queria pagar pelo uso da balestra, e a senhora também — o que era de surpreender, considerando-se a aparência frágil e os trajes puídos da mulher.

Crueldade não tem idade, pensou Aelian.

Em seguida, percebeu que o rapaz que esbravejava com a idosa era Laun, o novo servo do Poleiro, que sonhava entrar para os Únicos. Essa coincidência não o espantava, pois o garoto deixara suas intenções bem claras durante a conversa que Aelian escutara. Quando o lanceiro gritou por reforços para conter a aglomeração, Laun empurrou a velha, que caiu de um dos degraus da arquibancada. Alguém deu um soco no queixo do assistente de Aelian, e uma confusão generalizada teve início, com guardas distribuindo golpes a torto e a direito. Por um momento, a violência transbordou da Arena, e o rapaz sentiu uma ponta de satisfação ao ver Laun com dois dentes a menos na boca e correndo para longe da ação “pacificadora” dos Únicos.

No entanto, a senhora que fora empurrada por ele parecia ter evaporado no meio daquela zona.



Três dos Destrinchadores jaziam decapitados — a única maneira definitiva de matá-los. Uma lâmina transpassando o tórax ou qualquer outra região vital daria apenas alguns segundos de sossego para as kaorshs. Cabeças separadas do pescoço pareciam ser a solução cabal para aqueles mortos-vivos.

Cinco deles ainda estavam de pé, e havia outros fatores preocupantes. Raazi notou uma diferença na atmosfera ao redor. Sempre atenta se alguém assumiria o controle das balestras, percebeu tumulto numa parte das arquibancadas e bateu no ombro da esposa após acertar o pescoço de um dos anões.

— Vamos recuar um pouco. Preciso recuperar o fôlego, nem que seja por dois segundos!

Sem que precisassem combinar os movimentos, as duas abriram um bom espaço entre elas e os Destrinchadores, dando golpes no ar em arcos ameaçadores que impediam a aproximação mesmo daquelas criaturas sem qualquer instinto de preservação. Retrocederam, mas não viraram as costas para os inimigos. Yanisha cuspiu de novo, e Raazi viu mais sangue.

— O maldito líder da gangue acertou um murro às cegas bem no outro machucado — reclamou ela, agora sem esconder o queixo ensanguentado. — Foi um golpe de

sorte de um infeliz descerebrado.

— Eles foram maculados há pouco tempo — disse Raazi, apertando um corte no ombro. — Ainda são muito violentos, mas pouco coordenados. Sorte nossa.

— O problema é que estamos ficando cansadas. E sabemos que vem coisa pior por aí.

Esquecendo as kaorshs por alguns segundos, os Destrinchadores pareciam estar se desentendendo entre si, empurrando uns aos outros e rosnando. Com sorte, eles poupariam parte do trabalho de Raazi e Yanisha. A pausa bem-vinda permitiu que as duas observassem como estava a confusão nas arquibancadas. A algazarra já havia praticamente acabado, com muitos lanceiros caminhando entre os espectadores, que voltavam a gritar xingamentos e incentivos na direção da Arena.

— Foi sobre isso que Sureyya falou — disse Yanisha, como se pensando alto.

Raazi se inflamou no mesmo instante.

— Como assim?

— Ela tem instinto. Deve ser coisa da Mácula ou algo do tipo. Farejou algo de conspiratório na gente, mas deve ter imaginado que estivéssemos mancomunadas com o tal Aparição, planejando algum ataque durante o Festival. Tem alguma coisa acontecendo nas arquibancadas.

Raazi olhou mais uma vez naquela direção. Imaginou que o grande número de soldados lá fosse uma prevenção contra ações diretas do povo. Sentiu-se um tanto quanto acalentada sabendo que outra pessoa ousava se opor a Una, mesmo que a rebeldia se manifestasse na forma de um boato. Uma ideia não era mais importante que uma ação, mas era melhor que nada... Porém, para falar a verdade, ela sequer acreditava naqueles boatos de um encapuzado misterioso que trajava a cor proibida.

Os Destrinchadores tinham parado de brigar entre si. Infelizmente, o desentendimento deles não resultara na morte de nenhum membro da gangue.

— Lá vêm eles — murmurou Raazi, apoiando um joelho no chão e estendendo a lança à frente para receber a carga de ataque dos maculados.

Sentiu o tecido da calça umedecer com o sangue viscoso que encharcava o piso de obsidiana. Yanisha se agachou ao seu lado, as duas espadas já quase sem fio prontas para continuar a batalha.

— Vamos acabar logo com isso.



A ponta da lança atravessou a barriga do maculado com crânio de cavalo, e a kaorsh de pele clara aproveitou sua arma longa como alavanca para erguer o sujeito, que era ainda maior que ela. Aelian prendeu a respiração durante o golpe, enquanto o líder dos Destrinchadores descrevia um arco sobre a guerreira. A outra kaorsh aproveitou para golpear o pescoço exposto do inimigo ainda no ar, a lâmina enterrando-se pouco acima da clavícula. A multidão urrou, e o falcoeiro se viu fazendo o mesmo.

A ponta da lança da kaorsh se partiu no estômago do adversário, mas ela continuou lutando só com a haste. Nenhuma das duas sequer parou para apreciar o resultado do ataque sincronizado que arquitetaram. Enquanto o crânio de cavalo ainda rolava no piso negro da arena, os outros quatro Destrinchadores foram executados com golpes habilidosos, a kaorsh da lança os derrubando enquanto a das espadas separava as cabeças dos corpos maculados.

A multidão gritou e aplaudiu. Aelian fez o mesmo, mas suas pernas começaram a tremer sem controle. Afinal, fora depois de um aparente êxito que tudo dera errado para o pai.

Aproveitou para olhar a situação das arquibancadas lá embaixo. A confusão fora controlada, mas grupos de lanceiros Únicos faziam uma ronda ostensiva, passando entre os espectadores como aves agourentas. Viu Niahkon delegando instruções para guardas enquanto perscrutava as arquibancadas com olhos astutos. Aelian se encolheu de volta para seu esconderijo, pois não queria dar o azar de ser visto pelo Autoridade. Todo cuidado era pouco com a percepção aguçada de um kaorsh.

Enquanto as pessoas louvavam as guerreiras, Aelian sentiu certo conforto em ver que havia mais gente torcendo por elas do que clamando por um banho de sangue. Porém, ele sabia o que isso significava para o Festival da Morte: seu pai fora exaltado da mesma maneira após a primeira vitória, e Una simplesmente colocou seu General na Arena. A soberana parecia querer provar que ninguém era páreo para seu poder e sua divindade. Dessa vez, ele sabia que o desafio final seria outro, pois a deusa não podia repetir o feito de mandar Proghon até a Arena — uma das grandes características do Festival era a de que um desafio final jamais se repetiria, mesmo após mil anos. Talvez fosse motivo de orgulho para Una e a Centípede provar que a crueldade deles era bastante versátil. Súditos que encaravam o esperado podiam começar a pensar em alguma maneira de se voltar contra quem os acorrentava.

As trombetas soaram na Tribuna. Una estava de pé, olhando para baixo, dessa vez sem que ninguém lhe servisse de Arauto. Proghon estava do lado direito dela, e

era possível enxergar Sureyya mais ao fundo, os olhos perscrutando a multidão à esquerda da Tribuna. Enquanto isso, a Centípede se reunia atrás do trono, os encapuzados trocando comentários aos sussurros.

Um segundo toque das trombetas. Mesmo com o sol atrás de uma nuvem, Aelian sentiu um formigamento no corpo que era bem parecido com os sintomas da insolação de duas décadas antes.

O maciço portão do calabouço da Arena começou a abrir devagar, o sistema de engrenagens dos anões trabalhando na velocidade padrão.

Até que houve um estrondo, um urro, e um dos lados do portão foi arrancado das dobradiças por uma abominação que não tinha a menor vontade de esperar todo aquele tempo para se alimentar.



— Que negócio é esse?

Raazi não sabia. Se Yanisha, que era a grande conhecedora de bestas e animais — tendo trabalhado no Palácio e no Canil antes de adquirir sua semiliberdade —, não fazia a mínima ideia do que era *aquilo*, como ela poderia saber?

A metade do portão arremessada no ar caiu com um estrondo, esmagando o cadáver de um dos anões maculados dos Destrinchadores. O urro medonho e entrecortado soou mais uma vez, e muitos espectadores nas arquibancadas gritaram de terror, mesmo estando a uma distância segura. Raazi não podia julgá-los. O alerta anônimo voltou à sua mente; a mensagem que recebera era muito misteriosa, ela não sabia por que o sujeito que a escrevera não abrisse o jogo sobre a fera. Se bem que, pensava Raazi, se estivesse no lugar da pessoa, também teria dificuldades de explicar o que era aquele monstro.

Para fins de assimilação, sua mente compreendeu o animal por partes. A maior parte dele era semelhante a um javali; mas, um javali em escala apropriada para um dos gigantes dos Portões — ou seja, o bicho era maior que sua antiga casa à beira do Segundo Bosque. Quatro grandes presas saíam da boca, duas menores e duas maiores e mais curvas, uma delas parecendo artificialmente afiada e a outra em tamanho desigual, quebrada na ponta. A carranca era um amontoado de verrugas, os olhos bem afastados um do outro na face: o que, num exame rápido, fez Raazi imaginar se ficar de frente para o bicho era se posicionar em seu ponto cego.

Patas com cascos fendidos, um pandemônio de dentes tortos. A corcova do monstro era musculosa e tinha marcas de queimaduras. Era aí que a coisa ia se

tornando mais pesadelo que mera aberração dos Grandes Pântanos: o couro grosso e escuro aos poucos ia se tornando lúzido, como a carapaça de um inseto. Recurvado sobre suas costas e estendendo-se no ar estava uma gigantesca cauda de escorpião, em vez de um rabo de javali.

O monstro percebeu os cadáveres dos maculados ao redor, e isso freou sua entrada raivosa na arena. Sem pestanejar, abriu a boca, envolveu o braço de um dos Destrinchadores e passou a *mastigar* as lâminas que substituíam as mãos do maculado como se fossem capim.

— Ainda não sei o que é — balbuciou Raazi, suando frio, enquanto o animal partia para o outro braço. — Mas ele... come metal?

— Acho que o bicho é atraído pelo brilho — respondeu Yanisha, observando-o. — Olha como ele vai de uma arma para a outra.

Raazi ficou atenta a esse fato. Se Una esperava uma matança desenfreada logo de cara, teria que aceitar o constrangedor fato de que a fera só pensaria em lutar após comer todo o banquete de cadáveres temperados com metal.

— O ferrão é do meu tamanho — disse Raazi, pensando em voz alta.

— E, segundo o aviso do anônimo, é venenoso.

Nos breves momentos de que as duas dispuseram antes de encarar o horror de perto, Raazi apontou para a barriga e a cauda da criatura, que davam espasmos conforme ela mastigava o metal das armas e das armaduras. Como aço golpeado numa bigorna ainda em brasa, a ponta do ferrão brilhou, fluorescente, um brilho verde e doentio que gotejou em cima das costas do bicho... que urrou, sem parar de devorar os cadáveres.

— Ele é marcado pelo próprio veneno. Agora entendi as queimaduras nas costas — falou Yanisha, vendo o couro do javali fumegar.

E depois disso ninguém falou mais nada, pois o monstro enfim reparou no brilho das espadas de Yanisha. Com um grito de massacrar os tímpanos, a fera pateou o chão de obsidiana.



O público presente na Arena gritou enquanto as pessoas que estavam nas arquibancadas mais baixas tentaram subir alguns degraus, tudo da maneira mais desordenada possível, é claro. Aelian precisava admitir que também estaria desesperado caso estivesse lá. A lembrança do monstro dentro da jaula já era amedrontadora o suficiente sem associar ruídos e urros a um verdadeiro pesadelo

vivo. Ficou imaginando quantos tipos de criaturas desconhecidas viviam nos pântanos — e imaginou também *como* tinham capturado aquele bicho. Se soubesse a resposta para esse mistério, teria dito às duas kaorshs. Elas já estavam sendo atacadas pela fera colossal fazia quase um minuto, e parecia que não durariam outro.

Era como se aquele javali gigante se alimentasse de metais para produzir o veneno que pingava da ponta da cauda. Ele avançava em galopes ensandecidos, e as guerreiras esperavam ele estar bem perto para sair da frente com pulos e movimentos da *kaita*. Quebrada na ponta, a lança da kaorsh ruiva se tornara uma vara de apoio que a ajudava a realizar os saltos. A outra, munida de duas espadas, tinha golpeado as pernas musculosas do bicho, que mal parecia sentir os cortes. O couro da fera era grosso, ou talvez as espadas já estivessem cegas demais.

Aelian tentava pensar positivo, mas sem armas decentes ou qualquer outra perspectiva que alterasse o curso do combate, parecia que o jogo de gato e rato prosseguiria até que uma das mulheres se cansasse e fosse devorada.

Foi nesse momento que alguém no outro extremo da Arena assumiu o controle de uma balestra.



Raazi correu para mais longe do javali e se agachou, tocando a obsidiana com as duas mãos e, lentamente, fazendo a pele assumir o negrume do chão. Atenta à companheira mesmo enquanto dava cambalhotas para fugir do ataque da cauda de escorpião, Yanisha também estava rebaixando o tom da pele, mas só completaria a camuflagem depois que Raazi conseguisse terminar a sua. Mudar a cor de todo o corpo exigia a plena concentração de um kaorsh, e a presença de um monstro gigante não ajudava em nada.

Raazi olhou para as palmas das mãos, já negras: não achava que era sua camuflagem mais impressionante, porém, era o melhor que podia fazer em pleno Festival da Morte, com sua esposa em perigo. Pegou a haste da lança do chão e olhou para Yanisha, dando um salto magistral para trás a fim de evitar um ataque frontal da cauda da aberração. A cauda se fincou na obsidiana e, ao ser recolhida, deixou uma poça de veneno borbulhante.

Esquecida pelo monstro por um instante, Yanisha terminava o acabamento na pele quando o som de algo rasgando o ar a fez dar um passo para o lado, por puro instinto. Uma seta quase do tamanho da lança de Raazi atingiu o ponto que ela

ocupava um segundo antes, arrancando faíscas ao atingir o chão. A kaorsh ruiva olhou para a direção de onde a seta partira e viu que uma das torres de balestras estava funcionando, com um sujeito muito sorridente armando a segunda seta.

Não acredito que esse verme chegou a esse ponto, pensou Raazi enquanto observava Herk Zatoiff disparando uma segunda vez, agora na direção dela. A seta voou numa trajetória comprometida, e a kaorsh nem se deu ao trabalho de sair do lugar.

— Balestras! — gritou Yanisha, golpeando a cauda de escorpião e rolando por baixo das pernas do animal. — O desgraçado consegue ver você!

— Já percebi! — bradou ela em resposta, pegando a primeira seta no chão e correndo na direção do javali, em zigue-zague, para dificultar a mira de Herk. — Saia daí e termine a camuflagem. Deixa comigo!

— Não! — falou Yanisha, uma de suas espadas fincando-se na coxa dianteira do monstro. A lâmina se quebrou, e ela arremessou para o lado o punho inútil da arma. — Tenho uma ideia que... urgh!

O coração de Raazi quase parou ao ver Yanisha ser jogada para o lado com um golpe completamente inesperado da cauda da abominação. Por sorte, o ferrão não chegou a atingi-la. Raazi assoviou forte e correu, percebendo a confusão do javali ao ver um pedaço do chão de obsidiana indo para cima dele. A kaorsh arremessou com força a seta, que, com um ruído seco, cravou-se no pescoço musculoso da fera, mas sem encontrar uma veia ou um ponto vital. Raazi praguejou, e o monstro pareceu ficar ainda mais raivoso. Herk gritou atrás da balestra algo que continha as palavras “morram” e “vadias”. Ele disparou outra vez, e a seta atingiu o chão antes de ricochetear e derrubar Yanisha, que acabava de se levantar do ataque anterior.

Raazi cerrou os dentes, concentrando-se no objetivo atual: o monstro. Com a visão periférica, viu Yanisha se levantar de novo, com dificuldade, e percebeu que Herk colocava mais uma seta na arma.

Pela primeira vez, pensou que todo o plano tinha sido um grande desperdício de tempo e esforço.



Como bom conhecedor do submundo dos Campos Exteriores e de suas figuras de poder, Aelian também reconheceu o sujeito que operava a balestra. Naquele momento, adoraria botar as mãos no pescoço de Herk Zatoiff, aquele maldito aproveitador. Não faltava covardia em Untherak, mas, ainda assim, era uma atitude revoltante. Apostava que muitos dos espectadores também deviam estar chocados

com o homem que pagara pelo direito de usar a balestra justo quando as duas guerreiras tinham conquistado a plateia. Depois de toda a contenda contra os Destrinchadores, as kaorshs ainda precisavam enfrentar um idiota que tinha mais dinheiro que compaixão.

Viu uma das kaorshs se erguer e correr na direção da torre onde Herk estava. Boa estratégia, já que a arma não teria ângulo para mirar logo abaixo. O Autoridade deu outro tiro em vão antes de perder a última chance de atingi-la. Pessoas gritaram quando a mulher conseguiu se proteger dos tiros, e Aelian ouviu um grupo de kaorshs gritarem *Yanisha* em uníssono. Logo, a de camuflagem de obsidiana e cabelo acobreado como um *bakir* devia ser Raazi.

Aelian estava feliz por poder torcer sabendo quem era quem. Pegou-se gritando o nome de Raazi, que saltava com vigor enquanto a parceira tomava fôlego longe do alcance do maldito Zatoiff. Ela inclusive havia sentado de pernas cruzadas no chão, o que causou um murmúrio de espanto nas arquibancadas.

Porém, cerca de dez segundos depois, ficou claro que aquela não era a coisa mais espantosa que Yanisha faria naquela tarde.

Raazi viu que a esposa havia se abrigado logo abaixo da torre em que Herk estava. *Garota esperta. Minha garota.* Ela até sorriria se não estivesse prestes a ser mastigada por aquela profusão de dentes podres. Então, mesmo no meio de toda a balbúrdia ao redor, escutou o grito de Yanisha, gutural e raivoso. Se ela queria chamar a atenção da fera, não deu certo, pois o bicho sequer desviara os olhos de Raazi.

Yanisha gritou de novo.

— Aqui! Raazi! Faça essa coisa me ver!

Qualquer pessoa enxergaria Yanisha naquele instante.

Era um talento único de Yanisha, reproduzir brilho na pele. Raazi se lembrava de como a parceira conseguia se tornar âmbar, fazer a pele refletir luz ou mesmo reproduzir em seu *canväs* o efeito do sol sobre a água. Consequia, inclusive, tornar opaco algo brilhante que a tocasse.

No entanto, naquele instante, da ponta das tranças até o último dedo dos pés, Yanisha era feita de aço reluzente.

Se continuasse parada, passaria sem problema algum por uma escultura em escala real feita pelas mãos dos anões mais talentosos. Era uma imagem forte, e Raazi sabia que, caso não tivesse tão pouco tempo de vida pela frente, lembraria-se

daquela imagem até a velhice: Yan e sua pele de brilho ofuscante, mesmo que o sol não estivesse a pino. Fez-se um silêncio estarecido nas arquibancadas, como se muitos ali presentes só tivessem descoberto naquele momento a habilidade das kaorshs. Raazi sentiu orgulho, algo que não era muito típico de sua raça. Ao mesmo tempo, ficou grata pelo arroubo de espanto de quem assistia: era assim que ela se sentia todos os dias ao lado de Yanisha. Iluminada e estarecida por um brilho único.

O animal parou por um segundo antes de investir contra a reluzente e apetitosa kaorsh de metal.

— Venha me pegar! — berrou Yanisha, segurando apenas a faca que pegara como reserva.

Raazi não percebeu que a camuflagem de obsidiana (que não tinha funcionado contra o javali tão bem quanto planejava) se esvaíra. Segurando a haste da lança, partiu em disparada atrás da poeira levantada pelos cascos da fera, arriscando-se perto demais da cauda de escorpião. Ela sabia que o bicho só tinha olhos para Yanisha...

Ouviu o estalo seco que significava um disparo da balestra. Herk, que por segundos preciosos fora esquecido, sorria, presunçoso. Todo o dinheiro gasto valeria a vingança e a humilhação. Raazi sabia que ele não poderia acertar Yanisha dali, assim como sabia que o bandido não faria nada para ajudá-las contra a criatura.

O tempo andava devagar, e aquela seta era toda dela.

Perto demais. Viu a seta de frente, aproximando-se, rodopiando. Tudo acontecia tão lentamente que Raazi achou engraçado como as setas se encaminhavam até o alvo, por vezes descrevendo uma trajetória curva, e não em linha reta, como a ação e o calor da batalha faziam parecer. Aquela vinha torta, acanhada. E nesse momento estava perto demais. Impossível de desviar. Como se fintava um tiro de balestra à queima-roupa?

As pernas da kaorsh responderam antes que ela tivesse consciência do que estava acontecendo. Seu corpo havia colocado o raciocínio de lado e assumido o controle, como tantas vezes acontecia em batalha. Quem assumia o tear em sua mente era uma fiandeira mais velha e sem paciência com a tecelã inexperiente. Sua flexibilidade e velocidade ao correr fizeram Raazi dobrar o corpo para trás enquanto deslizava de joelhos pela obsidiana cheia de poeira, sangue e séculos de mortes. A seta ainda a atingiria. Forte demais. Raazi sentiu o cabelo varrendo o chão. Queria se

achatar o máximo possível, tornar-se uma folha de pergaminho colada ao solo, mas o *canväs* não se transmutava daquela maneira. Segurando a haste com ambas as mãos, ergueu-a na frente do rosto durante a derrapada e tocou a seta quase que de raspão, mas foi suficiente para alterar seu curso.

A plateia urrou. Herk também, mas por um motivo diferente.

Raazi ficou de joelhos, ainda prendendo o ar. De longe, viu o rosto vermelho do humano e o olhar incrédulo na direção dela.

Abaixo do Autoridade, Yanisha aguardava a aproximação da fera. Também estava perto demais. Raazi estendeu a mão para a amada como se quisesse empurrá-la para longe, salvá-la do impacto com a força da mente.

Faltando centímetros para as presas do monstro a alcançarem, Yanisha saltou para o lado, e Raazi quase pensou que sua vontade de fato a movera, como nos antigos relatos de magia proibida. Com uma cambalhota, a kaorsh rolou para fora do caminho dos cascos do demônio, sua coloração metálica já desbotando enquanto se levantava. A fera não teve tempo de parar e enfiou a cabeça na base da torre da balestra, que rangeu com o impacto. Um aríete titânico que guinchava como um porco e que, não bastasse a força e os dentes, ainda podia envenenar com sua cauda de escorpião.

Um Herk Zatoiff abestalhado foi lançado para a frente após o estrondo da investida, a torre desabando aos poucos conforme a madeira cedia. O monstro se chacoalhava todo conforme os destroços o atingiam, procurando a imensa peça cromada que estava ali segundos antes. Os espectadores gritavam. Alguns deles, junto com um punhado de lanceiros, despencaram na arena por estarem próximos demais da torre.

Jogando a lança sem ponta para o lado, Raazi pegou outra das pesadas setas no chão da arena e avançou em silêncio pela retaguarda do javali, que guinchava contra a fileira de lanceiros formada aos pés da torre de tiro destruída. Imprudente, um dos Únicos tentou atacá-lo com a lança, e logo teve a caixa torácica rasgada pelo ferrão do monstro. Poucos soldados mantiveram a posição ao verem o sujeito içado até a altura da boca do javali, que passou a devorá-lo mais pelo fulgor da armadura reluzente que pela carne. O monstro estava entretido com diversas presas ao redor, e a kaorsh achou que talvez fosse burrice chamar a atenção do bicho naquele momento. Deveria aproveitar aquela pausa para repensar sua estratégia.

Então, viu Yanisha se esgueirando para perto do javali, aproximando-se pé ante pé.

— Yan! Não! Volte!

Como poucas vezes acontecera naquela existência, Yanisha a ignorou. Estava entre os destroços da torre da balestra, levantando tábuas e toras, e só então Raazi percebeu que a esposa não estava planejando um ataque surpresa à fera.

Ela procurava por Herk.

O homem rastejava entre os escombros, tentando sair de perto da carnificina que se instalara entre o monstro e os infelizes lanceiros de Una. Yanisha o encontrou tentando passar despercebido, e o fez parar com uma pisada calculada entre as escápulas.

Ele praguejou e tentou se virar. Yanisha permitiu, mas em seguida lhe deu um chute no estômago. Herk se curvou, xingando-a das piores coisas que conseguia imaginar. Raazi fez menção de avançar, mas a outra kaorsh a manteve longe com um gesto incisivo. Então se voltou para o sujeito embaixo de sua bota.

— Você tentou nos atrapalhar. Depois de tudo que enfrentamos, você tentou nos atrapalhar!

— Saia de cima de mim, vagabunda! A soberana está nos vendo agora, e seu trabalho é deter o monstro! Vai ser castigada se fizer qualquer outra coisa!

Yanisha sorriu e se agachou sobre Herk. Ele devia estar odiando aquele momento, diante de mais uma kaorsh segura de si.

— A única regra que vou quebrar é a minha, homem.

Ela ergueu Herk pelo cangote, colocando-o de pé. Raazi, que achava que conhecia o temperamento da esposa, ficou de queixo caído. Yanisha estava tendo piedade do homem que incendiara a casa delas e depois ainda havia tentado eliminá-las na Arena?

Yanisha se certificou de que Herk estava firme. Olhou para trás, na direção de Raazi, e seus lábios cheios de sangue formaram uma palavra muda: “Desculpe.”

Então, ela tocou o rosto de Herk Zatoiff, bem devagar.

Era difícil conter a alegria ao ver que as duas se mantinham no jogo. Aelian sentia um pouco de pena dos guardas de Una massacrados pelo gigantesco javali, sobretudo porque não eram uns gosmentos desalmados, mas precisava confessar que o prazer de ver um sujeitinho nefasto feito Herk Zatoiff caindo na Arena fez valer todo o esforço de fugir da cela para chegar até ali.

A guerreira que havia se transformado em metal puro estava de volta ao seu tom

de pele de ébano. Ela ajudou o Autoridade a se levantar, tocou o rosto dele e, em seguida, assoviou para chamar a atenção do monstro.

Aelian não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas teve a impressão de que Yanisha tinha acabado de deixar o rosto de Herk todo prateado.

Raazi não conseguia acreditar que a esposa tivesse feito aquilo. Era... *profano* fazer arte fora de seu *canväs*. Era errado, imperdoável, ia contra toda a tradição kaorsh. Sureyya não hesitaria em fazer algo do tipo, mas ela era uma maculada, cria de Una e de Proghon. Era fato que kaorshs banhados em Mácula manifestavam seus dons fora do *canväs* com frequência, mas... Yanisha?

O Autoridade estava no mesmo lugar, sentindo ódio, sem saber o que acontecia. Ainda não tinha percebido que seu rosto estava metalizado. Já o javali, após o terceiro assovio de Yanisha, parecia muito animado com a visão de um homem de rosto apetitoso.

— Como pôde fazer isso? — perguntou Raazi, abalada, indo até uma ofegante Yanisha. A alguns metros delas, Herk tentava mancar para longe da fera, que resolveu brincar com a vítima aferroando o meio de sua espinha dorsal. — Você manipulou as cores... num homem!

— Tive meus motivos. Já vou pagar um preço alto demais por tudo isso para deixar aquele maldito escapar ileso.

— Vão jogar em cima da gente a culpa pela morte de um Autoridade de Untherak que também é organizador do Festival! — protestou Raazi.

Yanisha deu de ombros.

— Não acho que muitos tenham percebido o que fiz com Herk. O que a maioria viu foi que eu tentei ajudá-lo a ficar de pé. O que aconteceu depois foi um infeliz acidente do Festival da Morte.

— Você *sabe* que as pessoas vão comentar...

— Assim como vão comentar o fato de ele ter tentado nos matar durante o desafio — falou Yanisha, segurando o braço da esposa e depois olhando para algum ponto atrás dela. — Escuta, podemos até melhorar a nossa imagem com Una. Alguns poucos lanceiros sobreviveram... Ajude-os a sair da Arena enquanto faço o bicho voltar para o calabouço.

— Mas...

— A esta altura, com um organizador do Festival sendo devorado diante de todo

mundo, eles só querem retomar as rédeas da situação. — Yanisha largou o braço da parceira e tocou seu rosto com carinho. — Confie em mim.

Raazi correu, mantendo-se fora do campo de visão da criatura. Yanisha foi até a frente do portão do calabouço e assoviou de novo. O monstro virou a cabeçorra no mesmo instante, com um dos braços de Herk ainda pendurado entre os dentes — seus instintos haviam assimilado que aquele som era o prenúncio de coisas interessantes para seu apetite.

E lá estava ela, Yanisha, com o *canväs* todo prateado.

Virando-se e pisoteando o que havia sobrado da última refeição, a fera disparou na direção da kaorsh, urrando. Raazi ajudava os soldados a subir de volta para a arquibancada, enquanto alguns jogavam cordas. Ela parou para ver a investida do animal contra Yanisha bem na entrada do calabouço.

— Preparem-se para fechar o segundo portão! — gritou, sem saber se alguém a ouvia e estava disposto a colaborar.

O tropel na obsidiana só não era mais alto que o guincho estridente que saía da garganta da abominação. Raazi começou a correr na mesma direção, sem saber aonde as suas pernas a levavam.

Para o espectador comum, Yanisha pareceu sumir no ar assim que o monstro estava a menos de um metro de distância. Contudo, Raazi a percebeu mudando de cor num piscar de olhos — do prata para o negrume da obsidiana — e rolando com agilidade para fora do portão.

Com um estrondo, a fera foi encarcerada.

Aelian tentava entender o que havia acontecido. A multidão estava em silêncio, provavelmente pensando sobre a mesma coisa, quando Yanisha apareceu diante de Raazi e a abraçou.

Ainda assim, ninguém deu vivas de comemoração. Afinal, o monstro não fora vencido, apenas controlado. Raazi, inclusive, prezara pela segurança de vários guardas e espectadores que haviam caído dentro da Arena. O justo seria dar o Festival como terminado, mas Aelian sabia o que se passava na mente de todos naquele instante: Una inventaria um novo desafio.

Um silêncio pesado pairava sobre a Arena.

Ele imaginou a exaustão das duas guerreiras. Observou-as, abraçadas, aguardando o veredicto vir da Tribuna. Voltou seus olhos para Una.

Ela estava de pé na beira da sacada. Proghon estava ao lado, apenas dois ou três passos atrás. Aelian notou o movimento ao fundo do camarote, a linha cinzenta da Centípede ganhando vida, as batatas deslizando um pouco à frente.

Apesar de ser feito de seda, o manto de Una não se enfunava com o vento por causa de toda a pedraria e adornos de ouro. O mais provável a acontecer, Aelian sabia por experiência própria, era que a soberana mandasse o General ir à Arena, para completar o que tinha começado e deixar claro que aquele evento ainda era implacável. Nunca antes um Festival da Morte tinha saído tanto do controle.

O falcoeiro colocou as mãos em concha ao redor da boca.

— Vencedoras! Vencedoras!

Ele gritou apenas duas vezes, mas as palavras ecoaram aqui e ali em outras vozes. A princípio, timidamente. Depois, os gritos foram encontrando ritmo, sendo repetidos pelos espectadores nas arquibancadas, como um coro de saudação a Una. Era algo bem próximo de uma celebração a alguém que não era a encarnação divina, e Aelian não se recordava de aquilo já ter acontecido antes.

Una olhou para Proghon, que virou o rosto hediondo para ela. O Cabeça da Centípede foi à frente, e a soberana escutou o homem sem sequer olhar para ele.

Raazi e Yanisha encaravam Una. Pareciam cansadas, mas preparadas para qualquer decisão da deusa. Aquilo fazia com que Aelian desejasse que seu pai estivesse ali naquele momento, lutado ao lado de pessoas como elas e com toda uma multidão clamando pela vitória.

Una apontou para as kaorshs, em um gesto que mais parecia uma acusação. E então apontou para os céus.

Aelian e toda a arquibancada, que jamais tinham visto tal desfecho, demoraram a entender que Raazi e Yanisha eram vencedoras do Festival da Morte.

Aos pés da escada que levava à Tribuna de Honra, novos mantos negros e limpos foram estendidos para as kaorshs, pois seria vulgar se apresentar diante de Una cobertas de sangue, suor e sujeira. Sureyya ia logo atrás dos pajens que ajudaram Raazi e Yanisha a se vestirem e dos lanceiros que recolhiam as armas. A Tenente sorria, provocativa, tentando minar a calma das duas segundos antes do momento mais glorioso do Festival — pois Raazi não estava conseguindo esconder o ódio pela maculada. A mancha azul em volta do olho esquerdo a denunciava, assim como os lábios crispados e os punhos cerrados.

— Controle-se — sussurrou Yanisha, apertando a mão de Raazi. — Não podemos estragar tudo agora.

— Ela é minha — disse Raazi, em alto e bom som.

— Fale baixo, eu imploro.

Raazi suspirou. Ali, naquele momento, as palavras tinham um peso diferente.

— Desculpe.

— Tudo bem. Eu mesma não estou nada ansiosa para lidar com Sureyya, mas não quero deixar a raiva me cegar para o que preciso fazer. E olha que tenho os meus motivos. Ela vai receber seu castigo, assim como Herk.

Os Únicos as chamaram para que tomassem a frente da formação e subissem os degraus que as levariam até a sacada. Raazi engoliu em seco.

— Talvez... talvez seja a última vez que...

Yanisha não esperou que ela terminasse a frase para beijá-la. Nem a Tenente nem os Únicos tiveram coragem de interrompê-las.



Outro fato inédito para um dia cheio deles foi que os espectadores das arquibancadas puderam descer à Arena para ver o pronunciamento das vencedoras do Festival — e assim começou o tropel de milhares de botas, sandálias e pés descalços pisoteando o sangue camuflado no palco negro após horas e horas de batalha.

Aelian teve vontade de se misturar à multidão para assistir à solenidade, gritar os

nomes de Raazi, Yanisha e o de seu pai. Afinal, por que não? Naquele momento, estava sentindo algo bem próximo a uma represália concretizada. Não queria imaginar coisas ou atribuir demasiada importância a pequenas ações, mas o fato de ter enviado a elas a mensagem de alerta o fazia se sentir merecedor de uma pequena parte daquela revanche — ainda que o mérito fosse, sem sombra de dúvida, das duas guerreiras.

Ainda havia Únicos fazendo uma ronda ostensiva nas arquibancadas, que se esvaziavam conforme os cidadãos escoavam para a Arena. Alguns deles chegavam a interpelar encapuzados para fazer perguntas e revistá-los em busca de armas.

Aelian sabia que tudo aquilo era por causa do alerta geral dado contra Aparição, e agradeceu por estar acima do campo de visão de todos — seria melhor ir se encaminhando para o lado da Arena que ficava mais próximo à Tribuna de Honra, pois dali poderia saltar para as torres médias do Palácio e, de lá, tomar o rumo para o Poleiro antes que alguém desse conta de sua escapada.

Sacudindo as pernas com força para se livrar dos dois diabretes-alpinistas, agora movidos pela sede de vingança, Aelian disparou pela cobertura acima das cabeças de vigias alertas, certo de que ninguém conseguiria vê-lo ali.

O que provaria ser um engano.



Ranakhar estava lá para recepcioná-las e escoltá-las escadaria acima até Una. Ranakhar se encontrava um pouco atrás de Sureyya, e Raazi notou que ele a olhava com certo divertimento, mas era algo diferente do ar de interesse cínico e cruel da Tenente: o Autoridade parecia feliz em ver que as kaorshs tinham sobrevivido, mas tentava não deixar aquilo explícito em seu comportamento. Ele tinha avisado Raazi sobre as balestras. Ranakhar devia mesmo ser o autor da mensagem anônima.

— Por aqui, questionáveis vencedoras — falou Sureyya, a voz fria e estalada, enquanto os olhos perscrutavam as kaorshs.

Yanisha segurou uma das mãos de Raazi e a apertou de leve, pedindo calma com o gesto.

Não adiantou.

— O que acha de pedir uma prorrogação à sua soberana, apenas nós duas?

Sureyya jogou a cabeça para trás, mostrando os caninos. Sua gargalhada foi tão assustadora quanto fora de hora.

— Ah, infelizmente, a Arena agora está ocupada pela ralé de Untherak. Mas

podemos fazer isso sem plateia a qualquer hora dessas, serve.

— Eu adoraria, Tenente — respondeu Raazi, querendo acertar a boca de Sureyya o quanto antes.

A maculada se afastou, caminhando à frente dos Únicos e deixando-as na companhia de Ranakhar, que indicou o caminho com um gesto e um sorriso fugaz. Era a primeira vez que Raazi sentia qualquer afeição por um Autoridade, ainda que não tivesse coragem de perguntar por que ele parecia querer ajudá-las. *Simpatia por um dos cães de Una*, pensou ela. *Aí está mais uma novidade, e logo agora que tudo chegará ao fim.*

Yanisha segurou firme a mão esquerda da esposa. *Como ela é forte*, pensou Raazi. Não aparentava fraqueza, dor ou dúvida mesmo depois de tudo que havia acontecido na Arena e mesmo diante de tudo que viria a acontecer.

E se aceitássemos a vitória e acordássemos juntas amanhã de manhã? O pensamento passou pela cabeça de Raazi por um instante, imaginando uma existência em que não precisaria esperar pelo Dia de Louvor para sentir a amada ao lado dela na cama, onde as duas abandonariam a luta por um ideal, mas abririam os braços para o amor que por tanto tempo não puderam vivenciar de forma plena.

Raazi lutou para engolir o amargor que se acumulara de repente em sua garganta, mas era como tentar engolir uma bola de pelo sem ser um felino. Yanisha riu baixinho.

— A mancha azul...

— Ah...

Ela tentou se concentrar para fazer o sinal desaparecer, mas o olho ficou com uma sombra mesmo assim.

— Desisto — disse, suspirando, sentindo que a camuflagem estava falha.

— Você sabe que eu gosto — falou Yanisha. — Deixe assim.

Com passos lentos que fizeram a subida da escada parecer mais demorada que deveria, elas chegaram à parte plana da Tribuna, onde entraram por um corredor cheio de lanceiros e Autoridades, muitos deles rostos desconhecidos, de outras regiões de Untherak. Raazi conseguiu enxergar boa parte da multidão que agora ocupava a Arena, e todos pareciam bastante animados, apontando para elas...

E de Una, que estava de costas para as recém-chegadas, encarando os súditos abaixo. Entre a soberana e as kaorshs havia ainda a linha cinzenta que era a

Centípede, que, ao mesmo tempo que se voltava para fora da sacada, não parecia estar enxergando nada sob seus capuzes vazios. Porém, a sensação ruim que a presença deles causava parecia ter algo a ver com o fato de aqueles indivíduos enxergarem sem olhos. Ainda assim, Una era mais alta que as figuras, sobretudo com os adornos de ouro genuíno e ônix em sua cabeça.

— Onde está Proghon? — sussurrou Yanisha para Raazi, que não o vira desde que haviam começado o desfile escada acima.

Sureyya tinha se posicionado atrás da Centípede, como líder militar na ausência do General. Ainda que a maculada fosse um problema para a missão delas, era melhor enfrentá-la do que encarar o General.

— Não sei, mas é estranho ele não estar aqui agora.

Assim que Raazi acabou de responder, o levantar de mãos repentino de Una fez o rumor excitado da multidão cessar de um segundo para o outro. Quem caminhava para algum lugar em que pudesse ter uma visão melhor da sacada parou onde estava. A soberana aproveitou o silêncio absoluto para fazer sua voz alcançar cada curva da Arena.

— De joelhos, Filhos da Degradação!

E assim eles fizeram, como se uma onda invisível se espalhasse logo após a dissipação de sua voz, obrigando todos a plantarem o joelho direito no chão.

As kaorshs demoraram dois segundos a mais, como se a resistência dentro delas pedisse aquele tempo para se acostumarem com a ideia e com a dissimulação necessária para o plano. Raazi olhou para a esposa de canto de olho e a viu levar os dedos ao tornozelo esquerdo discretamente, como se estivesse apenas apoiando as mãos no piso. Não conseguia prestar atenção ao que Una bradava, pois o mundo ao redor ecoava as batidas de seu coração. Sentia o latejar do sangue na cabeça, os sentidos mais aflorados que nos momentos de maior perigo na Arena... até que a soberana disse o nome dela e o de Yanisha. E foi nesse momento que Una virou as costas para a multidão e olhou para as duas vencedoras do Festival da Morte.

Raazi nunca chegara perto de Una. Os olhos dela eram tão frios quanto os da estátua no centro de Untherak, e a maquiagem pesada, com certeza feita por uma habilidosa aia kaorsh, potencializava a palidez quase cintilante que aquele rosto de linhas duras exibia. O nariz era bonito, pensou Raazi, reparando em como era arrebitado na ponta. Seria uma bela mulher, se não fosse uma tirana que sugava vidas.

— Yanisha Azath e Raazi Tan Nurten — disse ela, imponente, mas impostando a

voz para que soasse mais grave que era de verdade —, seus nomes serão lembrados nos relatos de Untherak como as primeiras a completar os desafios do Festival da Morte. Concedo-lhes a semiliberdade, e que ambas atendam ao meu chamado se assim eu ordenar.

Yanisha deixou escapar algo muito parecido com um riso de zombaria, que Una não registrou por estar imersa no protocolo. Um ou dois guardas mais atentos pareceram horrorizados, mas Raazi sabia por que ela estava reagindo daquela maneira: sua esposa já tinha a semiliberdade, e Una sequer sabia que uma das vencedoras não tinha que cumprir as obrigações diárias do Miolo.

O discurso se encaminhava para o fim, e os nomes das kaorshs foram repetidos várias vezes. Não houve aplausos ou comemorações, pois quaisquer manifestações durante pronunciamentos de Una eram sujeitas a punições severas, dependendo do humor do oficial de maior patente nas imediações.

— ... e assim ordeno que se levantem e repitam o juramento da semiliberdade, concedida como prêmio.

Raazi virou o rosto para o lado, ainda agachada. Seus olhos e o de Yanisha se encontraram. Não sorriram, não piscaram e não obedeceram ao comando. Os sussurros e rumores foram inevitáveis, mas Raazi não os percebeu.

Ela estava perdida na realidade que havia criado minutos antes, na qual as duas viveriam juntas, construiriam um lar com cheiro de comida sendo feita, longas noites com vinho e luz de velas refletindo na pele de Yanisha...

— Servas, levantem-se! — mandou a Tenente Sureyya, a voz como um chicote embebido em óleo e aceso por uma tocha. — Agora!

As kaorshs desfizeram a ponte invisível que havia sido erigida para durar apenas alguns segundos. A possível nova vida de Raazi também entrou em colapso, como se sua casa estivesse pegando fogo pela segunda vez.

— Até logo — foram as palavras que os lábios de Yanisha formaram, com extremo cuidado, saboreando cada sílaba.

Raazi, porém, não escutou som algum, e não sabia se a esposa de fato havia dito algo, pois o mundo emudecera junto com tudo que vivia dentro dela.

Os olhos de sua amada se estreitaram, entrando em modo de alerta, de batalha. Os dedos da mão esquerda tocaram a lateral do tornozelo, e a camuflagem que ocultava uma lâmina fina se desfez. Era uma faca de arremesso. Nem Sureyya havia percebido aquilo.

Alguém deve ter gritado algo sobre ela estar armada. No entanto, não fazia mais

diferença, pois ninguém seria tão rápido e letal quanto Yanisha durante a grande realização de sua existência.

A faca voou da mão dela, e Raazi estava junto naquele arremesso, seu coração na ponta da lâmina. Sabia que Yanisha não erraria àquela distância, muito menos com uma arma balanceada.

Raazi reviu todos os momentos que passaram juntas diante dos seus olhos enquanto o destino de Untherak moldava-se centímetro a centímetro, no espaço entre a mão de Yanisha e o corpo da deusa.

A lâmina emitiu um brilho fugaz antes de se enterrar logo abaixo do queixo de Una. Raazi não viu nada de divino no semblante pálido dela. A soberana cambaleou para trás como um bêbado qualquer do Pâncreas de Grifo. Olhou para Yanisha como se pedisse socorro para quem acabara de lhe atirar uma faca. Tropeçando no próprio vestido com as mãos na garganta, Una parou ao dar de encontro com a amurada da Tribuna, à vista de todos os fiéis que acompanhavam a solenidade. Num último ato consciente, arrancou a faca, e um jorro de sangue esguichou no ar, alcançando, após alguns segundos, o piso de obsidiana muitos metros abaixo. Os poucos que entenderam a cena de imediato gritaram, horrorizados. A fonte de cor proibida que irrompeu da garganta da soberana manchou a fachada clara da Tribuna; o corpo mole e ridículo de Una desfaleceu no balcão diante das vencedoras do Festival.

— A deusa está morta! — gritou uma voz desesperada, que jamais seria identificada em meio aos inúmeros berros semelhantes que tiveram início.

Una morria como qualquer ser. Morria como Raazi e Yanisha morreriam: com os olhos cintilantes arregalados, engasgando no próprio sangue, o encerramento definitivo daquele evento, a morte mais inesperada de todas.

— A deusa está morta! — repetiu outra voz incrédula.

Por um momento que seria um grão de areia diante do deserto que era a Degradação, os papéis foram invertidos, e a soberana se prostrou aos pés de uma serva.

Mil anos chegavam ao fim.

O primeiro grito de “A deusa está morta!” veio dos que estavam logo abaixo da sacada, os que receberam os respingos do sangue divino. Aquilo se repetiu com muita histeria nas arquibancadas, e os choros continuaram reverberando até que

houvesse bem mais de uma pessoa morta na Tribuna de Honra.

Talvez quem estivesse lá embaixo, na Arena, com o queixo erguido, não tivesse enxergado a evolução do assassinato, apenas a soberana caindo de costas na sacada, o sangue escorrendo na parede. Entretanto, nas arquibancadas, que estavam no mesmo nível da Tribuna, foi possível enxergar passo a passo o atentado contra a soberana. Aelian teve uma visão aérea de tudo que aconteceu, pois estava a cerca de quinze metros da sacada.

Levou uma das mãos à boca, incrédulo. Havia demorado para conseguir chegar até aquela parte do telhado do Palácio, que lhe conferia uma vista privilegiada da solenidade — contanto que permanecesse deitado, com o peito colado à laje do torreão.

Viu Yanisha, a autora do golpe certo, cair, e viu Raazi tentando dar cabo do máximo de Únicos ao redor, lutando como se estivesse possuída pelas pragas dos Seis Deuses. Enquanto o caos se desenrolava, Una permanecia no balcão, a poça vermelha em torno de seu pescoço crescendo a cada segundo.

Nada de imortalidade. Una sangrava, derramando a cor proibida em mais de mil anos de seu governo em Untherak.

O falcoeiro tremia. Sentia-se sujo por estar assistindo àquilo. Raazi e Yanisha não eram servas normais? Como conseguiram derrubar a deusa? E o mais importante: *por que* matar a deusa, afinal?

Os Únicos que estavam na Arena começaram a expulsar as pessoas horrorizadas portões afora, com truculência. Os Autoridades gritavam ordens de que o lugar fosse esvaziado. Sentia a eletricidade no ar, de milhares de servos tentando entender o que significava a queda de uma soberana imortal. Via a abominável Centípede se ajoelhando ao redor do corpo de Una e erguendo-a como formigas, quebrando pela primeira vez sua formação em fila. O corpo foi carregado para dentro do Palácio às pressas, como se ainda houvesse algum tipo de salvação para aquele ato irreversível.

Aelian se lembrou do pai sendo arrastado pela Arena. Naquele instante, Una estava tão morta quanto ele, pensou. Igualdade, enfim.

Raazi e Yanisha esperavam que lanças, flechas e golpes viessem de todos os lados logo após o ataque, sem dar tempo para elas fazerem mais nada. Porém, lá estavam as duas, flutuando no entorpecimento coletivo daqueles poucos segundos que

passaram tão devagar, mas que voltaram a correr normalmente assim que a missão foi concluída.

O chão da Tribuna reverberou e o ar pareceu esquentar. Únicos apontavam lanças para elas, ao mesmo tempo em que recuavam para as laterais, abrindo caminho.

O General Proghon, que havia se ausentado durante a solenidade, retornou, mãos nuas, passadas largas e lentas e todo o horror que ele carregava com sua aura opressora. A caveira dourada no lugar do que seria seu rosto derretia, como se o interior fosse uma grande forja impedindo o metal de se solidificar. Mácula e ouro ficavam pelo chão, um rastro escuro e fumegante do qual ninguém ousava se aproximar.

Raazi se atirou para o lado, agarrando a espada de um guarda estupefato. Torceu o pulso do que devia ser um humano sob o aço escovado e emendou o movimento para tentar arremessar em Proghon. Pronta para a batalha, Yanisha chutou um Único no rosto, que cambaleou com força para trás até bater com a cintura no parapeito da sacada manchada de sangue e mergulhar rumo ao piso da Arena. Quando Raazi recuou o braço para o ataque, sua respiração foi cortada de súbito, e ela caiu de joelhos.

Sureyya segurava o chicote com as duas mãos enquanto o pé direito prendia metade da extensão da tira, trazendo sua presa para o chão como se fosse um gnoll violento e desobediente.

— Matem a outra! — ordenou a Tenente, enquanto Raazi lutava para aliviar a pressão no pescoço.

No entanto, quem teria coragem de atacar Yanisha quando Proghon marchava na direção dela com tanta veemência, praticamente reivindicando a kaorsh como alvo?

Com os pulmões ardendo pela falta de ar, Raazi enrijeceu o pescoço para tentar retardar o efeito do sufocamento... e levou um chute no meio das costas. Estava sufocando, virada para Yanisha, que, por sua vez, era erguida pela mão direita de Proghon. Yanisha chutava o peito dele com toda a força, mas de nada adiantava. Os dedos do General se encontravam ao redor do pescoço da kaorsh assassina, os golpes dela ficando mais fracos a cada segundo que continuava com o sangue bloqueado.

Com a Tribuna saindo de foco, Raazi começou a desmaiar, com a certeza de que Sureyya tinha feito de tudo para que ela visse a esposa, amiga e companheira de

batalha perecer primeiro.

Mesmo estando metros acima de toda a ação, Aelian escutou o estalo do pescoço de Yanisha. Parecia que o General tinha deformado a nuca da kaorsh, já que a mão dele envolvera todo o pescoço da vítima, os dedos chegando a afundar na raiz do cabelo. A cabeça pendeu para o lado, e Proghon continuou encarando os olhos sem vida por alguns segundos antes de largar a mulher como lixo para ser recolhido pela limpeza do Palácio.

Sureyya, por outro lado, estava agachada ao lado de Raazi, que havia desfalecido com o açoite enrolado na garganta. A Tenente mexeu no cinto, e a adaga longa que carregava fez um ruído agudo ao ser desembainhada.

— Acabo com esta aqui? — sibilou ela para o General, a voz ansiosa por confirmação.

Foi então que Aelian agradeceu o fato de estar deitado no telhado, pois com certeza teria cambaleado e se estatelado entre as duas pessoas mais poderosas de Untherak ao ver o que aconteceu a seguir.

Proghon apontou para Sureyya. No mesmo instante, o rosto da maculada se contorceu de dor. Como se o efeito daquela bruxaria tivesse uma área de ação, Aelian sentiu como se as cicatrizes negras nas costas fossem reabertas, causando-lhe uma náusea instantânea.

— *Não* — disse Sureyya com um tom diferente, arranhado, uma versão gutural da própria voz. O falcoeiro levou alguns instantes dolorosos para entender que Proghon estava falando *através* da Tenente. — *Tranque-a no Anel. Quero descobrir o porquê desse levante.*

De repente, o rosto de Sureyya voltou ao normal. A náusea e a dor nos ferimentos das costas de Aelian também passaram de um segundo para o outro. Proghon parou por um instante, olhando para o chão. Virou a máscara perturbadora para os lados, como se procurasse por alguma coisa.

Logo acima, Aelian sentiu como se uma unha dançasse sobre suas cicatrizes. Uma unha comprida, que raspava as longas estrias negras. Encolheu-se no telhado do torreão, suando, perdendo o General de vista. Quando reuniu coragem para voltar a espiar a cena abaixo, viu que Proghon marchava para fora de seu campo de visão e já não mais deixava o rastro de ouro derretido no caminho. Ele havia *esfriado* após liberar a raiva e cumprir a obrigação que tinha com Una. Levando uma das mãos à

garganta e parecendo esconder o fato de estar abalada, Sureyya desenrolou o chicote do pescoço de Raazi e gritou com os lanceiros — com sua voz habitual — para que levassem a prisioneira até o Anel de Celas, fosse lá o que aquilo significasse. Enquanto alguns guardas batiam na testa ao ver todo o sangue derramado, Aelian se encolheu num ponto do telhado em que não enxergava mais nada.

Ainda confuso e amedrontado com a morte de Una — o que aquilo significaria para Untherak dali em diante? — e lamentando pelas kaorshs, o falcoeiro enfim se levantou, transpondo com cuidado o telhado de um torreão para o outro, planejando uma volta rápida até o Poleiro, antes que os Autoridades fossem ao corredor dele.

Subiu para um telhado de telhas escorregadias que o obrigaram a engatinhar até o ponto em que saltaria para longe do Palácio, um lugar que a partir de agora traria outra memória terrível para ele. Porém, para sua surpresa, o telhado da torre ao lado estava apinhado de guardas, muitos deles usando lunetas para enxergar o topo das outras construções em volta.

Aelian se jogou atrás de ameias próximas, alarmado. Por pouco não tinha sido visto... Aquele lugar sempre estava vazio, e era a única rota possível para fora do Palácio.

— Agora vai ficar difícil para você fugir.

Aelian olhou para trás, assustado com a aproximação de alguém que não se fizera notar. A voz abafada, o manto vermelho, as mãos enfaixadas... e uma situação bem parecida com a do primeiro encontro. Aparição estava ali, de pé, olhando com tranquilidade para o perigo na outra torre, a imensa espada na bainha às costas.

— Eles estão atrás de mim. Devem achar que eu tenho algo a ver com o atentado — disse Aparição.

— Abaixese! — implorou Aelian num ridículo sussurro gritado, os olhos arregalados.

Aparição continuou ali, o manto balançando ao vento.

— A atenção deles não está voltada para cá no momento — respondeu o encapuzado, sentando-se de pernas cruzadas na frente do falcoeiro. — Mas se isso for deixá-lo mais tranquilo, tudo bem.

Aelian tinha o medo estampado no rosto.

— Você me ajudou a fugir da última vez.

A cabeça de Aparição assentiu quase que imperceptivelmente. A sombra do

capuz não deixava ver se sorria ou se demonstrava irritação. Incomodado, Aelian retomou a palavra:

— E a maçã... também foi coisa sua.

— Você estava com fome.

— O pote de tinta?

— Ah, conseguiu pegar?

— Não acredito. Foi você.

— Você o pegou, então.

— Que diferença faz? Você me incriminou ainda mais para Harun e Niahkon, que são loucos por um motivo para acabar comigo. Só tenho que voltar para a minha cela antes que me descubram.

— Vai ser difícil. Não recomendo.

— É, eu sei! Obrigado por me avisar! Os telhados estão cheios. Eles estão em alerta depois da... — Naquele momento, Aelian hesitou. Aquela era uma frase que ele nunca pensou que diria. — ... *morte de Una*.

— Será o fim de uma era, Aelian Oruz?

— Por que está perguntando isso para mim? Você deve ter visto o que eu vi: garganta aberta, litros de sangue derramado — respondeu Aelian, sem perceber que o misterioso interlocutor sabia o nome dele. — Mas, de certa forma, deve ter muita gente bem mais confusa ou nervosa que eu agora.

Na sombra do capuz, Aparição o analisava. Aelian ficava cada vez mais nervoso.

— Gostaria de lhe mostrar algo.

Aparição se levantou e começou a percorrer o mesmo caminho que Aelian acabara de fazer.

— Espera! — chamou ele, tentando não gritar. — Ei, estou falando com você! Para onde está indo?

— Para o mesmo lugar em que você estava agora há pouco — respondeu Aparição, sem olhar para trás nem diminuir a velocidade dos passos e saltos.

Aelian, no entanto, arregalou os olhos e parou por um instante.

— Você me viu no telhado do torreão?

— Foi o que eu disse.

A figura encapuzada chegou primeiro. Sentou-se mais uma vez de pernas cruzadas, observando a sacada da Tribuna de Honra ser lavada por servos apressados. O parapeito era esfregado com afinco, mas a mancha vermelha teimava em não sair. Aelian deitou-se de bruços no telhado, observando a cena.

— Acabei de sair daqui. Você queria que eu ficasse vendo os lacaios tentando limpar todo o sangue?

— Espere um pouco.

— Não dá para me dizer logo o que é? Preciso *muito* voltar para a minha cela.

— Neste exato instante, o Autoridade Niahkon está se encaminhando para o seu andar do Poleiro — informou Aparição, ainda olhando para baixo. — Querem interrogar os servos próximos às tigelas de tinta para tentar extrair informações sobre mim, pois supõem que a morte de Una foi arquitetada por um movimento organizado. Você não pode estar lá, ou vão pensar que está mancomunado comigo.

— Eu não sei nem *o que* você é, e não me importo.

— Mas tenho certeza de que se importa com sua vida. Se quiser continuar vivo, não volte para sua cela.

— Se eu não estiver lá, no mínimo vão me torturar de novo — protestou Aelian, mudando de posição e se sentando. — Nunca mais vou poder pisar no Poleiro.

— Era justamente isso que eu ia sugerir.

Ele riu, exasperado.

— E o que eu faço? Começo a levar uma vida como a sua, de lenda mascarada?

Aparição ergueu o indicador cheio de ataduras na frente do rosto coberto, em um gesto que pedia silêncio, e depois apontou para baixo. Aelian viu que um anão e um humano, ambos trajando uniforme de Arauto, aproximavam-se da sacada carregando grandes chifres escuros. Será que fariam um pronunciamento? A Arena já estava bem mais vazia, mas boa parte da plateia ainda estava sendo expulsa com truculência pelos Únicos.

Os Arautos sopraram as trombetas no mesmo timbre que soaram durante a abertura e o encerramento do Festival, e a confusão lá embaixo teve uma trégua. Oficiais ou servos, todos se voltaram para a sacada da Tribuna. Aelian tentou adivinhar o que viria a seguir. No entanto, falharia mesmo se tivesse mil chances.

Lanceiros marcharam até o parapeito da sacada, dividindo-se em duas colunas — uma atrás de cada Arauto — e deixando um corredor para a passagem de alguém. Em seguida, eles se agacharam no joelho direito.

Em uníssono, os dois emissários explodiram em louvores.



— Assim, eles decidiram tornar-se algo novo, sem falhas.

Se havia alguma dúvida quanto à divindade de Una entre os milhares de servos confusos lá embaixo, ela começou a ruir naquele instante. Alguns poucos que pareciam atordoados também passaram a murmurar o relato, fervoroso.

— Assim, eles decidiram tornar-se um só. Assim, surgiu a deusa de seis faces, *a deusa Una!*

Seguida de perto pela Centípede, Una entrou no campo de visão de Aelian, arrastando o longo vestido negro pelo corredor de soldados.

Não parecia nem um pouco morta, sequer ferida.

Nesím largou a arma e o escudo e correu.

Ver o filho alistado nos Únicos fora o sonho do pai dele. E desde aquele dia fatídico, tudo havia mudado em Untherak. Era o fim de uma era e o fim das verdades absolutas. Os Únicos não existiam mais, e ele se viu preso a um trabalho que odiava. Não havia mais o lendário conforto que os Autoridades tinham na Vila A — aliás, não havia mais Autoridades.

Nesím correu antes que ele próprio também deixasse de existir.

Quase vinte soldados trucidados por um só homem, o forasteiro com a capa da cor proibida e a espada imensa. Despediram-se da vida de um jeito ou de outro: os que tentaram enfrentá-lo, sofreram; os que hesitaram, receberam a dádiva de uma morte rápida.

Nesím não fez nem uma coisa, nem outra. Apenas correu morro abaixo, e não fazia questão de descobrir como o estranho tratava os mais covardes.

Embora não tivesse ouvido passos, o soldado olhou para trás, sem parar de correr, para ver se estava sendo seguido. Nada. Apenas a rua vazia, ladeada por casas deterioradas.

Quando voltou a olhar para a frente, foi atingido por algo emplumado.

Nesím caiu feio, rolando muitas vezes antes de a ladeira dos Assentamentos resolver que ele poderia parar. Ouviu o grasnar de um pássaro, sentindo o rosto arder. Um falcão ou alguma ave de mesmo porte o atacara. Logo em seguida o encapuzado surgiu em seu campo de visão.

— Tenho duas perguntas — disse ele.

— Não me mate!

— Isso depende do que você responder. Compreendeu?

Nesím assentiu com vigor, mesmo trêmulo.

— Muito bem, lá vai a primeira: dá para entrar tão fácil pela Muralha do Miolo como entrei pela Muralha da Borda?

Nesím hesitou, tentando identificar se ouvira direito.

— A-acho que não... E-ele abriu mão da Borda para fortificar o Miolo. Os Silenciosos podem alvejá-lo meio quilômetro antes que você chegue perto de um dos portões.

— Entendi. *Estado mínimo*. Acho que vou ter que ir por cima mesmo — falou, acrescentando logo depois, em voz baixa: — Na minha forma de falcão...

Nesím choramingava. Fez até o sinal contra o Mal Rubro, herança de velhos tempos cheios de velhos medos. Talvez já tivesse até ouvido alguma história sobre encapuzados metamorfoseando-se em aves e cometendo assassinatos a sangue-frio.

O forasteiro fincou a espada imensa bem próximo da cabeça do homem e apoiou os cotovelos na guarda da arma, como se estivesse descansando.

— A segunda pergunta...

— Por fav-vor, n-não faça nada c-comigo...

— Qual o seu nome?

O queixo do soldado parou de tremer.

— Essa é a...

— Segunda pergunta? Sim.

— Meu nome?

— É! Ou seu chefe também tirou isso de vocês?

— Eu me chamo Nesím, senhor...

— Então levante-se, Nesím. Rápido, deixa de preguiça. Preciso de um favor seu.

Nesím ficou de pé, a respiração ofegante. Mesmo sem ver o rosto dentro do capuz, sentia o peso de olhos o encarando.

— Diga para seu General que o Aparição voltou. Compreendeu?

Afirmativo, respondeu a cabeça de Nesím. Em seguida, seus pés correram. Sua alma, no caso, já devia ter chegado ao Palácio.

Aparição esperou que o soldado sumisse de vista, correndo destrambelhado. Até que voltassem com reforços, ele teria tempo de vasculhar os Assentamentos. Talvez encontrasse algo relacionado à sua vida anterior. Relacionado a tempos horríveis, mas nem tanto. Então, voltou pelo caminho que havia feito, assoviando uma melodia cristalina que lhe agradava muito. Um falcão emergiu da escuridão e mergulhou até pousar em seu pulso, e ele foi ficar na companhia dos cadáveres.

PARTE 2
O CORAÇÃO
DE TODO O MEDO

— Não — disse Aelian, baixinho. E depois, mais alto: — Não, não... ela morreu, sim! Eu vi!

Aparição permaneceu em silêncio, em posição meditativa, olhando a soberana se reapresentar ao povo, conforme mais e mais pessoas se ajoelhavam em reverência, nas arquibancadas e na Arena. Grande parte delas estava de olhos fechados, repetindo frases soltas da Fúria dos Seis, agora sem harmonia nenhuma.

— A kaorsh cortou a garganta dela! — falou Aelian.

— Sim...

— Eu vi!

— Você já disse isso. — Aparição fez uma pausa, indicando a sacada com um movimento de cabeça. — E agora?

— Eu... não estou entendendo mais nada. — O falcoeiro arrancou a bandeira que havia amarrado na cabeça à guisa de proteção e passou a mão pelo cabelo suado. — Minha cabeça dói.

Aparição suspirou ruidosamente. Era como se tivesse apenas uma pequena abertura para o nariz na máscara.

— Talvez você não esteja pronto como pensei.

— Pronto para o quê?

— Volte para a sua cela, Aelian — disse Aparição, em vez de responder. — Conclua o que quer que estivesse prestes a concluir antes de eu aparecer. Sei que você não quer se sentir ainda mais culpado por outras mortes no Poleiro e que vai tentar ajudar Ghelis e Lennigan...

— Sim, inclusive porque você ferrou os dois.

— Seus dois companheiros do Poleiro estão mais enroscados em assuntos escusos do que pode imaginar — respondeu Aparição, seco como um golpe de machado. — Tráfico de carvão e suborno de Autoridades. Isso só para começar. Pensei em oferecer minha ajuda para tirá-los de lá antes que descobrissem tudo o que estão fazendo. Pois sempre descobrem. Queria dar a eles minha proteção em troca de informações e serviços, mas os dois também não estão prontos, pelo visto.

Aelian hesitou. Queria insistir para saber o que significava “estar pronto”. Foi

quando os lamentos e louvores pararam de súbito. Na sacada, Una começou a fazer um discurso com a voz impostada. Tomada por uma ira fria, a deusa declarou guerra aos que tentassem se opor a ela. Falou sobre todas as vezes na história de Untherak em que levantes foram esmagados sem piedade. Disse que não cairia pelas mãos de pecadores infiéis, e que não havia poder que pudesse anular sua soberania.

O pior ainda está por vir, pensou Aelian. A truculência, a violência dos Autoridades, tudo aquilo ia dobrar, triplicar. Raazi e Yanisha tinham acertado um vespeiro e nem estariam ali para enfrentar o enxame.

A melhor decisão seria se isolar disso, lidando apenas com a violência do cotidiano.

— Eu não poderia viver refugiado, como uma sombra — disse Aelian para Aparição. — Você parece saber o que está fazendo, e eu nem mesmo sei o que está acontecendo. Por alguns segundos, acreditei que uma deusa tinha sido destruída, mas agora estou mais perdido que antes.

— E com mais medo — afirmou o outro. Aelian se mostrou envergonhado. — Tudo bem. O medo nos diz coisas que não ouviríamos em dias de coragem. Espero que esteja disposto a ouvi-lo.

O falcoeiro não sabia se deveria se sentir melhor com aquele augúrio sombrio. Contudo, talvez estivesse menos pior.

— Corra para chegar ao Poleiro antes dos Autoridades — disse Aparição, em despedida. — Aproveite enquanto os guardas nos telhados estão atentos ao pronunciamento da nova Una.

— Nova Una? — perguntou Aelian, sem se mover.

— Vá logo, meu rapaz.

E se retirou, deixando o falcoeiro sozinho com os próprios medos.

Aelian foi tomado pela urgência. *Niahkon*. O kaorsh dissera que voltaria com Sureyya. Lidar com eles seria correr o risco de reencontrar o açoite batizado da Tenente — e talvez aquela fosse uma verdade que o medo de Aelian lhe contava. Ainda assim, era uma possibilidade melhor do que viver escondido, sendo caçado por uma deusa imortal.

Ele entrou pelo sótão, ofegante. Estava com os pensamentos tão turbulentos que vários dos saltos perigosos entre as torres e os telhados foram descuidados, mesmo aqueles sobre os quais tinha mais domínio e técnica. Foi direto para o poleiro de

Bicofino, que grasnou ao ver o dono e voou até seu ombro.

— Não vou poder ficar com você agora... Ah, não reclame! Vou abrir a janela para que saia!

Aelian destrancou uma das aberturas laterais, mas Bicofino parecia hesitar, sem afrouxar o aperto das garras na pele do dono. O animal só obedeceu quando o próprio falcoeiro colocou os pés para o lado de fora, para escalar a parede externa da torre até sua cela.

— Vá caçar alguma coisa — mandou Aelian, tentando firmar o pé numa fissura. — Mas, por favor, fique longe do Palácio!

Com um pio resignado, Bicofino apanhou a primeira corrente de ar que lhe serviu, circundando a curva do Poleiro e deixando Aelian sozinho para a última etapa de sua volta para a cela.



Bicofino circundou o Poleiro e duas vezes passou por cima do prédio em frente, o Balde — assim chamado porque, surpreendentemente, era lá que se fabricavam os baldes de Untherak —, antes de se encarapitar numa de suas janelas. De lá, podia ver o falcoeiro arrancando a barra de ferro solta na janela e caindo direto na cela.

No corredor que cortava as duas colunas de celas havia duas tigelas de tinta vermelha com um bom espaço entre elas, o que significava que nenhum Autoridade havia passado por lá. Ghelis e Lennigan estavam em silêncio, mais aos fundos do pavilhão; entretanto, o animal podia sentir o medo que os dois homens emanavam.

Aelian, atento ao falatório atrás da porta que dava acesso à escada, não tinha reparado que estava sendo observado por seu falcão. Aquela era a mesma porta que era trancada de noite e aberta ao nascer do sol, a mesma que Sureyya e Harun haviam atravessado antes de castigarem suas costas. Dessa vez, parecia que duas vozes masculinas discutiam. Uma voz, mais fria, não parava de se justificar, enquanto a outra voz, mais grave e irada, repetia que não deveriam ter trazido “aquela coisa”. As penas de Bicofino se eriçaram, como acontecia quando tempestades se aproximavam. Uma recém-crescida pluma da cor proibida despontou na cauda do animal, mas ninguém estava por perto para ver aquela blasfêmia.

As celas começaram a se abrir, as grades deslizando nas engrenagens de tecnologia anã, operadas pelo lado de fora por algum Autoridade. As vozes ainda discutiam. Uma delas gritou, mas a outra não se deu por vencida, a conversa

altercada sempre esbarrando nas mesmas frases. “Foi ideia sua trazer essa gosma para cá”, “Você é frouxo demais para fazer isso com as próprias mãos”, “Vou notificar a Tenente” e coisas do tipo.

Aelian deu um passo para fora da cela. Sabia que aquilo não era apenas o retorno dos servos, que algo diferente estava a caminho. Ghelis e Lennigan colocaram a cabeça para fora do cubículo deles, curiosos com a gritaria.

— Não me arranje mais problemas!

— Fique atrás da linha da grade, seu maluco!

A porta de madeira se escancarou. Os olhos de Bicofino sentiram dificuldade em distinguir o que era *aquilo* parado sob o batente. Tinha a cabeça de um cavalo — mas um cavalo morto. Corpo de um homem ou kaorsh... que *deveria* estar morto. E braços que não terminavam em mãos, mas em lâminas pontiagudas.



O cheiro de Mácula era pior que o de sangue. Sozinho, o cheiro ferroso do plasma já era bem ruim, mas pelo menos era mais suportável que o do piche de cadáveres. Contudo, nada superava o fedor de sangue tornado Mácula — isso conseguia unir o pior das duas essências.

Dois Únicos seguravam longas varas de contenção com tiras de couro na ponta ao redor do pescoço do líder dos Destrinchadores, que se debatia ao ser impelido pelo corredor. Sob as coleiras de couro, um ferimento logo abaixo do pescoço vertia Mácula aos borbotões, exatamente onde Yanisha o golpeara. No estômago, um pedaço partido da lança de Raazi ainda estava espetado.

Como essa coisa ainda consegue andar?, perguntou-se Aelian, voltando para dentro da cela, amedrontado. Alguém estava querendo reciclar aquela máquina de matar para outros propósitos.

Atrás do líder dos Destrinchadores e dos Únicos que o conduziam, o rapaz teve um vislumbre de Harun e Niahkon avançando um contra o outro, contidos por um pelotão de outros homens uniformizados — isso confirmava que a discussão na escada era entre os dois Autoridades, que deviam ter opiniões contrárias sobre o uso do maculado. Com os braços imobilizados, Harun tentava chutar Niahkon, que sorria com escárnio diante das ridículas tentativas de golpes com aquelas pernas curtas. As gengivas e os dentes do kaorsh estavam manchados de sangue, o que significava que o anão saíra na frente antes de serem separados pelos guardas. Harun não apresentava nenhum ferimento aparente, e Niahkon parecia não se

importar nem um pouco com os seus.

Depois de muito esforço, o Destrinchador foi enfim empurrado para o corredor das celas. Trancaram a porta em seguida, às pressas, antes que a coisa se voltasse contra os que seguravam as varas de contenção. Aelian se deu conta de que aquilo era uma tentativa de controle de danos e uma resposta imediata ao atentado contra Una. Quaisquer agitadores — ou mesmo meros suspeitos de uma conspiração — seriam tratados com brutalidade desmedida. Os reflexos das ações de Raazi e Yanisha se manifestaram na mesma hora, e os mais fracos pagariam o preço primeiro, sem interrogatórios ou julgamentos.

Ainda encolhido contra a parede dos fundos da cela, Aelian pensou que não poderia fugir pela janela, pois deixar suas costas expostas naquele momento não seria uma boa ideia. Sacou o punhal virgem, para ter alguma chance mínima contra aquele monstro.

Porém, sem voltar o crânio de cavalo na direção dele, o Destrinchador passou direto por sua cela, sem parecer notá-lo. Com o pé direito, esmagou a tigela de tinta com um ruído seco, parecendo nem registrar o fato, e o maculado continuou a marcha cambaleante até o fundo do corredor, deixando um rastro de cor proibida.

Aelian ouviu gritos de vozes familiares vindos do final do corredor e saiu da cela: Ghelis e Lennigan esmurravam a porta de acesso ao sótão. Trancada, como de praxe. Os dois estavam desesperados com a visão estarrecedora que avançava na direção deles, e era aquele estardalhaço que havia feito o gosmento passar direto pelo falcoeiro — ou talvez o crânio de cavalo limitasse sua visão periférica.

Lennigan foi o primeiro a perceber que seu desespero não abriria a porta, e se virou de frente para o horror que o encurralava. Sem encontrar meio de fugir ou algum objeto que lhe servisse de arma, ele simplesmente puxou Ghelis à sua frente, como um frágil escudo *vivo*. Estarrecido com a covardia do homem, Aelian correu no encalço do Destrinchador e cravou o punhal logo abaixo da axila direita, procurando alguma parte mole, que não fizesse a lâmina resvalar.

O aço deslizou pela carne com facilidade, até a bainha. Porém, o maculado apenas moveu o ombro num movimento circular, como se uma mosca varejeira tivesse pousado nele.

Aelian começou a torcer e puxar a arma em todas as direções, tentando infligir o máximo de dor possível, mas nada impediu o monstro de atravessar o escudo vivo com sua mão de lâmina.

Aelian gritava e golpeava aquele corpo maldito. De repente, o monstro desferiu

uma cotovelada dolorida no rosto do rapaz, e ele caiu de costas no chão, ainda segurando a adaga. A coisa que um dia fora um kaorsh usou o outro braço para decepar a cabeça de Ghelis e passou a apunhalar Lennigan repetidas vezes, de maneira automática, no peito e no rosto, até que a arma atravessasse ossos, miolos e até mesmo a madeira da porta que levava ao sótão.

Com um dos braços preso na madeira, o Destrinchador urrou de irritação e descontou sua fúria desenfreada nos cadáveres à frente, usando o braço livre para picotá-los.

Aelian se arrastou até o início do corredor, os olhos arregalados observando aquela cena atroz. Já havia testemunhado matança demais para um só dia, mas em nenhum dos casos tivera praticamente a perspectiva do assassino, com o sangue tão próximo. Talvez tivesse tempo de escapar pela janela antes que os guardas entrassem para conter o maculado — depois disso, eles com certeza dariam ordens para que os servos lavassem o sangue e as tripas do chão de pedra.

Às pressas, voltou para sua cela e só então percebeu que sequer tinha colocado a barra falsa de volta ao lugar. Se Harun e Niahkon tivessem entrado ali, ele estaria condenado de qualquer maneira. Porém, naquele momento, tanto melhor: largou o punhal melado de sangue negro, tentou apoiar o pé no catre para alcançar a saída e agarrou as outras barras fixas. Suas mãos — também viscosas — escorregaram, e o rapaz caiu de costas, desabando no chão de mau jeito.

Então o ruído de ossos sendo triturados foi ouvido com mais clareza que antes, seguido pela cadência apressada dos passos do Destrinchador. Ele tinha se soltado da porta e enfim percebera que não precisava descontar sua raiva apenas nos dois cadáveres destroçados.

Aelian começou a enxugar as mãos na camisa, desesperado, enquanto praguejava contra a ideia idiota de tentar salvar os outros dois homens. Esforçou-se para trepar de novo nas barras, mas agora elas estavam escorregadias com sangue. A aproximação do maculado foi sinalizada pela lâmina no braço raspando as grades das celas, com um barulho agourento que o falcoeiro não sabia se era de propósito. Lembrou-se de Niahkon fazendo a mesma coisa mais cedo. No fundo, não parecia que aquele gosmento tivesse a intenção de brincar com as vítimas, não quando seu cérebro tinha sido, na maior parte, liquefeito. Ele só estava ali para matar, sem distrações.

A coisa apareceu de perfil, e Aelian — congelado — percebeu, com um horror crescente, que a criatura não tinha mais metade do braço direito e que a lâmina do

lado esquerdo estava toda suja de Mácula. Aquilo explicava como ele havia conseguido se libertar da porta.

Agora era sua vez de se ver encurralado. Não morreria de maneira covarde como Lennigan — mas isso também não significava que se entregaria gentilmente para ser esquartejado.

O Destrinchador parou na entrada da cela, as cavidades oculares vazias da caveira de cavalo encarando o falcoeiro. A maldita arcada dentária parecia estar sorrindo, amarelada, numa zombaria eterna e involuntária. Aelian se colocou em posição de combate, a lâmina da adaga apontada para baixo na mão direita. Lembrou-se de Raazi e Yanisha lutando contra a coisa que agora o acuava... Era possível neutralizá-lo, mas seria mais fácil se não estivesse sozinho.

— É só uma luta de facas — murmurou Aelian para si mesmo, inquieto, respirando rápido, tentando não pensar que aquilo só seria verdade se a arma do inimigo não tivesse quase duas vezes o tamanho da sua.

O maculado atacou. Aelian desviou de um golpe frontal e emendou uma investida rápida. Sua adaga apenas riscou o braço do adversário, e ele duvidou que aquilo tivesse algum efeito mesmo num inimigo vivo. Outro ataque, dessa vez na horizontal, mas o rapaz conseguiu passar por baixo da criatura e ganhar espaço. Agora, o Destrinchador estava no meio do caminho até a janela. Aelian aproveitou que a criatura demorou para se virar e esfaqueou suas costas. Quase tomou o mesmo golpe de cotovelo de minutos antes, mas conseguiu proteger o rosto e agarrar o Destrinchador pelas costas, apunhalando o estômago do inimigo com uma das mãos enquanto a outra afundava um pouco mais o pedaço de lança quebrado em seu estômago. A criatura gemeu e se debateu, e Aelian sentiu a Mácula jorrando nas próprias mãos, sem perceber que estava gritando durante todo o seu ataque desesperado.

A lâmina do Destrinchador desceu, desajeitada, e o falcoeiro sentiu a ponta da espada rasgando sua coxa. Ele soltou o inimigo e recuou, mancando. O maculado avançou de imediato, vendo a presa fugindo da cela. E foi nesse momento que Aelian sentiu algo passando de raspão por ele e indo direto para a cara de cavalo à frente.

Bicofino havia afundado as garras na cavidade nasal do crânio, e batia as asas com vigor, gritando sem parar. Aelian arregalou os olhos, surpreso, e viu que o Destrinchador se desequilibrara, cambaleando para trás com o ataque do falcão. O monstro estava prestes a golpear o animal, e o falcoeiro agiu antes que tivesse que

presenciar a morte de um de seus maiores amigos.

Ele avançou, estabonado, segurando o braço do maculado e o derrubando. Bicofino não soltou o crânio nem durante a queda do inimigo. Aelian usou um dos joelhos para prender o cotovelo do oponente no chão e, sem pensar duas vezes, tratou de concluir o que Yanisha tinha começado no pescoço do líder dos Destrinchadores.

Descarregando sua adrenalina em golpes sequenciais, Aelian finalizou o oponente sem nem mesmo perceber que estava banhado de preto, o rosto selvagem respingado por grandes gotas de sangue transformado em Mácula.

O falcão bicava a cabeça revestida pelo crânio de cavalo que tinha enfim se desprendido do corpo, certificando-se de que ela não se voltaria contra o humano. Ofegante, Aelian enxotou a ave sem conseguir dizer nada. Bicofino salvara a vida dele.

Os guardas do lado de fora da porta pareciam ter notado o súbito silêncio, e começaram a discutir se deveriam entrar e ver se o serviço estava feito.

Aelian guardou o punhal e voltou a tirar o excesso de sangue das mãos na coberta puída do catre. Bicofino grasnou, avisando que mais inimigos se aproximavam.

Aelian foi até a janela, dessa vez sem escorregar, e atravessou o buraco, deixando a parte inferior do tronco para fora. Bicofino estava pousado no crânio de cavalo, observando-o.

— Fuja logo! — exclamou Aelian, numa ordem esganiçada. A última coisa que queria naquele momento era ter sua mascote morta depois de sobreviverem à coisa mais improvável. — Saia por onde entrou! Vai!

Bicofino bateu as asas para ir até a janela onde Aelian se encontrava. Estava vigiando-o, garantindo que ele não fosse cair.

— Eu estou bem, nós nos encontramos depois! — disse Aelian, sentindo uma imensa gratidão por seu pássaro teimoso. — Fico devendo uma a você, sua galinha corajosa.

Aelian se esticou até o gancho mais próximo, afastando-se da janela. Suas mãos estavam secas o suficiente. Bicofino piou, como se pedisse cautela, e o ruído da porta de madeira se escancarando pôde ser ouvido do lado de fora do Poleiro.

A despeito da imponente armadura que usavam, os dois Únicos entraram no corredor das celas como crianças amedrontadas. Seguravam as hastes de contenção

à frente, enquanto outro pelotão vinha logo atrás, a passos curtos, atentos a qualquer sinal de movimento.

Um deles apontou para o fim do corredor, para a obscenidade de sangue espalhado por todas as paredes e o piso. Na mesma hora, diversas mãos deram tapas na testa, e os soldados evitaram pisar nos rastros espalhados pelo andar.

Então, um dos guardas olhou para a direita, para a primeira cela do corredor.

Lá estava o maculado, a cabeça separada do corpo. O sorriso do crânio de cavalo estava voltado para os recém-chegados, fazendo o pelotão experimentar o mesmo arrepio que Aelian sentira segundos antes. Niahkon e Harun, numa trégua forçada, perguntavam onde estava o líder dos Destrinchadores. O guarda que primeiro viu a cena começou a gaguejar: não sabia como informar que a criatura havia sido destruída e nem por quem.

A tremedeira do homem aumentou quando ele percebeu um falcão encarapitado na janela da cela. Faltava uma barra na abertura, e a ave agourenta torceu o pescoço para encará-lo, com desprezo.

Na cauda do pássaro, notava-se uma única pena da cor proibida, despontando entre centenas de outras marrons, comuns.

A ave deu um pio entediado, virou a cabeça para a frente e levantou voo. Alguns correram de volta pelo caminho até os Autoridades, inclusive o que primeiro notara o maculado decapitado.

— A-autoridade Harun... Autoridade Niahkon... — disse ele, de cabeça baixa. Seu rosto estava lívido de terror, e o pelotão se acotovelava para espiar o que tanto havia amedrontado os homens que seguiam à frente. — O maculado foi derrotado! Foi o Aparição!

Com nariz e boca manchados de sangue, Niahkon agarrou o Único pelo pescoço. Harun cruzou os braços, irritado.

— Explique melhor, soldado. Fale devagar.

Tentando conter o pânico, mas, no fim das contas, sendo tomado por ele, o guarda falou como vira o exato momento em que Aparição, transformado numa ave nefasta com uma única pluma da cor proibida, deixara para trás o Poleiro e, dentro dele, um banho de sangue e Mácula.

Do lado de fora, um falcão planava, vigiando o homem que escalava as paredes.

— Você parece péssimo.

Aelian não se dignou a tecer nenhum comentário cretino. Sendo assim, Aparição continuou, menos ácido e com o máximo de sinceridade que um rosto encoberto e uma voz abafada poderiam transmitir:

— Mas fico feliz por ter voltado.

O sol já tinha se posto. Coberto de sangue maculado e longe de parecer um humano, Aelian conseguira se ocultar com facilidade nas sombras durante o perigoso trajeto até os telhados do Palácio. Ele não acreditava que tinha voltado para o lugar de onde fugira mais cedo, muito menos que Aparição ainda estivesse por lá, como se soubesse que ele voltaria.

— O que você é? — perguntou o falcoeiro para a figura misteriosa, sentindo uma diferença na própria voz. De alguma forma, ele sabia que nada voltaria a ser como antes. Porém, ao mesmo tempo, sentia que precisava de algum sentido para mergulhar de cabeça naquilo.

— Eu sou uma história diferente, Aelian — respondeu Aparição. — Do tipo de que Untherak jamais ouviu falar. E preciso de ajuda para contar essa história a todos.

— Eu conheci o inferno hoje — disse Aelian, seco.

Ele não sabia por que falara aquilo, já que não era bem uma resposta. Só precisava desabafar, tirar o sentimento do peito de alguma maneira, lavar aquela sujeira que parecia corrompê-lo por dentro.

A figura olhou para a estátua de Una.

— Alguns infernos duram mil anos; outros, um dia. Mas nenhum é melhor que outro.

Aelian também olhou para o monumento colossal. Era algo grande demais para ser enfrentado. Porém, a vida anterior dele tinha acabado. E era surpreendente como conseguira sobreviver a provações que derrubariam até guerreiros experientes. Talvez fosse possível viver como um pária, procurado por toda Untherak. Era uma alternativa à servidão e à humilhação que Una oferecia.

— Diga-me o que preciso fazer — falou ele, sem desviar o olhar da estátua. Mesmo assim, percebeu os olhos de Aparição fixando-se nele.

— Para começar, me ajude a salvar outra pessoa que está conhecendo o inferno hoje.

Apesar do calor, a armadura era mais confortável do que parecia. O talho estreito no elmo limitava boa parte da visão periférica, e aquilo dizia muito sobre como proceder dentro do Palácio: preste atenção no que está fazendo e não olhe para os lados. Aelian, com a claustrofobia a mil, precisava lembrar a si mesmo, o tempo todo, que não estava preso num lugar apertado, que era só um capacete.

Tudo bem, pensou ele enquanto vestia a armadura do defunto. *É por pouco tempo. Encontro a kaorsh presa, solto ela, saio do Palácio sem problema nenhum e sigo para os Assentamentos.* O rapaz sabia de alguns casos de indivíduos que conseguiam sobreviver como foragidos em Untherak — todos criminosos e com a cabeça a prêmio.

Tentou olhar para si mesmo, para ver como estava de armadura, e fez uma careta involuntária. Quando topou ajudar o maior criminoso de Untherak, recebeu instruções breves e diretas sobre como invadir o lugar por aquela janela da torre em que agora estava e sobre como encontraria lá um lugar para se limpar do sangue maculado e vestir a armadura.

Era uma sala de banho, com uma grande piscina de água quente, mas sem luxo algum. Viu três Únicos lá, mortos e pelados. Suas armaduras estavam empilhadas no corredor que levava à porta, para que o vapor da água não enferrujasse as juntas e as cotas de malha.

Os cadáveres não haviam sido derrotados pela imensa espada de Aparição, constatou Aelian ao observar as feridas e os cortes letais, que não eram grandes. Os dedos dos soldados ainda seguravam clavas e maçãs, tanto que fora difícil lutar contra o *rigor mortis* para tomar a arma de um dos vigias. Ao notar a figura encapuzada invadindo o banho, os homens deviam ter corrido até as armas para se defenderem... e lá estavam, mortos do jeito que tinham chegado ao mundo.

Dados e triângulos de *bakir* se espalhavam pelo chão. Provavelmente, Aparição plantara aquelas provas ali. Mesmo assim, Aelian não ousou tocar nelas: dinheiro de jogatina que terminava em morte costumava trazer azar. Quando os cadáveres fossem encontrados, pareceria que os homens tinham se desentendido durante uma partida de dados. Alguém poderia até questionar o fato de eles estarem

apostando pelados, mas talvez a investigação não quisesse ir mais a fundo nos motivos e nas causas.

Já uniformizado, Aelian respirou fundo e deu as costas aos mortos, parado diante da porta de madeira. Quando a atravessasse, seria um Único. Ele hesitou. Lembrou que não era tão supersticioso assim e voltou para pegar as dez moedas triangulares do chão. Fosse lá quem tivesse inventado o azar, não devia trabalhar no Poleiro por seis *bakir* a semana.

A verdade era que, por mais pessimista que Aelian fosse com relação ao resgate de Raazi, ele tinha em mente que, em algum momento após o anoitecer, teria a oportunidade perfeita para conseguir entrar no Anel de Celas e, logo depois, sair dali.

Ele só não sabia como eram confusos os milhares de corredores do Palácio, tampouco que demoraria quase dois dias até que surgisse a oportunidade para fugir.

— Eu cubro a aposta do novato — disse o Único sentado à sua frente, batendo com mais dois *gumus* no barril onde eles rolavam os dados e colocavam as apostas. — Aliás, cansei de chamar você de novato. Qual é o seu nome, soldado?

— *Kivan*, senhor — respondeu Aelian, soando respeitoso demais com um soldado que, em teoria, tinha a mesma posição hierárquica que ele.

Foi o primeiro nome que lhe veio à cabeça quando pediram sua identificação enquanto ele passava por um corredor procurando alguma saída para aquele labirinto. A cada vez que inventava de se enveredar por algum caminho achando que chegaria ao Anel ou a qualquer outro lugar, alguém o mandava fazer alguma coisa — limpar a estátua de Una e o Dragão, carregar caixas de mantimentos por infundáveis escadarias e exterminar pragas em armazéns e masmorras úmidas. Ele achava que a vida de um soldado do Palácio daria menos trabalho.

Porém, toda a atmosfera opressiva do lugar pareceu amenizar um pouco quando Aelian descobriu que os soldados jogavam dados às escondidas em horário de trabalho.

— *Senhor* — repetiu ironicamente o jogador à direita, fazendo um *bakir* passear entre os dedos. — O novato só falta bater continência a cada dado rolado, Norm.

— Gosto disso, Cal — disse o outro, rindo e encarando Aelian com seu único olho bom. O outro globo ocular ficava virado o tempo todo para o teto, o que deixava seu rosto preso numa meia expressão de enfado. Os guardas que assistiam à partida

riram, e Aelian estreitou os ombros. — O Kivan aqui já reconhece a minha superioridade. Mas um dia vou me tornar Tenente, e todos vocês vão bater continência até quando estiverem fornicando com as suas esposas e se lembrarem da minha fuça.

Que sonhos de grandeza tinham os homens descartáveis de Una. Por dentro, Aelian estava achando toda aquela conversa entediante e típica dos descerebrados deslumbrados que pensavam existir espaço para ascensão em Untherak. Por fora, continuou mantendo uma cara de assustado e um jeito nervoso. Ser subestimado e diminuído durante as partidas de dados sempre fora sua melhor estratégia.

— E se você virar mesmo um Tenente, no improvável caso da morte de Sureyya — perguntou Cal para Norm, entrando na aposta com dois *gumus* —, vai acabar com as nossas jogatinas no Palácio?

— Depende de quanto pagarem pelo meu silêncio — respondeu, provocando risadas ao redor. Então, voltou o olho bom para o novato. — E aí? Vai entrar ou pagar para ver?

Aelian espiou a jogada no caneco e crispou os lábios quase que imperceptivelmente — um movimento calculado. Norm pensaria que ele estava preocupado com a mão ruim. Aelian adorava inflar os oponentes com esperança antes de estourá-los com uma agulha pequena mas bem afiada.

— Estou dentro — disse, trêmulo. Então, tirou o totem de quartzo do pescoço para rolar o último resultado.

— O sujeito está se cagando de medo, Norm — disse Cal, crente de que tinha uma excelente mão. Segurava um dado de seis lados, assim como Norm.

Jogadores comuns demais e que se arriscam de menos, pensou Aelian. Fáceis de enganar.

Norm jogou o dado — saiu o 2 — e não comemorou, mas sustentou um sorriso de superioridade no canto dos lábios. Os que assistiam à partida assoviaram, e Cal pareceu perder bastante da confiança antes de jogar o próprio totem.

6.

— Filho da puta! — gritou Cal, arremessando o elmo contra a parede dos fundos do armazém. Aquilo anularia até a mão boa dele, eliminando-o por antecendência, a não ser que Aelian (ou Kivan, no caso) tirasse um oito. Nesse caso, Cal pelo menos receberia a aposta inicial de volta, que era o menor dos males. — Vai, novato! Se tirar um ou dois com esse dado de oito lados, você vai estar bem fodido.

— Ah, vê se aprende a perder, Cal — falou Norm, confiante, ajeitando-se no caixote que lhe servia de banco. — Ficar dando chique não vai ajudar você a rolar

um dado decente.

Aelian se esforçou para manter o rosto consternado. Fez toda a sua preparação ritualística de rodar o totem entre os dedos por quase um minuto antes de rolá-lo. Aquilo irritava muitos jogadores, mas as regras não definiam um tempo máximo para lançar o dado.

Enquanto isso, Cal tirou um cachimbo de dentro da armadura e o acendeu com um palito de enxofre. *Carvão*. Baforou fumaça ocre e viciada na direção do novato, supondo que aquilo iria atrapalhá-lo.

Aelian, porém, conseguiria jogar seu dado de forma satisfatória até debaixo d'água.

Ele o arremessou com um movimento do pulso.

1.

— Seu cu de verme cheio de merda! — gritou Norm, chutando o barril para longe e espalhando dados e moedas pelo chão. Os outros soldados que assistiam ao redor recuaram, sobressaltados, enquanto o homem arregalava o olho e cuspiu na direção de Aelian, que ainda estava sentado, mas com a mão próxima do cabo da maça.

— Opa, dei sorte.

— Sorte é o meu pau não ter coçado hoje de manhã! Você roubou!

— Não, não roubei — disse Aelian, agora cara a cara com Norm. Não conseguia mais fingir medo do Único, então se abaixou para pegar seu dado da bagunça feita no chão. — Viu só? Oito lados, numeração correta.

— Quero ver esse dado!

— Claro. Mas na minha mão. Tocar no totem alheio dá azar...

— Esse dado é oco ou é viciado para dar o número um! — gritou ele. Aquela acusação pareceu fazer com que alguns homens ao redor também pensassem na possibilidade. — Já vi trapaceiros que nem você!

— O que aconteceu com o “aprende a perder”? — perguntou Cal, botando lenha na fogueira.

— Cala essa boca, Cal! — gritou Norm, apontando para o rosto do outro.

Aproveitando que os dois começaram a se estranhar, Aelian passa a recolher o dinheiro esparramado no chão.

A porta do lugar se escancarou com um estrondo, trazendo uma bem-vinda lufada de ar fresco para movimentar o ar estagnado cheirando a suor e carvão.

— Distribuição de tarefas, seus lambe-botas viciados! E é bom que parte dessas moedas esteja na minha mão antes que eu conte até cinco.

Na hierarquia militar da cidade, o cargo mais alto era o de General. Abaixo de Proghon, a Tenente comandava os Autoridades e os Únicos. Enquanto os Únicos eram forças especiais, responsáveis por proteger a deusa, os Autoridades tinham funções mais burocráticas, de cunho civil, embora também pudessem arregimentar soldados rasos se necessário. Apesar das rixas, Autoridades e Únicos tinham algo em comum: o sonho de se tornar Altin. Com seus braceletes dourados, da mesma cor que a moeda de valor mais alto de Untherak, os Altin eram a cúpula do General, responsáveis por cuidar das linhas comandadas pela Tenente. Os que chegavam a essa posição podiam dar ordens aos Únicos e até mesmo a outros Autoridades.

O homem que irrompera no lugar aos gritos era um Altin que Aelian não conhecia. O sujeito tinha cabelo longo ao redor de uma clareira no topo da cabeça. Segurava um longo pergaminho e parecia não dar a mínima para o jogo ilegal — contanto que recebesse sua parte em dinheiro para fazer vista grossa. Além disso, com o caos do atentado a Una, ele parecia querer o menor número possível de problemas.

Cal e Norm interromperam a briga e olharam para Aelian. Na verdade, todos os outros guardas em volta olharam para ele.

— Esse aí foi o cara que limpou a mesa — falou alguém às suas costas.

— Meu tributo, anda! — ralhou o homem, dando à propina um nome mais bonito. Ficou observando de perto enquanto Aelian acabava de recolher o dinheiro do chão. — Não me lembro do seu rosto. Qual é o seu nome?

— Kivan, senhor.

— Você tem a linha da servidão. Foi transferido de onde?

— Do posto avançado do Canil no Portão Sul, senhor — respondeu, enfim usando a fala que tanto havia ensaiado mentalmente. Era um lugar afastado, que dificilmente alguém isolado na loucura do Palácio conheceria.

O Autoridade fez um grunhido desconfiado.

— Não fui informado da sua transferência. Vou pedir para reenviarem o documento e a solicitação do Canil.

— Talvez tenha se extraviado, senhor. O ataque do Aparição no Poleiro que todos andam comentando...

— É, talvez. Isso cagou todo o sistema de distribuição... Bem, o que importa é que você é novo aqui, e o primeiro tributo é maior que o valor costumeiro. — O Altin estendeu a mão livre, movimentando os dedos sem parar. — Metade do que você ganhou da mesa. Vamos, novato!

— Metade é muito, senhor — disse Aelian, sem querer criar caso, mas também não conseguindo esconder a raiva.

De qualquer forma, dividiu os *gumus* e os *bakir* a olho e os colocou na mão estendida. Era melhor cooperar com a corrupção dos oficiais se não quisesse que lhe fizessem mais perguntas.

— Verdade — respondeu o homem enquanto guardava o “tributo” num alforje preso ao cinto. Ele olhou para os Únicos ao redor, que riam de deboche. — Você deveria me agradecer por eu não mandar levar a lavagem para os prisioneiros do Anel logo no primeiro dia. A kaorsh louca que tentou assassinar a soberana já matou dois guardas que tentaram vê-la “um pouquinho mais de perto”...

Aelian ficou alerta no mesmo instante.

— Normand, Jaared e todos os que têm Louvor amanhã: cuidem do Anel.

— Incluindo a cela da maluca? — perguntou Norm, indignado.

Os homens que o acompanhariam na tarefa não pareciam nem um pouco felizes com aquilo.

— Eu falei “Cuidem do Anel, *menos* da cela da maluca”? — zombou o Altin, passando para o item seguinte do pergaminho. — Cal, Najid e Shen, vocês vão para o térreo. Passem na interseção com a Ala Oeste e encontrem o sujeito que foi transferido do Poleiro e que está cuidando da manutenção das estátuas. Novato, vá com eles.

Ir para o térreo era meio caminho andado para cair fora do Palácio, ainda que promettesse ser difícil tirar os outros dos seus calcanhares por tempo suficiente para fugir. No entanto, havia duas questões: agora Aelian sabia que alguém ali poderia levá-lo até o Anel, e sua intuição de apostador parecia querer lhe dizer alguma coisa sobre o tal indivíduo transferido.

— Quem veio do Poleiro? — perguntou Aelian, atraindo a atenção de todos.

Começou a colocar o elmo enquanto esperava pela resposta, tentando fazer sua curiosidade parecer passageira e trivial. O Altin começou a enrolar o pergaminho.

— Faz diferença?

O rapaz hesitou. Uma espécie de sino tocou em sua mente. *Cuidado com o que vai dizer agora.*

— Só queria saber quem foi transferido depois da briga — arriscou, lembrando-se da contenda entre Harun e Niahkon.

Se ele fosse um guarda de verdade, teria o mínimo de conhecimento sobre os boatos e as bisbilhotices envolvendo os oficiais de Untherak.

— Parece que aquele Autoridade kaorsh, o de cabelo enroladinho, levou um Destrinchador gosmento para o Poleiro. Disse que ia conter um indício de motim — respondeu o homem.

Norm deu uma risada, aparentemente muito bem informado sobre o assunto.

— Aqueles vermes nunca aprendem... Fiquei sabendo que o outro Autoridade de lá do Poleiro não concordou com aquilo e quis impedir a matança dos servos. Mas aí o Aparição invadiu o lugar, matou o Destrinchador e os amotinados e ainda fugiu transformado num falcão que era *todinho* da cor proibida...

— Não pode ser que você acredite nisso, Norm — falou Jaared, rindo, e recebeu um safanão no peito, com um clangor de metal.

— Tem testemunhas, sua besta! Fala para ele, Kolt!

— Não sei de nada — respondeu Kolt. Agora Aelian conhecia o nome do Altin. — Só sei que o transferido foi o anão negro, que umas décadas atrás vivia dando dor de cabeça nos Campos Exteriores. Não lembro o nome dele.

— Autoridade Harun — disse o “novato Kivan”, só para obter a confirmação do superior. Por dentro, estava imaginando que a luta entre Niahkon e Harun tinha continuado depois da fuga dele. Torcia para que os dois tivessem se machucado bastante. — É, ele é casca-grossa.

— Esse mesmo. Harun — respondeu Kolt, cutucando o nariz e dando meia-volta. — Muito bem, vocês já sabem o que fazer. Sumam daqui.

Houve o estardalhaço apressado de armaduras sendo afiveladas e elmos sendo erguidos do chão. Aelian estava pronto para ir em frente, sem conseguir tirar da cabeça que a notícia de sua fuga se tornara uma lenda sobre Aparição. *Transformado num falcão*. Quase riu daquele pensamento ridículo, imaginando os soldados com medo de Bicofino e impressionado com as proporções monstruosas que aquela história ganhara em apenas dois dias. Um falcão *todinho* da cor proibida? Bicofino tinha *uma única* pena que teimava em nascer naquele tom!

Aquilo o levou a imaginar se sua mascote estaria bem. A ave sabia se virar, mas, ainda assim, Aelian se preocupava. Queria reencontrar Bicofino o quanto antes.

Se fosse para agir e se ver livre daquele labirinto fedorento, deveria ser rápido, antes que surgissem cartazes de PROCURA-SE com seu rosto desenhado pelas paredes da Ala Leste. E Aelian sequer podia sonhar em dar de cara com Harun por ali. Seria seu fim.

— Ei, Norm.

— Não fale comigo, trapaceiro de tripa solta. Depois resolvemos o assunto

pendente — respondeu o homem, regulando a altura da bainha da maça.

O ex-falcoeiro mostrou a palma da mão, pedindo calma.

— Na verdade, acho que começamos com o pé esquerdo. Queria saber se não prefere mandar um de seus homens com o grupo de Cal, e eu fico com você. Me ofereço até para entrar na cela da maluca lá no Anel.

Norm o olhou de cima a baixo.

— E por que faria isso?

— Não sei. Sinal de boa vontade da minha parte? — respondeu Aelian, inseguro, sabendo que não soara nem um pouco convincente. Então, tratou de usar algo que tinha aprendido nos últimos minutos. Deu um riso contido e baixou a voz: — Na verdade... eu quero é ver a kaorsh maluca “um pouquinho mais de perto”, se é que me entende...

Norm deu um riso malicioso. Até seu olho parado pareceu ganhar um brilho cruel.

— Mesmo sabendo que os outros sujeitos que tentaram isso se deram mal?

— Eu tenho preparo, ao contrário dos dois defuntos — respondeu logo. — Deixa que eu levo a refeição para ela, e você e seus homens se livram disso.

— Para ser honesto, gosto da ideia — falou Norm, coçando o queixo. — Faça a vagabunda sofrer. Que ela pague o preço por ter atentado contra a nossa soberana. Cal! Ei, Cal! Quer trocar o bosta do Jaared pelo bosta do novato aqui?

O homem deu de ombros.

— Tanto faz, os dois fedem.

Aelian riu com gosto. Depois de dois dias tentando permanecer misturado aos Únicos após um banho rápido para tirar a crosta de sangue maculado da pele e do cabelo, ele sabia que Cal dissera uma verdade incontestável.

Aelian imaginara que a maior parte do Palácio de Una tivesse uma atmosfera divina, sublime. Contudo, o lugar era uma cidadela com uma complexidade particular, assim como os Assentamentos e o Miolo. A Ala Leste, com seu ar industrial, era a que recebia menos cuidados. Por ali era que Aelian havia se infiltrado. Sabia que a Ala Sul era a de visual mais asséptico e que tinha revistas e checagens a cada portão; afinal, era onde se localizavam os aposentos da soberana, a Tribuna de Honra e afins. Talvez Aparição tivesse conseguido o acesso pela Ala Leste de caso pensado — ali ficava o setor responsável pela distribuição de ração e água dos Únicos, os pavilhões de catres para os que dormiam no Palácio e também os responsáveis

pelos prisioneiros pessoais de Proghon.

Ou seja, o Anel.

A ausência de janelas em toda a Ala Leste se fazia muito mais perceptível no nível do Anel, com seus corredores estreitos e claustrofóbicos. Aelian começava a se arrepender do plano improvisado, sentindo o coração bater mais rápido e a pressão cair. Preferia pular de qualquer torre a se embrenhar cada vez mais num lugar que se afunilava e que tornava impossível dois homens caminharem lado a lado.

Ao levar as “refeições” — até os gnolls do Canil comiam coisa melhor — para os primeiros encarcerados, Aelian conseguiu ter uma noção de como era o Anel: um corredor circular que ficava ao redor de um conjunto especial de celas, tão estreitas que nem mesmo um sinfo poderia abrir os braços sem tocar nas paredes. Os cubículos eram conectados por várias tubulações da grossura de um braço que traziam os gemidos de dor e o ar viciado dos vizinhos para lembrar aos prisioneiros que eles não estavam sozinhos em seu sofrimento.

— Todos os que estão no Anel tiveram voz de prisão dada por Proghon em pessoa — explicou Norm, como se o conceito de “pessoa” se aplicasse ao General. — Muitos chamam esses prisioneiros de “faíscas”, pois podem começar um incêndio e incitar grandes levantes. Tem de tudo aí dentro: vigias que discutiram com superiores, semilivres que não se curvaram de boa vontade à passagem de Una ou de algum outro oficial... e por aí vai. Quase todos os que não são humanos, ele afunda na Mácula antes de encarcerar. Às vezes, o General só não vai com a cara de alguém e manda o sujeito para alguns meses no Anel, hehe... Vai entender o que ele fareja por baixo daquela caveira dourada. A Mácula deve contar algo para ele, sei lá.

Ao trancar uma porta de aço fundido e partir para a cela ao lado, Norm chacoalhava um imenso molho de chaves pesadas. O procedimento se repetia a cada cela: o homem abria a porta, outros dois guardas bem armados flanqueavam o acesso e o quarto guarda — nesse caso, Aelian — entrava com a tigela de ração.

Aelian já havia testemunhado dor para uma vida inteira numa única manhã. Os prisioneiros mal notavam a presença dele e recuavam até os fundos da cela sempre que o rapaz entrava, trazendo a ração e o archote. O cheiro de sangue, merda e mijo quase o derrubou na primeira cela, como um bloco de ar seco concentrado. Pensou que os dutos não traziam só os gemidos dos vizinhos do cárcere, mas também o odor da sujeira que eles produziam, para que toda desgraça fosse compartilhada. Apesar de Aelian ainda não saber nem um décimo de todo o uso e da mecânica do Anel já estava horrorizado em detectar como a crueldade podia ser engenhosa.

Sem conseguir resistir ao ver um kaorsh sem uma das pernas rastejando nos próprios dejetos, Aelian sussurrou algo ao descer a tigela até o chão, à frente do prisioneiro.

— Agente firme, amigo.

O kaorsh virou o rosto cadavérico para ele e o encarou com olhos fundos. O homem nunca tinha recebido dos guardas nada além de desprezo e violência.

O ex-falcoeiro lhe deu as costas antes que sentisse vontade de carregar o prisioneiro para fora dali. Não podia ajudar todo mundo. *Mas bem que eu gostaria*, pensou. *Calma. Uma coisa de cada vez. Primeiro a kaorsh maluca.*

— Proghon sempre deixou algo bem claro a respeito dos encarcerados daqui: que recebam o mínimo de comida para sobreviver e o limite de tortura que puderem aguentar sem morrer — falou Norm, ao trancar a cela do kaorsh aleijado. — O General quer que os prisioneiros continuem vivos, que sofram. — O Único deu uma risadinha. — E é aí que nós entramos. Se sentir vontade de chutar a boca de um desses vermes, fique à vontade. A sessão de tortura oficial é formada pela Centípede e conta com a presença dos Arautos, mas não precisamos ficar totalmente de fora da diversão.

Diversão. A ideia de entretenimento de Aelian naquele momento era enforcar Norm com as próprias tripas dele.

— Certo — concordou. Não parecia animado com o que Norm lhe dizia.

— O que foi? Está amarelando? — perguntou ele, indo para a porta seguinte, marcada com um X em carvão. — Ah! É melhor não, pois chegamos à sua nova... amiga.

A cela de Raazi.

— Não, eu... quero vê-la.

Os outros guardas riram. Norm colocou a chave na porta.

— Seu pervertido. Eu devia ficar de boca calada e deixar você se ferrar, mas vou lhe dar uma dica: os dois infelizes de antes acharam que poderiam se aproveitar dela porque a mulher estava com os braços presos pelas correntes chumbadas na parede. E sabe o que a kaorsh fez? Quebrou o pescoço de um com uma chave de perna e mordeu a jugular do outro... como uma selvagem!

Aelian engoliu em seco. Esperava que tivesse tempo de informar a Raazi que estava ali para dar um jeito de ela escapar.

— Certo — falou Aelian. Era a única palavra que conseguia dizer no momento.

Quando a porta foi destrancada, um dos lanceiros que estavam ao lado da

entrada segurou o braço de Aelian. Ele falava baixo, mas tinha um sorriso de orelha a orelha.

— Quando você acabar com o *serviço*, se ela estiver desacordada ou desmaiada... me chame!

Qual o problema dessa gente?, pensou Aelian, assentindo.

Mal havia entrado na escuridão pútrida da cela e a porta bateu atrás dele, o ferrolho fazendo barulho. Estava trancado com alguém que tinha matado muita gente nos últimos dias.

Levantou o archote, mas a luz não alcançava os fundos da cela. Ouviu as vozes dos guardas do lado de fora, seguidas pela risada de Norm. A porta abafava quase todo o som. Deu passos hesitantes adiante, com a tocha erguida bem alto e a tigela de ração apoiada na barriga.

— Raazi? — chamou aos sussurros, tentando fazer algum contato prévio. Então a luz atingiu a parede dos fundos, e Aelian viu um pedaço de corrente chumbado em apenas um dos lados, onde a kaorsh deveria estar. — Mas o que...?

As sombras acima do rapaz se movimentaram, tremeluziram e ganharam cores claras, rápido demais para qualquer reação. A kaorsh despencou logo atrás de Aelian, traiçoeira, enrolando uma corrente no pescoço dele e puxando com vigor.

O archote e a tigela de comida caíram antes de Aelian.

Ela já havia acabado com dois Únicos e mataria quantos fossem necessários até que Proghon viesse vê-la em sua cela. Se tivesse conseguido se mexer durante a visita da Centípede, também teria assassinado aquelas coisas caquéticas fantasiadas de anciões.

O guarda caiu de joelhos, e a kaorsh aproveitou para chutar o archote, evitando que ele o usasse como arma.

— A chave — grunhiu Raazi, com uma voz que nem ela reconhecia. Parecia que não articulava uma palavra fazia dias. — E quero saber quantos homens estão lá fora.

O homem ergueu a mão espalmada. Ela afrouxou o aperto da corrente para que ele pudesse falar.

— *Argh...* ajudar...

— Você quer me ajudar? Quando sou eu que estou em vantagem?

— Eu... *aaaargh...* não sou... guarda...

Ele tentava se virar de frente para Raazi. A mulher deu outro puxão, mas sempre que fazia aquilo, machucava mais o pulso. A algema que tinha forçado para escapar deixara sua pele em carne viva. Um dos homens que tentara tocá-la revidou com um golpe de uma clava enorme, mas, em vez de acertá-la, acabou atingindo um dos elos da corrente chumbada à parede. Depois que Raazi matou os sujeitos e eles foram recolhidos — claro, com uma boa reprimenda de quem foi buscar os cadáveres —, a kaorsh percebeu que o pedaço de corrente atingido ficara enfraquecido. Então, puxou até que entortasse de vez. Com um dos braços livres, conseguiu colocar todo o peso na outra parede e arrancar o chumbo da pedra. As marcas em sua pele não saíam tão cedo.

— Se você não é guarda, o que é então, verme?

— ... Eu escrevi... para você... Arena...

Ela congelou. Afrouxou o aperto.

— Você... *arf...* recebeu? A... carta... de alerta...

Não pode ser, pensou ela. No entanto, como aquele homem poderia saber aquilo?

— Foi um Autoridade chamado Ranakhar que nos escreveu.

Ela enfim o livrou do enforcamento. Ele sorveu uma enorme quantidade de ar e caiu sentado. Suas mãos estavam bem longe da clava. Ainda assim, a kaorsh ficou alerta para deter qualquer movimento brusco.

— Não conheço nenhum Ravengar — disse ele, a voz rasgada.

— Ranakhar — corrigiu Raazi, sem entender nada. — Quem é você?

Ele ergueu o dedo, pedindo um instante para recuperar o ar.

— Sou Aelian. Aelian Oruz, do Poleiro. Quer dizer, eu *era* do Poleiro...

Batidas na porta de aço, seguidas da voz de Norm.

— Vocês estão muito quietinhos aí. Precisam de ajuda?

Os guardas riram, fazendo uma algazarra. Aelian suspirou.

— Tem três homens lá fora. Um de cada lado da porta e Norm, que é o mais perigoso de todos.

— Qual é o seu plano para depois que passarmos por eles? — perguntou Raazi, entendendo rápido a situação.

Ele deu de ombros.

— Você tem medo de altura? — perguntou Aelian.

— Veja só o meu estado. Por que eu teria?

— Desculpa. Bom, telhados?...

— Para mim é o suficiente — disse ela, pegando o archote do chão e o devolvendo para o rapaz. — Chame os guardas aqui para dentro.

Aelian se levantou com dificuldade. A kaorsh apoiou as costas em uma parede e as pernas em outra, escalando com tremenda habilidade até as sombras do teto e fundindo-se no escuro acima com a camuflagem; o mesmo truque que usara havia pouco.

— O que você vai fazer?

— Chame os homens! — respondeu ela do alto, num sussurro firme.

Norm bateu na porta de aço, com mais impaciência. Aelian se voltou para a frente, iluminando a entrada.

— Entrem!

Barulho de chaves e do ferrolho sendo destrancado. A cabeça de um Único que devia ser Norm apareceu por uma fresta. Aelian fez sinal com as mãos, e o sujeito empurrou o guarda do lado da porta para dentro.

— Vai lá, você primeiro.

O homem entrou com um sorriso doentio iluminado pelas chamas do archote. Largou a lança no chão e foi desafivelando o cinto, apressado. Raazi, observando

das sombras no alto, adoraria vomitar na cabeça dele. Mas tinha preparado uma surpresa ainda melhor.

— Pode vir também — disse Aelian para Norm, com astúcia, enquanto segurava a porta. — Eu fico aí de guarda no seu lugar.

O sujeito permaneceu alguns instantes olhando para o guarda que o convidava para a cela. Então entrou, empurrando Aelian à frente.

— Você parece abalado.

— Ela resistiu um pouco, sabe como é...

Norm parecia desconfiado.

— É, sei bem...

— Ei! — gritou o Único, já de calças arriadas. — Que tal jogar um pouco de luz aqui? Não estou enxergando um palmo à frente... *Porra, que merda é essa?*

O ruído indicava que o homem tinha pisado na tigela de comida. Aelian se virou para o guarda, e foi nesse instante que Raazi saltou do teto, bem em cima do sujeito desarmado, que tentava enxergar no que havia pisado.

Ela desabou com um dos joelhos no meio das costas do Único. Aelian se virou correndo ao ouvir o barulho da maça de Norm sendo balançada.

— Novato filho da puta! — exclamou Norm, erguendo os braços para um ataque frontal.

Desajeitado, Aelian ergueu sua arma, mas só conseguiu aparar o golpe. Aproveitou para jogar o archote no rosto de Norm, que cambaleou para trás até bater na porta de aço.

Raazi segurou a testa do homem abaixo de si e puxou a cabeça dele para trás com força, produzindo um estalo alto. Rolou pelo chão sujo para alcançar a lança batizada do morto e se posicionou atrás de Aelian, que mantinha uma insegura posição defensiva contra Norm. Não havia espaço para os dois ficarem lado a lado e também não havia vantagem alguma em se enfileirarem contra um Único.

— Guardas! — gritou Norm, esmurrando a porta atrás de si. — Reforços! Agora!

— Abaixе-se — falou Raazi às costas de Aelian.

— O quê? — perguntou Aelian, aparando mais dois golpes de Norm.

— Abaixa logo, inferno!

O rapaz obedeceu, e Raazi golpeou com a lança o peito do Único. Antes tarde do que nunca, Aelian percebeu os tornozelos expostos de Norm e os golpeou com a clava num único movimento. Um trabalho em equipe completamente involuntário e atrapalhado.

— Deu... certo!

— Por pouco tempo — disse Raazi, ultrapassando Aelian e indo para a porta que se abria. O último guarda mal teve tempo de registrar o que acontecia antes de ser puxado pela gola da cota de malha e ter a cabeça prensada pela porta várias vezes. — Mais soldados vão chegar em breve. Indique o caminho.

A kaorsh arrancou a lança do peito do homem. A lâmina batizada, padrão das armas dos Únicos, saiu sem derramar sangue. Raazi viu Aelian se levantar devagar, com os olhos arregalados — não devia estar acostumado a lutar e matar.

Começaram a percorrer o Anel, e, após virarem alguns corredores, o rapaz jogou o elmo da armadura num canto escuro.

— Essa coisa me sufoca e me impede de ver os cantos — disse Aelian, arfando.

— Fique sem ele, então — falou Raazi, alerta. — Para onde vamos?

— Agora há pouco vi uma escadaria que parecia vazia... talvez possamos subir por lá.

— Rápido, estou ouvindo passos.

Entraram por uma porta de madeira e chegaram a uma escadaria escura, como quase tudo que havia na Ala Leste. Ela era circular, com archotes de fogo branco débil e portas despontando em alguns cantos, sem padrão nenhum. Estava silenciosa, e aquilo deu alívio imediato para os dois.

— Você também me mandou aquele unguento vermelho? — perguntou Raazi, quebrando o silêncio após alguns lances de escada.

Aelian voltou os olhos para ela, intrigado.

— Não. Só mandei a carta através do meu falcão, o Bicofino. Talvez tenha sido o Aparição.

Raazi soltou uma risada fria. Ela não sabia que algo dentro de si ainda conseguia rir, mesmo que de forma zombeteira.

— Aquela lenda para servos medrosos?

— Moça, eu também achava que o Aparição era besteira, mas ele existe. Já me incriminou, mas também me ajudou a fugir e até me arranjou algo para comer. Não sei se gosto ou se odeio o sujeito.

— Você trabalha para ele? É um assassino de aluguel?

Então foi a vez de Aelian rir.

— Não. Sou apenas um falcoeiro. Pelo menos eu era. Mas nos últimos tempos tenho feito as vontades do Aparição com muita frequência. Ele é que me orientou a tirar você do Anel. — Aelian parou e voltou-se para Raazi bem na hora em que

passavam na frente de um archote. — Eu... eu estava lá quando vocês... Bem. Foi bastante corajoso.

Por um instante, Raazi não respondeu. Apenas pensou em Yanisha e em quão irremediavelmente distante estavam uma da outra agora. Não conseguia evitar se sentir culpada por ter sido capturada viva.

— Onde você estava? — perguntou ela.

Aelian voltou a subir os degraus.

— Observando, escondido. Eu vi Una morrer... e ressurgir, minutos depois.

— Ela se reergueu? — indagou Raazi, mais séria que antes. Em questão de segundos, sua mente focou nesse assunto. — Não pode ser! As pessoas a *viram* sangrar, não?

— Impossível não ver... ela lavou a Tribuna de Honra com sangue!

— Então Una não se reergueu, trouxeram outra lá de dentro.

— O quê? Não, ela foi retirada do camarote pela Centípede — respondeu Aelian, desconfortável. — E voltou depois, de dentro do Palácio. Curada.

— Hum — resmungou Raazi, dando-lhe as costas e voltando a subir as escadas. — É assim que eles fazem, então. Espero que alguns percebam a farsa.

Aelian ficou parado, sem entender.

— Que farsa? Do que você está falando? Quem são *eles*?

— Yanisha teria paciência para explicar, mas ela não está aqui — disse Raazi, cortante.

Subiram em silêncio. Raazi percebeu que Aelian se retraía, evitando dizer qualquer coisa sobre aquilo, com medo de tocar em alguma ferida. Apesar de não conhecer o rapaz que a ajudava, a kaorsh sentiu pena dele. Ela o atacara achando que era só mais um maldito aproveitador... e ele mal parecia guardar ressentimento. Raazi era péssima com palavras, mas resolveu arriscar.

— Sou muito grata por estar me ajudando, Aelian. Você não me parece ser um homem tão ruim. Me desculpe pelo... ataque.

— Tudo bem, você só estava se defendendo. Eu ouvi como os guardas falavam de você. É compreensível. — Ele olhou de relance para o braço da kaorsh que ainda estava com a algema ligada à corrente. — Temos que dar um jeito nesse ferro aí no seu braço. Ele faz muito barulho.

Raazi estacou no lugar.

— Ei, faz barulho mas podemos continuar andando, não foi o que quis dizer...

— Shhh!

— O quê?

— Quietos!

Ela apontou para uma porta um pouco acima na escadaria. Vozes vinham através dela; alguém ia passar por ali e não havia tempo de se esconder. Era avançar, retroceder ou se jogar no fosso da escadaria.

— Fique encostado na parede — ordenou Raazi, empurrando Aelian de cara para os tijolos, sem delicadeza alguma.

O humano fez menção de perguntar o que a mulher estava fazendo, mas logo percebeu que ela tocava a parede e ia absorvendo as cores. Em seguida, a kaorsh o abraçou por trás, tentando cobri-lo com seu corpo e torcendo para que ninguém olhasse por muito tempo na direção deles.

Sem poder se mexer nem olhar para trás, Raazi ouviu a conversa dos guardas.

— Viu? Nada. Ela não subiria por aqui.

— Mas a gente tinha que olhar de qualquer forma.

— Se a mulher está fazendo alguém de refém, eu procuraria no...

— Saíam da frente, refugos! — gritou uma quarta voz, e ouviu-se o choque entre armaduras.

Raazi ficou alerta: quem chamava humanos de *refugo* ou era anão, ou era kaorsh... E kaorshs não se enganariam com uma camuflagem feita às pressas.

— Praga! — sussurrou Raazi.

Aelian parecia ter segurado a respiração até aquele momento.

— O que foi?

— Prepare-se para lutar.

As vozes à entrada da porta faziam silêncio.

— Como dissemos, ninguém.

— E vê se sossega um pouco, meu amigo... Antes de sair chamando qualquer um de refugo, você...

— Refugos — disse a voz que ofendera os homens. — Exatamente como vocês, com esses olhos que não sabem diferenciar um poro de um cu. Não repararam naqueles dois colados à parede?

— É, é um kaorsh — declarou Raazi, empurrando Aelian para o lado e voltando-se para a porta, pronta para a briga.

— É ela! A criminosa!

— E está com um dos nossos de refém!

Os homens pareciam apavorados, mas o kaorsh que tinha encontrado Raazi e

Aelian descia os degraus na direção deles com um sorriso triunfante, certo de que ganharia uma promoção para Autoridade por capturar a mulher que tentara assassinar Una. Ele avançava fazendo firulas com a espada batizada, enquanto os humanos vinham logo atrás.

— Você está com uma aparência péssima, querida... mas vou deixá-la ainda pior. Proghon quer você viva, infelizmente.

Ela recuou dois degraus para ter tempo de pensar numa estratégia. O kaorsh alargou o sorriso, achando que a mulher estava com medo. Raazi sentiu um movimento brusco às costas, e a voz de Aelian irrompeu no fosso:

— Raazi, abaixa!

Ela obedeceu sem questionar, e viu uma clava rodopiando na direção do peito do kaorsh, que mal teve tempo de desfazer o sorriso presunçoso antes de ser arremessado para trás, tropeçar nos próprios pés e desabar no vão da escadaria.

— Impressionante — disse ela, com um misto de sinceridade e raiva. — Mas nem toda arma é de arremesso, e existem outras mil formas de combate que não envolvem agachamentos.

Aelian parou ao lado dela e tirou um punhal de aço virgem da bota. *Um punhal kaorsh*, observou Raazi. Ele mantinha os lábios cerrados e os olhos fixos nos três homens à frente, que pareciam completamente desencorajados em enfrentar a fugitiva e o Único que tentava defendê-la.

— Desculpe. Na hora pareceu uma boa ideia.

— Foi uma boa ideia, não me entenda mal. Além disso, acho que esses soldados não vão nos atacar. Não a sério.

— É que... não sei se sabe disso, mas você dá medo — confessou Aelian. — Ainda mais com o cabelo assim e coberta de sangue...

Raazi não considerara aquilo. Desde a Arena, com o sangue, o suor e a lama acumulados, devia estar parecendo uma criatura dos Grandes Pântanos.

Com aquela informação em mente, ela segurou a lança com ambas as mãos e abriu um sorriso pavoroso no rosto imundo. A ideia era assustar e aproveitar a pequena vantagem que o medo lhe daria. Os três homens recuaram, gritando por reforços. O primeiro teve a corrente da algema enrolada no pescoço e seguiu o kaorsh presunçoso fosso abaixo. O segundo foi golpeado pela lança, e o terceiro foi derrubado pelo punhal de Aelian, que golpeou o soldado bem na parte exposta da virilha em que a armadura não o protegia. Todos mergulharam no fosso em seguida, com um empurrãozinho de Raazi.

— Tem mais gente vindo — disse Aelian, segurando o punhal com a lâmina para baixo. — Vamos, rápido.

Raazi não sabia como estava conseguindo se movimentar tão depressa após dias de encarceramento, péssima alimentação e toda uma variedade de maus-tratos. Apenas focava num degrau de cada vez, e cuidaria das dores quando estivesse longe do Palácio. Sabia que tinha muito o que sentir e organizar na cabeça e no espírito.

Aelian, por sua vez, parecia bem — apesar de carregar o olhar de quem já tinha visto muita coisa na vida. Raazi reparou na linha de servidão no rosto do rapaz, e ficou imaginando com que idade ele tinha começado a servir no Miolo.

A mente de nenhum dos dois estava ali, naquela escadaria circular. Porém, quando chegaram ao lado oposto do fosso, já alguns metros acima de onde surgiram os últimos guardas, a porta foi reaberta.

Aelian e Raazi olharam ao mesmo tempo. Era apenas um indivíduo dessa vez, o que fez a kaorsh suspirar aliviada, mas, pela maneira de se portar, o anão de pele negra devia ser um Autoridade.

Ele encarou os dois acima, brandindo um martelo de combate.

— Ah, não — lamentou Aelian.

Raazi não entendeu a lamúria. Um agente de Una era um agente de Una. Se fossem se queixar sempre que um deles aparecesse, não haveria um instante de paz.

— O que foi? — perguntou ela, sentindo o peso da lança na mão e ponderando se valeria a pena tentar um arremesso dali.

Antes que Aelian respondesse, o anão passou os dedos da mão livre pela densa barba branca e perguntou, com voz grave:

— Aelian Oruz. Por que demônios está indo para os telhados?

Não pode ser, pensou Aelian. Já era ruim demais que Harun tivesse sido transferido para o Palácio, mas estava fugindo do lugar. Não esperava ser encontrado justamente pelo Autoridade.

— Raazi, vamos — disse Aelian, puxando-a pelo antebraço.

Ela olhou do anão para o rapaz, tentando entender aquela tensão estranha no ar.

— Vamos para onde, idiota? — gritou Harun, olhando para cima, para o degrau em que os fugitivos se encontravam. — Desde que a luta no saguão começou, os telhados e torreões estão apinhados de guardas com arcos e bestas. Vocês não durariam cinco segundos lá em cima.

Aelian estava indeciso. Raazi, confusa.

— O anão está nos ajudando, é isso mesmo? — perguntou ela.

— Ele é um Autoridade! — informou Aelian, impaciente, segurando o punhal com mais força.

— Eu sou Autoridade e estou tentando ajudar vocês! — rebateu Harun, ainda mais irritado. — Só que vocês precisam vir logo, antes que alguém nos veja, senão seremos três perseguidos. Temos que aproveitar a distração que o Aparição criou.

Aelian engoliu em seco.

— O Aparição?

— Sim — disse Harun, respirando fundo para se acalmar.

— Para mim é o suficiente — falou Raazi, descendo a escada na direção do anão.

Aelian não foi atrás. Como poderia confiar no sujeito que brandira o açoite de Sureyya contra ele e que por tantos anos representara o punho opressor de Untherak para os trabalhadores do Poleiro? Conteve o ímpeto de segurar a kaorsh, mas também não sabia para onde ir se os telhados estavam sendo vigiados.

— Última chance, garoto — falou o anão, impaciente.

— Não me chame assim.

— Parem com isso, vocês dois — bradou Raazi.

Observando o rosto feroz coberto de sangue e um vislumbre azul ao redor do olho esquerdo dela, Aelian sentiu-se compelido a obedecer. Teve a impressão de que Harun pensava o mesmo. Ela respirou fundo e continuou:

— Vamos sair daqui. Vá na frente, anão. Eu fico entre os dois. Ninguém vai se matar até que estejamos todos a salvo.

A frase não fazia muito sentido. Confuso, Aelian franziu as sobrancelhas enquanto Harun dava as costas para a escada e abria a porta de volta para os corredores do Palácio, ginchando com suas pernas curtas.

— Por mim, tudo bem. Sigam-me.

Os corredores daquele andar estavam vazios, apesar de botas ecoarem em algum ponto não muito distante. Também não havia janelas ali, como na maior parte da Ala Leste.

Harun caminhava à frente, numa marcha rápida. Raazi ia logo atrás, atenta a cada curva e a cada porta entreaberta. Aelian prestava atenção em tudo, além de não conseguir deixar para trás a sensação de que o anão os levava para uma emboscada. Observava as cicatrizes nas partes expostas do braço do Autoridade, mais numerosas que as ferramentas em seu cinto. Além de estacas e cinzéis, havia machadinhas e outras armas, sem mencionar o martelo que ele levava na mão direita — pela tensão do homem ao brandi-lo, ou ele também não confiava em Raazi e Aelian, ou sabia que podia encontrar encrenca a qualquer instante.

— Você mencionou uma luta no saguão — disse Raazi, olhando para o cabelo grisalho na nuca de Harun.

O homem assentiu.

— Foi só alguém dar o sinal de que um prisioneiro fugira do Anel, que poucos segundos depois, o Aparição deu as caras, perto da estátua de Una e o Dragão.

— E você estava lá com a equipe de limpeza — falou Aelian.

Harun olhou de relance para trás, detectando o tom de provocação.

— Estava, e escapei assim que o sangue começou a ser derramado.

— Chegou rápido aqui em cima.

— Para você ver.

— Não tem medo de que alguém o dedure por ter fugido do dever? — perguntou Raazi. Não parecia desconfiada das palavras de Harun, mas de fato preocupada com ele.

— Quem me viu fugindo não está mais em condições de abrir o bico sobre nada neste momento. Aquele encapuzado endemoniado acabou com uma dúzia de soldados bem preparados. Sozinho. Nunca vi nada igual.

Raazi olhou para Aelian, como se buscasse nos olhos dele algum sentido para aquele relato absurdo. Ele deu de ombros. Como a kaorsh poderia achar qualquer coisa estranha depois de ter derrotado um bando de gosmentos, lutado com um monstro gigantesco, tentado assassinar a soberana de Untherak e ainda estar ali de pé? Para ele, Raazi era tão assombrosa quanto Aparição.

Harun parou ao lado de uma escada de pedra que levava a um alçapão no teto. Ele começou a apalpar os lados da escada, como se procurasse por algo na pedra lisa.

— Você não disse que subir era estupidez? — provocou Aelian, erguendo o punhal à altura do peito.

Imaginava que um batalhão de Únicos desceria pelo alçapão. Raazi parecia mais tranquila, mas Aelian reparou que ela assumiu uma posição de defesa.

Harun nada respondeu. Apenas pareceu encontrar o que queria e deu um murro numa parte aleatória da escada.

Aelian ouviu um clique sob os pés dele. Olhou para baixo, alarmado, e viu que uma parte do piso rochoso parecia solta.

— Subir é estupidez. Então, se puder tirar os pés da minha passagem secreta, eu agradeço.

Aelian deu um passo para trás, e o anão usou um cinzel como alavanca para erguer uma escotilha até então invisível.

— Por aqui — disse ele, indicando o buraco aberto no chão, no mesmo formato irregular da tampa. — E cuidado com a cabeça. É um túnel feito *por* anões e *para* anões.

Raazi foi primeiro, talvez por achar que qualquer possível armadilha fosse melhor e mais confortável que a cela no Anel. Aelian encarou o Autoridade antes de segui-la, e recebeu um olhar tão duro que quase chegou a doer. Desfez o contato visual primeiro e sumiu pelo buraco no chão.

Houve um momento de escuridão, até o barulho de pederneiras se chocando preceder a luz branca de uma vela de magnésio. Harun segurava a única fonte de luz naquele túnel que mais parecia um grande escorregador para dentro da escuridão. Raazi estava encurvada, com as costas batendo no teto. As paredes dali também não permitiam que duas pessoas caminhassem lado a lado. Aelian voltou a sentir intensamente cada gota de suor descendo pelas costas.

— Você está bem? — perguntou Raazi, os olhos voltados para ele. Aelian achou a pergunta bastante irônica, tendo em vista tudo que ela tinha sofrido. — Sua respiração mudou bastante.

— Eu não gosto de... lugares fechados. Mas estou bem.

— Não vou conseguir passar à frente até o corredor se alargar um pouco — disse Harun. — Então, preciso que vocês sigam para baixo. Mesmo porque não existe outra opção.

Eles foram em frente, Raazi e Aelian sempre encurvados, Harun empertigado. O corredor fazia diversas curvas fechadas para depois continuar por vários metros em linha reta, sempre descendo. Raazi questionou a existência daquele caminho e perguntou o motivo de não haver escadas ali.

— Foi construído pelo meu povo em segredo, enquanto o Palácio era erguido. Como o caminho não tem iluminação natural, preferiram um piso plano, para que ninguém caísse ou tivesse dificuldades.

— E até onde ele vai? — indagou Aelian, mais para afastar o pensamento das paredes fechadas do que por querer falar com o Autoridade.

— Os anões fizeram caminhos por todo o subterrâneo de Untherak. Você se surpreenderia até onde podemos ir por baixo da terra.

— E como ninguém percebeu esses túneis sendo construídos? — perguntou Raazi.

— Mesmo os primeiros anões fiéis a Una mantinham suas tradições em primeiro lugar, graças à herança oral do nosso povo. Eles queriam ter alguma garantia, uma rota de fuga caso a deusa resolvesse dizimar os construtores e arquitetos, assim como fez com os responsáveis pela estátua. — O homem pigarreou, sobressaltando Aelian. — Nota-se que mesmo há mil anos ela já tinha atitudes... aleatórias.

— Nós, kaorshs, também tentamos manter nossas raízes — disse Raazi. — Mas mesmo assim perdemos muitas das nossas tradições nestes mil anos...

— Admirável. A verdade é que os anões também não resistiram por muito tempo. Fomos engolidos depressa pelo sistema de Una, logo nos primeiros séculos. Quase nenhum clã continua transmitindo as memórias. O meu, por exemplo, não me deixou quase nada. Tudo que sei veio do que consegui encontrar no meu tempo livre, escondido por Untherak, procurando por pistas deixadas em estátuas, pedras, runas e *adinkras* invisíveis. — Ele remexeu num dos bolsos de couro do cinto e tirou algo circular que brilhou por um instante à luz da vela. Parecia um monóculo de vidro, de cor âmbar. Harun o colocou no olho esquerdo, fechando o direito, e olhou através dele para o teto. — Estamos chegando numa parte mais espaçosa.

— São sinais invisíveis? — perguntou Raazi, já que a olho nu o teto não tinha nada de especial.

— Sim. Eles aparecem numa coloração que só dá para enxergar com esse tipo de

lente fosca... Existem linhas em diferentes colorações para sabermos aonde cada caminho bifurcado nos leva.

— Os kaorshs não deveriam conseguir enxergar isso? — questionou Aelian, estreitando os olhos para o teto.

Raazi meneou a cabeça.

— Alguns padrões e pigmentos permanecem ocultos para nós até que os enxerguemos com ajuda artificial pela primeira vez. Depois, sim, nossos olhos os reconhecem sem ajuda. Fico imaginando quais técnicas de pintura e coloração os anões antigos criaram e como devem ter se perdido no tempo. Adoraria aprender como outras raças desenvolviam tintas.

— Aposto que era bem difícil criar algo que ficasse oculto do olhar de um kaorsh — concordou Harun, guardando a lente de volta no bolso. — No passado, tínhamos nossas tradições, mas também havia mais rivalidade entre as raças.

— De certa forma, a miséria acabou nos transformando em iguais, de uma maneira que Una jamais conseguiu — sussurrou Raazi.

— Para mim, Una é a miséria — respondeu Harun, com ar grave.

Foi a primeira vez que os três concordaram em alguma coisa.



Não era possível saber o quanto haviam descido pelo caminho secreto. As partes planas não acompanhavam os andares, e eram tantas curvas imprevisíveis que mesmo uma pessoa dotada de ótima localização espacial ficaria completamente desorientada ali. Talvez os anões pensassem como formigas, localizando-se com facilidade em seus túneis subterrâneos inconstantes.

Chegaram numa parte onde o caminho perdeu a inclinação, uma intersecção entre vários corredores. O pé-direito naquele trecho era um pouco mais alto, permitindo que Raazi e Aelian se erguessem. Harun tirou de novo a lente do bolso e olhou para o teto.

— Estamos acima do saguão principal — anunciou o anão. — Preciso dar as caras em algum momento ou vão estranhar o meu sumiço. Também tenho que cumprir algo que prometi ao Aparição. Mas, antes, vamos parar para descansar.

Aelian coçou a nuca e continuou de pé. A mudança de lado repentina do carcereiro não o convencia, e a sensação de que estava entrando numa armadilha se recusava a deixá-lo.

Raazi sentou no chão por um instante, segurando o pulso que ainda estava preso

na corrente, fazendo uma careta de dor. Harun levou as mãos à parte de trás do cinto, e Aelian ergueu o punhal em reflexo.

— Calma lá, falcoeiro — disse o Autoridade, irritadiço, tirando uma estaca de ponta estreita da gama de ferramentas e ajoelhando-se na frente de Raazi. — Daqui a pouco você vai ver que estamos do mesmo lado.

Aelian baixou a arma, um tanto envergonhado, um tanto mais desconfiado. A kaorsh lançou um olhar significativo na direção dele, como se dissesse que tinha tudo sob controle.

— Estenda o braço aqui, assim. Isso...

Raazi também estava ajoelhada, com o cotovelo apoiado na rocha fria do chão. Harun passou quase um minuto alisando a algema de metal e buscando um ponto fraco para posicionar a estaca. Aelian observava os dois de braços cruzados, afastado da dupla.

Então, o anão pareceu satisfeito com algo e trouxe o martelo para perto da cabeça da estaca.

— Vou tentar não raspar a ponta da estaca no seu braço.

— Não estou reclamando — disse Raazi, apática.

Uma única e calculada batida, uma faísca fugaz, e Raazi estava livre da corrente. Levou a outra mão ao pulso em carne viva e virou a cabeça para Harun, agradecendo-o. Ele se levantou, atirou a corrente para um canto e guardou a estaca e o martelo no cinto.

— Pois bem. Quando nos reencontrarmos, vou tentar trazer alguma coisa para cicatrizar esses ferimentos. E também um pouco de comida para vocês.

— Vamos ficar aqui? — perguntou Aelian, ranzinza. Seu tom de voz deixava claro que, fosse qual fosse a resposta, ele não ficaria naquele lugar, esperando uma emboscada.

— Não, vocês precisam ir andando — respondeu o anão, pegando a lente mais uma vez e a estendendo para um contrariado Aelian. — Olhe para o teto através dela.

Aelian hesitou em tocá-la. Harun deu um suspiro alto.

— Qual perigo uma lente monocular poderia oferecer a você, Oruz? O máximo que eu poderia ter feito era ter passado isso no meu saco.

Raazi quebrou o clima de tensão deixando escapar um riso rápido. Ela não parecia acostumada a achar graça das coisas. O humano pegou a lente da mão de Harun, sem deixar de encará-lo.

Aelian segurou o objeto na frente do olho direito e se surpreendeu com a quantidade de cores que o teto guardava em segredo. Várias linhas se ramificavam na direção dos diversos corredores que saíam daquela clareira. Dourada, azul, cobre, prateada, esmeralda...

— Está enxergando?

— Sim.

— Sigam a linha prateada. É um dos caminhos mais longos. Não desviem dele e nem pensem em pegar um atalho.

— Para onde ele nos levará? — indagou Raazi, parando ao lado de Aelian.

— Para fora do Miolo, aos Campos Exteriores. Lá, alguém vai receber vocês, mas espero reencontrá-los no caminho. No máximo, alcanço vocês depois.

Aelian ficou impressionado. Aqueles túneis eram muito maiores do que ele imaginara. Entregou a lente para Raazi e virou-se para o anão.

— Você tem outra dessas?

— Não é como se essas lentes fossem vendidas no Mercado Aberto, Oruz — retrucou Harun. — Lentes foscas são raras. Portanto, trate de não perdê-la. Eu já decorei o caminho.

Raazi baixou a lente, devolvendo-a para Aelian, e continuou olhando para o teto.

— Consigo reconhecer o padrão, não vou precisar mais dela. É bem engenhoso. São pedras raras misturadas com âmbar de salgueiro-invisível, não são? Essas árvores nem existem mais...

Harun confirmou com a cabeça, parecendo pesaroso.

— Se meus antepassados soubessem que confirmei isso para você, colocariam minha cara numa bigorna quente. — O anão se remexeu, entregando a vela acesa para a kaorsh e indo na direção da parede de um corredor atrás de si. — Pois bem: linha prateada. *Não desviem dela*. Até mais tarde.

Harun tirou do cinto, cujas surpresas pareciam não ter fim, algo que se assemelhava a um pequeno chifre, com uma ponta parecida com a de uma flor de cinco pétalas. Colocou a parte mais estreita no ouvido e encostou o bocal na parede. Parecia estar escutando se alguém estava passando do outro lado, para poder sair do esconderijo sem problemas.

— A área está limpa — murmurou o anão.

Ele empurrou um bloco de pedra, liberando uma porta estreita mais à direita, sem fazer ruído algum — o que era impressionante para um mecanismo com mais de mil anos de existência. Harun encolheu a barriga para conseguir passar, e então a

entrada se fechou tão silenciosamente quanto se abrira, deixando uma lufada de pó dançando no ar.

— Bom, nós ouvimos o Autoridade — disse Aelian, amargo. — Linha prateada. Vamos?

Raazi seguiu em frente, brandindo lança e vela. Aelian seguiu a seu lado enquanto o túnel permitiu, lente numa das mãos, punhal na outra e uma sensação nas entranhas de que algo naqueles túneis estava muito errado.

Em algumas partes, o túnel não era tão baixo. As costas de Raazi agradeciam, ao mesmo tempo em que ela pensava que podia ser pior — aqueles caminhos secretos poderiam ter sido construídos por sinfos. Rastejar do Palácio até os Campos Exteriores seria bem desagradável e doloroso.

Talvez os antepassados de Harun planejassem trazer máquinas e animais de carga através de alguns pontos específicos. Aquela parte do túnel era larga o suficiente para isso. Aelian caminhava ao lado dela, a cada poucos segundos dando uma espiada na lente que Harun lhe entregara.

— Não precisa ficar olhando sempre — falou Raazi. — Eu consigo enxergar a linha, lembra?

— Aham — respondeu ele, desatento, ainda com os olhos voltados para cima. — Essas outras linhas... para onde será que elas levam?

— O Palácio inteiro deve estar repleto de túneis e passagens secretas — sugeriu Raazi. — Seria ótimo descobrir onde Proghon dorme e poder matá-lo durante o sono.

— Você acha que ele dorme?

— Boa pergunta. Talvez mergulhe na Mácula durante a noite.

— Não consigo pensar nele fazendo nada comum. Comendo, dormindo, trepando... — disse Aelian, ao mesmo tempo intrigado com algo que a lente lhe mostrava. — Essa linha preta que começou há alguns metros... onde será que ela dá?

Raazi encarou o teto e balançou a cabeça.

— Não estou vendo nenhuma linha preta.

— Aqui, quase ao lado da prateada. Olhe pela lente, essa pode ter escapado da sua visão. Não, espera... consigo ver a linha mesmo sem a lente. Deve ser tinta comum.

A kaorsh ficou quase um minuto em silêncio, tirando e colocando a lente, olhando para onde Aelian apontava com o dedo.

— Nada. Você... tem certeza de que está enxergando alguma coisa? Mesmo sem a lente?

— Está brincando com a minha cara? Jura que não vê...

— Aelian, não estou com a mínima vontade de brincar e não preciso jurar por uma

besteira dessas, minha palavra é suficiente: não, eu não enxergo a linha.

— Tá bom, tá bom. Não precisa ficar irritada... Mas por que eu estou vendo?

— Nunca ouvi falar numa pigmentação que só os humanos enxergam.

Ele passou o dedo pela linha preta, olhando para Raazi. A kaorsh ergueu os ombros, com algo velado no olhar. *Ótimo*, pensou Aelian. *Agora ela vai achar que eu sou louco.*

— Às vezes, a fome nos faz enxergar coisas — disse ele, desconversando e voltando a caminhar. Naquele momento, seu estômago roncou alto, dando mais verossimilhança à fala. No entanto, Aelian ainda não acreditava que estava vendo miragens em função da barriga vazia. Já passara por períodos mais longos sem se alimentar — e fazendo trabalho braçal, ainda por cima!

Porém, o caminho que só ele enxergava continuava lá, lembrando-o de que havia algo de errado.

Raazi se sentiu um tanto culpada por ter sido ríspida com Aelian. Ele parecia um bom rapaz — mesmo que ela precisasse admitir para si mesma que ainda não o conhecia há tempo suficiente para tirar conclusões precipitadas. Contudo, após a discussão sobre a linha preta, a kaorsh não saberia dizer se ele estava vendo coisas ou se eram os olhos dela que estavam falhando.

Eles continuaram andando até se depararem com uma bifurcação. Uma grande curva surgiu à frente, inclinada, quase mergulhando no chão. A linha prateada ia direto para ela.

Aelian estacou na frente da bifurcação.

— A linha preta vai pelo outro caminho — disse ele. — Você ainda não consegue ver mesmo?

— Ainda não — respondeu Raazi, mais uma vez pegando a lente emprestada e tirando a dúvida.

Ele suspirou.

— Eu queria saber até onde ela leva.

— Não acho que seja uma boa ideia. Harun disse...

— Harun já açoitou as minhas costas e vivia buscando motivos para me incriminar — interpelou Aelian. — Não dá para confiar num Autoridade!

— Mas ele nos salvou e nos deu uma chance de fugir do Palácio — disse Raazi, com calma.

Aelian meneou a cabeça, estendendo a vela para a kaorsh.

— Vou dar uma olhada. Quero entender por que só eu enxergo essa linha. Pode ir, encontro você depois.

Raazi não aceitou a vela. Encarou Aelian, pensativa, medindo o peso das palavras que viriam a seguir.

— Eu espero aqui. Porém, se o caminho parecer longo demais, volte para seguirmos em frente. E fique com a vela, enxergo bem no escuro.

Aelian pareceu contente com o voto de confiança, e desapareceu na curva da ramificação. Raazi, por sua vez, sentou no chão gelado com as costas numa das paredes e a lança apontada para a frente. Olhou para o teto, para a linha prateada... Aquela cor lhe lembrou Yanisha metalizada, desafiando a imensa fera na Arena.

Sozinha, escutando a cadência de uma goteira em algum lugar próximo, Raazi enfim se permitiu cair em lágrimas. Aquilo era algo mundano, e ela não achou que viveria tempo suficiente para derramá-las por sua amada.

Aelian esperava que aquela espiral descendente o levasse para muito longe, mas se surpreendeu quando a passagem terminou abruptamente numa parede lisa, logo na terceira curva. Olhou para a linha preta e viu que ela descia pela parede, parando num ponto logo à frente de seus olhos.

Ergueu a vela e estendeu os dedos para tocar o fim da linha. Um comichão fez suas costas coçarem por baixo da pele, uma sensação quase como a de músculos adormecidos. Recuou por um instante, sentindo os pelos do braço se arrepiarem. Então, encostou a palma da mão inteira naquele ponto.

A linha foi se estendendo pela parede, formando uma porta. As costas de Aelian começaram quase a vibrar, e ele percebeu que eram as cicatrizes maculadas que estavam coçando. Será que aquela tinta preta tinha alguma relação com a Mácula?

Com um clique baixo, a porta se desenhcou inteira e pareceu abrir para um novo caminho além da parede. Aelian a empurrou, mas a passagem não se moveu. Então, colocou o punhal na pequena canaleta que havia se revelado, e ela se abriu para dentro, para um novo corredor — dessa vez enorme, em que um humano ou um kaorsh poderia andar de pernas de pau sem a cabeça tocar no teto. O rapaz olhou para ambos os lados e não encontrou nenhuma linha preta. Colocou a lente de Harun num dos olhos e também não encontrou outra linha. Dessa forma, resolveu seguir o único caminho disponível, em frente, dispensando uma olhada temerosa

para a porta entreaberta. *Tomara que não feche*, pensou, dando alguns passos para trás e calçando-a com o punhal. A curiosidade e as cicatrizes que coçavam pareciam impeli-lo pelo caminho, como uma nova linha invisível, rastreável apenas por algum sentido adormecido.

Seus passos estalaram no escuro, e ele baixou a vela um pouco mais, a fim de iluminar seus pés. Um barulho alto demais escapou de sua boca ao perceber que as botas afundavam em esqueletos de roedores e criaturas rastejantes. Pensou ter visto crânios de serpentes misturados àquela orgia de ossos amarelados e triturados — e, aqui e ali, um crânio humano.

— Muito bem, chega de exploração por hoje.

Virou-se para voltar pelo caminho que fizera, mas a dor em suas costas explodiu. Aelian gritou, e sua voz foi multiplicada dez, vinte, cinquenta vezes. Ainda ouvindo o próprio eco, arrastou-se na direção da porta entreaberta, agora no escuro, pois a vela caíra no meio dos ossos e se apagara. Parecia que alguém apunhalava suas costas com lâminas curtas — ele sentia o sangue escorrendo para dentro das calças, ensopando o tecido da camisa sob a armadura. Desorientado, levantou-se e cambaleou na direção contrária da porta, mais para o fundo do corredor.

De um segundo para o outro, a dor cessou. Era como se o corpo de Aelian nunca tivesse explodido em punhaladas fantasmas, voltando a sentir apenas a dormência nas cicatrizes. Ainda confuso, o rapaz entendeu o recado: fosse lá o que existisse naquele vazio subterrâneo, não queria que ele fosse embora.

— O que você quer? — disse em voz baixa, sentindo-se idiota por perguntar algo para o nada.

Recebeu mil vezes a mesma resposta: *O que você quer?*

Continuou andando, triturando ossos sob os pés e desejando nunca mais sentir aquela dor.

Ela ouviu passos se aproximando pelo túnel. Raazi enxugou as lágrimas e se levantou, a lança preparada nas mãos. Mescloou-se às sombras, esperando fosse lá quem estivesse vindo pelo corredor. Se fosse um inimigo — ou se Harun se provasse um —, ela queria ter ao menos uma pequena vantagem.

Uma luz forte apareceu, ofuscando quem segurava a tocha. Alguns segundos depois, o anão ficou visível, segurando um archote que devia ter roubado de algum corredor do Palácio.

— Você está sozinha? — perguntou ele ao se aproximar, mostrando que a camuflagem de Raazi falhara.

Ela respondeu após uma breve pausa, imaginando se o homem tinha bons olhos ou se era ela quem estava muito relaxada com suas habilidades:

— Aelian foi inspecionar o outro caminho. Saiu há alguns minutos.

Harun arregalou os olhos e apontou para o teto.

— O que eu falei sobre seguir a linha prateada? Tenho certeza de que mandei vocês não desviarem do caminho!

— Ele parecia bem obstinado, e eu estava cansada. Não enche.

— Obstinado com o *quê*? — perguntou ele, de olhos fechados, massageando as têmporas.

Com o polegar, Raazi indicou o corredor curvo atrás de si.

— Aelian disse que via uma linha preta no teto. Não consegui enxergá-la, mesmo com a sua lente... mas ele teimou. Acho que o rapaz está vendo coisas.

Harun olhou para o teto, balançando a cabeça.

— Bem, minha lente está com Oruz... mas posso garantir que não há nenhuma linha preta nos túneis secretos. Há algumas lendas de anões batizados do passado que misturaram as tintas invisíveis com Mácula e fizeram algumas inscrições e runas maléficas por todo o Palácio, mas Aelian precisaria ser maculado para enxergar algo do tipo. — Nesse momento, Harun arregalou os olhos. — A não ser que... Ah. Tripas.

— O que foi?

— Aelian tem cicatrizes maculadas — respondeu ele, descendo rápido pelo caminho curvo enquanto apertava os olhos com o indicador e o polegar da mão direita. — Ele pode estar vendo uma dessas tintas batizadas, pois tem Mácula no corpo, mesmo que uma quantidade ínfima.

— Tem? — perguntou Raazi, no encalço do anão.

Foi a vez de ela arregalar os olhos. Um humano na Mácula deveria ter sido corroído.

— Tem, e infelizmente fui eu quem fez isso. É uma longa história.

— Você o açoitou com uma arma batizada?

— Hum. Parece que vocês conversaram bastante.

— Fiquei sabendo da rixa. Só não sabia que você o tinha açoitado com um chicote cheio de Mácula. Ele deve estar morrendo aos poucos!

— Existe uma quantidade segura, que só afeta a parte mais superficial da pele.

Estudos da Centípede — disse Harun, fazendo uma pausa e uma careta. — Ele deve me odiar, e com razão. Mas eu estava apenas seguindo ordens. Se quisesse acesso a partes do Miolo em busca de sinais dos meus antepassados e passagens secretas, era melhor fazer isso como Autoridade que como um servo que fica a maior parte do tempo numa cela.

— Ah, então é por isso que você está aqui? Antepassados, encontrar passagens secretas... É algum tipo de Dívida Familiar?

— Sim — suspirou ele, cansado e irritado. — Não que eu deva alguma explicação a você, *kaorsh*.

— Não estou brigando, *anão* — retrucou Raazi, acentuando a raça do outro na mesma medida. — Só acho curioso que tantas verdades tenham sido reveladas durante uma caminhada no escuro.

— Curioso é alguém ter o assassinato de Una como propósito. Que tipo de carvão você fuma?

— Como falei, não estou brigando. No entanto, você se espantaria com quão rápido posso mudar de ideia.

— Tudo bem. Você tocou na minha ferida, eu toquei na sua. Trégua?

— Trégua — concordou ela, após um segundo de hesitação.

— Que bom. Enfim, eu contaria a você toda a parte crível da minha história numa mesa de taverna acompanhado de dois canecos de cerveja — disse Harun, sem olhar para Raazi. — Mas tenho a impressão de que você não teria tempo nem para puxar o banco e se sentar antes que todos os Únicos de Untherak caíssem em cima de você.

Os dois chegaram na passagem entreaberta que aparecia de repente na terceira curva do caminho. Raazi apontou para o punhal *kaorsh* de Aelian calçando a porta secreta.

— Esperto da parte dele. Deixe aí até voltarmos — disse Harun, balançando a cabeça com pessimismo e parando no limiar da passagem, iluminando o corredor do outro lado. — O que me preocupa é que ele entrou desarmado.

— O que pode ter aí dentro de tão perigoso?

O *anão* a trouxe para seu lado, em silêncio. Raazi vislumbrou a câmara alta e sinistra, tão diferente das passagens secretas construídas pelos antepassados de Harun. Então, o homem abaixou o archote para que ela pudesse ver o piso, coberto por camadas e camadas de esqueletos variados.

— Se algum maculado construiu esse lugar em algum momento de todos esses séculos, não pode ser coisa boa.

A fala modorrenta de Harun ecoou, como se os fantasmas de mil de seus antepassados estivessem assombrando aquela câmara. Raazi pisou nos ossos, e o anão foi atrás dela, segurando o martelo como garantia. Assim, ambos seguiram pelo caminho quebradiço.

Aelian quase escorregou ao chegar num ponto inundado do corredor. Com toda aquela camada de ossos flutuando e agora sem a luz da vela, não notou a água enchendo aquela parte mais baixa do piso. Seus olhos haviam se acostumado com a escuridão, e pareciam divisar um pouco os contornos das paredes e escadas.

Mas isso não deveria acontecer, certo? Algo estava deixando Aelian inquieto. *Não há nenhuma luz aqui. Eu não deveria conseguir enxergar nada.* Era como se a mesma força que o impelia a seguir em frente também o ajudasse a enxergar no negrume completo.

Por fim, sentiu o piso se inclinar de leve e deixou a parte inundada para trás, ouvindo as botas chafurdando. Uma corrente de ar assoviava contra seu rosto. Ele ia ao encontro da fonte do vento, ainda que não soubesse quantos metros faltavam. Dez? Cinquenta? Sua noção de espaço era horrível naquele lugar. Porém, conseguia ver um leve brilho por uma estreita fenda horizontal, como um corte numa parede distante.

No caminho, ouviu algo se debatendo na água e olhou para trás, assustado. Suas cicatrizes arderam como um alerta para que prestasse atenção ao que estava à frente.

Chegando à fenda, sentiu no rosto uma corrente de vento com cheiro acre. De início, os olhos de Aelian arderam, mesmo com a luz escassa que vinha lá de dentro. Ele piscou algumas vezes, lacrimejou e então conseguiu enxergar o que acontecia na grande câmara vizinha.

No entanto, nem de longe conseguiu entender.

Era uma câmara ampla e de pé-direito alto, iluminada por tochas azuladas e fantasmagóricas. O primeiro susto de Aelian foi a presença da Centípede. Os mesmos mantos e capuzes, arrastando as capas cinzentas no meio de engrenagens enormes, como os mecanismos dos anões só que dez, vinte vezes maiores. Era estranho, pois, pela primeira vez, Aelian não os via em fila, mas andando separados, cada um com uma função diferente, ou no máximo conversando em duplas, as cabeças próximas, sussurrando, como de costume. Não conseguiu encontrar o

Cabeça da Centípede ali entre os tanques de líquido preto e borbulhante espalhados por toda parte.

Mácula.

Aelian sabia, suas cicatrizes reconheciam a substância e o formigar em seu corpo confirmava aquilo. Como todo mundo em Untherak, ele acreditava que os únicos lugares na cidade que armazenavam o piche maldito eram o Poço de Mácula, nos aposentos de Una, e o Fosso, reduto do General Proghon. Estava completamente enganado e não tinha a menor ideia da finalidade daquele lugar.

Roldanas e ventoinhas giravam e um sem-fim de traquitanas ligadas por tubos se movimentava entre os tanques, como se transportassem a Mácula de um lugar a outro.

Para quê?, pensou Aelian, muito mais do que apenas incomodado. Um gemido fez a atenção do humano ir além do maquinário e de toda a tecnologia que ele não conhecia. Havia um desnível no meio da câmara, um buraco, que só agora chamava a sua atenção. Ouviu mais um gemido, como se fosse em resposta ao outro. Então, uma sinfonia de lamúrias foi iniciada, e antes que desistisse de entender, ele viu.

— Pela Fúria...

No centro da câmara, havia mulheres kaorshs amarradas, nuas e de braços abertos. Havia tubos ligados às costelas visíveis sob a pele, aos pescoços e aos ventres protuberantes, pois todas estavam grávidas. Algumas em estágio mais avançado, outras nos primeiros meses, ao que parecia.

Aelian nunca sentira tanta repulsa. Tinha vontade de abrir aquela brecha com as mãos e entrar lá para libertar as kaorshs. Que tipo de vilania era aquela? Por que Una precisaria submeter gente àquilo?

As cicatrizes nas costas dele pulsavam, mornas; queriam que ele testemunhasse a cena. Aelian sentiu vontade de gritar, interromper a comunhão de dor com as kaorshs presas, mas se conteve, tapando a boca com a mão. Imaginou que a Mácula estivesse sendo injetada para dentro da barriga das grávidas, e seguiu os tubos com os olhos. Após muitas voltas, os canos que estavam conectados às barrigas desembocavam nos tanques da substância, mas os que se encontravam injetados nas costelas e nos pescoços iam mais para cima.

Num patamar superior daquela câmara escura, havia sinfos, também amarrados — inconscientes, esqueléticos e azulados à luz pálida do fogo. Nucas, pescoços e ventres estavam conectados às kaorshs abaixo, como se eles fossem sacos de sangue, que logo secariam e seriam trocados por outros, ainda repletos de força

vital.

Aelian sentiu as entranhas se revirando e mal teve tempo de tirar a mão da boca. Vomitou no chão e nas botas o pouco que tinha no estômago. Caiu de joelhos, perdendo as forças por um momento. Mesmo sem olhar, continuava vendo a cena macabra, e tinha a impressão de que ela ficaria gravada em seu cérebro para sempre.

Enquanto recuperava as forças, não reparou nas dezenas de olhos fosforescentes que o espreitavam acima, aproximando-se mais e mais a cada segundo.



Raazi viu as criaturas que desciam pelas paredes, prontas para dar o bote em Aelian, que sequer as notara. Os muitos olhos pareceram se arregalar, alertas, e subiram alguns metros quando Raazi e Harun chegaram mais perto. Os bichos se assustaram com a luz do archote, mas isso não duraria muito.

— Aelian! — chamou ela, pé ante pé, sem tirar a atenção das coisas que os espreitavam. — Levante-se, temos que ir!

— E-eu... Tem uma coisa ali atrás... — balbuciou ele, apontando para a parede...

— Tem umas coisas aqui também! — gritou Harun, nervoso, erguendo o archote para que os escaladores de paredes se assustassem com o fogo. — E elas vão atacar assim que perceberem que estamos em menor número.

Raazi passou um dos braços de Aelian por cima de seus ombros e começou a recuar, com a lança em riste.

— E-estou bem — disse ele, parecendo abalado e confuso, mas se desvencilhando do apoio da kaorsh. — Quem vai atacar?

A mulher fez um movimento com a cabeça, apontando para o alto. Aelian acompanhou o olhar dela e fez uma careta ao ver os pontos verdes luminosos na escuridão.

— O que são essas coisas?

— Não sei, mas estão descendo! — falou o anão, movimentando o archote para tentar afugentar o que os espreitava. — Fiquem atrás de mim! Vamos tentar voltar pelo mesmo caminho!

Raazi e Aelian dispararam pelo túnel, esmigalhando ossos, enquanto Harun recuava, sem dar as costas para as criaturas com os olhos que cintilavam no escuro.

— O que são essas coisas? — repetiu Aelian.

— Pergunte depois! — respondeu Raazi. — Agora, corra!

Um ruído que parecia ser captado numa frequência diferente fez os ouvidos do

trio estalarem como se estivessem entupidos com uma mudança de pressão. Raazi pensou que aquilo só podia ser a forma de comunicação das criaturas. Harun deu um grito que sobressaltou a kaorsh, que a princípio pensou que o anão havia sido ferido. No entanto, ela logo percebeu que ele estava amaldiçoando os oponentes a cada golpe de martelo.

Mesmo refazendo um caminho percorrido havia pouco, parecia que o corredor tinha dobrado de tamanho agora que eles fugiam de um perigo mortal. Porém, Raazi sentiu alívio ao ver a porta calçada pelo punhal de Aelian ainda entreaberta, e o empurrou para a frente.

— Vai, sai! — gritou, parando sob o batente e se virando na mesma hora para ajudar Harun.

Largando o archote sobre uma pilha de ossos e sacando um machado do cinto, o anão se tornou uma máquina de contusão e mutilação. Com a luz do fogo iluminando as criaturas de baixo para cima e lançando sombras imensas nas paredes, Raazi viu coisas que se pareciam com gafanhotos do tamanho de cães de grande porte saltando ao redor dele, apenas para morrerem pela lâmina do machado ou por golpes do martelo. Não teve tempo de contar quantos eram, mas supôs que fossem mais de quinze, isso sem falar dos cinco derrotados ao redor do anão.

— Venha, volte! — gritou ela, trespassando um dos insetos com a lança num bote rápido.

Eles pareceram clicar com as presas, comunicando-se com o restante do grupo através das antenas; aquele era o ruído que inibia os ouvidos de Raazi. Ela arrancou a lança da casca dura do bicho enquanto Harun tomava lugar ao seu lado.

— Essas porcarias são coisa dos Grandes Pântanos, só pode ser! E estão se reproduzindo aqui na escuridão!

— Recue, Harun! — insistiu ela. — Não dá para derrotarmos tantos!

Embora parecesse relutante em abandonar até mesmo uma briga em que estava em clara desvantagem numérica, o anão obedeceu. Raazi golpeou outro inseto, chutou o punhal que calçava a porta de pedra para perto de Aelian, e teve tempo de ver o rapaz fechando a passagem bem no momento em que um gafanhoto se preparava para saltar no corredor.

A porta vedava completamente o som que vinha da passagem secreta. Sem o archote para iluminar o lugar, os três desabaram no chão e lá ficaram arfando por quase cinco minutos, até Harun quebrar o silêncio:

— Eu falei para não sair do caminho da linha prateada, seu tripa mole!

As costas de Aelian haviam parado de formigar, mas o incômodo persistia. Talvez continuasse ali, à espreita em sua mente, pelo restante da vida. Com certeza, não conseguiria mais ver uma grávida sem se lembrar dos horrores cometidos no subsolo do Palácio.

— O que era aquilo? — perguntou o rapaz, ainda arfando, pressionando um ponto pouco abaixo do tórax. Seu corpo doía em pontadas, depois de ter corrido tanto.

Harun, ainda de costas no chão, respondeu, sem deixar de encarar o teto:

— Como eu disse, acho que são pragas dos Grandes Pântanos que de alguma forma infestaram...

— Não estou falando dos gafanhotos — interrompeu Aelian, meneando a cabeça e passando os dedos no cabelo. — Eu vi uma coisa... horrível. Lá atrás, antes de vocês aparecerem.

Raazi se levantou sem fazer barulho. Tocou o ombro de Aelian, sentando-se ao lado dele. Seu toque fez o humano se sobressaltar.

— Do que você está falando?

As mãos de Aelian dançaram um pouco no ar antes que ele conseguisse achar as palavras.

— Tinha uma sala imensa com... kaorshs. Kaorshs grávidas, com tubos na barriga. Inferno! Estavam colocando Mácula *dentro* delas, e sangue de sinfos! Foi a coisa mais horrenda que já vi...

— Aelian! — disse Raazi, firme. Ele tremia e parecia estar tendo alucinações. — Você está em pânico. Respire fundo.

— Kaorshs grávidas com tubos de Mácula? — falou Harun, como se testasse aquelas palavras sem sentido na própria língua. — Fumou carvão, Oruz?

Raazi se virou para o anão, furiosa.

— Agora não, Harun.

— Olha, o garoto está tendo um dia difícil, mas, para ser honesto, todos nós estamos. — Ele se levantou, ainda com uma ponta de condescendência. — Deve estar em choque por ter visto aquelas monstruosidades, não está acostumado...

Aelian se levantou tão rápido que nem Raazi foi capaz de contê-lo. Foi direto para

cima de Harun, os olhos arregalados.

— Você acha que as celas do Poleiro são uma espécie de redoma que me protege da realidade, não?

— Para trás, Oruz...!

— Acha que não vejo tudo de podre que acontece neste lugar, inclusive amigos meus sendo mortos? Eu não tenho direito a uma casa na Vila A para me isolar dessas coisas de vez em quando, Autoridade. Ah, mas bem que gostaria!

Ele não havia tocado um dedo sequer em Harun, mas Raazi tratou de se meter entre os dois ao notar que ambos estavam muito dispostos a resolver anos de diferenças num acerto de contas rápido.

— Todos nós vimos, fizemos e sofremos coisas horríveis em algum momento, então parem com isso — disse ela, empurrando cada homem para um lado sem medir forças. — Até sairmos daqui, estamos juntos. Se outra coisa nos atacar, vamos precisar agir em conjunto de novo. Então, controlem-se!

Harun voltou a se sentar, mas sem tirar os olhos de Aelian, que ficou encarando a passagem secreta lacrada atrás de si, as mãos na cintura.

— Eu só queria entender o que era aquilo.

— Certo. Você disse que eram... kaorshs grávidas sendo torturadas, não foi? — perguntou Raazi, tentando entender o raciocínio do outro. — Tem certeza do que viu, Aelian?

— Sim. Havia uma fenda na parede. A Centípede estava lá.

— Se isso fosse verdade... — falou Harun, mas logo se interrompeu ao receber o olhar mais duro de sua vida vindo de Raazi. — Certo. Nesse caso, essa sala de tortura seria de conhecimento de Una. A Centípede compartilha com a soberana tudo que descobre.

— E isso me faz pensar que tipo de deusa permitiria algo assim — comentou Aelian.

Harun deu de ombros.

— Parece ruim, mas o processo de batismo na Mácula também não é?

— Isso não deve se tratar apenas de punição ou de uma medida para aumentar as fileiras de Una, Harun — observou Raazi. Ela estava muito curiosa com a possibilidade de outras companheiras de sua raça estarem sendo usadas como cobaias em algum teste hediondo. — Parece um experimento. Todos sabem que a Centípede faz coisas como dissecar prisioneiros e enfermos para estudar a estrutura dos corpos dos habitantes de Untherak. O que Aelian viu deve ser algo ainda além.

Harun se calou. Algo ali o havia atingido, enfim. Foi Aelian quem quebrou o silêncio dessa vez.

— Eu vi vocês derrubarem Una. Ela sangrou, o que foi inesperado. Mas, minutos depois, lá estava ela, de pé — falou o rapaz, gesticulando, apontando para baixo como se ainda estivesse encarapitado em seu esconderijo durante a premiação na Tribuna. Então, os ombros dele caíram e suas mãos penderam ao lado do corpo, desanimadas. — Só me pergunto por que alguém capaz de evitar a morte não faria a mesma coisa por quem a idolatra.

Harun encarava o chão e parecia estar no mesmo labirinto mental de Aelian. Raazi também estava pensativa, mas parecia estar com a cabeça em outro lugar. Um mais distante.

— Yanisha teria uma resposta para essa pergunta — disse ela, batendo nos ombros de ambos e tomando a dianteira. — Ela... descobriu uma coisa. Sem querer, assim como Aelian acabou de fazer... E é por isso que acredito nele.

— O quê? O que ela viu? — perguntou Harun, se levantando. Aelian também ficou mais alerta.

Raazi esfregou os braços. Parecia desconfortável.

— Vamos sair daqui primeiro. Não gosto desse lugar.

— Fale de uma vez! — bradou Harun, impaciente.

Raazi perdeu toda a rara fragilidade que havia acabado de demonstrar e encarou o anão com raiva. Seu rosto ficou mais duro que as paredes daqueles túneis.

— Não é o tipo de verdade para ser revelada durante uma caminhada no escuro.

A kaorsh tomou a dianteira. Notando que Aelian não entendeu o que Raazi quis dizer naquele embate particular, Harun arrumou o cinto e dirigiu a palavra a ele antes de segui-la:

— Já passei por isso mais cedo.

Caminharam em silêncio, orientados por Raazi e sua visão kaorsh, já que a fonte de luz tinha sido abandonada no corredor dos insetos. Permaneceram assim até alcançarem uma reta — o que significava que enfim haviam deixado os subterrâneos do Palácio. Era um corredor mais amplo, úmido e um bocado mais fresco. Aelian pensou que pequenas tropas poderiam marchar por aquela passagem e invadir o Palácio, se um ataque fosse bem orquestrado.

— Vamos parar um pouco para descansar, ainda temos um bom pedaço pela

frente — falou Harun, tirando o cinto com os acessórios, colocando-o no chão com um ruído pesado e recuando um pouco pelo caminho. — Preciso mijar.

Aelian ouviu o anão se afastando, mas não conseguia enxergá-lo muito bem, sua visão já não tão boa quanto no momento em que suas cicatrizes estavam formigando. Enquanto fugiam daquele lugar, o Autoridade disse que sempre pensou que aquele corredor fosse um beco sem saída. Aelian pensou sobre isso e também considerou o fato de Raazi não ter conseguido enxergar a linha negra que o levou até lá. Era como se as pessoas aprisionadas na câmara estivessem pedindo socorro, mas apenas Aelian pudesse escutá-las.

— Ei — disse Raazi ao lado dele, assustando o rapaz. — Calma, está tudo bem.

— Desculpa, ainda estou meio... você sabe.

— É compreensível.

Aelian assentiu, esquecendo que estava no escuro. Raazi o enxergava mesmo assim.

— Sobre Yanisha, agora há pouco — falou ele, hesitante, olhando na direção em que os ruídos indicavam que Harun esvaziava a bexiga. O anão não estava longe. — O que você quis dizer?

— Ela serviu como aia, no Palácio. Por muito tempo — explicou Raazi, desconfortável. — Conheceu Una de perto, mais que a maioria das pessoas que se dizem influentes em Untherak. E nada é tão bonito de perto.

O humano pareceu pensativo. Yanisha e ela tinham chegado bem perto da deusa durante a cerimônia.

— Una não reconheceu a antiga aia? Com todo o respeito, Yanisha não era do tipo fácil de se esquecer.

Raazi o encarou, com a boca entreaberta. Aelian percebeu tarde demais que talvez tivesse tocado numa ferida recente, e começou a ensaiar um pedido de desculpas que acabou não vindo.

— Não, não era mesmo — disse a kaorsh por fim, com a voz grave.

Harun, alheio ao pequeno diálogo que tinha se passado ali, se aproximou para pegar suas coisas.

— Muito bem, melhor seguirmos em frente. Temos pelo menos mais uma hora de caminhada até o fim da linha.

Raazi se levantou sem pestanejar. Aelian, sentindo-se completamente sem graça, não havia sequer começado a descansar, mas não queria discutir. Estava exaurido, e não tinha a resistência natural dos anões ou o ímpeto de guerreira de Raazi. Apesar

de ser um sujeito ágil e que sobrevivera a provas que poucos teriam aguentado, precisava admitir que estava mais cansado que na vez em que precisou trabalhar nove semanas seguidas sem Louvor, quando se endividou numa mesa de apostas.

Eles andaram por muito mais de uma hora e, num certo momento, desceram vários metros para depois subirem de novo. Aquilo, segundo Harun, significava que haviam passado por baixo do muro do Miolo. Na parte final da linha prateada, o caminho se transformou numa rampa íngreme, até que o grupo se deparou com uma escada de corda e um alçapão de madeira simples demais para ser uma passagem secreta.

— Chegamos — disse Harun, tomando a frente e subindo sem cerimônia.

Ele empurrou a porta do alçapão e a luz invadiu a escuridão. Mesmo fraca, foi o suficiente para fazer Aelian piscar várias vezes. Ele se sentiu um morcego sob o sol de meio-dia.

O alçapão ficava dentro de uma sala cheia de velas parecidas com a que Harun tinha carregado no túnel, quando revelou estar do lado de Aelian e Raazi. Aquelas velas duravam dias, feitas com cera de abelha e lascas dos minérios que alteravam a cor do fogo, muito comuns entre os anões. Harun tirou uma das velas do lugar e então a parede se revelou com um mecanismo secreto e uma porta quase invisível camuflada na pedra.

Deparam-se com o que parecia uma cozinha improvisada num pequeno cômodo com apenas uma janela. Já era noite lá fora, e Aelian podia ver apenas um pouco das casas amontoadas na rua estreita, mas o suficiente para saber onde estava: nos Assentamentos.

Todas as casas dos Assentamentos eram pobres e cheias de remendos. Aelian estava acostumado com aquilo. Ali, poucas construções eram fortes o suficiente para se manter por décadas, sendo comum os barracos serem destruídos por tempestades ou incêndios de origem duvidosa. Porém, estavam num lugar que tinha paredes de pedra e uma passagem oculta para os caminhos secretos dos anões de mil anos atrás... Aquela com certeza era uma das primeiras construções dos Campos Exteriores de Untherak, o que significava que, no passado, o terreno começara a ser invadido e habitado ao redor daquele ponto.

Havia uma escada de madeira para o segundo andar e algumas almofadas no chão ao redor de uma mesa baixa. Alguns humanos de olhos amendoados e puxados

mantinham aquele costume, que pelo jeito havia sobrevivido à higienização cultural de Una. O ambiente não chegava a ter o luxo de uma moradia na Vila A, e mesmo assim contrastava com a miséria do restante do morro apenas por estar arrumado. Simples, mas organizado.

Uma senhora corcunda, usando um lenço ao redor da cabeça, encontrava-se na cozinha, de costas para os recém-chegados. Ela acenou com impaciência sem se virar completamente, como se já os conhecesse e estivesse ocupada demais com seus afazeres. Aelian ficou um tempo encarando a corcunda da velha, reparando que ela parecia estar fazendo chá com uma grande variedade de folhas e flores diferentes. Até que Harun o cutucou no ombro, sem nenhuma delicadeza.

— Coma alguma coisa — disse, indicando a mesa baixa com um movimento de cabeça. — Senão ela só vai deixar migalhas.

Raazi abriu um pão enorme, ajoelhada de frente para a mesinha, e Aelian ficou perplexo com a forma como ela tinha se esgueirado até lá sem fazer barulho nenhum. A mulher comia como se não houvesse amanhã — e talvez pensasse que para ela não haveria mesmo, já que toda Untherak a procurava.

— Se preferir se lavar primeiro, tem uma tina de água quente lá em cima. Deixei toalhas limpas para vocês — falou a senhorinha, de frente para uma bacia cheia d'água, ainda sem se virar. Sua voz era firme demais para a postura fragilizada.

Aelian achava que nunca se enxugara com uma toalha na vida, e não esperava que aquilo fosse acontecer num barraco assobradado nos Assentamentos.

Não sabia quanto tempo ficou no meio do vapor. O lugar era bem mais apertado que a sala onde conseguira sua armadura de Único, mas pelo menos agora não precisava se apressar. A água estava escaldante, mas isso era bom. Era como se precisasse ser esterilizado de tudo que havia visto e passado. Água salobra escorria do corpo e do cabelo, além de um tanto de sangue dos ferimentos reabertos, que pareceram vencer a sutura natural da Mácula. Encontrou um pouco de sangue seco em alguns pontos do corpo. Parou por um instante para observar o vermelho-escuro se desfazendo na água empoçada. Àquela altura, Aelian já tinha visto tanto sangue que o temor criado pelo costume de Untherak já não o afetava mais. Aquela era uma cor normal, como todas as outras.

Sentiu cada fibra da toalha na pele, e parecia que nunca mais na vida conseguiria relaxar. Queria ficar ali até todo o calor do quarto sair pela janela minúscula, aproveitar o banho à luz de velas e imaginar como seriam as horas livres de um Dia de Louvor no vilarejo dos Autoridades. Enquanto deixava o olhar perdido na chama

das velas refletida na armadura amontoada num canto, ouviu o ranger da escada de madeira e se apressou para colocar as roupas limpas e dobradas que estavam sobre um banco de madeira. Por incrível que parecesse, eram do tamanho dele, sem sobrar ou faltar.

Raazi ia tomar banho logo depois, então a senhora que os recebeu na casa entrou para trocar a água da tina. O rapaz aproveitou para descer, sentar-se nas almofadas e comer pão com chá. Harun estava à janela, fumando seu cachimbo. Quando voltou, a senhora se acomodou numa cadeira de balanço de junco, mobília tipicamente encontrada nas barracas de sinfos no Mercado Aberto e tomou seu chá, o rosto compenetrado na superfície do líquido. Após um tempo, Raazi voltou para a cozinha e os encontrou assim, dispersos e concentrados em suas atividades silenciosas.

Aelian notou que a pele da kaorsh era muito clara, agora que ela estava livre de toda a sujeira, e que o olho esquerdo tinha uma mancha azul. De início, pensou que fosse um hematoma, mas ferimentos não tinham aquele aspecto aquarelado.

— Você tomou banho rápido — observou ele, tentando puxar assunto. Estava um tanto deslocado com o silêncio da senhora e de Harun. Raazi não respondeu, apenas o encarou por um instante e passou a desembaraçar o cabelo acobreado, que ficava bem mais escuro quando molhado.

— Ele vai demorar muito? — perguntou Harun para a senhora, sem paciência.

— Quem? — questionou Aelian, se intrometendo. — O Aparição?

— Ele disse que nos encontraria aqui — falou o anão, falhando miseravelmente na tentativa de soprar anéis de fumaça.

— Ainda falta gente — respondeu a senhora, com leveza, segurando o chá perto do rosto encoberto. — Mas eles já devem estar chegando.

Aelian jamais se sentira tão perdido quanto naquele momento. Para que estavam ali, se não para fugir de Autoridades e outros interessados em lhes dar um banho de Mácula, afinal?

— Quem mais precisa vir?

A senhora colocou o chá na mesinha ao lado da cadeira, em silêncio, e virou-se para a porta.

— Ah, bem na hora.

Aelian olhou para Raazi.

— Eu não ouvi na...

A porta se abriu com um rangido. Uma jovem baixa entrou com movimentos

rápidos, seus olhos oblíquos e atentos. Vestia roupas escuras, sapatilhas de pano, um cinto com uma fivela em V e luvas que iam até os cotovelos. Com movimentos ladinos, tirou um capuz de ponta curva e o deixou caído às costas. Aelian reparou não só em seu rosto miúdo e em seus lábios finos, mas também na pele da moça, de tom de oliva como a sua. O cabelo negro e liso estava atrás das orelhas.

Ela encarou Aelian por um instante, percebendo a atenção que ele lhe dedicava, e então largou um fardo pesado ao lado da porta. Pelo formato do embrulho e pelo pouco que era possível ver pelos buracos da lona velha, parecia uma aljava repleta de setas.

— Hã... por acaso já nos conhecemos? — perguntou ele. A moça lhe era familiar. Talvez bebesse no Pâncreas de vez em quando.

Ela estreitou os olhos e franziu as sobrancelhas.

— Não.

— Ah. Certo. — Aelian se retraiu, acuado, mas mudou de ideia num segundo. — Pensei que você frequentasse o Pâncreas ou que talvez jogasse...

— Pois pensou errado — disse a recém-chegada, passando ao lado da senhora e pegando o bule de chá. — Está quente? Hum, chá de lança-verde...

A idosa confirmou da cadeira de balanço, e a outra se serviu uma xícara de chá, afastada do grupo para evitar mais conversas. Aelian desistiu de puxar assunto e resolveu ficar com a dúvida plantada na cabeça, sem nem sequer perguntar o nome da mulher. *Talvez seja a filha ou a neta dessa senhora*, pensou.

Harun se voltou para a porta, mordendo o cachimbo.

— Tem mais alguém aí fora.

A moça deu de ombros.

— Falei para o baixinho que o bicho dele não ia passar pela porta, mas ele insistiu...

— Eu... *urgh*... consigo! — disse uma voz aguda, e a porta se abriu um pouco conforme alguém a empurrava com as costas, como se estivesse puxando um burro empacado na entrada de casa.

No entanto, Aelian reparou, surpreso, que, em vez de um burro, era um betouro empacado. E quem o puxava era Ziggy, o sinfo que ele conhecera num dia que agora parecia muito distante.

E Bicofino estava no ombro do sinfo, comportado como nunca.

— Aelian Oruz! — disse Ziggy, feliz, acenando para o falcoeiro antes de falar com qualquer outra pessoa. Tinha desistido de puxar Thrul para dentro da casa, e o

betouro se acomodou na frente da porta, como um cachorro gigantesco. — Estou com o seu amigo penado! Olha!

O pequeno apontou para Bicofino no próprio ombro. Aelian estava de queixo caído e um pouco indignado.

— Como... vocês se encontraram?

— Ah, faz uns dois dias. Acho que você ainda estava escondido no Palácio, então ele veio até mim — explicou Ziggy, fazendo carinho no bico do falcão. Pelo visto, estava atualizado sobre o que havia acontecido com Aelian. — Ele é muito esperto, me encontrou lá nos campos de colheita sozinho. Ei! Vai falar com o tio Aelian!

Bicofino pareceu se lembrar da etiqueta e voou até seu dono, bicando-o de leve atrás da orelha. Aelian o encarou como se avaliasse se aquele não era outro falcão.

— Agora eu sou seu tio e você resolveu ser dócil?

— Espere — disse Harun, limpando o forninho do cachimbo e apontando para Ziggy. — O miúdo também está na jogada?

O sinfo sorriu para o anão e estendeu a mão.

— Ziggy Muzak, muito prazer! Você deve ser o Autoridade traidor!

Aelian deixou escapar uma risada. Harun pareceu bem irritado, mas o sinfo não demonstrou ter percebido a péssima escolha de palavras.

Harun cumprimentou a criatura ainda mais baixa que ele, bufando a contragosto.

— Um caso raro de um sinfo com a boca maior que a cabeça.

— Bom — falou a moça ladina, dando um bocejo ruidoso. Ela pegou o saco de setas ao lado da porta. — Agora que estão todos aqui, vou assumir meu posto e vigiar os arredores. Espero não ter que matar mais ninguém esta noite.

Ela correu os olhos por todos, como se o que tivesse acabado de dizer também se aplicasse a eles, e saiu da casa, espremendo-se com dificuldade entre Thrul e o batente da porta. Ziggy estava concentrado em suas mãos, tentando medir a própria cabeça e a boca em palmos. Raazi desabou nas almofadas. Aelian pousou Bicofino num dos degraus da escada de madeira, e Harun abriu os braços na direção da senhora anfitriã, que se virava para fazer mais chá.

— Quem é a garota? Sua filha?

— Algo assim.

— Ela entra, vê a gente, desova um sinfo aqui e vai embora... E se ela contar para alguém?

— Ela nunca contaria nada para ninguém, Harun.

— Eu não conheço a garota, como posso ter certeza? Aliás, nem sei por que estou

fazendo mais perguntas se nem comecei a ter a resposta das primeiras. Você disse que ainda faltava gente. Quem?

— Você está muito nervoso. Tome um pouco de chá...

— Eu não gosto de chá!

— Tudo bem, não vou servir mais para você — disse a senhora. — Agora pergunte o que tem que perguntar, mas... com calma.

Harun respirou fundo, de olhos fechados. Aquele era o maior teste de paciência da vida dele. Abriu os olhos e perguntou, numa voz controlada e artificial:

— Onde está o Aparição? Ele falou que nos encontraria aqui.

Devagar, a senhora foi até a mesa e serviu o chá. Ziggy começou a beber na mesma hora e queimou a língua. Raazi agradeceu com um gesto de cabeça e voltou a dirigir sua atenção para as chamas de cor natural da vela mais próxima, tentando reproduzir o brilho nas costas da mão direita.

— Bem, essa é uma festa silenciosa. Vou tomar um ar — resmungou Harun, gingando até a porta e se deparando com o betouro obstruindo a saída. — Como tiro essa coisa daqui, sinfo?

— Ih, ele deve estar dormindo — respondeu Ziggy, com a boca mole. — Vai ser difícil.

— Tire logo o seu bicho daqui!

— Ele não é o *meu* bicho.

Aelian sabia que Ziggy não estava fazendo aquilo por mal. Na verdade, o sinfo só falava as coisas sem pensar. Harun estava irritado, a boca tão crispada que sumia no meio da barba.

Nesse momento, a senhora parou no meio do recinto. Todo mundo se calou para observá-la, pois a mulher parecia ter crescido cerca de dois palmos de um segundo para o outro — a corcunda não existia mais e a postura era ativa. Ela levou as mãos ao lenço, e Aelian percebeu que apenas seus dedos ficavam à vista, pois as mãos e os braços estavam enfaixados.

O pano caiu. O cabelo era curto, rebelde e grisalho. *Prateados, na verdade*, pensou ele, percebendo que refletiam a luz das velas.

Contudo, foi o rosto dela que fez Harun sacar o martelo e Aelian levar a mão ao cabo do punhal, mesmo antes de entenderem por que estavam fazendo aquilo.

Ela tinha tatuagens, mas nada como a linha de servidão de Aelian. Eram padrões diferentes, com cores...

E ela sorria.

Tinha uma pequena cicatriz na boca, enviesada, quase uma ponte esbranquiçada entre o septo e o lábio superior. Como era raro ver alguém sorrir sem motivo em Untherak. Porém, tudo isso seria apenas singelo se, por trás do cabelo prateado, do sorriso e das tatuagens, não fosse por um detalhe...

— Olá. Eu sou a Aparição — disse ela.

Aquela era uma face marcada pelas linhas que o tempo tatuava em quem lutava contra ele, mas, indiscutivelmente, era o rosto de Una.

— Podem baixar as armas. De certa forma, já nos conhecemos, e não há motivo para ataques.

Raazi estava boquiaberta, como todos ali. O rosto de Una sempre estivera presente no centro de Untherak, esculpido em escala colossal, multiplicado por seis — a menos que se fosse cego, era impossível não reconhecê-la. Crianças se esqueciam dos rostos de seus pais, mas jamais se esqueceriam daquela face, graças ao imenso lembrete em preto e dourado no meio do Unificado. Porém, apesar de tudo isso, ninguém jamais sequer havia imaginado Una envelhecida.

Raazi foi aos poucos ligando os pontos e chegando a conclusões, lembrando-se dos relatos de Yanisha em seus tempos de aia, que por incontáveis vezes foram o assunto dos momentos que passavam juntas. Se ainda assim era confuso para ela, nem conseguia imaginar o que passava pela cabeça dos outros três.

— O que está acontecendo aqui? — rosnou Harun, sem guardar o martelo.

Aelian parecia estar em um raro momento em que concordava com o anão.

— Você não queria respostas, Harun? Sou o começo delas.

— Você é a cara de Una — confessou o sinfo, sem conseguir evitar.

— Sei disso, Ziggy — respondeu ela, divertida e paciente. — E logo isso também será explicado.

Ela se sentou de pernas cruzadas, sem dificuldade alguma. Era atlética e tinha movimentos ágeis. *E me enganou muito bem como uma velha corcunda*, pensou a kaorsh.

— Eu me lembro de ter visto você no meio da multidão! No Festival da Morte — disse Aelian, ressabiado. — Você estava com o disfarce de velha. Causando confusão numa das balestras...

— E depois mais um pouco de confusão dentro do Palácio — acrescentou ela, tomando a palavra de volta. — Não consegui evitar que aquele Autoridade odioso conseguisse assumir a balestra do outro lado... Mas pelo menos Raazi e Yanisha deram cabo dele, no fim das contas.

— Você estava... me ajudando? — perguntou a kaorsh, desconfiada.

— Queria ter conseguido evitar a morte da sua esposa, mas, quando estava

espionando Aelian, descobri o que vocês pretendiam e iniciei a confusão na arquibancada. Depois, tirei Proghon da Tribuna na hora da premiação, para que tivessem a chance de matar Una.

— Como?

— Digamos que existe um objeto de valor inestimável que lhe é caro — disse Aparição, bebericando o chá. — Dei a entender que iria roubá-lo para que ele fosse até mim.

— E você o enfrentou? — indagou Aelian, desconfiado.

Ela negou.

— Não foi necessário. Quando o General me encontrou, viu que eu não estava com o tesouro dele e que nem sequer sabia como afaná-lo. Apenas conversamos um pouco, apesar de ele não confiar muito em mim.

Harun deu uma risada canastrona pavorosa.

— Você bateu um papo com o General Proghon, foi isso?

— Ele *fala*? — Ziggy fez uma careta.

— Não sei se podemos chamar de *fala*. Mas ele é um bom ouvinte — respondeu Aparição. — E um inimigo formidável.

Raazi se levantou. Os olhos se descolaram da senhora pela primeira vez desde a revelação. A kaorsh estava de punhos cerrados.

— Ele matou a minha esposa. Não vou ficar aqui ouvindo elogios a um monstro inominável.

— Acalme-se, querida. Não nutro simpatia alguma por qualquer figura de poder de Untherak. Também perdi muita coisa no meu caminho, e boa parte por culpa de Proghon. Só aprendi a reconhecer uma boa batalha quando ela se apresenta, seja no campo físico ou mental. Além do mais, os quase mil anos que ele passou como braço direito de Una geraram certa *insatisfação* no General, se me permitem uma explicação simplista. E insatisfação é o primeiro passo para a revolta.

A kaorsh continuou de pé. Aparição não parecia se incomodar com a postura agressiva dela, e esperou os ânimos de Raazi acalmarem.

— Espero que estar aqui não seja perda de tempo.

A senhora fez os longos dedos correrem pelo próprio rosto.

— Ah, sei bem o que é isso, o tempo. Sei quando ele começou a contar para mim. Sei que dependo dele para realizar o meu plano. E sei que não tenho muito mais pela frente.

Ziggy deu de ombros e fungou, chamando atenção para si.

— Cada um repara de um jeito na areia que cai na ampulheta, seja grão a grão ou num fluxo contínuo. O tempo é relativo — disse, para depois ficar em silêncio.

A senhora assentiu, parecendo satisfeita, olhando para o pequeno.

— Conheci sábios com o dobro da minha idade que tinham toda uma filosofia baseada nesse tipo de pensamento. Fico feliz de encontrá-lo num sinfo, que sabe muito bem o quão efêmera é a nossa passagem pela vida.

— Só tentamos viver um pouco além do que Una nos permite. Por isso temos a nossa música — falou Ziggy, não agindo mais como a criança que aparentava ser. Raazi sabia como funcionava a filosofia sinfo e conhecia suas semelhanças com a linha de raciocínio kaorsh.

— Bonito, muito bonito — falou Harun, impaciente. — Mas por que estamos escutando uma mulher com a cara cuspida e escarrada de Una dizendo coisas tocantes?

— Você é... ela? — indagou Aelian, entre a confusão e algo que ele não sabia nomear, mas que lhe avisava que aquela pergunta era absurda.

— Não — respondeu a mulher, com menos leveza que em toda a fala anterior. — No entanto, já fui levada a acreditar que seria. Que *seríamos*. Nascemos e esperamos em cativeiro para um dia, quem sabe, sermos agraciadas com o espírito soberano. Que nada somos até que o dever de assumir o trono nos chame.

Sem entender o que a mulher queria dizer, Aelian riu de nervosismo, a cabeça começando a pesar e as mãos ficando geladas. Ele descobriu que existia um estágio de cansaço muito além da exaustão física, que começava a esbarrar na insanidade. Harun não estava experimentando o mesmo cansaço e, de certa forma, parecia até estar se divertindo. Ele meneava a cabeça, descrente.

— Ela está querendo nos dizer que existe um *estoque de sósias* de Una. — Ele olhou diretamente para Aparição. — Você tem uma imaginação tão fértil que eu plantaria milho nessa cabeça, senhora. Para não dizer que é completamente maluca.

— Não se preocupe, Harun — falou ela, tentando tranquilizá-lo. — Justo você pensar que eu sou louca é algo que me diverte.

O anão, até então tão seguro de si, do nada pareceu se incomodar e ficar na defensiva.

— Não entendi o que quis dizer com isso.

— Sósias — balbuciou Aelian, encarando a mulher, esquecendo Harun na mesma hora. Raazi observou Aelian, e sabia o que ele estava imaginando naquele momento: o rapaz tinha o mesmo semblante aterrorizado de quando relatara os experimentos

macabros que ocorriam no subterrâneo do Palácio. — Sósias em *cativeiro*?

— Um pouco mais que sósias, Aelian — respondeu a mulher. — E talvez algo mais assustador que um mero cativeiro.

— Eu já vi cativeiro de gnolls e de arbopardos — disse Ziggy, torcendo o nariz. — Mas de *Unas*? Não que eu esteja chamando você de mentirosa, senhora! Nunca faria isso. Mas como uma coisa dessas poderia existir?

— É uma parte do Palácio, na Ala Oeste. Repleta de mulheres — falou Raazi.

Aelian, Harun e Ziggy viraram a cabeça na direção dela em sincronia, surpresos por ter sido Raazi a responder, e não Aparição. Ela olhou para Aelian antes de continuar, com um leve aceno de cabeça. Ao mesmo tempo em que contava um segredo, estava continuando a conversa inacabada dos túneis. Era o momento oportuno, o que talvez não se repetisse.

— Yanisha serviu por um tempo no Palácio, como aia. Um dia, descobriu uma das passagens ocultas dos anões. Foi sem querer, do mesmo jeito que acabamos fazendo hoje. Lá, viu uma espécie de estuário, com dezenas de mulheres praticamente idênticas. As sósias. Yan quase foi pega, mas conseguiu *silenciar* o Único que a flagrou. Semanas depois, comprou a semiliberdade graças ao dinheiro que havia juntado ao longo dos anos e se afastou do Palácio sem levantar suspeitas. Mas isso mexeu com ela... mexeu *conosco*. Para sempre.

Raazi sentiu o rosto quente ao terminar de falar. Percebeu Aparição a encarando, anuindo de forma quase imperceptível. Havia no ar um tipo de empatia entre as duas que só podia ser cultivada com a repulsa pelas mesmas situações.

— Vocês foram bastante corajosas ao pensar naquelas mulheres — disse a anfitriã.

— Tentamos seguir com a vida. Yan procurou esquecer o que tinha visto... mas ela não conseguia deixar aquilo de lado sabendo que algo assim estava acontecendo. E nem eu.

Aelian meneou a cabeça, virando-se de costas para o grupo e se aproximando de seu falcão. Raazi sabia como era a primeira tentativa de digerir tudo aquilo e achou que o falcoeiro estava até se saindo bem — a imagem de uma Una que não fosse colossal como a estátua era difícil de acreditar. O que o rapaz passara no Palácio antes e durante a operação de resgate devia ter aberto algum caminho à força no meio de sua crença para que ele ao menos desse ouvidos a ela.

Harun, por sua vez, mantinha o rosto neutro, coçando a barba vez ou outra. Não dava para imaginar o que ele estava pensando. Ziggy mantinha os olhos arregalados, na direção do chão — estava processando as novidades, a existência de

um cativeiro de Unas. Raazi observou que ele demonstrava a reação mais inesperada dos três: em vez de raiva, dúvida ou negação, parecia quase triste. Foi ele quem quebrou o silêncio, olhando para Aparição.

— Eles maltratavam vocês? — perguntou. — Como fazem com os gnolls e os arbopardos?

Aparição foi até o sinfo e segurou a mão dele. Raazi achou a cena quase maternal.

— Nós não sabíamos que aquilo era dor e que as coisas poderiam ser diferentes, meu amigo. Eles não podiam machucar nossos corpos, pois precisávamos ser perfeitas caso chegasse a hora de assumirmos. Porém, crescíamos com uma espécie de ferida aberta na consciência, sem termos a menor ideia de que éramos pessoas.

— Mas você tem uma marca na pele. — Ziggy apontou para o rosto de Aparição. — Foram eles?

— Isso foi resultado do que uma pessoa chamaria de acidente. Uma taça de cristal, um momento de distração... — A mulher fez uma pausa, passando uma unha pela cicatriz acima da boca. — Foi por causa disso que a Centípede quis me descartar. E foi quando eu fugi.

— Para onde? — perguntou Harun. — Você não ficou nos túneis esse tempo todo. Sua pele é curtida pelo sol.

— Bem observado — disse Aparição. — Mas fui para longe. Para além dos muros.

— Você vagou pela Degradação? — questionou Raazi. Ela nunca pensaria em encarar o deserto. Tanto que seu plano com Yanisha jamais envolvera uma fuga.

— Por um tempo, sim. Precisei descobrir a mim mesma antes de descobrir tudo que os muros de Untherak nos impedem de ver. Precisei quase ser sacrificada para descobrir que eu *sentia*, que eu era alguém, e não apenas uma peça numa mentira deslavada vestida de imortalidade. Eu temi a morte, entendem? — Ela olhou nos olhos de cada um e tocou no próprio peito. — Precisei tomar consciência de mim para descobrir que existe um mundo lá fora, e que a Degradação parece muito maior daqui de dentro do que de fato é. Garanto a vocês que Untherak não é o celeiro de toda a existência. Este lugar nem sequer é o único mal do mundo. Eu vi, vivi, aprendi coisas... E quero que outros tenham a mesma oportunidade.

Aelian parecia estar evitando olhar para qualquer um naquele recinto que não fosse Bicofino. Sem tirar os olhos da ave, ele falou:

— É difícil de acreditar. A Una que você me mostrou discursando minutos depois da morte seria uma sósia, então.

— Se quiser um exemplo de como a coisa funciona, Aelian — disse Aparição —,

pense na sua carreira no Poleiro. Quantas pessoas você viu morrer durante o tempo que serviu lá?

— Nem dá para saber.

— E alguma vez alguém deixou uma vaga em aberto? O Poleiro ficou desfalcado?

Ele ficou em silêncio.

— Volte agora para o Poleiro e aposto o que você quiser que já tem alguém ocupando a sua antiga cela. As coisas aqui são feitas para funcionar para sempre, uma fornalha que nunca para de queimar, que nunca fica sem combustível. Esse é o único tipo de imortalidade que a figura de Una tem.

Todos voltaram a ficar quietos, pensativos, assustados e chocados, cada um à própria maneira. Aparição era a única que tinha coragem de continuar apunhalando o silêncio palpável, pois havia muito a falar a respeito.

— Eu fugi, mas não tenho conhecimento de outra que tenha conseguido fazer o mesmo. Nunca soube de uma que sequer tenha questionado o sistema. Aliás, não é possível obter sabedoria de verdade em Untherak. Una, a Centípede, Proghon... eles contam a história que for preciso para controlar vocês. Repetem a tal da gênese e da Fúria dos Seis à exaustão, chamam relatos de fatos, e proíbem a população de perpetuar as próprias tradições e memórias... Matam o passado, e modelam o povo à maneira que for conveniente. Proíbem os servos de ler e escrever, para que qualquer forma de contradição à narrativa de uma soberana milenar seja evitada. — A mulher olhou para Aelian e Harun e deu um sorriso rápido para Bicofino, que voou para seu ombro. — Felizmente, temos as nossas exceções. Eles ainda não podem controlar o que é feito no nosso silêncio.

Aelian pareceu que resmungaria algo para o falcão, mas desistiu. Aparição se afastou para pegar o bule de chá e trazê-lo até a mesa. Quando voltava para buscar mais xícaras, Ziggy se adiantou para ajudá-la, sem dizer nada. A mulher sorriu para ele, e Harun resfolegou no canto, censurando o comportamento do pequeno. Todos, menos ele, beberam o chá em silêncio. Sem a mesma distração dos outros e parecendo irrequieto, foi o anão quem voltou ao assunto.

— Você teve um bom tempo para pensar longe daqui. Deve ter um plano, não?

Aparição assentiu com a cabeça e repousou a xícara na mesa. Estava vazia, com resíduos das folhas ao fundo.

— Untherak é essa xícara. Raazi e Yanisha mataram *uma* sócia, ou seja, beberam o chá que estava aqui segundos atrás. — Ela pegou o bule e encheu a xícara com mais líquido. — Foi apenas uma questão de colocarem mais chá.

— Vamos quebrar a xícara, então? — disse Ziggy.

— Nós estamos nessa xícara também, seus estrategistas de araque! Isso não seria nada esperto — entrevistou Harun, chegando mais perto da mesa.

Aelian e Raazi se irritaram com o comentário do anão, mas Aparição concordou.

— Harun está certo. O que acham que deveria ser feito, então?

Os quatro ficaram ali, olhando para o chá fumegante. Raazi foi para mais perto da mesa e tomou a xícara para si, segurando-a com as duas mãos. Bebeu tudo de uma vez, sem assoprar, sem reclamar, e bateu com a xícara na mesa, com um pouco mais de força que o normal.

— Bebemos o chá de novo — disse a kaorsh, determinada.

— É, mas em seguida alguém vai voltar a preencher a xícara — disse Aelian. — Já entendi que é assim que funciona. Minutos depois de vocês assassinarem Una, outra apareceu.

Raazi encheu a xícara mais uma vez. Depois chacoalhou o bule, e o ruído que veio de dentro era o de pouco líquido se agitando no fundo.

— Uma hora, o chá do bule tem que acabar.

— É uma forma de agir. No entanto, estaríamos promovendo uma matança infinita — observou Aparição. Raazi ficou envergonhada por um instante. Sua raiva a havia feito ignorar tudo que a senhora contara sobre sua vida em cativeiro. Aparição continuou: — Seria só uma questão de tempo até a Centípede providenciar alguma coisa, e são eles que devemos deter. Precisamos deixá-los sem saída, antecipar as desculpas que podem criar para a imortalidade de Una. Contar a nossa versão dos fatos para Untherak. Dominar a narrativa, como fazem há mil anos.

— Com todo o respeito, se não é fácil convencer quatro pessoas a abandonar as suas crenças e os seus conceitos... imagine uma cidade inteira — falou Aelian.

Raazi concordava. Ela sabia que Aelian estava se esforçando para acreditar no que lhe diziam, ao contrário de Harun. Porém, ambas as reações eram esperadas numa situação como aquela. Ela mesma se lembrava de como fora ouvir tudo aquilo da boca de sua amada, e ainda assim duvidar da sanidade da pessoa que mais lhe importava no mundo.

Isso a levou a pensar em todo o idealismo e toda a força de vontade de Yanisha, a ponto de querer enfrentar o Festival da Morte para talvez — e apenas talvez — ter a chance de concretizar um plano que, no fundo, tinha por meta a verdade. O objetivo delas era trazer uma nova perspectiva para o povo de Untherak. Uma narrativa! Raazi riu, surpresa consigo mesma. A essência de Yanisha estava livre do *canväs* e

parecia ter encontrado um bom lugar para repousar. Por ironia, era no corpo de uma Una rebelde.

Raazi se levantou e estendeu a mão na direção de Aparição.

— Meu nome é Raazi Tan Nurten. Por mais que você saiba bastante sobre mim, não nos apresentamos como deveríamos.

Aparição sorriu, erguendo os olhos. Ela envolveu a mão estendida de Raazi com as suas, com uma doçura acolhedora.

— Pode me chamar de Anna. Só Anna.

Raazi não sorriu, mas assentiu com um gesto de cabeça e um piscar de olhos mais demorado.

— Pois bem, Anna. Meu *canväs* e minha lança são seus até onde conseguirmos ir.

Anna, a Aparição, beijou a mão de Raazi. A kaorsh adoraria ver Aelian, Ziggy e Harun se entregando à causa em seguida, inflamados pelo seu discurso e por sua iniciativa. Contudo, não foi o que aconteceu. Havia silêncio ali. Dúvida, talvez até medo do que aquilo acarretaria. Os homens estavam com medo de se voltar contra o maior símbolo de poder que conheciam.

— Certo, certo — disse Harun, após um tempo. Raazi percebeu como ele, para não demonstrar fraqueza, ironizava o que não entendia ou o que lhe causava estranheza. — Ainda usando as alegorias do início da conversa... Vocês vão beber todo o chá sozinhas?

Aelian bateu com a palma da mão na testa, resmungando:

— Não dá para acreditar que ainda estamos falando de chá.

Anna deu de ombros.

— Para ser sincera, todos vocês têm interesses em comum comigo. E alguns nem têm escolha melhor.

— Nós, sinfos, não somos de brigar — disse Ziggy, olhando para a xícara vazia. — Mas uma coisa aconteceu uns dias atrás, eu descobri que um amigo meu... se foi.

Aelian ergueu a cabeça por um instante. Sabia do que o pequeno estava falando. O ex-falcoeiro encarou as próprias botas, parecendo muito triste.

— Odeio saber que o corpo de Jaenni foi para a Mácula, e não voltou aos pés da árvore em que ele nasceu — falou Ziggy, abrindo um sorriso que, no caso dele, não parecia fora de hora, apesar do assunto melancólico. — E também tenho um motivo um pouco mais egoísta: confesso que adoraria ver um pôr do sol diferente do que temos aqui, onde o astro mergulha nos muros. Adoraria ver um horizonte de verdade! Ver o sol se pondo entre montanhas verdes e um riacho... como já ouvi em

lendas da minha raça. Não vou viver tanto quanto você, dona Aparição. Digo, dona Anna! E também não estou chamando você de velha, não me entenda mal...

— Estou entendendo bem, meu amigo.

— Certo... — Ziggy voltou a ficar contemplativo, olhando para a xícara, e então bateu com a mão no joelho. — Ah, perdi o fio da meada. Porcaria, sempre faço isso. Queria ver um pôr do sol diferente. Só isso.

Raazi não se aguentou e riu alto, e Aelian fez o mesmo. Até Harun tinha um sorrisinho nos lábios. *Maldição, talvez nem o General Proghon conseguisse ficar sério na frente desse pequeno*, pensou a kaorsh.

— Já vi muitos pores do sol diferentes, meu caro — disse Anna. — E garanto que encontrará os mais belos imagináveis, que valerão por todos os que a Muralha já escondeu de você.

— Certo — disse Ziggy. — Bem, eu estou olhando aqui para o fundo da xícara e ficam uns pedaços de folhinhas na borra... Quer dizer, mesmo se eu ajudar vocês a beber todo o chá, fica uma sujeirinha.

— Sim, Ziggy. E alguém sempre pode encher uma xícara vazia... com algo que não seja chá. Esse também é um perigo.

Aelian se inclinou e bateu com a boca da xícara na mesa.

— Então, vamos colocar Untherak de cabeça para baixo.

Todos olharam para ele, surpresos. Ele os encarou de volta, por trás da cortina de cabelo que caiu em seu rosto.

— Eu estou entre aqueles que não têm escolha melhor.

— Sempre há escolha, Aelian Oruz — disse Anna. — Mas confesso que não selecionei bem as palavras.

— Não, você tem razão. Quero lutar, ou seja lá o que vocês tiverem em mente. Nos últimos três dias, descobri uma Untherak que não imaginei durante toda a vida... O suficiente para querer me ver livre do que estiver acontecendo neste lugar. Vamos cortar o suprimento de chá deles.

Ele olhou para Raazi, buscando cumplicidade. Não estava à vontade para fazer o mesmo com Harun, apesar de terem passado por maus bocados juntos também. Então, continuou, com voz exausta:

— Cansei de ficar parado atrás das grades da cela, me agarrando à ideia de que posso fugir pela janela na hora que quiser. Não aguento mais ver gente morrendo à minha volta e não poder fazer nada. Não aguento mais *chá*.

Harun aplaudiu. Com ironia, para variar.

— Estou pasmo comigo mesmo, mas concordo com o primeiro falcoeiro. Onde podemos beber algo mais forte?

— Está com a gente então, Harun? — perguntou Raazi.

Ele mostrou as palmas das mãos, como se pedisse *calma*, e ela percebeu que lhe faltava um dedo.

— Depois de algumas canecas, quem sabe?

Aparição se levantou, ágil, flexível, empolgada e ainda assim parecendo calma. Engraçado como em poucos minutos Raazi tinha deixado de associá-la diretamente a Una. *Mesmo que ela tenha o rosto da falsa deusa*, pensou. Anna tinha a eloquência da soberana. A imponência. Devia ter treinado muito caso precisasse assumir o lugar da outra Una.

— Vocês me ajudariam a *irritar* a Centípede e o General Proghon — disse ela, vivaz — a ponto de encontrarmos uma brecha nos disfarces deles? Vamos plantar a discórdia, vamos fazer o povo duvidar do poder de Una, e então devolveremos toda a raiva que cultivaram em nós após mil anos de domesticação e castração!

Ninguém verbalizou nada. Porém, se não tivessem achado aquela ideia boa, com certeza teriam feito alguma objeção.

— Então venham comigo! — gritou Anna, dando-se por satisfeita.

— Para fazer o quê? — perguntou Ziggy, tentando olhar para todos ao mesmo tempo e parecendo uma biruta numa tempestade.

— Celebrar, pequeno — respondeu ela. — E, ao mesmo tempo, enviar uma mensagem para Una.

Bicofino foi o primeiro a atravessar a porta, disparando para a noite acima. Ziggy acordou Thrul para tirá-lo da passagem e em seguida montou no bicho, que já carregava nas costas um grande fardo repleto das mais variadas coisas — entre elas, era possível ver o braço do alaúde rústico do sinfo.

A garota sinistra aguardava no telhado da casa em frente. A jovem tentou ocultar uma besta debaixo da capa, mas Aelian conseguiu notar a arma antes de ela sumir de suas vistas. A moça fez um sinal para Anna e saltou direto para o chão de terra batida, caminhando ao lado dela na frente do grupo. Aelian vinha logo atrás, ouvindo a conversa das duas.

— Foi mais rápido do que pensei.

— A lenha foi entregue onde pedi? — perguntou Aparição, amarrando de novo o lenço na cabeça de forma que o rosto ficasse encoberto. Ela sabia que não seria muito bom ter uma Una envelhecida andando pelos Assentamentos.

— Sim, senhora. O dono do Pâncreas de Grifo disse que traria alguns barris de bebidas para ajudar.

— Tom? — indagou Aelian, apertando o passo e se intrometendo entre as duas. — Vocês conhecem ele? É amigo meu.

A garota olhou para Aelian com as sobrancelhas erguidas.

— Seu recruta é muito empolgado, Aparição.

— Vocês não são recrutas, querida — respondeu Anna. — Perdoe-a, rapaz. Ela é um tanto... bélica.

— Percebi — disse ele, os olhos indo para o volume que ela ocultava sob a capa e de volta para o rosto da moça. — Qual é o seu nome?

— Não somos amigos, *recruta* — falou ela, puxando a capa sobre sua arma, como se olhá-la fosse algo indiscreto.

— Certo... Bem, vocês mencionaram o Tom. Ele está envolvido em algo?

— Não, ele nem me conhece. Apenas pedi para que espalhassem por aí que hoje à noite um carregamento de mantimentos e outras iguarias chegaria aos Assentamentos, desviado da Vila A.

Aelian notou que Harun, caminhando logo atrás, parecia resmungar consigo

mesmo. Seria o lado Autoridade dele falando mais forte?

— Isso não é incomum — falou a Garota Sinistra, alerta a cada esquina e beco enquanto desciam as ruas iluminadas por archotes. — Carvão e armas chegam aqui todos os dias. Inclusive armas maculadas, que só podem vir de um lugar. Apesar de essas coisas sempre causarem problemas... já se tornou bem normal por aqui.

— Ainda anonimamente — continuou Anna —, pedi ao seu amigo do Pâncreas que organizasse uma maneira de distribuir a comida de forma justa. Ele sugeriu uma festa, e falou que traria a bebida.

— É bem a cara dele — disse Aelian. — Mas você quer assumir a autoria da doação ou algo assim? Para arregimentar soldados ou...

— Não! — falou Anna, ofendida. — É só uma festa, Aelian Oruz!

— Depois eu é que sou bélica — reclamou a garota.

— Desculpe, é que não vejo sentido nisso depois de tudo que falamos...

Raazi apertou o passo para emparelhar com os outros três.

— Para dizer a verdade, eu também não. Por que daríamos uma festa?

— Para comemorar. Celebrar. Mostrar que não temos medo. Cada um festeja pelos próprios motivos.

— Com todo respeito, no momento não quero festejar nada. E exatamente para *quem* você quer demonstrar que não temos medo? — perguntou Raazi. — Por acaso Proghon, a Centípede e as milhares de Unas do Palácio vão saber disso?

— Não quero mostrar coisa alguma para eles, Raazi — disse Anna, olhando para o Miolo. A estátua refletia a luz da lua, uma das faces voltada para os Assentamentos. — É para aquela Una. Por medo, as pessoas evitam fazer qualquer coisa divertida. E olha que o General nem perde o tempo dele mandando guardas para os Assentamentos, pois sabe que este lugar tem as próprias regras. Ainda assim, a maior lei daqui ainda é o temor pela soberana.

— E a estátua é um vigia tão eficaz que controla Untherak sem precisar que alguém esteja por trás daqueles olhos — falou a garota, olhando para Raazi, bem mais alta que ela. — Na verdade, estou repetindo a resposta que a Aparição me deu quando perguntei a mesmíssima coisa.

— Ela nunca vai parar de me chamar de Aparição — sussurrou a senhora para Raazi e Aelian.

— Não dá. Você não tem cara de Anna — disse a moça. — Olha, acho que a fogueira está ali.

Havia cerca de quarenta pessoas sentadas ao redor do fogo. Aquilo significava

que a notícia de comida de graça não fora levada a sério pela maioria dos habitantes. Aelian achava que fazia sentido. Afinal, quem faria uma coisa daquelas em Untherak — ou pior, nos Assentamentos?

Olhou para trás e viu que Harun e Ziggy — montado em Thrul — estavam vindo, mais ao longe, num passo lento. O anão parecia estar contando ao sinfo sobre sua experiência em irritar betouros na adolescência, o que para Aelian tinha um significado muito forte: que Ziggy conseguia desarmar qualquer pessoa.

Enquanto voltava a atenção para o caminho à frente, Aelian perdeu o fôlego por um momento ao se chocar com uma criança em alta velocidade.

— Pequeno Tom, até você está querendo me matar? — falou Aelian, arfando, levantando o garoto por baixo dos braços e fazendo-o sorrir. — Tenha misericórdia deste corpo de tripas cansadas, por favor.

O menino o abraçou e apontou para onde o pai estava: subindo a rua oposta, trazendo barris de cerveja com a ajuda da esposa kaorsh, Taönma, e de algumas pessoas que Aelian conhecia de vista. Crianças corriam por ali, divertindo-se por estarem na rua tarde da noite com a autorização dos pais. Aelian pensou que precisava escutar o som das risadas delas com mais frequência.

— Pensei que alguma coisa tivesse acontecido com você, seu trapaceiro — disse Tom, colocando no chão os dois barris que trazia sobre os ombros.

Acenou para que os ajudantes levassem os outros para uma grande mesa de madeira improvisada próxima à fogueira, enquanto a esposa dele também ia abraçar Aelian.

— Tive uns probleminhas... Oi, Taönma.

— Você está um lixo, querido — falou ela, dando um tapinha no rosto de Aelian. — Mas está cheirando muito bem.

— Ah, tomei um banho na casa de amigos — falou, indicando o grupo, que já havia se afastado.

— Olha só! — gritou Tom, rindo. — Outro motivo para comemoração: Aelian Oruz fez amigos! São do Poleiro?

— Hum... não. Eu meio que fui removido de lá.

— Ah, foi transferido? — sugeriu Taönma.

— Não exatamente.

A kaorsh torceu o nariz e foi na direção da fogueira, abraçada ao seu barril, dizendo:

— Depois me explique isso direito. Está me cheirando a encrenca.

— É bom ver você, Taön.

O sorriso de Tom arrefeceu um pouco quando a esposa já estava longe. Aelian percebeu, e começou a tagarelar antes que qualquer coisa fosse dita.

— Não acredito que só percebi agora que vocês nasceram mesmo um para o outro. Tom e Taön, até rima. Só pode ser o destino...

— O que você fez, Aelian?

Os ombros do rapaz murcharam e ele coçou o nariz, incomodado.

— Olha... depois explico direitinho. Vamos esquecer os problemas por hoje? Não quero estragar a noite de ninguém.

Tom suspirou.

— Certo. Bom... Só não se esqueça de que você tem amigos aqui fora, está bem?

— Sei disso. Dá um abraço.

— Sai para lá! Pela Fúria, você está cheirando bem de verdade.

Mais pessoas se sentaram ao redor da fogueira ao longo daquela noite. Aelian questionou o prejuízo de Tom com tanta cerveja “doada”, mas o taverneiro explicou melhor qual era o papel dele naquela celebração surpresa.

— Foi algum louco cheio da grana. Pediram para um moleque me entregar um recado com o local da festa e um saco de pano cheio de *altin*. Disse que era para as despesas com bebida. — Tom virou o finalzinho do caneco de cerveja e conteve um soluço. — Mesmo que eu tenha que buscar mais lá embaixo, vou sair no lucro.

Aelian olhou para Anna, num tronco próximo, sentada entre Ziggy e a Garota Sinistra. Ficou imaginando de onde ela teria roubado o dinheiro para pagar Tom. Aparição estava lá, com o pano sem cobrir o rosto por inteiro, sem fingir a corcunda que a deixava mais velha e indefesa. Talvez ela se sentisse mais relaxada naquele lugar, onde ninguém estava preocupado com Autoridades e Únicos. Se a festa fosse anunciada muito tempo antes, sem dúvida eles apareceriam para investigar. Porém, até a notícia descer o morro e chegar no Miolo, todos nos Assentamentos já estariam dormindo, felizes e bêbados.

Taönma chamou o marido para ajudá-la com as carnes assando na fogueira, e Aelian observou os arredores por um tempo. Nada de Barn e Canivete para incomodá-lo, comida farta... nem parecia que ainda naquele mesmo dia, horas antes, ele passara por tantos horrores. Chacoalhou a cabeça tentando afastar a lembrança das kaorshs gestantes quando outra kaorsh o trouxe de volta ao momento.

— Tudo bem com você? — perguntou Raazi, despejando parte da cerveja no caneco de Aelian, que estava vazio. Se Tom chegasse a ultrapassar a cota do patrocínio e tivesse prejuízo com a bebida, Raazi seria a culpada.

— Sim, sim. É só que... — Olhar para ela o fazia revisitar o embuste de Una, as kaorshs grávidas. Tinha vontade de comentar aquilo com Raazi, mas agora sabia do fardo que a mulher carregara, de guardar um segredo apenas entre duas pessoas por tanto tempo... Ela já tinha os próprios demônios com que lidar, e Aelian não traria outra legião deles para os ombros da kaorsh. — É que parece muito surreal estarmos aqui, tranquilos.

— Todo mundo deve estar sentindo a mesma coisa. Tanto que ninguém deixou de agarrar essa oportunidade. E tem mais gente chegando a cada minuto.

— É... acho que essa festa vai longe — disse Aelian, rindo para o Pequeno Tom, que passou correndo entre os dois, com crianças de várias raças.

— São parentes seus? — perguntou Raazi, apontando para Tom, a esposa e o filho. Aelian meneou a cabeça.

— Não, mas eram amigos dos meus pais. E são meus amigos, por consequência.

— Pais humanos, certo?

— Sim, até onde eu sei. Não sou mestiço que nem Tom.

— Ou a *filha* de Anna.

Aelian olhou para Raazi, surpreso.

— A Garota Sinistra? Ela é mestiça?

— Sim, e eu arriscaria dizer que é kaorsh por parte de pai.

— Ela contou alguma coisa para você?

— Nem precisa. Nós reconhecemos nas outras pessoas a porção que se assemelha com a gente. Não sei explicar, é algo natural. Uma característica diferente na pele.

— Certo... Bom, você não é mestiça, presumo.

— Não. Pai e mãe kaorshs, ambos do Tear. Não passávamos muito tempo juntos, passei a maior parte da infância com os sinfos do Segundo Bosque. E os seus pais?

— Um trabalhava nos alambiques de *caahwah*. Pan, era o nome dele. Faleceu pouco depois do meu outro pai, Aenoch.

Raazi demorou um pouco a entender, mas depois sorriu.

— Yanisha e eu chegamos a pensar em ter filhos. Untherak é uma máquina de produzir órfãos, e pensamos que pelo menos poderíamos aliviar a dor de quantos pudéssemos abraçar. Mas isso foi antes... de os planos mudarem.

— Quando Yanisha descobriu a farsa — concluiu Aelian.

— Aquilo mexeu com ela. Conosco. Enfim, sempre fomos mais guerreiras que mães. A descoberta só confirmou isso.

— Dá para ser as duas coisas. Meu pai, Aenoch... Vocês se dariam muito bem. Ele lutou na Arena.

O rosto de Raazi brilhou por um instante, literalmente. Muitas cores oscilaram em seu semblante surpreso.

— Aenoch, o sujeito que enfrentou Proghon no último Festival da Morte?

— Penúltimo, na verdade.

— Yanisha procurou por pessoas que tivessem assistido à luta dele para perguntar sobre estratégias e modos de sobrevivência na Arena! Ele é uma lenda! Que coincidência...

— Como eu disse, vocês teriam se dado bem. Ele lutou por mim, para conseguir escapar do Miolo e ficar mais tempo em casa. Ainda acho que houve outros fatores que o fizeram entrar na Arena, mas eu só tinha seis anos. Meu outro pai faleceu pouco depois, e ninguém me explicou muita coisa na época. Como não tenho outro parente vivo, fui mandado para o Miolo pouco tempo depois, para pagar a Dívida Familiar com Una.

— Sinto muito — disse ela, colocando a mão no ombro de Aelian.

— Sinto muito por Yanisha também. Eu estava lá. Vocês foram incríveis.

Os olhos de Raazi se perderam na direção da fogueira. A mancha azul no olho esquerdo parecia mais forte que nunca.

— Eu nem deveria estar aqui. Trocaria tudo isso para ter caído junto com ela.

— Mas está — falou Aelian, um pouco impressionado com a frieza de Raazi ao revelar seus sentimentos. — E, enquanto estivermos aqui, vamos continuar sentindo muito. Mas talvez possamos acabar o que Yanisha e meu pai começaram. Que tal?

Raazi deu uma breve risada e voltou o olhar para Anna, Ziggy e a Garota Sinistra. Os três, percebendo que eram observados, acenaram, chamando-os. Pareciam animados.

— Ainda acho tudo muito estranho. Agir em grupo. Com gente que nem conheço. — Raazi fez uma pausa para beber a cerveja. — Mas algo me diz que Anna não está aqui por acaso e que ela pode me ajudar a completar minha missão. Sinto a mesma intensidade e o mesmo idealismo de Yanisha naquela mulher.

— Tem alguma coisa ali — concordou Aelian. — Além da estranheza de um rosto que aprendemos a temer.

— Vocês dois! — gritou Ziggy, com a voz estridente. Anna e a Garota Sinistra

pareciam estar se divertindo de verdade. — Venham aqui, quero perguntar um negócio para vocês!

Raazi bateu nas costas de Aelian.

— Aliás, se tem outra coisa que aquela mocinha não precisa me contar é que os olhos amendoados dela passam um bom tempo olhando para você enquanto está distraído.

— Talvez por termos a pele um pouco parecida?

— Não é por isso. É por outro motivo.

Aelian fez cara de espanto.

— Sério?

— Aham.

— Você acha que...?

— Eu diria que sim.

— ... ela quer me matar? Por quê?

Raazi revirou os olhos e foi andando na frente.

— Não, Aelian.

— Ah, você está falando no *outro* sentido?

— Estou. Você é um sujeito bem lento.

— Mas ela foi tão ríspida comigo... Não sei se ela está mesmo a fim de mim.

— O que você queria, um buquê de flores? — rebateu Raazi, olhando para trás. Aelian corou, e sabia que a kaorsh notaria aquilo mesmo à luz da fogueira e da lua. — Não seja tão exigente. Você não é tão bonito assim.

Dando-se por vencido, Aelian foi em silêncio ao encontro dos outros três, pensando que deveria estar parecendo um garotinho de seis anos, inseguro e pequeno para suas botas grandes demais.



Anna encheu o caneco de Aelian enquanto Ziggy arregalava seus olhos de cores diferentes para Raazi.

— É sério que você sabe dançar a *kaita*?

Raazi foi pega de surpresa. Quem tinha contado aquilo para o pequeno? Anna conversava com Aelian, mas a Garota Sinistra fez cara de culpada e ergueu as mãos espalmadas para a kaorsh.

— Pareceu bem óbvio pelo que pude ver na Arena. Seus movimentos e tal.

— Hum — resmungou Raazi, sem jeito. Aquelas pessoas estavam sendo

simpáticas com ela. Logo ela, que tinha matado tanta gente em apenas dois dias. — Cresci no Segundo Bosque, mas já faz quase duas décadas que saí de lá.

— Nossa, nessa época eu devia estar encarnado em alguma árvore! — disse Ziggy, no que obviamente era um jargão sinfo. A Garota Sinistra fez cara de quem não entendeu e se levantou para pegar algo para comer, agora carregando a besta a tiracolo, mesmo durante aquele momento de descontração. O sinfo continuou, girando o alaúde na correia e trazendo-o até o peito. — A gente podia dançar um pouco. Está tudo perfeito, só falta uma boa roda de *kaita* em volta da fogueira.

— Não sei se é uma boa ideia... — falou Raazi, virando-se para Anna. Aparição interrompeu a conversa com Aelian, como se tivesse sentido o olhar na nuca.

— Vão em frente. Aposto que tem muita gente aqui que está morrendo de vontade de fazer a mesma coisa e só não tem coragem.

Ziggy comemorou com um assobio longo e começou a dedilhar um ritmo rápido no mesmo instante. Imediatamente, cabeças se viraram na direção dele. As crianças, já um pouco entediadas de tanto correr, foram as primeiras a se aproximar da fogueira, atraídas pelo magnetismo da música. Já boa parte dos adultos, nem tanto. Aelian se aproximou de Raazi, parecendo alarmado.

— Olha o tanto de gente fazendo cara feia. Acha que alguém pode nos dedurar?

Raazi entregou o caneco para Aelian e tomou o cuidado de mudar a cor de seu cabelo e escurecer a pele em alguns tons antes de entrar em evidência. A mancha azul continuou ao redor dos olhos, mas pelo menos ninguém a associaria com a pecadora que atentara contra a vida de Una.

— Se alguém quiser correr até o Miolo e avisar os Autoridades — clamou ela, em voz alta —, saiba que vai perder o melhor da noite.

Dito isso, Raazi emendou três saltos mortais ao redor da fogueira, aumentando de velocidade a cada virada. Ziggy uivou, animado, e muitos o imitaram — inclusive Anna, que parecia radiante. A velocidade dos saltos da kaorsh forçaram o sinfo a aumentar a velocidade da música, pois aquele era um dos muitos desafios da *kaita*: quem conseguia dançar rápido testava os limites de quem conduzia a música, embora fosse o trabalho dos músicos ditar o ritmo. Quando um dançarino não aguentava mais o ritmo imposto, pulava para fora do círculo e outra pessoa com mais fôlego entrava na roda. Raazi já havia entrado aumentando o ritmo, e Ziggy estava adorando ser testado logo de cara.

Outros dois sinfos se aproximaram do tronco onde Ziggy se sentava, um carregando uma flauta e o outro um instrumento de cordas semelhante a um

alaúde. Eles trocaram cumprimentos de cabeça, parecendo empolgadíssimos, e logo a música ganhou novas camadas.

Logo, as palmas começaram. Raazi fez uma série de movimentos mais lentos, de frente para o trio que tocava, e chamou Ziggy com o indicador. As pessoas em volta soltaram uma exclamação em uníssono com o desafio, e o sinfo apontou para si mesmo, fazendo-se de desentendido.

— Vai logo! — gritou Aelian com as mãos ao redor da boca, causando risadas e mais gritos de incentivo. Ziggy passou a correia do alaúde por cima da cabeça e foi se aproximando da roda, ao som de aplausos. Os outros dois sinfos continuaram com a música rápida, enquanto os oponentes da *kaita* se cumprimentavam.

Sem aviso, ambos deram saltos mortais para trás, fazendo as pontas de seus pés passarem perigosamente próximas do queixo um do outro. Aquilo era uma provocação conhecida, e era preciso ser bastante habilidoso para errar um golpe de propósito e não acertá-lo por pouco.

Agora em dupla, a *kaita* ficara mais acirrada. Ziggy ia num sentido, Raazi no contrário. A cada volta que se encontravam, uma perna ou um braço sobrava para tentar interceptar a passagem do oponente, e eles precisavam se safar da melhor maneira que pudessem. A cada desvio acrobático, um grito de arroubo subia como as brasas rodopiantes da fogueira, que aos poucos queimava os minérios coloridos e mostrava línguas de fogo da cor natural, estalando com a luz mais alegre que os Assentamentos haviam visto em mil anos.

Boquiabertos, os espectadores presenciaram incríveis cinco minutos de *kaita* em que ninguém foi ao chão e ninguém deu o braço a torcer. Raazi e Ziggy, em pura sintonia, foram diminuindo os saltos aos poucos, e os dois músicos entenderam a deixa, respeitosos com o espetáculo que a dupla tinha oferecido. Eles deixaram a roda sob aplausos e gritos, dando lugar às crianças empolgadas que começaram a dançar do jeito que sabiam, como seus corpos queriam se expressar. A kaorsh se agachou para dar um abraço suado em Ziggy, que voltou ao seu lugar e pegou o alaúde.

Aelian devolveu o caneco para Raazi quando ela se aproximou, ofegante, mas com uma expressão de satisfação que a deixava bem diferente da guerreira soturna que ele havia encontrado no Anel.

— E você fez tudo isso depois de uns dez canecos — disse o falcoeiro, abismado.

Raazi fez uma cara de “me poupe” antes de tomar um longo gole.

— Eu mal comecei, Aelian Oruz. Mais tarde quer tentar a *kaita*? Pego leve com

você.

O rapaz gargalhou como se aquela fosse a melhor piada da história.

— Só sei pular de uma torre para outra, e olhe lá. Se eu tentar fazer o que vocês fizeram, é capaz de me quebrar todo.

Anna chegou perto dos dois, com a Garota Sinistra logo atrás.

— Você foi maravilhosa. Fiquei com uma imensa vontade de dançar a *kaita* — disse, sorrindo, os olhos refletindo o brilho da fogueira. — Mas sabem como essas coisas são, não sei se conseguiria.

Aelian observou Aparição dos pés à cabeça e deixou um ruído involuntário escapar pelo nariz. Achava divertido Anna demonstrar humildade após ver tudo o que a mulher era capaz de fazer, incluindo lutar com uma espada tão grande.

— Fico contente em ver que a *kaita* não sumiu do coração do povo — disse Raazi, enxugando suor da testa.

— Falando em sumir — falou a Garota Sinistra, terminando de mastigar alguma coisa —, onde está Harun?

— Já faz um tempo que não o vejo — respondeu Aelian, escrutinando a multidão atrás dele.

Raazi fez o mesmo, e só então percebeu como o lugar tinha enchido.

— Vou procurá-lo — disse a Garota Sinistra, se afastando. Então parou e olhou para trás, demorando-se um pouco mais em Aelian. — Vocês vêm ou não?

— Acho que vou pegar mais... *Ai!* — Aelian olhou para a kaorsh, que lhe dera uma cotovelada nas costelas e lhe lançava um olhar significativo. Ele gaguejou e recomeçou: — Digo, vou com você procurar o anão. Já falei para vocês que ele me odeia?

— Ótimo. É melhor nos dividirmos. Assim, aproveito para tirar umas dúvidas sobre a *kaita* com Raazi — falou Anna, ligeira, levando a kaorsh para a direção contrária enquanto a garota acenava para Aelian se apressar. Quando já estavam longe, riu da situação. — Essa celebração está saindo bem melhor do que eu planejei.

— Eu achava que a única coisa que me deixaria feliz seria a vingança — falou Raazi, surpreendendo-se com a aspereza das próprias palavras.

— Entendo, querida. Mas não deixe isso guiar a sua vontade. Sei que ainda é recente, esse sentimento de perda... E posso dizer que não vai passar tão cedo. — A mulher suspirou enquanto se afastavam do povo, entrando num beco sem saída de onde podiam ver toda a movimentação. — Vingança é só uma forma de tentar preencher o vazio com a coisa mais óbvia ao nosso alcance. Em vez disso,

deveríamos tentar compreender por que perdemos algumas coisas para certas pessoas.

— Estamos falando de Una?

— Se você ainda acha que perdeu algo para ela... Na verdade, podemos dizer que toda Untherak levou algo que era seu. Além de Proghon. E a Centípede, que é a maior culpada de todos. Una é apenas uma narrativa usada para dominar quem vive aqui.

Não era a primeira vez que Anna mencionava uma narrativa. No entanto, aquilo não entrava bem na cabeça de Raazi. Talvez Aelian e Harun, que sabiam ler, compreendessem melhor aquela história. Ela estava mais interessada em coisas que haviam ficado sem respostas.

— A Centípede... o que são eles?

Anna se sentou nos degraus tortos na frente de um barraco, os lábios apertados numa linha fina. Raazi foi para o lado dela.

— Gostaria de poder responder a essa pergunta com exatidão, minha cara. Porém, meu conhecimento sobre eles não é grande. Exceto as quatro máximas que tenho em mente por ter observado a Centípede de perto durante o meu tempo no cativeiro.

— E quais seriam?

— Eles nunca falam, nunca comem e nunca bebem. A não ser quando estão perto uns dos outros.

— Você só disse três coisas.

Anna olhou de esguelha para Raazi.

— Eles não sangram.

— Como sabe disso?

— Durante a fuga do Palácio consegui matar um deles. Não derramou uma gota de sangue sequer.

Raazi deu de ombros.

— Pensei que pudessem ser maculados.

— Eles parecem conhecer a Mácula como ninguém. Conduzem os rituais de batismo e sabem quanto tempo cada raça tem que ficar mergulhada no tanque para sofrer a transformação, seja para manter a consciência, como no caso de Sureyya, ou para se tornarem mortos-vivos como os que você enfrentou na Arena. No entanto, os membros da Centípede não são maculados.

Raazi sabia que batizados, mortos ou vivos, ganhavam imunidade à acidez

solvente da Mácula — tanto que os corpos dos gosmentos mutilados e derrotados em batalha em geral eram queimados nos fossos. Ela se imaginou arremessando um dos encapuzados no líquido, apenas para ver o que poderia acontecer...

— Talvez sejam vários homens se revezando debaixo daqueles capuzes, por mil anos — sugeriu Raazi, saindo da sua catarse criativa. — Não seria bem uma surpresa, certo?

Anna sorriu.

— Isso não explicaria por que eles não sangram nem nenhuma das outras coisas que você citou. Além disso, eu tentei dar uma olhada debaixo do capuz do homem que matei.

— E?...

Anna pareceu incomodada. Era a primeira vez que ela não demonstrava estar no domínio de uma situação ou de um assunto, Raazi percebeu.

— Senti o medo mais irracional de toda a vida e recuei. Ele me causou aquilo, mesmo morto... como se fosse um mecanismo de defesa. Pensei muito nisso durante os anos seguintes. Faltava *algo* no rosto dele.

— Achei que eles fossem apenas... sacerdotes velhos. Ou sacerdotisas. Não sei.

— Velhos sim, com certeza! Na minha opinião, a Centípede é a cabeça de Untherak, mantendo o General Proghon na coleira, inventando as lendas e a narrativa. Eles manipulam sangue e genes para fazer com que mulheres nasçam parecidas umas com as outras há um milênio! — Anna fez uma pausa, e Raazi ficou se perguntando o que seriam *genes*. Como estava muito curiosa, decidiu guardar aquela dúvida para depois e deixar Aparição seguir seu fluxo de pensamento. — A ordem obscura deles é tão antiga que deve ter registros de coisas esquecidas de tempos idos, muito antes da farsa de Una, muito antes de sequer nomearem o monte Ahtul. Coisas que precisam continuar escondidas para a nossa sanidade, mas que eles se encarregam de guardar uma amostra.

Raazi tentou pensar naquilo tudo. Gostaria também de perguntar o que era o General Proghon. Contudo, parecia que o álcool enfim estava começando a fazer efeito, e suas conjecturas sobre a Centípede ficaram ilhadas numa parte da mente que ainda não fora tomada pela enchente etílica que subia cada vez mais a cada caneco de cerveja.

Permaneceram em silêncio por um tempo. Anna olhava para o alto, para as estrelas e para a lua. Sob todo o brilho que teimava em aparecer entre as nuvens escuras, a música continuava, alegre. Raazi começava a sentir sono, e estava

adorando aquela sensação de calma.

— Já volto — disse Anna, minutos depois, cravando os olhos num lugar específico da festa. — Surgiu um assunto que precisa da minha atenção imediata.

Raazi a observou caminhar em linha reta através da multidão até algumas pessoas que discutiam de forma exaltada. Um grupo formado por humanos, anões e kaorshs, alguns deles armados, cercava o amigo de Aelian, Tom, que parecia tentar acalmar a todos, acuado. A coisa parecia prestes a descambar para a violência.

Com a postura ereta, Anna tomou partido ao lado de Tom e da esposa dele, que também tinha se aproximado para ver o que estava acontecendo. Logo, uma nova roda parecia cercar aquela cena, tirando o foco dos dançarinos de *kaita* pela primeira vez naquela noite.

Raazi, deixando a embriaguez e o sono de lado, disparou na direção da cena e conseguiu até ouvir um pouco da conversa.

— Tudo que vem para cá tem que passar pela Facção de Raeth, velha — dizia um humano de cabelo desgrenhado e dentes dourados, aparentemente o líder do grupo que causava a confusão, pelo modo como apontava para si mesmo enquanto mencionava a tal facção. Ele tinha uma soqueira de metal enferrujado numa das mãos, e ficava flexionando os dedos ao redor da arma. — Vamos levar metade dessas bebidas, é a nossa taxa!

— E agradeçam por não pedirmos mais, seus ingratos — rosnou um anão com um machado duplo de lâminas negras. Arma batizada, quase com certeza traficada para os Assentamentos com a mãozinha de algum Autoridade ou Único corrupto.

O dono da taverna, com um tom pacifista, falou:

— Pessoal, vamos lá. Isso tudo está sendo distribuído *de graça*! Ninguém está lucrando!

— Então a pessoa que organizou essa coisa toda é muito burra — disse o líder, e seu punhado de seguidores gargalhou. — Agora saia da minha frente ou...

— Ou o quê?

Harun irrompeu no meio da discussão, empurrando os espectadores curiosos para abrir passagem. Seus passos faziam toda a gama de armas de seu cinto tilintar de maneira ameaçadora. Raazi se espremeu pela multidão e tomou o lado dele na hora em que três dos seguidores de Raeth fizeram menção de avançar. No mesmo instante, atrás do grupo que ameaçava Tom, um clique alto fez todos se virarem, e uma seta se cravou aos pés do trio, que congelou. A Garota Sinistra, agora com o capuz pontudo na cabeça e apenas a boca fina à mostra, apontava a besta para a

cabeça do líder.

— Se não se afastarem, a única coisa que vão ganhar hoje é uma gangrena — disse ela, firme. — Caso estejam duvidando, perguntem para a maioria dos Assentamentos o que uma seta de Venoma pode fazer.

Aelian estava do lado dela, segurando um punhal que parecia pequeno demais para uma briga com aqueles sujeitos. Estava confuso, olhando para a tal Garota Sinistra e esquecendo por completo a Facção de Raeth.

— Espera aí, você é Venoma? — perguntou Aelian.

— E você é um lerdo.

— Agora faz todo o sentido, sua boca é igual à dos cartazes de...

— Aelian, agora não.

Eles estavam cercados.

— E quem vocês acham que são? — perguntou o humano cabeludo, com escárnio.

— Quem acham que são para subir até aqui nos Assentamentos e questionar o meu pedágio?

— Meus amigos — disse uma voz aguda, vinda de baixo. Ziggy pedia licença ao mar de pernas que o separava da discussão. Ao longe, a música tinha parado. — Deixa eu explicar: toda essa comida e bebida está sendo distribuída de graça, ou seja, vocês também estão convidados!

O sinfo ficou parado no lugar, com os braços abertos e um sorriso que ameaçava engolir suas orelhas pontudas.

— Ninguém zomba da Facção de Raeth, seu vermezinho! — gritou o líder, partindo para cima de Ziggy e desferindo um soco.

Ou *tentando* desferir um soco.

Anna se moveu como um raio. Aliás, aquela era *Aparição*. Seu lenço se desenrolou um pouco da cabeça com o movimento brusco e, num piscar de olhos, antes que inimigos e aliados pudessem ter alguma reação, Raeth estava no chão, com o braço num ângulo muito estranho e sendo esmagado pela *velha* de quem ele havia zombado.

— Se quiser a nossa bebida, Raeth — disse ela, com calma, mas olhando para os comparsas do homem —, faça como o meu amiguinho sugeriu: beba e coma conosco. Como convidado. Como igual.

— Ou recuse a oferta — rosnou Harun, batendo com o martelo de leve na própria cabeça. — Para mim, tanto melhor. Terei o prazer de ver vocês discordando.

Raazi encarava Anna com curiosidade; era a primeira vez que estava como

espectadora numa situação daquelas. Normalmente, era ela quem mantinha alguém sob a bota, quem precisava ensinar bons modos a sujeitos violentos ou abusivos. Herk Zatoiff era um dos últimos que poderia atestar isso, se não fosse pelo pequeno detalhe que o impedia de ser testemunha de qualquer coisa.

Anna soltou o braço de Raeth, mas permaneceu com o pé no pescoço dele. Os seguidores do homem olhavam nervosos para seu líder, subjugado por sandálias empoeiradas, e também lançavam olhares aterrorizados para Venoma. Assim como Aelian, eles reconheciam dos cartazes o capuz pontudo e sabiam que ela mataria sem pestanejar.

— Já temos muita gente tentando controlar as pessoas de Untherak vindas de lá — disse Anna, apontando para a estátua de Una. — Em vez de tentar ir contra os seus iguais, trate de se voltar contra quem o oprime. Entendeu?

O homem balbuciou qualquer coisa que Anna julgou suficiente. Então, ela tirou o pé de cima dele e ofereceu a mão para que se levantasse. Raazi nunca se imaginaria fazendo aquilo.

— Quer uma caneca de cerveja, Raeth?

Ele a encarou tão incrédulo quanto Raazi e todos os outros em volta, e assentiu de leve. Não dava para saber se estava envergonhado, aterrorizado ou arrependido. De qualquer forma, Anna bateu palmas, animada.

— Tom! Arrume umas canecas para os recém-chegados!

Um burburinho tomou conta do lugar enquanto Venoma abaixava a arma, mas sem tirar os olhos dos homens de Raeth. Agora, eles pareciam divididos, discutindo entre si. Quase metade da facção virou as costas para a festa e retirou-se morro abaixo, sem o líder. O anão com machado batizado partiu. Aelian guardou o punhal, mas Harun não parecia convencido da trégua arranjada diante de si — tanto que, como Raazi observou, permaneceu com o martelo ao alcance da mão pelo restante da noite.

Ziggy voltou a dedilhar o alaúde no instante seguinte, fazendo a celebração — mais cheia que antes — voltar ao normal.

Raazi teve vontade de dar a noite por encerrada. Talvez por causa da alteração com a trupe dos Assentamentos, que a lembrou de que o mundo também era feito de violência e corrupção, e não só de risadas e *kaita* em torno de uma fogueira crepitante. Claro que aquele fora um dia feliz como jamais poderia imaginar diante

dos últimos acontecimentos. Então, quebrando uma promessa pessoal de nunca misturar dois tipos de bebida na mesma noite, pediu para um grupo de adolescentes animados encher seu caneco com o vinho de amoras que eles compartilhavam no gargalo. Beberia sozinha, um brinde a Yanisha.

— Vai no caneco mesmo — murmurou ela, sentando-se numa mureta que já servia de encosto para as primeiras baixas da noite, uma barragem para os derrotados pelo álcool.

A mulher mais próxima dela estava com o rosto enfiado entre as pernas, sentada na terra e na poeira. Raazi logo a esqueceu e olhou para a bebida. Da última vez que tomara vinho, havia sido em taças de latão. Um suspiro involuntário escapou por sua boca antes do gole.

— À morte de Una.

Em geral, aquele era um vinho doce. Não foi. Ficou com vontade de chorar, mas também de se manter firme, mesmo que ninguém a observasse naquele instante.

Ou assim ela pensava.

— Falando sozinha?

Raazi olhou para o lado. A voz veio da mulher sentada, que, no fim das contas, estava acordada. Achou-a familiar, mas demorou longos segundos para se recordar de quem era. Seus olhos acabaram repousando no sinal do lado esquerdo do rosto e no cabelo castanho: era Lahina, a cortesã do Poço dos Desejos. Raazi não sabia se a mulher a reconheceria com o tom de cabelo diferente e com a luz difusa do fogo distante. De qualquer forma, agiu como se não a tivesse reconhecido.

— Apenas me lembrando de algumas coisas.

— Bebendo para lembrar? — perguntou Lahina, rindo, apoiando-se na mureta às suas costas para se levantar e se sentar do mesmo jeito que Raazi. — Estamos bebendo por motivos opostos, então! Se eu acordar sem lembrar o meu nome e onde eu estou... missão cumprida.

Raazi ficou calada. Em alguns momentos, era o melhor a fazer. Muitas vezes, escutar valia mais do que dizer mil palavras de alento.

— Mas tem algumas coisas que não consigo esquecer — falou Lahina depois de um tempo. — Como o que escutei dos Autoridades que foram me visitar hoje. Quer dizer, dos Autoridades que não foram devorados por monstros dos Grandes Pântanos.

Ela encarou Raazi e sorriu com astúcia. Lahina sabia com quem estava falando, o álcool não limitara sua sagacidade. Contudo, prosseguiu como se aquele assunto

tivesse chegado ali sem pretensão alguma.

— Eles estão bem putos com a fuga da kaorsh. Proghon está revirando o Miolo agora mesmo. Pelas Seis Faces, nunca vi os Autoridades tão agitados.

— É compreensível.

— Não é? Bom, ouvi dizer também que eles fecharam os muros do Miolo. Disseram que se não encontrarem a cúmplice do atentado contra a soberana ainda nessa madrugada, vão mandar muitos guardas para os Campos Exteriores em busca de respostas. Incluindo os Assentamentos. Já até colocaram um preço pela cabeça da kaorsh... Trezentos *altin*.

Raazi virou a cabeça devagar. Por dentro, chegava a achar aquilo engraçado.

— Nossa, é muita coisa. Será que vale o esforço?

— Esforço? — Lahina gargalhou.

Raazi observou mais uma vez que ela era de fato belíssima, mesmo sem o filtro que o álcool colocava nos olhos de uma pessoa bêbada.

— Pelos demônios, todo mundo viu o que aconteceu naquela Arena, não seria esforço algum: a mulher mataria qualquer um que tentasse chegar perto dela antes que o pretenso assassino percebesse! Não, obrigada. Seria mais seguro beijar o General Proghon. Reclamo bastante da minha vida, mas ainda não estou pronta para abrir mão dela... Pode me dar um gole disso aí? O que é?

Raazi estendeu o caneco para Lahina, que bebeu quase metade do vinho de amoras.

— Delícia! — exclamou ela, devolvendo e enxugando os lábios com as costas da mão. — Hoje eu me diverti. Já fazia anos que não víamos um gentil desconhecido desafiar as leis para dar um pouco de alegria para um bando de miseráveis.

— Na verdade, acho que isso nunca aconteceu.

— Bem, é uma pena que amanhã a essa hora não teremos resquício algum de tudo isso.

— E você culpa a kaorsh do atentado?

Lahina fez uma careta.

— Eu agradeço a ela por chacoalhar as coisas um pouco. Talvez seja necessário, de tempos em tempos. Pela Fúria, espero que a deusa me perdoe por pensar isso... mas fico grata que tenhamos vivido essa noite na fogueira antes de mergulharmos de cabeça nas dificuldades que estão por vir. Cutucamos um vespeiro, e não dá para sair dessa sem algumas picadas.

Raazi abaixou a cabeça, olhando para o vinho que restava. Guardou aquelas

palavras em algum lugar junto com a saudade que sentia.

Ele descia a rua apressado. A cabeça doía como nunca, e nem tinha bebido tanto assim. Harun estava prestes a contornar o betouro — que ainda dormia tranquilamente no mesmo lugar onde havia sido deixado, agora apenas um pouco mais afastado da porta — e entrar no barraco em que o grupo se encontrara antes, mas precisou se apoiar na parede antes que perdesse o equilíbrio. A tontura e a impressão de que algo em seu crânio era pinçado começava a acontecer com frequência maior...

— Tripas — praguejou, dando um tapa no ar. — Não posso ficar o tempo todo...

— Você está bem?

Harun reconheceu a voz e se calou. Anna se aproximava, tirando o lenço da cabeça e olhando para os lados, certificando-se de que não havia mais ninguém por perto. *Como ela consegue?*, pensou o anão. Acabara de vê-la absorta em conversas longe dali. Foi por isso mesmo que resolveu sair sem se despedir. Ele também tinha os próprios segredos para se locomover com agilidade, levando em consideração todas as passagens secretas que conhecia. Mas Aparição, não. A mulher parecia encontrar atalhos nas sombras e no silêncio. E lá estava ela, fazendo jus à alcunha.

— Estou. Só... bebi um pouco demais e comi de menos. Não tem por que se empanturrar de comida quando se tem um paladar amaldiçoado — disse ele, empertigando-se, os olhos injetados e cansados. — Cheguei a falar para a sua ajudante sorumbática... Digo, cheguei a falar com Venoma, quando a levei para os túneis, que eu preciso estar na Vila A antes do amanhecer. Vão me procurar por lá. E eu preciso pensar numa desculpa para ter sumido na hora da fuga de Raazi.

— E você vai conseguir?

— Tenho alguns quilômetros de túneis e silêncio para isso. Creio que sim.

Ela pousou a mão comprida nas costas de Harun.

— Notei que você às vezes fala sozinho. Tem certeza de que está tudo bem?

Harun a encarou por um tempo.

— É uma mania minha. Piora quando eu bebo.

— Peço desculpas pela indiscrição, de qualquer forma. Sei que você prefere agir sozinho e que não gosta muito de multidões. Mas agradeço bastante por hoje. E por

ter ficado ao meu lado agora há pouco.

— Ora, não foi nada. Eu entendo um pouco sobre facções e milícias, sei como lidar com esses tipos.

Anna assentiu, compreensiva.

— Também vou pedir para Ziggy não faltar aos afazeres dele na colheita. Assim, não levantaremos suspeitas. Apenas Raazi e Aelian vão ficar por aqui. Contudo, gostaria que todos vocês estivessem aqui na parte da noite.

— Eu dou um jeito. É o meu Louvor, fica mais fácil.

Ela assentiu.

— Tenho certeza de que amanhã avançaremos bastante na direção dos nossos objetivos. Seus antepassados teriam orgulho de você, Harun.

Ele passou a mão pela barba, tentando não parecer ansioso, irritado ou debilitado. Fez uma medida para a senhora e entrou no barraco, procurando uma vela para iluminar o longo caminho subterrâneo rumo à sua casa. Desceu pelo alçapão e olhou através do monóculo âmbar para encontrar a linha no teto que o levaria direto até a Vila A, por baixo das barreiras e dos Únicos que guardavam os portões.

Após alguns minutos envolto pelo halo de luz da vela de cera, notou que estava sendo acompanhado por alguém que não fazia ruído algum ao caminhar.

Na verdade, os pés do seu acompanhante nem chegavam a tocar o chão.

— “Seus antepassados teriam orgulho de você.” Quem ela pensa que é? — falou um anão idoso, flutuando na mesma velocidade da marcha vigorosa de Harun.

Ambos eram bem parecidos, com a mesma pele negra e o mesmo cabelo grisalho. A diferença era que o anão mais velho tinha uma cor desbotada translúcida em alguns pontos, além de longas e grossas tranças no cabelo e na barba. Os olhos eram de um azul leitoso que, num primeiro vislumbre, tornava difícil saber se era por causa de catarata ou se simplesmente ele estava morto.

Harun, no entanto, sabia que eram as duas coisas.

— Anna tem me ajudado bastante, meu avô — respondeu, respeitoso, mas já cansado por antecipação. — Descobri várias passagens do sistema de túneis graças a ela.

— Conversa fiada — disse o espectro, cuspiendo por entre os poucos dentes restantes na gengiva lisa. — Se prestasse mais atenção nas falhas e nos relevos das paredes que eu vivo apontando...

— Sim, e aí eu viraria Harun, o Autoridade que, além de falar sozinho, sai tocando

em todas as superfícies por onde passa. Você tem que parar de aparecer quando estou bebendo! Ela quase... pareceu notar. Deve pensar que sou doido.

— Você não é doido, meu neto — disse o velho, indignado. Harun suspirou. Sabia aonde aquilo ia levar. — Eu também não, apesar do que falavam na época. Mas você? Talvez seja um pouco parvo e imprestável, não honra o sangue que corre nas veias... mas doido não é. É um Okodee! Sua mente é forte...

Harun queria ser capaz de bater em fantasmas. Ou em alucinações. Ele não sabia mais com o que estava interagindo. Tinha chegado aos noventa e cinco anos — o que, para os anões, ainda não era a terceira idade — conversando com um antepassado morto havia mais de meio século e não conhecia nenhum precedente de contato com defuntos, dentro ou fora da família. Só podia acreditar que sua promessa no leito de morte do avô fora levada muito a sério — por ambas as partes.

— Prometo, meu avô — disse um jovem Harun, de corte de cabelo agressivo e menos cicatrizes, mas muitas delas ainda frescas na pele.

Ajoelhado ao lado da maca, ele segurava a mão fria de Bantu Okodee, sob a vigília dos Únicos totalmente alheios a qualquer emoção que estivesse acontecendo ali, mas ainda assim atentos. Seu avô o encarava com um olhar intenso, como se enxergasse através da névoa esbranquiçada da doença nos olhos, piscando apenas ao tossir.

— Promete o quê? — ralhou, como se não estivesse morrendo.

— Que vou manter a linhagem dos Okodee...

— E o que mais, seu imprestável? Aliás, que cabelo é esse? Pediu para um sinfo bêbado tosar a sua cabeça?

Harun bufou e fez uma nota mental de que gostaria de morrer antes de ficar ranzinza daquele jeito. E então repetiu pela enésima vez suas diretrizes:

— E que vou continuar a busca pela Última Armadura dos Okodee e por outros vestígios dos nossos ancestrais.

— Acho bom! E, se encontrar, nada de vesti-la só para ficar se olhando no espelho! Ela carrega a força dos Okodee e deve ser usada apenas em batalha, ouviu?

— berrou Bantu, emendando a frase com uma tosse tuberculosa.

Harun se preocupou com os guardas que estavam ali. Aquilo ia claramente contra a castração cultural que Una impusera a Untherak, e se um deles resolvesse dar com a língua nos dentes para um dos Autoridades...

— Pode deixar, meu avô.

— Bom, bom... — sibilou ele com a voz fraca, nem parecendo o idoso explosivo de segundos atrás. — Pode não parecer, mas eu amo você...

Harun sorriu, emocionado.

— ... seu merdinha...

Ele suspirou.

— ... assim como amei o seu pai. Gostaria que ele tivesse levado mais a sério a nossa... — ele voltou a tossir com violência — busca.

Harun ficou de mãos dadas com Bantu, ambas calejadas e ásperas por forjas, cinzéis e servidão. Até que a respiração ruidosa dele cessou, e assim que os guardas perceberam a morte do enfermo, logo vieram separar o anão do ente querido.

— Você já sabe por onde descer — disse o Único, brusco. — Vamos levar o corpo dele para a avaliação da Centípede e lá decidirão se vai para o crematório ou para a Mácula.

— Certo — disse Harun, olhando para os lados e vendo quantas testemunhas havia no local. De um lado, muitos enfermos e feridos no pavilhão, todos mais para lá do que para cá. Do outro, o corpo de seu avô e três guardas munidos de lanças. — Sobre isso... posso conversar com vocês por um instante?

— Não temos tempo. Se tiver alguma objeção ou se for sobre a demência que ele apresentou, fale com um responsável da Padiola.

— Não é isso. Prometo que será bem rápido — disse ele, fechando a porta de madeira e já sacando o martelo do cinto.

Harun não podia correr o risco de ser repreendido por suas tradições familiares.

O fantasma de seu avô tossia, mesmo já sem pulmões. Aquilo só podia significar duas coisas: ou Bantu tossia só para irritá-lo, ou Harun tinha enlouquecido naquele dia, impressionado e pressionado pela promessa feita, criando uma alucinação na forma do avô moribundo — com a diferença de que o espectro do velho sempre usava a armadura da família, como um lembrete para o neto. Harun acreditava na segunda hipótese.

— Você concorda com os planos dessa louca com a fuça de Una?

— Não sei se consigo de fato concordar, meu avô. Mas também não discordo.

— Nem um vigia da Borda fica mais em cima do muro que você — murmurou o fantasma, deslizando ao lado do neto.

— Como falei, ela me mostrou muitos dos caminhos secretos dos túneis e... — Harun parou de falar, olhando para o lado por um instante. — Você sabe como essa coisa agourenta de ficar flutuando me irrita! Não pode pelo menos fingir que precisa caminhar?

Bantu então revirou os olhos cegos e pousou, agora sim dando passos silenciosos.

— Ela não mostrou a você nenhum caminho que eu não tinha citado antes!

— Não é uma competição, meu avô.

— Sim, mas fui eu que mostrei para você a primeira passagem por baixo do poço da Vila A! E as falhas no piso e nas barras da janela na cela do falcoeiro? Foi a soberana velha que mostrou? Hein?

Harun segurou a língua. Ia dizer que havia reparado naquelas coisas com a percepção natural da raça, que encontrava erros e fissuras numa superfície como nenhuma outra em Untherak. Porém, o fantasma de seu avô costumava gritar as dicas ao mesmo tempo em que a habilidade de Harun se mostrava útil, então ele nem conseguia mais dizer o que era palpite do defunto ou o que eram seus sentidos mais mundanos, por assim dizer.

— Não foi — disse, por fim.

Pela Última Armadura Okodee, pensou, estou brigando com um parente morto.

Não era a primeira vez nem seria a última.

Harun viu o feixe de luz azulada entrando pelo teto da passagem mais à frente, naquele trecho esculpido abaixo de estalactites milenares. Gostava de passar por ali perto da meia-noite, quando a luz da lua se refletia no fundo do poço da Vila A. Entrando no lençol de água que lhe batia quase na cintura, atravessou a parte do caminho que passava bem abaixo da abertura, muitos metros acima. Era um trajeto que ele deveria evitar em dias de chuva, pois o nível da água subia e inutilizava a passagem. Porém, havia uma velha corda passando por ganchos presos na parede que já o salvara várias vezes em voltas desesperadas nas cheias do poço.

— *Heh.* — Bantu riu, voltando a flutuar logo atrás de Harun, que chafurdava na água com esforço. — Nessas horas, aposto que gostaria de poder planar como eu e ficar com as meias secas!

— Prefiro continuar vivo e úmido — rosnou o anão de carne e osso. — Já estamos chegando e acho que não preciso lembrar a você para não falar comigo quando eu estiver em casa e no caso de eu encontrar alguém pelo caminho. Você sabe que...

— ... *que eu me desconcentro!* — zombou Bantu, com a língua para fora. — Já sei! Depois eu que sou ranzinza! — Então, ele sumiu numa baforada espectral.

Harun subiu os degraus gastos que o levavam à saída, parando para encostar o ouvido na parede para saber se havia alguma movimentação lá fora. Puxou a alavanca, que moveu as engrenagens silenciosas como só os anões de séculos antes conseguiam produzir, e saiu pela porta que se revelou nos músculos da panturrilha do gigante esculpido bem no centro da Vila A. Ele olhou para trás, para o belo trabalho de perfeição e precisão de seus antepassados: a obra, com cerca de quinze metros de altura, retratava Una decependo a cabeça de um gigante ancestral durante a batalha resultante da Rebelião dos Gigantes, travada no monte Ahtul. Olhou para o rosto de mármore de Una, com uma sensação de que muitas coisas haviam perdido o sentido nas últimas horas. Não que seus antepassados já não odiassem aquela figura de autoridade por todo o sofrimento que ela lhes trouxera, como no caso da construção do monumento no centro do Miolo. Ao longo dos anos em que a estátua fora erigida, o número de anões mortos no processo ultrapassava — em muito — a quantidade de anões em Untherak.

Esgueirou-se pelos pontos cegos das guaritas espalhadas pela Vila, evitando os postes de luz que poderiam lançar sombras incriminadoras num anão ensopado em plena madrugada. Atentou aos conjuntos individuais de moradia, aos jardins com grama cortada e à calmaria do local. Pela própria experiência recente, foi impossível não comparar o lugar com a miséria e a precariedade dos Assentamentos. Se os Autoridades podiam ter uma vila só deles, com certa decência e infraestrutura, por que mais ninguém em Untherak poderia desfrutar daquilo? Por que o Miolo precisava ser tão caótico, cheio de celas, em vez de oferecer horas de sono tranquilizadoras em moradias individuais para todos? Tinha certeza de que servos que descansavam de maneira apropriada trabalhavam melhor.

Por mais que fosse muitas vezes “convocado para fazer hora extra” em seu Louvor, Harun sabia que os pertences e tesouros dele estavam bem seguros num lugar só seu — pelo menos enquanto continuasse sendo Autoridade. Reforçou mentalmente que ele não fazia isso apenas por si mesmo, e que a busca pelos tesouros dos ancestrais poderia continuar mesmo que ele tivesse outro cargo em Untherak. Claro que perderia muitos dos privilégios e acessos que eram essenciais para sua circulação. Contudo, se até um falcoeiro no topo de uma das maiores torres conseguia circular com liberdade por lá...

Evitou pensar no rapaz. Não gostava de lembrar que o açoitara com aquela arma

odiosa. Amaldiçoava Sureyya todos os dias por tê-lo feito ferir alguém com Mácula. Já odiava ter que usar termos como *refugo* para se referir aos humanos; mesmo que abominasse a atitude, ele o fazia apenas para que não questionassem sua lealdade e sua integração com o comportamento padrão dos Autoridades. Enquanto abria a porta de casa, voltou a pensar em seu cargo e no que proporcionava. Não para si mesmo.

— Harun? — Ele escutou a voz do outro lado da sala, ao lado de uma grande vela que iluminava o recinto. Uma anã negra se levantou, sobressaltada, segurando um bebê enrolado em cobertas. A mulher se aproximou para abraçá-lo, com olhos de quem não caía no sono há dias. — Estava com tanto medo de que você não voltasse...

Harun abraçou a esposa. Beijou sua testa e a do bebê, esse sim dormindo como se nada no mundo o preocupasse.

E então lembrou por que era um Autoridade com regalias.



Após quase uma hora sem conseguir pregar os olhos e ainda sentindo a cabeça latejar, Harun decidiu sair da cama e sentar-se na poltrona no canto do cômodo. A vontade era de acender o cachimbo para desanuviar a mente, mas o cheiro dentro de casa poderia acordar Cora, sua esposa, que dormia profundamente apesar de toda a preocupação recente. E a fumaça também não faria bem para o bebê.

Ônix dormia num berço que tinha muito mais história que ele próprio. Era bruto, pesado, feito de um pedaço de tronco de carvalho e com vários adornos discretos; antigos *adinkras*, os símbolos dos anões negros. Harun o havia esculpido para seu primeiro filho, que teria trinta e cinco anos se estivesse vivo.

Gostaria de acender o cachimbo e tomar seu rum mais encorpado, mesmo depois de todo o álcool consumido na festa de Aparição. Lembrar-se da morte do primogênito sempre fazia sua alma — que já não tinha uma estrutura muito firme — ruir mais um pouco. E pensar numa desgraça sempre o fazia pensar em outra, até que um complexo de teias de memórias entre todas as mazelas da vida ficava presente, com a consciência perdida em algum lugar no meio de tudo aquilo.

Harun não acendeu seu cachimbo nem bebeu mais. Porém, munido de uma vela, resolveu descer até o porão que ele mesmo havia construído naquela casa sem pedir autorização de ninguém. A moradia não era exatamente sua, já que as casas da Vila A eram doadas pelo Palácio aos Autoridades, mas seriam tomadas de volta sem

cerimônia se o oficial fosse envolvido em algum escândalo ou cometesse alguma desobediência. Abriu o alçapão camuflado no piso e iluminou o túnel sem saída esculpido na pedra: um compartimento feito para guardar a relíquia de seu avô, quando enfim a encontrasse. O espaço para a Última Armadura dos Okodee já estava reservado. Não se sentia tão sozinho pensando nisso — na verdade, sentia-se mais conectado aos ancestrais daquela forma do que falando com o espectro ranzinza do avô.

Sentou-se no chão frio de seu vazio particular, fixou a vela no chão sobre a própria cera e lá adormeceu, pensando em fantasmas, túneis, complôs, golpes e coisas que eram perdidas em lugares de onde era impossível retornar. Harun mal teria tempo de pensar em quão triste era conseguir pegar no sono apenas pela exaustão, pois já acordaria no caminho para outro problema inevitável.



— Querido! — chamava Cora, ajoelhada ao seu lado.

Harun se levantou rápido, com um ruído rouco saindo da garganta, completamente desorientado ao ver a luz do dia entrando pelo alçapão aberto. A esposa já estava acostumada a encontrá-lo lá embaixo quando dava por sua falta pela manhã.

— Ônix? Ele está bem? — perguntou enquanto se erguia, apoiando-se na parede. A visão dele estava turva, e Cora parecia difusa.

— Sim — respondeu a esposa, tranquilizando-o, mas ainda assim alarmada. — Alguns homens estão procurando por você... Autoridades.

— Você os deixou entrar?

— Claro que não, eles estão à porta... Falei que você estava dormindo e que iria acordá-lo.

Harun começou a subir os degraus, bufando.

— Devo ficar preocupada? — perguntou a esposa. Ela concordava com a busca pelos tesouros dos ancestrais, mas sempre parecia aflita com as atitudes do marido.

— Está tudo bem — mentiu ele, tentando imaginar quem poderia tê-lo visto nos Assentamentos na noite anterior. A tentativa de não ficar em evidência durante a festa havia falhado.

No berço de carvalho, Ônix acordara e chorava alto. Harun teve o ímpeto de ir ver o filho antes de verificar a porta, mas Cora o ultrapassou com passos rápidos.

— Deixe Ônix comigo. Vá.

Harun olhou para o cinto de ferramentas e para o martelo ao lado da porta. Pensou se deveria deixar sua arma ao alcance das mãos, caso a conversa tomasse rumos indesejados e tivesse que defender esposa e filho.

— Convide os malditos para o jejum e mate-os! — sugeriu Bantu, aparecendo entre ele e a porta.

— Agora não, meu avô — respondeu Harun, entredentes, abrindo o trinco da porta.

Apoiado no batente e com um sorriso com o qual já estava familiarizado — para sua infelicidade — estava um Autoridade, com dois soldados rasos aguardando nos degraus atrás dele.

— Desculpe interromper seu sono, caro colega — disse Niahkon, simpático demais para aquela hora da manhã. — Sei que é seu Dia de Louvor, mas tenho algumas perguntas a fazer. Prometo que serei breve.

Passara pela cabeça de Harun a possibilidade de ser investigado por seu sumiço do Palácio logo depois da fuga de Raazi, mas o torpor matinal o fez esquecer aquilo. Porém, não imaginava que Niahkon, que ficava no Poleiro na maior parte do tempo, fosse o Autoridade que faria a auditoria de algo que tivesse se passado no Palácio.

No fundo, Harun sabia que Sureyya tinha o Autoridade kaorsh cada vez mais em alta conta e que o recomendara para a transformação na Mácula — eram da mesma raça e pareciam se entender bem quando o assunto era crueldade. Logo, o anão também imaginava que a Tenente não nutria uma grande estima por ele, sobretudo depois de transferi-lo para o Palácio após a briga com Niahkon. Metade do rosto de Niahkon apresentava uma mancha roxo-esverdeada, hematoma causado pelo próprio Harun, mas aquilo poderia ter sido escondido com facilidade pelas habilidades naturais do outro. *Ele está deixando visível de propósito*, pensou Harun.

— Ele está deixando visível de propósito! Está todo magoadinho por você ter quebrado a cara dele! — Bantu ecoou o pensamento de Harun e foi além.

O anão, levando os dedos às têmporas, fez força para não olhar para o fantasma, tentando se manter impassível diante do outro Autoridade. Sua cabeça começou a latejar de novo.

— Olha, entendo que ultrapassei alguns limites naquele dia — disse Niahkon, de braços cruzados e ainda recostado à parede da varanda de Harun. — Fiquei furioso com o atentado e acho que descarreguei a minha raiva mandando abrir as celas e

soltando o Destrinchador em cima daqueles miseráveis... Sei que você não concordava comigo. Mas também não fiquei feliz com a fuga do falcoeiro.

— Foi por isso que discordei em abrir as celas e soltar a besta lá dentro — respondeu Harun. — Oruz deve ter se escondido em algum canto durante a matança e se passou por um dos seus guardas quando vocês entraram depois.

— Volto a dizer o que disse então: impossível. Nada escapa do meu olhar — sibilou Niahkon, sempre sorrindo.

Harun cruzou os braços.

— Talvez você devesse ter sido transferido para o Palácio, então. Dessa forma, a kaorsh não teria fugido.

— Ah, obrigado por retomar o fio da meada! Bem, ali a coisa parece ter sido bem maior, orquestrada por um grupo. O Aparição estava envolvido. A Tenente tem provas suficientes de que há infiltrados entre os Únicos.

— Nesse ponto, não tenho nada a acrescentar. É com você que Sureyya conversa.

Niahkon deixou o sorriso congelado. A cor na pele do rosto dele apresentou uma oscilação rápida e ondulante antes de o homem se manifestar de novo.

— Por onde você andou o dia inteiro ontem?

— Fiz a conferência das celas nos outros níveis, para ver se algum outro prisioneiro estava sendo resgatado. Você sabe que existem mais celas e calabouços naquela ala que no Poleiro inteiro.

— Hum. Alguém o acompanhou e pode confirmar isso?

— Muita gente pode confirmar, mas só estou há dois dias naquela pocilga e não sei os nomes de quem está dentro das armaduras — falou Harun, com firmeza. — Mas eu estava sozinho durante a verificação. Não preciso de escolta para verificar se as celas se encontram abertas.

— Certo — disse Niahkon, assentindo. — Então, num dos dias mais conturbados no Palácio de Una, você resolveu sair no horário para começar as obrigações do Dia de Louvor e sequer pensou em ficar mais um tempo para ajudar?

— Ajudar em quê? — Harun deu um passo à frente. Niahkon, sem mover um cílio, apenas continuou o encarando. — Para recolher a trilha de corpos que a assassina deixou para trás? Deixe que os recrutas façam isso! Nunca vi você carregando cadáveres por aí. E sou um Autoridade como você.

— Entendo. Peço desculpas. — Niahkon colocou a mão na cintura e olhou para baixo, pensativo, sério pela primeira vez na conversa. — É compreensível que tenha saído no horário. Afinal, você devia estar com saudades da sua simpática esposa, tão

solícita! E do seu filho pequeno. Tão... frágil.

Harun conhecia Niahkon. Sabia que ele não falava nada por acaso e que suas palavras eram cortantes e venenosas. O simples fato de aquela língua ferina ter se referido a Cora e Ônix fez seu sangue ferver e só aumentou sua vontade de pegar o martelo ao lado da porta.

— Estamos conversados, Autoridade Niahkon?

— Claro, claro. Desculpe atrapalhar seu Louvor. Você sabe, só estou cumprindo ordens. — O homem voltou a sorrir, já se virando para os guardas nos degraus. Então, ele deu meia-volta, erguendo o indicador. — Na verdade, tem mais uma coisa... As guaritas da Vila não têm seu registro de entrada. Você saberia me dizer por quê?

Harun demorou alguns segundos para dar uma resposta. Foi tempo suficiente para ver as pupilas de Niahkon se dilatando, como se ele tivesse encontrado algo ali.

— Os guardas das guaritas deveriam prestar mais atenção. É claro que dei entrada, pois estou aqui, como você pode ver.

Niahkon concordou, descendo os degraus e acenando para trás.

— Farei uma observação aos Autoridades competentes. Bom descanso, Harun. Una seja louvada!

O anão fechou a porta com mais força do que o necessário.



Cora abraçou o marido. Ele notou que a esposa estava gelada, trêmula.

— Está tudo bem, querida.

— Mesmo?

— Sim. Não era nada demais.

Ela se afastou do abraço para poder fitar o marido. Harun notou que os olhos dela estavam úmidos.

— Você precisa continuar a sua procura por hoje? Ônix sente a sua falta. Eu percebo isso.

Harun passou as mãos pelo cabelo de Cora.

— E você não sente?

Ela lhe deu um murro na barriga. Aquele era um gesto de carinho entre anões, mas se feito em alguém de outra raça, poderia deixar a pessoa sem ar por alguns minutos.

— Só um pouco.

Harun, que sorria pouco, reservou um daqueles raros momentos para a esposa.

— Preciso sair, mas só de noite. E volto para cá antes de ir para o Palácio.

Cora o abraçou de novo.

— E a sua cabeça?

— Não está mais doendo — mentiu.

— Que bom. Eu me preocupo com você. Seu pai, seu avô...

— Não precisa me lembrar disso.

Foram até o berço do filho e ficaram ali abraçados, em silêncio, os olhos cerrados. Para Harun, a menção ao pai e ao avô era desnecessária, pois aquele era o tipo de coisa que era impossível esquecer: antes de morrer, ambos disseram ver coisas, passaram a falar sozinhos...

Por um momento, Harun temeu abrir os olhos, ver o avô e começar a se perguntar se o que acontecia com ele era um privilégio da ligação familiar entre eles ou apenas a demência atingindo mais um de sua linhagem. Mas então Cora voltou a falar, quase sussurrando:

— Também fiquei preocupada com a fuga daquela maldita infiel e toda a matança na Ala Leste. As esposas de alguns Autoridades andaram dizendo que o tal Aparição fez um massacre por lá — murmurou ela, o rosto afundado no pescoço de Harun. — Pelas Seis Faces da Deusa, essa sua busca me deixa tão aflita. Mas graças a Una você está bem.

Ainda de olhos fechados, Harun deu um suspiro profundo.

Anna ia na frente, carregando a espada imensa na bainha às costas e levando um archote numa das mãos. Aelian vinha logo atrás, conversando com Venoma. Raazi e Ziggy estavam na retaguarda; enquanto ele parecia inventar algo ao dedilhar seu instrumento, solfejando as notas que reorganizava inúmeras vezes, ela parecia se divertir com a conversa da dupla à frente.

— Se acertar o tipo de veneno que eu uso, pago um barril da cerveja que você quiser.

— Agora sim! — falou Aelian, animado, esfregando as mãos. — Se não é de vespa-peluda, do que é? — Ele apontou para as setas de besta dispostas numa tira de couro no antebraço de Venoma, que afastou a mão dele com um tapa.

— Você não iria acreditar.

— Me dá uma pista!

— Você nem tentou direito e já quer uma pista!

Para a kaorsh, estava bem claro que eles haviam se atracado em algum momento da noite anterior. A assassina — e Raazi também fora pega de surpresa com a verdadeira identidade da até então “Garota Sinistra” — não mudara nada de sua expressão corporal, mas Aelian, em geral discreto, andava expansivo e com gestos que não eram seus. Até Bicofino — pousado no ombro do dono e incomodadíssimo como qualquer ave se mostraria debaixo da terra — parecia perceber que o rapaz não estava em seu estado normal. *Devia fazer um bom tempo que ele não se deitava com alguém*, pensou ela, se divertindo.

Naquele momento, estavam debaixo do Balde e haviam combinado com Harun de se encontrarem em certo ponto do túnel. Raazi tentava decorar as passagens, mas era bem difícil, mesmo se orientando pelas linhas do teto.

— Cocatriz?

— Não.

— Shurala?

— Não.

— Basilisco-d’água.

— Não...

— Desisto!

— Tá bom, uma pista — disse Venoma, levantando as mãos. — Eu extraía o veneno de um único animal no Pântano, e agora não posso mais fazer isso por causa do Festival da Morte, e — ela olhou para trás, sorriu para Raazi e completou — por causa dela.

— Você extraía veneno daquela coisa com cauda de escorpião? — perguntou Raazi, parecendo espantada.

— Temos uma vencedora do barril de cerveja — falou Venoma.

— Espera aí, ela não estava jogando!

— Se parar de reclamar, dou um gole a você — disse Raazi, piscando para Venoma.

— Que seja — disse Aelian, coçando o queixo. — Mas como você extraía veneno *daquilo*?

— Eu distraía o bicho dando armas enferrujadas para ele comer enquanto subia numa árvore com tenazes e vidros especiais e colhia o veneno.

— Você faz parecer simples — resmungou Aelian.

À frente, Anna levantou a mão direita, e a fila foi parando aos poucos, em uma bifurcação. Harun vinha por um deles, segurando uma vela e, Raazi pensou ouvir, murmurando algo.

Ziggy perguntou para onde estavam indo, e Anna pediu que todos a acompanhassem mais um pouco, caminhando à frente com Harun e parando diante de uma parede de blocos de pedra cheia de limo. Os dois ficaram apalpando as pedras e discutindo com espanto por alguns minutos, até que algumas se moveram e revelaram uma passagem. Quando a porta se abriu, uma lufada de vento pegou todo mundo de surpresa, inclusive atirando ao chão um grasnante Bicofino.

Um feixe de luz iluminava um tablado elevado sobre alguns blocos de pedra bruta. Em cima da plataforma, engrenagens cor de cobre, alavancas e quatro correntes que se estendiam a perder de vista para o alto, num túnel vertical que parecia não ter fim.

Raazi, boquiaberta, tentava se localizar e parecia não acreditar que estavam naquele lugar.

— Estamos de volta ao Palácio? Por quê?

Harun parecia tão surpreso quanto ela.

— Se o meu senso de direção estiver certo, não estamos no Palácio. — Ele parecia muito mais brando que na noite anterior, e soltou um assovio. — Eu só não sabia que ainda tinha a capacidade de ficar surpreso.

— Não estou entendendo nada — disse Aelian, com um pouco de raiva.
— Nem eu — falou Ziggy, feliz.
— Lá em cima eu explico — disse Anna, com um olhar de cumplicidade para Venoma. Ela subiu no elevador, parando bem debaixo da parte mais forte do feixe de luz, de frente para o grupo. — Vamos?

Apesar do cansaço visível, Harun fazia declarações de amor para as engrenagens a cada volta silenciosa que a corrente dava na roldana do elevador dos seus antepassados. O transporte era mais rápido do que Raazi esperara e, segundo o anão, aguentaria enormes cargas.

Anna informou que o elevador ia até certo ponto e que depois ainda seria necessário pegar velhas escadas ocultas — com degraus feitos em segredo por anões durante a construção do lugar, ou seja, na medida para indivíduos de pernas curtas.

O único tranco que o elevador deu foi na hora de parar, o que fez toda a plataforma chacoalhar de uma maneira ameaçadora. Harun foi o primeiro a desembarcar, passando as mãos pelas paredes do corredor à frente e elogiando cada detalhe que encontrava. Raazi também estava surpresa em ver que uma estrutura clandestina podia ser tão complexa e caprichada. Ficou imaginando os esforços para os construtores conseguirem desviar material das obras e ocultar os planos e as plantas do projeto original do prédio aprovado por Una.

Harun parou na frente de uma porta de pedra de tamanho normal, esculpida de uma única rocha. Havia um símbolo gravado logo acima da aldrava prateada que parecia ter sido polida poucas horas antes.



— Já vi esse símbolo em algum lugar — falou Aelian. — E não faz muito tempo.
— Na fivela do meu cinto — respondeu Venoma, atraindo a atenção de todos para a cintura dela.

— Verdade! — disse o rapaz, demonstrando mais empolgação do que a situação exigia.

Venoma revirou os olhos.

— Então, esse é o esconderijo da procurada Venoma? — perguntou Raazi, percebendo que o símbolo se parecia com sua inicial.

A assassina balançou a cabeça.

— Só encontrei essa fivela no meio das coisas aí dentro. Foi uma coincidência.

Anna se aproximou da porta, colocou a mão em cima do símbolo e esperou por alguns segundos. Quando todos em volta já estavam achando que nada aconteceria, a porta se abriu com um clique, e centenas de candelabros se acenderam ao mesmo tempo do lado de dentro. Aparição foi logo entrando no lugar que se revelava mais a cada ponto de luz que se conflagrava.

— Me desculpem por todo o mistério — falou, abrindo os braços para a direção de seus convidados. — Mas creio que vocês precisavam *ver* este lugar e não *ouvir* sobre ele. Sejam bem-vindos ao Coração da Estátua!

Raazi não sabia para onde olhar primeiro.

De início, parecia um lugar cheio de corredores, mas, na verdade, era a disposição labiríntica das muitas estantes e prateleiras que criava essa impressão. Pergaminhos e livros encadernados em couro — todos sempre bem longe das chamas dos candelabros — eram a maioria dos itens à primeira vista, mas as paredes estavam repletas de armas, escudos, capacetes, cotas de malha e peças de armadura. Harun correu ao ver um escudo redondo com bordas afiadas e um grande símbolo gravado na superfície. O teto era baixo e curvo: parecia ter sido pensado para anões.

— O que é isso? Um arsenal, um depósito...? — perguntou Raazi, vendo Ziggy tirando o pó de uma flauta curta e espirrando após testá-la.

Anna assentiu.

— Um pouco de cada. Será a nossa base de operações para a missão que inutilizará o sistema de Untherak pouco a pouco. Também é um lugar onde histórias jamais contadas permanecem a salvo há mil anos. — Ela apontou para uma imensa coleção de pergaminhos. — Recomendo que vá até a parede do outro lado deste salão.

Raazi passou por um absorto Aelian, que abria um dos livros encadernados, colocando-o sobre uma mesa de pedra e balbuciando as palavras conforme as lia. Harun dava risadas expansivas, gritando “Encontrei!” enquanto passava os dedos pelos machados de anões nas paredes e em suportes próximos às estantes. Venoma permanecia perto da porta, observando a todos de braços cruzados. Ziggy havia parado de espirrar e enfim conseguia tirar música do instrumento. Raazi olhou alarmada, do sinfo para Anna, apontando para cima.

— Ninguém pode nos escutar? Digo, não reverbera para o posto de vigia nos olhos da estátua?

— A acústica é perfeita, o som é isolado de uma maneira que construtores de hoje em dia jamais conseguiriam fazer.

— E de qualquer jeito eu me surpreenderia se houvesse alguém nos olhos da estátua — acrescentou Venoma. — Os vigias só vão lá pra dormir ou usar carvão.

Raazi atravessou o Coração da Estátua a passos lentos e contemplativos. Viu uma imagem de uma mulher humana, esculpida em mármore branco, e pensou que nunca tinha visto uma escultura que não fosse a representação de Una e seus feitos. Viu tapetes de tecelagem kaorsh, pequenos e longos, alguns enrolados e armazenados em prateleiras, outros estendidos no chão. Tinham cores vivas, permeados por ornamentos dourados, prateados e alguns até vermelhos, como se rubis proibidos tivessem sido transformados em fios para se juntar àquelas peças maravilhosas.

Havia mais passagens para outras salas ligadas por corredores estreitos, mas Raazi lutou contra a própria curiosidade para não dispersar sua atenção e conseguir chegar até o outro lado, como Anna lhe havia dito.

Então, ela encontrou.

Além da habilidade com tecelagem, os kaorshs também eram famosos por seu talento com desenho, mas ela nunca tinha visto nada além dos retratos falados de criminosos e fugitivos que se espalhavam nos Assentamentos. Aqueles quadros, porém, eram como cenas congeladas. Memórias capturadas pelos pincéis de alguém e enquadradas em molduras. A primeira pintura que ela viu era de homens de mantos vermelhos, sentados ao redor de uma mesa de pedra redonda, muito parecida com aquela em que Aelian estava naquele momento. Eles eram humanos, carecas, e se debruçavam sobre um pergaminho, segurando penas e parecendo debater algo importante. A perfeição nas expressões, nas rugas, no cabelo...

Outro quadro mostrava um sinfo trocando as cordas de um alaúde com braço mais comprido que o normal. Estava compenetrado, sentado num tronco enquanto o sol brilhava sobre a Muralha da Borda ainda em construção.

Uma mulher sorrindo. Crianças bebendo água. Um senhor e uma senhora kaorsh segurando lanças na frente de uma plantação de centeio.

Raazi via as pinceladas da tinta a óleo e conseguia imaginar os movimentos do pulso de quem tinha feito aquelas imagens.

Só não enxergava melhor pois seus olhos teimavam em se encher de lágrimas.

Harun pegava aquelas armas seculares com o mesmo zelo com que segurava Ônix. Com o temor e a admiração com que havia segurado seu primeiro filho...

— É um belo arsenal — disse Bantu, interrompendo no início a espiral depressiva em que o neto se via ao se lembrar de Malaquite. — Mas ainda não é a Última Armadura Okodee. Procure pelos nossos *adinkras*, vamos!

— Estou procurando — sussurrou o anão, colocando as armas de volta ao lugar. — De qualquer maneira, grande parte destas famílias em algum momento se misturou à nossa.

— Você por acaso quer me ensinar a usar um cinzel também? — perguntou Bantu, irado.

Harun não entendeu.

— O quê...?

— Não, só pode ser! Porque se quer me explicar como as famílias e os clãs de anões se misturaram, talvez também queira me explicar como se esculpe um bloco de granito!

Bantu continuou praguejando, impedindo o neto de escutar as reações dos companheiros vivos espalhados pelo Coração da Estátua. Ignorou o fantasma furioso resmungando ao seu lado enquanto continuava andando, procurando por algum padrão ou símbolo que remetesse aos *adinkras* dos Okodee.

Então, no meio de vasos e um sem-número de ferragens empilhadas, viu um reservatório quadrado, praticamente do seu tamanho, talhado com técnicas ancestrais — antigas até mesmo para Bantu.

Notando a grossa camada de poeira, Harun passou a abrir as fivelas e os pinos de segurança da caixa; foi quando se deu conta de que se abriam para fora.

Bantu se calou assim que as portas se abriram, mas Harun não o escutaria mesmo se o velho continuasse falando.

Absorto, o anão tocou o conteúdo da caixa, a ponta dos dedos calejados percorrendo o peitoral de metal e os *adinkras* gravados nele — os mesmos signos que também estavam no berço de seu filho. O elmo. O escudo. A cota de malha feita de anéis escuros... Harun se sentia conectado a tudo que havia caminhado antes dele sobre a terra, como se escutasse cada passo dado por seus ancestrais, ao mesmo tempo, junto com as batidas do coração.

— Encontrei! Pelos nove clãs e pela simetria ancestral, eu encontrei!

A Última Armadura dos Okodee.

Aelian queria ler tudo o que encontrava à sua frente, mas, ao mesmo tempo, não conseguia prestar atenção em nada, tamanha a empolgação de poder deitar os olhos em tantos manuscritos sem precisar fazer isso às escondidas.

O texto que ele tinha em mãos naquele momento falava sobre outras terras, outros povos. Falava de cidades que eram banhadas pelo mar e outras cercadas de água, de montanhas nevadas que jamais perdiam o manto branco em suas encostas, de povos que dormiam em barcos e quase nunca colocavam os pés em terra firme, a não ser para pilhar e saquear.

— Eu queria saber ler — disse Ziggy, sentando-se ao lado do rapaz e arrancando-o daqueles mundos fantásticos.

Ele girava uma flauta fina entre os dedos, enquanto a outra mão esfregava o dedo indicador numa das letras do pergaminho amarelado. Aelian puxou o papel para si com cuidado, procurando ser educado.

— Bem, posso tentar ensinar. Em troca, você me ensina a tocar uma música com a flauta. O que acha?

— Conheço algumas melodias que até uma lesma conseguiria aprender.

Aelian arregalou os olhos.

— Certo...

— E o que está escrito aí?

— Hum. Pelo pouco que li, fala de outras cidades... em tempos antigos — disse Aelian, confuso. — Ou talvez nem tão antigos assim. Anna mencionou que passou por lugares inimagináveis... Fico me perguntando quantas coisas Una escondeu de nós.

Ele fez um resumo para o sinfo de tudo que lera sobre as terras além de Untherak e o pouco que havia absorvido daquele turbilhão de informações. Ziggy pareceu pensativo. Aelian estava quase retornando à sua leitura quando o pequeno disse:

— Sabe, nós, sinfos, temos a terra Raiz.

— O Segundo Bosque, você quer dizer?

— Não, não. — Ele cruzou as pernas na cadeira onde estava sentado. — O Segundo Bosque é onde nos deram permissão para ficar. Mas existe um lugar onde podemos viver para sempre, criar raízes. Não o *para sempre* falso de Una — falou, com um gesto displicente de mão.

— Um para sempre de verdade? Imortalidade?

— Até melhor. Porque viver eternamente no mesmo corpo deve ser horrível. Sem

ofensas. — Ziggy deu de ombros. — Mas nós temos os nossos ciclos. Nascemos de uma árvore. Secamos. Vamos para a terra. Nossa carne é tragada por ela, e assim damos origem a outra árvore, que dará origem a outro sinfo — ele girava um dedo indicador ao redor do outro — e, no fim das contas, somos sempre nós, voltando e voltando... ora árvore, ora sinfo. Sempre conectados.

— Deve ser bem triste quando Una toma alguma parte do bosque de vocês e arranca uma árvore.

— É, sim. Nós nos sentimos como se estivéssemos sendo expulsos do nosso próprio ciclo. A árvore que nos deu a vida, que nos forneceu a madeira para o nosso primeiro instrumento... queimada ou derrubada a golpes de machado. — Ao dizer aquilo, Ziggy pareceu murchar de tristeza. Aelian queria mudar de assunto, para um que não deixasse o pequeno tão abatido. Porém, antes que dissesse qualquer coisa, o rosto do sinfo foi se iluminando aos poucos. — Em Raiz, isso não aconteceria. Sabemos que um dia vamos encontrá-la e começar de novo. Nada interromperia o ciclo. Campos verdes cem, duzentos, mil vezes maiores que o bosque onde ficamos confinados aqui, dentro de muros... Frutas frescas o tempo inteiro! Água sempre limpa, como deveria ser! Não esse líquido com gosto de fuligem de Untherak!

— Parece bom. Gostaria de acreditar na sua terra também.

— *Nossa* terra! Sua raça é bem-vinda lá, mesmo com esses pelos debaixo dos braços que vocês têm.

Ziggy levou a flauta à boca e soprou algo que parecia um trinar de pássaro. Bicofino, da quina da prateleira onde repousava, respondeu à melodia com um grasnar irritado.

— Acho que ele quer ir lá para fora — disse Aelian, chamando-o até seu pulso. O falcão planou até a mesa de pedra com suavidade. O lugar não tinha nenhuma janela ou abertura para que ele liberasse Bicofino para dar uma voltinha noturna. E, de qualquer forma, não arriscaria que um guarda visse um falcão saindo da estátua de Una. — Ele fica inquieto em lugares fechados e apertados... e eu também.

— Sei uma melodia que pode acalmá-lo — falou Ziggy, soprando algo mais grave, que se parecia com um pio trêmulo de coruja.

Bicofino coçou com o bico a parte de baixo de uma das asas, e então pareceu ir se acalmando, fechando os olhos. Aelian riu, impressionado.

— Ele dormiu bem rápido! E é difícil vê-lo assim, com os dois olhos fechados.

— É, esse tipo de falcão pode dormir com um olho aberto. Sempre alerta — disse o sinfo, fazendo carinho em Bicofino, que não mexeu uma pena sequer. — Sabia que

eles conseguem até dormir voando?

— É mesmo?

— Sim!

— Você parece conhecer mais do meu bicho que eu mesmo. — Aelian estava impressionado.

— Mesmo durante a minha servidão, tenho mais contato com animais e plantas que você, isolado numa torre. Mas não seja por isso. — Ziggy lhe estendeu a flauta. — Vou ensinar a melodia que uso para chamar o Thrul. Aí ficamos quites!

— Não sei. — Aelian hesitou, encarando o instrumento como se ele fosse algo perigoso. — Ele vai chegar correndo daquele jeito, pateando o chão?

— Naquele dia, o Thrul estava assustado. Em geral, ele é mais dócil... Vai, coloca esse dedo nesse buraco. Esse outro abaixa, não precisa ficar com ele levantado. Não, abaixa esse também!

— Acho que não levo jeito para isso.

— Você aprende fácil, são só três notas... Deixa a boca mais relaxada e assopra de leve... Caramba, foi horrível. Parece que você está reproduzindo o som da alegria e da esperança de se afogar na Mácula!

Apesar do começo desastroso, Aelian levou apenas dez minutos para conseguir tocar a melodia de Thrul. Ainda estava um pouco mecânica, sem a leveza que os sinfos conseguiam dar às notas, mas sem dúvida era uma melodia. Ziggy correu até os instrumentos antigos e voltou com uma espécie de flauta mais grossa, com um bocal parecido com o de uma flor. O instrumento fazia um som mais potente que a flauta nas mãos de Aelian, mas não menos delicado. Humano e sinfo tocaram a mesma melodia, sendo que Ziggy improvisava outras escalas enquanto o ex-falcoeiro mantinha a base de três notas. Venoma se aproximou da mesa para ver o espetáculo instantâneo que havia se formado, e depois Anna e Raazi. Harun continuava longe, cada vez mais maravilhado com as peças que ia descobrindo.

— Muito bem, Aelian! Você tem talento!

— ... Ah, depois eu é que sou mentiroso.

— Estou falando sério! — Ziggy sorria, repousando o instrumento. — Bom, seu nome já é bem musical. *Aelian Oruz*. A-E-I-O-U. Todas as vogais no nome, na ordem... só esse segundo A que estraga! Aposto que isso ajudou você a aprender a ler, não?

— Muito sagaz, pequeno — disse Anna, apoiando-se na mesa. — Você vai adorar saber que um dos povos que me acolheu durante minha caminhada pela

Degradação tinha a capacidade de armazenar melodias em pequenas caixas.

O sinfo ficou boquiaberto, imaginando como funcionaria aquele mecanismo. Anna aproveitou para se aproximar um pouco mais de Aelian.

— São belos relatos, não?

— Incríveis — concordou ele. — E o melhor de tudo: não são sobre Una. Imagino que por isso tenham sido banidos.

— Na verdade, a Centípede ordenou que esses registros fossem queimados. Acredito que os encarregados de destruir essas coisas já tinham conhecimento do Coração da Estátua. — Anna apontou para alguns barris próximos ao arco que levava a outro salão. Eram cerca de uma dezena deles, manchados de vermelho por fora. — Toda aquela tinta também deveria ter sido destruída e veio parar aqui.

— Aquilo é tinta?

— Onde mais você acha que eu conseguiria pigmento da cor proibida?

— Ela não secou nesse tempo todo?

— Foram feitas a partir de uma fórmula kaorsh que foi perdida no tempo — disse Raazi. — Dificilmente descasca, e permanece como nova se armazenada dentro de barris da madeira certa. É chamada de *tinta eterna*, apesar de ninguém mais ter ideia de como fazer um corante durar tanto tempo. — A mulher se levantou para analisar os barris mais de perto. — No máximo, sei fazer com que a tinta não seque por algumas décadas...

— Bem, se não me engano, existem alguns registros sobre tinta eterna naquela prateleira — disse Anna, se levantando. — Já que você e Aelian não precisam voltar para os seus dias de servidão, ambos terão um bom tempo para ler os documentos juntos. Mas agora — ela apontou para o outro salão, além dos barris de tinta —, tenho outras coisas que gostaria de mostrar a vocês.

Raazi e Ziggy acompanharam Anna, mas a kaorsh olhou para trás ao perceber que Aelian continuava sentado.

— Você não vem?

— Quero ler mais um pouco, se não se importam.

Raazi aquiesceu. Anna chamou por Harun — que devia estar absorto na seção onde se encontravam os artefatos de anões —, e assim Aelian foi deixado em silêncio, os cotovelos apoiados na pedra fria.

Aelian voltou a atenção ao pergaminho, mas, após cerca de quinze linhas, percebeu que não havia absorvido nada do que lera. Os olhos correram o texto de trás para a frente, procurando onde tinha perdido o fio da meada, quando percebeu

que não estava daquele jeito por causa da leitura.

Era por causa dos barris de tinta vermelha.

Seus olhos eram atraídos de volta para eles, não importava o quanto tentasse se concentrar nos relatos. *Se tinham a tinta, onde está o que foi escrito com ela?*

Aelian foi até a prateleira, procurando pelos pergaminhos escritos na cor proibida. As cicatrizes em suas costas formigavam.

Anna precisou chamar Harun três vezes antes que ele a escutasse. O anão falava consigo mesmo, bastante eufórico com todas as descobertas sobre seus antepassados. Apenas quando soube que havia uma peça anã nos salões seguintes é que foi atrás do grupo.

— Peço desculpas pela bagunça lá atrás, muitas coisas estão abarrotadas de qualquer jeito — falou Anna, tomando a frente e entrando num salão menor que o anterior, mas sem mobília ou coisas estocadas. Tinha o pé-direito um pouco mais alto e era bem iluminado pelo conjunto de castiçais que se acendiam com a abertura da porta. Algumas armas estavam dispostas nas paredes e o piso era liso, refletindo o brilho do fogo. — Reorganizei muitas coisas desde que descobri essa sala. Separei livros e pergaminhos por assunto e época. E limpei e esvaziei esse salão para que servisse como um espaço de treino.

— Treino? De quê? — perguntou Harun, com certa acidez na voz.

Ele parecia ansioso por voltar a escarafunchar as antiguidades de seus antepassados, como se todo o restante do Coração da Estátua fosse uma perda de tempo. Anna assentiu.

— Luta. De mãos livres, com armas, prática de tiro ao alvo...

— Eu não acho que preciso *aprender* a lutar — falou o anão, taxativo.

— Vocês devem aprender a lutar uns com os outros para que possam saber o que são capazes de fazer juntos e individualmente. Precisam ser temidos, precisam *ser* todos Aparição. Transformar o boato das ruas no terror do Palácio, até que eles tropecem nas próprias mentiras — respondeu Anna sem se abalar, arrumando dois bastões de madeira nos suportes da parede. — E, para isso, conhecer as limitações de quem está cuidando da sua retaguarda pode ser a diferença entre ver um filho crescer ou ver uma lança atravessando o peito dele.

Harun apertou os lábios, e Raazi se pôs a imaginar se Anna tinha dado aqueles exemplos de propósito.

— Vocês também vão poder dormir nesse salão — continuou Anna. — Venoma e eu trouxemos mantas.

— E aquele outro? — perguntou Ziggy, apontando para o cômodo após a próxima

passagem.

— Eu o deixei por último — disse ela, sorrindo e chamando-os com um gesto de cabeça. — Não liguem para o cheiro de álcool. Trouxe todos os destilados para cá. Decidi usar este lugar como uma sala de estratégia, já que seria impossível mover essa peça para qualquer outro lugar.

A peça à qual ela se referia ocupava metade do recinto, que era menor que os anteriores, mas que poderia abrigar cerca de cinquenta pessoas se estivesse vazio. Lá se encontrava uma espécie de miniatura de Untherak, bastante precisa, montada sobre uma plataforma de pedra elevada a cerca de um metro do chão. Raazi e Ziggy se aproximaram da beirada, sem conseguir dizer nada. Era incrível ter à frente uma visão de como era Untherak mil anos antes. E o mais assustador era que não tinha mudado muito.

Monocromática, toda feita em granito acinzentado, a imagem mostrava em detalhes precisos o Poleiro, o Palácio e as Muralhas, tanto a do Miolo quanto a dos Campos Exteriores. A estátua de Una se elevava no meio da maquete, e pela primeira vez Raazi pôde comparar o rosto de Anna com um dos da soberana, lado a lado.

Harun, porém, não reagiu com o mesmo arroubo silencioso.

— É a coisa mais... mais... — balbuciava ele, de olhos arregalados, enquanto se aproximava com tanta cautela da Untherak em miniatura que parecia que ela era feita de areia e poderia desmoronar a qualquer instante. — Isso é melhor que qualquer coisa que eu pudesse encontrar...

Raazi não entendeu e olhou para Venoma, que fez um gesto rápido com o indicador, apontando para Harun.

— Coisa de anão.

Claro, pensou ela, entendendo enfim. *Os antepassados dele*. Ou os anões tinham planejado Untherak, ou aquilo era uma espécie de cópia para estudo em caso de revolta ou tentativa de rebelião.

— Imaginei que você fosse gostar — disse Anna para Harun.

O anão nem sequer piscava, olhando para a peça.

— Vocês não fazem ideia do que isso significa — falou Harun, levando as mãos ao cinto e tirando uma estaca de ferro e seu martelo.

Ziggy demorou a entender o que ele estava fazendo, até que Harun apoiou a ponta do instrumento sobre a réplica da torre de vigia de um dos portões dos Campos Exteriores.

Raazi e Venoma, que tinham mais presença de espírito, se adiantaram para segurar o braço do anão que erguia o martelo. No entanto, ele era mais forte que as duas juntas, e, por fim, golpeou a torre em miniatura, que rachou ao meio.

— Por que você fez isso? — gritou Raazi, inconformada, levando as mãos à cabeça. Qual era o propósito de ficar com os olhos brilhando por encontrar uma relíquia de sua raça e depois destruí-la?

Venoma se afastou, olhando para o buraco aberto na réplica enquanto uma cascata de areia se derramava no chão.

— Pensei que isso significasse muito para você — disse Ziggy, sem parecer nervoso ou assustado, apenas intrigado.

Anna observava um pouco atrás, de braços cruzados, demonstrando ainda menos emoção.

— Se significa muito para mim? — perguntou Harun, largando o martelo e a estaca sobre a maquete. Ele apagou as velas do castiçal mais próximo com a ponta dos dedos, uma a uma, e depois se abaixou no local em que a areia se amontoava. — Não, miúdo. Isso vai além de mim ou da minha raça. — O homem se levantou, segurando na palma da mão um punhado do que Ziggy tinha pensado ser areia.

No entanto, aquele pó dourado não era areia comum.

— Pólvora de ouro, meus amigos — anunciou o anão com um sorriso que parecia mais de loucura que de alegria. — Significa muito para nós.

— Essa Untherakzinha está cheia de pó explosivo?

A voz de Ziggy ecoou pelo salão enquanto Anna entregava ao anão um recipiente para que guardasse a pólvora derramada.

— Muito mais concentrado que pólvora comum. Foi isso que permitiu que a maior parte do Palácio fosse moldada na pedra — respondeu Harun. — Existem histórias de anões que abriam túneis em montanhas com pólvora de ouro. Sempre foi de produção, armazenamento e manuseio difícil... Uma tradição que não continuou pois nossa raça não gosta de ter partes do corpo incineradas e explodidas.

— Acho que não quero mais dormir aqui — sussurrou Ziggy.

— Não pensei que ainda fosse capaz de me surpreender com o Coração da Estátua — falou Anna, caminhando ao redor do salão e apagando o restante das velas, deixando apenas a mais próxima do arco de entrada acesa e mergulhando o lugar numa penumbra agradável. Em seguida, parou ao lado de uma pequena adega

empoeirada. — Ah, sim. Aqui também temos destilados envelhecidos e maturados por mil anos, então sugiro ter cuidado com essas garrafas.

Harun parou de recolher a pólvora e olhou para a adega com os olhos brilhando.

— Espera — disse Venoma. — Você vai beber isso? Tem mil anos! Eu estava pensando em usar como veneno nas minhas setas!

— Mas esse achado merece uma comemoração! — bradou Harun, se adiantando até a adega, tirando a rolha de uma das garrafas com dificuldade e cheirando o gargalo. — Hum... envelhecido por mil anos! Quantas pessoas já tiveram esse privilégio?

— Não sei, porque quem bebeu não ficou vivo para contar? — zombou Venoma.

— Eu vou tomar o primeiro gole e mostrar para vocês que não tem perigo.

— Adoraria acompanhá-los — disse Anna, olhando para a réplica do Unificado. Harun notou que ela encarava o Palácio. — Mas preciso fazer algo ainda hoje.

— Vou pegar a minha besta — falou Venoma, se adiantando, mas Anna apoiou uma das mãos no ombro da jovem.

— Não será necessário.

— Tem certeza? — perguntou a outra, franzindo as sobrancelhas.

— Absoluta. Aproveite para se divertir um pouco hoje.

— Eu já me diverti bastante ontem, posso matar alguém hoje.

Anna riu e foi se afastando.

— Não se esqueça de mostrar para eles a outra saída do Coração da Estátua.

— Não quer nem um golinho? — gritou Harun para as costas de Aparição, emendando a pergunta com uma gargalhada.

Ela apenas acenou antes de sair do salão.

— Bem, eu vou aceitar — disse Raazi, aproximando-se das garrafas e fazendo uma careta ao cheirar aquela que o Autoridade abrira.

Ao lado de Raazi, de braços cruzados, estava Bantu Okodee, observando o neto e não podendo ser observado por mais ninguém. Harun pensou em Ônix e Cora e pensou que, em vez de ficar bebendo, deveria voltar para a Vila A para passar as últimas horas do Louvor ao lado de seus entes queridos vivos. O sorriso do anão se desfez, mas um apareceu no rosto do fantasma.

— Você encontrou muito mais que uma relíquia dos nossos antepassados. Honrou o nome dos Okodee e a pele dos nossos antepassados — disse o avô, parecendo orgulhoso. — Aproveite a noite, meu neto.

Harun abaixou a cabeça e fechou os olhos.

— Obrigado, meu avô.

— O que você falou? — perguntou Raazi. — Avô?

Harun gaguejou. Seus olhos fugiram para onde Bantu estava, mas o espectro havia sumido.

— Só me passe a garrafa.

Aelian nunca tinha visto uma caligrafia tão bonita e floreada. Ele sabia que sua letra era um garrancho mais enrolado que os arbustos espinhosos que floresciam nos Grandes Pântanos, mas também sabia que aquilo era mais do que esperado para alguém que praticamente aprendeu a ler e a escrever sozinho.

Todos os registros estavam marcados com o ano de sua escrita — ano 14 da Era dos Filhos da Degradação, ano 42 da Era dos Filhos da Degradação e assim por diante —, mas poucos estavam em bom estado de conservação, diversos estavam rasgados. Alguns eram apenas fragmentos soltos. Era difícil assimilar os textos pegando-os pela metade ou apenas excertos, mas dava para perceber que eram... pessoais. Diferentes dos relatos frios que pontuavam os feitos da soberana, de maneira concisa e direta. Aelian bateu os olhos numa linha que falava sobre dezenas de mortos na queda de um andaime durante uma obra de manutenção da estátua de Una. Na mesma hora, o rapaz se lembrou de Jaenni e sentiu a angústia que experimentava sempre que pensava no pequeno. Aqueles textos em tinta vermelha eram repletos disso, como se alguém quisesse se livrar da sensação de imaginar a dor alheia colocando-as no papel.

Talvez escrever sobre os meus sentimentos tivesse me ajudado a não me sentir tão mal, pensou.

O rapaz sentia um sono estranho debruçado naquelas histórias. As cicatrizes escuras em suas costas latejavam, mas, em vez de incomodá-lo, pareciam apenas empurrá-lo para um estado menos alerta a cada pulsar.

Bocejou, lacrimejou, viu as linhas vermelhas duplicarem através de olhos marejados. Observou números entrando e saindo de foco, mas o documento parecia ser do ano 215 da Era dos Filhos da Degradação. E então — sem saber se o texto era tão bem escrito que o fazia ver coisas ou se era apenas sua imaginação dividida entre uma sala na penumbra e o mundo dos sonhos —, após uma piscada prolongada, Aelian se viu num recinto diferente.

E, ao mesmo tempo, familiar.



Virou-se aos poucos, tentando descobrir de onde se lembrava daquele lugar. Achou a resposta em poucos segundos. Havia mais velas e archotes, e nenhuma kaorsh ou sinfo torturados, mas com certeza era a sala que tinha espiado na passagem secreta no dia anterior. A cena estava mais clara, e diversas pessoas se debruçavam sobre livros e pergaminhos com penas nas mãos. Elas usavam túnicas vermelhas e pareciam bastante concentradas no que faziam. *Houve um tempo em que o vermelho foi permitido em Untherak, então*, constatou Aelian. Ao pensar nisso, sua concentração e, por consequência, a imagem em volta começaram a desvanecer. Ele percebeu que quanto mais deixava de pensar em si, mais fácil visualizava aquela... lembrança?

Todos os homens e todas as mulheres de túnica vermelha pareciam humanos, de várias etnias. Cada um estava sentado a uma mesa, dispostas lado a lado e divididas em duas fileiras por um corredor. A Centípede desfilava por aquele caminho, devagar, as mãos escondidas nas mangas das vestes, os rostos ocultos, os mesmos mantos cinzentos. A procissão parava numa mesa ou em outra, o Cabeça se inclinava sobre os manuscritos dos escribas. Contudo, ele não os lia. Era mais como se estivesse farejando o papel... Não. As letras! Eles podiam ler com o olfato ou algo assim, Aelian percebeu.

A cena começou a se esvanecer de novo, e o rapaz tentou se esquecer de si mesmo. O lugar se tornou um borrão, mas antes de se desfazer por completo Aelian conseguiu ver que os tornozelos de todos os que vestiam túnicas vermelhas estavam acorrentados e presos às mesas.

O cenário mudou. Mais luz, menos espaço: a Sala do Trono.

A Centípede estava lá também, como uma cortina cinzenta nos fundos da sala. Una, ativa, olhava para baixo, onde dois escribas se ajoelharam, e, em seguida, foram conduzidos por Únicos até duas mesas colocadas diante de uma grande piscina retangular de água quente. Suas penas estavam dispostas ao lado de pergaminhos negros e dois vidros de tinta dourada. Um dos escribas era um idoso negro, e sua pena trabalhava com rapidez conforme a soberana ditava um decreto qualquer sobre algum assunto oficial que devia ter sido esquecido em alguma prateleira da biblioteca do Palácio. O outro escriba era mais jovem. Seu rosto era anguloso e tinha uma marca brilhante de queimadura antiga por todo o lado direito. Suas mãos fortes, que também exibiam o inegável toque do fogo, de tão feridas pareciam embrutecidas demais para um ofício delicado como a caligrafia.

Ele nada escrevia.

Seus olhos cinzentos eram só para Una. Perdendo-se nas dobras do manto luxuoso da deusa, bebendo cada sílaba que escapava dos lábios pintados com a habitual palidez proposital. O homem era um devoto, a ponto de não conseguir realizar seu ofício com a personificação de suas preces e seus desejos sentada à frente dele.

Porém, um escriba precisava escrever.

O açoite estalou nas costas do homem, rasgando o manto vermelho e fazendo um filete de sangue correr por suas costas. Sem reclamar, ele deixou a pena cair de cima da mesa, e um segundo golpe veio enquanto ele se abaixava para pegá-la. Una interrompeu o que ditava por um instante, até que o escriba se recompusesse — não que ela precisasse fazer isso. No entanto, a soberana parecia curiosa sobre o que havia feito o sujeito se perder em pensamentos. Enquanto isso, o escriba mais velho nem sequer levantou os olhos durante a pausa, a pena aguardando milímetros acima do último floreio dourado no pergaminho.

A cena mudou para uma tarde ensolarada numa grande sacada. A Tribuna de Honra, mas ainda sem ter vista para a Arena de Obsidiana. Os escribas aproveitavam o sol a pino depois de dias trancafiados nas profundezas. Suas famílias aproveitavam o Louvor ao lado dos esposos. Os dois escribas da visão estavam em meio aos outros. Daquela vez, ninguém estava preso com correntes nos tornozelos. O homem marcado pelo fogo — com as costas enfaixadas por baixo da túnica devido ao castigo que sofrera recentemente — brincava com o filho modelando um bloco de argila, próximo a um grupo de quatro escribas que não tinham visita da família. Estes passavam o tempo escrevendo.

Com tinta vermelha.

Mostravam o que tinham escrito uns para os outros. Sugeriam rimas melhores. O Homem Marcado sabia que eles não estavam escrevendo sobre Una. E ainda por cima usavam uma tinta que não era aprovada para uso oficial. Vermelha, como suas túnicas.

Seu filho, sem perceber a repreensão nos olhos do pai, puxou a barra da roupa dele para mostrar a criatura que havia modelado no barro. O homem o parabenizou, distraído, enquanto ouvia o que seus colegas liam em voz alta.

Falavam sobre maus-tratos. Sobre como sentiam falta da luz do sol nos outros seis dias da semana. Sobre como eles, escribas sem família, sentiam-se regozijados apenas por presenciar a alegria do reencontro semanal entre pais, mães e filhos.

Diziam que Una exagerava nas descrições de seus feitos, que exigia que os

registros corrigissem falhas de administração dela e dos soldados, para que tudo parecesse perfeito.

Comentavam também sobre as diversas experiências que a Centípede realizava em anões, sinfos e kaorshs — nunca em humanos, que eram fracos demais e por isso morriam antes mesmo que algo digno de nota fosse descoberto — e sobre como os escribas eram obrigados a anotar os progressos em busca de alguma coisa que pudesse aprisionar alma e mente de um indivíduo, como se servidão e medo não fossem suficientes.

Descrever crânios serrados, membros amputados e órgãos vasculhados por tenazes era reviver todos os gritos de dor e agonia que vinham dos túneis do subsolo. Por que uma deusa permitia aquilo?

Os homens escreviam sobre a imperfeição de Una, e o Homem Marcado mal conseguia disfarçar a vontade de repreendê-los por aquelas alegações absurdas. Ela era a deusa unificada. Jamais falhava, nem mesmo quando permitia que alguém se machucasse, pois sabia o que era melhor para seus servos.

Seu filho o chamou em vão. Havia feito um braço a mais no homúnculo de barro, e o pai o parabenizou sem nem ao menos dispensar um olhar para a peça envolta naquelas mãos pequenas.

A cena mudou mais uma vez para o subterrâneo. Os escribas trabalhavam em seus pergaminhos amarelados e pretos. A Centípede entrou no recinto, atraindo o olhar dos homens e das mulheres de túnica vermelha, mas sem avançar pelo corredor central entre as duas fileiras de mesas. Dezenas de Únicos invadiram o lugar de maneira caótica, derrubando papéis e penas e arrastando os escribas com truculência, desferindo golpes e gritando palavras de ordem. Apenas um escriba não sofreu o mesmo tratamento.

Incólume e conduzido pelos guardas de maneira pacífica, o Homem Marcado observou seus parceiros de ofício serem levados até a Sala do Trono. Subiram escadas e passaram pelo saguão, onde o filho dele brincava com outras crianças. O garoto parou na mesma hora ao ver o pai sendo conduzido por tantos soldados e o chamou com uma voz aguda e desconfiada que ecoou no salão. O homem fez sinal para que ele ficasse longe da escolta, dando o melhor sorriso tranquilizador que conseguiu. Mentindo para uma criança — a criança *dele*.

Una estava de pé, olhando para os escribas ajoelhados diante do trono. Um deles chorava e recebeu um chute de uma botina de ferro bem no rosto. O Homem Marcado chegou por último e, por ordem do líder da guarda, permaneceu perto da

porta. Outro grupo de soldados chegou, à frente da Centípede, trazendo pergaminhos apreendidos nos braços: material escrito com tinta vermelha.

Una pediu para que o autor de cada um dos relatos fizesse a leitura do próprio material. Hesitantes, durante uma tarde inteira, os escribas colocaram-se diante da soberana e recitaram suas linhas carmesins frente ao motivo vivo de todas as angústias transcritas. A maioria gaguejava na hora das metáforas mais gritantes e que mais criticavam o governo de Untherak. Poucos se mantiveram firmes durante a leitura. Una agradeceu a cada um deles, como se não tivesse sido ofendida e questionada por horas a fio. O Homem Marcado, ao fundo, não conseguia encarar os outros escribas. Diante das portas fechadas da Sala do Trono, ladeadas por dois guardas, ele ouviu toda a leitura encarando ora o piso de mármore, ora a piscina de águas vaporosas à frente.

Por fim, não havia mais escribas que não tivessem exposto seus textos diante de Una. O Cabeça da Centípede sussurrou algo nos ouvidos da soberana, que assentiu e ordenou que todos os escribas entrassem na piscina retangular. Eles se entreolharam e pareceram não entender a ordem. Um açoite estalou e os Únicos apressaram os servos. Dessa forma, eles correram para dentro da piscina. O tecido vermelho das túnicas flutuava na água quente, e ainda assim quase todos tremiam, abraçando a si mesmos e pressentindo o pior.

Um Único parecia pronto para aumentar a potência da caldeira e ferver os escribas até a morte, mas a ordem para isso nunca veio. Em vez disso, Una pediu que a Centípede se aproximasse da beira da água.

— Façam. A mente, a alma e a carne. Quebrem as barreiras entre elas.

Próximo às portas, o Homem Marcado via as costas de todos os escribas, mergulhados até a cintura. O Cabeça da Centípede estava no lado oposto da piscina, voltado para ele, com as mãos para dentro das mangas, e o restante dos homens de cinza, em uma fileira perfeita atrás dele.

Com o rosto oculto pelo manto, o Cabeça tirou as mãos de dentro das mangas. A pele era podre.

Atrás dele, braços surgiram como um leque se abrindo, um leque de mãos apodrecidas. O Cabeça estendeu as mãos para os lados, como uma cruz. As mãos atrás dele moviam-se como uma onda. A respiração de toda a Centípede era sincronizada, profunda e ruidosa, e sobrepujava até mesmo os murmúrios amedrontados de quem estava na piscina.

Os gritos começaram de repente. Teriam sido menos aflitivos se a água estivesse

cozinhando os escribas vivos. Porém, algo pior estava acontecendo. As mãos da Centípede dançavam enquanto a agonia preenchia a sala. Una observava, interessadíssima. Os primeiros escribas começaram a afundar nas águas, como se seus membros inferiores estivessem... se dissolvendo? Um líquido preto começou a borbulhar na superfície. Não podia ser sangue. Era escuro demais. O único vermelho ali era o das túnicas.

Alguns tentaram fugir da água, os braços agarrando as bordas. No entanto, os guardas os empurravam de volta com o cabo das lanças e com a ponta dos pés — embora, por trás dos elmos de suas armaduras, eles também estivessem assustados.

O Homem Marcado fechou os olhos e teria feito o mesmo com os ouvidos se pudesse. Seus tímpanos eram apunhalados, e nada poderia impedir a lâmina afiada que era o grito de alguém perdendo a vida membro a membro, centímetro a centímetro.

De repente, tudo acabou. O Homem Marcado abriu os olhos e viu a Centípede escondendo suas mãos horrendas dentro das mangas, contemplando das sombras de seus capuzes o que havia na piscina.

Um líquido preto, sem ondulações. Era como se um espelho retangular de obsidiana tivesse sido usado para lacrar uma vala.

Então o Homem Marcado foi chamado diante do trono.

Contornou o tanque, os olhos procurando alguma bolha de ar na superfície escura, sem sucesso.

A Centípede recuou até o trono e o circulou, ocultando a soberana por alguns minutos. Então, o círculo se desfez e Una se levantou de novo, ordenando que uma mesa fosse colocada à beira do reservatório, e que trouxessem uma pena, pergaminho negro e tinta dourada e entregassem ao homem.

— Sou grata por sua devoção. Você é um servo honrado e agora o último escriba de Untherak.

Ele sorriu, nervoso. Curvou-se diante da deusa, proferindo palavras desconexas. Lágrimas vieram aos seus olhos. *Ela é tão misericordiosa!* Como seus colegas podiam ter conspirado contra a soberana, mesmo que com objetos tão inofensivos quanto papel e pena? Se obedecesse a Una, nada de mau poderia acontecer. Amaldiçoou os amigos transformados em... tinta? Piche? Não sabia dizer. Porém, amaldiçoou-os com dor no coração, pois não queria vê-los mortos. Se pudesse voltar no tempo, gostaria que cada um tivesse feito a coisa certa.

Una lhe apontou a mesa. O homem se sentou de pronto, molhando o bico da

pena e esperando o que seria ditado.

— Quando os deuses sucumbiram e seus poderes foram unificados na forma de Una, os céus também prestaram seu tributo.

O último escriba encarou a boca que proferiu aquelas palavras. Perfeita. Contudo, por que ela estaria descrevendo algo que já tinha acontecido? A Batalha do monte Ahtul já era descrita em dezenas de relatos...

Antes que ele terminasse de escrever, com a mão trêmula, Una continuou:

— O sol parou no meio do céu, esperando a permissão da soberana para que continuasse seu caminho rumo a oeste. Então, durante a reverência da luz do dia, a deusa ordenou que o astro escurecesse. E assim foi feito.

Ele hesitou. Sabia que o Sol escurecera no dia do surgimento de Una, mas aquilo tinha um significado conhecido por todos os escribas, e até mesmo um termo. Era um eclipse. Todos eles conheciam o movimento dos astros, da Lua e do Sol — inclusive haviam batizado cada conglomerado de estrelas.

Ela continuou o ditado, e o Homem Marcado acrescentou as próprias palavras, que vinham do coração. Queria demonstrar que sua lealdade não se resumia apenas a dedurar pecadores. Escreveu que o Sol resolveu presentear Una com a própria sombra e que ela recebera o presente de bom grado, deixando-o de frente para o trono. Não havia acontecido daquela maneira, mas o homem queria que a soberana soubesse que sua fé era inexorável.

Una pediu que um guarda lhe trouxesse o documento. Sorriu ao ler as linhas criadas pelo homem, que chorou ao notar os lábios arqueados dela e sentiu que toda a dor presenciada valera a pena. Aquele momento era o propósito de sua existência.

Então, a deusa se levantou.

— Você fez bem ao denunciar a heresia, mas sabe quanto material profano foi produzido. Passamos uma tarde inteira escutando os relatos vermelhos. Não denunciou antes e não evitou que o Palácio fosse desrespeitado com disparates, tolices e blasfêmias. Ouvi todas as mentiras que aquelas penas redigiram e que aquelas bocas proferiram. Meu coração dói tanto que a batalha com os gigantes no monte Ahtul em nada se compara a essa desgraça.

O escriba se ajoelhou. Pediu perdão. Disse que daria a mão direita para que fosse decepada, que ele mesmo a cortaria fora, se a deusa pudesse perdoá-lo. Ela negou e disse que o homem precisaria da mão uma última vez.

— Quero um decreto que exalte meu poder e condene o uso e a existência da cor vermelha em Untherak. A cor do manto dos traidores. Escreva-o com suas próprias

palavras.

Era um elogio vindo da deusa. O reconhecimento final antes da sentença de morte. Ele obedeceu chorando. Sua pena marcou as primeiras das muitas palavras no pergaminho.

No princípio, não havia nada, somente os Seis Deuses...

O Homem Marcado escreveu dezenas de linhas exaltando o poder da soberana, reforçando sua superioridade e maldizendo a cor do sangue, a cor das túnicas dos pecadores, a cor da tinta que tentara manchar a reputação da soberana. Já havia uma gênese que celebrava a união dos Seis no corpo de Una, mas a rebeldia dos escribas deixava claro que ela já não funcionava mais. Era preciso uma releitura. Uma nova narrativa.

Una se levantou do trono, desceu os degraus e parou na frente da mesa. Primeiro, ordenou que um grupo de anões Únicos entrasse e recolhesse os escritos malditos para que encontrassem o esquecimento no fogo. Depois, tomou o pergaminho negro em suas mãos e leu o que tinha sido escrito. Estava satisfeita. Não existia honraria maior em qualquer canto de Untherak, sequer no mundo antigo que se tornara a Degradação.

— Você foi um bom servo, mas ainda assim pecou. Será o maior exemplo de servidão que já viveu em Untherak, o celeiro do mundo. Permitirei que entre nas águas escuras por vontade própria e assistirei de perto à dissolução de sua mente, de seu espírito e de sua carne.

Às lágrimas, o Homem Marcado se ergueu, mas logo se ajoelhou pela última vez. Gostaria de beijar as mãos da soberana, mas sabia que tocar a deusa unificada não era permitido a nenhum mortal. Então, de costas, tão próximo dela, entrou no líquido escuro e foi se afastando devagar até o meio da piscina. De início, pareceu não sentir nada. O líquido negro borbulhou, e o escriba foi se afastando até a parte mais profunda, onde podia submergir totalmente. Antes de o líquido tomar os seus olhos, seus pés já não existiam mais.

Tudo deixou de existir para se tornar uma escuridão sufocante.

Assim, sentindo uma dor lancinante nas costas, Aelian voltou a ter consciência de si. No meio da dor e da claustrofobia, viu algo saindo do líquido negro. Alguém emergiu da Mácula, enquanto uma voz de criança explodia ao seu redor. Era como se a realidade estivesse sofrendo e lamentasse com um choro infantil, contínuo, soluçado...

De repente, o aroma de álcool dançou em seus sentidos e o trouxe de volta à mesa de pedra e aos pergaminhos. Gritando, Aelian se endireitou na cadeira, vendo um assustado Ziggy afastando uma garrafa de debaixo de suas narinas.

— Desculpa — disse o sinfo, de olhos arregalados. — Você parecia estar tendo um pesadelo de olhos abertos e não estava respondendo. Achei que — ele olhou para a garrafa que tinha nas mãos — você fosse querer beber com o pessoal.

O rapaz demorou mais alguns segundos para conseguir se situar. Respirou fundo e se respaldou na cadeira, suando em bicas.

— Está tudo bem? — perguntou Ziggy.

Aelian não tinha resposta. Apenas um pensamento flutuava na cabeça dele naquele momento.

— Acho... acho que descobri de onde veio o General Proghon.



— Aelian!

Ziggy estalou os dedos na frente do rosto do rapaz. Ele havia se distraído no meio da fala pela terceira vez desde que começara a explicar a visão que tivera durante a leitura dos pergaminhos. Mal conseguia expor que, pelo que entendera, o texto sagrado que contava a Fúria dos Seis e o surgimento de Una fora escrito muito tempo depois, como uma *retificação*, atualizada conforme os interesses da deusa.

— Desculpa, eu... Minha cabeça... dói.

— Você estava dizendo que um escriba dedurou os outros.

— Quanto tempo eu fiquei apagado?

— Agora?

— Não, não. — Aelian passou a mão no rosto e deu um gole no destilado mais envelhecido que tomaria na vida. Ele tossiu quando o líquido passou pela garganta.

— Tripas, isso aqui é forte... Eu quis dizer quanto tempo fiquei lendo. Aliás, nem sei se estava lendo mesmo...

— Bom, acho que deixei você sozinho por quase uma hora. Logo em seguida, Anna saiu — respondeu Ziggy. — O que significa que Harun, Venoma e Raazi ficaram bebendo durante esse tempo todo. Quando o papo deles começou a não fazer sentido nenhum para mim, vim ver como você estava.

— Você não bebeu? — perguntou Aelian, dando pequenas tossidas e sentindo o peito queimar.

— Ah, sinfos não se dão bem com esse tipo de bebida. Mas temos as nossas, com

álcool extraído de frutas!

Ele pensou que um sinfo bebendo parecia tão errado quanto uma criança fumando carvão ou um coelho comendo carne. De qualquer maneira, seguiu Ziggy até o salão onde os outros três estavam diante de uma espantosa réplica de Untherak. Venoma estava sentada em um barril, observando Raazi estrangular Harun pelas costas.

— O que está acontecendo aqui? — gritou Aelian.

— Está errado, não é assim — falou Venoma com voz mole para os dois oponentes, alheia ao rapaz. Ziggy fez sinal para que Aelian deixasse os dois resolverem aquilo sozinhos. — Essa é a pior chave de braço que eu já vi!

— Se ela é tão ruim... *ungh...* — rosnou Raazi, entredentes — talvez você queira ser a próxima a tentar escapar dela... pois esse anão aqui não está conseguindo!

— Isso é porque... *aaargh...* prefiro não largar a garrafa, kaorsh — respondeu Harun, com a voz espremida, tentando encontrar um ponto no braço de Raazi onde pudesse afrouxar o aperto. — Estou poupando as minhas energias!

— Poupem energia para outra coisa! Para o General. os Únicos, sei lá! — bradou Aelian, procurando apoio em Ziggy.

— Cale a boca, garoto do galinheiro! Anna disse que tínhamos que lutar! — falou Harun, descontando no humano a raiva que sentia por não conseguir se livrar de Raazi.

— Sim, mas não exatamente aqui — disse Ziggy, baixinho.

— O quê? — perguntou Aelian, sem entender mais nada.

Venoma revirou os olhos para ele.

— Não seja estraga-prazeres, é só uma brincadeira. Além disso, estamos todos bêbados. — Ela parou por um instante, tentando conter um arroto. — O que mais poderíamos fazer de útil agora, tarde da noite?

Aelian, dando-se por vencido, deu um gole na garrafa que o sinfo lhe entregara. Raazi largou Harun, dizendo que estava começando a sentir câibras nas costas por ficar tanto tempo encurvada. O anão falou que ela tinha desistido, e que ele ganhara a briga. Ninguém lhe deu atenção.

— Ah, finalmente resolveu se juntar a nós! — disse Raazi, as palavras saindo sonolentas. O rosto da kaorsh estava com diversas cores misturadas, como se ela tivesse se esfregado na paleta de um pintor. — Um brinde a isso!

Aelian brindou com a garrafa, mas em sua cabeça ainda permanecia a última pergunta de Venoma: *O que mais poderíamos fazer de útil agora, tarde da noite?*

Lembrou-se de tudo que havia lido. Da origem de Proghon. De como aquela Una (quantas haviam vivido após aquela?) fizera o escriba manipular a história; alterar o passado e subjugar os humanos muito antes de eles sequer terem cometido erros, culpando-os pelas mazelas e desgraças do mundo. Anna estava certa: tudo era uma questão de narrativa. A Centípede contava a história, o povo acreditava, e mais uma mentira se perpetuava.

Ao que parecia, o inimigo jamais fora combatido nesses termos.

Os barris de tinta voltaram à sua memória, além de tudo que descobrira minutos antes. Ele adoraria compartilhar aquilo com os amigos, mas apenas Ziggy estava em condições de conversar sem gritar ou encarar qualquer coisa como uma provocação.

Aelian respirou fundo.

Sem entender se era uma coragem súbita, o álcool ou o ambiente — na verdade, devia ser uma soma dos três —, Aelian tossiu de novo antes de se pronunciar, sentindo a garganta queimando.

— Ei, Harun. Existe algo de útil que ainda podemos fazer hoje.

Alguns minutos depois de Aelian contar o que tinha em mente, havia uma espécie de estática permeando o salão. Harun apontou para a maquete à sua frente, indignado.

— Olha o tanto de pólvora de ouro que temos aqui! Por que não podemos simplesmente explodir a cabeça da estátua?

— É arriscado — falou Raazi.

Aelian lhe lançou um olhar de agradecimento. Ziggy concordou, enfático.

— Não podemos arriscar destruir o Coração da Estátua agora que acabamos de descobrir esse lugar!

— Destruir? — Harun deu um tapa no ar, balançando a cabeça. — Mesmo que conseguíssemos rachar a estátua ao meio, todo esse setor ficaria inteiro! As paredes desse lugar são obra dos meus antepassados, não uma construção qualquer, mulher.

— Com certeza. Se o Coração da Estátua caísse dessa altura, é claro que não racharia — disse Venoma, irônica. — E todas as maravilhas e relíquias daqui continuariam arrumadinhas, cada uma no lugar certo.

— A questão é que seria uma explosão controlada, arrancando apenas a cabeça — retrucou o anão, a voz perdendo o arrastar bêbado enquanto defendia sua ideia. — Estes salões só seriam um pouco chacoalhados.

— Mas com a fissura que a explosão causaria na estátua, as passagens até o topo dela ficariam expostas, assim como as nossas próprias passagens secretas — disse Raazi. — Por quanto tempo este lugar resistiria às investidas de todo o exército de Untherak, mesmo sendo obra dos poderosos anões do passado?

— Olha, aí você está complicando demais as coisas — observou Harun, olhando para Aelian. — Falcoeiro! Você não queria mandar uma mensagem para Una? Acha que seu plano passaria uma mensagem mais poderosa do que a imagem da soberana decapitada?

— Sim. Mas podemos fazer uma votação. Quem aqui preferir o meu plano, levante a mão, por favor.

Raazi, Venoma e Ziggy levantaram as mãos. Aelian também, por via das dúvidas. Quando baixaram as mãos, Harun já estava gingando na direção do primeiro salão, irritado.

— Vamos logo com esse plano *sem pólvora* antes que o efeito do álcool passe.

O rapaz olhou para os outros, com ar divertido, num agradecimento silencioso.

— Será que Anna vai ficar brava se agirmos sem consultá-la? — perguntou Venoma, as mãos nos quadris, parecendo em dúvida.

Raazi deu um tapinha nas costas dela antes de seguir Harun, acenando para Aelian e Ziggy.

— Ela não queria causar medo no Palácio? Vamos descobrir como fazer isso na prática.

Havia centenas de celas e salas de tortura por todo o Palácio, mas nenhuma delas era construída de forma que o prisioneiro pudesse ouvir os lamentos dos vizinhos, como no Anel.

Porém, o lugar fora construído com um propósito que ia muito além da intimidação e do terrorismo mental. Os dutos de eco circulavam o Anel, mas em certo momento se direcionavam para um nível inferior, no meio do círculo das celas.

Era um salão com o pé-direito alto, sem desníveis ou janelas. Archotes queimavam nos cantos, deixando a sombra azulada tingir o recinto sem fazer distinções. O som de todos os lamentos das celas do Anel desembocava ali, distorcidos, fantasmagóricos. Havia uma cadeira de pedra de espaldar alto voltada para uma vala que quase transbordava de Mácula, exatamente como na Sala do Trono. Porém, aquela piscina não era retangular, e suas bordas eram irregulares, quebradas, rachadas. No meio, uma espada era banhada numa fonte do líquido negro, movimentada por um monjolo de metal fundido. A posição da cadeira indicava que quem ali se sentava era obrigado a vigiar a arma.

Era uma cela muito mais espaçosa que as outras do Anel, mas também mais aterrorizante, graças aos gritos e gemidos que vinham pelo duto. Seria a pior das masmorras da Ala Leste, se o General Proghon não tivesse escolhido aquele local como seu aposento particular.

Ele se sentou, os cotovelos apoiados nos desconfortáveis braços da cadeira. Afinal, por que o General procuraria conforto enquanto observava o objeto que lhe trouxera tanta dor? O Fosso lhe lembrava que a dor existia, e nada melhor que pedras e lamentos para o corpo e a mente jamais se acostumarem com comodidade ou alívio.

No entanto, nem todos os lamentos vinham dos dutos.

Aos pés do General, duas formas se encontravam estiradas no chão, imóveis. Eram kaorshs, apesar de o corpo seco não conservar vestígio algum do vigor natural da raça. Os maculados esqueléticos estavam acorrentados pelo pescoço à cadeira, e não era possível sequer afirmar que dormiam. No estado em que se encontravam, o corpo apenas ficava no lugar em que fora deixado, a Mácula obrigando o coração a

operar com o mínimo de esforço possível por baixo da pele estirada sobre os ossos.

Proghon, que não tinha pálpebras e não dormia, encarava a espada coberta pelo líquido preto. Não podia tocar a lâmina que um dia o havia ferido de forma tão intensa; mas vê-la imóvel ali, em repouso, era de certa maneira tranquilizante, pois se ele podia deitar os olhos sobre ela, aquilo significava que ninguém a estava brandindo. A verdade era que gostaria de descobrir uma maneira de destruí-la... Porém, nem a Centípede tinha resposta para aquilo, e talvez não quisesse se livrar da única arma que um dia surtira efeito contra o terrível General de Una. Proghon sabia que eles tinham um plano de contingência caso ele saísse do controle ou decidisse não mais ficar sob o jugo daqueles necromantes.

— Não fossem esses dutos, tenho certeza de que acharia esse lugar um bocado relaxante.

Proghon não tinha reparado na convidada. Quando se deu conta, lá estava ela, parada à beira da piscina de Mácula. O fogo frio distorcia a cor do manto, mas, dessa vez, ela escolhera não usar as faixas no rosto. Não havia por quê, realmente.

— Claro, eu trocaria a iluminação para tirar esse azulado espectral. Mas acho compreensível você não usar fogo natural — continuou Aparição, com as mãos cruzadas às costas.

Entrelaçando os dedos diante dos dentes expostos em seu crânio, Proghon notou que ela não estava com a grande espada.

Os kaorshs acorrentados no chão despertaram com um arquejo asmático. Aparição olhou para eles, e seus lábios se tornaram uma linha fina. A mulher sabia o que estava para acontecer. Um deles ergueu a mão cadavérica na direção dela, como se pedisse para que a intrusa aliviasse sua dor antes que aquilo acontecesse de novo.

E então, da boca escancarada do maculado, um fiapo confuso de voz esganiçada saiu.

— *Você veio sem a espada.*

Aparição sabia que os acorrentados serviam apenas como uma canalização para a voz do General. Maculados descartáveis, que já haviam exaurido sua utilidade como mão de obra. Aparição já havia presenciado Proghon falando através de dez bocas ao mesmo tempo — bastava que ele estivesse ao alcance de maculados em condições de reproduzir sons. As cordas vocais se voltavam a serviço dele, e, em meio à voz seca de quem era forçado a cuspir palavras que não eram suas, a voz de Proghon também era ouvida: cheia de ecos, como seu salão, e fria como o fogo azulado que o iluminava.

— O que não significa que eu esteja desarmada — respondeu ela, sorrindo. — Minha maior arma não é a espada. E você também não é de ficar exibindo a sua por aí.

— *Qual é sua maior arma, soberana esquecida?* — disse Proghon, dessa vez através do outro maculado, no lado oposto do trono. — *A sedução de tolos?*

— Seria, se eu tivesse cumprido o meu destino como a Una que você insiste em ver em mim.

Ele não respondeu. Os acorrentados fizeram ruídos secos de engasgo. Aparição se aproximou dos degraus em frente ao trono, olhando para eles.

— Mas você peca em falar sobre a minha arma como sendo a sedução de tolos. Ficaria espantado se soubesse como sou a parte menos importante de tudo que está acontecendo.

Os batizados fizeram as correntes no pescoço chacoalharem. Eles também pareciam experimentar as emoções de Proghon até certo ponto, e isso era o suficiente para agitá-los. Ele demorou alguns segundos até falar de novo.

— *Esta visita é uma nova distração?*

— De maneira alguma. Mas não se faça de ofendido... Sei que não achou de todo ruim ver o poder de Una ser questionado por algumas pessoas. — Aparição girou nos calcanhares, observando a espada. — Como falei, a execução do plano não foi toda minha. E tenho certeza de que já está adiantando os próximos passos.

— *O que você quer?*

— Sei que temos essa... trégua? Não consigo imaginar a palavra certa para isso, mas enfim... Por isso quebrei parte da nossa confiança mútua. Resolveram voltar com o Festival da Morte, e você não precisava permitir isso. Minha participação nos planos de outrem foi a minha resposta.

— *Como se o plano não fosse seu.*

— Não foi. Só dei um empurrãozinho. Você conhece as duas mentes por trás disso e já deu cabo de uma delas.

Os dois acorrentados riram, e aquele sinal de emoção de Proghon saindo da boca de dois maculados inexpressivos era algo que assustava até mesmo Aparição.

— *Imagino que também não tenha nada a ver com a fuga dela.*

— Você se espantaria se soubesse que o livre-arbítrio ainda vive em Untherak, mesmo que precário.

— *Ou assim você faz parecer. Manipula indivíduos, planta ideias na cabeça deles e faz com que acreditem que estão agindo por vontade própria.*

Aparição ponderou as palavras, sem sorrir.

— Não transfira para mim sua péssima experiência de dar e receber confiança, meu caro. Lembre-se de que sou a figura mais procurada de Untherak, e nós dois queremos nos livrar de Una.

Proghon se levantou e parou ao lado de Aparição, na beira da vala. Como os acorrentados permaneceram ao lado do trono de pedra, a voz do General veio de trás dele.

— *Não podemos nos precipitar.*

— E não vamos. A diferença é que não quero que o povo sofra com a transição. Nem minhas semelhantes escravizadas. Ou quem não tem culpa por crer no que sempre lhes foi contado.

— *Minhas prioridades são outras* — disse a voz, enquanto o General mantinha os olhos vazios na espada. — *Quero toda a memória da Mácula. Mesmo quando consigo me ocultar da interferência da Centípede, ela ainda não me deixa saber de tudo. É como se...*

Ele silenciou seus acorrentados de repente, com um estalo de maxilar, antes de finalizar a frase. Aparição assentiu com a cabeça, olhando para trás em seguida. Depois, encarou os miseráveis e concluiu:

— É como se a Mácula não confiasse em você.

Talvez fosse por ouvir uma verdade tão absoluta no próprio salão, ou porque não conseguia permanecer tanto tempo em trégua, mas o General a encarou, sua mandíbula caiu e ouro líquido começou a escorrer por seu rosto, de dentro do elmo. Os lamentos dos prisioneiros aumentaram, dissonantes, e o fogo frio tremeu tanto que deu a impressão de que a sala estava chacoalhando. Aparição deu um passo de precaução para trás, ficando fora do alcance dos braços de Proghon. Quando os batizados caíram no chão em silêncio, derramando Mácula pela boca aberta, ela entendeu o que tinha acontecido. O ambiente esquentou e a superfície da piscina borbulhou. Anna encarava seu rival, impassível, sentindo que a trégua estava por um fio.

— Você tem milhões de vozes dentro de você, Proghon. E ainda assim, não pode falar sem torturar ou sem tirar vidas. — A mulher fez uma pausa, talvez pensando se um maculado poderia ser considerado um ser vivente. — Gostaria que as nossas verdades não fossem tão contrárias. Dessa forma, poderíamos conversar sem essas... interrupções.

O calor emanava do corpo gigantesco do homem. Impossibilitado de dizer qualquer coisa até que lhe trouxessem novos batizados, ele parecia tentar controlar

a raiva para que parasse de derramar ouro e Mácula. Aparição, que poderia ir embora a qualquer momento, lhe fez um convite inusitado.

— O sol nascerá dentro de alguns minutos. Alguma possibilidade de o vermos juntos?

Ele voltou o crânio dourado para ela. O movimento lento parecia completar a falta de expressão de seu rosto.

— Não vou falar nada. Garanto que ninguém nos verá caminhando no Palácio. Sei ser discreta.

O silêncio era a única resposta civilizada possível para Proghon naquele momento. Aparição considerou aquilo como um sim, e esperou de frente para a parede, aguardando que o anfitrião acionasse a porta quase invisível do Fosso.

Os corredores foram preenchidos pela cadência pesada dos passos do General. Aparição ia à frente, um vislumbre da cor proibida sempre dobrando o corredor e evaporando a qualquer sinal de guardas pelo caminho. Os poucos que marchavam pelos corredores àquela hora abaixavam a cabeça para Proghon — como o Autoridade Ranakhar, responsável pela verificação do contingente daquela parte do Palácio —, obviamente sem questionar aonde o braço direito da soberana ia.

E então, os dois chegaram a uma das sacadas da Ala Leste, com os primeiros raios despontando no horizonte além da Muralha. Proghon trancou a porta atrás de si e parou ao lado da figura de manto vermelho. A expressão no rosto dela não era a esperada em alguém que apenas buscava contemplar a aurora.

Ela nem sequer olhava na direção certa.

— Acho que estou me surpreendendo demais nos últimos dias — disse, voltada para a estátua de Una. — Eis outro exemplo de livre-arbítrio posto em prática.

O General voltou o olhar vazio para a Una colossal. A temperatura esquentou ao redor do corpo dele, mas não a ponto de derreter o ouro da máscara. As primeiras luzes do dia revelavam algo de novo na estátua. Algo que jamais estivera ali e que dificilmente poderia ser encoberto antes que toda Untherak notasse tamanha heresia.

Una sangrava.

Suas mãos estavam manchadas de vermelho. E da garganta... escorria sangue. Uma linha horizontal, como se tivesse sido cortada abaixo de três dos seis rostos. Alguns filetes haviam escorrido até a altura do peito da estátua, outros mais finos haviam descido além.

Proghon voltou a máscara dourada para Aparição, devagar, o tronco ainda virado

para fora da sacada. Ela o encarou com toda a franqueza do mundo.

— As coisas estão acontecendo. Vocês estão batendo sem parar em pedra bruta por mil anos. Em algum momento, algo ia acontecer.

Desprovido de sua voz, ele nada pôde responder.

— Não fui eu, se é o que está pensando. Estou tão surpresa quanto você. — Ela cruzou os braços. — Uma hora as pessoas começariam a questionar, mesmo com todo o terror a que vocês as submetem. A diferença é que eu estou aqui no exato momento da mudança. — Aparição sorriu, olhando para o piso. — Acho que escolhi uma bela hora para voltar.

Saindo de um estado mais inerte que o da estátua depredada, ele abaixou a mão, que, Aparição notou, estava fechada. O elmo emitiu um brilho intenso ao ser atingido pela luz do sol, e a mortalha tremulou ao soprar a primeira brisa do dia. Proghon não podia falar, mas sua postura naquele momento fazia com que palavras fossem desnecessárias.

— Talvez isso acelere algumas coisas. Para nós dois — disse Aparição, subindo no parapeito da sacada. — Vou sentir falta das nossas conversas, meu caro.

Ela deixou o corpo despencar para fora do parapeito e desapareceu da vista do General. Sem a pressa e o espanto de um servo comum de Untherak, Proghon estendeu as mãos sobre a guarda de pedra, inclinando-se de leve apenas para confirmar o que já imaginava: mesmo sem nenhum apoio para descer, não havia rastro de Aparição.

Olhou uma última vez para a estátua. Para toda a tinta vermelha. Apertou o parapeito com mais força... Estaria o vento trazendo o cheiro de tinta ou seriam apenas... lembranças? Recolheu a mão e voltou para dentro do Palácio, escancarando as portas com um golpe seco. Não voltaria para o Fosso tão cedo, apesar de precisar solicitar novos maculados da Vila B para serem acorrentados.

No parapeito, no ponto em que tinha colocado as mãos por poucos instantes, a pedra estava rachada e manchada de ouro e Mácula.

Ainda estava longe de amanhecer, o que significava que Aparição contaria com mais algumas horas de escuridão a seu favor.

Olhando para o céu cor de chumbo, onde um brilho pálido sugeria a presença da lua atrás das nuvens, perguntou-se como tinha sido capaz de passar tanto tempo sem ver o firmamento da maneira que de fato era, e não da forma que Untherak queria.

As chaminés das forjas, a neblina que vinha dos pântanos: tudo aquilo funcionava como um véu encobrindo as ruas.

Havia mais estrelas do que os olhos podiam enxergar. E Aparição esperava que nos Assentamentos não houvesse apenas os usuários de carvão e os miseráveis encontrados nos becos.

Quanto a isso, um sinal: numa das paredes, a palavra DESORDEM fora pintada às pressas, com pinceladas desajeitadas.

Mas o importante era que estava em vermelho.

Ele sorriu, certo de que aquilo tinha sido feito às escondidas. *Alguém ainda resiste aqui*, pensou, passando a unha pela camada de cor proibida e cheirando.

— Tinta eterna — murmurou.

O protesto lhe dava mais pistas do que poderia esperar naquela nova velha cidade. Realmente, era só uma questão de tempo para que o sistema começasse a ruir por dentro. O pensamento lhe lembrou pessoas que estavam muito distantes e coisas bem mais próximas do que gostaria — dentro dele, fazendo-o desmoronar.

Então, um estampido compassado se fez ouvir. O tropel de botas de ferro. *Estão mais organizados*, pensou, enquanto subia na laje de uma casa e observava o disciplinado bloco de Únicos marchando na direção do sopé do morro. Do alto, escutou o grasnar de um falcão.

— Sim, estou vendo — disse, sem tirar os olhos das tropas e puxando a enorme espada da bainha grande e maltratada. — Fique atento, talvez eu precise de você.

Esquadrinhando o pelotão, não viu Tenente nem General, mas contou quarenta sujeitos caminhando na direção dele. *Nesím, seu imprestável*, pensou, divertindo-se consigo mesmo e estalando a língua. Notou que os Únicos eram um tanto diferentes daqueles com quem lutara havia pouco. Os escudos eram maiores, retangulares, com aberturas para os olhos; as armaduras, mais agressivas, cobertas de espinhos. Restava ver se morriam em batalha tão fácil quanto os outros. Carne era carne, e era

apenas uma questão de retirar a lata que a revestia.

Desta vez, não estava num lugar estreito, então precisava de uma estratégia diferente. De cima da laje, levantou uma das mãos. Os Únicos interromperam a marcha.

Aparição pigarreou antes de fazer sua voz ressoar.

— Só saio daqui se Tenente ou General vierem me buscar. Qualquer outra tentativa terá minha resistência. Isso é um aviso.

Não houve risadas de escárnio ou qualquer outro comentário. Os Únicos apenas voltaram a marchar.

São bem mais disciplinados também, pensou. De certa forma, torceu para que ignorassem o aviso. Saltou da laje para o chão, esperando, e recuou para dentro do labirinto de ruas, certificando-se de que o pelotão visse por onde havia entrado.

Os homens de armadura se dividiram em dois grupos, depois em quatro, pois o encapuzado parecia não estar em lugar algum. Quando um dos destacamentos chegou à praça, que um dia fora um local tanto de comemoração quanto de tristeza, uma neblina branca inexplicável cobriu a região.

Então, alguém encontrara Aparição. Suas memórias daquela praça eram horríveis. Lembrou-se da música alegre, da roda de *kaita* e da fartura. Lembrou-se do afeto que recebeu, ainda que inesperado. Lembrou-se também dos corpos pelo chão e do silêncio de crianças que nunca mais brincariam.

Afastou todas as lembranças que poderiam amolecê-lo e guardou consigo apenas as que serviam como um lembrete de que era a hora de preencher aquele lugar com os cadáveres certos.

PARTE 3
O FIO DA ESPADA

Três meses depois da profanação da estátua

O tempo a tudo muda.

Ações ousadas provocam respostas cruéis, que, por sua vez, geram mudanças drásticas, sobretudo em Untherak. Aelian percebeu isso quando estava no subsolo do Palácio, reunindo coragem para levar uma pessoa ao lugar que abrisse uma ferida purulenta em sua consciência. Imaginava se a ação de pintar a estátua havia despertado uma força implacável — e até então inédita — no governo de Untherak ou se estaria enlouquecendo.

— Tem certeza de que era aqui? — perguntou Anna, olhando para o salão vazio através da abertura estreita.

Aelian não sabia se ficava furioso por não encontrar o local ou aliviado por não precisar botar os olhos novamente em uma cena tão aterrorizante.

— A não ser que o Palácio tenha salas que mudam de lugar, sim — respondeu ele, irritado.

— Já ouvi histórias de um castelo que fazia isso.

Anna não agia como se Aelian tivesse enlouquecido, mas não havia nem mesmo tirado a espada da bainha ao chegar à porta em que, segundo ele, terminava a linha negra — que ela não conseguia enxergar. Aparição presumiu que apenas pessoas com contato mais intenso com a Mácula viam a indicação, e, aparentemente, as cicatrizes nas costas de Aelian o incluíam nessa categoria.

— Estou me sentindo um idiota — disse ele, olhando para os lados freneticamente.

— Todas as nossas incursões no Palácio são um treinamento também, Aelian — respondeu Anna, parecendo distraída. — Vocês precisam estar prontos para missões mais difíceis, como entrar no santuário das sócias ou em lugares ainda piores.

— É sério — falou Aelian, parecendo não ter escutado nada. Estava preocupado e alerta, com punhal e tocha nas mãos. — Quase morremos aqui, fique com a arma preparada.

— Se for preciso, consigo pegá-la em segundos — disse Anna, tranquila, olhando ao redor e espiando pela brecha. — Não vejo nada além de ratos.

— Tiraram tudo — falou ele, notando que apenas as ossadas no chão ainda se

encontravam no corredor. — As prisioneiras, os sinfos, os mecanismos... Onde será que colocaram?

Anna apenas pediu que Aelian lhe passasse a tocha. Vasculhou o lugar com o olhar, direcionando a luz do fogo para as sombras, o manto vermelho parecendo desafiar as trevas daquela passagem secreta e qualquer criatura que vivesse ali — tanto que nenhum dos gafanhotos gigantes saltou da escuridão.

— Acho que eu sou mesmo um fodido que só consegue atrair merdas desse tipo.

— Ah, você pode até atrair — disse ela, devolvendo-lhe a tocha com um sorriso iluminado pelo fogo natural. — Mas eu prefiro acreditar que todos os que enfrentam coisas além da compreensão sentem-se assim. Até de fato dominarem as “merdas desse tipo”.

Ele não entendeu de pronto, mas não fez objeções. E nada disse durante o trajeto de volta para o Coração da Estátua. Aquele dia foi inútil e angustiante, mas a noite seria de uma intensa jogatina de dados.

— *Explodir* o Poleiro? — perguntou Aelian, incrédulo.

Apostar se tornara um hábito entre ele e o anão. Começara como algo sem pretensões e não significava muito mais do que realmente era: um jogo. Os dois não eram amigos, apenas discutiam o que as missões exigiam e, na grande maioria das vezes, discordavam um do outro. As apostas se tornavam cada vez mais ousadas.

— Não restaria pedra sobre pedra — explicou Harun, apontando para a peça correspondente ao prédio na Untherak miniaturizada. — Conheço a estrutura da torre. Se conseguirmos fazer fissuras nos lugares certos, o peso dela termina o serviço.

Outros ataques liderados por Aparição causaram incêndios e confusão. Uma das torres da Estrebaria havia cedido, o telhado de um paiol fora abaixo, mas nenhuma construção tinha sido destruída por completo. O foco de todos os ataques até então era desestabilizar os suprimentos ou armamentos dos Únicos e dos Autoridades. Destruir o Poleiro seria um duro golpe na comunicação do Unificado.

— Lá é cheio de madeira, pergaminho e feno — disse Aelian, olhando para a miniatura do lugar que por muito tempo fora seu cárcere. — Vai pegar fogo fácil, e o sótão vai ruir. Mas derrubar aquilo, que é todo de pedra.

Harun olhou para Anna, sem paciência. Ela deu um sorriso de canto de boca e se afastou para falar com Raazi, que amolava a ponta de uma lança no fundo do salão.

O anão estendeu a mão para Aelian.

— Cinco *altin* que metade do Poleiro vai pro chão.

— O que aconteceu com o “não restaria pedra sobre pedra”?

— Digamos que minha confiança foi abalada pela sua fervorosa falta de conhecimento arquitetônico. Vamos lá, você falou que causaríamos um incêndio e alguns danos... Aposte comigo.

Aelian olhou para Venoma, que oleava sua besta. Ela deu de ombros, como se não se importasse nem um pouco com aquela discussão. Ziggy parecia entretido, mas ele se divertia com qualquer conversa, por mais desinteressante que fosse.

— Quem aposta cinco, aposta dez — provocou Aelian, aumentando o montante. Era seu velho vício se manifestando.

Harun ergueu as sobrancelhas, como se o valor não fizesse diferença para ele, e apertou a mão de Aelian, selando a aposta.

— Espero que você tenha essa pequena fortuna.

— Nem preciso. Você não vai conseguir colocar um prédio daqueles no chão.

— Isso mesmo, ele não vai — disse Raazi, de longe, interrompendo a conversa com Anna e assoprando a ponta de sua arma. — *Nós* vamos. E temos que traçar um plano.

O sinfo confessou em alto e bom som que não via graça em apostas nem entendia por que alguém perderia dinheiro tentando adivinhar o acaso. Aelian não soube o que dizer, pois não fazia ideia de como explicar por que gostava tanto de apostar.



Cinco meses depois da profanação da estátua

Com frequência, Harun pensava nos servos que dormiam dentro das celas e se lembrava dos Autoridades, que dormiam numa cama, com suas esposas, ou da forma que lhes aprouvesse, em camas confortáveis e sem barras de ferro, sete dias por semana. Era muito fácil ser fiel a Una com tantas regalias — e, mesmo assim, ele colocou tudo a perder muitas vezes nos últimos cinco meses, demolindo pontos importantes do Miolo e aos poucos minando o inimigo por dentro.

Era por causa de pensamentos como esse que nada fizera quanto às escapadas de Aelian durante seu tempo no Poleiro: ele podia sair pela janela, retirando a barra falsa, mas, se voltasse antes de o dia raiar, que mal havia? Assim como Harun, que precisava deixar a Vila A, Cora e Ônix todas as noites, para manter a fachada no trabalho enquanto conspirava contra aquilo. Harun não se enganava com sua condição. Não havia liberdade para ninguém. Ele estava apenas numa cela mais

ampla. Untherak era uma grande ratoeira armada: mais cedo ou mais tarde, se fecharia com um estalo. Ela não se sustentaria para sempre, e mil anos já era tempo demais para um povo que praticamente comia o que defecava, que trabalhava sem parar apenas para que não tivesse tempo de se rebelar. Bom, aquela parte do sistema tinha falhado com ele: Harun era um Autoridade de posição confortável tramando contra Una, que não era só uma, mas um grupo de prisioneiras. No fim das contas, uma soberana escravizada só poderia governar um povo escravizado.

E, como prova de que todo criminoso voltava à cena do crime, lá estava ele de novo no Poleiro, parado na frente de um duto de correspondências ao mesmo tempo que vigiava ambos os lados do corredor.

— Você está parecendo suspeito — disse Bantu Okodee, balançando a cabeça. — Relaxe. Ninguém vai estranhar vê-lo por aqui. Provavelmente vão pensar que seu castigo acabou e que transferiram você de volta.

Harun suspirou. Responder ao avô só gerava mais broncas, censuras e falatório.

— Não adianta fazer essa cara de bunda! Ah, como eu queria ter um punho que atravessasse essa sua cara, moleque!

— Mas você tem — disse Harun, indiferente. — Atravessa minha cara, as paredes, meus pensamentos...

— Está falando comigo? — perguntou uma voz ecoando dentro do duto.

O anão olhou irritado para o fantasma do avô e aproximou a boca do buraco para responder à pergunta de Ziggy.

— Não, eu... só cumprimentei um velho conhecido. Conseguiu?

— Sim... urgh... já estou voltando. Engatinhar de costas é difícil.

Harun olhou para os pacotes no chão ao redor: três cantis cheios de pólvora de ouro, mais dois rolos de pavio. Ziggy, fingindo estar limpando os dutos, deixara dois lá dentro e estava voltando com um pavio que, de acordo com os cálculos do anão, queimaria por cerca de quinze minutos. Ou seja, teriam menos que isso para dar o sinal para Venoma, tocar a trompa de emergência, colocar o restante da pólvora no andar onde ocorria a triagem de pacotes e correspondências e sair dali. Por mais improvável que fosse, parecia que o plano ia dar certo.

— Muito bem, miúdo — resmungou Harun, enquanto ajudava a tirar o sinfo do duto.

Ele estava imundo, o cabelo parecendo um trapo sujo.

— Você amarrou bem o pavio junto da pólvora?

— Sim — ofegou Ziggy, tossindo.

— Molhou com o destilado?

— Sim, sim...

Enquanto buscava as pederneiras no cinto, o anão deixou escapar um riso curto.

— Aquele falcoeiro de uma figa vai ver só. Vai ser o dinheiro mais fácil que já ganhei na vida.

Depois de acender o pavio, os dois se afastaram rapidamente do local, descendo um andar. Assim que saíram do lance de escadas, Ziggy foi até uma janela próxima e chacoalhou um trapo do lado de fora, apertando os olhos para o Balde.

— Venoma deve estar bem camuflada, não a vejo — falou o pequeno.

Então, um zunido e um baque seco: uma seta se cravando ao lado da janela. O sinfo deu um salto para trás.

— Bem, ela viu você — disse Harun.

Era daquela forma suave e discreta que Venoma confirmaria que captara o sinal da dupla. Com cuidado, o anão pegou os últimos fardos de pólvora de ouro, pesadíssimos, mas bem menos que os da primeira leva.

— Vamos. Temos que soar o aviso.

Aelian deu um passo para trás e conteve um xingamento quando a seta se cravou a menos de um palmo do rosto dele. Estava escondido atrás de uma das chaminés da Bigorna.

— Isso foi um aviso ou alguém tentando me matar? — perguntou, enxugando o suor da testa.

Sem pestanejar, Raazi foi até a beirada do prédio.

— O primeiro pavio foi aceso. Temos menos de quinze minutos para entrar e sair.

Aelian tentou avistar Venoma no telhado do Balde, mas em vão. Lembrou-se da irritação dela ao ouvir que sua parte no plano seria só ficar esperando sentada no telhado do Balde. E o pior era que ela tinha razão em reclamar. Naquele exato momento, uma das assassinas mais temidas de Untherak estava servindo como garota de recados — recados pontiagudos e mortais, mas ainda assim recados.

— Muito bem — disse Aelian, chegando à beirada e olhando para o beco abaixo. — Como treinamos, certo? Tome impulso, pule, puxe as pernas, aterrisse rolando. Eu

vou primeiro.

Raazi fez um gesto displicente com a mão e deu as costas para ele, afastando-se da beirada. Virou-se para a frente, séria, e então disparou, deixando Aelian sem ar ao saltar de repente.

— Ou ignore o que eu disse. Tudo bem.

Além de pular antes dele, Raazi deu uma cambalhota no ar, o que, durante as muitas semanas de treino, Aelian lhe dissera para não tentar fazer enquanto não se acostumassem com os saltos. Ela o imitou com perfeição e mal fez barulho ao pousar na sacada do Poleiro.

Olhou para o telhado da Bigorna e abriu os braços, como se dissesse: “Você não vem?” Aelian riu e tomou impulso para o salto, adorando o espírito competitivo de Raazi nas últimas semanas.

Como era de se esperar de um apostador, Aelian não perdeu a chance de se exibir com uma cambalhota dupla antes de aterrissar na sacada, ao lado de Raazi. Ela fez apenas um muxoxo de descaso e começou a escalar o Poleiro.

Quando chegaram ao topo, Bicofino já estava ao lado da escotilha do sótão, com cara de tédio.

— Ele veio se despedir da antiga casa? — perguntou Raazi, conferindo as pederneiras que trouxera.

— Não sei, ele parece um pouco melancólico — respondeu Aelian, fazendo um carinho rápido no animal antes de erguer a tampa. — Acho que sabe o que está para acontecer. Não sei se ele odeia tanto esse lugar quanto eu. Afinal, foi aqui que nos conhecemos... Uma das únicas coisas boas que o Poleiro me trouxe.

Raazi o seguiu para dentro do sótão, que, mesmo vazio, conservava o habitual cheiro de excremento de falcão. Enquanto isso, Bicofino preferiu ficar do lado de fora, parecendo um tanto afetado. Conforme planejaram, Aelian desceu primeiro até o andar das celas, deserto àquela hora da tarde, e surrupiou da parede um dos archotes apagados para ajudá-lo na tarefa que tinha à frente. Revisitando pela primeira vez o lugar desde o terror vivido com o Destrinchador, sentia um grande alívio ao saber que o fim estava próximo. Era como se as paredes ainda ecoassem os gritos de Ghelis, Lennigan, Kivan e de todos os outros que haviam morrido durante o tempo em que servira no Poleiro.

Levando algumas madeiras grossas do sótão para baixo, Aelian travou a porta que dava acesso às escadas, para não ser surpreendido durante a execução do plano. Bateu as pederneiras perto do archote, e as lascas de magnetita fizeram o brilho

branco do fogo iluminar o rosto do rapaz.

Raazi o apressou. Embora entendesse que ele precisava fazer aquilo com calma, o tempo era curto. Então, ele acelerou seu rito de passagem, iniciando uma fagulha dentro do lugar que lhe causara tanta dor.

Enfiou o braço entre as barras de sua antiga cela, com o archote aceso. O primeiro colchão de palha ardeu com fogo natural, e as chamas eram vermelhas.

Os poucos falcões que ainda estavam no Poleiro alçaram voo ao sentir a fumaça no andar de baixo. Enquanto subiam, Aelian e Raazi aproveitavam qualquer palha, feno e pergaminho que encontravam para alimentar o fogo. Tomando cuidado para não ficarem encurralados, recuaram até a saída pela velha escada retrátil, que seria engolida pelas chamas em questão de minutos. Largaram os archotes no chão antes de deixarem o sótão, já começando a sentir tontura.

Quando enfim voltaram ao telhado da Bigorna, suados e com o cheiro de madeira queimada impregnado no cabelo, ouviram o ressoar grave da trompa de emergência. Na mesma hora, as portas do Poleiro se escancararam e começaram a cuspir dezenas de servos, numa ação tumultuada e barulhenta. Aelian pensou que a construção se transformara numa grande tocha. Mentalmente, rebatizou o lugar de Archote.

Harun só havia escutado a trompa de emergência do Poleiro uma vez durante toda a sua vida, alguns anos antes, numa situação singular: um andar de celas entrou em conflito com outro, e os servos organizaram uma matança em tempo recorde. Para evitar mais baixas de mão de obra, o alarme soou e os Únicos foram acionados, matando todos que encontravam pela frente. Além do massacre, pelo menos vinte indivíduos tomaram banho de Mácula naquele dia.

Ele não esperava ter que tocar a trompa algum dia, assim como não imaginava que tentaria colocar abaixo seu antigo local de trabalho.

— Ainda não entendo por que você quer fazer isso — falou Ziggy, entrando no salão de triagem após terem esperado os retardatários fugirem dali.

Estavam no segundo andar do Poleiro, num cômodo imenso abarrotado de encomendas e correspondências e iluminado por janelas estreitas e altas para

eliminar a necessidade de muitos archotes num lugar repleto de papel e outros materiais inflamáveis.

— Até agora, só causamos uma confusão e outra ou destruímos parte dos edifícios. Esse aqui você quer derrubar, mas nem temos tanto pó dourado assim...

— Não vamos precisar reduzir pedra a cinzas. Quem faz isso é o tempo — disse Harun, aproximando-se do imenso pilar no meio do salão, deixando os fardos de pólvora de ouro no chão e sacando o martelo do cinto. — Precisamos apenas abalar uma coluna de sustentação e deixar o próprio peso do lugar trazê-lo abaixo.

— Desculpa, estava olhando para o teto e não prestei atenção — respondeu o sinfo, parecendo uma criança impressionada. — Esse lugar é enorme! Pode repetir?

O anão suspirou e começou a martelar a coluna central do salão. Depois, usou um cinzel para abrir buracos do tamanho de punhos no pilar, como se ele fosse um imenso torrão de açúcar sendo roído por formigas.

— Imagine que está enfrentando um sujeito bem maior que você. Um kaorsh, por exemplo — disse ele, encaixando as cargas de pó dourado rapidamente em pontos estratégicos. Cada golpe seu arrancava enormes lascas de pedra. — Mas, é claro, você é só um sinfozinho. O que faria para derrotá-lo?

O rosto de Ziggy se iluminou. Ele parecia ter compreendido a metáfora.

— Já sei! Eu explodiria o sujeito!

— Não! Você é só você, um miúdo sem pólvora nenhuma enfrentando um gigante.

— Mas eu tenho pólvora...

— Sim, nós temos, mas se você enfrentasse um kaorsh musculoso, sem arma alguma...

— Isso seria uma estupidez da minha parte.

Harun suspirou, exasperado.

— Você faz isso para me irritar, não é? O que estou querendo dizer é que você deveria *chutar o saco* do kaorsh ou se aproveitar de algum outro ponto fraco dele. — O Autoridade voltou a martelar e lascar a pedra, balançando a cabeça. — Alguma coisa do tipo. Nem lembro direito o que ia dizer.

— Tá, entendi. Estamos chutando o saco do Poleiro. — Ele se sentou no tampo de uma mesa grande de madeira e ficou balançando as pernas, observando Harun trabalhar enquanto a gritaria lá fora aumentava. — Posso ajudar em alguma coisa?

— Fique de olho na entrada. Duvido que alguém volte para cá com o prédio em chamas, mas não custa prevenir.

— Temos uns cinco minutos ainda.

Harun começou a dispor as cargas de pólvora dentro e ao redor do pilar, quando o pequeno se aproximou para observá-las de perto. Desde que Harun descobrira que a miniatura de Untherak estava recheada daquela substância explosiva, o sinfo mostrara uma imensa fascinação.

Um estrondo sacudiu a construção, e o sinfo olhou para o teto como se pudesse enxergar através dele.

— A primeira carga explodiu antes?

— Deve ter sido alguma parte do sótão desabando com o fogo — respondeu Harun, concentrado. — A explosão não vai ser leve.

Ziggy não parecia ter achado aquela explosão tão leve assim.

Outros ruídos vieram, ecoando pelo prédio evacuado às pressas, e Harun nem sequer parecia estar escutando.

— Hã... Harun?

— Isso também não foi uma explosão, Ziggy.

— Eu sei, é que...

— Já estou acabando.

— Tem gente aqui!

O anão, parecendo ter levado uma pedrada na nuca, olhou para trás, alarmado.

— Eu esperava encontrar algum dos responsáveis por esse incêndio criminoso, Autoridade Harun — disse Niahkon, parado sob o umbral do salão de triagem. Um destacamento de seis Únicos estava logo atrás dele, alguns segurando lanças e archotes, outros, lanças e escudos. — Confesso que não estou surpreso de vê-lo aqui.

O anão se levantou e se posicionou à frente do sinfo, como se o estivesse protegendo.

— Acenda o pavio com as pederneiras, Ziggy — disse, tirando o martelo e o machado do cinto. — Teremos três ou quatro minutos. Cuidado com as fagulhas, acenda o pavio na ponta.

— Então, não é apenas um incêndio. — Niahkon apoiou a maça no ombro, um tanto displicente. Um cinza-chumbo ondulou pelo rosto do kaorsh. — Que ousadia a de vocês!

— Sumam daqui — grunhiu Harun.

— Permissão para atacá-lo, Autoridade Niahkon? — disse um dos Únicos, que segurava um archote e apontava a lança para o peito do anão.

Niahkon fez um gesto para conter o homem.

— Ainda não, Bahas. Quero que dois de vocês avisem ao Palácio que temos um traidor. Ozhan! Tarih! — ordenou ele a uma humana e um kaorsh que estavam mais ao fundo do destacamento. — Vão, agora. Vamos prendê-los e depois os levaremos para as celas.

— Não estou disposto a ser preso sem brigar, Niahkon — disse Harun, enquanto ouvia o som de pedrinhas sendo riscadas atrás de si.

— Vamos levá-lo mesmo assim. — Ele pegou a maça nos ombros e a girou na frente do corpo, emulando um golpe lateral. Niahkon estava se aquecendo. — Peça para seu escravo aí atrás interromper a tentativa ou serão mortos neste lugar, sem a chance de um julgamento justo por parte de Una e do General Proghon.

Harun riu ao ver os Únicos que partiam às pressas para adiantar ao Palácio a notícia de que ele era um traidor.

— O mais justo seria você me enfrentar aqui e agora, *Autoridade* — provocou o anão, colocando todo o desprezo possível na última palavra. — Mas, se quiser mandar esses seus cães sarnentos para cima de mim antes, tudo bem.

Os Únicos se agitaram com a ofensa, mas Niahkon os conteve com um olhar frio. Harun os provocou de novo; porém, o segundo disparate passou despercebido, pois Ziggy se colocou entre os dois Autoridades, talvez o lugar mais perigoso de Untherak naquele instante.

— Quer saber? Não quero morrer! — exclamou ele, levantando os braços. — Eu me rendo, senhor Autoridade.

Harun cuspiu uma praga. Niahkon gargalhou, surpreso, e os Únicos o acompanharam.

Venoma pediu a Raazi e Aelian que se afastassem, pois estavam atrapalhando o serviço dela — que, basicamente, era observar o Poleiro em chamas, do outro lado da rua. Já fazia algum tempo que o grupo tinha entendido que a mercenária se tornava um barril de pólvora de ouro prestes a explodir durante as missões. A dupla se colocou atrás de uma ameia afastada, os olhos pregados nas janelas compridas do segundo andar, enquanto as pessoas que saíram às pressas do lugar se acumulavam nas ruas, afastando-se cada vez mais conforme pedaços do telhado caíam no pavimento.

— Imagino que eles estejam no salão de triagem, certo? — perguntou Aelian para Raazi, percebendo onde estava a atenção dela.

— Já devem ter saído. Ou ao menos deveriam ter feito isso — respondeu Raazi, sem tirar os olhos do segundo andar. Havia um brilho esbranquiçado vazando pelas janelas que parecia ser a luz de archotes, o que não estava ali até um minuto antes. Aquilo a deixou inquieta. — Tem alguma coisa errada lá.

Aelian estava prestes a perguntar qual era a desconfiança dela quando dois Únicos deixaram o Poleiro correndo, pela porta da frente, reconhecíveis à distância por causa das armaduras. Raazi pareceu ficar tensa ao ver a movimentação dos soldados.

— Venoma, acho que...

— Já sei — retrucou ela, erguendo a besta com a seta preparada. Era marcada com uma pena verde, ou seja, tinha a ponta envenenada. — Essas armaduras não me dão uma brecha fácil!

Aelian não entendeu do que ela estava reclamando e se surpreendeu quando uma seta voou com um zunido. O Único de viseira levantada levou as mãos ao rosto, praticamente a única parte descoberta em seu corpo, e caiu de joelhos. O outro interrompeu a corrida ao ver o parceiro caindo, mas, em questão de segundos, também foi ao chão, estrebuchando junto com o primeiro. A morte dos dois foi rápida; alguns segundos de agonia, e os corpos ficaram imóveis. Venoma abaixou a besta e foi para perto de Aelian e Raazi.

— Acabei denunciando minha posição. Precisamos ir para outro ponto do telhado.

Aelian ergueu o dedo para contestar aquela necessidade paranoica. Contudo, algo aconteceu no segundo andar do Poleiro antes que ele pudesse falar qualquer coisa.



Harun estava no chão, coberto de poeira, tentando colocar em ordem os acontecimentos do último minuto.

Primeiro, Ziggy resolveu se entregar a Niahkon. Assim, do nada. O anão já previa que o miúdo não teria a coragem necessária quando a situação apertasse, e aquela era apenas a comprovação.

Então, Bantu Okodee resolveu aparecer.

Agora não!, pensou Harun, com tanto ardor que não estranharia se o avô o escutasse.

— Confie no miúdo, seu pedaço de gosma inútil — falou o velho, indicando o sinfo com a cabeça. Harun olhou para ele, indignado. — Não é só você que é esperto, deixe

de ser arrogante!

Com um andar cabisbaixo, Ziggy parou diante de Niahkon e se virou para o anão — que, aos olhos dos guardas, parecia desnordeado, olhando de um ponto vazio à direita para o parceiro se entregando aos guardas.

Bantu desapareceu tão rápido quanto surgira, e Harun começou a suspeitar de que a situação não estava tão fora de controle quanto pensava, afinal. Ainda com os braços erguidos, o sinfo mantinha uma das mãos fechadas.

— O que...?

Então, Ziggy deu uma piscadela para Harun. E, tão rápido quanto uma serpente, arremessou um punhado de pólvora de ouro no archote que o Único mais próximo segurava.

Niahkon o tinha chamado de Bahas, e aquela seria a última vez que o soldado poderia ser reconhecido. Ao entrar em contato com o fogo branco, o pó dourado causou um lampejo imenso, que eclodiu no salão, fazendo as balanças e os utensílios metálicos tremerem. O Único abriu a boca para censurar o movimento brusco do prisioneiro, mas o aviso morreu junto com ele.

Quando o clarão passou, Bahas quase não tinha mais cabeça. Um buraco de carne fumegante tombou no chão, assim como os outros soldados. Dois deles gemiam de dor, enquanto um terceiro, arremessado de costas na parede como uma boneca de pano, estava imóvel.

Niahkon caiu de bruços a uma distância de cinco metros, a maça fora de seu alcance. O sinfo conseguira se jogar para o lado e também voou alguns metros, impulsionado pela explosão. Harun havia saltado sobre o corpo dele, procurando protegê-lo. Suas roupas estavam chamuscadas, e Ziggy tossia debaixo dele.

— V-você está bem? — perguntou Harun, sentindo a cabeça doer.

Uma lasca de alguma coisa o acertou na testa e piorou a sensação de deslocamento que a explosão tinha causado. Ziggy apenas tossiu em resposta, e o ruído de Niahkon se levantando fez com que Harun se forçasse a fazer o mesmo, só que mais preocupado.

O kaorsh pegou a maça a tempo de bloquear um golpe do martelo de Harun destinado à cabeça dele. O choque de metal contra metal era agudo demais para aqueles ouvidos sensibilizados pela explosão. Rolando para o lado e já se colocando de pé, foi a vez de Niahkon investir num golpe, obrigando o oponente a bloqueá-lo com suas duas armas cruzadas sobre a cabeça.

Ziggy se levantou enquanto os dois Autoridades lutavam, indo para os fundos do

salão. Os dois Únicos ainda vivos começavam a recobrar os sentidos. O pequeno tomou o escudo de um deles e golpeou a cabeça de ambos com força mais de uma vez. *Dois problemas a menos*, pensou o sinfo, que aprendera a potência real da pólvora de ouro do jeito mais doloroso.

Nesse momento, todo o Poleiro chacoalhou.

Os que estavam nas ruas começaram a correr o mais rápido possível quando um dos andares no meio do Poleiro explodiu com um estrondo ensurdecido, fazendo escombros e pedaços de pedra choverem no pavimento. Raazi protegeu os olhos da poeira que atingiu o Balde e viu Aelian fazer o mesmo. Venoma quase não se mexeu, apenas puxou a ponta do capuz um pouco mais para baixo.

— Não caiu — resmungou Aelian. Uma série de rangidos e estouros vinha do Poleiro, como se o andar da explosão estivesse cedendo aos poucos. — Já tinha que ter começado a cair, não é? Alguma coisa deu errado.

— Está reclamando do quê? — falou Raazi, tentando suprimir a própria preocupação. — Por enquanto, você está ganhando a aposta.

— Só quero ver esse lugar horrível ruir.

E, como se obedecesse às palavras dele, o Poleiro começou a desabar.

Harun e Niahkon continuavam a dança brutal de ataque e esquiva como se não tivessem percebido que o alto do Poleiro estava se desfazendo. O som dos choques das armas se diluía no meio do caos sonoro que o lugar se tornara, e Ziggy protegia a cabeça com o escudo roubado, parado à entrada do salão.

— Harun! Temos que sair *agora*!

O apelo foi como um sussurro no meio da multidão e, talvez ele não o tivesse escutado nem se lutasse num lugar calmo sem a iminência de desabar — muitos anos de desavenças entre ele e Niahkon pareciam estar sendo passados a limpo naquele momento.

Acuado contra a parede, o kaorsh usou uma esquiva lateral para escapar das armas do anão e deixou o braço girar a clava durante o movimento. Como o braço dele era naturalmente maior que o do oponente, a ponta de sua arma atingiu a têmpora do anão, que cambaleou para trás. Se Harun fosse de qualquer outra raça,

aquele golpe teria amassado seu crânio e encerrado o combate ali mesmo — mas lá estava ele, chacoalhando a cabeça ensanguentada e retomando, resfolegante, a luta.

— Vamos ser soterrados aqui, Autoridade Harun — provocou Niahkon, abrindo os braços e sorrindo no meio da chuva de poeira e detritos que caía ao redor dele. — O que me conforta é que, mesmo se morrermos, os Únicos vão passar meu recado para o resto da guarda, e a sua família vai pagar pela sua traição.

— Cale a boca!

— Vou deixar meu *canväs* de consciência tranquila, sabendo que a sua esposa vai ser arrastada pelo cabelo enquanto o pequeno Ônix será pisoteado por botas de ferro. Mas você já deve estar acostumado com isso. Não vai ser a primeira vez que perde um filho, certo?

Harun tinha parado de escutar na parte do “sua família vai pagar”. Aquilo já era o suficiente para guiar sua raiva numa investida cega contra o inimigo.

Ele correu, erguendo o martelo acima da cabeça. Niahkon o esperou, parado, saltando para trás no último segundo e descendo sua maça no ombro direito do oponente. Harun gritou de dor, mas usou o machado na outra mão para revidar, mutilando o inimigo. A maça foi ao chão, com os dedos de Niahkon ainda fechados ao redor do cabo.

Em choque ao ver metade do braço separado do corpo, o kaorsh não percebeu o martelo vindo de encontro à sua mandíbula. Mesmo com o ombro destroçado, Harun conseguiu erguer o braço para finalizar o oponente.

Ziggy fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, viu Harun chutando o outro Autoridade e, no pilar central, o pavio próximo à carga de pólvora.

— Temos pouco mais de um minuto para sair, e eu não vou sem você!

Enxergando com apenas um dos olhos, pois o outro estava cego pelo sangue que escorria do ferimento na lateral da cabeça, Harun encarou Kaorsh, protegendo-se com um escudo dos Únicos, mas parecendo não ligar para o fato de que o teto podia desabar a qualquer momento. Precisaria de pelo menos mais um instante com o homem que ameaçara sua família. Que reavivara tantas lembranças dolorosas.

Com o maxilar deslocado, Niahkon cuspiu dentes em meio a sangue. Na poça do líquido vermelho, direcionou o olhar para o anão, e depois para o sinfo, que se aproximava com o escudo sobre a cabeça.

— Pela última vez, temos que ir! — gritou Ziggy, puxando Harun.

Niahkon fez um som grotesco que o anão demorou a perceber que se tratava de uma risada. Forçada e moribunda, mas sem dúvida uma risada.

— Uma vez traidor — disse o kaorsh, com dificuldade, para o sinfo —, sempre traidor. Lembre-se disso.

Harun apertou os lábios, cogitando separar também a cabeça do restante do corpo do Autoridade, que tentava envenenar Ziggy com suas últimas palavras. No entanto, o sinfo mal parecia ter registrado aquilo e reservava toda a força que tinha para fazer o anão segui-lo.

— *Agora, Harun!* — gritou, tentando manter os olhos abertos no meio da poeira. — Ele não vai sobreviver! Temos que ir *agora!*

O anão finalmente o olhou, engasgando no próprio sangue, e só então sentiu a urgência tomar conta de seu corpo. A dupla correu o mais rápido possível com suas pernas curtas, e, por mais que Ziggy corresse bem mais que Harun, continuou ao seu lado durante a travessia do salão e a descida do último lance de escadas para o térreo do Poleiro.

Vestindo um manto encardido, Aelian desceu pela parede lateral do Balde até a rua, infiltrando-se na multidão amedrontada, que encarava o Poleiro a distância. Num momento em que ninguém prestava atenção naquele lado da rua, tirou do bolso uma cabaça repleta de tinta vermelha e a estourou na parede daquele prédio: depois de todo aquele ataque, uma marca da cor proibida seria uma imensa dúvida plantada nos Únicos. Com a tinta ainda escorrendo, olhou para cima e viu Raazi e Venoma de olhos fixos na entrada do prédio que desabava aos poucos — ambas tão preocupadas com Ziggy e Harun quanto ele.

Então, duas figuras cruzaram a entrada do Poleiro, provocando um arquejo de alívio em Aelian: estavam com o rosto oculto por um escudo, mas não havia dúvida de que eram um sinfo e um anão. Aelian apontou para os retardatários do Poleiro e correu na direção deles, certificando-se de que seu rosto estava oculto. Assim que os alcançou, ofereceu o braço para o anão se apoiar, pois ele parecia caminhar com dificuldade, deu uma olhadela no topo do Balde e viu Venoma erguer a balestra, dando cobertura para o caso de os três serem interpelados. Raazi sinalizou com a mão — a etapa final da tarefa, a extração, estava concluída.

Então, o segundo andar do Poleiro explodiu, jogando o trio no chão. Toda a parte superior, que até então desabava aos poucos, terminou de ruir de uma vez só, como se tivesse se transformado em areia escura.

Uma poeira grossa avançou sobre os curiosos a distância, como uma praga divina

que tentava alcançar infiéis desesperados. Aelian usou o manto para proteger os amigos, e o trio aproveitou que as ruas ficaram cobertas por fumaça, poeira e cinzas para se misturar na multidão antes de seguir para o ponto de encontro: o Coração da Estátua.

Mesmo espremido pela aglomeração, um exausto Harun parecia querer dizer algo importante a Aelian, que se inclinou para escutá-lo.

— Você me deve dez *altin*.

Com o corpo tenso e a adrenalina à flor da pele, Aelian demorou para entender do que o anão estava falando. Mas então olhou para trás, por entre a poeira que se dissipava, na direção de onde o Poleiro costumava ficar.

É, ele devia mesmo.

Retornar de uma incursão direto para o Coração da Estátua sempre causava uma espécie de choque: o grupo saía do meio da sujeira e do sangue para terminar naquele lugar calmo, iluminado e aconchegante. Ali era o único ponto de toda Untherak em que conseguiam acalmar os ânimos. Era irônico que fosse dentro de Una.

Anna estava sentada de pernas cruzadas no meio do cômodo que usavam para treinos. Ela costumava ficar muito tempo naquela posição, meditando, e insistia em que todos fizessem o mesmo. Por motivos diferentes, Aelian e Harun tinham dificuldade em permanecer quietos, “deixando os pensamentos e as memórias escoarem”, como dizia Anna. Ziggy e Raazi, porém, sempre acompanhavam a mentora por horas de contemplação silenciosa.

Aelian entrou no salão e viu Anna meditando, observada por Thrul e Bicofino, que pareciam adorar a companhia da mulher — ou estavam extremamente curiosos com aquela humana imóvel. Ela abriu os olhos quando ouviu o grupo chegando e se levantou com calma.

— Estão todos aqui?

Aelian assentiu enquanto eles se agrupavam ao redor de Anna, parecendo exaustos, mas com certo brilho exultante no olhar. Venoma foi a única que não se juntou ao grupo, pois parou em um balcão para limpar a balestra e começar a manutenção que sempre fazia após as missões.

— Vocês estão com umas caras péssimas — disse Anna, sorrindo, enquanto fazia carinho, distraída, em Bicofino, pousado em seu pulso. — Mas fico contente que tenha dado tudo certo. Harun, venha até aqui, vou passar unguento no seu machucado.

— Você precisa ver meu ombro.

— Vou ver agora. Tire a cota, por favor.

— Teria sido melhor se você tivesse ido conosco — disse ele, largando o cinto de armas e ferramentas no chão para começar a tirar a proteção. Raazi se aproximou para ajudá-lo, já que os movimentos do anão estavam limitados. — No mínimo, teria sido mais rápido. Não entendo por que nunca vai.

— Porque quando ela vai, as coisas fogem dela — resmungou Aelian, baixinho, lembrando-se do subterrâneo do Palácio.

— Vocês não entendem muitas coisas. Não poderei ajudá-los para sempre — disse Anna, indo até uma estante e voltando com um pincel e uma cumbuca cheia da pasta vermelha: seu eficaz unguento vermelho. — Quero que sejam tão eficientes quanto eu na hora de entrar e sair de um lugar. Se uma Aparição causa incômodo em Una, quero que sejamos seis Aparições. E, sobretudo, quero que estejam preparados para retaliações. Pois elas sempre vêm.

— E ficam cada vez piores — falou Ziggy.

— Está ardendo mais que o normal — reclamou Harun, sem fazer careta de dor, enquanto Anna pincelava o líquido no corte na lateral da cabeça e no ombro dele. — O maldito do Niahkon quase me mata e... Ei! *Camaleoa!* Nem pense nisso!

Ziggy se sentou na frente de Harun. Aelian foi retomar a leitura de um documento que relatava o movimento das estrelas no céu, chamado pelos antigos escribas de *cartas estelares*. Raazi estava parada na frente da miniatura de Untherak no salão ao lado e congelou no lugar, os olhos arregalados, sem entender nada.

— O que eu fiz?

— Nada, mas *ia* fazer! Ia tirar o Poleiro da miniatura, não ia? — disse Harun, erguendo um indicador. Mudanças na geografia do Unificado eram sempre atualizadas pelo anão, que tratava aquela Untherak como um brinquedo que só ele podia tocar. — Se a verdadeira Untherak é de Una, de Proghon e da Centípede, essa daí é minha!

— Vim só olhar quanto de pólvora de ouro ainda temos, seu maluco!

— Acredite, há o suficiente para um ataque dos bons ao Palácio. Agora saia de perto da minha maquete!

— Daqui a pouco vamos ter que incluir outro tirano nos nossos planos — disse Raazi, revirando os olhos e se afastando para o outro salão.

Anna sorriu com cumplicidade.

— Contanto que façam isso nas próximas três semanas e tenham fôlego para a Untherak de tamanho real no nosso grande dia, não vejo problemas — falou ela, pedindo ajuda para Ziggy na hora de amarrar uma espécie de emplastro de folhas e unguento no ombro ferido de Harun.

— O tempo passou tão rápido — disse Ziggy, que esperava com bastante ansiedade por aquele momento desde que Anna revelara o plano a eles.

Claro, pensou Aelian, desconcentrando-se das cartas estelares por um segundo.

Ele também estava bastante ansioso para ver o firmamento desabar.

A estranha imersão nos escritos antigos que Aelian experimentou na primeira noite dentro da estátua o marcou de diversas formas. Era comum que ele sonhasse com a criação da Mácula, com o homem que se tornaria Proghon, com a Centípede fazendo sua estranha dança de mil braços.

Porém, uma das coisas que mais lhe marcou foi ter percebido que grande parte do poder de Una vinha de uma história contada às avessas. Durante a construção de Untherak, a Centípede tinha usado o eclipse como uma demonstração de poder da deusa unificada — e, anos depois, a narrativa se transformara no texto da Fúria dos Seis, conhecido por todos. No entanto, Aelian sabia a verdade agora: a deusa não cobrira o Sol com Mácula, pois a substância só foi inventada muito tempo depois. Com frequência, as histórias eram readaptadas às necessidades do Palácio, incluindo um número cada vez maior de detalhes absurdos. O rio Abissal já havia transbordado algumas centenas de vezes ao longo de mil anos em “acessos de raiva” da deusa, e não porque rios transbordam naturalmente. O povo comprava a ideia que lhe era vendida porque era a única ideia vendida.

A Centípede conhecia o movimento dos astros da mesma forma que os antigos escribas. Aelian sabia disso. Porém, ao longo daqueles meses de ações por Untherak, ele percebeu que Anna também tinha grande parte daquele conhecimento.

Adivinhar o clima da manhã seguinte através da neblina, saber quando choveria apenas pelo cheiro do vento: sinfos podiam fazer isso. Saber em quanto tempo uma tempestade de areia atingiria as Muralhas da Borda do lado voltado para o deserto: os kaorshs conseguiam fazer isso. Contudo, saber com exatidão o dia e a hora em que ocorreria uma chuva de meteoritos: talvez Anna fosse a única criatura capaz de prever esse tipo de coisa. E foi o que ela fez numa noite em que Ziggy tocava seu alaúde e Aelian tentava acompanhá-lo com uma ocarina, esforçando-se para não estragar a música. Anna meditava perto deles, nem um pouco incomodada pelo barulho.

— Você desceu o tom — avisou o sinfo num momento, sem parar de dedilhar. — Essa parte é mais aguda.

— Ah — disse Aelian, tentando mais uma vez.

Soprou o instrumento, e um som engraçado saiu, talvez pela posição errada da embocadura. Ziggy começou a rir, mais da situação em si que do erro de Aelian. O

pequeno não tinha o tipo de senso de humor que via graça nas falhas dos outros.

— Deixe os lábios mais firmes, você está parecendo uma velhinha chupando um favo de mel — disse ele.

Esse comentário conseguiu fazer Anna sair de seu estado de abstração.

— Pronto, agora a Aparição riu de mim, e a culpa é toda sua — reclamou Aelian.

— Estou rindo mais do que Ziggy falou do que de você, Aelian — disse ela, levantando-se e pegando um pouco de água numa jarra próxima. A mulher deu um longo gole e olhou para o sinfo. — Você teria se dado bem com um velho amigo meu.

— Ah, é? Quem?

— Nós o chamávamos de Absinto.

— Deixe eu adivinhar: ele era um bêbado inveterado? — perguntou Aelian.

— Não posso negar que ele passava mais tempo embriagado que sóbrio. No entanto, a origem do nome dele era outra. Vinha de uma estrela.

Ziggy baixou o instrumento musical na mesma hora, interessado no assunto.

— Ele sabia o movimento das coisas lá de cima, que nem você?

— Na verdade, foi ele quem me ensinou os princípios básicos do estudo dos astros.

— Bom, se uma pessoa pode aprender a mecânica do movimento das estrelas, ainda tenho esperanças de aprender a tocar uma flauta direito — disse Aelian.

— Então, comece chamando a coisa pelo nome certo. Isso aí é uma ocarina! — falou Ziggy, dando um tapa nas costas do humano e piscando com cumplicidade para Anna. Ambos sabiam que Aelian estava indo muito bem na prática musical, apesar de ter começado tarde. — Bom, eu daria tudo para ver a passagem de um cometa. Só que isso é tão raro de acontecer que um sinfo precisaria ter muita sorte para nascer na hora certa.

— Considere-se sortudo, então — disse Anna. — Em alguns meses, teremos uma chuva de meteoritos que poderá ser vista a olho nu.

— Você está brincando! — O pequeno se levantou, deixando o alaúde cair com uma nota desastrada. — É sério? Sério mesmo?

— Eu não mentiria para você, pequeno.

— E como vai ser? — indagou Ziggy, bastante empolgado. — Como é uma chuva de meteoritos, exatamente?

Anna pareceu se voltar para dentro. Ela encarava o chão, mas parecia estar buscando algo em algum ponto profundo da própria mente. Aelian pensou em como era estranho que naquele instante, no interior do Coração da Estátua, houvesse

uma pessoa muito parecida com o monumento também voltada para seu interior. Era como uma daquelas bonecas umas dentro das outras que os anões faziam para seus filhos.

Depois de algum tempo, quando parecia que Anna tinha se desligado da conversa e voltado a meditar, ela respondeu à pergunta do sinfo:

— Será como se o céu estivesse ao nosso alcance.

Ziggy sorriu. Era o suficiente para ter algo pelo qual esperar pelos meses seguintes. E foi então que Aelian percebeu uma coisa.

— Espera... você sabe exatamente o dia e a hora em que a chuva de meteoritos vai acontecer?

— Bom, é exatamente para isso que estudamos os astros — respondeu ela, pensativa.

Aelian se levantou de repente, batendo a ocarina na palma da mão livre sem parar.

— Se Una tomou o poder quando “tingiu o Sol de negro” — disse, abrindo um sorriso quase febril —, então vamos derrubá-la junto com as estrelas e contar a história que Untherak merece!

Ziggy demorou a entender. Anna sorriu de imediato, e Aelian ficou exultante em ter conseguido pensar em algo assim. Com um evento grandioso daqueles, seria mais fácil convencer um povo domesticado de que uma grande mudança tinha chegado.

Anos depois, sob a luz da memória que pode tanto nublar quanto clarear momentos importantes, Aelian se lembraria daquele sorriso — que não era o de alguém que ouvira uma ideia nova ou que estivesse surpresa. Aquele era o sorriso de alguém que chegara ao ponto que planejava e que sabia muito bem o que estava fazendo. Era o sorriso de uma estrategista.

— Tudo de ruim acontece nos meus Dias de Louvor. Não posso deixar que ela perceba — falou Harun, tentando esconder o emplastro e o líquido avermelhado debaixo das roupas. Nos últimos tempos, ele vivia preocupado com o que a esposa pensaria se começasse a ligar os pontos sobre suas escapadas para as missões. — Vou voltar para casa assim mesmo, e invento que me machuquei na queda do prédio.

— Ninguém vai interrogar você sobre seu paradeiro durante o que aconteceu no

Poleiro? — questionou Raazi.

Ele deu de ombros e fez uma careta rápida de dor.

— Quem sempre me interrogava era Niahkon. Agora acho que só preciso me preocupar com Cora.

— Ela ainda é devota de Una?

— Ela ainda é devota de Una — respondeu ele, bufando. Aquele assunto sempre o irritava, e a mudança da conversa fez com que ele se apressasse. — Até breve, então. Alguém vai para o Portão Sul? Miúdo?

— Preciso levar o Thrul para pastar, vou para o Segundo Bosque pela saída dos Assentamentos. Aelian vai comigo, acho — disse Ziggy, olhando para o rapaz, que levantou os olhos das cartas estelares por um instante.

— Sim, daqui a pouco. Já estou terminando aqui.

— Vou com vocês — disse Raazi, mostrando-se um pouco animada com o sucesso da missão. — Quero beber alguma coisa. Vem com a gente, Venoma?

— Tenho assuntos a tratar com Anna — respondeu a mercenária.

Aelian observou a moça antes de Harun ir gingando na direção da saída.

— Tudo bem. Fico feliz em poder fazer uma longa caminhada silenciosa por longos e sombrios corredores, *sem ninguém tagarelando no meu ouvido*.

E foi embora.

Após alguns segundos, os que lá ficaram se entreolharam, de sobrancelhas franzidas. Ziggy olhou para Anna, a única que não parecia intrigada.

— Se isso foi uma indireta para algum de nós, acho que não entendi.

Raazi pensava no silêncio.

Cinco meses antes, quando a convivência com aquele bando de desgarrados se tornara inevitável, as refeições às escondidas e as noites dentro do Coração da Estátua eram marcadas pela timidez, desconfiança e tristeza. Ziggy era o que mais conseguia se aproximar deles com sua inocência, mas também sabia quando se calar — a sensibilidade dele em ler os sentimentos do próximo era invejável. Talvez escutasse algo na voz ou até mesmo na quietude dos outros que lhe dizia a hora de deixá-los sozinhos. Os frequentes desentendimentos entre Aelian e Harun eram resolvidos com comentários desinteressados da parte do sinfo, que acabavam murchando os ânimos aflorados do humano e do anão. Raazi pensava que o comportamento do pequeno era na maior parte do tempo muito menos infantil que o dos outros dois — os fatores idade e tamanho talvez fizessem as outras espécies subestimarem os sinfos como criaturas imaturas. Eles conseguiam o que queriam sem abandonar um traço pueril. Os adultos de outras espécies enterravam a infância debaixo das responsabilidades e dos sofrimentos, e os sinfos pareciam fazer sentimentos contraditórios coexistirem dentro do curto tempo de suas vidas.

A kaorsh ainda notava longos silêncios entre os aliados, mas agora nenhum deles gerava desconforto. Na verdade, esses momentos eram cheios de confiança, confidência ou seja lá o que alguns meses de combate furtivo contra um regime tirano poderiam construir entre *cúmplices*.

Apenas Venoma ainda era uma incógnita para Raazi. Num momento, a moça fazia questão de compartilhar das risadas do grupo e, no outro, nem sequer aceitava beber do mesmo gargalo de uma garrafa de vinho proibido. A dualidade discrepante dela não vinha só de seu sangue mestiço. Confirmando as suspeitas de Raazi, Venoma confessara que era filha de uma humana com um kaorsh. Nem Aelian — que com frequência dividia a cama com ela — saberia dizer muito sobre seu passado, nem mesmo o nome verdadeiro da mulher, supondo que Venoma devia ser sua alcunha de mercenária.

— Vocês não conversam após o coito? — questionava Harun, com a sensibilidade de sempre.

Aelian revirava os olhos quando o assunto debandava para aqueles lados, como se, no fundo, nunca fosse se acostumar a compartilhar coisas tão pessoais com seu ex-carcereiro.

— Eu... já tentei. Mas ela nunca responde. Ou diz que está com fome e se afasta, ou dorme.

Foi num desses momentos que Ziggy perguntou para Aelian se era verdade que Venoma dormia de olhos abertos, e foi então que Raazi descobriu que sim, mas com apenas um dos olhos.

A kaorsh voltou ao presente quando chegaram no porão do esconderijo nos Assentamentos. Ziggy e Thrul tinham saído dos túneis um pouco antes do fim do trajeto, já que o betouro era grande demais para os caminhos apertados até o casebre. Aelian saiu primeiro pelo alçapão e Raazi o seguiu. Vestiram suas capas para poderem circular pelas ruas sem serem reconhecidos. Ambos tinham deixado algumas roupas ali no casebre por precaução, por mais que Raazi pudesse alterar a cor dos cabelos e da pele. A mancha azul se fixara ao redor de seu olho esquerdo, e um capuz sempre era útil para afastar os curiosos.

Aelian concordou em passar no Pâncreas para beber algo. Contou para Raazi que já fazia algumas semanas que não via Tom e sua família.

— Por mais que a estátua tenha um bom estoque de bebidas — disse ele —, acho que sinto falta de tomar cerveja ou algo que não esteja armazenado há centenas de anos.

A taverna não estava cheia, o que era ruim, pois quanto mais gente havia num lugar, menos atenção os recém-chegados chamavam.

— Estranho — sussurrou Raazi. — O Pâncreas deveria estar cheio, como todo e qualquer estabelecimento que vende álcool após um acontecimento estrondoso.

— É verdade. Pensei que teria um monte de gente aqui dentro comentando sobre o Poleiro...

A kaorsh olhou ao redor. Alguns anões que pareciam cansados jogavam dados com apostas baixas na mesa, era mais para se divertir do que para tentar faturar alguma grana. Um homem roncava no balcão, de frente para um caneco de cerveja escura pela metade. Eram os únicos clientes. Naquele caso específico, o silêncio estava incomodando Raazi.

Seguiram para os fundos, onde Taönma os recebeu com um sorriso, varrendo a poeira acumulada no piso de madeira.

— Que bom ver vocês! — Ela abraçou todos, deixando a vassoura de lado. —

Querem beber lá no depósito para ficarem mais à vontade? Tom está lá.

Foram para trás do balcão enquanto o bêbado dorminhoco soltava um ronco alto. Assim que entraram, viram o taverneiro e o filho empilhando alguns barris próximo à porta. Dentro do ambiente seguro, Aelian abaixou o capuz e abraçou o Pequeno Tom.

— Ora, ora — disse Tom, o pai. — Pensei que teria que fazer todo o trabalho sozinho!

— Não nos leve a mal, Tom — disse Raazi enquanto o homem beijava a mão dela com ternura. — Mas viemos beber mesmo. Foi um dia cheio. Tenho certeza de que você sabe...

O taverneiro riu, dando um tapinha nas costas de Aelian e voltando aos barris.

— Ah, sei, sim... Mas me ajudem a levar os barris até a festa e, então, todos poderemos beber por lá mesmo. A carne vai estar no ponto quando chegarmos.

Aelian olhou para Raazi, sem entender.

— Que festa?

O dono do Pâncreas deu um riso frouxo.

— Vai se fazer de desentendido para não me ajudar, né? Tudo bem, o Pequeno Tom já está mais forte que você. Mostre o muque para ele, filho!

Aelian, embora não perdesse uma chance de brincar com o filho do amigo, nem prestou atenção no garoto enquanto ele flexionava o braço, mostrando um muque minúsculo.

— Não fiquei sabendo de festa nenhuma, estou falando sério. Você resolveu dar uma?

— Rapaz, você está me deixando preocupado. — Tom olhou para Raazi e deu uma piscadela. — Ele bateu a cabeça ou algo assim durante o passeio destrutivo de vocês?

— Tom — começou a kaorsh, séria, a cor da pele e dos cabelos voltando ao normal —, que festa é essa?

Desconcertado, o taverneiro olhou para os barris empilhados.

— Vieram me avisar há umas duas horas que vocês dariam uma festa e que mandariam a comida por Raeth, aquele bandidinho que tentou arranjar encrenca com a dona Aparição, lembram? Enfim, ele estava todo empolgado. Pensei em contribuir com a bebida, como da última vez... Que caras são essas? Não sabiam disso?

— Nós não planejamos nada, Tom — disse Aelian, sombrio.

— Como assim? Anna não avisou a vocês?

Raazi cobriu o rosto com o capuz, já se encaminhando para fora do depósito.

— Vamos. Alguma coisa está acontecendo.

Eles seguiram pelas vielas, na direção do local em que a fogueira foi erguida naquela noite de fuga, comemoração e *kaita*. Taönma resolveu acompanhá-los, mesmo com Tom pedindo que ela esperasse no Pâncreas com o filho. Ela não lhe deu ouvidos e saiu depressa atrás do marido, Aelian e Raazi, deixando a taverna aos cuidados de um confuso Pequeno Tom.

O grupo ouviu vozes antes mesmo de chegar na clareira entre as casas. Entretanto, aquilo em nada se parecia com o burburinho de uma comemoração. Na verdade, os sons eram lamentos, choros e pedidos de socorro. Aelian desembestou a correr, e Raazi o ultrapassou, derrapando na terra ao chegar na cena que os aguardava.

— Não...

Havia muita gente caída ao redor da fogueira. Olhos arregalados, sangue e vômito escorrendo pelos queixos. Humanos, anões, kaorshs... crianças das três raças. Idosos. Rostos conhecidos e desconhecidos. Aelian congelou ao lado de Raazi, que levou a mão à boca. Tom abraçou Taönma, que afundou o rosto no ombro dele e começou a chorar. Mais tarde, ela contaria que o primeiro morto que tinha reconhecido era um amigo do filho, uma criança da mesma idade que o Pequeno Tom. Ele estava caído de lado, uma das pernas dobrada embaixo do corpo e a outra, esticada. Havia uma fatia de carne assada em suas mãos, pela metade.

Quase todos os mortos estavam próximos a pedaços de carne. Muita gente vomitava ou desfalecia ao redor da fogueira, enquanto pessoas que não entendiam o que estava havendo tentavam acudi-los.

— O q-que está acontecendo? — perguntou Aelian, saindo do torpor e correndo de um cadáver ao outro, checando as pulsações, tentando despertar os caídos que não estavam de olhos arregalados.

Próximo ao fogo que queimava com a cor natural, ele reparou que o próprio Raeth era um dos mortos. O ex-falcoeiro reconheceu o homem pela soqueira enferrujada pendurada numa corrente em seu cinto, pois o rosto estava inchado, com marcas estranhas. Seus dentes de ouro apareciam pela boca entreaberta.

Raazi olhou ao redor. Uma kaorsh de cerca de três anos chorava ao ver a mãe

caída de bruços. Aquela cena fez uma corrente de adrenalina percorrer seu corpo, e ela se adiantou para tirar a criança de perto do cadáver. A menina começou a espernear, e aquele som era pior que a visão horrível daquele lugar que fora palco de momentos tão agradáveis.

Raazi a segurou forte com apenas um dos braços, tentando acalmá-la, mas em vão. Com a outra mão, virou o corpo da kaorsh, deixando-a com o rosto para cima. Havia um fiapo de sangue saindo pelo canto da boca da mulher morta, e um estranho desenho no pescoço da falecida, como veias estouradas.

— Veneno — balbuciou Raazi, em meio ao choque.

Aelian, que estava a poucos metros da aliada, interrompeu o processo de checar se os caídos ainda viviam. Aquela única palavra ressoou de maneira desconfortável na cabeça dele.



A pesada porta do Coração da Estátua bateu com mais força que o normal. Aelian irrompeu no salão a tempo de ver Anna e Venoma dobrando um mapa da Vila A, como se o assunto não pudesse ser compartilhado com eles.

— Vocês nos devem explicações! — exclamou ele, apontando o dedo para as mulheres. Raazi seguia logo atrás, e a expressão dela também não era das melhores.

— Perdão? — Venoma estranhou o tom de voz do outro e cruzou os braços.

Aelian se adiantou na direção da mercenária como uma carroça desgovernada, mas foi interpelado por Anna, que se colocou entre os dois.

— Acalme-se, Aelian — disse, pousando uma das mãos no peito dele, que parou. Venoma o encarou um tanto surpresa. — Por que vocês voltaram?

— Tem pelo menos cinquenta mortos nos Assentamentos — grunhiu ele entre os dentes, o olhar indo de Anna para Venoma. — Envenenados.

A moça arregalou os olhos e deixou os braços penderem ao lado do corpo. Anna olhou para ela por um instante, sem alterar a expressão severa, e então se voltou para Aelian.

— Venoma está comigo há horas, desde que vocês saíram. Ela não teria como ter saído.

— E nem motivo! — gritou a mercenária, ofendida.

— E o que as duas estavam planejando? — perguntou Aelian, forçando o corpo um pouco para a frente ainda sem conseguir sair do lugar. Ele se esquecia de como Anna era forte.

— Não é da sua conta! — retrucou Venoma.

— Por que não? Não estamos todos juntos nessa?

— Calados, vocês dois — disse Anna, sem um pinga de raiva na voz. Eles obedeceram. — Aelian, você tem razão, estamos todos juntos nessa. Eu e Venoma estávamos discutindo um próximo passo bastante importante para a missão: a neutralização de alguns Autoridades e comandantes de Una. Eu apenas dizia qual são os próximos alvos dela. Agora, me expliquem essa história de mortos nos Assentamentos.

— Não acredito que você desconfiou de mim, idiota — balbuciou Venoma, os lábios crispados.

Aelian ia começar a falar, ainda com os nervos aflorados, mas Raazi, que ao menos parecia mais calma, tomou a palavra.

— Alguém anunciou uma nova comemoração nos Assentamentos, como se fosse nossa. A carne estava envenenada. — Ela fez uma pausa. — E os mortos tinham marcas e hematomas parecidos com as sequelas do seu veneno.

— Absurdo! — protestou a mercenária.

— Eu não estou acusando você, Venoma — disse a kaorsh, e de fato não havia indício de desconfiança na voz dela. — Apenas viemos até aqui para tentar entender o ocorrido.

— Tinha crianças mortas lá. Por toda parte — grunhiu Aelian, dando as costas e se afastando de Anna.

— Eu nunca faria uma coisa dessas! — respondeu Venoma, o indicador em riste na frente do rosto.

— E não teríamos motivo para tal — explicou Anna. — Há muitas pessoas que são simpáticas à nossa causa nos Assentamentos, vocês sabem muito bem. Estamos do lado do povo, não *contra* ele.

— Eu sei — falou Raazi. — Ainda estamos tentando entender. Você perdeu alguma aldrava com setas envenenadas, foi roubada ou algo assim, Venoma?

— Não sou uma camponesa que sonha acordada no Mercado Aberto, Raazi — retrucou a mercenária, afiada. — Eu teria percebido!

— Venoma — disse Anna, em tom de reprimenda —, acalme-se. Temos que chegar a uma conclusão. Aelian, você sabe que o veneno dela já estava quase no fim...

— Esperem — interrompeu a mercenária. — É isso!

Aelian se virou para ela, nervoso, mas permaneceu em silêncio ao notar o olhar de Anna.

— O monstro que Raazi e Yanisha enfrentaram no Festival da Morte está sob o poder de Una. Ele era a minha fonte! — disse Venoma. — Devem ter aprendido a extrair o veneno...

— ... e forjaram a festa como se fosse nossa, para nos incriminar e nos jogar contra os simpatizantes que temos nos Assentamentos. — completou Raazi. — Faz sentido.

— Além de ser uma resposta à ação no Poleiro.

Anna congelou por um instante, os olhos desfocados. Aelian a encarou, nervoso. Após todo o horror que testemunhara com Raazi, estava pronto para reagir imediatamente. O cansaço da missão no Poleiro parecia ter evaporado e ele se sentia capaz de derrubar o Palácio de Una inteiro sobre a cabeça do General Proghon e da Centípede com as próprias mãos.

Como se ouvisse os pensamentos dele, na mesma hora Anna saiu de seu transe e puxou o capuz do manto vermelho, indo para onde sua espada repousava.

— Proghon nos mandou um recado. Quebrou a trégua.

— Se você vai para o Palácio, vou com você — disse Aelian.

— Eu também — disse Venoma.

Anna os encarou enquanto amarrava as faixas no rosto, a voz abafada.

— Eu vou primeiro. Vocês devem descansar. Aelian, mande Bicofino com uma mensagem para Ziggy, para que ele encontre você, Raazi e Venoma nos túneis sob o Palácio ao nascer do sol.

— E Harun? — perguntou a kaorsh.

Anna colocou a espada nas costas enquanto Venoma respirava fundo, visivelmente irritada por ter sido contrariada e forçada a esperar.

— Ele vai estar no Palácio amanhã, nós o encontraremos. Deixe-o ficar com a família hoje. Harun vai precisar disso.

Sem dizer mais nada, a figura de vermelho deixou o salão, deixando os três companheiros em péssimo humor.

Cora repetiu seu ritual de despedida de toda manhã: tocou a cabeça do marido e fez uma prece para que as Seis Faces de Una observassem pela segurança dele.

Harun aquiescia. Por dentro, porém, desligava a mente durante as demonstrações de fé da esposa. Não imaginava uma maneira de apresentar sua verdadeira visão a respeito de Una sem devastá-la por completo, mas também não conseguia imaginar Ônix crescendo com aquela mentalidade — a mais comum em Untherak.

— O mesmo blá-blá-blá de sempre — dizia Bantu Okodee durante o falatório fervoroso da anã. Harun também tentava se desligar quando a voz do fantasma começava a falar com ele.

A carruagem que transportava os Autoridades parou na frente da casa dos Okodee. Seis betouros patearam a terra enquanto o condutor humano ordenava ao assistente sinfo que tocasse uma melodia a fim de acalmar os animais. Fazendo uma careta de dor ao sentir o ferimento do dia anterior no ombro inflamado, Harun subiu e se acomodou ao lado dos outros dois Autoridades que conversavam dentro do transporte.

E foi assim que ficou sabendo do envenenamento em massa nos Assentamentos. Segundo os Autoridades, tudo aconteceu a mando de Aparição.

Completamente perturbado, Harun passou muito tempo tentando encontrar um motivo para Anna ter feito aquilo contra os moradores do lugar que tanto prezava.

A movimentação no Palácio era incomum. Os Únicos pareciam irrequietos e mais agressivos que o normal, e os Autoridades se reuniam pelos cantos, cabeças próximas em conversas sussurradas e preocupadas.

Harun ouviu falar que, após os acontecimentos da noite anterior, Proghon foi para a Vila B, coisa que quase nunca fazia. Seus sumiços para dentro dos muros mais perigosos de Untherak só aconteciam quando o General estava insatisfeito com os maculados enviados para lhe servirem de voz. Quando isso acontecia, era normal que ele mesmo fosse procurar escravos que a Mácula não tivesse consumido por completo.

Sobre tudo que estava acontecendo — inclusive as mortes nos Assentamentos

atribuídas a Aparição —, Harun queria apenas ouvir a outra versão dos fatos, de preferência da boca da própria Anna. A primeira conclusão que tirou foi de que aquilo era uma calúnia óbvia, um novo ataque orquestrado pelo Palácio para que o povo não apenas tivesse medo do “encapuzado vermelho”, mas que também o odiasse. Ainda assim, o anão sabia que aquela era sua cabeça trabalhando para encontrar uma explicação que não o decepcionasse.

Imaginava que, em algum momento, conseguiria encontrar alguma atividade que lhe permitiria dar uma escapada para os túneis, e tinha certeza de que encontraria Anna por lá.

O primeiro corredor silencioso em que Harun entrou já continha uma figura com o manto da cor proibida parada no meio.

Anna indicou uma porta com um movimento de cabeça, e o anão olhou por cima do ombro mais de uma vez antes de entrar, tentando se certificar de que ninguém o vira na companhia de Aparição.

Era um velho depósito mofado, sem janelas, com caixas e barris em péssimo estado pelos cantos. Assim que entraram, Venoma passou o ferrolho pelo lado de dentro e os fechou junto com os outros aliados, reunidos em torno de um candeiro de fogo branco. O anão coçou o nariz ao sentir o cheiro daquele cômodo que devia estar trancado havia pelo menos metade da existência de Untherak.

— Há quanto tempo estão escondidos aqui? — perguntou Harun, olhando para a expressão grave nos rostos de todos, mas sobretudo no de Aelian.

— Alguns minutos — respondeu ele.

— E estou segurando um espirro desde que entrei — disse Ziggy, com uma careta.

— Então, segure mais um pouco e me explique tudo que aconteceu ontem.

— Depois. Agora precisamos agir — disse Anna, com a voz abafada pelas faixas. — Proghon não está no Palácio. Aelian e eu vamos nos infiltrar nos aposentos dele e pegar a arma que pode feri-lo.

— Por que não fizemos isso antes? — perguntou o anão.

— Não é tão simples quanto derrubar a comunicação de Untherak — falou Anna. — O plano de roubar a espada era apenas para uma situação extrema, o que é exatamente o que temos agora. O restante de vocês precisa encontrar o santuário das sócias de Una e tirá-las de lá, da forma que treinamos. Tentem ao menos resgatar o maior número delas que conseguirem.

As pessoas já haviam recebido aquelas instruções antes, então a incredulidade foi exclusiva de Harun. Ele riu, exasperado, e notou a expressão abalada no rosto de

Raazi. Por algum motivo, aquilo o fez evitar qualquer comentário ácido sobre a provação que viria a seguir.

— E como vamos chegar nesse lugar se você está indo para o outro lado do Palácio com Aelian? — perguntou.

— Eu sei como chegar até lá — respondeu Venoma, recostada à porta de madeira.

— Claro que sabe — disse Harun, esfregando as têmporas.

Durante os últimos meses, repetidas vezes Anna os prevenira de que, em algum momento, eles talvez precisassem encontrar o esconderijo das sósias. O anão sabia que a ideia era provar para o povo que havia uma farsa na imortalidade de Una, mas algo ali não se encaixava muito bem. Até porque ele ainda não tinha entendido o que acontecera nos Assentamentos e não sabia de onde vinha aquela história de “única arma que pode ferir Proghon”.

— Tenho *muitas* dúvidas, mas vou resumir em apenas uma: para onde levaremos as Unas? Seria perigoso demais deixá-las no Coração da...

— Nós a levaremos para o Coração da Estátua — disse Raazi, com impaciência, mostrando que eles já haviam repassado o plano diversas vezes nas últimas horas.

— Proghon agiu nos Assentamentos, então o lugar deve estar sendo vigiado.

— Querem saber? Tanto faz. Vamos levar um bando de mulheres que nunca viu a luz do dia para o nosso esconderijo, por que não? — falou Harun, enfiando a mão no meio da barba branca e puxando os pelos, irrequieto. — Qualquer coisa para convencer minha esposa de que Una é um embuste.

O grupo ficou alguns segundos em silêncio. Estavam todos ali, juntos, experimentando a tensão uns dos outros. Harun percebeu que Aelian estava cabisbaixo e que evitava o olhar de Venoma. O anão encarou Ziggy, que o tranquilizava mesmo nos momentos mais difíceis graças a sua incapacidade de aparentar nervosismo. Porém, até o miúdo estava armado: ele brandia duas ferramentas agrícolas nos antebraços, adaptadas com lâminas maiores que o normal.

— O que foi? — perguntou o sinfo, notando que estava sendo observado. — Venoma fez para mim.

Um dia que começava com um sinfo armado para a batalha não podia terminar bem.



Aelian seguia os passos de Anna, se é que aqueles pés tocavam o piso. Ela não fazia

ruído algum mesmo em corredores estreitos e empoçados e com aquela espada imensa nas costas. *Talvez ela consiga flutuar a alguns centímetros do chão*, pensou.

Estavam numa região da Ala Leste do Palácio que Aelian conhecia: as imediações do Anel de Celas, de onde havia resgatado Raazi. Ele reconhecia muitos dos caminhos sem janelas, alguns pelos quais havia se esgueirado naquele dia em que os dois agiram juntos pela primeira de muitas vezes. Os cenários podiam ser repetidos, mas a grande novidade ali era ver Anna se agachando diante de uma minúscula abertura gradeada na parede de pedra.

— Isso é um respiradouro — disse Aelian, constatando o óbvio.

Anna retirou a grade com um puxão e jogou a espada lá dentro.

— Também é uma passagem — falou, antes de sumir pela abertura.

Nos meses anteriores, Aelian aprendera que qualquer refúgio de ratos e baratas também poderia ser uma rota de fuga ou infiltração. Mesmo assim, não deixou de balançar a cabeça ao ver sua mentora engatinhando atrás da arma.

— Coloque a grade de volta quando passar — disse a voz lá dentro, já distante.

Havia um túnel da mesma largura do respiradouro, mas que alguns metros depois se abria numa espécie de clareira subterrânea cheia de buracos. Aelian se arrastou com os cotovelos até poder ficar de pé, um vento agourento zunindo em seus ouvidos.

— Estamos nos dutos de ar do Anel de Celas? — perguntou ele.

— Numa intersecção entre eles, sim — respondeu Anna, procurando um buraco específico.

Ao encontrá-lo, mais uma vez ela empurrou a espada no duto antes de entrar.

— Então, esses murmúrios não são só vento — disse Aelian, numa quase pergunta.

Anna olhou para ele antes de sumir pela abertura. Uma lacraia passou por cima da mão que ela mantinha apoiada na borda do túnel, mas ela pareceu não se importar.

— Não, não são.

Aelian esfregou os braços e decidiu ficar o menor tempo possível sozinho naquele lugar.

Raazi estava a alguns instantes de testemunhar o que Yanisha um dia vira.

Aquilo a fazia se sentir mais próxima da esposa. Não como se o *canväs* dela estivesse acompanhando o grupo na Ala Oeste, isso era impossível, mas a porção de

Yanisha que importava, a que ela guardava dentro de si... Era como se agora abraçasse sua alma, envolvendo-a, dizendo que ficaria tudo bem. Yanisha parecia mais perto da superfície, a ponto de Raazi ter a impressão de que a veria a cada curva nos corredores do Palácio, mas a sensação sumia pouco antes de virar a cabeça para olhá-la.

— Não estamos sendo seguidos — disse Venoma, notando que Raazi parecia estar procurando alguma coisa. A mercenária liderava o grupo, parando de vez em quando para tentar se lembrar do caminho. — Na verdade, faremos contato com Únicos daqui a pouco, mas eles estarão à nossa frente, não às costas.

Raazi não se deu ao trabalho de responder. Que Venoma pensasse que ela estava preocupada com a retaguarda do grupo; era melhor assim. Harun, porém, observava-a de outra maneira. Enquanto Ziggy ajeitava as lâminas nos antebraços e Venoma erguia a besta, o anão desacelerou os passos para ficar ao lado da kaorsh.

— Você viu alguma coisa?

— Não. Só estava olhando por força do hábito. Melhor prevenir.

— Não, digo... Você viu alguma coisa que *não estava aqui*?

Raazi inclinou a cabeça.

— Como assim?

— Deixa pra lá — desconversou o anão, escolhendo uma arma do cinto. Ao fazer isso, ele olhou para a kaorsh, que tinha as mãos vazias. — Vou de martelo. Por que você não trouxe nenhuma arma?

Ela deu de ombros.

— Não tinha por que carregar peso extra se posso simplesmente tomar a arma de alguém.

Harun riu, voltando-se para a frente. Gostava da kaorsh como gostava de um machado de duas lâminas com cabo reforçado: armas daquele tipo costumavam ser confiáveis, assim como Raazi.

Venoma ergueu a mão, sinalizando perigo à frente. Estavam diante de um salão comprido iluminado por centenas de tochas de luz branca em dezenas de pilares. No centro havia um corredor que terminava numa porta grande e pesada, também ladeada por archotes. Oito Únicos guardavam a entrada, com as lanças apoiadas no chão e posturas eretas.

— Esses homens nem devem saber que guardam um segredo tão tenebroso — sussurrou Ziggy.

Raazi ficou quieta, imaginando qual daquelas lanças terminaria em suas mãos.

— Usem os pilares para se proteger — aconselhou Venoma.

Ela própria fez exatamente o contrário: seguiu pelo meio do corredor, numa linha reta em direção aos Únicos.

— Ei, você! Pare! — gritou um soldado, já assumindo posição de combate. Os outros o imitaram.

Venoma ergueu a besta com uma das mãos e disparou enquanto andava, fazendo a seta acertar o pescoço do sujeito pela minúscula brecha na armadura. Buscou abrigo atrás de uma coluna, recarregou a arma e acertou o segundo homem no peito, um estampido metálico ressoando pelo corredor. Então se atirou para o lado justo a tempo de evitar que uma lança a trespassasse.

Harun correu pela esquerda, atrás dos pilares mais próximos da parede. Atacando com o braço esquerdo, surpreendeu o Único na ponta da linha de defesa disposta à entrada. O que estava ao lado do soldado atacado se virou para impedir os planos de Harun.

Raazi ziguezagueou entre os pilares, com Ziggy logo atrás. Ela se jogou para a frente e emendou uma série de cambalhotas típicas da *kaita*, e o sinfo a imitou. Aquilo foi o suficiente para que os Únicos se esquecessem por um instante de Venoma, que aproveitou para abater mais dois deles. Daquela distância, dificilmente erraria.

Três Únicos ainda estavam de pé, um deles enfrentando Harun. Raazi deu uma rasteira no outro e aproveitou para roubar a lança dele. Ziggy gingou na frente do terceiro soldado e desviou de uma estocada que passou rente a seu rosto. Um segundo golpe resvalou pela arma em seu antebraço, mas Raazi acabou com o sujeito antes de mais uma investida — ela segurou firme o capacete do Único e torceu o pescoço dele. O estalo foi mais alto que os golpes trocados entre Harun e seu oponente.

O ombro ferido era uma dificuldade para o anão, e só por isso ele ainda não havia liquidado o Único. Estava esperando o momento certo, e ele veio na previsível forma de um golpe frontal: Harun deixou a lança passar ao lado do corpo e puxou a haste, fazendo o soldado tropeçar para a frente e ir de cara contra o martelo.

Ofegante, Harun olhou para os companheiros, que se reuniam na frente da porta.

— Espero que tenham trazido a chave.

Venoma assentiu para Ziggy, que retirou do cinto um embrulho do tamanho de uma moeda e o entregou a Harun. O anão levou alguns segundos para entender do que se tratava: um punhado de pólvora de ouro, retirado do que ainda restava do

Coração da Estátua.

O anão balançou a cabeça, mostrando o pacote para o sinfo como se não tivesse acabado de recebê-lo dele.

— Você estava *mesmo* dando cambalhotas com isso no bolso?

Rastejando pelos metros finais até a saída do duto, Aelian foi praticamente cuspidado para o calabouço, desabando na pedra fria como se tivesse sido parido por um quadrúpede — bem diferente de Anna, que tocou o chão com a elegância de um felino.

— Que maneira mais indigna de se entrar na sala do General — disse ele, esfregando os braços com a sensação de que estavam cheios de lodo e insetos.

— Chegamos até aqui porque não temos medo de rastejar — falou Anna. — É isso o que acontece quando se é forçado contra o chão por tanto tempo. Aprendemos a não temê-lo.

Na opinião de Aelian, os arroubos filosóficos da mulher sempre eram bem-vindos. Porém, naquele instante, ele estava sendo esmagado pela atmosfera opressora do recinto com fogo azul nas paredes. Havia também uma cadeira de respaldo alto, uma espécie de trono esquelético, voltada para um rio artificial de Mácula. No meio do rio, uma fonte; nela, uma espada que era banhada pelo líquido morto sem parar. Vez ou outra, o aço brilhante reluzia no meio da Mácula — mas, tirando isso, a capa de Anna era a única coisa que parecia se destacar na morbidez monocromática do lugar.

— Esta é a espada que viemos buscar.

Aelian olhou para a arma. Sua pele parecia coberta por mil insetos asquerosos e suas cicatrizes formigavam nas costas.

— A sua já é bem grande, por que quer outra?

— Minha lâmina teria pouco efeito em Proghon. Não podemos contar só com ela.

— Certo... E como paro o jorro de Mácula para poder pegar a espada?

— Tecnologia anã milenar. Não vai ser fácil parar a substância, e, para ser bem honesta, eu nem saberia como. — Vendo a indignação no rosto de Aelian, ela acrescentou: — Antes que pergunte, Harun também não conseguiria.

Aelian engoliu o protesto. Os dutos ecoaram alguns gemidos ao redor deles, vindos do Anel de Celas. Aelian enfiou os indicadores nos ouvidos — a presença da Mácula já era agourenta o suficiente para o seu gosto.

— Então, o que vamos fazer?

— Você deve ser capaz de pegar a espada.

— Ah, claro. Devo ser. Talvez dê errado e eu perca a mão, mas talvez dê certo.

— Não é a melhor ideia que já tive, confesso — falou Anna, com um sorriso. — Mas tenho as minhas teorias.

— Ah, estou louco para testá-las — esbravejou Aelian. — Talvez, se eu for rápido, a Mácula só corroa minha carne e deixe os ossos...

A mulher revirou os olhos e apontou para a parede do outro lado da sala.

— O que você vê?

— Parede preta. Fogo azul.

— Essa é a resposta que está na sua mente, e não o que os seus olhos veem de verdade — disse Anna, sentando-se no chão, na posição em que costumava meditar. — Olhe de novo.

Aelian não queria se sentar, mas tentou ficar na mesma frequência que ela. Respirou fundo e fechou os olhos por um instante. Era difícil se concentrar com tantos lamentos vindos pela tubulação, com o cheiro da Mácula e com aquele frio asqueroso que permeava a câmara.

Foi em algum momento entre esses pensamentos que Aelian notou que o lugar não tinha portas. Cômodos sem janelas eram comuns ali na Ala Leste, mas aquilo já era bem diferente...

— Como ele en...?

— Concentre-se — ordenou Anna.

Aelian se voltou para a parede vazia. Pensou ver algo surgindo aos poucos nela, uma espécie de linha... até que uma porta se desenhou na pedra fria, riscada na cor de obsidiana e se tornando visível aos poucos, como a linha que Aelian vira no subterrâneo.

— Vejo uma porta.

— E eu não — falou Anna, conclusiva. — Há uma quantidade de Mácula significativa dentro de você, o que o faz conseguir enxergar o que somente os maculados veriam.

Ele afastou o olhar da parede, onde agora havia uma porta riscada na lustrosa superfície negra.

— E por que ela não me mata? Eu deveria estar dissolvendo aos poucos, não?

— Isso tem a ver com a forma com que você recebeu o veneno. Suas cicatrizes. Talvez a Mácula esteja dissolvendo você, mas numa velocidade mínima, da mesma

maneira que a vida faz com qualquer um. Creio que exista uma comunhão entre sangue, dor e Mácula. Algo que a contenha e não a deixe avançar. — Anna se levantou, ficando de pé na beira da piscina negra, virada para a espada. — Sangue e dor não são coisas das quais os homens são privados, e isso a Mácula encontra em todas as espécies. Venha até aqui.

Aelian obedeceu, sentindo o suor frio escorrendo pelas costas.

— Olhe para a espada. Por trás de toda a Mácula, ela está íntegra. O líquido escorre por ela, mas não a afeta... Faça o mesmo com os seus pensamentos. Com o medo do desconhecido. Com as coisas que aconteceram ontem, nos Assentamentos. O tempo passa por você, sobre você...

Antes de assumir a voz de Aparição, Aelian teve medo de desmaiar e dar um mergulho involuntário à frente. Alguns segundos depois, porém, já havia se esquecido de temer qualquer coisa. Viu a espada e parou de enxergar a Mácula... Como ela brilhava! Parecia recém-forjada. O punho era semelhante a uma taça de vinho, e isso lhe lembrou Raazi. A kaorsh gostava de vinho...

Não.

Aquele era o tipo de pensamento que o ancorava no tempo presente e do qual Aelian precisava ficar longe. Ele queria ver a espada.

Estava vendo a espada.

Empunhada por um homem de cabelo longo, preso em um nó apertado na nuca. Tinha olhos amendoados e estreitos. Sua armadura era prateada e ornamentada por... dragões? Ou seriam serpentes? Parecia pronto para enfrentar alguém.

A cena perdeu o brilho. Como um eclipse, uma sombra imensa surgiu diante do homem que carregava a espada.

Proghon.

Ele estava diferente. Não era possível ver a caveira dourada, pois o elmo era fechado. Os movimentos dele também não pareciam realistas: o General se movia com agilidade, rapidez e desenvoltura. O Proghon que Aelian conhecia era lento, ainda que feroz. A cena tremeluziu, e ele teve que se esforçar para enxergar o cenário em que os dois se encontravam — algo difícil de discernir uma vez que o ambiente estava apinhado de mortos. Poderia ser qualquer lugar.

Proghon e o cavaleiro com armadura pareciam alheios aos gritos ao redor. Estudavam um ao outro. Empunhavam as espadas, tentavam fazer fintas — e as fintas de Proghon eram um tanto quanto exageradas — e davam passos laterais, procurando estar sempre bem à frente do inimigo.

Os lamentos aumentaram. A cena foi tomada por uma ventania, e Aelian se pegou protegendo os olhos. Quando tirou as mãos da frente do rosto, percebendo que tinha acabado de fazer algo bobo, também notou que o tempo dera um salto, como se a realidade houvesse soluçado: Proghon, segurando sua espada monstruosamente grande, parecia bastante ferido — um imenso talho enviesado em seu tronco pelo qual Mácula negra e fumegante escorria. Seu elmo também estava rachado, e ouro se derramava por uma fenda, de onde era possível ver dentes dourados arreganhados num esgar diabólico.

No entanto, o cavaleiro estava em condições piores.

Aelian viu a espada caída ao lado dele... As lâminas tinham canaletas, sulcos onde a Mácula escorria, vazando pelo botão em forma de cálice no punho, formando uma poça negra crescente ao lado da mancha de sangue debaixo do corpo do homem.

Aelian esticou a mão para a espada, e a cena mudou mais uma vez.

Um choro de criança. Gritos. Lamentos.

Um punho emergia de um poço de piche negro. Os dedos se abriam, trêmulos.

Aelian tentava alcançá-los, sentindo a pele das costas prestes a rasgar como um trapo velho sendo puxado numa brincadeira de cabo de guerra. Seja lá quem fosse, estava desesperado, pedindo ajuda para sair de lá.

Ele tocou a Mácula nos dedos que dela surgiam. Aelian sentiu dor, mas era a dor do outro. Dos outros. Era o sofrimento alheio impregnando-se em sua pele, como sanguessugas que transmitiam uma doença incurável, capaz de fazer o coração e a alma pesarem.

Ele se viu de volta ao campo de batalha, entre Proghon e o cavaleiro morto. O General cambaleava na direção de Una. A deusa estava cercada pelos mantos cinzentos da Centípede.

Aelian, incapaz de mover as pernas na atmosfera densa daquela visão, estendeu a mão na direção da espada do cavaleiro. Se ele a alcançasse, talvez pudesse matar Proghon. Quantas desgraças seriam evitadas! Yanisha estaria viva... Seu pai estaria vivo.

Então, alguém segurou o braço dele com força. Era Aparição, trajando a cor proibida. *Impossível!*, pensou ele. Aquela memória era muito antiga para Anna estar lá, nos trajes da inimiga número um de Untherak...

A cena se desfez, mas Anna, não. Estavam de novo na masmorra de Proghon. Aelian estava com a mão esticada na direção da espada dentro da fonte. A ponta de seus dedos fumegava. E Anna, puxando o capuz para trás e demonstrando uma

urgência inédita no pouco semblante que era visível atrás das faixas e bandagens, apertou ainda mais o antebraço do ex-falcoeiro.

— Corra! — disse ela.

Aelian olhou para trás, na direção das linhas negras na parede.

Proghon estava à porta, em Mácula e ouro.

Após o estouro, Raazi, Harun, Ziggy e Venoma deixaram a proteção que as colunas lhes proporcionavam, tomando o cuidado de não pisar nos Únicos mortos aos seus pés. A porta não havia se escancarado como esperavam, mas a pólvora de ouro abriu um rombo grande o suficiente para que eles pudessem se esgueirar lá para dentro.

— Uma sala de armas? — perguntou Ziggy, olhando para as diversas clavas dispostas ali. Ele parecia desapontado. — Achei que daríamos logo de cara com as sócias de Una.

— A entrada é a partir desse arsenal — disse Venoma, tomando a dianteira.

Raazi, que ouvira de Yanisha que aquela era uma das entradas possíveis para o santuário das sócias, olhava por cima do ombro, perguntando-se quanto tempo teriam até que reforços viessem verificar o que tinha acontecido instantes atrás.

— Caso fiquemos encurralados, precisamos ter uma rota de fuga — disse ela.

— Do outro lado do santuário, há uma passagem que leva até uma sala onde estão guardados os perfumes preferidos de Una — respondeu a mercenária.

Raazi ficou mais tranquila, pois aquela tinha sido a entrada que Yanisha descobrira por acidente. Venoma lhe contou que Anna, em seus tempos de cativo, escapara através da sala de armas onde eles estavam. Combinaram então que não sairiam pelo mesmo lugar por onde entraram.

Chegaram a um dos diversos suportes de armas, feito de madeira maciça. Venoma retirou uma maça específica do lugar, e um buraco do tamanho de um punho se revelou no fundo da parede. A partir dali, ela começou a puxar os blocos de pedra, que estavam apenas encaixados, sem nada que os fixasse no lugar. Harun ajudou a movê-los, pensando que aquela era uma passagem secreta bem diferente das dos anões, que invariavelmente tinham mecanismos ocultos e roldanas. Eles iriam apenas engatinhar por um buraco. Fim.

Ziggy tomou a dianteira quando o espaço se tornou grande o suficiente para que um sinfo engatinhasse. Venoma esperou que Harun e Raazi passassem, vigiando a sala de armas antes de segui-los.

Era como se um cupim do tamanho de um gnoll tivesse cavado um buraco na madeira, mas com a diferença de que as grossas paredes que estavam ali para isolar o santuário das sócias eram de pedra. O quarteto engatinhou até enxergar luz solar no fim do túnel. Raazi era grande demais para a passagem estreita e ficou aliviada com a perspectiva de deixar aquele aperto, mas, ao mesmo tempo, temia pelo encontro com as outras Unas. Será que elas seriam hostis? Estariam amedrontadas? Chamariam pelos guardas ou coisa pior?

Ziggy foi o primeiro a sair, e tanto Harun quanto Raazi notaram os calcanhares do pequeno parados na frente do túnel.

— O que está vendo, miúdo? — gritou Harun — Muitas soberanas tricotando?

O pequeno nada respondeu, e aquilo gerou uma sensação ruim no anão. A kaorsh o apressou, e os dois cobriram os metros finais do túnel nos cotovelos, ignorando os alertas de Venoma, que vinha por último.

Harun se colocou ao lado de Ziggy e também ficou em silêncio. Raazi, percebendo que algo estava errado, gritou para os dois até ver a cena com os próprios olhos.

Era difícil imaginar um lugar no Palácio que não fosse escuro. Ali, no entanto, a luz do sol preenchia cada canto do cômodo. Aquele certamente devia ser o lugar mais belo de toda Untherak. Havia longas mesas com frutas, carnes e bebidas, assim como plantas, cortinas de seda, colunas e pisos de pedra branca cruzados por canais e cascatas de água potável.

Porém, todas as colunas estavam manchadas de vermelho. Cada folha de planta carregava gotas coloradas, como orvalho tingido da cor proibida. As cortinas estavam encharcadas, e o piso, repleto de rastros borrados que desapareciam pelos corredores do santuário.

— Chegamos tarde demais — balbuciou Raazi, sem perceber que estava falando em voz alta.

Harun seguiu o rastro de sangue, e Venoma foi atrás dele, pedindo que esperasse. Ziggy chamou a kaorsh pelo nome, e ela pareceu sair do torpor. Eles seguiram os outros dois.

Assim que viraram no corredor, viram o primeiro cadáver.

Estava caído com o rosto virado para o chão, embaraçado nas vestes transparentes, parecendo afogado no próprio sangue. Com cuidado, Venoma tentou desvirar o corpo. Raazi, dois passos atrás da mercenária, arquejou ao ver o rosto da mulher morta — ou melhor, o que deveria estar no lugar do rosto.

Era como se sua face tivesse sido mastigada por uma criatura terrível o suficiente

para ter dentes animais e também consciência de como retalhar um rosto e apenas ele, deixando o restante do corpo sem nenhuma moléstia. Aquela era uma maneira eficaz de passar uma mensagem.

— É uma sósia — falou Venoma. Harun encarava a cena em silêncio, e Ziggy tapava a boca com uma das mãos, sem largar as lâminas. — Digo... era. Chacinaram as sósias de Una — acrescentou, com uma notável fúria crescendo por trás do semblante de matadora fria.

— No próximo salão — sussurrou Harun, trocando o martelo pelo machado. — Tem alguém lá.

Apenas três dos quatro avançaram, as botas grudando no sangue espalhado pelo chão. Ziggy permaneceu encarando o cadáver, num misto de pena e espanto, parecendo incapaz de seguir em frente.

Harun acelerou, como se estivesse em plena carga contra um inimigo invisível. A urgência tomou conta de Venoma e Raazi, que o seguiram de perto, armas de prontidão. Três pares de pés derraparam e escorregaram numa poça de sangue, e três pares de olhos viram o verdadeiro significado do horror.

A Centípede estava lá. Completa, mas não enfileirada como de costume. Poucas vezes tinham sido vistos daquela maneira, separados. Espalhados pelo salão branco tingido de vermelho, seus mantos cinzentos absorviam a cor proibida conforme se arrastavam pelo chão. Cada um dos sacerdotes de Una se debruçava sobre uma das cópias da deusa, como se estivessem acariciando os buracos feitos em seus rostos. Porém, não eram lamentos — não quando o Cabeça da Centípede mastigava a face de uma das sósias, nos degraus mais próximos de Harun, Venoma e Raazi.

A kaorsh se lembrava muito bem de ter estado perto dele durante a cerimônia na Tribuna de Honra e de sentir a mesma aversão que sentia naquele momento. Dessa vez, no entanto, Raazi ficou paralisada, vendo-o inclinado sobre uma mulher seminua. O rosto do Cabeça continuava oculto pelo capuz levemente diferenciado dos outros membros da Centípede, mas o ruído de dentes mastigando carne e osso permaneceria na mente da mulher por um bom tempo.

— Que coisa é essa? — gritou Harun, forçando-se a sair do torpor que parecia ter acometido os três. Era como se os pés de todos tivessem sido pregados ao chão, e suas pernas, congeladas num sopro de inverno antecipado.

Nisso, mais de uma dezena de encapuzados — nenhuma pessoa do grupo jamais conseguiria se recordar do número exato — ergueu o vazio absoluto dos rostos na direção dos recém-chegados. O Cabeça largou o corpo da sósia, e, nesse instante, foi

possível ter um vislumbre — ou uma impressão, talvez — de uma pele esverdeada e putrefata e uma grande boca com mais dentes que um humano teria...

Porém, não havia ali olhos, nariz ou qualquer outra protuberância na face. Apenas boca e pele deteriorada.

A mesma textura se repetia nos dedos e nos pulsos magros... Sangue escorria pelo peito do Cabeça num filete grosso e preguiçoso, pingando no chão.

Um único dedo podre foi erguido na direção do trio.

Raazi sentiu vontade de vomitar — um mal-estar súbito, como se de repente um punho pútrido tivesse surgido em seu estômago e começasse a flexionar os dedos. O vômito parou na garganta, e um espasmo involuntário sacudiu seu corpo. Ela ouviu o engulho de Venoma e Harun e escutou o ruído de um machado e uma besta indo ao chão.

A Centípede se enfileirou atrás do Cabeça rápido demais, como se houvessem trapaceado com o tempo, saltado segundos e dispensado a passagem normal dos instantes. Raazi segurou a lança com força, pois o ímpeto de soltá-la era muito mais forte que ela. Também era impossível levantá-la. Os sacerdotes moviam os braços podres em algo bem próximo de uma dança macabra, e visualizar aquele movimento hipnótico fazia suas pernas formigarem a ponto de perderem toda a sensibilidade. O joelho esquerdo dela cedeu, e a kaorsh o plantou no chão, cerrando os dentes para não perder o controle e vomitar as próprias tripas.

No meio da dor e da agonia, um ruído agudo machucava seus ouvidos. Tudo ao redor se tornou difuso, e os tímpanos dela pareciam prestes a romper e sangrar. Naquele instante, Raazi parecia estar se comunicando com a verdadeira voz da Centípede, aguda como o canto de uma cigarra. Compreendeu como o ritual deles funcionava: o Cabeça se alimentava, o restante do corpo recebia o que precisava e a força vital era compartilhada com os outros encapuzados. Assim, se o Cabeça fosse morto...

Ela grunhiu. Seu nariz sangrava, e o ar parecia pesar em seus ombros. Harun estava caído no chão, o rosto afundado no sangue das sósias. Venoma cambaleava e não demoraria muito para encontrar o mesmo destino do anão. Ziggy acabou ficando para trás... *Estou sozinha*, pensou, rosnando, tentando reunir forças. Olhou para a frente, tentando mais uma vez enxergar o rosto dentro do capuz, aquela aberração que talvez tivesse sido imaginada.

Sendo uma miragem induzida por hipnose ou não, até mesmo a nulidade total em que deveria haver um rosto pareceu se justificar: ela comia faces, pois não tinha

uma. Ela, a Centípede. Todos formavam um ser só, o Cabeça e os outros encapuzados.

Raazi reuniu a pouca sanidade que lhe sobrava para atirar a lança. O disparo foi lento, e a arma caiu no chão muito antes de oferecer qualquer perigo ao Cabeça. A kaorsh apoiou as palmas da mão à frente, o barulho infernal se intensificando. Algo dentro dela estava se partindo para sempre...

Então, um vulto saltou a kaorsh. Sua respiração não era laboriosa, tampouco parecia amolecido pela feitiçaria da criatura de muitos braços. Era Ziggy, rodopiando numa *kaita* que apenas ele poderia ouvir, e se precipitando na direção do Cabeça. Com um grito enérgico, o pequeno correu na direção da parede de mármore à esquerda dos encapuzados, e os sacerdotes o acompanharam. De uma hora para a outra, Raazi sentiu o aperto nas entranhas diminuir, pois a atenção deles se focou no sinfo.

Ziggy usou a parede para tomar impulso e ricocheteou na direção da Centípede num ataque aéreo que apenas um corpo leve seria capaz de erigir. As lâminas dele brilharam por um instante quando o sinfo abriu os braços e gritou mais uma vez, como um animal selvagem, atacando os dois lados do pescoço do Cabeça ao mesmo tempo.

O ruído foi como o de um machado partindo lenha úmida. Em seguida, Ziggy caiu de costas no chão, perto de Raazi. O ataque havia parado fosse lá o que os sacerdotes estivessem fazendo. O Cabeça abaixou os braços, e sua cabeça real parecia pendurada para trás por um pedaço precário de músculo e pele... mas nenhum sangue saía do ferimento. Uma espécie de vapor começou a ser expelido por baixo do manto, enquanto o ruído infernal de cigarra recomeçou, agora fora de controle e cheio de dissonâncias.

A Centípede fora ferida como talvez jamais tivesse sido antes — e, ainda assim, continuava com a formação enfileirada, tentando avançar mesmo com o ferimento no Cabeça — o primeiro da fila andava com as mãos à frente, tentando tatear algo no caminho.

Raazi se ergueu. O vapor tinha um cheiro acre, que fazia sua garganta arder. Por via das dúvidas, prendeu a respiração e, alcançando a lança, deu uma estocada à frente, tentando fazer os encapuzados interromperem o avanço.

Ziggy ficou a seu lado e se preparou para outro ataque. Não foi necessário. A Centípede estava com medo e começou a recuar de maneira um tanto atrapalhada, como se nunca tivesse aprendido a andar para trás sem desfazer a fila. Misturando-

se a uma cortina mais densa de vapor, eles recuaram na direção da sacada por onde a luz do sol entrava. Mesmo com toda aquela confusão, Raazi notou que estavam num dos pontos mais altos do Palácio, já que não era possível ver outra construção próxima.

E então a silhueta da Centípede, no ar embaçado, pareceu se agitar e se modificar, como se os sacerdotes estivessem se livrando dos mantos. Uma cobra trocando de pele, mas uma cobra com pernas. Harun, que despertava aos poucos no meio da fumaça clara, teve a impressão de ter visto uma grande lacraia de corpo sinuoso sumindo pela sacada, mas achou que era sua cabeça lhe pregando mais uma peça. Ziggy e Raazi, porém, descreveriam coisas parecidas depois.

O vapor sumiu pela janela, junto com os sacerdotes de Una. Venoma também se levantou, bastante devagar, tentando entender o que tinha acontecido.

— Fomos salvos por Ziggy enquanto estávamos estuporados — disse Raazi.

Enquanto levava as mãos ao estômago, Harun resmungou, amargo:

— Quem diria.

— Não há de quê — respondeu o sinfo, dando de ombros.

Ele era o único dos quatro que não parecia abalado. Todos os outros se sentiam como se suas tripas tivessem sido viradas do avesso por uma enorme mão invisível. Raazi traduziria a dor dizendo que era como se seu *canvã*s tivesse começado a se liquefazer, de dentro para fora, ao comando da Centípede.

Olhando para a carnificina de mulheres que jamais cumpririam seus destinos como deusas, eles resolveram fugir do lugar o quanto antes rumo ao ponto de encontro, o Coração da Estátua. No caminho, nada falaram, torcendo silenciosamente para que Aelian e Anna tivessem mais sorte na missão deles.



Às costas, Mácula. À frente, Proghon. O único detalhe ali que não transformava tudo numa tragédia anunciada era Aparição, ao lado dele, segurando sua espada imensa.

Usando a mão livre para tirar as faixas da frente da boca, Anna deixou a voz soar alta e clara no Fosso do General.

— Você não fugiu.

Aelian tentou reunir forças para avisar à mentora que pessoas normais geralmente travavam diante do perigo. Com o General se aproximando, ele não conseguia se mover. Logo, era uma vitória que estivesse apenas congelado diante da criatura que avançava.

Proghon parou a cerca de dez passos de distância, as mãos imensas pendendo ao lado do corpo. Em contraste com a calma dele, os dutos distribuídos ao redor da sala explodiram em gritos, que começaram e pararam em uníssono. Aelian sentiu a língua formigar, sem entender por quê.

Então, eles ouviram pelos dutos:

— *Vejo... que nossa trégua... foi rompida.*

Eram vozes entrecortadas. Engasgadas. Numa sincronia aterradora.

— Foi você quem começou, Proghon — falou Anna. Seu capuz escorregou para trás, mas ela conservava a energia que a tornava assustadora e intimidadora. Aelian se sentia pequeno na presença dela e do General. — Envenenar pessoas foi tão baixo que nem me parece algo do seu feitio.

Proghon parecia estar avaliando as palavras que escutara, sem pressa. Enquanto ele se mantinha em silêncio, as vozes nos dutos choramingavam. Pediam para morrer. Aelian só queria perfurar os próprios ouvidos e, se possível, fugir.

— *E não é* — sibilaram as vozes. Então, a face dourada se virou devagar na direção de Aelian, como se Proghon só o tivesse notado naquele momento. — *Trazer pessoas... até aqui também não me parece algo que você faria em sã... consciência. Por que achou que um... um humano conseguiria retirá-la daqui?*

Aelian sabia que Proghon estava falando da espada. A ponta dos dedos que haviam tocado a Mácula ao redor da espada ardia e sua língua agora parecia grossa demais para a boca. Seria efeito do olhar vazio daquele crânio?

Anna não respondeu. O General inclinou a cabeça de leve, ainda olhando para Aelian, como se estivesse pensando. Algo como um sussurro veio de trás dos dentes de ouro. A sala ficou mais fria, como se um abismo suspirasse.

— *Entendo* — disseram as bocas no Anel de Celas. — *Ele é a isca.*

Aelian não ousou desviar o olhar de Proghon. Anna não pareceu incomodada com o comentário. Talvez o silêncio dela fosse de concordância? Aelian nunca havia se sentido tão minúsculo quanto naquele momento. Ele era só um brinquedo nas mãos de Aparição, a maior criminosa de...

— O que eu estou pensando...? — murmurou, a língua coçando e formigando ainda mais.

— Não se deixe afetar pelo que ele diz — sussurrou Anna. — Corra assim que encontrar uma brecha.

Que brecha?, pensou Aelian. Da maneira que Proghon estava posicionado na sala, parecia que poderia alcançar qualquer lugar no Fosso com um único passo. Além

disso, a porta delineada pelas linhas negras de Mácula estava fechada. Aelian a via com perfeição, mas precisaria empurrá-la para sair dali — e seria difícil ter tempo de fazer aquilo antes que Proghon surgisse atrás dele e quebrasse seu pescoço.

O General levou a mão ao peitoral da armadura. Por um momento, Aelian achou que ele fosse prestar um juramento, o que não fazia sentido nenhum, mas o terror de estar confinado naquele lugar mexia com sua cabeça. Proghon enfiou a ponta dos dedos por trás de uma protuberância da placa de metal e um ruído molhado indicou que se afundaram na carne. A mão estava entranhada dentro do peito, e ele começou a puxá-la aos trancos, como se quisesse arrancar o esterno. Mácula correu pelo chão. Um ruído de galho se partindo ecoou pela sala, e, em seguida, todos os dutos gritaram. As cicatrizes negras nas costas de Aelian explodiram de dor, e, por um instante, ele pensou ter visto um brilho frio queimando no fundo das órbitas vazias do General.

Proghon começou a puxar o osso para fora. Aparição continuou com sua espada na posição de guarda. Aelian não conseguia desprender os olhos do inimigo, sem entender o que ele pretendia infligindo-se aquele tipo de dor. O sentido ficou claro apenas quando seu esterno foi deslocado para fora. Uma lâmina estava conectada à extremidade inferior, o osso era a empunhadura de uma espada, que não era reta e uniforme como a arma de Anna; o gume era recortado, de aço negro e irregular.

— O que eu faço? — balbuciou Aelian, vendo o inimigo se deslocando em sua direção.

As duas maiores espadas que ele já tinha visto estavam ali, na mesma sala, e uma delas queria seu sangue.

— Nem pense em atacar ou revidar — respondeu Anna, os olhos nos pés de Proghon.

— Revidar? — Aelian ficou desesperado, pensando em sua adaga embainhada. Ela continuaria assim, pelo visto. — O que eu posso fazer?

— Escapar, Aelian. Eu já falei.

A espada do General se arrastava pelo chão, riscando a pedra escura do Fosso com um som aflitivo. Não porque ele não aguentasse o peso da lâmina, mas porque, ao que parecia, esse era seu estilo de luta. Entre os passos cadenciados e pesados de suas imensas botas cabiam quase dez batimentos do coração de Aelian. Os gemidos de dor continuavam sendo cuspidos pelos dutos.

O pulso de Proghon se enrijeceu. A espada se elevou alguns centímetros do chão. Se um golpe fosse desferido, atingiria primeiro Aelian, que estava à esquerda de

Aparição.

Com um arco horizontal, o golpe veio. Anna se moveu como um raio para o lado, entrando na frente de seu aliado e erguendo a própria espada com firmeza. O arco do golpe de Proghon foi aparado, e as sandálias de Aparição nem sequer deslizaram no chão com um impacto que arremessaria qualquer soldado comum do outro lado do Fosso, direto para dentro da Mácula.

Aelian viu a abertura das pernas do General e enxergou um caminho inesperado para escapar dali. Quando se deu conta do que estava fazendo, já estava mergulhando para um rolamento, pensando que queria sair da área de perigo, mas ao mesmo tempo não queria abandonar Anna ali — mesmo que não soubesse como ajudá-la contra aquele inimigo.

Antes de completar o rolamento, porém, Proghon o chutou com força no meio do peito. Ele não era tão rápido e ágil quanto na memória que a Mácula mostrara minutos antes, mas era econômico nos movimentos e sabia usá-los na hora certa. No momento do golpe, Aelian nem mesmo entendeu o que estava acontecendo: apenas sentiu um coice enorme na direção contrária, fazendo-o bater na parede antes de desabar no chão.

Aelian ficou tonto com o impacto, e uma porção de sua mente buscava se equilibrar para não perder a noção do que estava acontecendo. Seus ouvidos não estavam funcionando direito e o ambiente não ajudava. O som de mil forjas em sincronia não seria tão incômodo quanto as espadas de Aparição e do General se chocando.

Anna fazia sua espada parecer leve, tamanha a maestria com que usava o próprio peso para conseguir girá-la. Proghon atacava com movimentos devastadores, e, na maioria das vezes, sua oponente usava a força do golpe alheio para deixar sua lâmina ir para trás, sem oferecer resistência, e ganhar impulso para um contragolpe na sequência. Foi assim que ela conseguiu talhar a armadura do General na altura do ombro. Qualquer um teria tido o braço decepado no mesmo instante, mas Proghon apenas absorveu o golpe, sem sequer olhar para o machucado.

Aelian se levantou, cambaleante. Proghon, defendendo uma saraivada de golpes, estava de costas para ele naquele momento, mas, depois do que havia presenciado, o ex-falcoeiro sabia que apunhalá-lo pelas costas seria tão eficaz quanto atacá-lo com uma pluma de Bicofino. Percebeu o olhar de Anna cravado nele, e entendeu que a mulher estava ganhando tempo para que fugisse. Mesmo preocupado com a mentora, foi tropeçando até a parede, encostando nela e esperando que algo

acontecesse, que uma porta se abrisse. As linhas negras ficaram um pouco mais lustrosas na pedra, e uma passagem começou a se formar.

A porta na pedra mal tinha se aberto quando Aelian foi empurrado de costas para dentro assim que tentou escapar do Fosso. Uma multidão estava do outro lado, pronta para inundar a sala assim que a passagem fosse aberta.

Todos eram maculados.

O primeiro ano de Aelian no Poleiro foi cheio de crises de tonturas e desidratações. Mesmo antes de começar a pagar a Dívida Familiar, não estava acostumado a comer com fartura, mas seus pais garantiam no mínimo duas refeições por dia — e, se fosse preciso, passavam o dia sem comer nada para garantir a alimentação do filho. Porém, ali, no Miolo, chamar as duas porções diárias de mingau e grãos de *alimento* seria um exagero. Era apenas o mínimo para que os trabalhadores continuassem vivos e fazendo funcionar o grande organismo que era a terra de Una.

Untherak era um corpo doente, como a maioria de seus moradores.

Depois de tantas idas à Padiola e tantas crises de vômito e diarreia, aquele Aelian carente passaria a imaginar o Unificado como um organismo e separaria cada um dos poderes e das funções como doenças, infecções, feridas e tumores.

Para ele, a Vila B era o pior dos tumores.

Num dia como qualquer outro, um Autoridade kaorsh magro e corcunda passou pelo Poleiro e pediu mão de obra emprestada. O primeiro falcoeiro mandou Aelian acompanhá-lo, sem nem saber o que deveria ser feito. Alguns minutos depois, o garoto estava em uma carroça puxada por betouros, acompanhado de outras crianças e alguns idosos.

— Vocês vão limpar as casas dos Autoridades na Vila A até o pôr do sol! — gritou o kaorsh corcunda. — E, se deixarem uma mancha que seja no vidro das janelas, amanhã levo vocês para limpar a Vila B.

Os guardas que acompanhavam o Autoridade riram, e Aelian não entendeu a graça. Um anão idoso sentado a seu lado na carroça percebeu a confusão no rosto do menino com uma linha de servidão ainda bem forte e recente.

— Ele quis dizer que vão nos jogar para os maculados na Vila B. Mas não se preocupe, não vão fazer isso de verdade.

Tímido, Aelian olhou para os pés. Já ouvira falar que a Vila A era chamada assim por causa dos Autoridades, mas nunca tinha entendido o significado do B até aquele momento.

— Vejo que você é novo no Miolo — disse o anão, falando baixo para não ser repreendido. — Eu me lembro dos meus primeiros dias aqui dentro.

No caminho, assim que passaram pelo Cofre e deixaram o Portão Sul do Miolo para trás, o sujeito foi apontando alguns lugares para Aelian e explicando as funções de cada construção.

— Aquela linha escura e calcinada lá longe, está vendo? Era um bosque. — Aelian acompanhou o dedo do anão, com vergonha de não saber o que significava “calcinada”. — Mas ele morreu depois que desviaram as águas do rio. Os sinfos tiveram que se mudar para ali perto, naquela linha verde de árvores... Dá para ver?

Alguns minutos depois, o homem se virou na carroça e apontou para um muro de pedras sujas, cheio de ameias espinhentas. Parecia um lugar perigoso e abandonado, com o topo de algumas casas velhas aparecendo por trás da barreira. Um portão de madeira e ferro, cheio de placas de remendo e tábuas de reforços, era guardado por alguns soldados de rosto tenso.

— Ali é a Vila B. Os gosmentos que passam tempo demais na Mácula acabam ficando ou muito violentos, ou muito burros e vagarosos... Por isso, são confinados naquela parte, como se fosse um canil para anões, kaorshs e sinfos. Dizem que lá dentro é uma terra de ninguém e que, de vez em quando, o General faz uma visita ao local para buscar escravos.

Aelian ficou contente por encontrar alguém com boa vontade no caminho para seu próximo dever. Ainda não sabia o nome do anão e estava prestes a perguntar quando, de repente, o portão remendado se escancarou, e uma turba de maculados correu para as ruas, como gnolls famintos e com raiva.

Eram corpos secos, de costelas marcadas e pele pálida ou cheia de hematomas. O garoto não conseguia vê-los muito bem àquela distância, então não encarou os olhos afogados em líquido preto. Apenas observou alguns deles tropeçando para fora da Vila B, e outros atacando os guardas que — com razão, agora ele sabia — tinham os semblantes preocupados por estarem ali.

A carroça parou, e a comitiva que conduzia a equipe de limpeza para a Vila A foi ajudar a controlar a fuga dos maculados. Naquele dia, Aelian viu muito sangue e bateu diversas vezes na testa para afastar o mal da cor proibida. Mais tarde, já nas moradias dos Autoridades e munido de um trapo sujo e de um balde de água, ele se assustava com qualquer barulho repentino, achando que era algum maculado fora de seus limites, correndo para atacá-lo. Os momentos em que precisava entrar em despensas apertadas e cômodos estreitos eram os piores, pois nesses lugares o pânico o atingia com força redobrada.

O temor se prolongaria por dias, meses e anos, até que se tornasse parte da

rotina. Aelian cresceu e substituiu o medo de maculados por outros mais imediatos. No entanto, sempre guardou um temor secreto de precisar enfrentar uma turba de perseguidores desmiolados.

Duas décadas depois, ele se deparava com uma turba de desmiolados à frente e o General Proghon às costas.

Ficou claro, para ele, que aquilo era uma armadilha. Proghon esperou que Aparição tentasse roubar a espada na fonte para fazer sua entrada surpresa no Fosso. Provavelmente, já desconfiava de Anna, apesar da estranha trégua que existia entre os dois — e isso complicava ainda mais o parco entendimento que Aelian tinha daquela relação. Já prevendo o risco de alguém fugir dali, o General deixara seus servos do lado de fora da porta.

A multidão arranhava e mordia. Aelian sacou o punhal kaorsh, mas nem sequer tinha espaço para usá-lo contra a multidão, que o empurrava para trás, na direção de Proghon. Enquanto se atracava com alguns maculados, outros o contornavam como água ao redor de uma pedra, agrupando-se logo depois para atacar Aparição.

Quanto mais tempo um batizado passava dentro da Mácula, mais selvagem se tornava. E quanto mais selvagem, menos resistente era seu corpo — assim, a única coisa que Aelian podia comemorar naquela situação era não precisar enfrentar um exército de Sureyyas, fortes, inteligentes e vigorosas.

Proghon observou Anna se afastar ao ser enfrentada por seus maculados. A espada dela passou a funcionar como uma ceifadeira, cortando alguns dos mais raquíticos e ferozes ao meio para que não fosse empurrada na direção do Fosso.

As vozes nos dutos pareciam ter perdido a conexão com o General enquanto ele combatia Aparição e comandava a multidão dentro do Fosso. Os prisioneiros sussurravam nas celas acima, e Aelian conseguiu captar uma frase ou outra no meio dos choros e gemidos: “Me deixe morrer”, “Por favor, me mate” e coisas parecidas eram as mais recorrentes. Enquanto lutava com os maculados tentando não se ater ao fato de que aquelas criaturas já tinham sido kaorshs, anões ou sinfos — de sangue quente e vermelho, como seus amigos e aliados —, Aelian reparou que Proghon baixara a espada e apenas observava Anna lutar com toda a sua fúria no meio de uma clareira de inimigos, sendo empurrada cada vez mais para perto da Mácula. Eram muitas mãos socando, arranhando e tentando agarrá-la, e o grande volume de oponentes os tornava perigosos mesmo desarmados, incapazes de segurar qualquer arma naquele estado de selvageria.

O manto vermelho de Aparição foi arrancado, mas Anna continuou lutando,

enquanto outros batizados entravam no Fosso já apinhado de gente. Aelian chutava, socava e perfurava, escutando apenas o ruído da espada de Anna e vendo Proghon parado, observando-a, como um monólito no meio do caos.

Está esperando que ela se canse, pensou, com um novo assombro crescendo em meio a tantos outros. E, naquele ritmo, com a Vila B inteira dentro do Palácio, isso não demoraria a acontecer.

Proghon caminhou devagar na direção de Anna, a cabeça do General muito acima do maculado mais alto. Conteve-se por um instante ao ver o manto vermelho dela no chão, esfarrapado e pisoteado, e pegou-o com a ponta da espada, analisando-o com curiosidade.

Aelian, cada vez mais longe da batalha principal, cravou o punhal debaixo do queixo de um batizado desfigurado e tentou abrir caminho à força pela multidão, percebendo que muitos dos maculados o ignoravam e também queriam ir para o mesmo lugar que ele.

— Anna! — gritou, temendo que ela não estivesse percebendo a aproximação do General.

Sem desviar o olhar dos inimigos ao seu alcance, ela gritou acima do rebuliço de grunhidos, murmúrios e lamentos.

— Preste atenção! — Anna ergueu um kaorsh sem braço com a espada e o arremessou na Mácula. — Sua única chance é pegar a espada na fonte! Só você pode fazer isso.

Proghon estava próximo, Anna sabia. Com as costas da mão que ainda segurava o manto vermelho, ele acertou um batizado que parecia ter dificuldade de locomoção e que estava atrapalhando sua passagem. Enquanto o maculado voava para longe, o General ergueu a espada acima da cabeça para matar Anna, que estava a cerca de três passos do tanque de piche negro e encurralada pela multidão. Ela ergueu a própria espada para bloquear o ataque, apoiando a mão na parte achatada da lâmina para aguentar o tranco que viria.

A espada de Proghon desceu. Quebrou o aço da lâmina da oponente e continuou descendo, entrando na clavícula direita. A mulher gritava, e a espada continuava descendo. Aparição desafiava o General a parti-la ao meio. Por fim, a espada parou na altura do peito, acima do seio direito de Anna.

De repente, os maculados pararam e as vozes nos dutos silenciaram. Proghon estava completamente ali, concentrado, sem dividir sua atenção com mais ninguém. Aelian gritou sozinho no silêncio que se fez, estacando no lugar, as mãos

no cabelo, desesperado.

Anna soltou o cabo da espada quebrada, que foi ao chão com um estrépito, aterrissando próximo à outra metade. Continuou encarando Proghon, a respiração pesada, os lábios fechados. Ela só havia gritado na hora do golpe, mas agora segurava a dor na boca, como se estivesse compensando o sangue em profusão que jorrava do ferimento enorme. Na ausência de seu manto até então inseparável, seu corpo estava se tingindo de vermelho.

Sem desviar os olhos do inimigo, Anna gritou. Era um desafio, e apenas um desafio, pois tinha deixado claro que já sentira toda dor que podia sentir na vida.

Proghon retirou a espada, e Anna nem sequer cambaleou.

O passo dado para trás foi firme, por vontade própria. Anna não cambalearia e não quebraria o contato visual. Preparou-se para a dor ou para o que viesse de pior ao tocar o “sumo do eclipse”. Aparição estava disposta a tudo para acabar com toda a mentira chamada Untherak — inclusive ir, sem medo, ao encontro da morte.

E foi assim que ela mergulhou no Fosso de Mácula. De costas, punhos cerrados e olhos cravados na caveira dourada de Proghon.

O líquido era tão espesso que mal fez ruído ao engolir o corpo. Aelian, ainda paralisado, começou a gritar. Havia um quê de raiva em seus gritos, bem parecidos com o de Anna. No entanto, algo fazia suas cordas vocais vibrarem de maneira diferente, e talvez estivesse gritando pelos mesmos motivos de sua mentora, mas com algo a mais, algo que ela não sentira antes de cair.

Pavor.

Proghon olhou para ele.

Foi apenas um torcer de pescoço, mas todos os maculados fizeram o mesmo.

Aelian caminhou na direção do General com uma coragem que nem ele soube de onde surgiu. Segurou o punhal como uma espada, com a lâmina para cima, e se preparou para tentar ao menos uma esquiva e uma estocada antes de morrer. Perscrutou a armadura de Proghon em busca de algum ponto em que a lâmina pudesse entrar com facilidade e perfurar sua carne — ou fosse lá o que revestisse seus ossos.

O General defendeu o ataque quase que com displicência, num movimento mínimo da espada. Em seguida, usou o punho da arma para atingir o nariz de Aelian, que cambaleou para um lado.

Em seguida, Proghon cravou a espada no chão de pedra, e a lâmina penetrou no piso como se fosse areia. Com a mão direita livre, segurou Aelian pelo pescoço e o

puxou para perto.

Ondas de calor emanavam de Proghon. O homem era como um forno. Aelian estava perto do assassino do pai como nunca estivera, e agora enxergava detalhes da armadura de que jamais ouvira falar. Nas placas e no elmo, havia desenhos em linhas negras, e alguns deles pareciam dançar à luz azulada dos archotes. Porém, antes que pudesse prestar atenção em qualquer outra coisa, os batizados os cercaram e cuspiram as palavras do General de suas gargantas:

— *Quem é você?*

Aelian se engasgou, e a língua formigava, parecendo querer dizer algo contra a vontade dele. Talvez fosse “clemência”. As órbitas vazias por trás da máscara de ouro o encaravam, e ele sentiu os dedos do General se fechando em seu pescoço. Era como se estivesse buscando a resposta nos olhos de sua presa.

Sem saber dizer quanto tempo se passara, Aelian ouviu sussurros por toda a sua volta. Uma criança chorou ao longe, mas aquela voz não parecia vir dos dutos.

— *Poleiro* — disseram os maculados, por fim.

Proghon o largou no chão ao descobrir de onde ele vinha.

Aelian arquejou em busca de ar, sendo observado de cima para baixo por dezenas de maculados e pelo General. As vozes continuaram, sem emoção:

— *Irônico. Você levará minha mensagem.*

Um dos batizados, um sinfo pálido com as costelas marcadas que parecia se mover como uma marionete, buscou a parte inferior da espada quebrada de Anna, trazendo-a nas mãos.

— *Leve isto.*

Aelian não entendeu. Era como se Proghon tivesse conseguido as respostas sobre quem ele era apenas ao olhá-lo de perto... e agora queria que ele fosse embora, levando o símbolo da derrota de Anna?

Pegando a espada quebrada da mão do sinfo batizado, Aelian olhou para a piscina de Mácula, para a superfície parada, vítrea, como se nada tivesse acontecido. A fonte ainda cobria a espada, que continuaria ali, longe de oferecer perigo ao General.

Depois, Aelian encarou Proghon. Ainda segurando o manto vermelho de Anna, o General deu as costas para o rapaz, deixando bem claro que não o considerava uma ameaça. Nem de longe: Aelian era tão insignificante que lhe serviria de falcão de recados sem que precisasse dominar sua mente, como fazia com os maculados.

Conforme ele passava, os maculados abriam caminho para fora do Fosso, a porta

na parede aberta e sem nenhum obstáculo.

Sentindo a dor da derrota, a perda de Anna e a humilhação por ter sido dispensado em vez de assassinado como um oponente digno, Aelian saiu dali mancando, procurando a primeira passagem secreta da qual se recordava.

Sentia que algo dentro de si havia sido morto.

Era um silêncio incômodo. Os quatro ali, lambendo as feridas, sem ao menos saber se a outra parte do plano tinha funcionado.

Raazi pensava nas sósias dilaceradas. Na coisa rastejante em que a Centípede se transformara no meio da fumaça. Como de fato aquilo parecia uma grande centopeia. Nos envenenados na praça dos Assentamentos...

Morrer ao lado de Yanisha na Arena a teria poupado de algumas visões terríveis.

Venoma serviu chá para eles; não dissera uma palavra desde que voltaram da Ala Oeste. Ziggy era quem parecia estar melhor, e Harun conversava bastante com ele sobre o que todos presenciaram. Até o anão, que em geral não tinha muito tato para assuntos delicados, parecia bastante abalado com o que vira.

Um barulho na porta fez todos olharem para a mesma direção. No entanto, ninguém entrou de imediato.

— Anna? Aelian? — perguntou Raazi, com um mau pressentimento.

Não houve resposta. Os quatro trocaram olhares na mesma hora e pegaram as armas. Raazi foi na frente até a entrada, que se abriu e revelou apenas Aelian.

— Onde está Anna? — perguntou a kaorsh antes de o aliado dar um passo para dentro da luz, e ela notar o estado dele. Todo o sangue negro nas vestes, as feridas, a mão enegrecida.

E a espada quebrada na mão.

— O que aconteceu? Onde está Anna? — gritou ela, segurando os ombros do amigo.

Os outros se aproximaram, mas Aelian encarava apenas Raazi, parecendo perdido. Seus olhos iam de um lado para o outro, frenéticos, e a boca não formava nenhuma frase completa.

— Ela... eu...

A expressão dele foi se tornando mais lívida. As lágrimas enfim brotaram, depois de toda a caminhada até o Coração da Estátua. Não havia mais esperança. Não havia por que esperar a chuva de meteoritos para retomar o Unificado. Os planos, as incursões que foram minando pouco a pouco o exército de Untherak... tudo em vão.

Os restos da espada de Anna foram ao chão.

— Ela foi para outro lugar, Aelian? — perguntou Venoma, quase com raiva, ignorando a evidência gritante aos pés dele. — Por que ela não voltou junto com você?

Harun olhava para o chão. Ziggy também, dando um longo suspiro. Raazi, sempre pronta para encarar a morte, levou uma das mãos à boca. Venoma ainda agia como se não tivesse entendido.

— Proghon a matou — disse Aelian numa voz rouca, olhando de Venoma para a espada quebrada. — É o fim.

Era como se o interior da estátua estivesse repleto de um líquido grosso que impedia os movimentos na velocidade normal. Tudo passava lentamente. A informação ia a caminho do cérebro devagar, mas fazendo um estrago enorme. A tristeza era palpável. Todos a derramaram, na mesma hora ou dias depois, nos primeiros momentos de silêncio que tiveram.

Bicofino parecia se sentir da mesma forma. Piava baixinho, cutucando os cabelos de Aelian com o bico, como se o acalentasse. Os dois ficaram assim por muito tempo e jamais saberiam quantas horas aquele torpor lhes roubou.

Aquilo se encerrou no momento em que o falcão bateu as asas, fazendo estardalhaço e se afastando do dono. Todos ficaram sobressaltados e olharam para Aelian, achando que ele havia dado um safanão no bicho ou algo do tipo. Contudo, ele não tinha feito nada ao animal. As mãos dele estavam na própria garganta: parecia estar engasgando.

Ziggy saltou uma caixa no caminho até Aelian, que agora se ajoelhava no chão, o rosto contorcido de dor.

— O que está acontecendo? — perguntou o sinfo, quase sentindo a dor do amigo. Aelian levantou a cabeça, respirando pesado, a boca arreganhada.

Seus olhos estavam completamente negros.

— *Povo de Untherak* — começou ele, ou melhor, alguém através dele. — *Prestem atenção a meu pronunciamento e contemplem o fim de uma era.*

A voz de Proghon alcançou o Coração da Estátua. E também cada ponto de Untherak em que havia um maculado.

Sureyya havia recebido e repassado as ordens de abrir os portões da Vila B. Ela observava a onda de andarilhos rotos e errantes inundando as ruas. Por cerca de meia hora, aguardou que os batizados se espalhassem pelo Miolo e pela Borda. Os mais violentos atacavam os cidadãos, e o número de ocorrências do tipo já era tão grande que os Autoridades nem tentavam mais impedi-los.

A Tenente tinha deixado claro que os batizados deveriam correr e se espalhar. É claro que ninguém se atreveu a contrariá-la. Já era fim de tarde quando ela atravessou o Portão Sul, acompanhada de sua escolta pessoal de Únicos, impedindo apenas os ataques dos que atrapalhavam o caminho dela até a Tribuna de Honra, onde sua presença fora solicitada.

Os Autoridades, que em geral só precisavam administrar a volta dos trabalhadores às celas durante o pôr do sol, receberam tarefas diferentes naquele dia: eles deveriam conduzir o máximo de servos do Miolo até a Arena de Obsidiana. Assim, o local começou a ser preenchido, com fogueiras brancas enormes sendo acesas no meio da arquibancada, afastando a escuridão que vinha após o crepúsculo. O piso negro também estava liberado para os que chegavam, e, assim, os servos de Untherak foram se posicionando abaixo da Tribuna, aguardando com um misto de curiosidade e medo o pronunciamento extraordinário da soberana — e, enquanto a solenidade não começava, conversavam sobre os maculados que estavam soltos por todo o lugar.

Quando a Arena já estava tão apinhada de gente quanto no dia do Festival da Morte, os Arautos anunciaram a chegada de Proghon — e não a de Una. Sureyya aguardou a entrada da deusa e da Centípede logo após o anúncio, o que não aconteceu. Em vez disso, a forma perfeitamente reconhecível do General assomou na Tribuna, carregando um fardo embrulhado em tecido da cor proibida.

Os Únicos na Tribuna fizeram o sinal contra o Mal Rubro. Sureyya, que quase nunca perdia sua postura arrogante, estava confusa. Olhou para um ponto atrás da figura nefasta do General, aguardando a entrada de Una e da Centípede, que simplesmente não apareceram.

A Tenente se aproximou para fazer a costumeira continência para Proghon, aproveitando para dar uma olhada no que ele carregava. Era um corpo.

O General Proghon parou na beira da sacada da Tribuna e virou a caveira dourada para ela, enquanto um zumbido indistinto de centenas de pessoas enxergando algo vermelho logo acima se espalhava pela Arena. A Tenente se aproximou de seu líder, ainda sem entender o que estava acontecendo.

Então, o General ergueu o cadáver à frente, para fora da sacada, segurando-o pelo pescoço.

Era uma mulher vestindo um manto da cor proibida. Ela tinha um ferimento que ia do ombro ao peito, como se uma lâmina larga a tivesse trespassado.

O rosto pálido da morta fez Sureyya sentir a pele queimar, mesmo não tendo mais sangue quente nas veias havia muito tempo. É claro que quem estava lá embaixo não enxergava o rosto da mulher. *Bela e ativa*, pensou a Tenente, *mesmo inerte*. O rumor na Arena e nas arquibancadas ficou ainda mais alto, e alguns já apontavam para a Tribuna dizendo que “o Aparição tinha sido capturado”.

A Tenente, sentindo a garganta se fechar de um instante para o outro, caiu de joelhos. Ela já não engasgava mais quando acontecia de ser um amplificador do General, mas a sensação nunca era agradável.

— *Povo de Untherak* — falou Sureyya, levantando-se e escutando as mesmas palavras sendo reproduzidas abaixo da Tribuna e atrás de si, por maculados presos em correntes. — *Prestem atenção a meu pronunciamento, e contemplem o fim de uma era.*

Os dedos de Proghon se abriram e um borrão carmesim mergulhou no ar estagnado do fim do dia. Os servos abaixo da Tribuna abriram caminho às pressas para não serem atingidos pelo corpo, que caiu como um espantalho.

Na Arena, o povo estava horrorizado. Alguns poucos curiosos iam cutucar o cadáver — claro, sem deixar de fazer o sinal contra o Mal Rubro. Poucos segundos se passaram até o primeiro grito ecoar:

— É Una! Una está morta!

A Fúria dos Seis começou a ser entoada aqui e ali, mas não com força suficiente para se tornar um coro uníssono.

E assim Proghon retomou a palavra, com as preces morrendo na garganta dos servos de Una, a deusa morta. O General começou dizendo que desmantelara a grande organização que conspirava contra o povo de Untherak, chefiada por Aparição — que era uma mulher, mas essa mulher também era Una, tão corrompida pelo Mal Rubro que se tornara maligna como as forças que combatia havia séculos.

— *Ela se tornou o Mal e queria acabar com a própria criação* — falou Proghon através de diversas bocas, abrindo os braços e abrangendo toda Untherak. — *Envenenou os fiéis nos Assentamentos. Chacinou o próprio exército em mais de uma ocasião. Alguém precisava impedi-la.*

Nas arquibancadas, choros e rostos incrédulos. Porém, todos podiam ver o corpo envolto no manto: sim, era Una, sem sombra de dúvida. Como ela poderia ter traído

seu povo? Uma deusa poderia enlouquecer?

Então, Proghon avisou que Aparição tinha formado uma enorme resistência e cativado muitos simpatizantes, mas que eles não teriam espaço no novo regime de Untherak.

— Mas não farei o massacre que a traidora do próprio povo planejava. Farei diferente, serei superior. Deste momento até o pôr do sol de amanhã, todos os que compactuam com a Aparição ou que tenham alguma simpatia pela sua figura terão as recompensas sobre suas cabeças canceladas e poderão se retirar pelo Portão Norte. — Proghon apontou para além da Arena. — Saiam, livres de retaliações, mas deixem o povo viver honestamente, sem a sombra de assassinatos e conspirações. Aqueles que aqui ficarem, saibam que terão tolerância zero para o mal que se propagou debaixo de nossas vistas. Reservarei apenas terror e violência para os que declinarem da Degradação e optarem por minha ira. Untherak não conviverá mais...

— ... com quem pretende vê-la destruída por dentro. Vocês estarão à própria sorte — disse Aelian, ajoelhado no meio de seus aliados. — E que a Degradação os abrace.

Ele fechou os olhos, tossindo, quase colocando os pulmões para fora. Quando os reabriu, por poucos segundos antes de desmaiar, Raazi notou que os olhos dele tinham voltado ao normal.

Vinte e três horas para o fechamento do Portão

- Ela conseguiu ir sozinha. Com tanta gente, seria bem mais fácil.
- Acho arriscado.
- Arriscado é ficar aqui esperando Proghon nos dizimar, Harun.
- Tudo bem, mas o que comeríamos no deserto?
- Poderíamos levar alguns meses de provisões.
- Como? Toda aquela areia, o sol escaldante...
- Thrul pode caminhar por semanas no calor ou no frio sem beber água. Ele carregaria nossas coisas.
- Mas iríamos só nós?
- Temos que perguntar quem mais quer ir. Aposto que alguns sinfos nos seguiriam. Poderíamos procurar pela terra Raiz...
- Eu não posso ir. De jeito nenhum. Tenho esposa. Tenho um filho pequeno!
- Quer esperar alguém ligar os pontos e descobrir que você ajudava a Aparição?
- Acho que Aelian está acordando...

As pálpebras doíam, os olhos ardiam. Piscou várias vezes enquanto o Coração da Estátua entrava em foco aos poucos. Todos olhavam para ele, mas um Ziggy de contornos difusos estava mais próximo que os demais.

- Ei. Melhorou?
 - O que... aconteceu?
 - É o fim, como você mesmo disse — murmurou Harun, sombrio.
- Aelian começou a se lembrar do terror de perder o controle das cordas vocais e de tudo que aconteceu no Fosso...

Aparição.

- Anna...
- Morta — falou Venoma, seca. Parecia querer provar que estava de volta ao autocontrole dos instintos, como a assassina que era, mas os olhos inchados a traíam. — E Proghon fez alguma coisa com você...
- Eu não...
- Vamos parar de enrolar — disse Harun, vindo mais à frente e postando-se ao

lado de Ziggy. — Conta para a gente como você se tornou um humano maculado.

Raazi não gostou do tom de Harun ao falar com Aelian, mas também não entendia como um humano servira de voz para Proghon — e a uma enorme distância, ainda por cima. Quando o General tinha estendido seu poder daquela maneira?

Ou talvez ele tenha passado mil anos escondendo a extensão de seu domínio sobre a Mácula, pensou a kaorsh.

Aelian começou a balbuciar e, aos poucos, foi retomando o controle. Ele comentou sobre as cicatrizes nas costas, que eram cauterizadas por armas batizadas, e contou como havia tentado pegar a espada no Fosso. Olhava para a ponta dos dedos das mãos como se procurasse algo, mas sua pele e suas unhas pareciam apenas sujas, sem marca alguma do piche maldito.

— Isso explica por que você enxergava a linha negra da passagem secreta, conforme suspeitei — disse Harun, mais calmo. Segundos antes, ele parecia prestes a esmagar a cabeça de Aelian com o martelo, como se o rapaz ainda estivesse sob o domínio do General. — Mas não consigo entender como não se dissolveu todo por dentro. Não vejo como seu corpo aguentaria.

Para um homem despreparado para a ideia da morte, uma perspectiva daquelas não era fácil de aceitar, mesmo que fosse apenas uma conjectura. Aelian ficou em silêncio, sentado no chão, olhando para a espada quebrada de Anna. Ziggy não se afastou do amigo, mantendo uma das mãos nas costas dele. Venoma se descobriu atarefada de repente e foi para a sala de armas.

— Vou enfrentar a Degradação — disse Aelian, pegando os outros três de surpresa. No fim das contas, ele havia escutado a confabulação deles.

— Isso é loucura, rapaz — respondeu Harun. — Não vamos durar mais tempo lá fora que aqui, lutando ou nos escondendo.

— Anna conseguiu sozinha, nós poderemos juntos! — gritou o sinfo, esperançoso.

— Vocês já pegaram a rebarba de uma tempestade de areia? Não é uma gosma? E olha que temos as Muralhas da Borda para nos proteger! — disse o anão. — Imaginem como é estar no meio de uma!

— Não vai ser muito diferente de estar nessa *nova* Untherak — falou Raazi, mesmo que não quisesse tomar partido.

— Raazi, eu achava que você era uma kaorsh sensata.

— Pois não deveria, anão. Não esqueça que tentei matar Una e paguei para ir à

Arena.

— Mas você se preparou para isso! Nós não podemos nos preparar para... para o que quer que tenha lá fora!

— Eu não tinha me preparado para *sobreviver*, mas aqui estou.

— Isso é diferente de...

— Eu posso morrer a qualquer momento! — berrou Aelian.

O grito ecoou pela câmara e acabou com a discussão. As atenções estavam centradas nele mais uma vez. Ele controlou a voz, mesmo que um pouco trêmula, ao continuar:

— E se isso acontecer, quero que seja tentando me afastar do que vem me matando aos poucos e que matou a todos com quem já me importei.

Raazi assentiu. Ela sabia que Aelian estava falando de Untherak.



Vinte horas para o fechamento do Portão

Carregando sacos de comida e cantis de água e outras bebidas, eles seguiam pelo túnel em direção aos Assentamentos. Venoma também levava a espada quebrada de Anna.

— Foi o que sobrou dela — resmungou, enquanto envolvia o punho da arma em lonas e tecidos para carregá-la junto com as bugigangas e não chamar tanta atenção. Harun tinha consigo apenas as armas e ferramentas de sempre, enquanto Ziggy parecia sobrecarregado de instrumentos.

Enquanto caminhavam, apenas a kaorsh e o anão falavam. A discussão acabou indo para o que deveriam fazer com o resto da pólvora de ouro. Harun era a favor de explodir o Coração da Estátua para que ninguém encontrasse o local, mas Raazi o convenceu a deixar as coisas ali intactas. Se o lugar tinha permanecido escondido por tantos séculos, talvez ninguém o encontrasse.

— E também não teremos tempo de explodir o Palácio, antes que tenha outra ideia — disse a kaorsh, indo à frente de todos no caminho subterrâneo. — É isso ou fugir.

— Eu sei, demoraria semanas para posicionar a pólvora nos pontos certos. Mas ainda não decidi se vou mesmo com vocês — falou Harun. — Meu filho não vai sobreviver no deserto. Minha esposa não aceitaria essa ideia nem se ainda bebesse tanto quanto na época em que a conheci. Então, se eu ficar, vou derrubar a porcaria do Palácio bem em cima do General.

— A pólvora é uma herança dos seus antepassados — disse Raazi, apertando os lábios. — Faça o que bem entender com ela.

Os dois seguiram num silêncio constrangedor até o fim do caminho. Aelian caminhava entre Ziggy e Venoma, que enfim quebrara o silêncio rancoroso ao perguntar como ele se sentia.

— Usado — respondeu ele. — Como se tivessem me virado do avesso, me espancado e depois me costurado de volta no lado certo.

— E você quer mesmo ir para a Degradação?

— Eu vi o que Proghon fez com Anna. Só saí vivo de lá porque ele queria que eu trouxesse o recado. A existência de Una fazia com que ele se segurasse, e agora o General quebrou essa barreira. Ninguém vai conseguir resistir ao que está por vir.

Venoma suspirou.

— Talvez funcione — disse ela, por fim.

— O quê? — perguntou Aelian, estranhando que alguém visse algo de positivo naquela situação. Ela ainda estava falando do exílio?

— A fuga. Essa história de sair para a Degradação. Talvez sejamos piores do que as coisas que existem lá fora.

Ziggy pareceu um pouco menos preocupado que antes.

— Fico até mais tranquilo de procurar a terra Raiz com você me dando cobertura.

— Não conte com isso, pequeno — disse Venoma. — Vou sozinha, garantindo apenas minha sobrevivência.

— Certo. Então, não me peça para tocar algo que suavize seus pesadelos à noite — falou o sinfo.

Venoma fez um ruído de desdém.

— E por que pediria isso? Eu não tenho pesadelos.

— Na verdade — disse Aelian —, você quase sempre grita quando dorme no Coração da Estátua.

Ela lançou um olhar confuso ao rapaz. Ziggy confirmou com a cabeça.

— E olha que eu nem durmo tão perto de você quanto ele.

Venoma pareceu ofendida, não pela indireta inocente do sinfo, mas por descobrir que aquelas pessoas já a tinham visto despida de sua frieza de mercenária. Aelian pensou em dizer a ela que demonstrar fragilidade não era fraqueza, mas, depois de ser possuído pela voz de Proghon e estar no estado em que se encontrava, talvez ele mesmo não acreditasse nisso.

Do alçapão para o interior de um barraco e de lá para as ruas apertadas dos

Assentamentos, o grupo deixou o lugar que um dia abrigou o primeiro encontro de Anna com seus aliados. O morro estava em polvorosa, o ar carregado de gritos, xingamentos e urgência. Todos estavam alertas, certos de que, em algum lugar próximo, os Únicos estavam investindo contra os moradores.

Raazi mudou a cor dos cabelos e escureceu o tom da pele antes de parar uma moça que passava correndo à sua frente, de mãos dadas com uma garotinha que chorava.

— O que está acontecendo? — perguntou a kaorsh, largando no chão o que carregava.

A moça trouxe a filha para mais perto de si antes de responder:

— As pessoas estão deixando Untherak! Todos estão debandando! Estou atrás do meu marido, que ainda não voltou do Miolo...

Raazi pediu calma a ela. Ziggy olhava em volta, para as famílias deixando seus barracos com trouxas feitas de lençóis remendados, e parecia procurar o que fazer para ajudar aquele mar de gente. Aelian e Venoma auxiliaram uma senhora anã que devia ter uns duzentos e cinquenta anos e perguntava para que lado ficava o portão.

— Não vou ficar aqui para ver mais morte! Já basta a minha, que está bem próxima — resmungava a anã, com sua bengalinha de madeira nodosa.

Harun registrava tudo aquilo; gente com filhos, decidida a enfrentar a Degradação. Idosos que poderiam muito bem se acomodar e esperar o novo governo de Proghon bater em suas portas. Miseráveis com fome e doenças, pessoas com a fé abalada após escutarem absurdos sobre sua soberana, mas que, mesmo com seu mundo erodindo, não haviam desistido da vida.

Sem que nenhum de seus colegas notasse, ele voltou para os túneis, sentindo a cabeça funcionando como as velhas engrenagens dos antepassados.



Dezoito horas para o fechamento do Portão

— Atenção, todos vocês!

Raazi estava no alto de uma das maiores construções ao redor da praça principal dos Assentamentos. Aelian estava lá embaixo, ao lado de Ziggy e Venoma, lembrando-se das pessoas mortas que vira ali. Agora, o lugar parecia o Mercado Aberto num dia movimentado, com pessoas correndo de um lado para o outro cheias de bagagens; um povo que nunca saíra daquelas muralhas e que agora descobria que talvez tivesse que caminhar a esmo. Em poucas horas, Untherak

havia se tornado um formigueiro atingido por uma pedra.

Raazi berrou de novo, com as mãos em concha ao redor da boca. Incentivadas por seus três aliados, algumas pessoas que já estavam paradas começaram a clamar para que os outros prestassem atenção na kaorsh de cabelos pretos e mancha azul no olho esquerdo. Em alguns minutos, ela tinha uma plateia considerável na praça.

— Se pretendem sair de Untherak como eu, vamos nos juntar numa só caravana. Assim teremos mais chances!

Algumas pessoas começaram a voltar para suas correrias pessoais, deixando de prestar atenção. Outras xingaram a kaorsh. No entanto, havia algumas que começaram a bradar para que ela continuasse o discurso.

— Se nos unirmos, poderemos suportar as provações do deserto. No frio, o calor dos nossos corpos vai nos aquecer. Debaixo do sol, vamos marchar juntos e ajudar aqueles que não estiverem em condições de continuar. Vamos nos revezar e até nos empurrar adiante, se for necessário. Vamos levar o que pudermos de roupas, água e comida, e encontraremos um lugar onde poderemos continuar nossa vida!

— Não existe nada lá fora! — gritou alguém.

— Apenas dor e sofrimento! — bradou uma voz feminina.

— Isso foi o que nos contaram — falou Raazi, retomando a palavra. — Estou aqui para ver com meus próprios olhos o que há lá fora. Estou aqui para enfrentar o que quer que exista além daqueles portões.

— Enfrentar como? — gritou um kaorsh de meia-idade mas de boa compleição física, que parecia estar ali só para ver o circo pegar fogo. — Com cantis de água vazios?

Muitos riram, outros o vaiaram. Raazi falou acima das vozes:

— Levarei armas para todos. E vou ensinar a usá-las.

— Ah, é? E quem é você para saber usar uma arma tão bem assim? — gritou o kaorsh, sedento por mais plateia. — Uma ex-Única desempregada? Trabalhei para tantas facções na minha juventude que aposto que posso liderar um bando de maltrapilhos melhor que você, mocinha!

Raazi cerrou os lábios e deixou a cor verdadeira retomar seu *canväs*. Seu cabelo fulgurou no tom original, acobreado. Alguns perceberam quem ela era e começaram a murmurar. Então, seu peito estufou e sua voz explodiu na noite agitada:

— Eu sou Raazi Tan Nurten, vencedora do Festival da Morte, a primeira pessoa na história de Untherak a sobreviver na Arena de Obsidiana! Quer me testar, kaorsh? — Ela saltou do telhado para o chão de terra batida, com uma leveza que fez Aelian

ficar boquiaberto, tanto pela manobra quanto pela atitude. — Eu, de mãos nuas, contra você com a arma que escolher! O que acha?

As pessoas abriam caminho para sua passagem. Ela marchava altivamente na direção do agitador, que era pelo menos dois palmos mais baixo.

— Se nem uma “deusa” foi capaz de me deter, imagino o que você teria nessas suas mangas largas que dê conta. Mais falácia?

O kaorsh murmurou algumas coisas à guisa de desculpas e se retirou, misturando-se à multidão. Raazi continuou onde estava, olhando ao redor. Lembrou-se de Anna no dia do banquete em que toda aquela gente havia bebido e dançado ao redor da fogueira. De como Anna controlara a situação com Raeth, e do poder em sua fala, de sua altivez. Agora, Anna se fora, mas deixara um pouco de si em cada um de seus aliados.

Raazi, naquele instante, era a voz de Aparição. Ela ergueu o punho direito.

— Eu sou uma sobrevivente! E darei a vida para que vocês também sobrevivam.

Aelian, rememorando o ocorrido na Arena, queria ter sido o primeiro a gritar para incentivar os outros ao redor. Felizmente, porém, não foi preciso.

O coração da kaorsh palpitava forte quando ela foi ao encontro dos aliados.

— Acho que estou muito impressionado — disse Ziggy, aplaudindo.

— Vou trazer Tom e Taönma para cá — falou Aelian, guardando para si os elogios que gostaria de fazer à amiga. Seu humor demoraria para voltar ao normal. — Eles têm uma carroça e uma mula, tenho certeza de que vão querer ir com a gente.

— Preciso que você e Harun busquem mais armas no Coração da Estátua — disse Raazi, preocupada.

Venoma respondeu antes de Aelian.

— O anão sumiu, para variar. Deve ter voltado para trás dos muros da Vila A. Vou com Aelian buscar os amigos dele e depois seguimos até a estátua.

— Tudo bem — falou Raazi, voltando-se para Ziggy logo depois. — Você vai ter que ir até o Segundo Bosque para avisar Pryllan e os outros. Veja quantos querem nos seguir, quantos betouros podem trazer. E traga também grãos e cereais, coisas que durem mais tempo no deserto. Nosso ponto de encontro será o Mercado Aberto, na frente do Portão. Vamos usar todo o tempo disponível e cruzar a passagem quando estivermos todos juntos.

— Volto antes de o sol nascer — disse o pequeno, respirando fundo e disparando morro abaixo sem dizer mais nada.

Raazi observou o pequeno indo embora até onde seus olhos alcançaram, e

continuou olhando para o mesmo ponto mesmo depois de ele ter desaparecido, pensando se os sinfos iriam com eles. A viagem rumo ao desconhecido seria bem mais fácil com a música e os conhecimentos deles. Aelian e Venoma se ocuparam apartando alguma briga que tinha surgido ali perto, que começou por causa de comida. Raazi só conseguia olhar, sem tomar atitude alguma depois daquela explosão de adrenalina que a fizera gritar. Seu sangue esfriava, seu coração desacelerava. Até que uma voz conhecida soou às suas costas, tirando-a daquele estupor.

— Gostei do discurso! Queria que tivesse me mostrado toda essa lábia antes, para me ajudar a vender as coisas lá na minha barraca.

Olhou para trás, e uma anã sorridente e de bochechas salientes a encarava, parecendo bastante orgulhosa.

— Baeli! — exclamou Raazi, curvando-se para envolver a amiga num abraço forte.

— É tão bom ver você viva, garota — sussurrou a anã, um pouco rouca. — Tinha me esquecido de como você é alta.

— Me diga que está vindo com a gente.

— Depois desse seu espetáculo? Eu seguiria você para dentro do Palácio de Proghon, se pedisse!

Raazi riu, quase derramando lágrimas. Baeli não tinha a verdadeira noção do que acabara de dizer.

Dezessete horas para o fechamento do Portão

A notícia corria como fogo num pavio embebido em destilado. As pessoas ecoavam o assunto por todos os cantos do Assentamento, e cada um desses mensageiros involuntários acrescentava toques particulares à fala de Raazi: alguns diziam que a vencedora da Arena de Obsidiana estava ali para derrubar Proghon, outros alardeavam que ela lhes prometera encontrar comida na Degradação. Quanto mais para o sopé do morro, porém, mais difícil era espalhar a mensagem: os maculados da Vila B vagavam por aquela região, e algumas pequenas batalhas e altercações aconteciam por lá. As pessoas trancavam as portas e janelas de seus barracos com tábuas e placas de metal, para evitar a invasão dos mais violentos. Nenhum Único era visto nas ruas, e parecia que todos tinham sido chamados para dentro do Miolo. Pelo visto, Untherak seria uma terra sem lei até o pôr do sol seguinte.

O Pâncreas de Grifo estava fechado. Dois batizados, um kaorsh e um sinfo

avançaram sobre Aelian quando ele foi para os fundos da taverna, por onde escalaria até uma janela no segundo andar. O rapaz conseguiu derrubar um deles com um empurrão desajeitado, mas o segundo, o sinfo, pulou em suas costas como um animal selvagem. Antes que ele desse o primeiro grito de socorro, Venoma derrubou o maculado com uma seta no pescoço.

— Entre e fale com seus amigos — disse a mercenária, arrancando a munição da pele do maculado e limpando o sangue enegrecido nos trapos do pequeno corpo morto. O fardo com a metade da espada embrulhada balançava nas costas dela. — Vou ficar aqui fora vigiando.

Aelian assentiu, e perdeu alguns segundos olhando para Venoma antes de subir em alguns caixotes vazios para começar a escalada.

— O que foi? — perguntou ela, alerta.

Aelian engoliu em seco, sentindo-se culpado por ter desconfiado dela ainda no dia anterior.

— Me desculpe pelo que falei ontem. Eu estava nerv...

— Não precisa disso agora, tá? — cortou ela, trocando a besta de mão. Aelian nunca havia percebido que ela era ambidestra. — Vai logo.

Ele subiu e em segundos encontrou a janela — destrancada, para sua sorte. Caiu no meio de alguns fardos de trigo e nos tonéis em que Tom e Taönma preparavam a cerveja. Em qualquer outro dia, ele pegaria um caneco e tomaria um longo gole do conteúdo daqueles recipientes, mas naquele momento não sentia sede alguma, apenas urgência.

— Tom! Taönma! — gritou ele, pisando com cuidado na escada que levava ao salão comum da taverna. — É Aelian! Onde vocês estão?

Praticamente se descolando das sombras debaixo da escada e baixando um longo cutelo de carne, Taönma voltou à cor normal e respirou fundo.

— Pensei que um daqueles gosmentos tinha aprendido a subir paredes — disse ela, enxugando o suor da testa com o braço e, em seguida, voltando a cabeça para a cozinha. — Podem sair, é Aelian.

Tom e o filho saíram. O mais velho carregava uma espada enferrujada, enquanto o menino tremia, parecendo assustado.

— Venha cá — disse Aelian, abaixando-se e o abraçando. — Você está tremendo, não fica assim... Você já falou grosso com bêbados mais perigosos que esses maculados aí de fora!

— Papai disse que vamos ter que ir para a Degradação — disse o garoto, o rosto

afundado no cabelo de Aelian.

O rapaz observou o casal, que tinha os olhos marejados ao vê-lo consolando Tom.

— E vamos precisar mesmo — disse ele, dando tapinhas nas costas do Pequeno Tom e em seguida afastando-o, segurando seus ombros com firmeza. — Mas vai dar tudo certo. Sabe por quê?

Parecendo muitos anos mais novo com os olhos injetados de tanto chorar, o menino balançou a cabeça. Aelian tirou do pescoço o cordão com seu dado de quartzo verde.

— Porque agora você vai ficar com meu totem da sorte. Lembra-se dele?

O Pequeno Tom parecia não acreditar. Ele havia vivido a maior parte da vida dentro de uma taverna e sabia a importância que um totem tinha para seu jogador. Era proibido até que outra pessoa tocasse o dado pessoal de um apostador, e Aelian estava tirando o seu do pescoço para colocá-lo nele.

— P-para mim? — gaguejou o menino, enxugando as lágrimas.

— Claro que não, espertinho — disse Aelian, fingindo-se ofendido e bagunçando os cabelos do menino. — Estou emprestando! Quando toda essa loucura acabar, você me devolve. Tá bom?

O Pequeno Tom sorriu em resposta, olhando para o dado contra a luz de uma vela em cima do balcão.

— Obrigado — falou Tom, aproximando-se do amigo e dando-lhe um abraço. — Nunca o tinha visto desse jeito. Ele ainda não entendeu o que está acontecendo em Untherak...

— Nem eu, Tom. Só sei que, se as primeiras horas da “Era Proghon” estão sendo assim, não quero nem ver os próximos dias. — Aelian fez um sinal abrangendo todo o estabelecimento. — Já recolheu o que queria? Raazi conseguiu organizar a retirada de algumas pessoas para amanhã, quase uma caravana. Outras vão se adiantar e sair ainda esta noite, pelo que ouvi por aí.

— Fico feliz em saber — respondeu Tom, com um olhar cúmplice para a esposa. — Estamos empacotando o que podemos de comida e salgando a carne para durar algumas semanas na estrada.

— Vamos ter que sair para buscar a mula e a carroça, que não estão muito longe — falou Taönma. — Apesar de que não creio que a coitada vá durar mais que algumas noites no deserto.

— Já estávamos organizando uma comitiva com outras famílias da região, então

nos juntaremos a vocês. — Tom foi até atrás do balcão, pegou uma garrafa de licor que já estava quase no fim e três copos. Começou a preenchê-los igualmente até zerar a garrafa. — Você acredita nesse negócio de que vamos poder sair daqui sem problema nenhum?

Recebendo sua dose, Aelian meneou a cabeça e respondeu baixo, para que o Pequeno Tom não o escutasse.

— Sinceramente? Eu não acredito em mais nada.

— Pensei que você não viesse.

Essa foi a frase que Harun escutou ao entrar em casa, na Vila A. Cora estava com Ônix nos braços, de pé. Ao redor deles havia três grandes fardos de roupas e comida. Seu rosto estava marcado por rastros de lágrimas, algumas secas, outras recentes.

— Você... quer ir embora? — perguntou o anão, descrente.

Ele já tinha aceitado que ficaria ali com a esposa até o fim de seus dias. No entanto, ela tomava a iniciativa.

— Só não embrulhei a armadura da sua família e as suas armas, pois não queria tocar nelas — disse Cora, embalando o sono do bebê. Parecia profundamente atordoada, mas resoluta em reparar as rachaduras em suas convicções. — Não sei o que esses infiéis querem com essa história de que Una era o Aparição, mas tenho certeza de que tem coisa errada aí. A deusa unificada não ia gostar que ficássemos num lugar tomado pelo Mal e por um traidor feito Proghon.

Ela continuou, dizendo que mil anos antes Una dera abrigo ao que restara de cada uma das raças após a batalha no monte Ahtul, até o momento em que Harun não conseguia prestar mais atenção alguma — a cabeça latejava, e ele nem imaginava como conseguiria explicar toda a sua história e a verdade sobre a deusa para a esposa.

Ele tinha que enfrentar um problema de cada vez.

— Vou embrulhar a armadura — disse Harun, descendo as escadas até o porão.

Bantu aguardava o neto ao lado da relíquia, sorrindo.

— Que reviravolta, não?

Dezesseis horas para o fechamento do Portão

Raazi já havia apartado mais de dez brigas por comida na praça, isso sem contar os casos que chegavam aos seus ouvidos, uma vez que as pessoas passaram a reportar coisas a ela, como se precisassem de uma líder: mães — anãs, kaorshs e humanas — que não encontravam os filhos, um homem morto por um baixinho armado com um canivete, que, por sua vez, teve o braço decepado pelo irmão do defunto.

— Se formos em direção ao Mercado e acamparmos por ali, perto dos portões, acho que vamos sair dessa aglomeração — disse Baeli, como a “conselheira da líder dos que escolhiam o exílio”. — Quanto mais juntas as pessoas ficarem, mais vão se estranhar.

— E lá teremos espaço para contarmos quantos somos — falou Raazi, concordando com a amiga.

Após a kaorsh subir de novo no telhado do prédio mais alto e gritar algumas ordens, a caravana começou a se mover morro abaixo.

*Quinze horas para o fechamento do Portão*

— Autoridade Harun — disse o Único no Portão da Vila A.

O homem estava tendo uma noite difícil. A cada vez que a passagem era aberta para a entrada de um dos moradores, um bando de maculados tentava passar à força e acabava tendo que ser abatidos pelos guardas.

Porém, naquela madrugada atípica, poucas carroças estavam saindo daquele lugar.

— Abra para mim — comandou Harun, no banco da sua carroça coberta puxada por dois betouros.

Como eu queria o miúdo por aqui agora, pensou ele, enquanto os bichos resfolegavam e seguiam em frente de maneira irregular.

— Autoridade, não tenho registro de nenhum carregamento saindo daqui hoje — falou o Único, tentando buscar apoio nos outros três soldados da guarita. Contudo, eles só tinham olhos para o lado de fora. — O que tem aí?

— Armas. São ordens da Tenente Sureyya — respondeu ele, curto e grosso.

— Que eu saiba, a Tenente pediu apenas uma movimentação do arsenal do Palácio para a operação de hoje — respondeu o Único.

Bantu, sentado acima da carroceria e visível apenas para o neto, deu um assobio longo.

— Aí está algo de que não sabíamos!

— Ela precisa de mais armas — falou Harun, sem pestanejar, escondendo a surpresa de que Sureyya estava usando o arsenal do Palácio, o mais pesado. — Abra logo o portão, soldado.

— Me desculpe, senhor. Preciso verificar a carga.

Harun ficou tenso. Revirou os olhos, tentando demonstrar apenas irritação.

— E o que mais acha que eu poderia estar levando no meio dessa loucura toda, seu idiota? — rosnou.

— É o procedimento padrão de entrada e saída de carga, o senhor deveria saber disso.

— Ah, sim, porque hoje é um dia completamente normal para procedimentos completamente normais. Abra logo essa porcaria de portão! — ordenou Harun.

Os betouros começaram a patear o chão, nervosos, e os outros três Únicos tiveram a atenção atraída para o coche.

Bantu gargalhava.

— Deixe os paspalhos verificarem a carga de uma vez e acabe com isso. Você deveria confiar mais na sua esposa, sabia?

— Cale a boca! — respondeu Harun, num lapso.

O Único mais próximo franziu o cenho.

— Senhor...?

— Nada, nada... Vá logo, então!

Harun saltou da carroça, como se fosse acompanhar a inspeção. Tossiu alto três vezes e parou entre os outros três soldados, as mãos próximas ao cinto.

O Único que foi verificar a carroça abriu as portas traseiras e mal teve tempo de ver os mantimentos e as armas saqueados do arsenal e do silo particular da Vila A antes de Cora derrubá-lo com uma marretada certa na lateral do elmo, amassando o metal e levando-o a nocaute. Ônix, em seu outro braço, nem mesmo acordou.

Mesmo com um ombro ferido, Harun aproveitou para neutralizar os outros três guardas: dois caíram com marteladas nos joelhos e nos elmos e o terceiro recebeu

um murro na traqueia antes de apagar.

Mandando Cora se trancar de novo na carroceria, Harun entrou na guarita e girou o mecanismo que abria o portão.

Enquanto a carruagem puxada pelos betouros nervosos seguia pelas ruas sinuosas rumo ao Portão Norte, maculados invadiram a então intocada Vila A, mas Harun não se importou.

Aquilo manteria Únicos e Autoridades ocupados demais para perseguirem um desertor.



Catorze horas para o fechamento do Portão

Aelian e Tom praticamente limparam as redondezas do Pâncreas da presença dos batizados mais selvagens. Venoma evitara gastar pontas, mas fizera boa parte do serviço com um arco de caça, de cima do telhado da taverna. O resultado era que agora era possível organizar a retirada dos moradores do pé do morro e Taönma conseguira ir buscar a carroça de carga e a mula.

— Acho que a coisa está mais tranquila por aqui — disse Venoma a Aelian, enfim indo para o chão e colocando a besta às costas.

O ex-falcoeiro colocou um barril de maçãs verdes na carroça de Tom e se voltou para a mercenária.

— Vamos lá para a estátua buscar mais armas?

— Eu posso ir sozinha — falou ela. — Você está sendo útil, e seus amigos vão gostar de tê-lo por perto.

— Mas como vai conseguir carregar tudo sozinha?

Ela revirou os olhos e deu um soco no braço de Aelian.

— Difícil era tirar veneno daquele javali horroroso nos Grandes Pântanos. Já arrastei mortos mais pesados, posso dar um jeito.

Venoma lhe deu as costas e, sem olhar para Aelian, apontou para o telhado da taverna.

— Seu outro amigo chegou há alguns minutos.

Bicofino estava encarapitado lá em cima e aproveitou a deixa para planar até o pulso de Aelian.

— Oi, garoto — disse ele, fazendo carinho debaixo do bico do falcão. — Parece que não vejo você há séculos. Preparado para ficar sem telhado por algum tempo?

A ave deu um grasnar indiferente. Aelian percebeu que aquela era uma pergunta

que, na verdade, deveria ter feito a si mesmo antes. Afinal, ele estava preparado para ficar sem telhado por algum tempo?

Olhou ao redor e viu toda a movimentação. Até o Pequeno Tom fazia o que estava a seu alcance, ajudando os pais. Taönma, inclusive, conversava com pessoas que vinham da parte mais alta do morro. As notícias eram de que uma comitiva estava acampada no Mercado Aberto, e que mais e mais pessoas chegavam a cada minuto.

— Parece que aquela kaorsh maluca que lutou no Festival da Morte é quem está organizando tudo — disse uma conhecida de Taönma, dando de ombros. — Ainda não sei se vou ficar ou se vou embora, mas, se tem alguém que eu gostaria que me defendesse na Degradação, é aquela mulher!

Ali estava a resposta de Aelian: ele não estava pronto para ficar sem telhado. No entanto, havia quem estivesse preparado por ele.



Treze horas para o fechamento do Portão

Raazi enxergava a linha vermelha começando a borrar o horizonte. Muitos fizeram o sinal contra o Mal Rubro, e ela pensava em como a mente daquele povo devia estar confusa naquele momento, tendo sido tirados da coleira havia tão pouco tempo que ainda não tinham se acostumado a andar sem um laço apertado no pescoço.

Raazi lembrou que precisava recomeçar a recontagem: até o momento, calculava que havia oitocentos cidadãos dispostos a deixar Untherak. Ziggy ainda não tinha retornado, e ela imaginava que o pequeno poderia estar encontrando resistência dos outros sinfos para deixarem as árvores e seguirem em frente sem garantia alguma. Seu peito se apertou ao pensar em ir embora sem o amigo.

Alguém gritou o nome dela, tirando-a das conjecturas. Algumas pessoas apontavam para longe, na direção de uma carruagem negra dos Autoridades que vinha a toda velocidade na direção da aglomeração de pessoas.

— Uma única carruagem de Autoridade para tudo isso de gente? — perguntou Baeli. — Que estranho.

— Não parece ser de um Autoridade — falou Raazi, vendo que os betouros praticamente arrastavam o veículo atrás de suas grandes carapaças.

Ela tirou a lança espetada no chão e foi na direção da carruagem, com Baeli ao lado.

Segundos depois, Raazi teve que admitir que estava errada ao perceber que, atrás dos bichos, um suado Harun tentava controlar as rédeas. O anão não deixava de ser um Autoridade.

A kaorsh largou a lança e abriu um grande sorriso, coisa que achava impossível fazer naquele dia. Algumas pessoas mais experientes com betouros chegaram para acalmar os animais, e o anão saltou para o chão, praguejando como nunca.

— Se aquele miúdo tivesse me ensinado a tocar a música de acalmar essas feras, nada disso teria acontecido!

Raazi gargalhou e abraçou o amigo enquanto ele estava no meio de outro xingamento. Harun, envolvido pelos braços fortes da kaorsh e desacostumado com afeto, deu-lhe alguns tapinhas contidos nas costas.

— Que bom ver você. Nunca achei que diria isso.

— Certo, certo... Acho que vamos passar mais tempo juntos daqui em diante — disse ele, dando um sorriso discreto. Então, fez um gesto com a cabeça na direção da carroça. — Trouxe algumas coisas para a viagem. Quer dar uma olhada?

— Comida?

— *Hah!* Sim — disse ele, gingando até a parte de trás da carruagem e a chamando com as mãos. — Assaltei a despensa e o arsenal da Vila A...

Ele abriu as duas portas traseiras da carruagem. Raazi arregalou os olhos, surpresa, não só pela quantidade de caixas de mantimentos, escudos, clavas, maçãs e martelos empilhados lá dentro — havia até uma armadura —, mas pela anã de pele negra que amamentava um bebê em meio a todos aqueles objetos.

— Ah, e essa é minha esposa, Cora. Cora, essa é Raazi.

Dez horas para o fechamento do Portão

Aelian vinha com a carroça puxada pela mula de Tom. Já era a segunda viagem que ele fazia até o acampamento do Mercado. Na anterior, ele se surpreendera ao ver Harun ali, mas eles apenas assentiram um para o outro, orgulhosos que eram.

Venoma apareceu logo depois, trazendo uma boa quantidade de armas do interior da estátua — aço de confiança, lâminas que haviam resistido à passagem do tempo.

Vendo que muitos Únicos começavam a se agrupar nas ameias da Muralha da Borda, Raazi pediu que as armas fossem distribuídas aos que tivessem condições de lutar.

— Só para o caso de Proghon não cumprir com o acordo — disse ela para Harun.

Enquanto dizia isso, percebeu um homem de capa e capuz marrons e barba bifurcada que a observava a alguns metros. Ele notou que fora visto e nem assim rompeu o contato visual. A kaorsh terminou de passar as instruções e então caminhou na direção do sujeito, que não demonstrou reação ao vê-la assomando a sua frente.

— Você quer falar comigo? Porque já está me encarando há horas.

— Não exagere, *compridona* — disse o homem, com a voz mole. O termo despertou nela alguma lembrança distante. — Estou aqui só faz alguns minutos. Vim ver se os boatos eram verdadeiros.

— Que boatos? — rosnou Raazi, as mãos na cintura, sem economizar na intimidação. Aquele sujeito era familiar.

— Que a vencedora da Arena de Obsidiana estava montando um exército — falou o homem, roendo uma unha.

— Isso parece um exército para você? Em breve seremos refugiados. Só isso.

— Claro, como quiser. A propósito, já nos conhecemos. Meu nome é Idraz Faca-Cega.

Foi então que Raazi se lembrou de onde o conhecia: do Poço dos Desejos. O homem era o rufião do lugar, que controlava a subida aos aposentos das cortesãs. Tinha sido hostil com a kaorsh por causa de uma moeda derrubada ou algo assim.

Idraz estendeu a mão.

— O que quer, Idraz? — perguntou ela, sem retribuir o aperto de mão. — Se for apenas pelos boatos, pode voltar para o Poço e contar aos seus amigos que viu a kaorsh da Arena. Fiquem à vontade para se deliciar com bisbilhotices e especulações.

— Ah, mas eu não vou voltar para o Poço, *compridona* — disse ele, sinuoso. — Vim até aqui porque quero deixar Untherak. Não vai sobrar muito prazer num lugar coberto de Mácula, se é que me entende.

Raazi o encarou. O jeito daquele homem a irritava bastante. Nenhum dos dois piscou mesmo com o vento trazendo poeira do deserto.

— Se quer partir conosco, ajude — disse ela, dando-lhe as costas. Então acrescentou: — Não vou dizer para pegar uma arma, pois tenho a impressão de que você já tem uma.

Idraz sorriu e se misturou à multidão que dividia os sacos de mantimentos entre as carroças. Raazi, já um pouco longe, tentou imaginar por que aquele sujeito a

incomodava tanto.

Oito horas para o fechamento do Portão

Nuvens negras foram trazidas por uma ventania, como se a Degradação as tivesse soprado para desencorajar aqueles dispostos a desbravá-la. Lamentos e desistências foram ouvidos, com algumas dezenas de pessoas dizendo que a tempestade vinha para quem duvidava do poder de Una, que retornaria a Untherak em breve, mesmo depois de tentarem profanar o nome dela — para parte do povo, Proghon era um traidor da deusa unificada.

No momento em que um número considerável de pessoas pegava suas trouxas de roupa e voltava para os Assentamentos e outros lugares de Untherak, uma trompa soou ao longe — e não era o som dos Arautos do Palácio.

Raazi, que estava perto de Aelian e Harun naquele momento, se voltou na direção do som. Os três levaram um grande susto ao ver a comitiva que vinha numa grande fila de betouros a perder de vista.

— Não acredito — murmurou Harun.

De dois em dois, eles se encaminhavam ao acampamento devagar, com Ziggy e Pryllan à frente.

— É impressão minha ou ele convenceu o Segundo Bosque inteiro? — perguntou Aelian, imaginando se um dia tinha visto tantos betouros juntos.

Num trotar vagaroso e constante, os animais se aproximaram, a maioria carregando imensos fardos de mantimentos, cestas de vimes e até mesmo mudas de plantas. Ziggy saltou de Thrul e se aproximou dos amigos, parecendo preocupado.

— Desculpem a demora — disse ele, com uma careta —, mas demorou um tempão para falar com todo mundo.

— Quando você diz “todo mundo”... — começou Aelian, mas foi interrompido por Harun.

— Quantos vieram com você?

— Hum, deixa eu ver... dois, quatro, seis, oito... hã... Bom, foram todos, na verdade.

Raazi recebia os cumprimentos de Pryllan, que parecia bastante contente de ver a kaorsh ali. Harun não se contentou com a resposta de Ziggy e alardeou a presença de mais de quatrocentos sinfos e suas mascotes. Se haviam sofrido com a desistência de algumas dezenas, toda a população do Segundo Bosque, trazendo alimentos e animais de tração, supria e superava em muito a baixa sofrida.

— Fico feliz em ver vocês — disse Ziggy, sorridente e cansado. Ele abraçou Pryllan e outro sinfo que passava por ali sem aviso. — Juntos, vamos encontrar a terra Raiz!

— Ziggy — falou Raazi, que parecia preocupada com toda a expectativa criada por parte do sinfo. — A caminhada vai ser difícil e não podemos garantir nada para seu povo. Vocês têm certeza disso?

— Nossa decisão foi tomada — respondeu Pryllan no lugar do outro, fazendo uma grande medida. — Acreditamos que essa reviravolta toda aconteceu por um propósito. Já procrastinamos nossa busca por centenas de gerações de sinfos, e está na hora de seguirmos em frente. De espalharmos as sementes no vento.

Os aliados trocaram olhares em silêncio, observando a massa miscigenada que eram os futuros exilados de Untherak. O silêncio perdurou por um bom tempo, até que as primeiras gotas começaram a cair das nuvens. Os sinfos, ao contrário de todos, pareciam encarar o fato como um bom presságio para a jornada que se aproximava: a chuva era boa para a colheita, e aquele era um sinal bom o suficiente para todos eles.

— Fico feliz por estarmos todos aqui — disse o pequeno, por fim.

Naquele instante, no meio do véu cinzento da chuva, a estátua de Una não parecia tão grande assim.

Sete horas para o fechamento do Portão

A chuva castigava o acampamento e ocultava o sol da manhã. Raazi, Baeli e Aelian ergueram estacas e lonas próximas à carroça roubada da Vila A e usavam o local como uma espécie de centro de comando. Ziggy estava dentro da carruagem, com Cora, Harun e o pequeno Ônix. Ele tocava uma melodia para acalmar o bebê, após o berreiro que ele havia começado a fazer com os relâmpagos e os trovões.

— Segure-o um pouco — disse Cora para Ziggy, após o filho adormecer. O sinfo largou a flauta na mesma hora, como se a anã tivesse lhe oferecido um instrumento musical raro.

— Ele se parece mais com a mãe — falou Ziggy, olhando-o com ternura.

— Agradeço todos os dias por isso — respondeu Harun, observando a cena.

No meio do temporal, poucos se juntavam ao acampamento.

Cinco horas para o fechamento do Portão

O céu deu uma trégua, mas as nuvens continuaram à espreita. Com sua lente de aproximação, Harun parava de tempos em tempos para verificar a movimentação no Miolo ou nos caminhos que levavam ao Mercado. Venoma, com seus olhos aguçados, fazia a mesma coisa, mas sem equipamento algum.

— Há Únicos se movimentando perto da Arena, vindo para cá — disse o anão, preocupado. Ele já havia demonstrado estranheza com o que tinha escutado dos guardas na entrada da Vila A, sobre a Tenente ter solicitado armas de dentro do Palácio. — Duvido que estejam vindo atrás de um Autoridade desertor, seria muita gente só para mim.

— Melhor nos mexermos então — falou Raazi após se reunirem na tenda. — Vamos começar a retirada e aguardar do lado de fora do Portão, caso resolvam nos atacar aqui no Mercado.

— Não me espantaria que Proghon fizesse isso — disse Pryllan, sentado sobre uma caixa que dividia com Ziggy.

— Mas não podemos ficar muito próximos da Borda. — Venoma apontou na direção da Muralha, que nunca estivera tão apinhada de soldados. Untherak jamais precisou se preocupar com invasões. — Se estivermos abaixo dela na hora em que o Portão se fechar e Proghon resolver encarar isso como “resistência ao regime”, seremos massacrados pelos arqueiros.

— Esperar coerência do General será sempre um perigo — disse Raazi. — Ele pode inclusive fazer chover flechas sobre nós na hora em que passarmos pelo Portão.

— Então teremos que aguardar cerca de quinhentos metros adiante para ficarmos fora do alcance das flechas — falou Harun.

Aelian se agitou no lugar em que estava e verificou seu punhal.

— Vou apressar Tom com o final da comitiva. Cuidaremos dos que ficarem por último na retirada.

— Certo — concordou Raazi. — Não carreguem tanto as últimas carruagens, pois não sabemos se o terreno da Degradação pode se tornar difícil, caso precisem bater em retirada. Outra coisa — ela arrancou uma fivela das vestes e a entregou ao amigo —, mande isso para mim através de Bicofino até a frente da caravana quando cruzar o Portão.

Aelian guardou a fivela, assobiou para Bicofino e partiu na direção dos Assentamentos, sem maiores despedidas.

Menos de quatro horas para o fechamento do Portão

Tom e Taönma estavam correndo desde a noite anterior, e enfim tinham se permitido observar o Pâncreas de Grifo pela última vez. Até Aelian, que os apressava, passou os olhos pelo telhado do lugar que, após suas primeiras perdas, foi o mais próximo de uma casa que ele teve.

— Vamos — disse Tom, o primeiro a sair do transe. — Já sinto saudade dessa espelunca. Mas prometo abrir outra, tão suja quanto, seja lá onde formos parar.

Aelian riu, cansado, e voltou os olhos para sua comitiva de quarenta pessoas. Aquele grupo se juntaria a outro, maior, que àquela altura já devia ter cruzado o Portão.

Começaram a se mexer, e, no mesmo instante, Aelian sentiu os ouvidos zumbirem.



A Degradação estava a um passo de Raazi.

Ao lado do portão estava Grork, o gigante de duas cabeças da saída nordeste que fora realocado para aquele lugar provavelmente para fechar o Portão assim que a ordem do General chegasse. Ele grunhiu desaforos com uma das bocas, mas a outra se limitou a observar as pessoas que passavam abaixo.

Nas ameias da Muralha, acima da caravana, Raazi notou muitos maculados entre os Únicos. Venoma caminhava ao lado dela, com a besta armada e olhos sempre voltados para o alto, caso os guardas resolvessem colocá-los numa armadilha. O silêncio na enorme fileira que se encaminhava para fora de Untherak era tão desolador quanto toda a areia que os recebia, num horizonte tão profundo quanto o firmamento.

— Até aqui, tudo bem — murmurou Harun, ao lado de Cora, carregando o filho debaixo de uma manta grossa.

Sua esposa também carregava um martelo de guerra e um escudo nas costas, por via das dúvidas. A carruagem roubada da Vila A agora era conduzida por um sinfo bem mais competente, que não deixava os betouros andarem em zigue-zague.

Acima da velocidade média da fila, Ziggy atçou Thrul para que ele chegasse até a frente da caravana, emparelhando com Raazi, Baeli, Venoma, Harun e Cora.

— Ainda não tivemos sinal de Aelian e dos seus amigos — falou ele.

— Já devem estar chegando — deduziu a kaorsh, olhando para trás. Pelo menos uma centena de pessoas já havia atravessado o Portão.

Ziggy balançou a cabeça.

— Vou colocar minha carga numa carroça para o Thrul ficar mais leve — disse ele, dando tapinhas na couraça lúidia do betouro — e depois vou voltar para ver se ele precisa de ajuda, certo?

— Tudo bem — disse Raazi. — Mas não perca tempo. Caso não alcance o fim da fila, estaremos à frente, esperando por vocês.

Ziggy assentiu, deu meia-volta com o betouro e pediu para que uma das carroças mais leves saísse da fila por um instante para que ele colocasse seus fardos nela. E então partiu a galope no sentido contrário a toda velocidade; era o único que ia contra a maré de exilados.

— Vocês não estão sentindo? — perguntou Aelian, abrindo e fechando a boca, tentando estalar o maxilar. — Como se os seus ouvidos estivessem empurrados para dentro?

Tom negou com a cabeça, mas Taönma falou que também sentiu uma mudança de pressão, como quando se estava muito abaixo da terra, nas minas. O ex-falcoeiro estremeceu diante daquele pensamento claustrofóbico.

Bicofino, fazendo círculos em cima da última remessa que se juntaria à caravana, grasnou de um jeito que Aelian reconheceu como um alerta.

Atrás deles, saída do Miolo, vinha uma tropa de Únicos com os escudos à frente.

— Tudo bem, pessoal. — Aelian tentou tranquilizar as pessoas que começavam a se assustar. — Eles estão tentando nos apressar, então continuem andando. Vamos, sem olhar para trás!

Alguns indivíduos correram para fora da fila organizada que eles tinham formado, e Aelian ia de um lado para o outro, incentivando-os a seguir em frente.

Porém, os Únicos continuavam vindo, e agora era possível ver uma grande massa negra atrás deles. Os olhos de Aelian eram bons, mas ele não conseguia entender o que os soldados carregavam...

Tom e Taönma também gritavam incentivos. Aos poucos, todos foram

acelerando o passo para que os outros acompanhassem. O Pequeno Tom, uma das mãos sempre segurando o dado de oito lados, ia à frente com os pais. O garoto não parava de torcer o pescoço para ver onde Aelian estava indo.

— Vamos, pessoal! Só estão tentando nos assustar! — gritava o rapaz, como se tocasse uma boiada em frente. No entanto, sentia que estava mentindo para todas aquelas pessoas, pois sem dúvida a coisa estava ficando mais agressiva.

Os Únicos pararam com os escudos em posição, como se estivessem se preparando para um ataque. Porém, os guardas não carregavam lanças. Pareciam estar esperando alguma coisa acontecer.

De repente, Aelian caiu de joelhos. Tom e Taönma não viram, mas o Pequeno Tom, sim. Ele voltou correndo, gritando pelo nome do amigo. Só então a caravana parou para observar o ex-falcoeiro no chão, segurando a própria garganta.

— Aelian! Você está bem? — perguntou o menino, se aproximando.

O velho amigo da família apenas fez um gesto com a mão. *Vá*. Ele engasgava, parecia querer cuspir algo. E então, quando mais pessoas vieram ajudá-lo a se levantar, viram que os olhos dele estavam negros.

De novo, não, pensou o rapaz. Sua voz falhava. Apenas engulhos saíam da garganta. Ele acenava sem parar, não por achar que poderia se tornar um perigo para aqueles que o cercavam, mas porque queria que se afastassem e continuassem a marcha. Sobretudo o Pequeno Tom, que estava muito longe dos pais naquele momento.

— Saia... *aaargh*... daqui! — disse por fim, de uma maneira gutural, sem ter noção de que estava empurrando o garoto.

As pessoas começaram a gritar e a abandonar a fila, notando que Aelian transmitiria a voz de Proghon, como viram tantos maculados fazendo no dia anterior.

Aelian ergueu os olhos, enxergando os Únicos com escudos. Eles não queriam atacar. Estavam apenas escutando algo...

— *Vocês estão saindo com pertences de Untherak* — articulou a boca de Aelian. — *Animais, frutos, cereais e quaisquer alimentos colhidos nestas terras são nossos, e minha oferta não inclui nenhuma premiação para os que desejam deixar Untherak.*

Cestas de alimentos, galinhas e até mesmo dinheiro foram largados no chão. As pessoas entraram em pânico, e agora não havia mais palavras para acalmá-las.

— *A ganância será a sua ruína* — falou Aelian.

A parede de escudos dos Únicos se abriu em setores, dando passagem para os que

vinham atrás dos guardas. Ainda de joelhos e atordoado pela gritaria dentro e fora da própria cabeça, o ex-falcoeiro viu soldados pálidos, todos iguais. Cabelos negros, lisos, como se tivessem sido oleados com Mácula. Altos e esguios, como kaorshs. Usavam vestes negras e justas, todos com aljavas na cintura.

E, é claro, arcos nas mãos.

— Corram! Cor...

Aelian não teve tempo de completar o segundo grito. O mundo emudeceu de repente. Porém, não era a voz dele falhando: era como se todo som e toda voz tivessem sido sugados do ar. Ele escutava apenas o som entre suas orelhas, do sangue sendo bombeado. Notava que as pessoas ao redor gritavam, mas que também não entendiam por que o pavor não deixava suas bocas.

Viu um Único apontar a maça para a frente, viu a boca dele formar a palavra “ataquem”, mas nada escutou.

Então, olhou para o alto e viu a chuva de flechas que caía sem produzir som.

Uma seta negra perfurou sua coxa e outra passou ao lado da cabeça. Por instinto, Aelian cobriu os olhos com os braços, como se aquilo fosse protegê-lo; e essa foi a reação de quase todos os que estavam presos naquele bolsão inexplicável de silêncio. Todos caíam, sem chances contra o inferno que vinha do céu.

Aelian tentou se levantar, mesmo sentindo a perna falhar, e procurou por Tom, Taönma e o filho. Avistou os pais primeiro, caídos um ao lado do outro. Tom, com uma flecha na garganta, vomitava sangue, mas o mundo seguia em silêncio. Taönma estava ao lado do marido, caída de bruços sobre um corpo pequeno com três flechas nas costas. Aelian sentiu outra seta perfurar seu ombro por trás, e uma nova saraivada começou. Ele pegou um escudo do chão, dos braços de um anão morto, e ergueu-o acima da cabeça. Sentiu a pressão das flechas martelando a chapa de aço, mas continuava escutando apenas o próprio coração.

Ele desvirou Taönma com dificuldade. Uma das flechas tinha atravessado as costas da kaorsh e penetrado no cadáver abaixo dela. Aelian sentiu um conflito de emoções ao notar que o morto era uma criança, mas não o Pequeno Tom: Taönma morrera defendendo o filho de outra pessoa. E ele sabia que ela teria feito aquilo por qualquer um.

Aelian se virou, procurando pelo Pequeno Tom enquanto lágrimas lavavam seu rosto. Contudo, o menino poderia estar em qualquer lugar entre todos aqueles cadáveres.

Os Únicos avançavam em passos silenciosos. Atrás, vinham os arqueiros de rosto

impassível. Aelian notou que suas orelhas eram pontudas, como as dos sinfos, e seus olhos, maiores que o normal, eram completamente negros, como os seus ficavam durante as possessões de Proghon. Suas feições eram finas, como se feitas pela ponta de uma pena.

Então, uma forma mais alta que os arqueiros abriu caminho entre as tropas que se aproximavam dos mortos. Proghon estava numa montaria até então oculta pelos soldados. Conforme eles se afastavam para lhe dar passagem, Aelian reencontrou um de seus pesadelos recentes numa versão agigantada: um dos gafanhotos que vira no subterrâneo do Palácio, selado como uma montaria para o General. com placas de aço negro. Com a espada imensa numa das mãos, Proghon avançava olhando para a orgia de corpos trespassados abaixo das patas de seu grande inseto. Ele ergueu a mão livre, e o mundo voltou a ter som.

Então, o General viu Aelian.

— *Ora, se não é o homem do Poleiro* — disse o próprio Aelian. Aparentemente, ele era o único sobrevivente em meio aos mortos. Com desdém, Proghon fez sua montaria dar meia-volta e continuou: — *Podem matá-lo. E, se encontrarem outra pessoa ainda respirando, esmaguem a cabeça dela.*

Em seguida, Aelian recuperou o controle da própria voz.

A fileira de Únicos marchou na direção dele.



Harun informou a Raazi que o final da caravana já estava a uma distância segura dos arqueiros.

— Mas ainda nenhum sinal de Aelian e Ziggy — murmurou o anão.

Ao longe, o Portão Norte continuava aberto. Contudo, não permaneceria assim por muito tempo, e aquilo preocupava Raazi.

— Sem querer causar preocupação desnecessária — começou Venoma, olhando para um lado que Raazi não observava. Ela apontou para o oeste. — Mas acho que já tinha alguém aqui fora antes da gente.

Um segundo grupo bem volumoso vinha ao encontro do grupo maior, acompanhando a sombra da Muralha. Eles pareciam organizados demais para serem exilados fugindo às pressas.

Poucos segundos bastaram para confirmar que se tratavam de Únicos, marchando logo atrás de um contingente de soldados rasos de Untherak.

Poucos minutos bastaram para revelar que eram liderados pela Tenente Sureyya.



Aelian se levantou com as pernas trêmulas e o escudo no braço esquerdo. Depois de quebrar a haste da flecha no ombro, puxou o punhal kaorsh do cinto e assumiu uma posição de combate insegura.

A fileira de Únicos avançou de maneira preguiçosa, como se aquele fosse um trabalho entediante. Um deles atacou Aelian com a clava, e ele aparou o golpe com o escudo, se desequilibrando e indo parar no chão. O punhal riscou o ar à frente enquanto ele caía, sem conseguir ferir o soldado.

Outro soldado se aproximou, rindo, e atingiu o estômago dele com a bota de ferro. Um terceiro, mais espirituoso e tentando encontrar alguma diversão e alegria em seu trabalho, chutou um punhado de terra no rosto de Aelian. Risadas, gritos de escárnio, maçãs batendo em escudos incentivando o linchamento.

Alguém chutou o rosto do ex-falcoeiro, mas a dor foi mínima. Ele morreria devagar e com requintes de crueldade pela sorte de não ter recebido nenhuma flecha fatal.

Com o rosto na terra, o rapaz teve tempo de observar o cenário por uma perspectiva curiosa. Via lanças de ponta batizada perfurando carne morta, só por garantia. Os sobreviventes agonizantes recebiam estocadas metódicas dos Únicos, que não economizavam esforços atingindo até mesmo os mais obviamente mortos — afinal, todo cuidado era pouco. Alguns pareciam se divertir partindo cabeças a esmo.

Sua visão se inundou com o sangue que escorria para seus olhos. Algo também encheu seu peito, e Aelian cerrou os dentes, quase a ponto de trincá-los. Aparou um chute com o escudo e se levantou em seguida, gritando e se jogando contra um dos Únicos, que brincava com sua presa.

Os dois foram ao chão, agarrados. Os companheiros do soldado começaram a rir da situação, e provavelmente zombariam do colega por ele ter sido derrubado por uma miserável almofada de flechas.

Porém, no meio da briga, Aelian deslizou o punhal através das brechas da armadura do Único, fazendo-o cuspir um pequeno gêiser de sangue. A lâmina ficou ali, presa na armadura, então o ex-falcoeiro tomou a maçã do Único, voltando-se na mesma hora para o guarda mais próximo e atingindo-o no rosto antes mesmo que ele conseguisse tirar o sorriso da cara.

Não havia elmo capaz de amortecer um impacto como aquele. Dentes dos

soldados de Proghon foram salpicados sobre os mortos dos Assentamentos, e Aelian continuava sua investida munido apenas de sua maça, seu escudo e sua ira.

Quatro soldados foram ao chão. Um quinto recuou e gritou para que os colegas o cercassem, e o restante da tropa, mais distante, viu que havia um problema ali. Aelian continuou lutando como um animal acuado — ele extravasava a violência que tomara conta de sua vida, tirando proveito de todo o tempo disponível em que ainda teria controle de seu corpo, antes de Proghon reivindicá-lo como seu. Ele era todo ataque, usando até mesmo as bordas do escudo para atingir gargantas e virilhas.

Um Único maior que a média acertou o passo para atacar o inimigo solitário, derrubando-o com um golpe nos calcanhares. Aelian soltou o escudo e caiu de costas no chão, a defesa aberta para o golpe frontal que o soldado preparava, com um urro vitorioso.

Porém, precipitado.

O grandalhão foi arremessado a muitos metros de distância quando um betouro derrapou no meio dos Únicos, rompendo a defesa, pateando a terra e se virando para investir contra o guarda mais próximo.

Ziggy, montado em Thrul, saltou de cima do betouro usando as lâminas adaptadas em seus antebraços e derrubando um Único antes de seus pés tocarem o chão.

— Levanta! — gritou Ziggy para Aelian, circulando-o de guarda erguida enquanto o amigo se recompunha. O sinfo estava pronto para aferroar outro soldado, e assim o fez quando um anão investiu com uma lança. — Só precisamos de uma chance para montar em Thrul e fugir daqui!

Com o betouro irado saltando, distribuindo coices e batendo em inimigos a esmo, Aelian e Ziggy lutaram contra os homens que ainda estavam de pé. Ao longe, Proghon parecia ter ordenado que suas tropas de arqueiros pálidos desse meia-volta para completar o serviço que o outro destacamento não tinha conseguido fazer.

Mesmo parecendo impossível, Aelian aumentou a ferocidade com que lutava para conseguir ganhar tempo para Ziggy puxar uma flauta do alforje e tocar a melodia que traria Thrul até eles, calmo o suficiente para ser montado.

— Agora, vai! — gritou o pequeno, e Aelian subiu no betouro com a desenvoltura de quem já tinha feito aquilo milhares de vezes. Thrul se ergueu nas patas traseiras, fazendo cliques e zumbindo as asas coladas ao corpo com uma irritação

intimidadora. Aelian precisou se segurar nas rédeas até que as quatro patas estivessem no chão.

O betouro começou a trotar e, montado no animal já em movimento, Aelian estendeu a mão para que Ziggy a pegasse, içando o sinfo para a frente na sela, deixando o comando da criatura para o pequeno.

— Muito bem, garoto! — gritou ele, com a voz estridente, chacoalhando as rédeas com força e se inclinando para a frente. — Agora, corra!

Um Único infeliz foi atropelado por Thrul, enquanto outro adiou a própria morte por alguns segundos ao sair do caminho do animal em plena carga apenas para ser golpeado pela maça de Aelian com força dobrada, impulsionada pelo movimento do betouro.

Lanças passaram próximas ao animal em fuga. Aelian queria olhar para trás e ver como estava a perseguição ao betouro, mas temia se desequilibrar e cair de Thrul.

Em sua visão periférica, Aelian viu uma pessoa saltando telhados dos Assentamentos.

— Tem algo errado no ar! — gritou Ziggy, levando uma das mãos ao ouvido e abrindo e fechando a boca. — Está sentindo?

Aelian experimentava uma versão mais leve do amortecimento de todos os sons. Acompanhando o betouro em fuga, três dos arqueiros pálidos pulavam de laje em laje numa velocidade impressionante — e a presença deles parecia relacionada ao silêncio, de alguma forma.

Um deles disparou uma flecha para o lado, quase sem mirar, no meio de um salto entre telhados. Por instinto, Aelian ergueu o escudo e recebeu o impacto direcionado para a cabeça de Ziggy. Uma chuva de flechas veio em seguida, de todos os lados, com os arqueiros correndo na mesma velocidade que Thrul. Aelian, que evitava se perguntar como aquilo era possível assim como tentava não pensar na dor das flechas cravadas na própria carne, percebeu que Ziggy gritava algo para ele, mas o som ao seu redor estava desaparecendo, e de onde Aelian estava era impossível ler os lábios do sinfo.

A maioria dos ataques ricocheteava na couraça do betouro, que ia ficando cada vez mais irritado e instável, mesmo sem ser ferido. Aelian gritou para Ziggy, pedindo que tocasse algo na flauta para acalmar o animal, ou ambos iriam para o chão na próxima saraivada de flechas. No entanto, se ele nem sequer conseguia escutar a si mesmo, como Ziggy o ouviria?

Ultrapassando o betouro em fuga e antecipando a trajetória que o animal

seguiria, um grupo de arqueiros interceptou o caminho à frente numa única linha de defesa, já em posição de tiro. Aelian gritou alguma coisa sem som e tentou colocar o braço com o escudo na frente de Ziggy, mas foi nesse instante que Thrul parou de repente, arremessando homem e sinfo por cima dos arqueiros, em alta velocidade.

Aelian rolou por muitos metros e sentiu o fragmento de flecha na coxa afundar ainda mais na carne. Percebeu que o som estava voltando aos poucos quando ouviu o próprio grito de dor — distante, como se estivesse no fundo de um poço.

Ziggy, que era bem mais ágil e tinha reflexos melhores que Aelian, atingiu o chão de mau jeito. O rapaz o viu caído de costas e se arrastou até o amigo, notando que ele não se mexia. Os arqueiros continuavam parados, organizados demais, os arcos retesados para finalizar os oponentes. Thrul, atrás do grupo, estava capotado no chão e tinha dificuldades para se virar, dando coices no ar.

Aelian virou Ziggy para si e sentiu todo o ar escapando dos pulmões: havia quatro flechas cravadas no peito do pequeno, todas muito próximas uma das outras. Eles tinham mirado no coração e acertado em cheio.

Aelian gritou o nome do amigo. Ziggy abriu os olhos com dificuldade. Não parecia estar sentindo dor. Parecia apenas sonolento.

— Minha flauta — sussurrou ele.

Aelian entendeu com perfeição e viu que a mão direita do sinfo ainda segurava com firmeza o instrumento.

— Não! Levanta! Nós vamos sair dessa — falou Aelian, sem acreditar naquilo de verdade.

Os arqueiros estavam a poucos momentos de encerrar a vida de ambos. Ziggy tossiu, de leve, expelindo um pouco de sangue.

— Toca a música que ensinei...

— Não, não, não, não...

— Aelian...

— Não, não! Você não pode...

— Aelian!

A conversa deixou de ser sussurrada e o som voltou junto com o nome gritado de Aelian. O sinfo ergueu a flauta na frente do rosto do homem como se ela pesasse uma tonelada.

— Toque. Por favor. Não quero mais ficar nesse lugar.

De joelhos, olhando do amigo caído para os arqueiros e imaginando que aquilo seria muito improvável, o rapaz levou a flauta aos lábios trêmulos. Mas não

conseguia se lembrar da melodia que acalmava Thrul... Nada surgia em sua cabeça. Parecia que, se tentasse pensar em qualquer coisa naquele instante, perderia o último suspiro do amigo — e aquilo ele não poderia admitir.

Com um grito cortante vindo do alto, uma mancha castanha cruzou a frente do rosto dos arqueiros — e um deles se viu desfigurado de um segundo para o outro, com a carne branca do rosto arrancada e derramando sangue negro no chão. Bicofino atacava quem colocava dois de seus entes mais queridos em perigo, e todas as flechas foram apontadas para o céu, em direção ao falcão enraivecido de Aelian.

Sem suportar a ideia de perder o pássaro também, mas sabendo que não teria uma segunda chance de distração como aquela, Aelian pegou Ziggy nos braços e correu para trás de Thrul, que estava quase conseguindo ficar de pé de novo. A couraça do bicho os protegeria caso os arqueiros resolvessem voltar sua atenção mais uma vez para os dois.

Colocando Ziggy no chão com a cabeça apoiada em seus joelhos, Aelian soprou a flauta. O instrumento produziu um som rachado, e ele sentiu lágrimas escorrerem pelo rosto. Ele nunca conseguiria tocar aquilo.

— Tente lembrar... sem a flauta mesmo — murmurou o sinfo, pálido. Ele estava perdendo muito sangue. — Depois você toca...

Aelian tinha visto e ouvido Ziggy fazer aquilo muitas vezes. Agora, no entanto, todas as memórias dele pareciam borradas. O rapaz queria poder acessá-las com exatidão, como nas lembranças que haviam surgido no Coração da Estátua.

Então, em meio à tristeza, o passado lhe acenou com uma lembrança alegre. Ziggy tocava algo no alaúde, e Aelian tentava acompanhá-lo com uma ocarina. Os dois estavam felizes. Ziggy estava bem. Anna estava bem. O sinfo havia elogiado Aelian, dizendo que ele estava melhorando — e, a princípio, o rapaz não tinha acreditado. O assunto passou para a leitura das cartas estelares.

“Se uma pessoa pode aprender a mecânica do movimento das estrelas, ainda tenho esperanças de aprender a tocar uma flauta direito”, foi o que Aelian falou. E Ziggy perguntou para Anna como seria a chuva de meteoritos que aconteceria em alguns meses — a chuva que ele não veria, afinal. A resposta, voltando-lhe à mente com clareza, na voz de Anna, doía muito naquele momento, frente ao inevitável.

“Será como se o céu estivesse ao nosso alcance.”

Quando se deu conta, Aelian já estava tocando a flauta.

Um ruído novo veio de Thrul. Ele se desvirou, e Aelian teve a impressão de que a couraça do animal estava se mexendo.

Fazendo o betouro quase dobrar de tamanho com tal movimento, dois pares de asas se abriram sobre o bicho, aquele tempo todo escondidas e compartimentadas dentro de sua forma arredondada. As da frente, que zumbiam com um tom grave, eram grandes, como dois escudos negros, e as de trás eram delicadas e membranosas, com todas as cores do arco-íris, mudando de um tom para o outro dependendo da luz que incidia sobre elas.

Ziggy encontrou forças para dar uma risada fraca que tirou Aelian do torpor de descobrir que as asas dos betouros não eram inúteis.

— Olha só — disse o pequeno, também surpreso. — Com a música certa, acho que qualquer um pode voar.

Sem pensar duas vezes, Aelian pegou Ziggy nos braços e montou naquela nova versão do velho betouro.

Fora dos Portões

Aquela era a histeria que Raazi temia enfrentar desde o início. Conseguiu diminuir o impacto do terror que começava a tomar os exilados ao reunir quem estava mais calmo à frente, formando o que seria o início de uma parede de escudos contra as tropas de Sureyya, posicionadas a cerca de quatrocentos metros a oeste. Raazi gritava para que os mais velhos fossem com as crianças para trás das carroças, ao mesmo tempo em que engrossava a linha de defesa na frente dos comboios. Venoma verificava cada indivíduo, mandando que afivelassem bem os escudos nos braços e elevando o moral dos que estavam dispostos a lutar — a mulher nem lembrava mais a Garota Sinistra e calada de meses antes.

— Eles não são guerreiros — sussurrou a garota para Raazi ao passar por ela. — Não vão aguentar um ataque coordenado.

— Muitos dos que estão aqui, na linha de frente — respondeu a kaorsh —, estão protegendo seus filhos e suas famílias, que estão lá atrás, perto dos comboios. Só isso já os torna mais perigosos que os soldados à frente dos Únicos.

— Não me preocupo tanto com a linha de frente deles. Eles têm no máximo o quê, uns três homens de profundidade?

— É o que parece. A primeira linha deles só quer enfraquecer e desacelerar o nosso ataque. Quando chegarmos aos Únicos, eles esperam nos encontrar cansados e amaciados pelos soldados rasos.

— Posso derrubar muitos de longe, antes de eles chegarem até nós.

Raazi ficou aliviada ao perceber que não havia arqueiros na legião de soldados da Tenente. Aquilo fazia sentido, já que o vento forte do deserto iria desviar a chuva de flechas. Ela assentiu para Venoma.

— Tudo bem, mas se prepare para o combate corpo a corpo.

— Já estou preparada — respondeu a mercenária, tensionando a corda da besta, sem tirar os olhos das tropas inimigas. — Vamos avançar ou deixar que eles venham até nós?

— Nós estamos em maior número. Vamos pavimentar a Degradação com as armaduras dos Únicos! — exclamou Baeli, que escutava as duas de perto, com a sede

de briga típica dos anões.

Ela segurava um martelo e um pequeno escudo de madeira, cheio de mossas e com as bordas gastas. Raazi meneou a cabeça. A última coisa que ela queria era diminuir o moral dos poucos que tinham comparecido à frente dos comboios por conta própria.

— Vamos ter que avançar um pouco, mas não podemos atacar às cegas. Não temos tantas armas assim, e a maioria dos nossos está com enxadas, rastelos e pás. Mas eu tenho um plano.

— Há duzentas pessoas na linha de frente com armas de verdade — respondeu Baeli, que repassou o contingente dos exilados duas vezes.

Venoma olhou para o outro lado, na direção das tropas de Sureyya e, de lá, para Raazi.

— Que plano é esse que você mencionou?

— Vocês já vão saber — respondeu a kaorsh, enquanto pensava em mil formas de como o plano poderia dar errado. Cada choro de criança que chegava até seus ouvidos fazia Raazi pensar que estava louca por fazer frente aos soldados de Untherak com um bando de refugiados a seu lado. Não queria colocá-los em perigo. De certa forma, era responsável por todas aquelas vidas. Mesmo assim, manteve-se firme. — Enquanto isso, quero manter a batalha o mais distante possível dos que estão abrigados atrás dos comboios.

Combatentes vinham até Raazi para lhe fazer perguntas. Ela distribuiu ordens e conselhos e pedia que ficassem atentos às linhas inimigas, com Sureyya à frente lembrando que mantivessem a linha de defesa deles do mesmo tamanho que a da Tenente, para não serem engolidos pelas laterais. Enquanto explicava como se manteriam firmes na hora do choque com os soldados rasos, Raazi foi chamada por uma voz conhecida e interrompeu o que estava fazendo.

— Se quer saber qual é meu plano, Venoma, essa é a hora — disse ela, fazendo sinal para que Pryllan se aproximasse com seu betouro.

— Conversei com os outros, Raazi — disse o sinfo, muito sério. No entanto, Pryllan sempre foi mais sisudo que o normal para sua espécie. — Vamos atacar primeiro. Não temos as armas apropriadas, mas acho que podemos desestabilizá-los para que vocês invistam em seguida. Os chifres dos betouros devem causar um bom estrago.

Raazi assentiu. Baeli arregalou os olhos.

— Espera, pensei que nós seríamos a linha de frente! Vamos ter um ataque de

betouros antes?

— Sim, mas vamos formar essa linha apenas quando começarmos a nos mexer. Não quero dar tempo para Sureyya repensar sua estratégia — falou Raazi. — Pryllan vai passar a informação para os sinfos e avisar que eles devem tomar a frente. Os inimigos não vão imaginar que usaremos betouros para a batalha.

— Porque eles não são para batalha — comentou Baeli, com uma careta.

— Você tem certeza? — perguntou Venoma, olhando para Pryllan.

— Nós conhecemos o risco e vamos com isso até o fim.

O sinfo fez uma mesura, deu meia-volta com o betouro e começou a gritar para que os pequenos ficassem a postos com seus animais.

— Espero que funcione — disse Baeli para a amiga. — Ninguém nunca fez nada parecido.

— Ninguém nunca fugiu de Untherak antes também — respondeu Raazi, e Baeli não fez objeções.

Venoma prendia facas na calça e nas botas, antecipando o momento em que ficaria sem setas. Ela garantiu a Raazi que derrubaria muitos Únicos antes que chegassem até eles.

— Vou ficar próxima de você — disse a mercenária com uma das mãos no ombro da aliada.

Raazi assentiu e, de repente, se lembrou de que estava sentindo falta de uma pessoa essencial na linha de frente.

— Onde está Harun?

— Ele disse que ia vestir os trajes adequados — respondeu Cora, que carregava um martelo e um escudo redondo.

A kaorsh olhou para trás e viu o marido da anã em uma armadura escura, e não com as habituais vestes de Autoridade. Era a couraça que ele havia encontrado no Coração da Estátua.

— Essa armadura lhe serve muito bem, meu amigo — elogiou Raazi, feliz por ver que aquela figura tão ameaçadora estaria a seu lado na batalha.

Harun deu de ombros.

— Prefiro lutar com aquela maculada desgraçada nos trajes da minha família — informou ele.

— Se você enfrentar aquela kaorsh sem mim, juro pelas Seis Faces que arranco a sua cabeça fora, meu amor — grunhiu Cora. Por seu semblante, era possível ver que ela estava confiante a ponto de enfrentar sozinha todo o exército de Untherak.

Ônix foi deixado aos cuidados de uma senhora humana e sua família, dentro da carruagem roubada da Vila A. Cora não trajava armadura alguma, mas parecia tão letal quanto Harun.

Enquanto os anões se posicionavam próximos de Raazi e Baeli, outra pessoa também entrou na fileira, obrigando alguns combatentes a abrirem espaço para ele na linha de frente. Idraz Faca-Cega deu um sorriso malicioso para Venoma ao tomar seu posto, segurando uma faca longa com displicência.

— Que piada de mau gosto é essa, seu ensebado? Vai ficar na linha de frente com *isso*? — questionou Harun, quase como uma bronca.

— Nunca subestime uma faca — respondeu ele, alisando a barba de duas pontas. — Elas entram fácil nas articulações das armaduras dos Únicos. Acredite em mim, já testei bastante.

Raazi não gostava da presença do sujeito ali, mas aquele não era o momento de ser seletiva. Era melhor ter um lunático bem-preparado lutando ao lado deles do que contra eles.

Ela olhou em volta. Até que estavam organizados demais para uma tropa feita às pressas. *Após tanto tempo sendo arrebanhados pelo medo, estão todos muito inclinados a receber ordens*, pensou Raazi, sentindo um mal-estar por ter que comandá-los para a batalha. Porém, ela sabia que era sua função liderar o povo. *Eu quero o bem deles, não sua obediência. Quero que sobrevivam*, pensou. Desde que escapara com vida de uma missão suicida, abraçara todas as consequências de suas ações contra o lugar que tirou a vida de Yanisha. Estar ali, na frente de todos, era o ápice dessas escolhas. As pessoas dependiam da kaorsh e de tudo que ela e Yanisha começaram. Afinal, aquele era o efeito que sua esposa queria causar: o fogo incontrollável causado pela fagulha de sua morte. Raazi achava que havia mesmo um incêndio em seu peito, capaz de queimar tudo o que estivesse a seu alcance.

Só queria que Aelian e Ziggy estivessem aqui também, Raazi se flagrou pensando, imaginando o que estaria acontecendo com seus amigos dentro das Muralhas. Ela aprendera a confiar a retaguarda àqueles dois, e eles fariam falta na hora do aperto. Anna faria falta. Se todos eles, em especial Yanisha, estivessem ali, Raazi se sentiria capaz de derrubar uma legião de Únicos com as unhas.

Uma onda de areia bateu em seu rosto, obrigando a kaorsh a fechar os olhos por alguns segundos. Seu medo da morte fora extinto na Tribuna de Honra, naquele dia tão distante em que seu *canväs* chegou tão perto do fim. Se tinha que conduzir toda aquela gente para um fim trágico, Raazi iria na frente — e levaria Sureyya com ela.

Queria que a Tenente sentisse a morte fechando cada um dos dedos em sua garganta, que morresse experimentando a mesma dor de Yanisha.

Passada a lufada de vento e areia, Raazi olhou para trás e viu dois agrupamentos de betouros organizados atrás de seu batalhão. Pryllan a olhava de longe, atento — os sinfos estavam prontos para seguir com o plano. A kaorsh gritou, enérgica, e deu o sinal para que comesçassem a avançar, antes que a espera fizesse com que seus companheiros de batalha avaliassem o risco que corriam.

Dentro dos Portões

Um betouro voava acima dos Assentamentos.

Thrul decolara com dificuldade, parecendo pesado demais para alçar voo. Contudo, os segundos de distração que Bicofino conseguiu atraindo as flechas dos arqueiros foram preciosos para que o betouro se estabilizasse. No início, ele parecia pronto para cair, e Aelian continuou tocando a flauta enquanto segurava Ziggy com a mão e se prendia apenas com a força das pernas, que doíam e latejavam.

Quando os projéteis começaram a ser disparados na direção deles, Aelian foi obrigado a se segurar com mais força. Guardou a flauta e se debruçou para a frente, enrolando as correias nos braços, ao mesmo tempo em que criava um espaço seguro e firme para Ziggy, entre o tórax e a carapaça do betouro. Thrul fazia manobras evasivas instintivas para escapar dos tiros, a cada segundo ganhando mais altura.

Aos poucos, a estátua de Una foi se transformando numa miniatura, como aquela na maquete da sala de estratégia. Aelian, que nunca teve problemas com altura, sentia calafrios ao se imaginar caindo dali.

— A terra Raiz — murmurou Ziggy nos braços do humano, delirando.

— Fica comigo, Ziggy. Por favor — pediu Aelian, sentindo os cabelos chicoteando seu rosto com as diversas correntes de vento que se entrelaçavam acima de Untherak.

O sinfo estava começando a alucinar, sorrindo, sua mãozinha acariciando a haste das flechas cravadas no peito dele.

— Finalmente estou vendo um pôr do sol diferente — disse Ziggy, os grandes olhos de cores diferentes refletindo o crepúsculo avermelhado. — Gosto mais dele assim... sem muros. Estamos bem no alto, não é?

— Sim, Ziggy — disse Aelian, com a voz falhando.

— Então, também estamos perto das estrelas que eu sempre quis ver caindo...

Pena que estamos na hora errada.

Aelian riu no meio do choro, de maneira inesperada. Foi um riso sofrido, com a consciência de que seria a última vez que Ziggy o faria rir.

— Me promete uma coisa?

— Qualquer coisa, amigo.

O sinfo sorriu com a frase de Aelian. Era como se ele tivesse escutado uma melodia nova, acalentadora, que aqueceria até um coração prestes a se calar.

— A terra Raiz... Promete?

— Eu vou encontrá-la, Ziggy — prometeu Aelian, apertando os lábios e deixando correr lágrimas que se descolavam de seu rosto conforme os ventos ficavam mais selvagens. Notou que, a cada piscadela do sinfo, mais tempo ele demorava para abrir os olhos.

— Que bom... Muito obrigado por isso. Por se importar.

Devastado, Aelian respondeu com um aceno de cabeça. Então, as pálpebras de seu amigo se fecharam pela última vez.

Fora dos Portões

— Mantenham a formação! — gritava Raazi, os olhos fixos em Sureyya, cada vez mais próxima.

As tropas dela também tinham começado a se movimentar. De onde estavam, Raazi já conseguia escutar a maculada gritando ordens para os Únicos e para os soldados da linha de frente, a língua tão afiada quanto as garras do chicote. Além daquela arma, a Tenente portava uma espécie de espada curta de punho longo. A lâmina da arma, fina, estreita e batizada, estava rente ao antebraço.

— Mal posso esperar para arrancar os dentes pontudos da minha ex-chefe — grunhiu Harun de dentro do elmo.

Raazi foi rápida e categórica em sua resposta:

— Sureyya é minha. Mas sinta-se livre para arrancar os dentes de todos os outros Únicos.

— Vou amolecer a bastarda para você — disse Venoma, erguendo a besta para compensar a distância e atirando na kaorsh maculada.

A Tenente rebateu a seta direcionada ao seu peito com um movimento rápido da lâmina. Ela sorriu, mostrando os caninos afiados, adorando o desafio e pedindo mais.

— Desgraçada! — gritou Venoma, abaixando a besta, indignada e desacostumada com aquele tipo de comportamento de seus alvos.

— Não desperdice setas com Sureyya — avisou Raazi, apontando para toda a extensão da tropa inimiga. — Derrube os soldados, faça com que eles tropecem uns nos outros e rompam a formação!

Venoma reergueu a arma, e Sureyya sofreu suas duas primeiras baixas. Organizados, dois homens das fileiras de trás tomaram seus lugares na mesma hora. No entanto, isso deixava a linha de soldados mais frágil em alguns pontos. Venoma repetiu o processo e mais gritos vieram das linhas inimigas.

— Pryllan! — gritou Raazi, erguendo a lança na horizontal. — Avance!

Os sinfos, que aguardavam mais atrás, trotaram até a frente da tropa de Raazi. De um minuto para o outro, a linha de frente dos exilados se tornou negra e lúidia, formada pelas carapaças de dezenas de betouros. A Tenente pareceu hesitar, sabendo que sua infantaria não esperava enfrentar animais de carga usados como cavalaria.

— Agora! — gritou Raazi, percebendo a hesitação na tropa de Sureyya.

Pryllan repetiu o grito dela, e os sinfos colocaram suas montarias num trote furioso. Alguns tocavam instrumentos de sopro para induzir mais força às múltiplas patas dos betouros.

— Permaneçam nos seus lugares! — gritou Sureyya, recuando um pouco e se posicionando entre as linhas dos terceiros e quartos homens. — Parede de lanças!

A maculada gritou o comando e a infantaria estacou. Os soldados plantaram um dos joelhos no chão e ergueram as lanças à frente, formando uma muralha intransponível para pessoas — mas não para betouros.

O rompante dos animais atingiu a infantaria com um grande ruído metálico e gritos de dor dos Únicos ajoelhados. Pelo menos metade da carga conseguiu romper a parede de lanças e causar o caos entre as tropas, antes de tentar evadir pelas laterais da infantaria de Sureyya. A própria Tenente derrubou um betouro com sua lâmina batizada, e depois continuou gritando para seus soldados aguentarem a ofensiva. Muitos sinfos escaparam da confusão e se reagruparam na retaguarda do bando de Raazi. Pryllan, porém, lutava como se já tivesse feito aquilo mil vezes, a despeito de sua raça ser pacífica e voltada para a agricultura. Com sede de batalha em seu corpo jovem, ele passou atrás das linhas inimigas após furar o bloqueio, trazendo outros três guerreiros em betouros e aferroando os Únicos com um sabre que Raazi lhe emprestara, do estoque do Coração da Estátua.

Em meio às baixas, Raazi viu Pryllan retornando para se recuperar do ataque, cheio de arranhões e cortes, o betouro dele com várias lanças enfiadas na couraça.

— Consegui ver o fundo da infantaria deles — disse, arfando, ao passar por Raazi. — Há alguns gnolls na retaguarda das tropas deles, depois da concentração de Únicos.

Alguns de seus companheiros se lamuriaram com aquela informação. A kaorsh foi mais rápida que o rastilho da notícia e ergueu sua lança, lembrando-se da estratégia de batalha de Aenoch Oruz.

— Se forem cercados por maculados, Únicos, gnolls ou seja lá o que aquela emissária da peste nos enviar — gritou Raazi, inflamada —, protejam a retaguarda uns dos outros! Não recuem! Entrem em formação de defesa, costas com costas, armas para fora!

Harun e Cora, à frente, deram um berro, e gritos de apoio vieram de todo o grupo.

— Aproveitem que eles estão desorganizados! Em frente, ataquem! — gritou Raazi, começando a correr, os aliados repetindo suas ordens. Os soldados da linha de frente de Sureyya pareciam esmorecidos após o ataque dos betouros, mas os Únicos atrás responderam ao desafio, todos em conjunto, como haviam sido treinados. Venoma, que era uma máquina de matar, derrubando quem estivesse no caminho, aproveitou para enfiar a última seta na boca aberta de um deles, e então sacou duas facas que tinha guardado para o inevitável corpo a corpo.

A tropa improvisada de exilados se chocou contra os soldados da Tenente e em pouco tempo alcançou as armaduras negras dos Únicos.

Raazi agarrou a haste de uma lança e a puxou das mãos de um soldado. Trespassou-o e usou a arma do defunto para atacar o Único que protegia a lateral dele. Viu Baeli atravessando aquela passagem criada na defesa com um berro, e ouviu Harun rosnando, furioso, em algum lugar fora de sua visão.

Muitos exilados caíram logo nos primeiros segundos, levando consigo as lanças presas na carne. Isso fez com que a maioria dos soldados tivesse dificuldade de recuperar suas armas, o que os deixou indefesos por valiosos instantes. Com requintes de crueldade, Idraz aproveitava para retalhar aqueles que tentavam retirar as armas dos cadáveres — e, em menos de um minuto de batalha, a capa do homem estava salpicada de sangue, deixando-o muito parecido com um açougueiro.

Harun e Cora seguiam lado a lado, implacáveis como fogo na vegetação seca. Ambos seguiam ceifando Únicos e trazendo aliados atrás de si. Entre os que caíam

pelas mãos dos anões, alguém teve a infelicidade de reconhecer Harun e gritar:

— O anão traidor está com eles!

Esse soldado recebeu atenção especial de Cora, que teve o cuidado de decepar o braço do rapaz antes de enfiar o machado em seu pescoço.

De algum lugar atrás das tropas, Sureyya gritava para que seus soldados se reorganizassem. Ela usava o açoite contra os próprios homens, para amedrontá-los, e o efeito era imediato. Raazi a localizou e começou a perseguição no meio de todo o caos de sangue e areia. A Tenente teve um vislumbre da líder das tropas dos exilados e rosnou um comando que fez cerca de vinte Únicos se juntarem ao redor dela, deixando-a protegida, longe do alcance de armas. Os guerreiros estavam ombro a ombro, fazendo um muro de armaduras ao redor da maculada.

Raazi focou sua presa e começou a abrir uma clareira entre os Únicos. Quando estava prestes a alcançar Sureyya, depois de chacinar cinco homens, a Tenente urrou, e as armaduras de seus soldados passaram a mudar de cor, causando ilusões de ótica e desconforto naqueles que os atacavam. A própria Sureyya oscilava do preto para o branco e para o cinza, e, às vezes, para uma camuflagem chuviscada. Raazi se perguntou como ela conseguia colocar aquelas cores em seus soldados sem tocá-los. *Talvez seja o poder da Mácula agindo nas suas habilidades kaorshs*, pensou, com assombro, perdendo a inimiga de vista na tempestade visual que se seguiu. A Tenente, é claro, não se importava com o que diriam sobre uma kaorsh manipulando cores fora de seu *canväs*, mas aquela manobra provava que a situação era extrema nos dois lados do campo de batalha.

Sua busca pela maculada recomeçou no mar de homens que mudavam de cor. Fazer a *kaíta* na areia era mil vezes mais difícil que em terra firme, mas a lança muitas vezes servia de alavanca para que conseguisse o impulso para um novo golpe. Se já era complicado caminhar na areia do deserto, o enorme número de cadáveres transformava tudo num obstáculo ainda maior. Raazi observou um soldado em particular, um garoto kaorsh que brandia uma lança: seu rosto era o de uma criança que não devia ter passado mais de quinze verões do lado de fora do Miolo, provavelmente com um pai ou uma mãe servindo naquele lugar horrível. Lá estava ele, olhos arregalados e expressão congelada, o vento bagunçando seu cabelo. O garoto lutava uma luta que não deixava de ser sua, assim como não deixava de ser injusta.

— Pryllan! Agrupe os betouros — chamou ela, engolindo a raiva e esperando que alguém ao seu lado a escutasse apesar dos gritos e do barulho de armas se

chocando. — Precisamos de outra carga, agora!

Os betouros voltaram a se unir, longe da batalha, e então vieram pela lateral esquerda dos Únicos, forçando-os a montar uma linha de lanças às pressas e enfraquecendo a linha de frente. Venoma aproveitava para apunhalar e estocar, coisa que quase nunca fazia. Um anão numa armadura negra surgiu do nada para desafiá-la, girando um mangual sobre a cabeça. Porém, antes que aplicasse o golpe, recebeu uma estocada sob a axila. A arma escapou de suas mãos e afundou no rosto do Único que vinha atrás dele.

Harun finalizava um oponente quando ouviu o rosnar asmático característico dos gnolls — eles enfim foram liberados das jaulas. O primeiro correu por cima do anão, derrubando-o, mas sem atacar ninguém com suas mandíbulas. Eles pareciam ter como objetivo o acampamento de comboios atrás das tropas dos exilados. Caso aqueles animais chegassem onde estavam as crianças e os idosos, seria um massacre.

Um sinfo corajoso conduziu sua montaria contra um gnoll, o betouro atacando-o de cabeça baixa e arremessando a fera para longe. Logo os ganidos de mais uma dezena deles tomaram o campo de batalha.

Raazi conseguiu abater um, arremessando uma lança maculada com precisão — ela não repetiria o erro que deixara marcas em seu abdômen. Gritou ao ver Baeli em apuros, acuada por um gnoll que parecia ter uma mão humana na boca. Porém, a comerciante acabou sendo salva por Idraz, que saltou sobre as costas do bicho e o apunhalou ferozmente. O bastardo era desaforado, mas lutava com vontade.

Raazi não teve tempo de respirar aliviada, pois outros gnolls alcançaram o acampamento. Alguns dos que estavam por lá já pareciam estar lutando, usando ferramentas e o que quer que tivessem à mão. Ela, que começava a ser evitada no campo de batalha, encontrou Venoma não muito longe de onde estava e correu até a amiga.

— Junte o que achar necessário e mate aqueles gnolls — disse Raazi, e a mercenária obedeceu na mesma hora. Virou-se para continuar ajudando na batalha, tendo a impressão de que começavam a ficar em visível desvantagem. Correu para o lado de Harun e Cora, abrindo caminho até o fundo das tropas inimigas. Era como se Sureyya tivesse desaparecido.

Em vez de se deparar com a Tenente, porém, Raazi viu um Autoridade imenso que fora escalado para controlar a retaguarda dos Únicos. Ele usava uma armadura completa, ajustada para seu tamanho descomunal e com um A desgastado no

peitoral que denunciava sua patente. O homem carregava uma longa espada batizada. Protegido por dois lanceiros, ele gritou por Raazi, e ela entendeu aquilo como um desafio — um desafio do qual não fugiria.

A kaorsh correu, gritando, lança nas mãos, mas o improvável aconteceu: o Autoridade e seus dois soldados jogaram as armas na areia. Raazi interrompeu a investida, e viu o grandalhão jogar o elmo a seus pés. Sua cabeça era calva, e o rosto, familiar.

— Vida longa à assassina da falsa deusa — saudou, em seguida apontando para a zona mais disputada da batalha. — Sureyya está lá. Minha espada é sua e meus homens seguirão as suas ordens.

Raazi ficou muda. Lembrava-se dele: Ranakhar, o brutamontes que tinha sido gentil com ela na Arena de Obsidiana.

— Fiquem longe do meu pessoal se não quiserem ser confundidos — disse Raazi, o olhar fixo no Autoridade. Quando ia dar as costas para seus novos e improváveis aliados, teve uma ideia.

Já não há mais regras para serem quebradas. Então, por que não?

Raazi tocou no peitoral da armadura de Ranakhar, e boa parte do metal se tornou vermelho, mesclado à cor escura antiga. Mudança de cores fora de seu *canväs*.

Combater fogo com fogo, praguejou Raazi na própria cabeça, chamando os mais recentes aliados e tocando elmos, escudos e gibões. Eles iam ganhando peças vermelhas em suas vestimentas e ficando bem diferentes das tropas pelas quais lutavam havia um minuto.

— Voltem para a batalha, não temos tanto tempo! — mandou ela, tocando o último dos homens de Ranakhar e gritando para tropas próximas. — Os soldados de armadura vermelha estão do nosso lado!

Antes de começar a abrir caminho na direção de Sureyya — que agora conseguia ver com facilidade —, a kaorsh se agachou e pegou o elmo jogado na areia. Alterou sua cor antes de atirá-lo de volta para Ranakhar.

— Você é grande, mas não dê chance para o azar.

O homem assentiu, colocando o elmo vermelho, e mergulhou na batalha com fúria, assustando a infantaria de Untherak com suas armaduras tingidas com a cor proibida.

Raazi matou pelo menos cinco soldados em seu caminho até Sureyya, que tirava sua lâmina fina do estômago de uma mulher. Um Único fez menção de correr na direção da maior inimiga de Untherak, mas, antes de qualquer ação, recebeu um

empurrão de sua Tenente.

— A traidora é minha.

Com seu ruído característico acima dos sons da batalha, o chicote de Sureyya estalou no ar, carregado de revanche. Raazi não hesitou em entrar no alcance da arma, girando a lança, pronta para absorver qualquer golpe.

— Eu deveria ter resolvido isso no dia em que a outra vadia morreu — sibilou Sureyya, avançando com a lâmina estreita numa das mãos.

Ela alternava os ataques com chicote e lâmina, mal dando tempo para Raazi se recuperar das investidas. Na única brecha decente que teve para ferir a Tenente, sua lança despedaçou o crânio de pássaro num dos ombros, mas não feriu a maculada.

Raazi estudava os movimentos dela, gingando ao ritmo de uma *kaita* mental. Sureyya atacava, usando o ódio como combustível, e parecia aumentar a força dos golpes a cada segundo, como se seu corpo funcionasse da maneira contrária ao de uma pessoa normal.

Seu açoite acertou as pernas de Raazi, rasgando a pele da panturrilha. Raazi aproveitou para enrolar o chicote na lança e o arrancou da mão da oponente com um puxão. Sureyya ficou apenas com a lâmina batizada, que usou ostensivamente, forçando Raazi a defender o rosto com a lança. Após tantos golpes seguidos no mesmo ponto, o cabo se partiu ao meio. Raazi segurou metade da arma quebrada para não ficar desarmada e ao menos conseguir bloquear algum golpe, mas ganhou distância da inimiga e começou a esquadrinhar o chão em busca de outra arma que lhe servisse melhor. Porém, eram só maças, manguais e martelos, que a deixariam lenta e vulnerável.

— Proghon a quer viva — sibilou Sureyya, entre os dentes. — Mas o prazer de matá-la vai valer a punição por desobedecê-lo!

Raazi não conseguia encontrar falhas no estilo de luta da Tenente, que não seguia padrão algum: sua postura se alternava de um segundo para o outro, tornando impossível achar uma brecha em seus movimentos.

Para piorar a situação, Sureyya tinha se posicionado de forma que o sol ficasse às costas dela e ofuscasse a visão de Raazi. Sempre que tentava inverter a situação, a Tenente a encurralava.

Foi por isso que Raazi tropeçou no corpo de um sinfo, caído ao lado da couraça de um betouro imóvel. A maculada sorriu, triunfante, e ergueu sua espada estreita para dar um golpe fulminante. Raazi rolou para o lado, a lâmina passando a centímetros dela, ainda ofuscada pela luz do sol.

Algo surgiu em sua mente.

Ainda no chão, ela ergueu a mão espalmada para Sureyya. A Tenente gargalhou e, com sua voz fustigante, não resistiu a provocar sua presa.

— Pedindo clemência, Raazi? Esperava que uma sobrevivente do Festival da Morte tivesse alguma honra.

— Eu tenho — respondeu Raazi, concentrando-se na luz do sol e sentindo os olhos arderem. Estava temporariamente cega, mas era hora de confiar em seus outros sentidos.

Sua mão refletiu a luz do sol. Ela pensou que, onde quer que estivesse, Yanisha estaria muito orgulhosa por sua amada ter conseguido quebrar tantos paradigmas em tão pouco tempo.

Sureyya fechou os olhos, pega de surpresa. Raazi aproveitou para dar uma rasteira na Tenente, e então se levantou o mais rápido que pôde. Era sua única chance.

Caída, a maculada direcionou a espada para cima, numa tentativa desesperada de perfurar a oponente. Raazi antecipou aquele movimento mesmo sem enxergar direito. Torceu o pulso da Tenente e, um segundo depois, apontou a lâmina negra para o tórax de Sureyya. Raazi deixou todo o seu peso desabar sobre a lâmina e sentiu-a penetrar na inimiga, resvalando na espinha dorsal antes de a ponta encontrar areia de novo. De fato, era uma lâmina bem afiada.

Sureyya arreganhou os dentes, gritando em desafio e afundando as unhas no rosto de Raazi. A kaorsh a calou com uma cabeçada na boca.

Em algum lugar atrás de Raazi, que enxergava tudo com uma brancura desesperadora, um Único gritou que a Tenente Sureyya estava morta.

Acima dos Portões

Aelian se segurava em Thrul. E aninhava Ziggy.

O voo da criatura era errante, e, depois, o rapaz descobriria que o betouro tinha sido ferido pelas flechas dos arqueiros. Bicofino acompanhava o animal, planando ao lado dele, como uma escolta. A ave não havia sido ferida, como que por milagre. Aelian, no entanto, não acreditava mais em milagres agora que o destino o tirava um amigo, e sabia que devia a vida ao falcão. Devia a vida a Thrul. Devia a vida a Ziggy.

Deixando o betouro decidir para onde ir, Aelian ergueu os olhos para o monte

Ahtul. O gigante rochoso soprava ar frio na direção dele, pronto para abraçá-lo. E Aelian não via opção senão retribuir.

Fora dos Portões

Quando sua visão começou a voltar ao normal, a primeira coisa que viu foi a mão de Harun ajudando-a a se levantar.

— Agora que a maldita está morta, posso arrancar os dentes dela? — perguntou, indicando Sureyya com a cabeça. Ele tinha retirado o elmo da armadura. — Quero fazer um cordão para o Ônix.

Raazi ignorou o comentário e se levantou, preocupada com a batalha.

— Me arranjem uma arma! Qualquer uma!

— Calma — disse Cora, aproximando-se dos dois. — As tropas começaram a debandar para a Muralha. Nós sobrevivemos.

Sobrevivência era o melhor termo para a situação, já que a quantidade de cadáveres dos exilados de Untherak era imensa. Incontável. Irreparável. Estavam todos feridos e largados na soleira do Portão, ante a Degradação.

Ao longe, cerca de trinta Únicos corriam na direção do Portão Norte. Aelian e Ziggy não haviam voltado, e Raazi mantinha uma ínfima esperança de que eles estivessem perto dos comboios, que tinham retornado durante a batalha, quando ela não estava prestando atenção. Porém, algo lhe dizia que não era bem assim.

Ranakhar se juntava aos sobreviventes, com cerca de quinze soldados rebelados marcados de vermelho — todos desarmados para deixar claro que estavam do mesmo lado. Havia sido essenciais para que a batalha não tivesse resultado num massacre geral. Raazi apertou as mãos do homem, que fez uma medida para ela.

Venoma estava sentada sobre a carcaça de um gnoll, ao longe. Parecia bastante machucada. Raazi foi ter com ela. A mercenária havia lutado sem parar e merecia um descanso. Harun a acompanhou, enquanto Cora encontrava a senhora que cuidara de Ônix durante a batalha. Ambos estavam bem, sãos e salvos. O bebê chorava, e a mãe, coberta de sangue — que não era dela —, o embalava na cena que, para Raazi, seria a memória mais marcante daquele dia. Harun unia as mãos em concha e tentava acalmar o filho, agitando-as. De dentro delas, vinha um som de chocalho. A kaorsh tinha a ligeira suspeita de que as mãos do amigo continham os dentes de Sureyya.

Os sobreviventes cuidavam de suas feridas quando um estrondo veio ao longe. O

Portão Norte se fechava.

Estavam definitivamente do lado de fora, a Degradação se estendendo à frente.

EPÍLOGO

Por mais que tivessem chegado com imponência, agora não eram nada mais que uma pilha de corpos, escudos e armaduras mais alta que o maior barraco daquela rua.

A grande espada estava fincada como uma bandeira naquele monte nefasto. O homem que se denominava Aparição descansava no topo, ao lado da arma, fumando um cachimbo — um hábito adquirido com o tempo e que se tornara mais necessário que beber água.

Ao longe, uma pessoa se aproximava. Dessa vez, Aparição esperava que seu pedido fosse atendido, ou teria que criar uma nova pilha de cadáveres, até que ficassem impressionados a ponto de o levarem para o General. Se fosse necessário, faria um monte maior que o Ahtul. *Lugarzinho maldito*, pensou, ao se lembrar dos meses de frio, fome e provações. O único ser a odiar o lugar mais que ele devia ser o falcão.

Ao ver a formação que subia os Assentamentos, teve certeza de que seu pedido estava prestes a ser atendido: uma longa fila de elfos Silenciosos montados em gafanhotos, duas heranças malditas dos tempos em que a Centípede gostava de brincar de criador e criatura. Tanto os arqueiros quanto os insetos haviam, sem dúvida, se multiplicado em grande escala dentro do Miolo. Talvez o General ainda andasse para lá e para cá com um daqueles.

Os arqueiros montados se dividiram em duas intermináveis colunas, e entre elas vinha uma figura a pé. Ele nunca tinha gostado de montar coisa alguma. Nem sua nova patente, como Tenente, o faria mudar de ideia e usar uma daquelas aberrações como transporte.

Aparição desceu do monte, levando a espada consigo. Decidiu embainhá-la após confirmar as intenções da comitiva. Os elfos Silenciosos que chegaram à frente olharam para o sujeito com a espada, causando aquela velha sensação de pressão nos ouvidos. Os gafanhotos bateram as pinças ou fosse lá como chamavam aquilo que lhes servia de boca. O som chegou amortecido, como se os ouvidos dele estivessem lacrados com cera de abelha e só captassem ruídos distantes.

Então, todos se afastaram para dar espaço ao Tenente, que se aproximava sem pressa alguma.

— Ora, ora — disse Aparição, guardando o cachimbo e baforando para o alto. Os sons tinham voltado ao normal. — Parece que consegui a atenção do Palácio.

— Esse lugar não existe mais — informou o Tenente, sem parecer nem um pouco alarmado com a pilha de soldados mortos às costas do forasteiro. Ele dispensou um olhar aos corpos como quem encara um tronco recém-cortado. — Temos a Colmeia. Você logo entenderá o nome.

Aparição riu.

— Então, vai me levar até ele?

— Vou, Aelian.

— Aelian está morto — rebateu de pronto. — Eu me chamo Aparição. E você, Tenente? Ainda se chama Harun? Ou depois de trair a todos que amava, você se contentou em ser apenas o Braço de Proghon? — Aparição o olhou dos pés à cabeça. — É um braço bem curto, diga-se de passagem.

O anão o encarou sem demonstrar emoção. O tempo em que ele se ofenderia com aquilo se fora havia muito. A barba de Harun estava bem maior que da última vez em que tinham se visto.

— Siga-me, Aparição — comandou ele, dando-lhe as costas. — E evite falar no caminho até a Colmeia. O General não disse nada sobre você ser entregue com língua.

Aparição assentiu, com um sorrisinho. Os elfos Silenciosos encaravam o forasteiro que desfilava bem no meio deles, altivo e destemido, sendo conduzido de volta para o Miolo — um lugar que não cansava de lhe trazer desgraças.

Sob a vigília atenta de centenas de pares de olhos negros, o homem que um dia se chamara Aelian caminhou ao lado daquele que um dia fora seu amigo.

Um dia muito distante.

GLOSSÁRIO

adinkras e runas: Símbolos do poder da tradição dos anões de pele negra e de pele branca, respectivamente. Remontam a um período anterior à deusa Una.

altin, gumus, bakir: Moedas vigentes em Untherak. Apesar de suas cores – dourada, prateada e acobreada, respectivamente –, são produzidas a partir de pequenas porções diluídas de metais nobres e vulgares. Uma peça quadrada de *altin* vale quatro peças triangulares de *gumus*. Um triângulo de *gumus*, por sua vez, vale dois triângulos menores de *bakir*.

Anel de Celas: Pavilhão dentro do Palácio onde ficam as celas que abrigam prisioneiros e escravos escolhidos por Proghon. Dutos de ar fazem os gritos dos torturados chegarem até o aposento particular do General.

anões: Raça mais longeva de Untherak, os anões podem viver até trezentos anos – o que raramente acontece devido às condições de trabalho a que são submetidos. São os mais aptos a esculpir e projetar estruturas.

Arautos: Oficiais que leem os informes e relatos da deusa Una. Posicionam-se em vários pontos do Unificado, dentro e fora do Miolo, e também clamam a liturgia sagrada para os servos e os semilivres.

arbopardos: Predadores ferocíssimos que vivem nos Grandes Pântanos. Têm porte de felino e uma carapaça que lembra uma folhagem. Na ponta de sua cauda há uma espécie de planta carnívora, que, além de servir como arma, permite que se alimentem sem precisarem abaixar a cabeça.

Arena de Obsidiana: Localizada atrás do Palácio, é o campo de batalha onde acontece o Festival da Morte. O piso da Arena é escuro, para que o sangue derramado nas lutas não seja visto.

Assentamentos: Agrupamento labiríntico de barracos e moradias próximo ao muro da Borda Norte. Lá, o comércio de carvão e de armas batizadas corre solto. Mesmo com toda a miséria e sujeira, o clima é tranquilo, pois se vive longe dos olhos vigilantes de soldados, Únicos e Autoridades.

Autoridades: Monitores das atividades dos servos e fiscais do andamento nas linhas de produção. Podem interrogar e punir qualquer servo, semilivre ou soldado raso, mas não os Únicos, aos quais são inferiores na hierarquia.

Balde: Prédio do Miolo em que se produzem baldes. Localiza-se em frente ao

Poleiro.

basiliscos-d'água: Serpentes aquáticas venenosas. Sua carne era uma iguaria na antiga Untherak, até entrar em risco de extinção com a poluição do rio Abissal.

batismo: cerimônia que torna um ser vivo mais poderoso ao submergi-lo na Mácula, exceto pelos humanos, que não podem ser batizados – a submersão de um humano é uma execução.

batizados: todos os que sobrevivem à cerimônia de batismo na Mácula – assim são aprimorados ou transformados em criaturas selvagens. Armas forjadas com Mácula na lâmina também são chamadas batizadas.

betouros: Nome popular dos *Coleoptaurus*, híbridos de besouro e animal de tração. São pastoreados e arrebanhados por sinfos, que os acalmam com música.

Bigorna: Prédio do Miolo em que se forjam armas, escudos e armaduras. De lá saem, ilegalmente, os pedaços do carvão enriquecido usado como entorpecente pelos trabalhadores.

caahwah: Bebida escura e de aroma forte, é servida quente e mantém acordado quem a toma. De tradição kaorsh, foi absorvida pela cultura dos sinfos.

Campos Exteriores: Toda a parte de Untherak que se localiza fora do Miolo.

Canil: Prédio do Miolo onde os gnolls são aprisionados, alimentados e, quando necessário, sacrificados.

carvão: O combustível das forjas da Bigorna. Misturado com elementos como metais e rochas, vira uma potente droga entorpecente, que é traficada ou usada como moeda de troca entre servos. Costuma sair da Bigorna através de esquemas entre Autoridades e servos que vão passar o Dia de Louvor fora do Miolo.

Centípede: Cúpula de sacerdotes conselheiros da deusa Una, que têm a habilidade de entender o comportamento da Mácula. São eles que determinam quais cadáveres vão abastecer o tanque e, no batismo, o tempo de submersão. Com isso podem ser gerados maculados aprimorados, como Sureyya, ou criaturas bestiais, como as que habitam a Vila B. Tal qual uma centopeia, a Centípede caminha em fila, tendo à frente o Cabeça, seguido de seus outros seis a doze membros, todos com o rosto coberto por um manto cinzento. Embora sejam citados nos antigos relatos sobre Untherak, pouco se sabe sobre sua raça e origem.

cocatrizes: Mistura de galinha e réptil, a cocatriz é a última opção de alimento, mesmo para o mais miserável servo. Como quase tudo o que vem dos Grandes Pântanos, é venenosa.

Cofre: Prédio do Miolo em que se guardam os pagamentos dos servos.

Coleoptaurus: *ver* Betouro.

Crematório: Prédio do Miolo onde se faz a incineração dos cadáveres que não recebem autorização para serem jogados na Mácula.

dados: Jogo de azar mais popular de Untherak, em que o objetivo é obter o menor número de pontos nos dados. Utilizam-se dados de seis lados, uma taça ou um copo e um totem – como é chamado o dado que o jogador leva para a mesa de apostas, que pode ter mais de seis lados.

Degradação: Todas as terras fora dos muros de Untherak. Acabou se tornando o nome do deserto a perder de vista.

Dia de Louvor: Dia de folga dos servos, após seis dias de trabalho. Os servos podem passar esse dia fora do Miolo, desde que passem seis horas de olhos fechados, orando pela deusa Una.

estrelas-do-pântano: Flores que nascem na lama, sob condições adversas.

Festival da Morte: Evento organizado de tempos em tempos, em nome da deusa Una, em que prisioneiros, escravos, batizados e criaturas selvagens retiradas dos Grandes Pântanos e da Degradação são colocados uns contra os outros na Arena de Obsidiana. O vencedor ganha como prêmio a semiliberdade.

gigantes: Raça praticamente extinta em Untherak.

gnolls: Raça de animais carnívoros de médio porte domesticados para fins militares. Conta-se que no passado eram bípedes e tinham o discernimento de humanos, anões, kaorshs e sinfos. Foram os responsáveis pela extinção dos cavalos em Untherak.

Grandes Pântanos: Região alagada e intransponível ao sul de Untherak e do monte Ahtul.

humanos: Raça mais numerosa em Untherak, os humanos não possuem dom próprio nem suportam o contato com a Mácula. São chamados pejorativamente de refugos por kaorshs e anões, que os consideram inferiores às demais raças.

kaita: Dança combativa dos sinfos. Ritmada e acrobática, não é vista com bons olhos pelo Palácio.

kaorshs: Raça de estatura alta, os kaorshs têm o controle da pigmentação do próprio corpo, chamado por eles de *canväs*. São excelentes lutadores e possuem grande habilidade e tradição com a tecelagem.

leões-das-rochas: Predadores comuns em Festivais da Morte do passado, eram encontrados no sopé do monte Ahtul.

linha de servidão: Tatuada grosseiramente no rosto das crianças obrigadas a

servir no Miolo para pagar a Dívida Familiar.

Liteira dos Mortos: Onde são levados/deixados os corpos dos que perderam no Festival da Morte, para serem dispensados na Mácula.

Mácula: Líquido negro no qual humanos são dissolvidos e no qual são batizados os kaorshs, os anões e os sinfos. A liturgia diz que a Mácula é o sumo do Sol que a deusa Una escureceu durante a criação de Untherak.

Mercado Aberto: Feira permanente, ao ar livre, em que os semilivres podem vender cereais, especiarias, bebidas, tecidos e roupas e praticar o escambo.

Miolo: Região central de Untherak, onde se localizam o Palácio, a estátua da deusa Una e os prédios fundamentais para o funcionamento do Unificado.

monte Ahtul: Montanha de pico nevado em que os Seis Deuses enfrentaram os últimos que se opunham a seu poder, conforme relatos sobre a origem de Untherak.

Padiola: Prédio do Miolo que funciona como posto para recuperação de doentes e feridos.

Palácio: Enorme construção do Miolo em que moram Una, Proghon, a Centípede e os Únicos.

Pâncreas de Grifo: Taverna comandada por Tom e Taönma, localizada no sopé do morro dos Assentamentos.

Poço dos Desejos: Bordel próximo à Borda Leste dos Campos Exteriores.

Poleiro: Prédio do Miolo que funciona como posto central de triagem das encomendas e correspondências de Untherak, entregues por falcões treinados. Possui também vários andares de celas, onde dormem os servos.

Primeiro Bosque: Antiga morada dos sinfos, arruinada durante o desvio do rio Abissal.

rio Abissal: Córrego que vem de fora dos muros de Untherak. Foi desviado artificialmente para cruzar o Unificado e assim irrigar plantações e permitir o transporte de cargas em balsas. Tornou-se poluído e lamacento com o tempo.

Segundo Bosque: Única área que restou do refúgio natural dos sinfos. Após a destruição do Primeiro Bosque, o lugar ficou superlotado.

Semeadura: Ritual de enterro dos sinfos, aos pés de uma árvore.

semilivres: Os que vivem fora do Miolo, sem as obrigações da servidão de seis dias por semana. A liberdade é parcial, pois não são eximidos da obrigação de atender a qualquer chamado do Palácio, seja por motivos militares ou para outros serviços. É permitido aos servos comprar a semiliberdade, pelo valor de mil *altin*.

- servos:** os que trabalham dentro do Miolo em regime de servidão. O termo também é usado para se referir a fiéis tementes a Una.
- shurala:** Criatura dos Grandes Pântanos que é bípede, chifrada e de dedos longos e que, para alguns, não passa de lenda. Dizem que os pelos que recobrem seu corpo resultam num veneno fatal se fervidos.
- Silo:** Prédio do Miolo onde são guardados os grãos e cereais colhidos nos Campos.
- sinfos:** Raça assexuada que se reproduz através de conexões cíclicas com árvores. São menores que os anões. Naturalmente habilidosos com a música, vivem cerca de treze anos.
- Tear:** Prédio do Miolo onde é feita a tecelagem de uniformes oficiais de Untherak.
- Torre Leste:** Posto para entrega de correspondência, espécie de versão menor do Poleiro.
- Tribuna de Honra:** Sacada nos fundos do Palácio, voltada para a Arena de Obsidiana.
- Una:** Deusa, soberana e absoluta, de quem os habitantes de Untherak são devotos. No centro do Unificado, uma estátua colossal de seis faces representa os antigos deuses, que se uniram para dar origem à deusa.
- Únicos:** Soldados de infantaria pesada que compõem a guarda de elite do Palácio.
- Unificado:** Os limites dos domínios da deusa Una, ou seja, Untherak.
- Untherak:** Terra que a deusa Una escolheu para dar uma nova chance às seis raças pecadoras. Existe há mil anos, quando se iniciou a Era dos Filhos da Degradação.
- Vila A:** Vilarejo onde moram os Autoridades, com conforto e segurança, em casas cedidas pela deusa Una para as famílias. Um Autoridade pode voltar do Miolo para a Vila A todos os dias, ao contrário dos servos, que dormem em seu local de trabalho, em celas.
- Vila B:** Lugar onde vivem os batizados mais selvagens, um verdadeiro curral.

AGRADECIMENTOS

Já formulei um monte de teorias inúteis, entre elas a de que a sua capacidade de gostar de fantasia e ficção científica depende de, na sua infância, você ter conhecido a MPB antes de *Star Wars*. É uma teoria ainda cheia de falhas, e não falarei mais dela por aqui. Também tenho a teoria de que, quanto mais rápido um livro é concluído, maior será a parte dos agradecimentos. E essa, sim, é uma teoria testada e comprovada, meus amigos.

Entre o início e a conclusão deste livro passou-se mais de um ano e meio, um sem-fim de versões (principalmente do primeiro capítulo) e muitos *hangouts* noite adentro, a maior parte deles com meus amigos e parceiros Rodrigo e Victor Hugo — o escultor, não o escritor. Acho que um projeto deste tamanho feito com calma demoraria uns três anos (ou mais), mas aí cheguei à conclusão de que dormi tão pouco neste ano e meio que realmente dobrei minha capacidade de produção. (E diminuí metade da minha vida? Não sei. Um dia vamos saber!)

Só sei que meu papel nesse universo gigantesco da Ordem Vermelha começou com uma ligação do Daniel Lameira, e é para ele o primeiro agradecimento. Nada disso teria acontecido sem sua vontade e perseverança de realizar coisas, o que, no sistema de magia do mercado editorial, é um dom arcano. Obrigado por dispor de tanto tempo para me ajudar a construir e destruir Untherak, Daniel. E obrigado pela amizade!

Agradeço também:

Ao Rodrigo Bastos Didier e ao Victor Hugo Sousa, pela parceria no começo desta jornada que mal pode ser contida num único livro. Valeu por todos os planejamentos tramados no interior da estátua. Pensem no sonho de um escritor, de ter dois artistas talentosos ao lado, dando forma e cor aos personagens e deixando muito fácil preenchê-los com presente, passado e futuro... Descobrir a personalidade desse lugar aos pés do monte Ahtul ficou mais fácil com vocês, meus amigos. Morte a Una!

Ao Érico Borgo e ao Renan Pizii: obrigado por me acolherem e pelo carinho que têm com nosso mundo em expansão. Sentir-se amparado faz bem para todo escritor, e vocês sempre me deram muito ânimo e fôlego a cada encontro da equipe. Quero que saibam disso! A propósito, deixo aqui meu abraço a todos os presentes às

mesas enormes na(s) sala(s) de reuniões: Otávio, Renato, Roberto, Ivan, Eva, Monyca, Pierre e todo mundo que ampliou essa ideia com sugestões, ideias e empolgação. Valeu, gente!

A toda a galera da Intrínseca, por serem uma verdadeira máquina de fazer histórias e por me acolherem de braços abertos: Jorge (que chegou para puxar papo comendo pipoca), Renata (amor de criatura que fez com que eu me sentisse em casa), Rosana (melhor pessoa, tirava dúvidas minhas nos finais de semana e tornou a reta final muito mais leve para este corredor cansado), Talitha (que conhece Untherak melhor do que eu e organizou o sistema monetário, QUE ERA UMA BAGUNÇA), Cristhiane, Danielle, Catharina, Beto, Ana, Sheila, Ulisses, Giu, Rafael e todo mundo que se envolveu com o livro (ou seja, a editora inteira). Vocês são incríveis, sério.

Aos leitores do *Legado Folclórico*, que estão esperando o quarto livro e sempre me apoiam em minhas decisões — a compreensão e a espera de vocês vão fazer tudo valer a pena, prometo. E vocês vão encontrar um bocado de folclore nas entrelinhas do *Ordem Vermelha*!

A Taissa Reis e Gi Pausa, por me ajudarem tanto em questões delicadas de certas personagens e por serem profissionais incríveis e generosas. A Bruno Matangrano, Carol Chiovatto e Eneias Tavares, que me deram segurança em momentos em que achei que saltaria da Bigorna para o nada. A Eric Novello, Luan Felipe, Tainan Rocha e Cassia Carrenho, que não imaginam o tanto que me ajudaram simplesmente conversando comigo durante cafés/cervejas.

À Dani, que, incrivelmente, não teve o cérebro derretido depois de ler trocentas versões de cada capítulo — nós perdemos as contas. Obrigado por todo o amor e a paciência. Falando em amor e paciência, obrigado a Neusa e André, por terem as duas coisas quando o assunto é o filho mais velho/irmão de vocês.

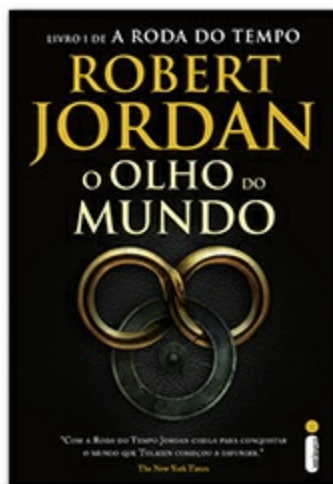
E um último agradecimento importantíssimo porque *I'm not throwing away my shot*: Lin-Manuel Miranda, obrigado por Hamilton e por me inspirar nas cenas de batalha (o quê? Achou que eu escrevi isso tudo escutando Rhapsody e Blind Guardian?). Toda hora que eu pensava que não daria tempo de acabar o livro, eu lembrava que HAMILTON WROTE THE OTHER FIFTY-ONE.

E lembrem-se: *Every action is an act of creation*.

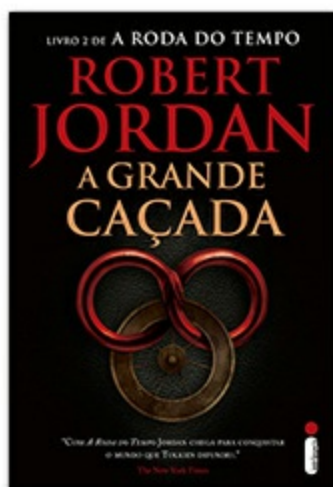
SOBRE O AUTOR

FELIPE CASTILHO descansa da escrita de livros escrevendo roteiros. Autor da série *O Legado Folclórico*, composta pelos livros *Ouro, Fogo & Megabytes*; *Prata, Terra & Lua Cheia* e *Ferro, Água & Escuridão*, também escreveu *Savana de Pedra*, finalista do Prêmio Jabuti 2017 na categoria História em Quadrinhos. Mora em São Paulo, onde gosta de visitar lugares chiques usando chinelos.

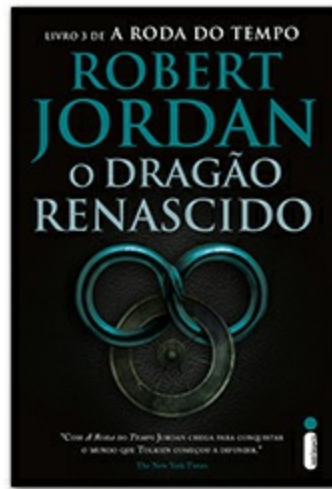
LEIA TAMBÉM



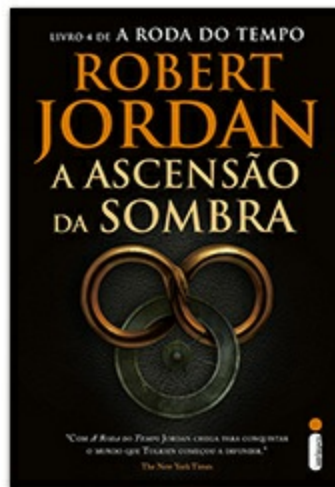
O olho do mundo
Série *A Roda do Tempo* Vol. 1
Robert Jordan



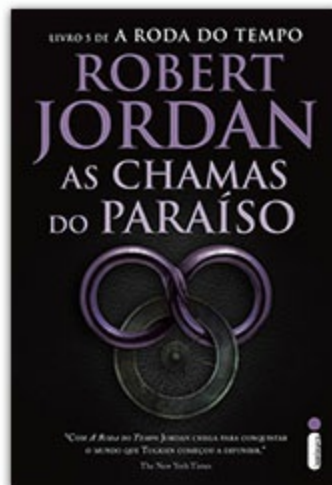
A grande caçada
Série *A Roda do Tempo* Vol. 2
Robert Jordan



O dragão renascido
Série *A Roda do Tempo* Vol. 3
Robert Jordan

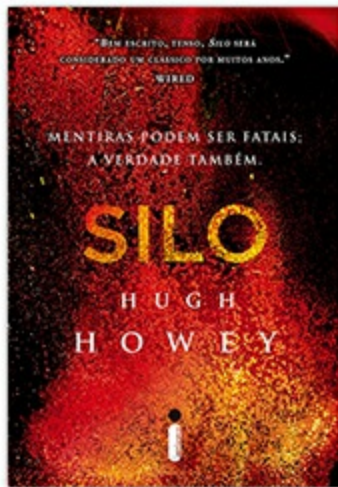


A ascensão da sombra
Série *A Roda do Tempo* Vol. 4
Robert Jordan



As chamas do paraíso
Série *A Roda do Tempo* Vol. 5

Robert Jordan



Silo
Hugh Howey

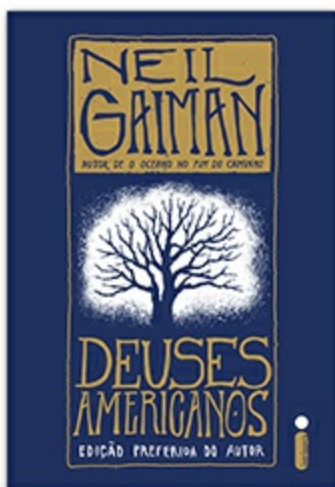


Ordem
Hugh Howey



Legado

Hugh Howey



Deuses americanos
Neil Gaiman



O oceano no fim do caminho
Neil Gaiman